

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

DO JARDIM AO FAROL
uma análise dos usos nas praias de salvador
e sua arquitetura

daniel j. Mellado paz

Orientador: ÂNGELO SZANIECKI PERRET SERPA

Salvador – Bahia
Março 2007

DEDICATÓRIA

A Raul José Paz, meu pai, *in memoriam*, que foi e ainda é meu norte.

E à Sra. Rosa Ester Mellado Campos, minha mãe, por motivos fartamente conhecidos por qualquer apreciador de tango.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos deveriam ir a muitos. Porém, para compensar a extensão da dissertação, me restringirei àqueles que influenciaram nos caminhos do pesquisador.

A quase todos os usuários da praia – a maioria foi solícita e, no pior dos casos, não pôs nenhum empecilho ao desenvolvimento dos trabalhos.

Dos professores da casa, ao prof. Arivaldo Amorim pelo estímulo ao método e rigor terminológico e ao prof. Heliodório Sampaio pelo necessário foco em Salvador. De fora, ao arquiteto Edgar Gouveia Jr. por despertar o olhar sobre as pessoas e seus atos a fim de entender o espaço, antes de pensar em arquitetura. Atitude que tem reflexos para além do pesquisador e arquiteto.

Sobretudo, ao prof. Manoel José Ferreira de Carvalho, *in memoriam*, por muito das virtudes acima descritas – o amor por esta terra e atenção vívida à riqueza contida no ser humano e na cultura erudita e popular. Para todos os efeitos, o que lhe devo não cabe aqui. Nos foi levado faltando ainda tanta coisa para ser dita e feita – ao mestre, com carinho.

Ao prof. Ângelo Serpa, único professor a reconhecer a relevância do tema e a estimular em classe sobre sua pertinência. E dotado de paciência inesperada e imerecida para com este trabalho.

Ao PPGAU-UFBA e ao CNPQ por viabilizarem, cada qual de seu modo, esta pesquisa.

DESAGRADECIMENTOS

Aos anônimos que repetidas vezes tentaram levar o que me pertencia contra minha vontade. E aos anônimos que conseguiram, por fim, fazê-lo. Em especial ao Carioca, da Barraca do Carioca, único comerciante que causou empecilhos à pesquisa – ainda mais chocante pelo fato de ter, visivelmente, melhor formação que seus companheiros vizinhos. Ter educação formal não é sinônimo de ter educação no trato em sociedade.

À estrutura de funcionamento da Biblioteca Central da UFBA e principalmente aos seus alunos. Mais de quinze títulos fundamentais ou no mínimo bem-vindos, presentes no acervo, estiveram fora de alcance, por não-devolução ou por estarem fora do lugar na estante, impedindo seu acesso. Acredito que a construção do conhecimento na UFBA fica seriamente prejudicada pelo simples fato do pesquisador não conseguir consultar seu acervo e montar um estado-da-arte adequado.

E ao CRA, capaz de constar mas não ter em seu acervo os estudos que ela mesmo publica, imprescindíveis para uma série mais longa sobre a balneabilidade oceânica.

RESUMO

A dissertação aborda os usos da faixa de areia compreendida entre o Jardim de Allah e o Farol de Itapuã nos últimos anos, na cidade de Salvador, Bahia. Entendemos que há uma lacuna na compreensão da praia como espaço urbano, e de estudos que atuem especificamente sobre a faixa de areia. Para tanto, foram adaptados métodos dos estudos de Comportamento Ambiental. O foco se dá nas pessoas presentes à praia, definidas por uma tipologia de suas atividades, na forma de *grupos de usuários*, caracterizados pelos seus *sistemas de ações* e *sistemas de objetos*, em sua relação entre si e no espaço. Para complementar a questão dos usos na praia, buscou-se a influência das atividades no entorno imediato e, através de uma perspectiva histórica de médio e longo prazo, detectar as gêneses e transmutações das práticas encontradas na área-estudo. O resultado apontou uma diversidade de usos para a praia, muitos atrelados entre si. A grande variação de público ao longo do dia e do ano é dada pelos ciclos planetários, atmosféricos e trabalhistas, a partir da demanda por lazer, saúde e imagem de saúde, carreando consigo comércio formal e informal, e servidores públicos direcionados. Auferiu-se a intrincada relação entre os usuários, principalmente entre os banhistas e barraqueiros, e como os aspectos do consumo, conforto e segurança são preponderantes nas atuais circunstâncias. Verificou-se o impacto que cada uma das atividades acarreta na praia, qualificando-as em extensão e reincidência. Por último, a partir de tais impactos, dos usos observados e dos conflitos entre usuários, reflexões sobre o destino da praia como espaço público, das maneiras de mediação do homem com a natureza e implicações da re-escrita contínua da areia.

Palavras-chave: comportamento ambiental, usos da praia, espaço público

ABSTRACT

The text describes the uses of the sand band between the Garden of Allah (Jardim de Allah) and the Lighthouse of Itapuã (Farol de Itapuã) in the last years, in the city of Salvador, Bahia. We believe that it has a gap in the understanding of the beach as urban space, and of studies that act specifically on the sand strip. For in such a way, methods of the studies of *Environmental Behavior* had been adapted. It has been focused the people at the beach, defined for a typology of his activities, in the form of *groups of users*. This users has been characterized by his *systems of action* and *systems of objects*, with your relations between itself and with the space. To complement the question of the uses in the beach, it searched influence of the activities in immediate neighborhood and, through a historical perspective of medium and long term, to detect the origin and found changes of the habits in the area. The result pointed a diversity of uses in the beach, many related between itself. The great variation of public along the day and the year is caused by planetary, atmospheric and working cycles, from the demand for leisure, health and image of health, attracting formal and informal commerce, and directed public servers. The intricate relation between the users, mainly between the swimmers and beach salesmen, and the importance of the aspects of the consumption, comfort and security in the current circumstances, has been analyzed. The impact of each activity in the beach have been verified, characterizing them in extension and constancy. Finally, from the uses and your impacts and and the conflicts between users, conjectures about the destination of the beach as a public space, the ways of mediation it man with the nature and implications of the continuous rewrite of the sand.

Key-words: environmental behavior, uses of the beach, public space

ÍNDICE

VOLUME 1

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
DESAGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE	v
LISTA DAS FOTOS	viii
LISTA DOS MAPAS	xiv
OUTRAS LISTAS	xvi
UMA INTRODUÇÃO uma lenda, um ato poético e um começo	1
PRÓLOGO NECESSÁRIO	3
CAPÍTULO 1 - O MÉTODO	6
1.1. A PERTINÊNCIA DO TEMA.....	6
1.2. ALGUMAS HIPÓTESES E A QUESTÃO PRINCIPAL	8
1.3. O OBJETO DA PESQUISA	9
1.4. O MÉTODO	9
a psicologia ambiental e o <i>behavior setting</i>	9
ajustes ao método	11
os usuários e suas relações	16
o tempo: duração, momento e período	20
a observação	20
o complemento historiográfico	21
1.5. A APRESENTAÇÃO	21
CAPÍTULO 2 - A ÁREA-ESTUDO	24
2.1. TOPONÍMIA	24
2.2. FORMAÇÃO NATURAL DA PRAIA	29
a formação do litoral da área-estudo e a praia	29
as marés, as correntes, ondas e ventos em Salvador	30
morfodinâmica	32
2.3. AS UNIDADES DE COMPORTAMENTO	38
jardim de allah	38
armação e aeroclube (boca do rio)	41
foz do rio das pedras e começo da praia do corsário	43
corsário, pituaçu e patamares	45
jaguaribe e piatã	47
placaford e itapuã (sereia)	51
itapuã (farol)	54

VOLUME 2

CAPÍTULO 4 – OS GRUPOS DE USUÁRIOS	86
3.1. IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS DE USUÁRIOS	86
3.2. LAZER/ ENTRETENIMENTO/ SAÚDE	86
3.2.1. banhista/ cliente de barraca	86
uma definição	86
o padrão de comportamento.....	87
distribuição	89
o banhista e os acidentes	90
outras atividades	91
3.2.2. esporte	91
babeiro (futebol)	92
<i>beach soccer</i>	93
vôlei de praia	93
surfista	93
praticante de <i>windsurf</i>	95
praticante de <i>kite-surf</i>	96
corrida/ caminhada/ exercícios	96
3.2.3. meditação/ contemplação	97
3.3. TRABALHO	103
3.3.1. extrativismo	103
pescadores de embarcação	103
pescadores de beira de praia	105
pesca submarina	106
coleta de coco	107
3.3.2. comércio e serviços (oferecidos aos usuários)	107
barraqueiros	108
a arquitetura das barracas de praia	110
quiosqueiros	115
vendedores ambulantes	115
baiana de acarajé	116
de coco	116
de caldo de cana	117
bebidas e alimentos (complementar às barracas)	118
perambulantes – alimentos e bebidas	119
perambulantes – produtos	121
massoterapia	122
massoterapeutas volantes	123
guardadores de carro	123
3.3.3. serviços que acontecem na praia	123
salva-vidas	123
coleta de lixo/ aeração	124
policiamento	124
zelador e vigilância dos mirantes	124
outros serviços públicos	125
vigilância particular	125
3.3.4. mendicância/ contribuições	125
3.3.5. ladrões	125
3.4. EVENTOS/ ESPETÁCULOS	136
3.5. CELEBRAÇÃO/ SAGRAÇÃO	136

CAPÍTULO 4 – SÍNTESE DA ÁREA-ESTUDO	139
4.1. O QUADRO GERAL	139
4.2. A DINÂMICA GERAL DO BANHO E DO CONSUMO	155
4.3. A DINÂMICA GERAL DA CALÇADA	159
4.4. A DINÂMICA GERAL DOS EVENTOS	160
4.5. AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO DA PRAIA	166
4.6. A INFLUÊNCIA DO ENTORNO E MAIS ALÉM	169
CAPÍTULO 5 – PERSPECTIVA HISTÓRICA	174
5.1. O EXTRATIVISMO, O MÁGICO E O SAGRADO	174
5.2. O LAZER E SUA TRAJETÓRIA	181
as múltiplas trajetórias rumo ao mar	181
a transposição ao Brasil	185
transformações urbanas	191
5.3. O CASO DE SALVADOR	195
barracas de praia e consumo étílico	202
antropização e visão equipamentosa da praia	207
os rejeitos	210
uma interpretação	213
CAPÍTULO 6 – REFLEXÕES FINAIS	225
6.1. o caso das barracas de praia	225
situação atual	225
os barraqueiros e seus interesses	227
a constituição das faixas de barracas	228
a privatização do espaço da areia	229
a tipologia das barracas e deterioração da orla	231
o mito da padronização	233
a lógica do ponto comercial	234
sobre a pertinência das barracas de praia	236
6.2. OS DESTINOS DA PRAIA	237
a praia como espaço público	237
adaptação e mediação	244
a re-escrita da areia	249
UM ENCERRAMENTO	250
dois atos poéticos e um final em aberto	250
REFERÊNCIAS	252
bibliografia	252
filmografia	259
ANEXO 1 - PRANCHAS	260
ANEXO 2 – FOTOS	269

LISTA DAS FOTOS

Todas as fotos do autor foram tiradas entre maio de 2006 e outubro de 2007.

01 - gramado do jardim de allah	270
Fonte: foto do autor	
02 - afloramento rochoso defronte ao jardim de allah na maré baixa	270
Fonte: foto do autor	
03 - vista da praia de armação	270
Fonte: foto do autor	
04 - vista da praia de armação, a partir do norte	270
Fonte: foto do autor	
05 - vista da praia da boca do rio, a partir do sul	270
Fonte: foto do autor	
06 - vista da praia da boca do rio, a partir do norte	270
Fonte: foto do autor	
07 - vista da praia de aratibaia	271
Fonte: foto do autor	
08 - vista da praia do corsário, a partir do sul	271
Fonte: foto do autor	
09 - vista da praia de pituaçu, a partir do sul	271
Fonte: foto do autor	
10 - vista da praia de pituaçu	271
Fonte: foto do autor	
11 - vista da praia de pituaçu	271
Fonte: foto do autor	
12 - vista da praia de patamares, a partir do sul	271
Fonte: foto do autor	
13 - vista da praia de patamares, a partir do norte	272
Fonte: foto do autor	
14 - tensoestruturas e barracas de patamares	272
Fonte: foto do autor	
15 - foz do rio jaguaribe	272
Fonte: foto do autor	
16 - vista da praia de jaguaribe, a partir do sul	272
Fonte: foto do autor	
17 - vista da praia de jaguaribe	272
Fonte: foto do autor	
18 - canteiro de obras no parque dos coqueiros	272
Fonte: foto do autor	
19 - vista da praia de placaford, a partir do norte	273
Fonte: foto do autor	
20 - praia de placaford e sereia, a partir do sul	273
Fonte: foto do autor	
21 - enseadas de itapuã (sereia)	273
Fonte: foto do autor	
22 - vista da praia de itapuã (sereia)	273
Fonte: foto do autor	
23 - enseada em itapuã (farol)	274
Fonte: foto do autor	
24 - algas amontoadas na areia e na água	274
Fonte: foto do autor	
25 - barcos fundeados no porto natural	274
Fonte: foto do autor	
26 - plataforma algal na maré baixa	274
Fonte: foto do autor	

27 - pousada à beira da praia	274
Fonte: foto do autor	
28 - farol de itapuã	274
Fonte: foto do autor	
29 - esquema do “banho de sol” com intermédio de objetos	275
Fonte: fotos do autor	
30 - esquema do “banho de sol” sem mediação qualquer	276
Fonte: fotos do autor	
31 - esquema da sinestesia com a areia	277
Fonte: fotos do autor	
32 - criança em bolsão d’água nas pedras	278
Fonte: foto do autor	
33 - pessoa deitada em bolsão d’água	278
Fonte: foto do autor	
34 - pais e filhos em laguna entre as pedras	278
Fonte: foto do autor	
35 - flutuando em piscina natural	278
Fonte: foto do autor	
36 - pulos em falha protegida da pedra	278
Fonte: foto do autor	
37 - banhistas em enseada protegida	278
Fonte: foto do autor	
38 - esquema da sinestesia da água de mar aberto	279
Fonte: fotos do autor	
39 - esquema de outras mediações com a água	280
Fonte: fotos do autor	
40 - vista panorâmica da praia de pituaçu, em dia de maré baixa equinocial ...	281
Fonte: foto do autor	
41 - vista aérea da praia de pituaçu	281
Sem data. Fonte: http://www.panoramio.com/photo/2105481	
42 - esquema da chegada do banhista à praia	282
Fonte: fotos do autor	
43 - banhistas caminham até ponta do recife	283
Fonte: foto do autor	
44 - crianças brincam entre pedra e água	283
Fonte: foto do autor	
45 - banhistas se aglutinam em recifes	283
Fonte: foto do autor	
46 - banhistas buscam privacidade entre as pedras	283
Fonte: foto do autor	
47 - pai vigia filho na água	283
Fonte: foto do autor	
48 - banhistas passando-se protetor solar	284
Fonte: foto do autor	
49 - criança dormindo sob sombreiro	284
Fonte: foto do autor	
50 - banhistas sentados próximos a recife	284
Fonte: foto do autor	
51 - menino brincando com pipa	284
Fonte: foto do autor	
52 - pai brincando com o filho	284
Fonte: foto do autor	
53 - banhistas lavando-se em ducha de barraca	284
Fonte: foto do autor	
54 - atividades de banhistas com bola	285
Fonte: fotos do autor	

55 - usuários e seus animais de estimação	285
Fonte: fotos do autor	
56 - esquema dos veículos e pertences dos banhistas	286
Fonte: fotos do autor	
57 - esquema das ações dos babeiros	287
Fonte: fotos do autor	
58 - esquema dos objetos dos babeiros	288
Fonte: fotos do autor	
59 - esquema dos esportes de areia de armação	289
Fonte: fotos do autor	
60 - esquema das ações dos surfistas	290
Fonte: fotos do autor	
61 - meninos com prancha de isopor em piatã	291
Fonte: foto do autor	
62 - praticante de <i>bodyboarding</i>	291
Fonte: foto do autor	
63 - praticante de <i>windsurf</i> na pedra-que-ronca	291
Fonte: foto do autor	
64 - praticante de <i>kitesurf</i> em jaguaribe	291
Fonte: foto do autor	
65 - praticante de <i>windsurf</i> no mar aberto do farol	291
Fonte: foto do autor	
66 - esquema da caminhada e corrida na área-estudo	292
Fonte: fotos do autor	
67 - esquema do exercício	293
Fonte: fotos do autor	
68 - esquema dos lugares de contemplação	294
Fonte: fotos do autor	
69 - casal nas pedras do jardim de allah	294
Fonte: foto do autor	
70 - jovens fumam maconha nas pedras do jardim de allah	294
Fonte: foto do autor	
71 - casal no gramado do jardim de allah	294
Fonte: foto do autor	
72 - piquenique no jardim de allah	294
Fonte: foto do autor	
73 - esquema das ações dos pescadores de colônia	295
Fonte: fotos do autor	
74 - esquema dos objetos dos pescadores de colônia	296
Fonte: fotos do autor	
75 - esquema da pesca de beira de praia	297
Fonte: fotos do autor	
76 - esquema de outras modalidades de pesca	298
Fonte: fotos do autor	
77 - esquema de ações dos barraqueiros	299
Fonte: fotos do autor	
78 - funcionário cortando coco, jardim de allah	300
Fonte: foto do autor	
79 - funcionário fixando mesa na areia, sereia	300
Fonte: foto do autor	
80 - teste da aparelhagem de som, jardim de allah	300
Fonte: foto do autor	
81 - refeição do funcionário da barraca, armação	300
Fonte: foto do autor	
82 - reparo da cobertura, corsário	300
Fonte: foto do autor	

83 - esquema dos modelos tradicionais de barraca	301
Fonte: fotos do autor	
84 - esquema dos acessos das barracas	302
Fonte: fotos do autor	
85 - esquema das edículas das barracas	303
Fonte: fotos do autor	
86 - esquema dos modelos novos de barracas	304
Fonte: fotos do autor	
87 - esquema de abastecimento alternativo de água das barracas	305
Fonte: fotos do autor	
88 - esquema de fornecimento de energia elétrica	305
Fonte: fotos do autor	
89 - esquema dos modelos de chuveiros das barracas	306
Fonte: fotos do autor	
90 - esquema dos pisos dos chuveiros das barracas	307
Fonte: fotos do autor	
91 - esquema da vegetação nas barracas	308
Fonte: fotos do autor	
92 - esquema das plataformas das barracas	309
Fonte: fotos do autor	
93 - esquema das plataformas das barracas	310
Fonte: fotos do autor	
94 - esquema do volume ocupado pelos contenedores	311
Fonte: fotos do autor	
95 - esquema dos sombreiros	311
Fonte: fotos do autor	
96 - esquema das mesas e cadeiras	312
Fonte: fotos do autor	
97 - progressão das cadeiras na praia	313
Fonte: fotos do autor	
98 - outros arranjos de cadeiras	313
Fonte: fotos do autor	
99 - esquema de padrão visual de barracas	314
Fonte: fotos do autor	
100 - esquema dos serviços	315
Fonte: fotos do autor	
101 - esquema dos resíduos das barracas	316
Fonte: fotos do autor	
102 - esquema das transformações causadas pelas barracas	316
Fonte: fotos do autor	
103 - esquema dos quiosques	318
Fonte: fotos do autor	
104 - esquema das baianas de acarajé	319
Fonte: fotos do autor	
105 - material do vendedor, jardim de allah	320
Fonte: foto do autor	
106 - corte do coco, jardim de allah	320
Fonte: foto do autor	
107 - ponto de venda na calçada, armação	320
Fonte: foto do autor	
108 - ponto de venda na areia, piatã	320
Fonte: foto do autor	
109 - acúmulo de rejeito, armação	320
Fonte: foto do autor	
110 - esquema do vendedor de caldo de cana	321
Fonte: foto do autor	
111 - esquema dos ambulantes de alimento	322
Fonte: fotos do autor	
112 - esquema do suporte dos ambulantes de alimento	323

Fonte: fotos do autor	
113 - outros vendedores ambulantes	324
Fonte: fotos do autor	
114 - perambulantes mais comuns	325
Fonte: fotos do autor	
115 - esquema da dinâmica geral	326
Fonte: fotos do autor	
116 - outros vendedores perambulantes	326
Fonte: fotos do autor	
117 - perambulantes mais comuns	327
Fonte: fotos do autor	
118 - outros vendedores perambulantes	328
Fonte: fotos do autor	
119 - esquema dos massoterapeutas	329
Fonte: fotos do autor	
120 - esquema dos salva-vidas	330
Fonte: fotos do autor	
121 - esquema dos serviços públicos	331
Fonte: fotos do autor	
122 - canalizando vazamento ao mar, sereia	332
Fonte: foto do autor	
123 - zeladores do mirante	332
Fonte: foto do autor	
124 - ciganas sob a sombra, farol	332
Fonte: foto do autor	
125 - indigente dormindo sob pedra, farol	332
Fonte: foto do autor	
126 - indigente dormindo sob beiral, sereia	332
Fonte: foto do autor	
127 - salteadores em vigilância	332
Fonte: foto do autor	
127 - esquema dos eventos	333
Fonte: fotos do autor	
128 - restos dos festejos de ano-novo, armação	334
Fonte: foto do autor	
129 - pondo oferenda de flores na água, sereia	334
Fonte: foto do autor	
130 - estátua da sereia na calçada, sereia	334
Fonte: foto do autor	
131 - estátua da sereia na pedra, sereia	334
Fonte: foto do autor	
132 - ebó deixado em recifes, sereia	334
Fonte: foto do autor	
133 - ebó deixado sob coqueiro, sereia	334
Fonte: foto do autor	
134 - esquema de outras construções	335
Fonte: fotos do autor	
135 - influência do esgotamento do entorno	336
Fonte: fotos do autor	
136 - ação do aerosol salino nas edificações	336
Fonte: fotos do autor	
137 - enseada do porto da barra em 1870	337
Aprox. 1870. Fonte: Fundação Gregório de Mattos.	
138 - saveiros e barcos no porto da barra	337
Sem data. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	
139 - porto da barra em 1977: banhistas e vendedores ambulantes	337
1977. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	
140 - surfista no farol da barra, aprox. 1940	338

	Aprox. 1940. Fonte: vídeo <i>Salvador 1940</i> , de Fritz de Lauro, através de videocaptura de <i>Salvador em Película - um século de memória</i>	
141	- praia do farol, ainda com talude vegetado, aprox. 1940 Aprox. 1940. Fonte: vídeo <i>Salvador 1940</i> , de Fritz de Lauro, através de videocaptura de <i>Salvador em Película - um século de memória</i>	338
142	- uso popular da praia do farol da barra em 1971 1971. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	338
143	- barraca com mesas e cadeiras de madeira, anos 1980 Sem data. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	338
144	- praia de santana na década de 1910 Aprox. 1910. Fonte: Instituto Cid Teixeira	339
145	- uso popular da praia de santana, em 1930 1930. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	339
146	- praia de santana na década de 1940 Aprox. 1940. Fonte: Instituto Cid Teixeira	339
147	- praia da mariquita em 1860 Aprox. 1860. Fonte: Instituto Cid Teixeira	340
148	- praia da mariquita em 1940 Aprox. 1940. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	340
149	- praia da mariquita em 1972 1972. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	340
150	- vila dos funcionários da base aérea de salvador Sem data. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	341
151	- uso popular da praia de itapuã, aprox. 1950 Aprox. 1950. Fonte: Instituto Cid Teixeira	341
152	- praia da sereia em 1973 1973. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	341
153	- praia e parque da sereia em 1985 1985. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	341
154	- coqueiral na pituba nos anos 1920 Aprox. 1920. Fonte: Instituto Cid Teixeira	342
155	- recém-inaugurado jardim dos namorados 1969. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	342
156	- recém-inaugurado jardim dos namorados 1969. Fonte: Fundação Gregório de Mattos	342
157	- fogos de artifício no forte de santa maria 1999. Fonte: videocaptura de <i>Salvador em Película - um século de memória</i>	343
158	- encenação de aniversário dos 450 anos de salvador 1999. Fonte: videocaptura de <i>Salvador em Película - um século de memória</i>	343
159	- platéia na areia 1999. Fonte: videocaptura de <i>Salvador em Película - um século de memória</i>	343

LISTA DOS MAPAS

CAPÍTULO 2

01 - costa atlântica – toponímia	27
02 - itapuã – toponímia	28
03 - estágio morfodinâmico e areias	35
04 - grau e fatores de risco	36
05 – vegetação	37
06 - jardim de allah – físico	57
07 - jardim de allah - banhistas	58
08 - jardim de allah – saúde	59
09 - jardim de allah - vida noturna	60
10 - jardim de allah – outros	61
11 - armação e boca do rio - físico	62
12 - armação e boca do rio - banhistas	63
13 - armação e boca do rio - saúde	64
14 - armação e boca do rio - surfistas	65
15 - armação e boca do rio - esportistas	66
16 - armação e boca do rio - pescadores	67
17 - aratubaia - físico	68
18 - aratubaia - banhistas	69
19 - aratubaia - saúde	70
20 - corsário a patamares – físico	71
21 - corsário a patamares – babeiros e saúde	72
22 - corsário a patamares – banhistas	73
23 - corsário a patamares – surfistas e pescadores	74
24 - jaguaribe e piatã – físico	75
25 - jaguaribe e piatã – banhistas	76
26 - jaguaribe e piatã – babeiros	77
27 - jaguaribe e piatã – outros	78
28 - placaford e sereia – físico	79
29 - placaford e sereia – banhistas	80
30 - placaford e sereia - pescadores e babeiros	81
31 - placaford e sereia - vida noturna e outros	82
32 - farol – físico	83
33 - farol – banhistas	84
34 - farol – pescadores	85

CAPÍTULO 3

35 - banhistas – distribuição	99
36 - esportes de areia	100
37 - esportes de mar	101
38 - caminhadas e corridas.....	102
39 - pesqueiros e pescadores	127
40 - barracas de praia - distribuição geral	128
41 - barracas de praia – reformas	129
42 – quiosques	130
43 – ambulantes	131
44 - perambulantes – alimentos	132
45 - perambulantes – produtos	133
46 - funcionários públicos	134
47 - ladrões e mendicantes	135
48 - eventos e cerimônias	138

CAPÍTULO 5	
50 – banhistas e barracas	161
51 – dinâmica do banho e consumo – trecho 1	162
52 – dinâmica do banho e consumo – trecho 2	163
53 – dinâmica do banho e consumo – trecho 3	164
54 – dinâmica da caminhada	165
55 – esquema dos impactos das dinâmicas	171
56 – drenagem e esgotamento	172
57– influência do entorno	173
 CAPÍTULO 6	
58 - costa atlântica - dinâmica urbana – anos 10/ 20	218
59 - costa atlântica - dinâmica urbana – anos 30/ 40	219
60 - costa atlântica - dinâmica urbana – anos 1950	220
61 - costa atlântica - dinâmica urbana – anos 60/ 70	221
62 - costa atlântica - dinâmica urbana – anos 1980	222
63 - costa atlântica - dinâmica urbana – anos 1990	223
64 - balneabilidade histórica	224

OUTRAS LISTAS

diagramas

CAPÍTULO 4

01 - diagrama geral	142
02 - jardim de allah - atores	143
03 - jardim de allah - atores x espaço	144
04 - armação - atores	145
05 - armação - atores x espaço	146
06 - aratibaia a patamares - atores	147
07 - aratibaia a patamares - atores x espaço	148
08 - jaguaribe e piatã - atores	149
09 - jaguaribe e piatã - atores x espaço	150
10 - placaford e sereia - atores	151
11 - placaford e sereia - atores x espaço	152
12 - farol – atores	153
13 - farol - atores x espaço	154

tabelas

01 - classificação dos sedimentos	30
02 - distribuição média dos ventos ao longo do ano	31
03 - classificação das praias segundo a proteção	33

pranchas

CAPÍTULO 3

01 - comparação entre modelos em termo de área	261
02 - projeto de 1975 e arranjos combinatórios	262
03 - projeto de 1991 e arranjo combinatório	263
04 - projetos de 2005, modelo básico	264
05 - projetos de 2005, modelo geminado	265
06 - corte esquemático da praia do jardim de allah	266
07 - corte esquemático da praia de armação	266
08 - corte esquemático da praia de aratibaia	266
09 - corte esquemático da praia de piatã (no parque dos coqueiros)	267
10 - corte esquemático da praia na ponta de são tomé	267
11 - corte esquemático da praia de placaford (no parque dos coqueiros)	267
12 - corte esquemático da praia de itapuã (no parque da sereia)	268
13 - corte esquemático da praia de itapuã (perto do farol)	268

UMA INTRODUÇÃO

uma lenda, um ato poético e um começo

A lenda diz respeito a um rei. Seu nome é Canuto – Knut no original. A lenda existe, tenho certeza, somente não pude encontrar referências mais recentes. Knut, infelizmente, é um nome comum para reis daneses e seus vizinhos. Daí que a procura da história fica mais difícil.

Importa que esse rei soube um dia que o mar tomava-lhe e devolvia-lhe, diariamente e a seu bel-prazer, hectares de seu reino, situados nas praias. Claro, aquela faixa de areia conhecida como estirão ou estirâncio. O mar fazia isso sem prestar contas à autoridade divina do rei. Diz-se – ou lembro-me, como preferirem – que o rei foi à praia e ordenou ao mar, de posse de seu cetro e demais insígnias reais, que parasse de cometer tal afronta e parasse de invadir-lhe o país. Esbravejou o quanto pôde.

Obviamente o mar continuou seu jogo infinito das marés.

E o rei, ou pelo menos os ouvintes deste conto, aprenderam algo da limitação do homem frente aos poderes maiores da natureza¹.

Essa é a lenda. Vamos ao ato poético, que tem caráter e substância das lendas, embora, ao contrário da anterior, seja real e muito bem documentado.

Um grupo de artistas – poetas, escultores, arquitetos – de várias nacionalidades escreveram um poema épico, *Amereida* (fusão de América com a *Eneida*), e dedicaram-se a construir um lugar que chamaram de Cidade Aberta de Ritoque, nas dunas de Reñaca, no Chile². Sua construção se deu antes por quatro atos poéticos específicos, jogos que lhes deram percepções do lugar e lhes auxiliaram na fundação poética que antecede a edificação.

Uma das conclusões do segundo ato é a de que a areia é uma realidade própria – nem água, nem tampouco terra, e nem mesmo se definia como praia³. O quarto e último ato poético tratou da singular ágora da Cidade Aberta, nas dunas.

Uma das características ontológicas da areia é moldar-se à água e ao vento. Seu caráter é a da total aceitação. Deduz-se daí o *esquecimento*, o retorno ao não-saber,

¹ A Holanda é o caso mais renitente de luta contra a força das ondas. E mesmo eles agora capitularam. Resignadamente começam a tarefa de aceitar o mar e recriar áreas alagáveis e fazer suas casas flutuantes.

² O lugar é também um *campus* de construção experimental da Faculdade de Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso.

Para mais detalhes, ver: <http://www.corporacionamereida.cl/pags/amereida.html#>

³ ¿Qué trajo la orilla? Se caminaron de ese modo varios kilómetros sobre dunas de arena. ¿Qué nos fue diciendo el acto? Que la arena no es del agua, ni agua, pero que tampoco es de la tierra, ni tierra. No es playa – desde el punto de vista del mar o de la tierra. Ni es aquello que hay que transformar en otra cosa, sea tierra o agua.

Simplemente la arena comparecía como arenas. Arenas con una realidad propia, tal vez, inexplorada en cuanto tal. (CORPORACIÓN..., 2006).

fora dos saberes cristalizados, que permite a aquisição de novos conhecimentos. Condição fundamental dessa ágora, desse espaço público, que não é proximidade, mas junção. A Cidade Aberta nasce das areias porque nasce de sua ágora – sem nascer dela, não se nasce cidade... se faz agrupamentos de construções, de instituições, mas não trazem consigo o *junto*, o estado consentido que faz da cidade um lugar público.

Para os homens da Cidade Aberta, as dunas eram o espaço público, a nova ágora, por excelência.

Así las arenas se nos muestran como el incesante volver a no saber, que no es la ignorancia respecto a una sabiduría. En vez de la estabilidad de cualquier saber adquirido, este mero trance del desaparecimiento nos dice un continuo volver a no saber, que excluye radicarse en un conocimiento adquirido respecto de lo que aún está por saberse y, en consecuencia, no es tampoco un conocimiento a conquistarse. (CORPORACIÓN..., 2006).

Da primeira narrativa, a noção de *terreno* está posta em dúvida. Seu tamanho depende das marés. Mais do que isso, a *qualidade* do terreno é também transitória. As águas revoltas da maré alta tornam-se uma enseada protegida para depois se tornarem uma plataforma rochosa. A qualidade das águas muda de acordo com o regime das correntes e dos ventos pelas estações, e a seção da praia é também variável. A praia urbana de Salvador é uma réstia de areia fustigada pelas ondas e planícies de rocha ou areia em águas serenas a depender da hora do ano.

Da segunda narrativa, a noção de *permanência* se põe em dúvida. E mesmo sua pertinência. As areias não retêm nem mesmo a lembrança.

Ambas as narrativas têm um laço dado pelo mundo natural. As correntes oceânicas trazem e retiram as partículas que ficam na costa, as marés esboroam a dureza da pedra e da concha e a transformam em grânulos, as dunas freiam o ímpeto das águas. A transmutação das areias e o compasso das marés fazem parte de um minueto de um milhão de anos.

Já o começo é o que se segue.

PRÓLOGO NECESSÁRIO

Esta dissertação nasceu como uma conjugação de motivações, oriundas dos lugares mais diversos.

Um deles é uma visão muito particular do que deveria ser a Pesquisa, na Graduação e na Pós-Graduação de uma Universidade Federal. Entendo que ela deve ser uma ferramenta de compreensão da realidade vivida, com fins propositivos – talvez seja esta é uma de-formação vinda do meu curso de Arquitetura - uma maturação do que vivemos em Salvador e na Bahia. Assim, entender Salvador não é possível sem entender fenômenos como seu patrimônio histórico, a cultura afro-brasileira, o comércio de rua e o Carnaval, por exemplo. E a praia e seu uso. Estão na categoria do *obvio ululante* de Nelson Rodrigues, talvez um tipo raro de esquizofrenia, que nos faz ignorar os fatos concretos ao lidar com conceitos oriundos do Primeiro Mundo, onde uma série de relações e situações são diferentes. Isso que faz de boa parte de Salvador uma cidade invisível aos seus pesquisadores. No caso da praia, muito há para se entender, problematizar, propôr – essa dimensão não quero perder de vista pessoalmente, embora a pesquisa seja um passo anterior. A praia, que ainda está por ser vista, desde o nível regional até sua micro-arquitetura.

Outro ponto de interesse pessoal é o estudo da micro-arquitetura e ocupações transitórias, desde o tempo de graduação. A praia é um espaço onde isso se apresenta, na forma das barracas e das cadeiras, e de seus equipamentos. O foco da análise mudou, por uma questão institucional (as áreas de concentração do PPGAU), retirando boa parte do sabor que imaginava encontrar.

Não posso descartar a influência gigantesca do saudoso professor Manoel José Ferreira de Carvalho. Seus *insights* sobre o espaço arquitetônico e urbano foram fundamentais na minha formação. Foi também ele um dos responsáveis, de modo mais sistemático, pelo meu primeiro contato com os estudos de comportamento, por meio de conversas pessoais, das aulas na disciplina Atividade Curricular em Comunidade e da participação breve e periférica no Plano de Estruturação Físico-Espacial do Carnaval de Salvador, convênio entre FAUFBA e Emtursa. O que está exposto nesta dissertação é desenvolvimento ulterior do autor.

Por último, a sensação de equívocos diversos na abordagem da praia. Como a concentração dos arquitetos no aspecto da paisagem, ainda por cima carente de rigor científico. O vazio de conhecimento que é a faixa de areia e a falta que faz o estudo do presente. Mesmo as genealogias históricas seriam falhas. Estas são impressões, que não estão à procura de comprovação no trabalho.

Feito o preâmbulo de ordem pessoal, vamos à estrutura da dissertação, conforme apresentada neste volume.

O primeiro capítulo versa sobre o método, que se divide, por sua vez, em dois processos distintos. O primeiro a partir dos conceitos do *comportamento ambiental*, com ajustes passo a passo para o objeto de estudo. O segundo, muito menor porque subsidiário do primeiro e com caminho sem percalços, de uma historiografia das práticas

da área-estudo. A seguir, o método da apresentação dos resultados ao longo da dissertação.

Essa divisão na exposição do método é reflexo da própria estrutura da dissertação. Os três capítulos seguintes fazem um levantamento da situação atual. No Capítulo 2, a toponímia selecionada para a orla atlântica e uma descrição dos fenômenos físicos – que vão da geomorfologia à oceanografia - responsável por fenômenos que têm importância nos usos da praia, compilando em um todo coerente estudos já existentes. O Capítulo 3 corresponde a uma divisão da área-estudo por trechos, com apresentação das dinâmicas correspondentes. E o Capítulo 4 é a descrição dos grupos de usuários identificados. Até aqui a descida à realidade vai por meio de graus menores de abstração, em escalas decrescentes de observação, do diagrama geral, até ganhar os contornos dos diferentes atores, e chegar mesmo às idiossincrasias de alguns indivíduos. No Capítulo 5 ocorre o esforço de síntese, procurando um sentido geral para as dinâmicas da área-estudo.

O Capítulo 6 complementa com uma investigação historiográfica sobre as práticas praianas em Salvador e na área-estudo, sua procedência e seus movimentos.

O Capítulo 7 encerra com conclusões e reflexões mais amplas, a partir do investigado, aproximando-se do tema do encerramento.

As peças gráficas acompanham por capítulo: não tão distante quanto um anexo, e não tão próximas dos conteúdos escritos que trunquem a leitura.

Começo e final se conectam pela narração de episódios, reais e fictícios, distantes das praias de Salvador, mas ainda assim perturbadoramente próximos.

A dissertação foi escrita na primeira pessoa do singular, porque foi uma pessoa do singular que o escreveu. Não creio caber a primeira pessoa do plural, por nenhum motivo. A indeterminação do sujeito e a voz passiva foram usadas ao longo do texto. Contudo, conjecturas e hipóteses são lançadas apenas por indivíduos, daí a primeira pessoa. Esta não indica, porém, parcialidade.

Toda visão traz dentro de si algo dos conceitos do estrato social ao qual pertence o observador. Como traz também de sua nacionalidade, sua família e os grupos aos quais se associa, sua formação e sua trajetória pessoal, em todos os níveis. Isso é inevitável. O observador não pode ser neutro, mas suas afirmações, no caso as da pesquisa, não devem escapar ao escopo do que a realidade oferece. Não podem ser mentiras, intencionais ou não. Aquilo que são hipóteses, como hipóteses devem ser enunciadas.

O observado, aquilo que se pretende fatural, deve ser medido através de sua correspondência com a realidade. O contrário, imputar ao observador esta ou aquela tendência por algo de si na tentativa de invalidar o argumento exposto nada mais é que grosseira falácia *ad hominem*, infelizmente comum mesmo nos meios acadêmicos. Para qualquer escrutínio da formação e visão do pesquisador, se compareça ao Anexo Único, onde há uma síntese delas.

Um de meus intentos, como pesquisador, foi suspender as noções previamente formadas sobre os usuários da praia e tentar compreender os fatos que ali acontecem. Se a imparcialidade é uma meta inalcançável, como o horizonte de Eduardo Galeano, nem

por isso deixa de ser meta desejável. E, superior a isso, a parcialidade não exige o pesquisador da honestidade. Nisso estou em boa companhia:

Essa [a imparcialidade de Homero e de Heródoto] é a raiz de toda a chamada objetividade – essa curiosa paixão, desconhecida exteriormente à civilização ocidental, pela integridade intelectual a qualquer preço. Sem ela ciência alguma jamais poderia ter existido. (ARENDETT, 2001: 324).

Adianto que por resultado da pesquisa, e mesmo das vivências decorrentes, muitas de minhas opiniões sobre a praia e seus agentes mudaram. Adiante poderemos ver que algumas das conclusões fogem aos lugares-comuns sobre a praia. E acredito que as posições estão fundamentadas em argumentos razoáveis e fatos verídicos.

CAPÍTULO 1

O MÉTODO

1.1. A PERTINÊNCIA DO TEMA

Aqui é onde apresento a importância do objeto de estudo.

A praia é valioso espaço de lazer na sociedade contemporânea ocidental, nas escalas intra-urbana, regional e mesmo internacional. Constituída no alvorecer da Era Moderna, na revisita do papel do mar e da praia na Europa do séc. XVIII, e depois no uso como espaço de lazer desde o séc. XIX, um dos motes do atual turismo de massas. Esse é o pano de fundo de qualquer pesquisa sobre o uso da praia.

No Brasil, desde o início o mar era elemento crucial. O processo de ocupação do litoral remonta à colonização do país, e seus frutos são algumas de suas principais cidades atuais. E ganha forma especial a partir do séc. XX, quando se configura uma nova estrutura urbana nos subúrbios das grandes cidades costeiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, entre outras. Ao longo dos 7 mil quilômetros de extensão da costa brasileira hoje vivem 40 milhões de habitantes (BECKER, 1996: 186), Eustógio Dantas (2002) chama a esse fenômeno de *litoralização*:

O termo *litoralização* representa um neologismo explicitador do movimento de ocupação contemporânea do litoral. A necessidade de criação de um termo é consequência da transformação do movimento de valorização do litoral em verdadeiro fenômeno de sociedade, ligado a uma urbanização significativa dos espaços litorâneos e traduzido na inserção gradual das zonas de praia à lógica derivada de uma sociedade de lazer e turística. (DANTAS, 2002, p.6).

Há três fenômenos que alteram a dinâmica de uso da praia, de entrelaçamento sutil.

O primeiro é o valor atual dado à saúde e à *imagem* de saúde e das práticas que visam alcançá-la: exercícios, caminhadas, esportes. A praia e borda são lugar privilegiado para isso.

Outro fenômeno é a valorização crescente da natureza, da forma “selvagem” às mais antropizadas da urbe, do mergulho mais intenso à contemplação distraída do mar. No que a praia retorna, com grande destaque.

Por último, a ampliação do entretenimento em nossa sociedade. Nas praias o lazer aparece na forma da prática de múltiplas modalidades desportivas, em suas águas e areias, e de competições desportivas e espetáculos patrocinados pelo Poder Público e pela iniciativa privada¹.

¹ Do primeiro, os festejos de Reveillon organizados pela Prefeitura de Salvador nas gestões de Antônio Imbassahy (1997-2000, 2001-2004), a cargo da EMTURSA; no segundo, o recente

A primeira é a constatação de uma certa revalorização da integração da natureza – ou seja, dos ambientes naturais não edificados: praias, áreas arborizadas, rios, encostas, etc, - no meio urbano, após o declínio das chamadas ‘cidades industriais’, em contextos economicamente desenvolvidos. Tal integração, verificada em grandes cidades da Europa ocidental (como Madri, Paris ou Berlim), vem se colocando como exemplo de desenvolvimento e indicador de qualidade da vida urbana e distinção cultural. (SILVA, L.A., 2002: 9).

Nas capitais nordestinas a praia é um elemento preponderante. Talvez seja seu maior espaço público, freqüentado por variados estratos da população, na mira das recentes tentativas de constituir uma imagem turística para a cidade e para o litoral a ocupar. Desde a década de 1960 se propugnou para a Bahia o turismo como alternativa para o desenvolvimento econômico², no marco do planejamento estatal e da tentativa de superar o “enigma baiano”. A partir dos anos 1990, o raciocínio estendeu-se para o litoral integral da Bahia, dividido em setores temáticos – as Costas³.

Tanto aspectos da cultura ocidental contemporânea como tendências mundiais, nacionais e locais, apontam a praia como lugar importante, dentro e fora da cidade.

A Bahia possui aproximadamente 1.100 km de litoral (CRA-NEAMA: 1) e neste, na Baía de Todos os Santos, está sua principal nucleação. Das capitais nordestinas, Salvador se destaca pela presença ostensiva do mar, com mais de 30 km de costa⁴. A cidade nasceu em uma península, com um bordo voltado para a baía e outro para o mar aberto do Oceano Atlântico.

Em Salvador a questão da praia urbana e seu entorno é complexa. Temos polêmicas no tocante à urbanização na zona de bordo em quase toda sua extensão: a abertura de visuais e o acesso à praia (ex.: Corredor da Vitória), a altura dos prédios (ex.: Ladeira da Barra e Rio Vermelho) e o bloqueio dos ventos e zonas de sombra (ex.: praia do Farol da Barra), a presença de grandes equipamentos e seu destino (ex.: Aeroclube Plaza Show, Clube Português), sistema de efluentes líquidos (ex.: Projeto Bahia Azul, emissários submarinos), entre outros.

Há críticas generalizadas ao aspecto e tipo das edificações da zona lindeira, embora sem consenso sobre o que pôr no lugar. As críticas se estendem à praia, à degradação física e problemas de saneamento das suas barracas. Aponta-se ainda a situação atípica destas, situadas na estreita faixa de areia e a falta de fiscalização do serviço e da área ocupada por mesas e cadeiras. É um litoral tido como aquém de seu potencial turístico, estético e de lazer. De maneira errática se dispõem projetos para a orla marítima, sem uma articulação entre si e com a cidade: para os serviços de praia, para os equipamentos da calçada, para a iluminação, para parques urbanos vizinhos, etc.

(fevereiro de 2006) *show* da banda *The Rolling Stones* e o *Live Earth* (7 de julho de 2007), ambos na praia de Copacabana, Rio de Janeiro.

² Via Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia.

³ O papel do pensamento turístico institucional fica claro quando se percebe que quatro das oito propostas desenvolvidas para o litoral soteropolitano entre 1973 e 1988, têm como co-autores órgãos ligados ao turismo: Secretaria de Indústria Comércio e Turismo, BAHIATUSA e EMBRATUR. Observação perspicaz feita por Liliâne de Araújo Silva (2002)

⁴ SALVADOR TEM MAIS DE 30 KM DE MAR E AREIA EM SUAS MIL PRAIAS. *Diário de Notícias*. Salvador, 3 fev. 1973. 1973

Para além das intenções turísticas da praia⁵, esta ainda é a grande área de lazer público soteropolitano. Há uma demanda efetiva pelo contato com o mar, de maneira tradicional e algumas pouco ortodoxas.

Com isto damos por certa a importância da praia no presente e futuro da cidade contemporânea e de Salvador, e por extensão, a pertinência da pesquisa.

1.2. ALGUMAS HIPÓTESES E A QUESTÃO PRINCIPAL

A abordagem usual da orla soteropolitana se dá *a partir de fora*, como extensão da área construída lideira. O conceito de *borda*, empregado no PLANDURB (SALVADOR, 1978)⁶, por exemplo, ampliou ainda mais a idéia da faixa costeira, adentrando o continente até a primeira elevação, a partir da idéia da visibilidade do mar.

Para uma área cujo principal fator de distinção é o contato com o oceano, alvo de embates dos mais diversos, falta faz uma abordagem sobre a interface propriamente dita. Neste caso, a faixa de areia.

O propósito desta pesquisa é criar subsídios para o pensamento do destino e forma da orla oceânica como um todo, a partir da experimentação em um trecho específico. E a partir da pergunta: como as pessoas usam a praia? Quais as atividades que se desenvolvem nela, como se relacionam com o espaço?

Uma hipótese é a de que existem elementos da própria praia que têm importância em seu uso. Fatores ambientais tais como qualidade da água, características da areia, afloramentos rochosos, fauna e flora específicas, entre outros, que ganham seu justo destaque somente se o estudo descer à escala da faixa de areia.

Estamos longe de postular a praia como causa e explicação de todos os fenômenos que nela se desenvolvem. Em todos os casos, o objeto estudado demanda os conceitos, e não o contrário. Ela é o ponto de partida e, através daquilo que se manifesta na faixa de areia, e somente a partir desse momento, os enlaces causais foram procurados, como no uso e ocupação lideiros.

⁵ “(...) apesar de que é sabido que os freqüentadores mais assíduos da Orla sempre foram os habitantes da cidade e não seus visitantes.” (SILVA, L.A., 2002, p.79).

⁶ Áreas de Bordo da Cidade – compreendendo as áreas de contacto ou proximidade com o mar que definem o perfil urbanístico (silhueta) da cidade, na faixa de terra entre as águas e os limites por trás da primeira linha de colinas ou maciços topográficos que se postam no continente. (SALVADOR, 1978).

1.3. O OBJETO DA PESQUISA

A área-estudo (ROSSI, 1971), a parte da cidade selecionada como alvo da pesquisa, corresponde a um trecho da orla oceânica, demarcada a sudoeste pelo Jardim de Allah e a nordeste pelo Farol de Itapuã, em sua maior parte articulado por uma via beira-mar, a Av. Otávio Mangabeira, comumente chamada de Orla. O percurso é contínuo, interrompido pelo Rio das Pedras e rio Jaguaribe, sem afloramentos rochosos que comprometam a praia ou a recorte em enseadas. Seu longo arco litorâneo constitui uma unidade visual. Optei pela homogeneidade para evitar o fácil realce por contraste, partindo da hipótese de que, dentro da similaridade dada pela percepção geral, há diversidade a ser descoberta. Potencial área de adensamento da cidade, muito cobiçada pela vista ao mar, é dos trechos mais sensíveis nas discussões das últimas décadas. A espessura da borda é a da faixa de areia e talude verde, incluindo calçada e parques lindeiros somente quando se avaliar que auxilia na compreensão das informações – mas nunca ultrapassa a via beira-mar, nem o muro das propriedades quando da ausência daquela.

Feito o recorte espacial, o recorte temporal: o período estudado é o atual. Os dados primários foram colhidos de 2005 a 2007. O uso de dados de outros períodos visa perceber fenômenos e processos que ainda acontecem.

1.4. O MÉTODO

a psicologia ambiental e o behavior setting

Um dos caminhos possíveis para responder à pergunta da dissertação é o estudo sobre a relação do homem com o meio pela *Psicologia Ambiental, environmental psychology* no original em inglês. Segundo Ornstein & Roméro (1992), outras denominações são ainda psicologia ecológica, psicologia arquitetônica, arquitetura psicológica, comportamento ambiental, sociologia ambiental, antropologia ambiental, desenho ambiental, fator homem-ambiente. No entanto, José Pinheiro (1997), considera que *Psicologia Ecológica* (e ainda *Ecologia Psicológica*) é o ramo desenvolvido por Kurt Lewin, Roger Barker, e demais colaboradores, como vertente da Psicologia Ambiental. De toda sorte, adoto o termo *comportamento ambiental*.

Por que sua escolha como método inicial de trabalho?

O principal é que julgo tratar-se de caminho pouco trilhado na formação do arquiteto e urbanista no Brasil, a não ser de modo intuitivo. Uma breve digressão serve para ilustrar a importância que dou a esse rumo. Na língua portuguesa, o termo *arquitetura* tem duas acepções: a disciplina e o objeto construído. Como disciplina, é preciso lembrar que o projeto e construção do espaço só fazem sentido se voltados para alguma ação humana em seu interior. Por sua vez, como espaço construído, é receptáculo das ações humanas e um de seus objetos. Em ambas, o nexos invisível da atuação e do conhecimento arquitetônico (e por extensão o urbanístico) é o ser humano. Esse intervalo breve (e ao mesmo tempo tão amplo) entre o homem e o meio, no meu ver, é o cerne da atividade do arquiteto, e de todo aquele que lida com a proposição do espaço construído. No entanto, é centro invisível, sobre o qual se gira, sem nunca

alcançá-lo ou mesmo intentar atingi-lo, conteúdo que se evade eclipsado por outros conteúdos que deveriam ser-lhe subsidiários. A escolha do método pauta-se por contribuir com o campo disciplinar da Arquitetura e Urbanismo⁷.

O comportamento ambiental é percurso metodológico potencial, que pode ser aplicado a escalas diversas, desde os pequenos espaços, até grandes extensões do território, como nesta dissertação se propôs. Pelas condições de trabalho implícitas em uma pesquisa no âmbito de pós-graduação universitário – isto é, tempo, recursos, gente -; pela envergadura da área como veremos a seguir; pelas características da praia em si e pelo propósito da pesquisa, os métodos de tal disciplina sofreram adaptações, como se verá a seguir.

O método serve de fundamento a vertentes de análise como a Avaliação Pós-Ocupação (APO), freqüentemente voltadas ao estudo do ambiente construído como insumo projetual, *feedback* para melhor desempenho propositivo em ocasiões futuras (MOORE, 1984; ORNSTEIN & ROMÉRO, 1992)⁸. No entanto, sua meta é aprimorar a *congruência* entre comportamentos e contexto físico – chamada nos estudos de comportamento de *sinomorfia* (BARKER, 1968 apud GIFFORD, 2005), e ainda de *habitabilidade* ou *goodness of fit*. De um modo geral, a sinomorfia implica em uma relação circular: o comportamento se enquadra ao meio, que se adequa ao comportamento. Porém a praia não é algo obrigatoriamente afim das ações que se realizam nela: as pedras não se aplainam porque há meninos empinando pipa, nem se cria um atracadouro porque nelas os pescadores atracam, automaticamente.

A relação do ser humano com o meio se compreende a partir do método do *behavior setting*, ou *ambiente de comportamento*, desenvolvido por Roger Garlock Barker e Herbert Wright, em meados dos anos 1950, nos Estados Unidos⁹.

É observação comum que muitos padrões de comportamento e seus ambientes são integrados e que, embora os atores e elementos menores possam ser diferentes ou possam ser substituídos, o padrão de comportamento e o relacionamento crítico dos ambientes continuam os mesmos. (MOORE, 1984: 70).

Entende-se que os ambientes de comportamento, por um misto de configuração física e da cultura da sociedade, induzem sujeitos diferentes à mesma atitude, um mesmo *padrão de ação*, mais compartilhado socialmente que idiosincrasia do indivíduo. Isso se exemplifica de maneira caricata mas eficaz: duas crianças tendem a se portar igual numa sala de aula, ou pelo menos com semelhança maior que à do comportamento de uma

⁷ Para os que dizem ser contraditório “evadir-se” para a Psicologia, vale avisar que os estudos *ambiente-e-comportamento* sofrem com sua própria tensão disciplinar, ora considerados como subdisciplina da Psicologia, por conta da obrigatoriedade da troca com disciplinas externas (PINHEIRO, 1997), entre as quais a Arquitetura. Há uma ponte metodológica clara, a partir do instante em que o alvo da pesquisa inclui o ambiente construído, e pode servir de insumo projetual construído de maneira sistemática.

⁸ A APO (...) é assim considerada uma atividade interdisciplinar dirigida, enquanto resultado, à intervenções e melhorias do ambiente construído sendo, nesses países, a coordenação de equipe feita ora por arquitetos e/ou urbanistas e/ou *designers* ora por psicólogos ambientais. (ORNSTEIN, 2005).

⁹ Segundo Ornstein & Roméro (1992), Del Rio (1990) e Moore (1984), em obras como *Midwest and Its Children* (New York: Row, Peterson, 1955). Barker cunhou o termo *psicologia ambiental* (*environmental psychology*)

mesma criança em uma sala de aula e uma quadra esportiva. Vicente Del Rio (1990) cita na praça central de Milão a fuga da projeção de sombra de um prédio alto, arranjos informais seguindo inconscientemente padrões do piso, arranjos semiformais adotando padrão “palco” para espetáculos de rua, indivíduos sentados nos degraus da Catedral. Alguns destes exemplos são similares aos de Cullen (1983). Um outro exemplo dado por Del Rio (1990: 101) é o das sombras de edifícios projetadas sobre a faixa da areia no Rio de Janeiro, para desconforto dos banhistas¹⁰.

Os padrões de ação são, apesar de dinâmicos em sua realização, estáveis em sua reincidência, sempre balizados por algumas características físicas do meio. Daí a conclusão de que o comportamento humano é situado no espaço.

O método do *behavior setting* foi aplicado inicialmente em situações públicas como comunidades e escolas, pautado no estudo do comportamento em seu ambiente natural. Um *behavior setting* pode ser ainda ser um *behavioral focal point* (CANTER, 1978), ambiente de comportamento acessível para grande número e tipo de pessoas, que serve como ponto nodal de cotidiano de uma comunidade. Embora a praia como um todo atraia pessoas de procedência e orientações muito diversas, o faz em uma escala distante à de um nexa comunitário.

ajustes ao método

O método de Barker e Wright caracteriza-se pela conjunção de um comportamento típico (*standing pattern of behavior*), um contexto espacial específico (meio ou *milieu*), regras extrínsecas e propósitos internos regendo o comportamento, com ocorrência periódica (hora, dia, estação, etc.) e duração definida. Tal método, minucioso em demasia, foi ajustado à escala e propósitos da pesquisa¹¹.

Os estudos de comportamento atuam sobre leque amplo, já que

englobam mais do que a simples funcionalidade. (...) Mas os fatores comportamentais se aprofundam mais, vão à psicologia do usuário, como ele percebe a forma do edifício, às necessidades de relacionamento social, diferenças subculturais no estilo de vida, e o significado e o simbolismo dos edifícios. (MOORE, 1984: 66).

Há diversas abordagens sobre a relação do homem com o ambiente, desde a cognição individual até sua presença no imaginário coletivo. Estas, como o aspecto das regras e propósitos do método de Barker, fogem ao escopo do trabalho. Não pela descrença em sua existência ou eficácia, porém por situar-se fora da quadra previamente riscada: pela questão posta sobre a contribuição disciplinar, de um lado, e por limitações da execução da pesquisa.

Os fenômenos de comportamento se compreendem na medida em que se manifestam fisicamente, exteriorizados na forma corpórea do sujeito. O método sustenta-

¹⁰ O comportamento ato contínuo da situação (sombra projetada) é indiscutível a ponto de ser uma das principais críticas à verticalização da orla marítima de Salvador.

¹¹ Wicker (1987 apud CARNEIRO & BINDE, 1997), por exemplo, englobou os *behavior settings* em *subsistemas de organizações*, estabelecendo *carreira de vida* e *ciclos de vida* – fundação, crescimento, funcionamento e modificações, e sua extinção.

se na inteligibilidade do comportamento exterior em um primeiro momento, embora seja meio e não fim. Um exemplo de estudo comportamental aplicado à praia, conforme empregado aqui:

Se da una clara concentración en el tiempo de uso – las puntas ocurren a mediados de agosto, entre las 12 y las 12,30 horas - , y del espacio realmente ocupado por los bañistas, (sólo se usan, aproximadamente, los 35 metros más próximos al mar, y de forma intensiva los 8 primeros, la denominada ‘zona activa’). (PIQUERAS, 1999: 99).

Esta não é uma abordagem determinista. Não compartilho com a premissa fundamental de qualquer determinismo: a crença em relações causais aplicadas aos homens. Onde sempre se parte da premissa que um conjunto de fatores determina, em uma relação causal, o que os homens farão. O problema de fundo é o do livre arbítrio – a partir do momento em que se entende o homem como agente, a questão passa a ser não a causa, mas a finalidade de suas ações¹². Os dados físicos observados são condicionantes das ações, não suas motivações¹³.

Partimos da hipótese que, de alguma forma, com alguma intensidade, nosso comportamento e nossas ações são influenciados pelo ambiente físico-espacial que nos cerca. Pode-se dizer que o ambiente sugere, facilita, inibe ou define comportamentos, ou seja, que ele age como catalisador (positivo ou negativo). (...) Evidentemente, o ambiente construído não pode atuar nas extremidades da escala de comportamento, ou seja, *ele não poderá jamais determinar que tomemos ou não determinada ação se isto não estiver em nossas metas mentais* (grifo nosso). (DEL RIO, 1990: 97).

Ao contrário, a reação contrária exacerbada aos estudos centrados no papel do espaço físico, sob o espectro do determinismo de viés positivista, tornou-os escassos nas ciências humanas, e infelizmente ainda mais na Arquitetura.

Historicamente, a arquitetura foi mesmerizada pelas propriedades estéticas do espaço geométrico, mas a psicologia negligenciou o contexto físico do comportamento. (GIFFORD, 2005).

Credito isso à associação imediata realizada de todos os estudos do comportamento com o *behaviorismo*, mais pelo uso do termo *behavior* (comportamento) do que por semelhanças metodológicas e de premissas. O que leva a um esclarecimento necessário.

A diferença da Psicologia Ecológica¹⁴ fundada por Kurt Lewin com os estudos clássicos do behaviorismo, iniciados por John B. Watson e que ganharam maior envergadura com B. P. Skinner, não poderia ser maior. No *behaviorismo*, a introspecção do sujeito não é fonte válida de informação, e o comportamento se vê sob a ótica

¹² A popular piada da galinha atravessando a rua é o exemplo mais contundente. À pergunta “por que” ela atravessa, responde-se “para” chegar ao outro lado. Se a pergunta fosse “para quê” ela atravessa, a resposta perderia sua graça. Pergunta-se a causa, responde-se a finalidade.

¹³ Por um século os baianos viram baleias sem saber como caçá-las, enquanto ondas mergulhantes são bem-vindas apenas para quem deseja e quem sabe por elas deslizar, para ficar em exemplos da pesquisa.

¹⁴ Adoto aqui esse nome visto as divergências conceituais e metodológicas situarem-se no campo da Psicologia, daí essa ênfase. O termo *ecológico*, também, tem importância em aparecer, visto ser a idéia do sujeito no meio e com os demais, e portanto suas relações ecológicas (no sentido original da palavra), que levaram Kurt Lewin a estudar o tema sob esse viés.

reflexiológica, através da correspondência estímulo-reação, com exames laboratoriais centradas em comportamentos específicos, de poucas variáveis, do que se diz que sua abordagem é *molecular*. As concepções de Lewin partem de premissas distintas, no que chama de abordagem *galilaica* (FARINHA, 2005), com o estudo da psicologia individual e coletiva através do que chama de *campo psicológico* ou *espaço de vida*. O campo psicológico é um campo dinâmico de forças, dado por pessoas e ambiente, onde o comportamento é resultado da interação entre tais elementos. Evita a redução dos fenômenos, daí a concepção dita *molar*. Barker e Wright desenvolveram estes princípios metodologicamente, com a observação naturalística, distante da concepção laboratorial do *behaviorismo*. Importante, ainda, salientar que a diferença mais significativa reside na concepção dinâmica do ambiente, composto por forças que nada mais são do que as ações e intenções dos indivíduos, visto como agentes volitivos, e não como seres reativos. Como esta pesquisa tem outro propósito que não a dimensão mental do indivíduo e coletividade, o método viu-se desfalcado de sua abordagem.

O presente estudo está distante da aceção do reino da mente como impenetrável, indemonstrável, e, portanto, além da investigação. O método se pautou pelas condições de pesquisa, e não por crença no inatingível da mente humana. E o termo “comportamento” se dispõe apenas porque sacramentado na literatura. Em meu entender, o ser humano está carregado de propósito, e age em função de interesses seus, formulados ou não. A intenção precede a ação. Daí que as implicações mecânicas do termo não serão empregadas.

Irwin Altman (apud MOORE, 1984) apresenta três componentes para o estudo do comportamento ambiental: fenômenos do comportamento, ambientes e grupos de usuários. Em relação a Barker e Wright, elimina as regras, motivações e o tempo, mas acrescenta algo fundamental: os usuários. Incluindo os papéis vividos, as relações e atividades do indivíduo presente no lugar, a exemplo da sala de aula, onde a relação professor-aluno é fundamental.

Estes *usuários* merecem uma definição. Entende-se por usuários todos aqueles que executam suas ações na área-estudo. A marca indistinta do usuário é a *presença*., nos termos da pesquisa, centrada na praia, como antes exposto.

Uma outra modalidade de apropriação da praia e do litoral seja o da *visão*, que não implica em presença necessária. A expansão metropolitana calcada na idéia de “vista para o mar” o comprova e a apreciação visual do horizonte oceânico é item obrigatório em seus debates. Gomes (2002) assinala ainda, para o caso do Rio de Janeiro, que a praia atua como elemento *identitário*. Um lugar pode ser “usado”, então, por parcelas da população da cidade apenas de maneira simbólica, como defende Ramón Gutierrez (1989), para o caso ubíquo dos centros urbanos. São ausências neste trabalho.

O meio ou *milieu* necessita de algumas redefinições. Uma primeira visa eliminar o foco extremado sobre a fisicidade da constituição do meio, idéia cara ao arquiteto sob a forma do *espaço construído*. Porém, dos diversos aspectos que afetam o comportamento no espaço, muitos não são construídos – como a qualidade da água ou correntes marinhas – e alguns deles nem mesmo se podem chamar propriamente de físicos, como radiação solar e odores. Peter Cook se pergunta: "Si caminas por Oxford Street y comienza a llover de pronto, qué te influye más, las fachadas de los edificios o la lluvia?"¹⁵

¹⁵ POUCHULU, 2007.

A praia é um meio especialmente suscetível a esse tipo de influência. Ao meu ver, a denominação que Jean-Paul Thibaud (2005) confere, a de *ambiente sensorial*, é mais evocativo do quão imponderáveis podem ser tais fatores, e de como eles se constituem através dos sentidos.

Nos estudos de comportamento, chama-se *affordance* (GIBSON, 1979 apud GÜNTHER, 2003) aquilo que o ambiente fornece e o usuário toma para si – aqueles aspectos que distingue e interferem em suas atitudes, para o bem ou para o mal. Podem ser físicas (calor, iluminação, etc.) ou originários da interação com outros indivíduos. O que nos leva a observar que também fazem parte do *milieu* de cada usuário os *outros usuários*. Porém, para termos da construção conceitual de um binômio entre usuário e meio, o papel dos demais usuários se entende como externo ao meio.

E, para termos da pesquisa, detectou-se com mais facilidade as *affordances positivas*, por assim dizer: aquelas que atraem determinadas pessoas. Em poucas ocasiões vieram à tona as *affordances negativas*, fatores ambientais que afastam usuários em potencial do lugar.

Farinha (2005) observa que o *milieu* é constituído por elementos de natureza fixa – paredes, janelas, dimensão da sala, etc. – e de natureza semi-fixa – arranjo de peças de mobiliário, etc., observação ratificada por Hall (2005), para outros fins. Isso ainda nos é insuficiente. Em *A Natureza do Espaço*, Milton Santos (1999) nos traz alguns conceitos úteis, dentre os quais o de *objeto*:

Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade. (SANTOS, 1999: 59).

Aqui há uma diferença importante:

No princípio, tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a ser objetos. Assim, a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais de coisas e, ironicamente, é o próprio movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor. (SANTOS, 1999: 53).

O que marca o objeto é sua sujeição aos desígnios e intenções humanas, não sua manufatura. A praia é um objeto composto por outros objetos, tributários do uso de tal ambiente, o que nos permite elencar no mesmo rol o construído e o natural, incluindo componentes bióticos. Como vantagem sobre o conceito de *milieu*, temos que o ambiente sensorial está povoado de elementos significados pelo homem.

Uma vez destacados os elementos do ambiente analisado, podemos reagrupá-los sob outra égide. Santos (1999) fala de uma aproximação sucessiva de pares conceituais para definir a Geografia, da qual nos apresenta a idéia de *sistema de objetos* e *sistema de ações*.

Nossa proposta atual de definição de geografia considera que a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação que formam o espaço. (SANTOS, 1999: 51)

Com a idéia de um *sistema de objetos*, pode-se vincular da conformação do relevo natural a uma peça do vestuário dentro de uma mesma lógica, sempre restrito à área-estudo. Por outro lado, supera uma dificuldade implícita no conceito de *affordance*, onde o indivíduo é passivo em relação ao meio.

O sentido em que se emprega o sistema de objetos talvez não seja o mesmo que o geógrafo pensaria. Embora conceitualmente, o binômio *sistema de objetos/ sistema de ações* possa ser usado em uma escala menor que a pretendida por Santos, e chegar ao uso pontual do espaço da praia, ele se refere inicialmente a um sistema mais amplo, perpassando a sociedade, já que suas partes só são viáveis em conjunto. Dá o exemplo entre a geladeira e o *freezer* domésticos, o caminhão refrigerado, os depósitos frios nos comércios e os grandes frigoríficos e fábricas (SANTOS, 1999: 58). Mas nada impede que seja uma questão de escala. Difícil saber até que ponto se desvirtua a idéia de outrem, visto que no livro Santos apenas apresenta tais conceitos, sem desenvolvê-los. Ainda que o uso dado na dissertação não destoe do que se apresenta textualmente na obra (SANTOS, 1999), assumo a responsabilidade pela sua aplicação.

Segue o outro elemento do par apresentado. Os fenômenos de comportamento de que nos fala Altman são reinterpretados, transformados em *ações*. O conceito de *ação* que Milton Santos nos traz é solidário com a natureza presencial da abordagem do usuário na praia:

A ação é o próprio homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. A natureza não tem ação porque ela é cega, não tem futuro. As ações humanas não se restringem aos indivíduos, incluindo, também, as empresas, as instituições. Mas os propósitos relativos às ações são realizados por meio dos indivíduos, conforme assinala B. Hindess.

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizando através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas. (SANTOS, 1999: 67).

As ações se reagrupam igualmente em sistemas, em que pese a mesma ressalva anterior. Para o sistema de ações situado no ambiente da praia entende-se aquelas que perfazem um conjunto, não necessariamente solidárias no tempo. Novamente o delimitador é a área-estudo. Tratando-se de ações circunscritas ao âmbito local, os sistemas não se expandem para além dele.

Há similares nos métodos de comportamento ambiental. O programa ou *script* é o nome dado ao encadeamento estrito das ações de um usuário em dado ambiente. Enquanto que às séries de ações de um mesmo indivíduo ou grupo de usuário durante seus percursos chama-se *seqüência comportamental*. O primeiro conceito limita-se à descrição de um dado ambiente, enquanto o segundo não nos serve porque foca em demasia um usuário, ou tipo de usuário, em específico, quando o que nos interessa é seu conjunto, e suas ações globais, na praia e à medida que se distinguem e interagem com os demais. Não só tal conceito é inadequada, como a idéia de sistema de ações se complementa com a de sistema de objetos.

os usuários e suas relações

Moore (1984: 69) diz: “Grupos diferentes têm necessidades e padrões de uso diferentes e são afetados de modo diferente pela qualidade do meio ambiente”. Dentro das ações há uma emergência de padrões, do comportamento pessoal a setores específicos da sociedade e dela como um todo. Daí que para a área-estudo a unidade de observação não é o indivíduo, mas o *grupo de usuários*, através de sua unicidade com um sistema de ações e um sistema de objetos próprios.

Para evitar a repetição exaustiva de um mesmo vocábulo, os termos *usuários* e *atores* são considerados sinônimos, sempre no sentido dos indivíduos que agem no espaço físico, embora a preferência seja para o primeiro.

O *grupo de usuários* é um agrupamento de pessoas com comportamento similar. Fala-se da recorrência da ação como tipo, não como indivíduos. Eles podem estabelecer entre si laços ou não, ou mesmo nem se conhecerem. A racionalização do tipo se dá a fim de tornar a mixórdia inteligível, e incide naquilo presente na maioria dos indivíduos, o que os define como usuários. Sem ser um estudo sociológico, esta abordagem tem similaridades.

Toda sociologia é uma reconstrução que tende à inteligibilidade das existências humanas, que são confusas e obscuras como todas as existências humanas. (...) Os sociólogos têm o objetivo de tornar inteligível até o limite o que não o foi, de fazer aparecer o sentido daquilo que foi vivido sem que o sentido tenha sido consciente aos que o viveram. (ARON, 1987: 482).

É comum nos estudos de comportamento enfatizar diferenças culturais; características pessoais como idade, sexo e personalidade ou papéis interpessoais. Isso não acontece aqui, já que não é propósito analisar as divisões da sociedade a partir da renda, estamento, etnia, religião, procedência¹⁶, etc. Embora tais clivagens sociais possam interferir nas ações na praia, são observadas somente quando resultam em um comportamento distinto. A pergunta se fundamenta no espaço da praia, como ele é usado, e não nos grupos sociais e suas relações dentro e fora da praia.

Gomes (2002) alerta para a intercambialidade dos papéis: um mesmo indivíduo pode ser funkeiro e tornar-se evangélico, ou comportar-se como ambos, em ambientes distintos. Isso não afeta a pesquisa. O foco é sua ação frente à praia. Aceita-se que um mesmo indivíduo vá como banhista e como praticante de pesca submarina em dias distintos. Para termos da pesquisa, não importa se é o mesmo indivíduo, mas se são dois usos distintos.

Ainda assim, restam problemas metodológicos. Quais usuários devem ser levados em conta? A partir de que escala de ação, da ação em si e do ator, e como se pode criar um conhecimento científico a partir disto? Em um momento inicial, são vistos os usuários que correspondem a usos de maior incidência, em quantidade de sujeitos ou distribuição ao longo do tempo e percurso estudados. Contudo, em certas dinâmicas, indivíduos

¹⁶ A exemplo do estudo que Gomes (2002) faz nos arrastões nas praias de Ipanema e Leblon, no Rio de Janeiro, onde parte da territorialidade da praia é consequência direta da origem, com o bairro de origem que será o marco de distinção das “galeras”.

específicos são determinantes. Suas ações se dão nesse nível, e não mais no do grupo de usuários, afetando uma área de pequena escala, e são apontados no trabalho.

Os sistemas de ações e os sistemas de objetos - a redefinição dos fenômenos de comportamento e do ambiente dos estudos de comportamento - é o que nos permite caracterizar os usuários na área-estudo. Tais sistemas têm seu significado dado a partir de seus usuários, guiando-nos como caminho reverso, identificando os distintos usuários.

O passo seguinte é uma compreensão sobre suas relações no tocante ao comportamento. Sem diferir os tipos de usuários, os estudos de comportamento abordam a presença de menos pessoas que o "normal" (*under-manning*) e o excesso de gente (*over-manning*), esta mais estudada na forma da aglomeração (*crowding*), que afeta o comportamento original. Tuan (1983) distingue o espaço físico da sensação de ter espaço, a que chama de *espaciosidade*; e o seu revés: no lugar da densidade, a sensação de densidade, que seria o *apinhamento*. Nos estudos de comportamento ambiental, a quantidade se relaciona ainda com as condições de instauração e dissolução do *behavior setting*, na forma de um número mínimo de pessoas para configurá-lo (a chamada *manutenção*) e o número máximo (a *capacidade*). Tais conceitos são todos hipóteses em aberto, a auferir na área-estudo.

No comportamento ambiental, o estudo dos participantes inclui os *papéis* que assumem entre si no contexto específico: a condução das ações, a transição entre o exterior e o interior do ambiente propriamente dito, entre outros.

En los estudios de Altman [Altman y Taylor, 1973] se pone en claro que las relaciones firmes que surgen ligando personas a localizaciones no pueden ser bien comprendidas si no se hace referencia a las demás personas que se encuentran en esas situaciones.

(...)

Es necesario entender el papel que juegan las otras personas implícitas o realmente presentes en la situación que se considera, para poder explicar plenamente el comportamiento humano espacial observado. En restaurantes, son los demás comensales y el personal de servicio quienes proporcionan un contexto en la selección de la mesa. De manera semejante, en las zonas de espera de las estaciones ferroviarias, los otros pasajeros y usuarios que aguardan son quienes establecen en el escenario en que cualquier individuo procede a seleccionar el punto en que ha de situarse. (CANTER e KENNY, 1978: 197).

Nos estudos convencionais, que lançam luz sobre situações específicas, distingue-se o *espectador* do *participante*, onde o primeiro assiste enquanto o outro é membro envolvido no ambiente de comportamento; papéis principais e secundários, incluindo o papel de *diretor*, que conduz a situação. Esta definição de papéis também foi reelaborada, por conta da diversidade de situações, dimensão da área-estudo e pelo foco da pesquisa, menos específico que os estudos tradicionais.

Em vez da idéia de um *behavior setting* específico, se trabalha com padrões espaciais e de comportamento que permitem perceber grupos de usuários similares ao longo de 10 km de faixa de areia, sem sacrificar particularidades de cada subtrecho. Distintos grupos de usuários buscam *affordances* que raramente se limitam a um único ponto, repetidas pela área-estudo. Distintos grupos de usuários buscam *affordances* distintas que se sucedem ao longo do tempo em um mesmo trecho. Há um padrão discernível para esses movimentos de ida à praia? Podem papéis ser desenhados de modo a elucidar tais dinâmicas?

As relações foram reduzidas a pares de grupos de usuários. Não houve casos comuns de interações mais complexas que estas. A nomenclatura não visa tanto o rigor, mas mostrar algo da trama de cada lugar.

Entre dois grupos dados, as relações podem ser harmônicas ou desarmônicas. Entre as relações harmônicas, pode haver o simples *convívio*, onde as atividades das partes não interferem uma nas outras. Há o caso sutil do *benefício lateral*, onde uma atividade produz externalidades vantajosas a outrem. Com o *apoio* entendo aquele usuário que auxilia outro, sem nenhuma contrapartida de maior vulto. Com a *sinergia*, os casos onde ambas as partes entabulam uma relação, com livre vontade, com vantagens para ambos.

Das modalidades desarmônicas, temos o *conflito*, onde ambas as partes convivem no mesmo espaço, embora seus interesses choquem em algum ponto. Por último, uma forma particular, onde a relação é estabelecida a contragosto de uma das partes: vou chamá-la de *assédio*.

As tramas formadas encontram grupos de usuários nodais, que entrelaçam os demais, o que levou a discernir sua dinâmica própria.

Há os usuários que primeiro se dirigem à praia, em princípio independentes de outros atores em cena - foram chamados de *usuários originários*. Sua ida e sua permanência não se condicionam à presença dos demais, e representam, em estado bruto, a diversidade de interesses que o meio praiano tem como destino para a população. Esse modelo é uma abstração, visto que há realimentações positivas e negativas, a partir da relação entre os grupos de usuários e entre usuários de um mesmo grupo. Porém nos serve como forma de distinguir essa procura pela praia. Atentar que, neles, a *affordance* vincula-se prioritariamente ao meio físico da praia.

Alguns destes usuários desempenham outro papel: mobilizam outros grupos para a praia. São, por excelência, o principal elemento da *affordance* de outras pessoas, e são os verdadeiros responsáveis pela pulsação do espaço. Chamei de *usuários mobilizadores*. O seu reverso são os usuários que buscam na praia *affordance* constituída por outros usuários: os *usuários mobilizados*.

Tais relações acontecem no espaço. É comum nos estudos de comportamento ambiental aparecer, neste momento, o conceito de *territorialidade*. Conceito de complexo manejo na etologia - ciência que estuda o comportamento dos animais e da qual proveio a acepção mais estreita entre ente e espaço -, conforme apontado por Canter e Kenny (1978): Carpenter (1958 apud CANTER & KENNY, 1978) listou 32 significados diferentes para território e territorialidade¹⁷, a partir de fenômenos específicos de cada ramo da

¹⁷ Em Howard (1920 apud CANTER & KENNY, 1978) é uma pequena porção do espaço defendida; em Hinde (1956 apud CANTER & KENNY, 1978), um pequeno território móvel; em Jourdain (1921 apud CANTER & KENNY, 1978), uma ampla zona difusa do terreno; em Timbergen (1957 apud CANTER & KENNY, 1978), há variação de acordo com o período do ano em que se ocupa o espaço. Para os mamíferos, há o conceito de zona-lar (*home-range*), uma área difusa com limites superpostos, onde o contato é evitado pela distância temporal. Nos primatas se observa ainda (MARSDEN, 1971 apud CANTER & KENNY, 1978) hierarquias de domínio: qualquer indivíduo pode ser desalojado pelo seu superior, somente a subversão da hierarquia por indivíduos estranhos incita comportamentos territoriais.

natureza. As características do ser humano impedem ainda a transposição literal, já que ele possui um aprendizado além do instintivo, prevê situações e comunica-se em vários níveis, tem interesses além da sobrevivência imediata, e se agrupa de maneira múltipla - um mesmo indivíduo pertence a grupos distintos, com filiações dinâmicas e participação variável de acordo com a distância. Moore (1984), quanto aos homens, fala que os territórios são ambientes de comportamento definidos por: área espacial; posse ou controle por pessoa ou grupo; satisfação de motivos ou necessidades; marcação, concreta ou simbólica, e desconforto das pessoas com a intrusão de estranhos¹⁸.

A nossa navalha de Occam é a tradução em algo perceptível ao método de estudo: a distribuição rotineira dos usuários na praia ao longo do tempo da pesquisa. Não se leva em conta a posse efetiva do espaço, o sentimento ou a sensação de posse, que seja de um canto pequeno ou de um trecho extenso¹⁹. A distribuição anisotrópica dos grupos de indivíduos no espaço, tema que originou os estudos de comportamento ambiental, caracteriza uma territorialização, no sentido que Moore confere? Implica, além de uma área, da sensação de intrusão e da satisfação, em controle e demarcação? O movimento implica a construção do sentido de territorialidade? São perguntas em aberto. De toda forma, a distribuição dos grupos de usuários no espaço se demarca.

Há outra maneira de se relacionar com o espaço que não a estacionária.

A ocupação estática, porém, é apenas uma das formas de apropriação do espaço exterior. Uma outra consiste na apropriação pelo movimento. (...) Pode ser ocupada [uma alameda] pelas pessoas em movimento, tal como podem ser ocupadas as escadas do pelourinho pelo aldeão que nelas se senta. (CULLEN, 1983: 25).

São os *percursos*: caminhando, correndo, de passagem, etc. A disposição das pessoas no espaço, neste caso, se dá em trajetos e pontos de parada.

A distribuição no espaço pode ainda nos revelar algo mais sobre os usuários. Há trechos onde apenas um perfil de usuário aparece, e não por qualidades ambientais, mas relacionais – configura-se como um enclave ou “território”, embora sem as características expostas para este conceito – embora seja difícil de ser afiançado. O conflito, relação desarmônica antes exposta, pode ser velado, mascarado pela distância no espaço ou afastamento no tempo, com alternância de horários. O que nos leva à questão do tempo.

¹⁸ Porém Canter e Kenny (1978) deslocam a questão para a *intimidade*: o território demarcado, e o próprio comportamento espacial, é um tipo de comunicação, maneira de controlar quem acede e que informação acerca de si mesmo se comunica, e sob quais condições (WESTIN, 1967, apud CANTER & KENNY, 1978). A vertente *comunicacional*, por assim dizer, dos estudos de comportamento, apresenta a vantagem de não recorrer a nenhum mecanismo biológico instintivo.

¹⁹ Segundo Moore (1984), pesquisas mostram que pessoas menos dominadoras constituem um pequeno território e o defendem intensamente, e as mais dominadoras vagam livremente por toda a parte, com pequena territorialidade espacial. Independente das personalidades, aponta que a contrapartida da permissividade em vagar seja a pouca territorialidade espacial.

o tempo: duração, momento e período

Uma das características originais do método do *behavior setting* é o estudo da vida cotidiana, portanto, daquilo que é rotineiro. O que foi também adaptado, como veremos.

O *tempo*, no ambiente de comportamento, absorve itens diferentes entre si. Um deles é a *duração* da ação. Outro é o *momento* da ação, já que indexamos os segundos, minutos e horas dentro do marco constante do dia. O outro é o da *periodicidade* da ação – se ela se manifesta com certa frequência, se é errática ou ainda um acontecimento singular. A noção de período é crucial para esta pesquisa, pois a área-estudo é entrecortada por ciclos diversos. Então, para além dos acontecimentos da vida diária, compreende-se um marco de tempo maior, de um ano, para observar as pulsões da atividade humana na área-estudo.

a observação

A *observação* é direta, com apelo à observação semi-participante, nos casos onde o pesquisador pode assumir o papel de usuário da praia. Tratou-se ao máximo de evitar a distorção das relações observadas, de modo intencional ou não.

O principal instrumento de registro é a câmera fotográfica digital, com grande quantidade de capturas por jornada. Outro instrumento é o croqui, principalmente das pessoas e os objetos que utilizam – perde em velocidade, mas apura o olhar do pesquisador para as minúcias pretendidas. O registro em mapas parciais se fez no próprio local, sendo elemento fundamental a espacialização dos dados, auferidos no local e interpretados a partir das fotos.

A praia é um território de área oscilante. Nenhum perfil, nenhuma planta baixa sua, é nem pode ser definitivo. Para confrontar a extensão da variação nas maré altas e baixas e variações na desembocadura dos rios, e revelar rochas semi-submersas e áreas próprias ao banho, contou-se com ortofotos de diversas procedências, incluindo tomadas diferentes disponíveis via o *software* Google Earth, ao longo dos meses da pesquisa.

O problema da identificação dos grupos reside naqueles cujos ciclos são muito largos, como acontece com festejos tais como o *reveillon*. Ou que ocorrem em condições e horários impróprios para o pesquisador – como à noite, em lugares perigosos. Recorreu-se a conversas e depoimentos de usuários da área-estudo para identificar dinâmicas e usuários não apreendidos nas visitas iniciais. Indicações depois verificadas pessoalmente *in situ*. Nos casos em que tal não se deu, manteve-se a informação em suspenso, com procedência do depoimento registrada.

Como seria inviável ilustrar cada situação e cada usuário, ainda mais seus objetos, as fotos se relacionam com o que foi considerado mais importante. Dos usuários, foram dois os critérios, que se amalgamam: a constância de uso ao longo da área-estudo (de preferência, aquelas ações e atores que estão presentes, ainda que difusos, por toda sua extensão), e o espaço físico e visibilidade que tem e ocupam.

Como são mais fotos do que croquis, optei por manter a homogeneidade, e usar as primeiras. Das atividades de cada agente, sua diversidade impede de ilustrá-las, exceto daqueles que são em maior número na praia.

o complemento historiográfico

De maneira análoga ao apontado por Rossi (1973) quanto à análise funcional na urbe, o estudo anterior pode apenas apontar o quadro de práticas que acontecem no presente. Estabelece em pé de igualdade pelo vulto dois fenômenos que podem estar, por exemplo, em processo dinâmico distinto, um em franco abandono e o outro em emergência. Uma historiografia do vigente auxilia a situá-los.

Uma diferença entre os estudos behavioristas clássicos e os comportamentais da vertente ecológico é o *aprendizado* que existe neste. Aprendizado que, quando abordados os grupos de usuários, pode ser individual ou socializado. Além da memória fatural dos indivíduos e grupos, existe a memória metafórica encarnada pelas edificações. A inércia da forma construída, as *permanências* (ROSSI, 1973), que dão forma e razão a certas dinâmicas que, tendo que instalar-se do zero, não teriam como existir. A extinta piscina de água salgada de Ondina, uma vez construída, atraía para si gente, substanciava uma demanda até então virtual.

As fontes empregadas foram, em sua maioria, periódicos, cobrindo a partir da década de 1970. Sobre o tema, são escassos os livros, geralmente sobre bairros específicos, embora de conteúdo bastante proveitoso. Alguns planos governamentais para a orla, em seus diagnósticos, apresentaram dados relevantes, empregados para montar o quadro. Complementado com depoimentos pontuais de testemunhas do século XX. O propósito foi reconstituir em linhas gerais a dinâmica da praia na cidade, especialmente nas práticas e usuários atuais, com alguns recuos históricos maiores, no que se empregou como base literatura mais farta, como se verá.

1.5. A APRESENTAÇÃO

O recurso gráfico foi modalidade de reflexão sobre os dados da realidade, indispensável para esta pesquisa. A ilustração de conceitos, como são os diagramas, correspondem ao metapensamento de que fala Vilém Flusser (1971), quando analisa e compara as duas formas de expressão que chama de *pensamento em linha* (a escrita) e o *pensamento em superfície* (a imagem), a partir de suas potencialidades, limitações e cruzamentos.

Em suma, queremos dizer que o pensamento imagético está se tornando capaz de pensar conceitos. Ele é capaz de transformar o conceito em seu 'objeto' e pode, portanto, tornar-se metapensamento de um modo de pensar conceitual. Até então os conceitos eram passíveis de ser pensados somente por meio de outros conceitos, da reflexão. O pensamento reflexivo era o metapensamento do pensamento conceitual, e ele próprio era conceitual. Agora o pensamento imagético pode começar a pensar conceitos em forma de modelos de superfície (*surface models*). (FLUSSER, 2007: 118).

E, por último, é uma maneira de apresentar algo do concebido a partir disto ao leitor. O que de um modo geral se tem como *ilustrações*, neste caso correspondem a tipos distintos, no que julguei por bem separá-los em: pranchas, mapas, diagramas e fotos.

Em *pranchas*, desenhos de caráter arquitetônico, a partir da representação mongiana, seja em escala ou esquemáticos: cortes, plantas, fachadas. Não são exatamente técnicos, por conter representações mais livres. Os mapas estão fora dessa categoria, por seu vulto.

Os *mapas* dispensam maiores explicações. Neles, na descrição dos aspectos físicos de cada lugar, uma ressalva: foi usada a palavra *paisagismo* no sentido mais estreito e leigo, como intentos de melhoria do entorno através de elementos vegetais, como gramados, flores e mesmo o plantio de árvores.

Os *diagramas* são desenhos que relacionam, de modo abstrato, aspectos diferentes da área-estudo, segundo o método exposto no trabalho. Enfrentam a dificuldade de sintetizar algo que corresponde à interação dos múltiplos usuários entre si e com o espaço, ao longo de uma área variada e ao longo do tempo. São dois os tipos desenvolvidos. O primeiro expõe a relação entre os usuários, com foco na ação entre estes, abstraindo sua constituição histórica, dentro das categorias de relação antes elencadas. O segundo tipo vincula o espaço aos usuários; existem fatores ambientais específicos, outros genéricos, em itálico e sem destaque. Ênfase nos usuários mais importantes para a dinâmica do espaço. Uma questão sutil ainda é a da preexistência. A rigor, todo elemento construído em um momento, preexiste no instante seguinte. Foram considerados como efeitos da transformação física aqueles elementos que estão sob gestão de um grupo de usuários, incluindo manutenção e adaptações. Assim como existe uma realimentação na *affordance* por parte da presença de outros usuários, que foi considerada. Do outro lado do espectro, os fatores ambientais. Há fatores exteriores à praia, não exibidos no diagrama, desenvolvidos em parte posterior da pesquisa. O vínculo entre usuário e espaço não constitui uma relação biunívoca: para alguns, há uma correspondência estreita, sem exceções, enquanto outros são condicionantes, possibilidades de uma relação, já que outros aspectos interferem com maior peso. A distribuição das qualidades ambientais e dos usuários está na descrição particular de cada um deles.

As *fotos* são compostas pelas mesmas, de início. Porém nem todas são fotos singulares: algumas são agrupamentos de fotos por tema, como uma seqüência de ações ou escalonamento de objetos perfazendo os ditos sistemas. A estas chamei de *esquemas*, na falta de um termo melhor. Agrupamentos mais extensivos, ilustrando melhor o conceito, não foram elaborados, para não multiplicar o já excessivo número de imagens. Ainda assim há de se acusar o trabalho de ter fotos em demasia, o que é verdade. Há duas escusas para o feito. O primeiro é o meu desejo de enfatizar tanto o gestual como a materialidade da praia e seus artefatos, em todas as escalas. O segundo é que, nas últimas semanas de execução do texto, no momento da seleção das fotos, a pesquisa revelou-se como uma arqueologia do presente.

No instante em que estas palavras vão sendo escritas, parte daquilo pesquisado está sendo posto abaixo: as barracas de praia. Primeiro, as que não foram concluídas, complementadas com improvisos toscos de seus permissionários. Porém a decisão avança sobre as demais. Provável que muito do aqui descrito, não só das condições

materiais mas da própria dinâmica observada, esteja irremediavelmente obsoleto ao cabo de algumas semanas mais.

Não é somente a obsolescência que se lamenta, visto que, no âmbito científico, algo fica. Porém a perda das belas melodias que possam estar, e estão, entremeados na densa cacofonia do vivido.

CAPÍTULO 2

A ÁREA-ESTUDO

2.1. TOPONÍMIA

Eis a toponímia escolhida, para o leitor entender a que lugares o texto se refere.

A área-estudo por si só é grande. Porém escolhi abarcar a orla atlântica da Barra até Itapuã, já que o texto se refere a pontos específicos desse trecho.

Muitos lugares mudaram sua denominação. Não encontrei referências que localizassem as praias de Carimbamba¹, Saraiva, Cataçaba, Pau de Pinho, nem mesmo se se situavam no trecho estudado.

O atual Morro do Cristo, até a década de 1970 era o *novo* Morro do Cristo, porque a estátua fora transferida do morro onde hoje está a Prefeitura da Aeronáutica. A Praia do Cristo é onde se situa a dita estátua, ao lado do Clube Espanhol.

O termo Bacia das Moças denomina três praias distintas: um trecho específico da Pituba, entre o atual Jardim dos Namorados e o Clube Português; um pedaço do Morro da Sereia, ponta sudoeste da Praia da Paciência (OCEPLAN, 1981); e um trecho da atual Praia de Ondina (BAHIA, 1971). Em comum, o fato de serem piscinas formadas por pedras.

O bairro de Ondina, por suas pequenas enseadas, apresenta confusão. O nome Ondina para a praia é tanto assinalado para o trecho próximo ao atual Ondina Apart Hotel como aquele próximo ao Morro da Sereia. Outros nomes assignados para esses trechos: Praia da Paque, Areia Preta (sem localização definida), Praia de São Lázaro (onde fica o Ondina Apart Hotel), Bacia das Moças e Canzuá (ao lado do Morro da Sereia).

Até a década de 1960 a Praia do Forte era um trecho do litoral do Rio Vermelho, em referência ao forte que havia onde está a nova Igreja de Santana. A praia não existe mais. Sem relação alguma com a atual Praia do Forte, em Mata de São João, em referência ao Castelo Garcia d'Ávila.

Não há uma transição clara entre a Praia de Amaralina (a nordeste da Ponta de Itapuãzinho) e a Praia da Pituba. É chamado de Praia de Amaralina o trecho que vai do Quartel de Amaralina até o Largo das Baianas como o trecho imediatamente a norte deste (BAHIA, 1973) – que também é considerado parte da praia da Pituba (OCEPLAN, 1975), refletindo a própria indefinição quanto ao limite destes dois bairros.

A Bacia das Moças da Pituba é nome fora de uso, como é o da praia do Bico de Ferro, a seguir, onde hoje é o Jardim dos Namorados. Não encontramos referência precisa sobre as praias do Final de Linha e o Salva-Vidas que, junto com a Bacia das Moças, perfaziam o conjunto das praias da Pituba.

¹ Embora tenha havido edifício com o mesmo nome na atual praia do Corsário, que foi demolido.

Chega-Nego, originalmente Chega Negro, é nome ora da área da foz do Rio Camurujipe, no Costa Azul (BAHIA, 1971), ora de trecho próximo ao Parque Aero clube (SEPLAM-RENURB, 1988), onde se situa a “casa de pedra”². A primeira, mais apropriada – até pela área prestar-se para porto – foi a usada.

O Jardim de Allah também é chamado de Jardim de Alá. Prefiro a primeira grafia, mais próxima de sua origem islâmica.

O rio que hoje se chama de Camurujipe antes se grafava Camorogibe, e ainda Camarogipe (BAHIA, 1973). A grafia original supõe-se que seja Camarajipe, já que se refere a uma alga avermelhada - razão de ser do nome Rio Vermelho, ao passo que Camurujipe aludiria a um peixe impossível de existir no rio. Seu percurso é ainda mais ambíguo. Segundo os geólogos, em depoimento de Diógenes Rebouças, o curso original do rio se dava pelo atual vale do Camurujipe, desaguando no Costa Azul. Em acidente geológico recente, anterior à cidade, passou a percorrer o vale da atual Chapada do Rio Vermelho, desaguando onde hoje é o Largo da Mariquita. Obras sanitárias recentes voltaram a mudar o curso do rio, para o Costa Azul.

A praia defronte ao loteamento Jardim Armação será denominada Praia de Armação (BAHIA, 1973), embora o mirante a anuncie como Jardim de Alá.

Boca do Rio era nome antigo da foz do Rio das Pedras, o que é coerente. Porém, é hoje nome dado à praia defronte ao Aero clube Plaza Show.

A praia ao lado da foz do Rio das Pedras, ou rio Saboeiro, era chamada de Aratibaia ou Aratubaia, na época em que só havia pescadores. Depois foi chamada de Praia dos Artistas, nome em franco desuso. O mais provável é Aratubaia, por ser nome popular de um pescado. Preferiu-se este a Praia dos Artistas, já que esta se confunde com a praia do Corsário.

A represa e praia de Pituçu também são grafadas como Pituassu (BAHIA, 1973).

O rio e a praia de Jaguaribe também são grafados de Jaguaripe (BAHIA, 1973).

Não há transição clara entre as praias de Jaguaribe e Piatã. A foz do rio Jaguaribe é comumente chamada de Terceira Ponte. O trecho intermediário é chamado por alguns de Praia do SESC, defronte à sua sede de praia.

A praia de Placaford é grafada como Placafor, Plakafor e Plakaford, e ainda Plakford (SEPLAM-RENURB, 1988). Tampouco há transição entre as praias de Placaford e Itapuã. Em certos documentos, a praia de Placaford não consta e é parte de Itapuã.

Considerarei o bairro cantado por Vinicius de Moraes como Itapuã, embora seja freqüente até os anos 1980 a grafia Itapoã (BAHIA, 1971; BAHIA, 1973; SEPLAM-RENURB, 1988).

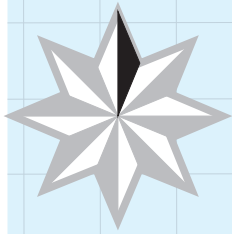
² Local de polêmica recente já que tal área próxima ao antigo Aero clube é tombada desde a década de 1940 por seu valor paisagístico. PRAIA CHEGA-NEGO É TOMBADA, Jornal A Tarde, Salvador. 19 out. 2006. Esta polêmica desdobrou-se ainda em duas vertentes: na descoberta que o nome referia-se à enseada da foz do Camurujipe e na extensão real do tombamento, que de fato vai até Piatã. Porém, isso não diz respeito a esta pesquisa.

A praia de Itapuã, por sua vez, foi dividida, para termos deste trabalho, em duas frentes. A primeira, da praia de Placaford até a extremidade norte do Parque da Sereia, chamei de Sereia; a segunda, dali até o Farol de Itapuã, denominou-se Farol.

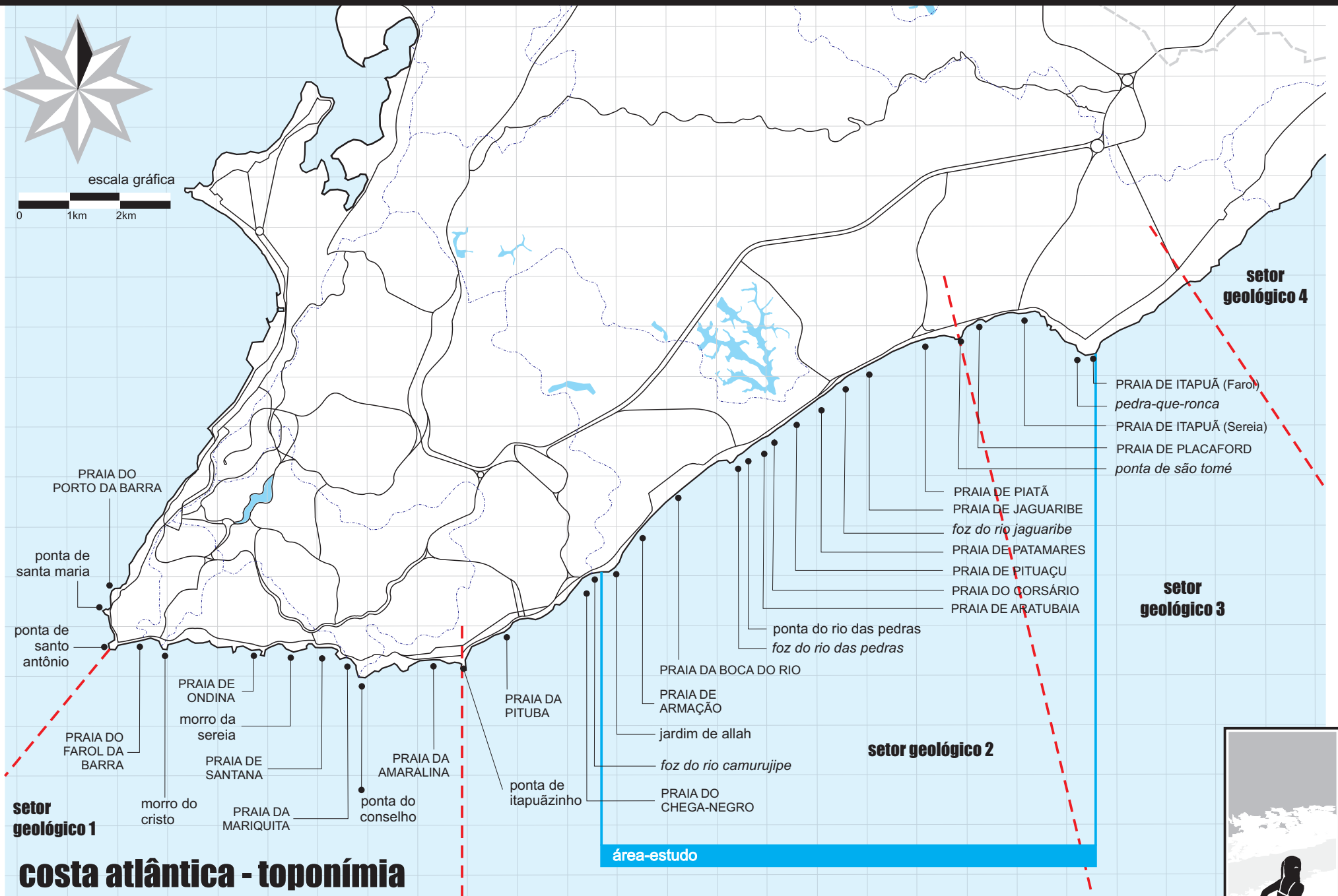
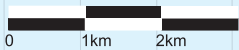
A nomenclatura dos logradouros sem saída para veículos, terminando em rotatória, que acedem à praia, apresenta três versões diferentes. Uma, primitiva, com letras do alfabeto, que deu vezo à toponímia popular de trechos das praias. Outra, com nomes, a grande maioria iniciando com as letras do alfabeto correspondente, que conta da base cartográfica digital da Prefeitura Municipal de Salvador. E uma terceira, com nomes vinculados às atividades artísticas de Vinicius de Moraes, que consta das placas oficiais dos logradouros.

O que definitivamente fixou os nomes no imaginário foram os mirantes construídos em 1985, no Projeto de Valorização da Orla Marítima, que constavam do nome das localidades. Para termos do trabalho, adotei quase todas as denominações e circunscrições, com exceção do Jardim de Allah, restrito ao entorno imediato do gramado e, por conseguinte, estendendo Armação até o mirante do Jardim de Alá (sic).

Um fenômeno singular é que a divisão das praias apresenta uma lógica relacionada com a escala da orla e de sua ocupação. Em um primeiro instante, quando o acesso mais massivo detinha-se em Amaralina, as variações de enseada dali até o Farol da Barra tinham seus próprios nomes, enquanto as praias atlânticas mais distantes eram divididas em trechos de mais de 2km com nomes gerais. À medida em que esse trecho tornou-se mais acessível, e a população se distribuiu, as frações menores tradicionais se recombinaíram toponimicamente – como aconteceu com Ondina – enquanto os trechos maiores do norte se repartiram – como aconteceu com Itapuã e Jaguaribe. Isso está em curso agora nas praias ao norte de Stella Maris, que vão recebendo nomes gradualmente.



escala gráfica



setor geológico 4

- PRAIA DE ITAPUÁ (Farol)
- pedra-que-ronca
- PRAIA DE ITAPUÁ (Sereia)
- PRAIA DE PLACAFORD
- ponta de são tomé

setor geológico 3

- PRAIA DE PIATÃ
- PRAIA DE JAGUARIBE
- foz do rio jaguaribe
- PRAIA DE PATAMARES
- PRAIA DE PITUAÇU
- PRAIA DO CORSÁRIO
- PRAIA DE ARATUBAIA

setor geológico 2

área-estudo

PRAIA DO PORTO DA BARRA

ponta de santa maria

ponta de santo antônio

PRAIA DO FAROL DA BARRA

PRAIA DE ONDINA
morro da sereia

PRAIA DE SANTANA

morro do cristo

PRAIA DA MARIQUITA

PRAIA DA AMARALINA

ponta do conselho

PRAIA DA PITUBA

ponta de itapuázinho

PRAIA DA BOCA DO RIO

PRAIA DE ARMAÇÃO

jardim de allah

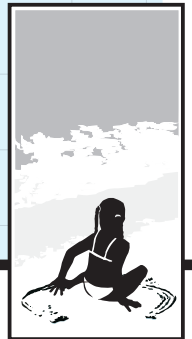
foz do rio camurujipe

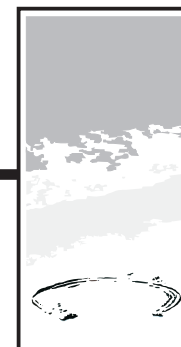
PRAIA DO CHEGA-NEGRO

ponta do rio das pedras
foz do rio das pedras

setor geológico 1

costa atlântica - toponímia





2.2. FORMAÇÃO NATURAL DA PRAIA

a formação do litoral da área-estudo e a praia

A geologia de Salvador é composta de uma camada de terrenos granulíticos de idade arqueana e proterozóica inferior, de composição quartzo-feldspática, formando o Alto de Salvador. Sedimentos areno-argilosos, de origem fluvial e idade terciária, se sobrepõem na parte centro-oeste da península, compondo a Formação Barreiras. Por fim, de idade quaternária, e que nos interessa, depósitos sedimentares arenosos, inconsolidados, nas praias da costa atlântica.

A faixa de sedimentos se configura em cordões arenosos, que barram o curso de rio Jaguaribe, com altura de 5 a 15m acima do nível das águas do mar (BAHIA, 1978). A faixa é interrompida por afloramentos cristalinos precambrianos, formando promontórios e rochas na praia e na água, submersas e emersas, mais bancos de arenitos, comuns a nordeste. Em dois casos específicos, conglomerados e crostas algais³ sobre o arenito: na Pituba e em Itapuã. A diferença entre as rochas cristalinas e areníticas, de um lado, e as plataformas formadas por sedimentação carbonática, será mais preemente no caso dos banhistas, como veremos em outro capítulo.

Quanto ao desenho do litoral, as falhas da Barra e de Itapuã, de idade mesozóica (WANDERLEY & GRADDI, 1995, apud CARVALHO, 2003) são responsáveis pelas mudanças de direção. Carvalho (2003) divide essa costa em quatro setores: do Farol da Barra à Ponta de Itapuãzinho; desta à Ponta de São Tomé; desta à praia do Flamengo; e a própria praia do Flamengo. Estão na área-estudo o segundo e o terceiro setor. A direção do litoral atlântico de Salvador tem importância que veremos em breve.

De um modo geral, o litoral se apresenta com costa (*coast*), praia (*beach* ou *shore*) e costa afora (*offshore*). A praia divide-se, por sua vez, do mar ao continente, em: antepraia, face praial e pós-praia. A antepraia (*inshore* ou *shoreface*) ou zona de arrebatamento (*breaker zone*) é onde começam as ondas, distinguindo-se uma zona de *surf* (onde as ondas se elevam) e uma zona de rompante⁴ (onde as ondas “quebram”). A face praial (*beachface* ou *foreshore*) contempla a zona de *swash* ou espraiamento ou estirâncio, que corresponde ao alcance abarcado pela onda. Por último, o pós-praia (*backshore*) é área não alcançada pelas marés, definida pelas marés mais elevadas; limitado, do lado da praia, pela escarpa praial ou crista das bermas (que não é o limite usual do estirâncio, havendo área seca pertencendo à face praial), conclui onde houver mudança fisiográfica brusca (SOUTHWEST WASHINGTON COASTAL EROSION STUDY, s/d). A partir daqui inicia-se a costa. A nomenclatura não é definitiva, com abordagens que adotam crivos ligeiramente distintos. Importam os fenômenos físicos descritos. São zonas da praia que merecem a percepção do leitor o estirâncio, como já observado na descrição dos grupos de usuários, e o pós-praia, para avaliação das transformações urbanas na praia.

As praias propriamente ditas, segundo Diegues (2002), são “depósitos de areias acumuladas pelos agentes de transporte fluvial ou marinho, apresentando uma largura maior ou menor, em função da maré”⁵. Já as areias são grânulos minerais,

³ As crostas algais são um dos três tipos de formação sedimentar de origem biológica no mar, junto com recifes de corais e recifes superficiais de corais e algas (NOLASCO, 1987).

⁴ Os salva-vidas brasileiros não fazem essa distinção entre as zonas, de difícil percepção e inútil para sua tarefa.

⁵ As praias pertencem às *áreas úmidas costeiras* (DIEGUES, 2002), interface terra-mar onde também constam estuários, deltas, manguezais, lagunas costeiras, restingas, praias, ilhas,

compostos em sua maioria por dióxido de silício, de 0,063 a 2 mm de tamanho. A seguir, a classificação segundo a escala de Krumbein, pelo tamanho médio do grão, usada pelos sedimentologistas:

Tipo	Nome Genérico	Classificação (mm)
	rocha	>256
	seixos	64 a 256
grava	cascalho muito grosso	32 a 64
	cascalho grosso	16 a 32
	cascalho médio	8 a 16
	cascalho fino	4 a 8
	grânulo	2 a 4
areia	areia muito grossa	1 a 2
	areia grossa	0,5 a 1
	areia média	0,25 a 0,5
	areia fina	0,125 a 0,25
	areia muito fina	0,0625 a 0,125
lama	limo ou silte	0,0039 a 0,0625
	argila	< 0,0039
	colóide	< 0,001

Tabela 1 – Classificação dos sedimentos

As praias internas da Baía de Todos os Santos são areno-siltosas, finas. Nas praias atlânticas, mais de 99% do sedimento é areia, com areia de grossa (17,9%) a fina (28,2%), e predomínio da média (53,9%) (CARVALHO, 2003). Essas características têm seu peso na morfodinâmica das praias.

as marés, as correntes, ondas e ventos em Salvador

A principal pulsão do oceano são as *marés astronômicas*, movimentos periódicos de elevação e descida das águas do mar por conta da gravitação do sol e da lua. Seus dois extremos são a preamar e a baixamar (MEDEIROS, 2005), duas vezes a cada 24 horas, sem coincidir com o horário diurno, com diferença diária de 50 minutos. De acordo com o efeito que a maré astronômica possui nos ambientes costeiros, segundo Davis & Hayes (1984, apud CARVALHO, 2003), as praias se dividem em micromareais (variação de menos de 2m), mesomareais (de 2 a 4m) e macromareais (acima de 4m). Salvador está sob micromaré, com amplitude média de 1,7m (LESSA et al, 2001 apud CARVALHO, 2003).

Além disso, há mudanças de intensidade aumentando até as *marés grandes* ou *de sizígia*, durante cerca de uma semana, e depois diminuindo nas *marés mortas*. As marés grandes acontecem em alinhamento do sol e a lua (lua nova e lua cheia) – daí sua força se soma – e as marés mortas quando o sol e a lua formam ângulo de 90° com o planeta (quarto crescente e quarto minguante) (CROFT, 1969).

Além da rotação da Terra e da Lua, há ciclo relativo à translação do planeta: as *marés equinociais*, com o alinhamento do plano solar com o equador terrestre, nos equinócios de março e setembro.

Outros fatores alteram as marés e produzem as *marés meteorológicas*, auferidas na diferença entre a maré observada e a maré astronômica (PUGH, 1987 apud MEDEIROS, 2005). Três fatores do vento a determinam: sua duração e

marismas.

intensidade, sua direção e o tamanho de sua pista. Tais marés são acompanhadas pela ressaca *Storm Surge*, com avanço do mar em áreas normalmente não alcançadas.

Para a localização de Salvador no globo, duas forças de larga escala operam no litoral, que são os ventos predominantes e a rotação da Terra. Esta condiciona as massas de água e os ventos, no caso os alísios, a tenderem para o oeste, no chamado *efeito Coriolis*⁶. Os ventos são importantes. Em alto-mar, são o principal fator de origem das ondas, criando correntes superficiais, enquanto no litoral, os ventos costeiros aumentam a velocidade das correntes em até três vezes (HUBERTZ, 1986 apud CARVALHO, 2003) e podem alterar a altura de quebra das ondas (DAVIS & FOX, 1972 apud CARVALHO, 2003)⁷.

Salvador está submetida aos alísios do Atlântico Sul, com direções predominantes de leste, sudeste e nordeste. Porém, suas marés atmosféricas são provocadas pela penetração de frentes frias, de origem polar, nos meses de outono e inverno. O efeito Coriolis empurra a coluna d'água para a esquerda da direção do vento, vindo então em sentido sul-sudeste⁸ (CARVALHO, 2003). A distribuição média ao longo do ano, a partir do oceano:

Direção Predominante	Freqüência Média Anual
Leste	42% - predominam de janeiro a abril, de agosto a dezembro
Sudeste	30% - predominam entre maio e julho
Nordeste	16% - principalmente de outubro a fevereiro
Sul e Sul-Sudeste	6% - principalmente de maio a agosto

Fonte: CARVALHO, 2003

Tabela 2 – Distribuição média dos ventos ao longo do ano

A orientação da área-estudo, dada pelas falhas geológicas citadas, guarnecem parcialmente as praias dos ventos e ondas predominantes. Porém as deixam expostas aos ventos de inverno, atingindo-as frontalmente, o que será crucial para a presença dos usuários cuja *affordance* está vinculada às águas, e a trama de usuários que se relacionam com estes.

As ondas rompem a depender da declividade e profundidade do leito marinho. Há três tipos delas: mergulhante, deslizante e ascendente. Na mergulhante (*plunging*) ou espiral, a rompente é brusca, com rápida dissipação de energia, comum em praias de pendente forte. Na deslizante (*spilling*) ou derrame a água quebra de modo suave e progressivo, dissipando a energia, em praias de pendente suave. A ascendente (*surging*) ou vagalhão, de altura pequena, acontece em casos de pendentes de praia abruptas. A tipologia das ondas também constituiu uma *affordance*, para os surfistas e esportistas similares e para os banhistas.

Das águas intermediárias – onde a profundidade é igual a metade do comprimento da onda, e começa a formação de sua crista – até a arrebenção, as ondas sofrem transformações em direção, comprimento, altura e forma, que são a difração, a interferência e a refração. A *difração* é quando um obstáculo físico à propagação das ondas faz com que haja transferência lateral de energia, ao longo da costa - isso acontece na Pituba e na praia da Sereia, em Itapuã – sem efeito

⁶ Que se observa no sentido da rotação da água no ralo da pia; horário no hemisfério sul, e anti-horário no hemisfério norte.

⁷ E podem aumentar a velocidade e altura das correntes longitudinais (MASSELINK & PATTIARACHI, 1998 apud CARVALHO, 2003).

⁸ Que podem ser bloqueados quando acontece o El Niño.

perceptível nas práticas da praia. A *interferência* é quando uma ou mais séries de ondas diferentes incidem no mesmo lugar; na interferência construtiva a resultante é uma onda de maior altura e na destrutiva, o contrário, a depender do período da onda. A *refração* é a mudança de direção das ondas quando as isóbatas do leito marinho não correspondem à crista da onda; a crista se ajusta à batimetria, tendendo a incidir perpendicular à costa. Quando a batimetria é ondulada, a refração pode divergir e convergir ondas, concentrando energia e provocando sobre-elevação na altura da quebra das ondas. Em primeiro momento, nos interessa porque é ponto onde acontecem os maiores danos provocados pelas marés atmosféricas. E ainda porque, em circunstâncias mais rotineiras, geram-se correntes longitudinais e de retorno mais fortes, e maior erosão, perigosas aos banhistas. Veremos os efeitos da refração a seguir.

As ondas ao chegarem em áreas rasas sofrem empinamento de fundo (*shoaling transformations*): sua altura aumenta e depois quebra, o que pode ser auxiliado pelos ventos no chamado *wave setup* ou empilhamento. A água, a partir daí, assume três rumos: uma parte flui paralela à praia, as correntes longitudinais, *longshore currents* ou deriva litorânea; outra retorna pelo fundo, com direção ortogonal ou oblíqua à linha da costa, na corrente de fundo ou *undertow*; e a terceira retorna ortogonal ou oblíqua à praia, a corrente de retorno ou *rip current*, que corresponde a uma faixa estreita de água que flui em direção ao alto-mar e finaliza onde iniciam as vagas. As duas últimas parcelas nos são significativas. As *undertow* são as principais responsáveis pela carga de sedimentos da praia à plataforma durante tempestades e pela formação dos bancos externos. E as correntes de retorno são preponderantes nos acidentes com banhistas; não deve confundir-se com as *correntes de repuxo*, o retorno da onda ao mar, como o leigo costuma fazer.

morfodinâmica

A conformação da praia condiciona o comportamento das correntes e ondas que, a médio e longo prazo, conformam a própria praia. Ela sofre um processo erosivo-deposicional contínuo, onde a balança pode pender para um lado ou para outro ou estar em equilíbrio dinâmico. A morfodinâmica é o produto da interação de três fatores: marés, ondas, e tamanho do grão (que determinam a pendente) e os diferentes tipos de conformação a partir destas variáveis serve para uma classificação de praia (WRIGHT & SHORT, 1984 apud CARVALHO, 2003). As praias são classificadas em: dissipativas, intermediárias e refletivas.

As praias dissipativas tem baixa declividade (1°), sedimentos finos, zona de surfe extensa, com as ondas atingindo a face da praia em decímetros e presença de barras submersas dissipando a força das ondas, com predomínio das deslizantes, e correntes de fundo, com fracas correntes de retorno. Por sua vez, as praias refletivas têm declividade superior a 6° (geralmente na zona de *swash*), zona de arrebentação estreita, areias grossas, e ondas ascendentes - um exemplo é a praia do Jardim dos Namorados. O perfil intermediário é o mais comum na área-estudo: declividade entre 1°5 e 5°5, com bancos e canais submersos, oblíquos, granulometria de areia média, ondas deslizantes e mergulhantes, e correntes de retorno e longitudinais com velocidade elevada⁹.

⁹ Há ainda subdivisão deste tipo de praia, que não cabe neste trabalho (CARVALHO, 2003).

Interfere ainda a exposição da praia, afetada por fatores diversos¹⁰. A classificação segundo McLachlan (1990 apud DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA..., s/d), de acordo com a proteção:

Pontos	Tipo	Descrição
1 a 5	muito protegida	não há ondas e há muitos animais cavadores
6 a 10	protegida	pouca ação das ondas e alguns animais cavadores
11 a 15	exposta	ondas moderadas e fortes e ausência de animais
16 a 20	muito exposta	forte ação das ondas, ausência de animais e presença de espécies móveis

Tabela 3 - Classificação das praias segundo a proteção

As praias da área-estudo são, em sua grande maioria, expostas.

Os locais afetados pelas marés atmosféricas em Salvador são zonas de convergência para as ondas de sul e sudeste¹¹, de vulnerabilidade direta às ondas, granulometria de média a grossa, declividade superior a 5,4°, de morfologia refletiva e intermediária, sem poder dissipar a força das ondas. Estas características são agravadas pela ocupação humana:

Trata-se de um trecho costeiro inteiramente urbanizado, onde muitas construções encontram-se perigosamente próximas da linha de preamar de sizígia, principalmente na forma de barracas de praia. (MEDEIROS, 2005: 2).

Retomando os pontos de convergência a partir do sentido do vento e sua refração à costa, para ondas de leste, no setor II, a refração reduz pouco a altura, com sobrelevações isoladas por convergência, como no Jardim dos Namorados. No setor III, perde força na enseada de Itapuã, com zona de sombra dada pela ponta de Itapuã.

Quanto às ondas de sudeste, no setor II reduzem pouco, e sobreelevam nas praias do Jardim dos Namorados, Pituba, Piatã e Placafor. No setor III, as ondas reduzem na enseada de Itapuã, enquanto no trecho que vai da Sereia até o Farol, reduz pouco, e sobreeleva na pedra-que-ronca (perto do Farol).

As ondas de nordeste afetam pouco a costa atlântica: perde energia em todos os setores, por refração. No setor III, a ponta de Itapuã protege um segmento grande da praia. De todas as direções de onda, corresponde às menores alturas.

O contrário acontece com as ondas de sul-sudeste – mais raras, são as menos atenuadas em sua força. No setor II, sobrelevação na Ponta do Itapuãzinho, Jardim dos Namorados e Pituba. No setor III, na ponta de São Tomé e na Pedra que Ronca.

O quadro se intensifica com as marés atmosféricas, com efeitos destruidores para as construções no pós-praia, como barracas e mesmo as ruas. Os períodos são de março a maio, e de julho a setembro, outono e inverno, mais fracas em épocas de El Niño, onde os alísios são bloqueados (MEDEIROS, 2005).

Empiricamente registrado em periódico, as praias que sofrem ação das ressacas: Rio Vermelho (Pedra da Sereia; enseada de Santana), Amaralina (perto do

¹⁰ Altura da onda, largura da zona de rompante, porcentagem de areia fina, tamanho médio do grão de areia em conjunto com o declive da praia e presença de animais que fazem buracos na praia.

¹¹ As ocorrências foram em marés de sizígia (80% dos casos) e equinociais (40%) (MEDEIROS, 2005).

quartel), Pituba (atrás do Clube Português), Jaguaribe, Placaford (atrás do Casquinha de Siri; em frente ao Plaka Shopping Center) e Itapuã (MEDEIROS, 2005), em concordância com aqueles lugares descritos pela teoria.

Apesar da praia ser um depósito transitório de material solto e de granulometria variável, o visitante ocasional pode pensar que se trata de depósito permanente. Mas quando se observa atentamente uma faixa costeira durante algumas semanas, notam-se as mudanças ocorridas, especialmente após as tormentas. Observações mais demoradas podem detectar ciclos de mudanças de duração variável, como sazonais, anuais ou de vários anos. (ÂNGULO, 2000)

Vimos que a estabilidade da praia à primeira vista é resultado de delicado equilíbrio entre retirada e acúmulo de areias, pelas correntes cotidianas.

Há um regime anual de troca de areia. No outono e inverno, ondas maiores retiram a areia da antepraia e formam bancos na água, via correntes de fundo, e a praia ganha declividade máxima; durante a primavera e o verão, ocorre o inverso, e os bancos se soldam ao perfil da praia. A mudança na fisiografia da praia de verão a inverno é especialmente perceptível em Armação.

Existe um outro de longo prazo, mais vulnerável à ocupação humana. As ressacas associadas às marés meteorológicas sobreelevam as ondas, ultrapassando as dunas. Quem repõe a areia perdida são as dunas frontais, que depois se reconstituem com a própria areia da praia, estabilizando a praia. No entanto, são normalmente ocupadas por construções (KLEIN *et al*, 2002)¹².





Na área-estudo, não se confirmaram mudanças nos ritmos de deposição/erosão, capazes de diminuir ou ampliar a faixa de areia com maior permanência. Uma alteração mais drástica se dá na foz do Jaguaribe, variando de posição ao longo do ano, ao sabor das correntes marinhas, balizadas por afloramentos rochosos. No geral, não se encontrou registros de erosão costeira pela atividade humana recente, ao contrário de praias como Iracema (Fortaleza – CE) e Boa Viagem (Recife – PE)¹³. O único caso em Salvador registrado se deu após obra de engenharia de importância metropolitana, feita pelo Poder Público, na Praia do Forte do Rio Vermelho.

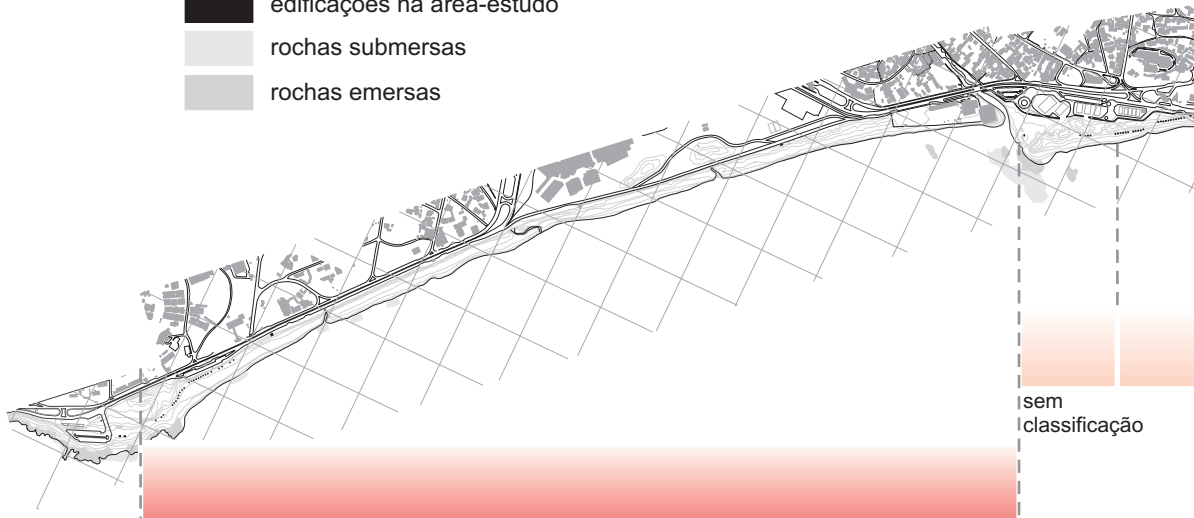
Vale citar as irregularidades do leito da antepraia, como bancos de areia, buracos e valas. Algumas praias têm o leito instável, com valas que canalizam correntes de velocidade e direção distintas da média. Com isso desenha-se o quadro que torna a área-estudo perigosa para o banhista, como veremos em capítulo à parte.

¹² Há cidades, inclusive, com praias *instáveis*, de alta mobilidade, cuja linha da costa oscila, com parcelamento do solo feito no período de avanço, seguido por danos em seu retrocesso (BESSA JR, 2004).

¹³ Em Olinda (PE), datam de 1914 as primeiras referências à mudança no regime costeiro pelas obras do Porto de Recife (OLIVEIRA, 2006). A erosão costeira é, hoje, problema mundial, afligindo destinos tão diversos como a Itália, Espanha e Estados Unidos, e várias partes do litoral brasileiro. Felizmente, a Bahia é dos estados menos afetados (MUEHE, 2005).

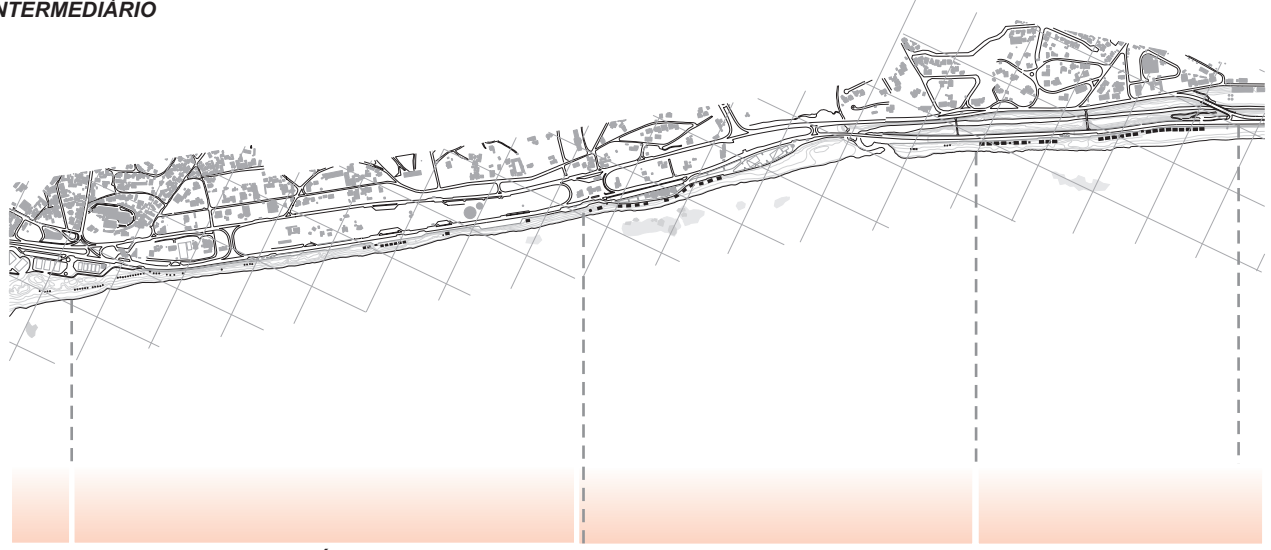
estágio morfodinâmico e areias

-  edificações
-  edificações na área-estudo
-  rochas submersas
-  rochas emersas



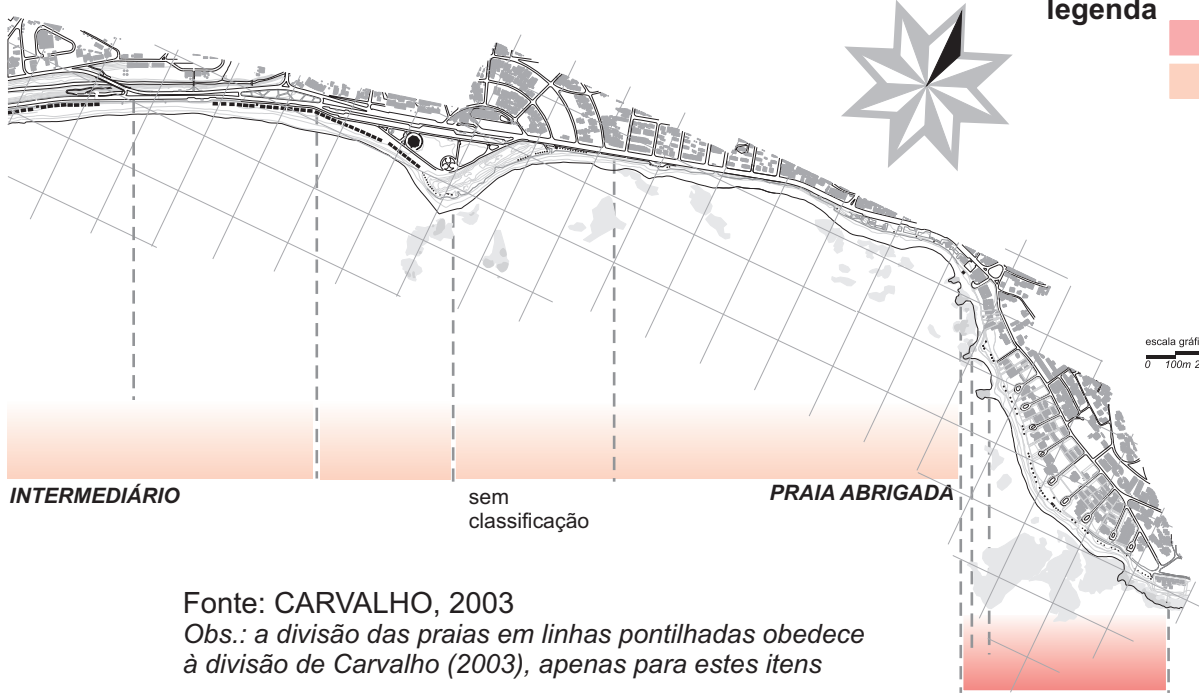
sem
classificação

INTERMEDIÁRIO



sem
classificação

INTERMEDIÁRIO





INTERMEDIÁRIO

sem
classificação

PRAIA ABRIGADA



legenda





-  areia média
-  areia fina

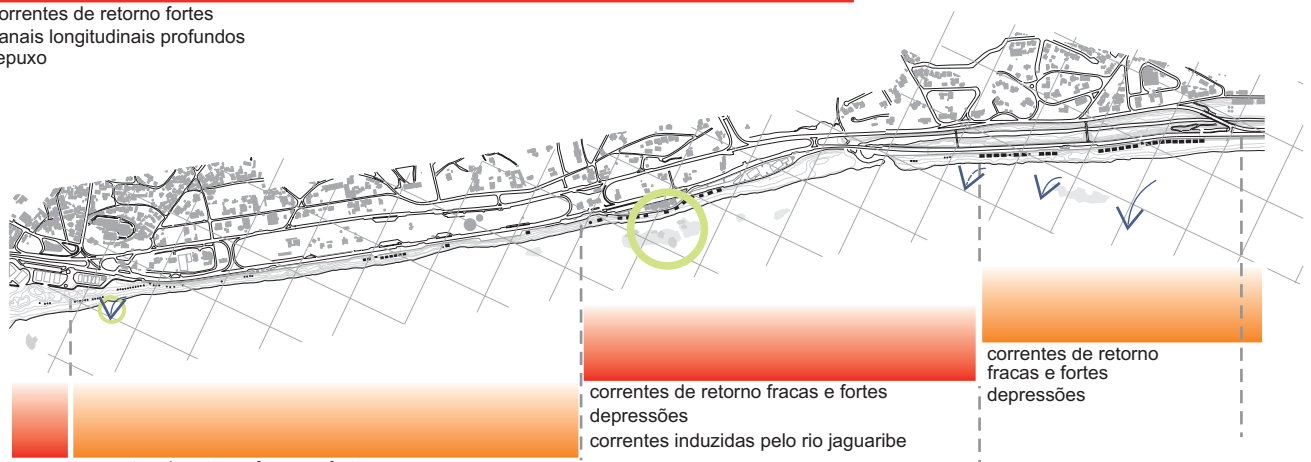
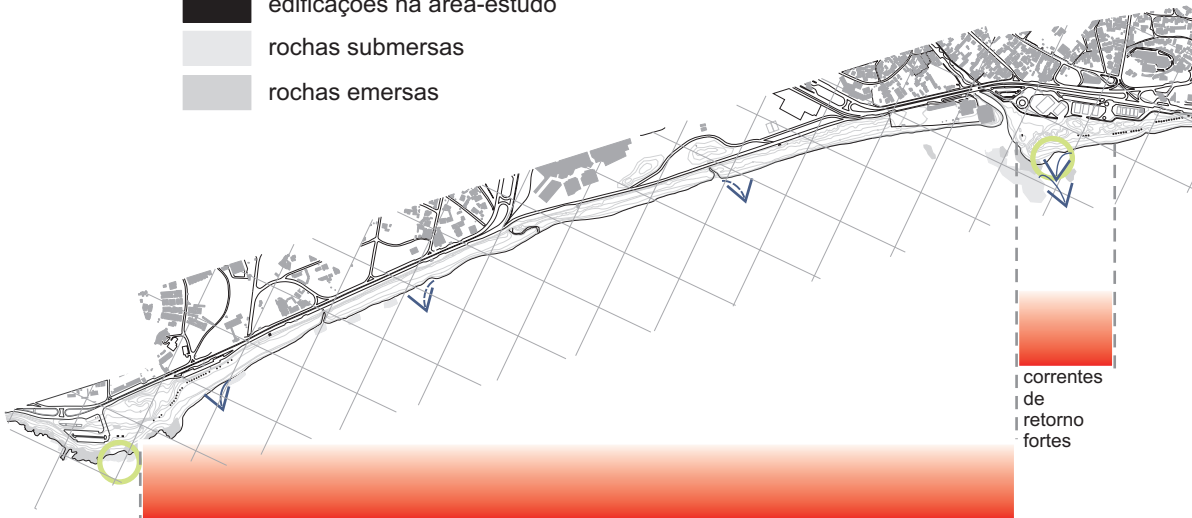
escala gráfica
0 100m 200m 400m 600m



Fonte: CARVALHO, 2003
Obs.: a divisão das praias em linhas pontilhadas obedece à divisão de Carvalho (2003), apenas para estes itens

grau e fatores de risco









-  edificações
-  edificações na área-estudo
-  rochas submersas
-  rochas emersas

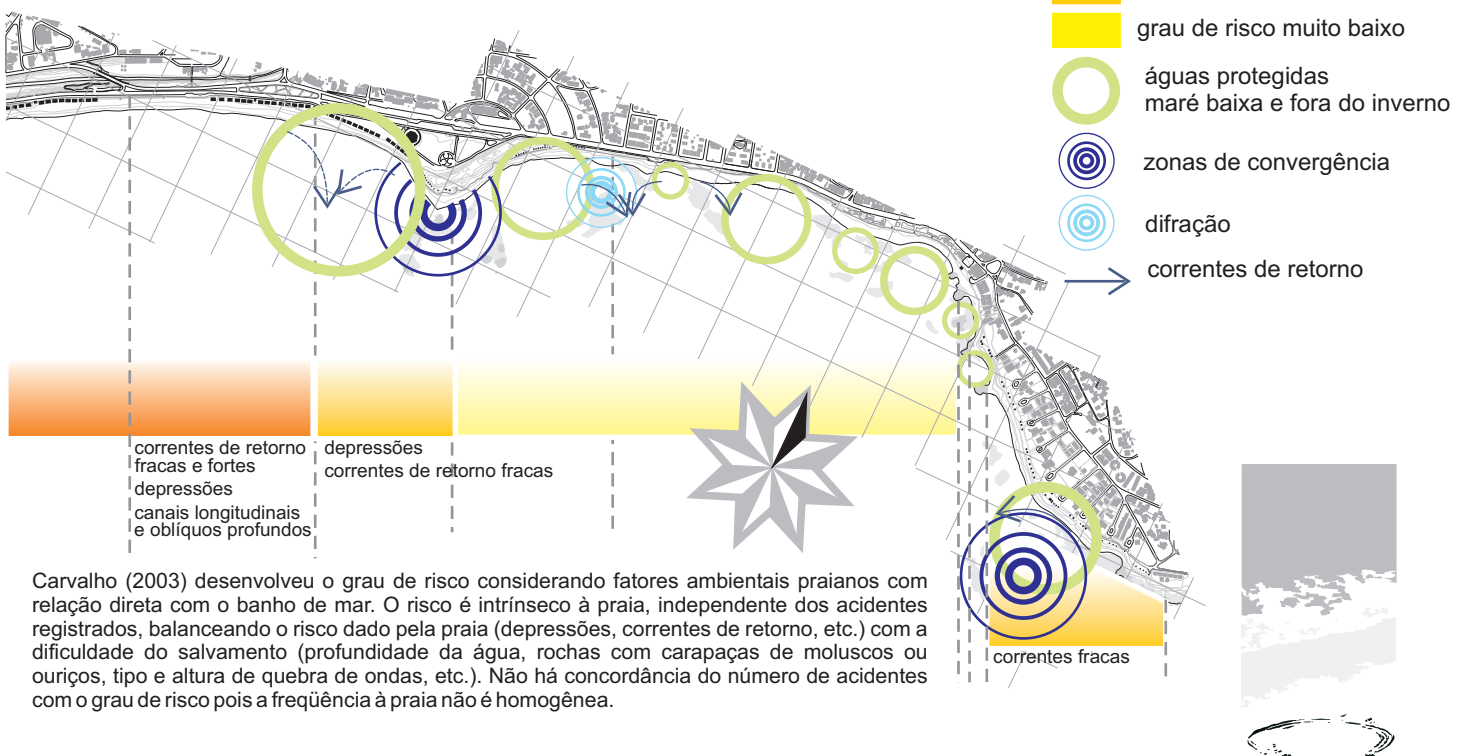


Fonte: CARVALHO, 2003

Obs.: a divisão das praias em linhas pontilhadas obedece à divisão de Carvalho (2003), apenas para estes itens

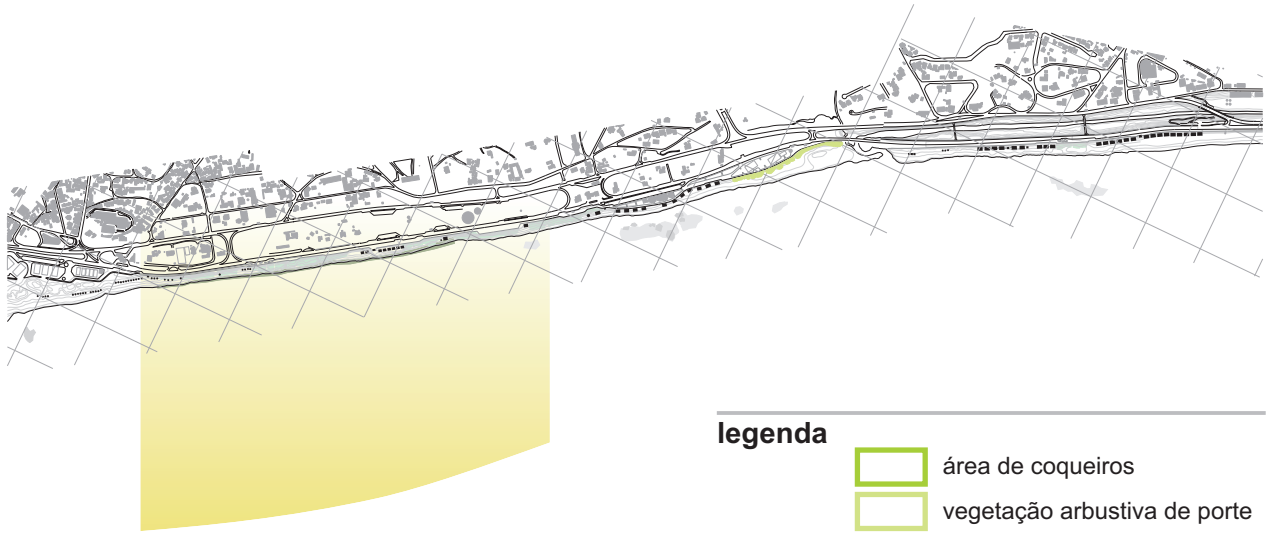
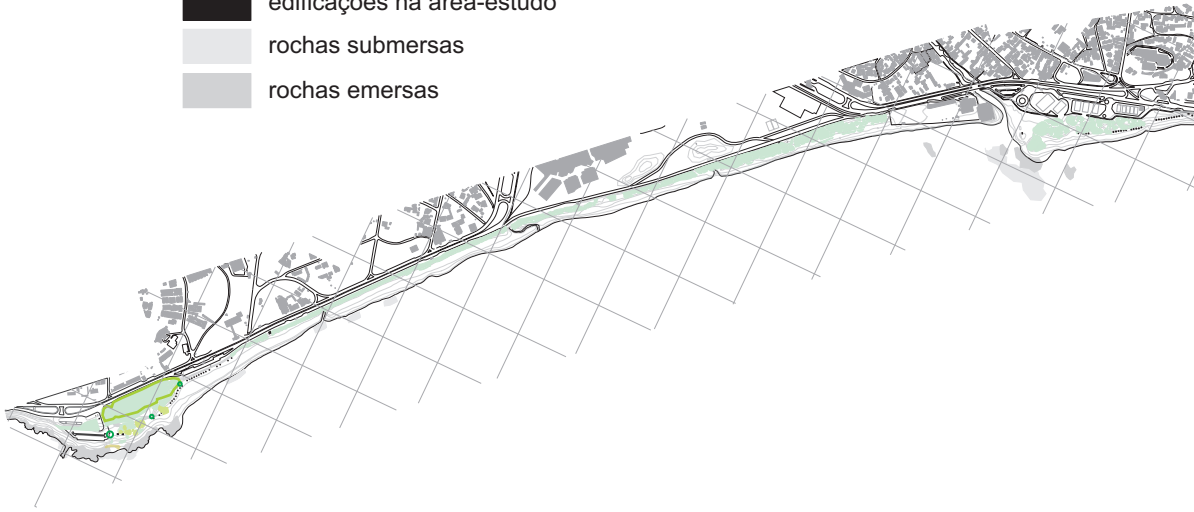
legenda

-  grau de risco muito alto
-  grau de risco alto
-  grau de risco baixo
-  grau de risco muito baixo
-  águas protegidas
maré baixa e fora do inverno
-  zonas de convergência
-  difração
-  correntes de retorno



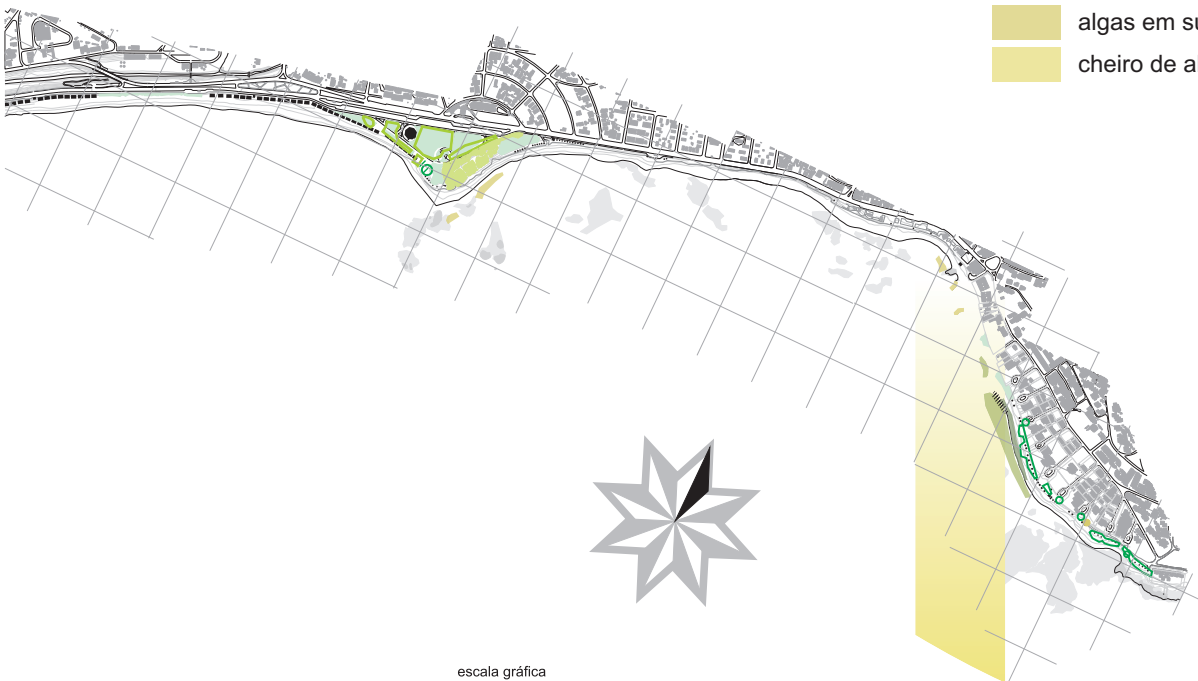
Carvalho (2003) desenvolveu o grau de risco considerando fatores ambientais praianos com relação direta com o banho de mar. O risco é intrínseco à praia, independente dos acidentes registrados, balanceando o risco dado pela praia (depressões, correntes de retorno, etc.) com a dificuldade do salvamento (profundidade da água, rochas com carapaças de moluscos ou ouriços, tipo e altura de quebra de ondas, etc.). Não há concordância do número de acidentes com o grau de risco pois a frequência à praia não é homogênea.

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas

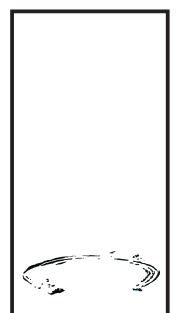


legenda

- área de coqueiros
- vegetação arbustiva de porte
- vegetação rasteira e arbustiva
- paisagismo localizado
- algas em suspensão
- cheiro de algas



escala gráfica
0 100 200 500m 1km



2.3. AS UNIDADES DE COMPORTAMENTO

Pinheiro (1997) fala ainda que o estabelecimento de unidades comportamentais deve ser compatível com as possibilidades e objetivos do investigador. Esse é o primeiro desafio a ser enfrentado.

No momento a divisão se dá por trechos que apresentam certa unidade de dinâmica social, derivadas apenas parcialmente de aspectos visíveis. É um equivalente a um *ambiente de comportamento*, porém expandido. O único caso em que corresponde mais propriamente ao conceito é no Jardim de Allah. A análise por grupos de usuários ao longo da praia, com sua distribuição na área-estudo, acontece no capítulo seguinte. Esse cotejo da área inteira, ainda que setorial, complementa esta aproximação integrada, porém local.

A descrição inicial centra-se nessas partições da área-estudo, com foco para a dança das pessoas interagindo no espaço e entre si, procurando captar quais são as pulsões mais gerais, os elementos determinantes, mesmo que devido às atuações singulares. Esta apresentação – dentro das limitações seriais de toda linguagem humana, em especial a escrita – é a que se segue.

jardim de allah

O Jardim de Allah não é parte do que se convencionou chamar de praia. Sua inclusão é intencional.

A implantação da Av. Otávio Mangabeira seccionou a praia de seu pós-praia - dunas e coqueirais – deixando-lhe poucos remanescentes. O Jardim de Allah nos serve de maneira de enxergar o espaço litorâneo como área verde em potencial, com seu entrelaçamento único com a faixa de areia e recifes. Dos espaços lindeiros à praia, o Jardim de Allah é aquele com menor índice de construção. Os demais são equipamentos que ora complementam a praia, ora atuam com autonomia.

São dois os principais motores da dinâmica: os banhistas e sua estreita relação com algumas barracas de praia, e os que usam a calçada da orla para fins de saúde, e que insuflam o gramado com um sentido próprio.

Há três subespaços dados pelo desenho físico do lugar: o gramado e coqueiral do Jardim de Allah, a praia propriamente dita, e a larga plataforma de pedra que se anuncia nas marés baixas. O estacionamento adjunto ao Jardim de Allah é palco de um conjunto de ações interessantes, a ponto de poder ser considerado um subespaço à parte.

O gramado é homogêneo em sua constituição, abarcado pela visão de uma sentada. Ao sul estão mesas e bancos fixos e aparelhos de ginástica remanescentes do Projeto Orla¹⁴, mais uma gangorra isolada. A topografia da área é bastante irregular, com uma depressão no meio e processos erosivos a norte.

A situação mais constante é a dada por gente interessada no estado do próprio corpo. Na calçada, ciclistas e gente caminhando ou correndo. Os ciclistas não mobilizam a área – estão de passagem rápida, e isso é válido para o restante da área-estudo.

¹⁴ De 1985. Haverá menções constantes a essa obra, ao longo do texto.

Esse público alimenta, ou é alimentado, por quiosques próximos, que vendem especialmente coco, mas também atendem com produtos outros. Ambulantes começam a se dispor ao longo desse percurso, incluindo baiana de acarajé, que se bifurca no gramado e no estacionamento que, dividido em desnível, oferece vista ao mar em ambos os trajetos possíveis. O gramado torna-se extensão desta dinâmica, já que usam o mobiliário fixos e os aparelhos de ginástica. Seu público varia de jovens cultivando o corpo a pessoas de meia-idade cevando a saúde

Aproveitando-se da grama, da vista, do mobiliário e dessa última faixa de público, ao sul ficam massoterapeutas. Seguem expediente convencional, coincidente com a presença dos caminhantes.

Essa pulsão ganha contornos mais intensos nos finais de semana. Junto com aqueles que caminham à calçada para saúde, há incomum concentração de gente que circula com seus cães. O gramado recebe um outro perfil de público, fica coalhado de gente sentada à grama, à sombra dos coqueiros, grandes e pequenos, em piquenique ou casais de namorados; contemplando a paisagem ou ainda deitados sobre cangas, tomando sol. O bordo do Jardim defronte ao mar, de área de circulação habitual, absorve ainda a estadia contemplativa e o lazer de final de semana. Crianças usam a gangorra solitária. Todas modalidades de comportamento típicas de parques urbanos. Estes usuários, únicos na área-estudo, não atraem para si nenhum outro perfil de público, mas dão vivacidade ao espaço. No verão, porém, a intensidade aumenta a ponto de aparecerem ambulantes pontuais no gramado.

Uma característica geral é de ser uma pulsão diurna. A primeira de ciclo diário, e a segunda, semanal; intensificados no verão, com tempo aberto, e período de férias escolares e laborais.

Os ambulantes fecham por volta de 17:00h, e os quiosques, além de 20:00h. Porém, a baiana de acarajé com toldo fixo do Jardim de Allah atende até mesmo de madrugada.

Ciclos ainda mais longos são os de alguns eventos e atividades exteriores que se realizam no gramado. Constantes, uns poucos, como a feira de adoção de cães e gatos, todo primeiro domingo de mês; outros são esporádicos. Como eventos, no geral, temos jornadas escolares, campanhas de saúde, eventos de cultos evangélicos, gravação de programas televisivos.

À noite, apesar da iluminação cênica no coqueiral, nada se estabelece no gramado.

O espaço da praia apresenta certa independência. Seu espírito é dado pelos banhistas/ clientes das barracas. Afluem em maior número no final de semana, e no período matutino, em épocas de tempo aberto.

A faixa de areia é entrecortada e constringida em várias momentos. As enseadas balneáveis são poucas, pequenas, e extremamente suscetíveis às marés. A extremidade sul da praia é pouco freqüentada. A praia não tem poder atrativo, e sim algumas barracas, que se dividem em dois agrupamentos: um par delas ao sul e uma seqüência seguindo rumo nordeste. Este grupo é indigente – duas estão à venda e outras duas sobrevivem da locação do espaço aos massoterapeutas - enquanto a dupla, de proprietários irmãos e serviço unificado, trazem público constante, até em dia de semana.

Essas barracas apresentam benfeitorias anteriores à reforma atual – caminhos pavimentados, plantio de mudas de coqueiros ao redor, etc. - em esforço perceptível na qualificação do espaço. Outras diferenças são o acesso franco ao gramado e ao estacionamento, e o fato de ser visível da via litorânea. Nos finais de semana, especialmente do verão, aparecem contíguas à zona de cadeiras destas barracas duas baianas de acarajé e um vendedor de coco – gênero que não ocorre às demais da área.

Os perambulantes¹⁵ usam o gramado como local de percurso, e seu público-alvo é o da praia, principalmente o destas barracas. Isso inclui vendedores de artesanato, de óculos escuros, de camisa e roupas, de chapéus, de queijo coalho, de tatuagem, de DVDs pirateados, de produtos de praia (bronzeador, protetor, etc.) e massoterapeutas volantes.

Há uma distinção espacial entre os clientes/ banhistas presentes. A área de cadeiras situa-se um patamar acima do nível do mar – ali consomem e tomam sol. Na areia abaixo, tomam sol nas pedras ou acompanham crianças na água.

Um ponto de articulação entre as dinâmicas são os ambulantes estabelecidos na calçada do estacionamento. Atendem aos caminhantes, não aos banhistas, apesar de vizinhos à praia. Um deles deixa seu material no local, sob vigilância dos que trabalham no local, para trabalhar vendendo coco durante a noite.

Seu público é singular: há vida noturna nas duas barracas, 24 horas, além de locarem para eventos, e no estacionamento, relacionado a sexo. Nos veículos, com paqueras relacionadas com os estabelecimentos do entorno ou prostitutas que ficam ao longo da calçada. As ações se vinculam às edificações em volta e se concentram na calçada, nos serviços oferecidos pelas profissionais do sexo e pelo estacionamento, e toca a praia somente pela barraca operando como bar.

No outro extremo, estão pescadores de pacotes (nome dado a pequenas jangadas), que deixam suas naus encostadas em um talude do estacionamento. Pequenas e frágeis, prestam-se a avanço reduzido, nos pesqueiros próximos, aonde vão seus donos na sexta-feira e sábado, nas primeiras horas da manhã - segundo depoimento, 06:00h.

A praia do Jardim de Allah é uma das poucas que revelam extensão de pedras nas marés baixas. Esse espaço breve acolhe por esse tempo ações das mais diversas. Os banhistas estão presentes, mas essa relação deles com as pedras, esse ambiente de comportamento, se verá em outro item.

Sempre há pescadores de vara, ainda que isolados, nas pedras com rebentação. Preparam ou descansam mergulhadores de pesca submarina. Ambos não imantam o entorno. As pedras se prestam ainda para gente que vai sozinha de bicicleta contemplar o mar, e casais de namorados. E ainda jovens que fumam maconha ocultos nas valas entre as pedras.

Quem percorre o Jardim de Allah como uma plantação é o catador de coco - pelas manhãs, de quarta a sexta-feira, todas as semanas – que os vende às barracas das redondezas (como a Luggs).

¹⁵ O termo, conforme será explicado no capítulo seguinte, denomina aquele vendedor de rua que está o tempo inteiro em movimento, sem ponto fixo. Detém-se somente para efetuar a venda ou descansar.

armação e aeroclube (boca do rio)

Do Jardim de Allah até a sede de praia do Esporte Clube Bahia, uma faixa contínua de areia. A face da praia apresenta três ocupações diferentes, de norte a sul: com barracas de praia; com equipamentos desportivos de areia; e sem nada, até a foz do Rio das Pedras. Pode-se interpretar como sinais das ações que se desenvolvem nesse cenário. Pelo formato linear do trecho, não há uma dinâmica intrincada como se viu no Jardim de Allah, e sim uma unidade por repetição.

O espectro da saúde, da atividade desportiva ou com esse teor, é o que impregna o trecho de Armação. As ações específicas se relacionam quanto ao tema, mas não de forma solidária.

Aparecem os clientes/ banhistas em um trecho específico, ancorado nas barracas existentes, carreando consigo outros atores. Os pedestres na calçada constam em grande número, e mobilizam uma série de atores. Também são relevantes os desportistas, profissionais e amadores, e os surfistas. Por último, aparecem os pescadores, como atores originários.

O trecho do Jardim de Allah até o *shopping* Aeroclube Plaza Show¹⁶ é pródigo em gente correndo e caminhando, principalmente no começo da manhã, que é seu pico, e final da tarde. Por sua conta, distribuem-se ao longo da calçada uma série de vendedores ambulantes, oferecendo variações sobre o tema do *refrigério*¹⁷: água mineral, refrigerantes, água de coco, caldo de cana, sucos e refrescos, entre outros. Acompanham o turno dos clientes em potencial: os primeiros chegam às 07:00h e os últimos fecham às 18:00h.

A presença dos usuários esmorece, dentro da área, no Aeroclube – parte prossegue para o Corsário, parte retorna, parte vai ao seu automóvel, estacionado ali ou no Parque Atlântico. Para dar segurança aos pedestres, há reforço policial, seguindo sua demanda – pela manhã e pela tarde. No interregno sem policiamento mais rigoroso, comparecem os salteadores, especialmente na calçada do *shopping* Aeroclube. Os últimos anos viram sua decadência, especialmente dos estabelecimentos voltados à praia. E nos últimos meses se deu o abandono. Esse trecho tornou-se o mais sujeito a assaltos, nessa faixa de horário.

Sem relacionar-se diretamente com isso, uma atividade se desenrolava por influência direta do *shopping*, embora sem a intenção de seus promotores. O conjunto de serviços oferecidos a céu aberto, o gramado bem cuidado da ala voltada para a praia, e do calçadão, tornavam a área preferida por pares de namorados e sujeitos sozinhos, a contemplar o mar. Que avançam para o talude vegetado, até a areia, de maneira decrescente. Ocorria nos finais de tarde, em dias de semana e feriados, e mesmo em dias nublados. Com a situação do empreendimento, o movimento esmoreceu.

¹⁶ Técnica e conceitualmente, o Aeroclube Plaza Show é um *festival mall* – é justamente essa característica e o *mix* de lojas decorrentes um dos pivôs da crise recente do empreendimento. Porém, doravante será chamado de *shopping* Aeroclube, para maior concisão, e mesmo simplesmente Aeroclube.

¹⁷ Com o termo *refrigério* se pretende dar conta de todo produto cujo papel é refrescar o consumidor – água de coco, água mineral, caldo de cana, refrescos e refrigerantes. Estes dois, no sentido literal, são sinônimos. Porém por *refresco* se entende popularmente sucos e por *refrigerantes*, xaropes gaseificados industrializados. A escolha foi por abrangê-los todos.

O trecho inteiro, incluindo onde estão as barracas, não apresenta águas boas para o banho. Rochas submersas, ondas violentas e leito marinho repleto de valas desaconselham para banho, que acontece apenas na margem, em pontos esparsos. À medida que se vai a norte, os raros banhistas são pessoas mais jovens e mais pobres.

É a faceta de cliente que predomina sobre a do banhista, que aproveita para tomar sol. Outros se bronzeiam salpicados pela areia do trecho, também de modo decrescente no sentido norte, mas são poucos de um modo geral. Essa atividade se desenrola onde estão as barracas.

A fileira das barracas, rente ao talude da calçada, tem área de cadeiras acima da média na área-estudo que, junto com os sombreiros, pernoitam. O trecho foi ocupado de fato. As barracas têm movimento somente aos finais de semana, de verão, dependentes de tempo aberto, e só nos picos a área de cadeiras é inteiramente utilizada. As primeiras barracas, ainda próximas ao Jardim de Allah, estão em pior estado e com menos clientes.

A extensão da área de praia e das cadeiras traz consigo alguns desdobramentos. No verão, com afluxo de gente, expandem a oferta de chuveiros: além dos que já têm, improvisam dois outros, um defronte à barraca e outro ainda mais adiante, entre meio das cadeiras, às vezes somente uma mangueira. Fenômeno recente são cadeiras situadas na franja do talude, separadas da área de cadeiras das barracas por um trecho vazio, com o intuito de ver o mar e tomar sol em posição privilegiada. Essa área tem usos sobrepostos, e potencial conflito, pois além de ser circulação, é o único onde acontece o baba de praia, por uma turma que vai sempre, com uniforme, levando traves e rede. As partidas informais de futebol são chamadas no Brasil de “pelada”; na Bahia, independente da escala, de “baba” e seu praticante, de babeiro, por todos os estratos sociais.

Ao contrário de outros agrupamentos de barracas movimentadas, poucos clientes com filhos. Entre as barracas são comuns as baianas de acarajé, somente no final de semana. Quase não há vendedores perambulantes neste trecho. Ali estão os salva-vidas, que seguem a presença de banhistas em praias arriscadas.

Um dos vendedores ambulantes de caldo de cana da calçada, portando aparelho elétrico, usa instalação elétrica de uma das barracas, com medidor próprio. Outra barraca guarda os apetrechos de musculação do coronel Ivan Barata, que literalmente “possui” um trecho próprio da areia, para treinos. Acorda diariamente os barraqueiros, às 05:00h, para praticar exercícios e treinar quem se ofereça.

É comum ver pessoas correndo ou caminhando na areia fofa, acima do talude, e no estirâncio.

Na praia, por pouco menos de 200 metros, postes de vôlei de praia, futevôlei e *beach soccer*. São as maiores instalações fixas em toda a orla destinada a esportes de areia. É ali onde treinam as seleções baianas de tais modalidades e ministram seus cursos, e onde jogam amadores. Um mobiliário de bobinas de madeira apóia os jogadores e banhistas na troca de roupa.

A diferença entre amadores e profissionais reside em que estes incrementam mais a cancha e possuem vestuário específico. Os profissionais treinam diariamente, exceto quando estão nos circuitos nacionais e internacionais. O número de usuários decresce à medida que vai a norte, usando mais no período matutino, principalmente dos finais de semana, e sem demanda de toda a capacidade da estrutura. Os postes mais usados são os próximos às barracas. O treino de *beach soccer* é mais raro.

Um vendedor ambulante da calçada se destaca. Atende também os desportistas, e é velho conhecido dos atletas, com estrutura maior que a média e cadeiras plásticas para os clientes – é Antônio do Coco, alvo de polêmica recente, por descobrir-se que morava há décadas no mirante do Jardim de Alá (sic), quando de sua reforma.

Onde declina a presença dos banhistas na areia, as águas se prestam para o surfe, com ondas nem sempre apropriadas aos iniciantes.

A partir do Aeroclube, a praia muda de perfil – a declividade aumenta, torna-se refletiva. Chega a formar um pequeno barranco, dois níveis na praia. Os banhistas escasseiam, e as águas são contaminadas pelo Rio das Pedras – são vermelhas e seu cheiro é diferente – à medida que se aproximam dele. É nesse setor que o baba aparece com mais regularidade e aparato: gol e uniforme para os times.

A pesca de anzol e linha¹⁸ é constante no trecho. Ocasional em muitos trechos, mesclando adultos com varas e meninos com carretel e linha improvisados. Os adultos são mais comuns nas proximidades do Clube do Bahia, ao sul e atrás, e em trecho de Armação defronte ao BomPreço. A maioria finca a vara na areia e apenas aguarda, alguns sob sombreiro e em cadeiras.

Defronte ao mirante da Boca do Rio ocorre pesca de arrasto, realizada pelos pescadores da colônia da foz do Rio das Pedras. Não há hora precisa para acontecer - os pescadores saem de barco quando o tempo está bom e os peixes se aproximam da costa. Concluem a tarefa na areia da praia. Quando o cardume não se oferece dessa maneira, permanecem no mar pescando de anzol e linha.

A iluminação noturna em dois pontos específicos não acarreta nenhum uso específico da praia. Somente uma barraca, a Asa Gama, repete o costume de locar seu espaço para eventos.

Os mirantes de 1985 foram reformados poucos anos atrás, e hoje são mantidos pela Prefeitura com um corpo mínimo de funcionários, revezando-se em turnos de 12 horas. Por outro lado, são atores novos no cenário, sem ainda estabelecerem relações perceptíveis.

É na praia de Armação onde acontecem os jogos do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia, e algumas competições de surfe.

foz do rio das pedras e começo da praia do corsário

O Rio das Pedras é dos poucos rios que deságuam nas praias urbanas, com a maior carga de poluentes. De um lado da foz fica a decadente sede de praia do Esporte Clube Bahia. Do outro, o Parque da Boca do Rio, de 1985, com quadras várias, equipamentos de ginástica, e um cordão de dunas remanescentes. Na foz propriamente, uma colônia de pescadores.

O cordão de dunas isola a praia do parque, e secciona suas dinâmicas. Poucos transpõem essa barreira. O parque é dinamizado pelos esportistas das quadras, e algo

¹⁸ Embora o pescador de embarcação também use anzol e linha, o faz longe da praia. Com esse termo entenda-se o pescador de beira de praia e pedra, com sua vara.

pelos caminhantes da calçada, a ponto de trazer vendedores ambulantes de caldo de cana e coco. Porém esta região não nos diz respeito.

A praia é tangida essencialmente por dois grupos: os banhistas e os pescadores, e em determinado momento e circunstância ambos interagem.

Da faixa de areia, as pessoas se distribuem em seus extremos, sul e norte. Ao sul está o acesso franco à praia, através da colônia de pescadores, e uma plataforma rochosa, coberta na maré alta, tornando o lugar perigoso para banho. Na maré baixa, formam-se piscinas naturais. Aparecem pais e filhos, e mulheres de várias idades tomando sol, de estratos sociais mais baixos, vindos do entorno. Crianças empinam pipas. Nas pedras não há crustáceos ou outros seres que afetem as ações.

Na maré baixa, nas lajes de pedra ao lado da colônia, dois ambulantes de cachorro-quente e refrigerantes ocupam nesga de areia, com bancos fixos e uma cobertura tímida. Os bancos e as mesas são retirados ao fim do dia, em local providenciado pelos pescadores. Os pescadores ainda vendem parte da cerveja que consomem aos banhistas. Este é um ponto importante: na ausência das barracas, ambulantes atendem ao público, e os pescadores suprem uma demanda que, então, parte dos banhistas, criando um vínculo raro entre dois atores fundamentais do litoral.

Na foz do Rio das Pedras, os membros da colônia executam pesca de arrasto. Durante o dia conversam e se entretêm jogando dominó e bebendo cerveja, preparam e vendem o peixe, consertam suas redes, dão restos a miríades de gatos que assolam o lugar.

As mesmas pedras ainda servem de apoio a mergulhadores, e pescadores de anzol e linha, que não se restringem a esse ponto, e avançam, com seus cassuás, pela prainha ao lado.

É uma praia pequena, apenas inadequada para o banho na maré alta. Nos finais de semana, enche de banhistas. A areia é muito usada pelas crianças, com uma faixa grande de estirâncio.

E, a seguir, um trecho de praia como planície, larga e deserta. Há uma barraca abandonada, isolada, nas dunas. Os banhistas da ponta da foz raramente atravessam esse trecho, explorado apenas pelos pescadores. Aos descuidados, salteadores, jovens das redondezas, que fogem pelos vaus das dunas próximas.

Outros que atravessam as dunas são clientes/ banhistas, por passagens, alguns com *decks*, que vão do parque público às barracas, anunciadas por bandeiras que ultrapassam a altura das dunas. Por aí vêm parte do público e o abastecimento de nova bateria de barracas de praia – nela, a barraca Aruba, nos finais de semana, prolonga sua atividade até a noite. As primeiras ainda de modelo tradicional, menores – por tradicional, as barracas de madeira e borra de piaçava. A seguir, a crista de areia diminui, e as barracas a seguir ficam no mesmo nível da calçada, com fachada e estrutura para os dois lados.

O banho de mar não é muito procurado, e a atividade de tomar sol vincula-se à área de cadeiras das barracas, com distribuição relacionada ao serviço. Destaca-se a barraca do Aluízio, pioneira e motivo da praia ter sido famosa nos anos 1970 e 80, com contribuições expressivas na arquitetura.

A movimentação atrai vendedores perambulantes de alimentos (picolé em caixa de poliestireno expandido¹⁹, camarão no espeto, queijo coalho, amendoim cozido e descascado) e de objetos (óculos de sol, artesanato *hippie* e óleos de bronzear). E uma fauna à parte: pombos. Entre os clientes, comendo restos na praia, fuçando sacos de lixo, em constância e número acima da média.

A área de estirâncio é longa, e oscila bastante, com a maré alta tangenciando a franja ocupada por cadeiras, bastante recuadas. As últimas barracas do trecho estão sobre plataformas – algumas com arrimos bem construídos, outras improvisadas e em mau estado. Barracas com instalações precárias se alternam a outras melhor sucedidas, com jardinagem e sombreiros vistosos de patrocinadores. A estrutura das barracas também cresce – mas, no fundo, a área ainda está condicionada à presença dos clientes/ banhistas.

No trecho conhecido como Praia dos Artistas, joga-se vôlei esporadicamente, com peças levadas pelos jogadores.

corsário, pituaçu e patamares

O final do Parque da Boca do Rio à Ponta de São Tomé é uma vasta e indefinida praia, cortada apenas pela foz do Jaguaribe, que delimita dois trechos. Por ser um acidente geográfico de porte e por implicar em um trecho de vazio a norte e sul imediatos.

A faixa de areia da praia do Corsário a Patamares só não é mais vazia que a praia da Boca do Rio, defronte ao Aeroclube Plaza Show, desmentindo a ilação comum de que a existência de longos trechos de praia implica em um lazer privilegiado.

A partir das construções e das dinâmicas, compreende três áreas: a primeira longa, marcada pelo vazio, de Corsário a Pituaçu; outra repleta de barracas reformadas, com afluência de público e enseadas balneáveis; a última próxima à foz do rio Jaguaribe, que oscila bastante de tamanho a depender do curso do rio ao longo do ano.

O primeiro trecho apresenta, em épocas do ano, uma faixa fina de sargaços e resíduos com cheiro deles avançando sobre a pista – coisa rara na orla atlântica, comum somente na Pituba e Itapuã – com raros banhistas. O primeiro lote de barracas são modelos tradicionais em estado decadente. E a segunda fileira de barracas que começaram as obras e não concluíram, dispostas provisoriamente há meses em toldos. Mesmo em finais de semana, poucos clientes.

A tônica é dada no final de semana pelo baba, única ocupação constante de todo o trecho. Há gente de várias idades jogando, de golzinho a competições mais estruturadas, e mesmo frescobol, intercalando-se. Não mobilizam outras pessoas, mas ocupam larga área e fornecem vigilância social. Com os poucos banhistas e pessoas tomando sol presentes, há gente suficiente para o lugar tornar-se seguro, e os perambulantes circularem, passando pelas áreas desertas. O baba só não acontece em trecho de barracas em Patamares, reincidindo à foz do rio Jaguaribe. De modo esporádico, vôlei na praia de Pituaçu, com traves levadas pelos jogadores.

¹⁹ Conhecidos popularmente por *isopor*, nome de fantasia da empresa que introduziu a tecnologia no país, e através do qual denominarei material de agora em diante.

O mar não é seguro para o banho. Os clientes/ banhistas se polarizam por barraqueiros específicos, em especial as barracas da Paty e do Luciano, isoladas na praia, com público constante. Destacam-se ainda terem sido reformadas, com direito a ajustes particulares (placas, detalhes coloridos, gramados impecáveis com esperas dos sombreiros, funcionários com camisas, etc.).

A ausência de barracas e de banhistas termina em Patamares, onde enseadas com águas mais seguras na baixamar se aliam a uma longa cadeia de barracas, reformadas recentemente com modelo exclusivo.

Na área-estudo, as barracas de Patamares são as mais prósperas: há promoções para os festejos de Ano-Novo e sanitários químicos como apoio; aceitam variados cartões de crédito, anunciado ostensivamente; e oferecem ainda serviços dos mais diversos (o Onda Curitibana oferece almoço executivo e jogos esportivos). Apesar de obra recente, apresentam diferenças crescentes em termos de acabamento nos detalhes (como chuveiros e expositores), onde se demarca sua identidade. Trazem a novidade de criarem uma área reservada para clientes que não avança na franja de areia, mas sim nos interstícios entre as construções. Porém a faixa de praia ali se estreita, mesmo na maré baixa. As pessoas, sentadas em cadeiras ou na areia, banhando-se ou jogando frescobol, ocupam toda a faixa de praia. Estas trazem consigo a reboque os salva-vidas, ausentes ao longo do trecho, exceto em um ponto de Pituaçu.

A partir do Corsário começam a circular perambulantes que ao sul não aparecem, como vendedor de picolé de carrinho, mas é em Patamares onde mais circulam e mesmo estacionam. Vendem refresco e pastéis; salgado industrial; amendoim e castanha de caju; ovos de codorna; pururuca e chapéus. E produtos diretamente voltados para crianças, como bolas, bóias, pipas e algodão-doce. Já que em Patamares vão famílias com suas crianças, com renda e disposição para alimentar essa cadeia de serviços²⁰. Aparecem guardadores de carro sindicalizados na calçada, diante do uso mais intenso das vagas no acostamento.

Além destes dois atores originários, os banhistas e os babeiros, temos os surfistas, os pescadores e os caminhantes. Eles não imantam o arredor. Os surfistas situam-se em trechos do sul da praia do Corsário e somente aí. Os pescadores de anzol e linha estão esparsos ao longo da área, e concentram-se próximos à foz do rio Jaguaribe. Nesse mesmo lugar alguns usam redes individuais. E no rio propriamente, um par de pescadores têm o hábito de usar o mesmo expediente, em um bolsão formado logo abaixo da ponte.

A caminhada na calçada esmorece nesse trecho – não aparece um vendedor ambulante sequer nela. Ao contrário, usa-se mais a areia, a faixa mais próxima da água. O número de caminhantes decresce de Pituaçu a Patamares. Há um reforço policial apenas pela manhã, no horário em que há mais gente usando a calçada. Os salteadores atacam fora dessa horário, com abordagem rápida e fuga, a pé ou com transporte (bicicleta ou moto), armado ou não. A presença dos caminhantes influencia a praia em específico de poucas maneiras, e aqui, poucos que são, não têm relevância sobre a areia. No mirante do Corsário como no de Pituaçu, os funcionários da Prefeitura.

O rio Jaguaribe não é tão poluído quanto o Rio das Pedras. Incolor, a lâmina d'água é malcheirosa, e nem todos ousam atravessá-la. O trecho é isolado da calçada

²⁰ Os preços praticados pelas barracas reformadas são acima da média, até por conta das condições das obras e dos contratos dos patrocinadores.

pois o bolsão de terra é ocupado por quadra e a vegetação do talude é alta, bloqueando visão e acesso físico.

Jaguaribe e Piatã

É o trecho mais qualificado da área-estudo, para quase todas as demandas. É onde a praia é mais ampla, e se sucedem trechos de águas tranqüilas, sem relevo perigoso, e com trem de ondas perfeito para o surfe. E, por isso, um ajuntamento maior e mais denso de barracas. Inclui também o Parque dos Coqueiros – outrora coqueiral similar ao Jardim de Allah, transformado em 1985, e que possui uma lógica ainda mais intrincada. Por isso, apesar de indissociável da praia contígua, será apresentado em seção à parte.

A presença dos banhistas/ clientes é marcante e as barracas os acompanham, dispostas em grupos a partir da foz do rio Jaguaribe. A maioria está em reforma, com obras embargadas há meses, improvisando o atendimento em toldos ou com conclusões apressadas de tijolos não rebocados ou folhas de compensado. Apenas uma última fileira, na Praia dos Coqueiros, permanece com o modelo tradicional.

Da série de barracas, a praia de Jaguaribe apresenta-as de modo intermitente. No começo de Piatã, há um trecho isento delas, para retornarem depois do mirante com intensidade, em densidade inigualada no litoral da cidade, até a Ponta de São Tomé. O tamanho das novas barracas recai diretamente sobre a estreiteza da praia, resultando em numerosos cortes no talude vegetado. As obras paralisadas acentuam os processos erosivos. Barracas em Jaguaribe não estão isentas das ondas, que destróem sua base, mesmo com o recurso desesperado a sacos de areia.

Quanto aos banhistas/ clientes, ao sul da praia de Jaguaribe situam-se mais por conta do serviço das barracas que pelo banho de mar. Até aqui há guardadores de carro, que não seguem até Piatã. A composição desse público, no tocante à renda e seus desdobramentos, é similar à de Patamares. Apesar do público da praia de Jaguaribe, o mar tem seus perigos. São quatro as bandeiras e três os postos salvavidas da terceira ponte até o início do Parque dos Coqueiros.

Na transição de Jaguaribe a Piatã há um emaranhado singular. Esse interregno não é somente nas barracas, mas no tipo de usuários. É o trecho mais adequado em toda a área-estudo para o surfe. Nos outros lugares vão uns poucos indivíduos, enquanto aqui descem também os iniciantes, superlotando, para o padrão do esporte.

Na faixa estreita de areia sentam surfistas e gente tomando sol, pessoas jogam frescobol, aparecem ainda banhistas. Muitos surfistas chegam de carro. As vagas laterais da avenida beira-mar da praia são usadas até em dia de semana, incomum para a orla. Nos finais de semana, aparecem bicicletas e motos encostadas nos coqueiros.

Os ambulantes da calçada atendem a duas dinâmicas: aos que caminham na calçada, que retornam em número e constância a partir de Jaguaribe até o Parque dos Coqueiros, e os surfistas. A ponto de haver locação de prancha de surfe e, oferecidos no talude, cursos desse esporte, e mais a locação de raquetes e bola de frescobol, com cadeiras plásticas avançando sobre a guia central da calçada, e plataformas de alvenaria onde se instalam no talude.

No talude, mastros de futevôlei arrancados pelas ondas. Na areia, instalam-se vendedores ambulantes, com um aparato acima da média: toldos, cadeiras, venda de

refrigerantes e cerveja, de alimento preparado ou mesmo por preparar. Oferecem, ainda que de modo limitado, o mesmo serviço que as barracas de praia. Também suprimindo serviço ausente, pessoas que alugam cadeiras de alumínio.

Os longos recifes da Ponta de São Tomé criam uma área de sombra para o impacto das ondas. Por isso no sentido norte, os surfistas escasseiam, sucedidos por banhistas na água - a praia de Piatã é a mais populosa de toda a orla atlântica. E retornam as barracas, em grande número, muitas com improvisos precários, e concorrência é intensa. No estirâncio, que é o grande corredor de circulação inter-praias, as barracas põem funcionários seus a captar clientes em potencial, assim como na calçada, e elevam o som mecânico. A maioria de música de cunho mais popular.

É, ao longo da área-estudo, a maior faixa de areia dura e plana, de praia dissipativa. O estirâncio é longo o suficiente para permitir gente brincando no filme d'água e (outra coisa única) o acúmulo de água formando uma pequena piscina superaquecida, tomados por famílias. Há público intenso tanto nas barracas, areia e nas águas. Na areia caminha-se, se joga frescobol e fut-tênis (no recrudescimento do futebol), crianças brincam e mulheres sentam. Parte significativa do público é de menor renda.

Os ambulantes continuam, em franca competição com os barraqueiros, aproveitando seus intervalos, vendendo os mesmos produtos, junto com as baianas de acarajé. É a única praia onde isso acontece, pela quantidade de banhistas. Muitos perambulantes de brinquedos percorrem a área.

Um outro entrelaçamento acontece ao sul do Parque dos Coqueiros. As barracas se afastam da calçada, com uma esplanada à sombra de coqueiros. Diferente do Corsário, onde as barracas voltavam sua fachada à rua, aqui são fundos, onde estão seus sanitários e chuveiros. À borda da pista que entra no Parque, ambulantes, que atendem tanto aos banhistas que descem na parada de ônibus próxima quanto os que circulam pela calçada.

Vendem não só refrigerios, como também confecções praianas (redes, cangas, etc.) e outros produtos que normalmente são oferecidos por perambulantes, como óculos de sol. Dependem dos ciclos dos banhistas: trabalham no período diurno, com ênfase nos finais de semana e tempo ensolarado. Porém a parafernália deles pernoita. Há uma segurança particular da qual são signatários, que a protege. Alguns barraqueiros também contratam seu próprio segurança noturno – ainda assim, e mesmo com módulo policial próximo, há roubos.

Os ambulantes aqui marcam sua posse do espaço, com patamares construídos na areia, de maneiras diversas.

Esse quadro complexo se desarma no inverno (o ciclo das estações aqui é preponderante), que traz consigo a mudança no regime de ondas, e o que era área resguardada passa a receber ondas frontais. Aí o diapasão oscila entre os babeiros, nos finais de semana no período matutino, e os surfistas, nos dias de semana e finais, à tarde. Nesse lugar o surfe ganha autonomia, sem relacionar-se com ambulantes, e sem o apinhamento de interesses distintos na areia. Em compensação, uma faixa maior torna-se adequada ao surfe e ao *kitesurf*.

É esporte relativamente recente, e realizada por poucas pessoas – no entanto, é bastante chamativa. No verão e primavera ocorre ao norte da foz do rio Jaguaribe, onde não há banhistas e a planície de areia é grande. Pela direção do vento, o

praticante singra paralelo à praia, conflitando com os banhistas. No outono, praticam também a partir da entrada do SESC, correndo até o rio. No inverno, com vento, praticam na própria Ponta de São Tomé, vazia de gente, chegando a superar a dezena.

O ponto de incidência do *kitesurf* é o mesmo do futebol. O baba na foz do rio Jaguaribe é dos mais estáveis, se não o mais estável, na orla – tem sempre alguém jogando. A curva do rio, acentuada para o sul, facilita essa terra plana e vazia, dispensando de conflito, e aceitando várias partidas simultaneamente. No arrimo da calçada, ficam encostados quatro pares de traves metálicas, grandes. mais dois conjuntos de traves de madeira, com correntes, usadas por turmas diferentes. Algumas das turmas que jogam ali são de profissionais. Há vezes em que tal área está repleta de pedriscos e conchas – é varrida com os pés pelos babeiros, e coletados por artesãos *hippies*.

O futebol acontece com intensidade ao longo de Jaguaribe nos finais de semana, mingando um pouco em Piatã, em parte pelo conflito com outros usuários. Chega a haver canchas sucessivas, uma atrás da outra, de preferência pela manhã. Porém, inverte a relação do trecho anterior. Enquanto em Pituaçu e Corsário o babeiro é maioria e o banhista é lateral, aqui a maioria é banhista e o baba é lateral. Depois se torna esparsa, e em conflito com banhistas e clientes, até mesmo em Piatã. É uma dinâmica intensa no sul, que se esgarça ao norte.

A praia na Ponta de São Tomé é relativamente ampla, mesmo em maré alta, contudo é ocupada por banhistas. Recebe babas em temporadas de inverno ou em momentos extremos – em noites de lua cheia ou primeiras horas da manhã. É através deste mote, do baba que acontece na praia da Ponta de São Tomé, que vamos penetrar no universo do Parque dos Coqueiros.

Uma das turmas que joga futebol aí é a dos salva-vidas. No inverno, diminuem a vigilância na areia, e dedicam-se ao treinamento. Natação, corridas na areia, exercícios (como visto em Piatã) e nisso se inclui as partidas de futebol. As kombis se reúnem ao lado, operando como centro deles, e algumas partem para o expediente – essa dinâmica é recente, a partir da reforma do prédio sede deles em Patamares. Os barraqueiros próximos reclamam, porque isso afugenta potenciais clientes, em especial famílias que vêm com seus filhos nas primeiras horas, fugindo do sol de meio-dia.

O Parque dos Coqueiros está isolado do contato visual e da praia por dois elementos: a fileira de barracas, que ocupam o trecho sul, e um cordão de dunas vegetadas, a norte. Ele está repartido em espaços abertos fragmentados pelo atual Santíssima Bahia – antigo Casquinha de Siri, relocado aí já na época da inauguração do espaço – e por tapumes das obras das barracas da orla. Uma área cercada que centraliza a movimentação de material destas, paralisada desde que as obras o foram.

Além disso, cabe falar do amplo estacionamento, entre a pista e o parque; equipamentos de ginástica e uma plataforma de concreto como palco, no setor norte; dos quiosques defronte ao Santíssima Bahia; e a rotatória final da ciclovia criada na atual gestão municipal. No intervalo entre fileira de barracas, uma cancha de vôlei de praia, destacada da praia, ocupada majoritariamente aos domingos. Em pontos menores, a pequena Cruz de São Tomé e uma estátua de Yemanjá.

Quais são os usuários originários? Os banhistas/ clientes, os pescadores, os babeiros e os clientes noturnos.

Os banhistas em profusão deflagram a sua procura pelos barraqueiros, com seus funcionários volantes avançando sobre as calçadas. No papel dos banhistas/clientes, há um entrelaçamento com outra dinâmica, com uma distinção crucial em um perfil de usuário unitário em outros trechos.

Piatã, e principalmente o Parque dos Coqueiros, como outros locais da orla, é ponto de prostituição, intensificado com o antigo Casquinha de Siri. À época, a vedação era de cerca viva e treliça, e ouvia-se e via-se as bandas que tocavam no restaurante. Junto com a iluminação pública propiciavam a aglomeração de público externo, até a madrugada, bebendo nos quiosque, atraindo prostitutas. Com o muro da atual Santíssima Bahia, de 2006, findou tal situação – não se enxergam mais as atrações musicais, e o som é baixo, e os quiosques fecham no meio da tarde. No entanto, parte da clientela do meretrício são turistas, que se hospedam nos leitos do entorno (*flats* e *villages*). A dinâmica do turismo sexual se ativa na alta estação, e se mescla com a dos banhistas por dois fatores: porque o indivíduo age como tal durante o dia e porque há barraqueiros agenciando o meretrício, que acontece já no turno vespertino.

Os banhistas são, por outro lado, vítimas de salteadores que se enraizaram no cordão de dunas, fumando maconha em suas tocas. São jovens que rondam a área, alguns dormem ao relento, encostados nos beirais das edificações. São em maior quantidade na época do verão. Embora haja batidas policiais ocasionais, sempre retornam.

Os quiosqueiros da região os conhecem e os tratam bem, em uma política de boa vizinhança. Dão-lhes comida ou vende-lhes barato, e em retorno os meninos os poupam e mesmo os ajudam em coisas menores. Esses quiosques dedicam-se mais a salgados e pratos-feitos, e seu público é constituído da população de praia da região. Servem como ponto de apoio e socialização de vendedores ambulantes e perambulantes, do Parque dos Coqueiros e mesmo da orla atlântica.

Ao lado dos quiosques, em um gramado, no verão acampam famílias provenientes de Feira de Santana, usando barracas de *camping*. Ali residem e estocam seus produtos: brinquedos infláveis, para o público infantil da praia vizinha. Entre si, vendem produtos complementares, nunca os mesmos. Ocupação semelhante faz um vendedor de artesanato que vive na Ribeira: põe sua barraca de *camping*, com mesas e cadeiras à maneira de vestibulo.

O Parque não permite ser abarcado pela visão, e possui subespaços muito díspares entre si. O trecho a norte do restaurante e tapume de obras é vazio e funciona somente como circulação. A aparelhagem é usada por jovens que aproveitam para cair à água, e mesmo para coletar coco escalando artesanalmente.

As dunas estão cobertas por restinga alta e atravessada por vaus, onde a Prefeitura não atua, apesar dos protestos dos comerciantes vizinhos. Limita-se a cortar o gramado, podar as árvores, retirar os cocos maduros. Segundo depoimento de barraqueiros e quiosqueiros do Parque dos Coqueiros, não se atrevem a fazer a poda eles mesmos por receio dos órgãos ambientais. No entanto, à época da Lavagem de Itapuã, em janeiro, as barracas situadas do outro lado, ao sul de Placaford, desmatam um trecho, para abrigar mais clientes – afirmam que a vegetação cresce rápido.

Antes da crista, uma área de árvores de copa densa e alguns coqueiros, plantadas pelos barraqueiros próximos, e com mobiliário rústico e redes. As barracas, modelo tradicional, distam da areia por dois patamares: um de alvenaria, onde se

situam, e um outro de areia, sustentado por contenções diversas. A última construção é a colônia de pescadores.

Sua edificação é de alvenaria e placas de fibrocimento, precárias – ao contrário das demais da orla. As canoas estão na areia, as embarcações menores, dentro de um cercado, e compartilham a areia na Ponta de São Tomé com vendedores ambulantes – alguns vendem destilados. Depois se segue praia deserta.

Acontecem eventos nesse trecho? Sim, em suas duas extremidades e na chamada “praia do SESC”. No trecho de praia plana e deserta das margens norte da foz do rio Jaguaribe e no único espaço aberto remanescente do Parque dos Coqueiros. No primeiro, houve alguns ensaios televisionados, abertos ao público, como o do cantor Netinho. No segundo, montam palco para *rock’n roll*, como *show* alternativo, durante o Carnaval, que traz não só nova leva de vendedores ambulantes, com espaço loteado nas calçadas, como um pequeno policiamento para as festas noturnas, e seus espectadores, com uma característica peculiar. Eles vivem no lugar pelos dias do Carnaval, acampados em barracas, defronte à área dos *shows*, agrupando-se em núcleos de amigos, com espaços cobertos de convívio.

O SESC realizou em 2007 e 2008 um programa chamado Estação Verão SESC 2008, que antes acontecia em sua colônia de férias, destinado aos comerciários, mas franqueado ao público. Consiste em programação diária com atividades recreativas na areia da praia, durante 30 dias, como competições esportivas e de jogos de tabuleiro, aulas de ginástica e tai-chi-chuan, entre outras. É área longitudinal ao sentido da praia, com perímetro marcado por cones e placas do SESC, palco coberto e toldo para atividades abrigadas.

Tais eventos trazem consigo uma nova trama de relações – seguranças, funcionários dos mais diversos, os performáticos, etc. – que não cabe aqui desnudar, porque são específicas de cada um deles. Não aconteceram no período estudado com incidência suficiente para configurar padrões perceptíveis. Exceto que os ambulantes e perambulantes se incrementam, e outros aparecem, em função do público.

Não há movimento no final da tarde de caminhantes. Só vão aparecer no final de Jaguaribe. Usam as vagas para carro laterais à pista. E desaparecem no Parque dos Coqueiros, que é deserto e mal-iluminado.

placaford e itapuã (sereia)

A Ponta de São Tomé até o antigo Parque da Sereia forma um arco. Ali finda um tipo de ocupação, a via adentra dezenas de metros, e a praia é sucedida por lotes e construções em vez de um espaço público. O arco descrito tem praia estreita, e afloramentos rochosos a interrompem e, na água, criam o efeito da difração – presente de maneira idêntica somente na Pituba.

A implantação da Av. Otávio Mangabeira se deu de maneira similar à da Av. Oceânica da Barra, eliminando o talude gramado, com muro de arrimo em praia estreita. Com a diferença de que no inverno as águas não somente sobem, como também erodem o talude, causando danos periodicamente e atingindo barracas.

Alguns trechos são bem iluminados, e o Parque da Sereia é contíguo à praia, sem barreiras visuais, e dotado de uma diversidade de situações: quadras e estacionamentos, quiosques pequenos e dois grandes restaurantes (o Língua de Prata e o Jangada), colônias de pescadores e peixaria.

A dinâmica da área é centrada, durante o dia, na relação banhistas/ barraqueiros e, à noite, na relação clientes/ estabelecimentos, com picos nos finais de semana para ambas. Alguns poucos fazem a conexão entre ambas as dinâmicas.

A primeira é centrada na praia. O primeiro trecho do arco, de sul a norte, como antes descrito é vazio em comparação com o anterior. A pequena enseada formada pelos recifes é ocupada por gente, mas em pequeno número.

Aparece a seguir um arrimo elevado, exclusivo na orla atlântica. Acima, barracas de praia. Atendem em três cotas diferentes: com mesas e cadeiras na areia da praia, em seu próprio patamar e acima, em chão de terra batida e sob coqueiral, em trecho do Parque dos Coqueiros tornado de uso dos barraqueiros. Ali estão edículas de sanitário e depósitos, e canteiros ajardinados. Um trecho ainda lhes serve ainda de estacionamento. Operam em conjunto com um quiosque de coco ao lado.

A rampa de acesso à rua e o mirante de Placafor (sic) modifica essa situação, e apresenta as barracas à altura da praia, com retroárea na curta distância com o arrimo da calçada. A última das barracas tem uma longa plataforma longitudinal, com coqueiros. Dela até o mirante aparecem vários clientes/ banhistas, nas cadeiras, na areia e no mar. Onde conclui a fileira de barracas, a faixa de areia se estrangula. Aos pés do mirante encostam-se alguns barcos em estrados, de propriedade dos barraqueiros.

Para minimizar a força das ondas, aos pés do arrimo se dispôs um enrocamento de pedras ciclópicas. Servem de apoio (pertences, bicicletas, etc.) aos raros banhistas. Há muitas saídas de água pluvial, com a cor negra da contaminação por efluentes domésticos irregulares, e muitos afloramentos rochosos, na água e na areia, com riscos de acidentes. Em muitos trechos, recantos de águas protegidas, quando não é maré alta.

É comum haver mais gente caminhando que sentada na areia ou nas pedras. Avançando-se a norte, enseadas balneáveis, com salva-vidas. Pelo trecho inteiro de praia circulam os perambulantes, inclusive os vendedores de bolas plásticas. Servem-lhes como preliminar, onde se preparam para a jornada, e o mostrador com seu produto, bancos de argamassa da calçada, os telheiros dos pescadores e os quiosques do Parque da Sereia.

Ao longo da praia aparecem pequenos agrupamentos de barracas a cada tanto, com aglomeração de pessoas decorrente, e cadeiras avançando quase até a água em algumas. É lugar muito atingido pelas ondas e ressacas, com casos de destruição. As ressacas do mar retiraram deste trecho a maioria das barracas existentes. As remanescentes ficam em patamares intermediários entre calçada e praia, alguns com coqueiros plantados, mas enfrentam anualmente as ondas e seus danos.

Uma das barracas aluga pranchas de surfe e caiaque – então, na enseada defronte, não é raro ver um caiaque, particularidade desta praia. As últimas barracas concluem, e surge o Parque da Sereia. A partir daqui não aparecem mais barracas. Os banhistas retornam, porque as enseadas são mais protegidas.

O Parque da Sereia possui vários quiosques, muitos com ampliações particulares (especialmente sanitários), distribuídos por sua extensão. Os que estão defronte ao mar atendem alguns dos banhistas, embora tenham sua clientela. Para o primeiro tipo de cliente, transpõem a diferença de nível com escadas de madeira.

Ensaiam uma solução similar ao que os barraqueiros fizeram, com outro propósito: no primeiro caso, é facilitar o atendimento; no segundo, a indução do uso da praia e da barraca pelo cliente na calçada. Alguns quiosques direcionam som mecânico para a areia; a maioria tem televisão própria para seus clientes, valendo-se somente da paisagem aberta, quando seu vento não os incomoda.

A área do Parque da Sereia, ao contrário das demais, apresenta uma forte pulsão diária, sem picos nos finais de semana, voltado para a praia. Entre 08:00h e 10:00h da manhã, os quiosqueiros abrem seus estabelecimentos, limpam o chão (com água do mar e varrição) e dispõem as mesas. Alguns deles, defronte à praia, assim como ambulantes, põem mesas na areia, antes varrendo-a. Os perambulantes preparam-se antes da caminhada na praia. Na areia, banhistas afluem – na semana, vigoram as mães e filhos. Os homens jogam futebol.

Na areia, como em Piatã, aparecem ambulantes com toldos, alguns com aparato razoável (como mesas e cadeiras para os clientes). Há também baianas do acarajé, e um boa quantidade de gente tomando sol e na água. A partir daqui adensam-se os banhistas, principalmente finais de semana e verão.

Os quiosques funcionam à noite. O movimento inicia-se ao cair da tarde, e tem ímpeto mesmo em dias de semana. Todos os quiosques do Parque da Sereia “ampliam-se”, com uma área de mesas e cadeiras. A atividade é mais intensa onde eles arrumam ao redor de um espaço aberto. Esse trecho de Itapuã, mais o largo onde a baiana de acarajé Cira está e a parada de ônibus da Av. Dorival Caymmi fazem parte de uma faixa de comércio e serviços que funciona à noite.

No que isso toca a praia? A beira-mar e a faixa de areia serve para passeios de casais, nas primeiras horas da noite.

Na outra extremidade, a barraca João Sergipe organiza as terças o Caldinho de Sergipe. Põe iluminação própria, acarpeta a área de cadeiras, com música ao vivo, funcionando até altas horas, com clientes vindo de carro. Porém, é apenas um ponto, enquanto o Parque da Sereia possui uma rede mais sólida. Além dos quiosques, o Língua de Prata e o Jangada atraem ainda gente, começando em horários diferentes, com *shows* de gênero musical popular²¹.

Ainda nas primeiras horas da noite as quadras são usadas, e perambulantes circulam abertamente. Alguns dos pescadores ainda se mantêm em seus locais, nas extremidades do Parque da Sereia, bebendo e jogando dominó. E aqui vamos aos pescadores.

O bairro de Itapuã tem três colônias de pescadores, duas neste trecho, nos extremos sul e norte do Parque da Sereia. Ao sul são várias construções: telheiros para guarda dos barcos e de seus pertences e para sua estadia, e duas edificações de alvenaria como prédio da colônia propriamente dito e outro para a peixaria. Um dos telheiros, é onde ficam os pescadores, o dia inteiro, e se entretêm jogando baralho e dominó, e com bebidas etílicas, preferencialmente destilados. Seus barcos, principalmente canoas, ficam na areia.

Ao norte do Parque da Sereia fica a segunda colônia. Ao longo da areia, os barcos. E ali mesmo, uma pequena galeria construída, com corredor central e stands dos dois lados. Defronte, na praia, mobiliário de mesas plásticas e bobinas de madeira, pintadas de azul. Os pescadores, ali, fazem o mesmo que no outro telheiro –

²¹ Realmente popular. No caso, o *arrocha* e a *seresta*.

jogam e bebem. Relacionam-se com alguns quiosqueiros do entorno jogando dominó em um dos dois telheiros quadrangulares ao lado do estacionamento, com direito a mesa própria.

Os surfistas aparecem em apenas uma enseada, única que recebe ondas frontais. Há babeiros, mas não são em quantidade. Somente aparecem com maior constância a partir da metade, rumo a norte, quando a praia se alarga – poucos deles com uniformes e estrutura maior. A presença maior é das modalidades informais e mais simples, como golzinho. O baba noturno acontece no único canto onde se intersectam a iluminação noturna pública com uma área mais extensa de areia.

Em Itapuã, principalmente no Parque da Sereia, nas pedras da praia e coqueiros, aparecem ebós em gamelas de barro (e plástico imitando barro) com maior frequência que nas demais praias da área-estudo. Assim como pessoas de branco jogando flores ao mar, fora dos festejos de Ano-Novo. Deve-se assinalar que Itapuã tem grande número de terreiros de candomblé no entorno, e três colônias de pescadores, devotos contumazes de Yemanjá, orixá que merece várias estátuas ao longo do bairro, e oferendas no mês de fevereiro. Nessa época, a colônia Z-5 é decorada com varetas fincadas na areia e bandeiras azuis e brancas, similar a outras colônias ao longo da orla.

itapuã (farol)

Este trecho é bastante diferente dos demais da área estudo. A praia é limitada por construções, sem espaço público intermédio, com acesso por ruas perpendiculares em *cul-de-sac*, caminhos de pedestres para a praia. Muda o sentido e direção do litoral soteropolitano, e apresenta pequenas enseadas, algumas pouco definidas, com grandes afloramentos rochosos. Segue-se a mudança de sentido do litoral, na forma de uma praia convexa, onde a maior parte do ano tem acúmulo excepcional de alga e mau-cheiro típico de esgoto. Cria-se uma crosta de algas secas, longa e espessa, na areia, e a própria consistência da água muda, como algo massivo. Daí até a conformação que configura o maior “porto” natural de toda a área-estudo, a famosa pedra-que-ronca, que permite barcos maiores fundearem, e vasta plataforma algal, similar à da Pituba, única no trecho. Uma distribuição ímpar: além da faixa de areia, faixa longitudinal extremamente arborizada, onde estão as barracas, quase todas tradicionais; no que há espaço, aparece um caminho entre as barracas e a murada das residências, às vezes com condição para acesso capilar e estacionamento de veículos.

Porém, enquanto no trecho da Sereia havia saídas pluviais, neste trecho aparecem pontos de poluição mais severa. Ao sul, vazamentos são comuns, acumulando águas negras - jogadas por funcionários da Prefeitura, em vala, até o mar, ou percolando na proximidade do mar, em filetes de mau cheiro, neste e em outra parte.

Os banhistas/ clientes são os usuários centrais na maior parte deste trecho. Somente o trecho de Piatã da Ponta de São Tomé apresenta maior presença e densidade de banhistas – até pela estreiteza destas praias. Os banhistas aparecem em profusão onde há águas balneáveis: no trecho ao sul, onde as pedras formam uma série de pequenas enseadas, e ao norte, próximo ao farol, onde uma falha na plataforma algal cria um remanso que avança dezenas de metros na maré baixa.

Alguns recifes têm uma distribuição própria de gente pelo seu tamanho: quem pesca de anzol e linha fica na frente d’água; os que contemplam, sentam ali e de lado

e aqueles que tomam sol voltam-se para a praia e ficam próximos da areia ou se agrupam com família protegidos em trincheira. O mesmo vale para as pedras que afloram na areia, com exceção de uma, logo no começo, que é usada por gente que loca bóias. Gênero de produto que retorna somente ao norte, em dois pontos específicos, servindo como indicador de demanda infantil para tanto.

Ao norte, após a colônia de pescadores, a praia se alarga. Modelos de barracas de praia estão na areia mas não são pontos comerciais, mas anexos de pousadas vizinhas. Ao lado, jardins, esculturas e uma praça com mobiliário.

As algas da praia convexa se esgarçam na água, e ancoram barcos de maior porte, fora os catamarãs e barcos encostados na areia. As crianças nadam entre os barcos. Para depois aparecer a vasta plataforma que protege os barcos. A dita fratura cria área própria para banho, além das muitas piscinas naturais em água transparente que atraem muita gente. Pais e filhos e jovens usam-nas em profusão. A praia se estreita novamente, e as cadeiras das barracas avançam até a água, literalmente.

Então, os banhistas se concentram nos extremos, com recorrências. Pode-se interpretar o contrário: que a zona convexa seja um interregno entre perfis de praia similares em dinâmica. No inverno, a situação da praia muda, as algas desaparecem, mas são raros os banhistas em toda a área. A relação entre algas e banhistas se comprova na enseada anterior: as crianças nadam nos recantos opostos às algas presentes. Daí o entendimento que a presença destas tornam as águas imprestáveis para banho, por uma questão de hábito.

Esse trecho, assim vazio, é onde estão as barracas mais estruturadas, com maior área (embora partindo de modelos tradicionais), serviço mais diversificado, paisagismo e contribuições originais no campo do objeto, incluindo peças escultóricas – que veremos em outro tópico. Uma curiosidade está em que não usam sombreros, pois a copa das árvores cumprem o papel. Os trechos mais próprios para banho, porém, apresentam muitas barracas mal ajambradas. Daí que a situação entre banhistas e barraqueiros está em pé de igualdade.

Os banhistas atraem vendedores ambulantes e perambulantes. De comida (cachorro-quente, pastel e pipoca) e bebidas (refrigerantes e cerveja), especialmente no canto mais ao sul, sem barracas ainda, e defronte algumas das primeiras, inclusive ocupando ostensivamente uma ponta da areia. Em ambos os casos, com mesas e cadeiras de plástico para os clientes. Aparecem também pedintes, chamadas de “ciganas”, com roupa característica.

O espelho d’água da praia convexa é usado para prática de *windsurf*, único na área-estudo. Em dois pontos alugam pranchas para esportes náuticos. Em um dos cantos, somente pranchões antigos de *windsurf*. No outro, um serviço mais completo: caiaque (dois lugares, um só mais moderno); pranchão (para duas pessoas); prancha de *windsurf*, com curso; barcos à vela, com curso. Aluga ainda o local para outras pessoas deixarem seus barcos ou pranchas. O *windsurf* também aparece, mais raramente, no mar batido, além dos recifes do ancoradouro natural.

Próximo, uma cancha de vôlei com pouca frequência, vizinha de barracas, em cujos fregueses a bola cai de quando em quando. Outra cancha, com maior frequência de uso, está entre os quiosques de pousada.

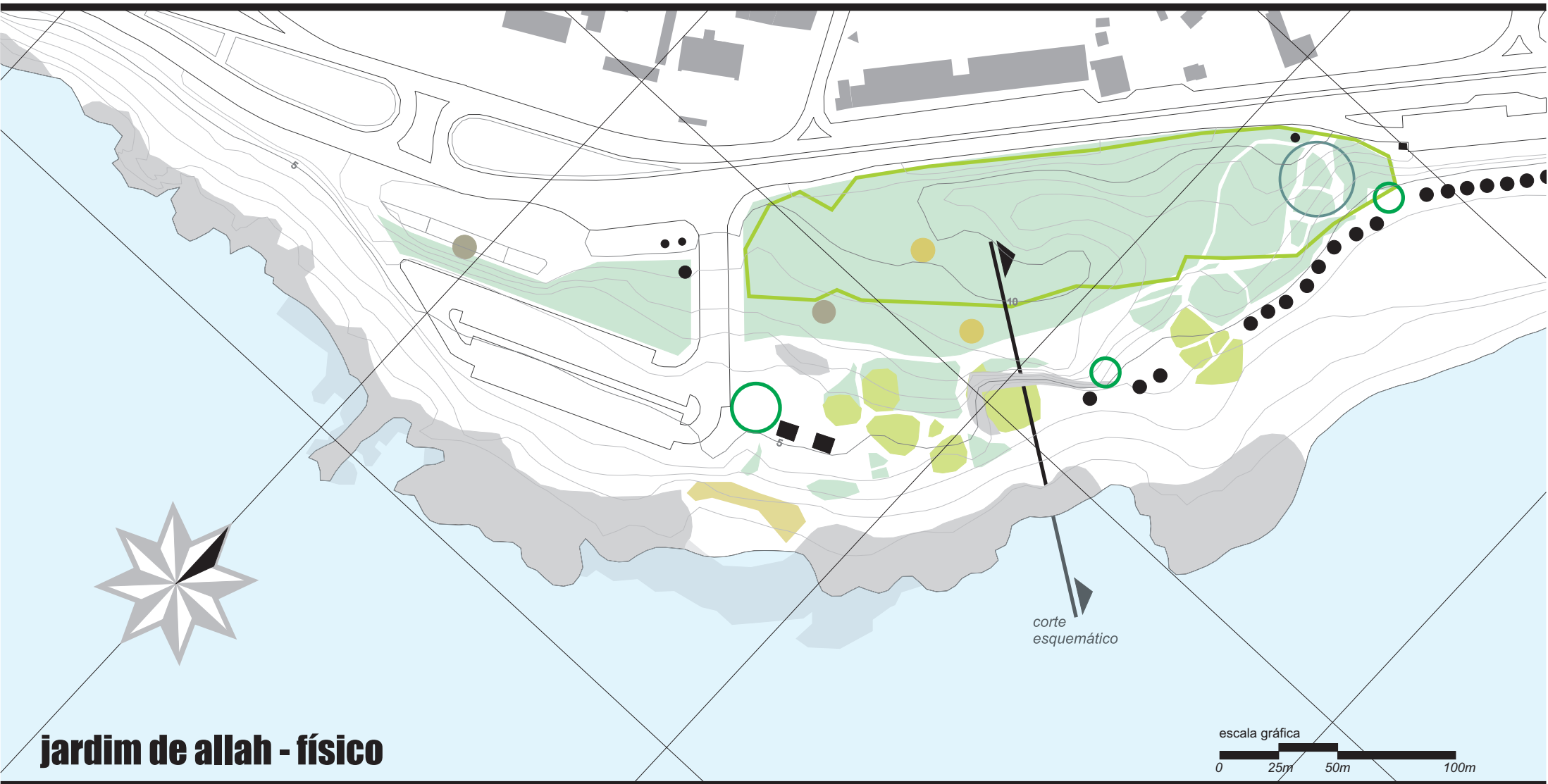
Ao lado, os barcos aproveitam essa proteção. A colônia de pescadores Z-6 situa-se fora da praia, em largo que serve como estacionamento e acesso veicular a uma fileira de barracas de praia vizinhas. Na areia ficam as naus. Na água, os barcos

maiores. É comum os barcos ancorarem na água e botes servirem de transporte destes à praia, ou barcos de calado menor, embora de porte, ficarem na areia, na maré baixa.

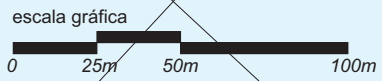
Além dos banhistas e dos pescadores da colônia, são ainda usuários originários os pescadores de anzol e linha. Como antes descrito, ficam nas extremidades das pedras ao sul do trecho. Na praia convexa, ficam sobre pedras submersas – então aparentam estar simplesmente de pé sobre a água.

Os babeiros não comparecem a esse trecho de praia.

Há oferta de presentes a Yemanjá no dia 2 de fevereiro, mas é uma celebração dos pescadores, que decoram a copa da árvore na rotatória da rua de acesso com bandeirolas de vermelhas, verdes e amarelas. Ao seu lado, dispõem mesas plásticas com as oferendas.



jardim de allah - físico

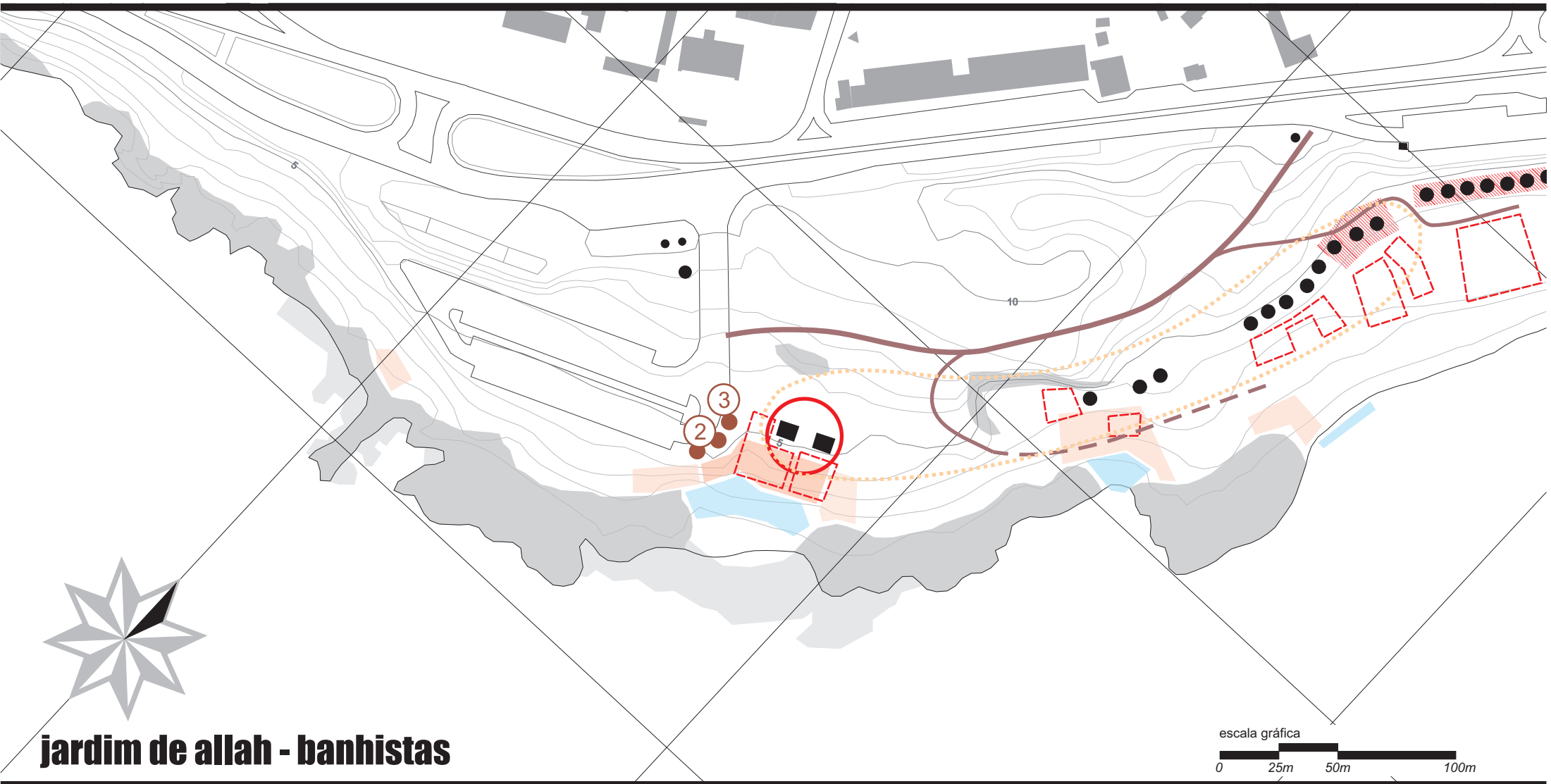


legenda

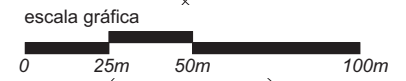
- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas
- correntes de retorno
- mobiliário fixo
- equipamentos de ginástica
- área de coqueiros
- vegetação arbustiva de porte
- vegetação rasteira e arbustiva
- paisagismo localizado
- algas em suspensão
- erosão por chuvas (voçoroca)

69














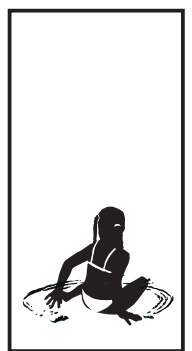


jardim de allah - banhistas

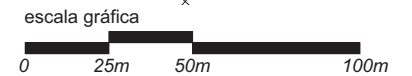


legenda

-  área ativa de barracas
-  barracas polarizadoras
-  área de cadeiras
-  banhistas na areia em quantidade
-  banhistas na areia esparsos
-  banhistas na água
-  área de atuação de perambulantes
-  vendedores ambulantes
-  outros
-  circuito dos massoterapeutas volantes
-  percurso da coleta de lixo



jardim de allah - saúde

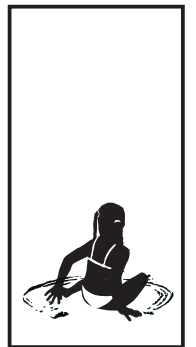


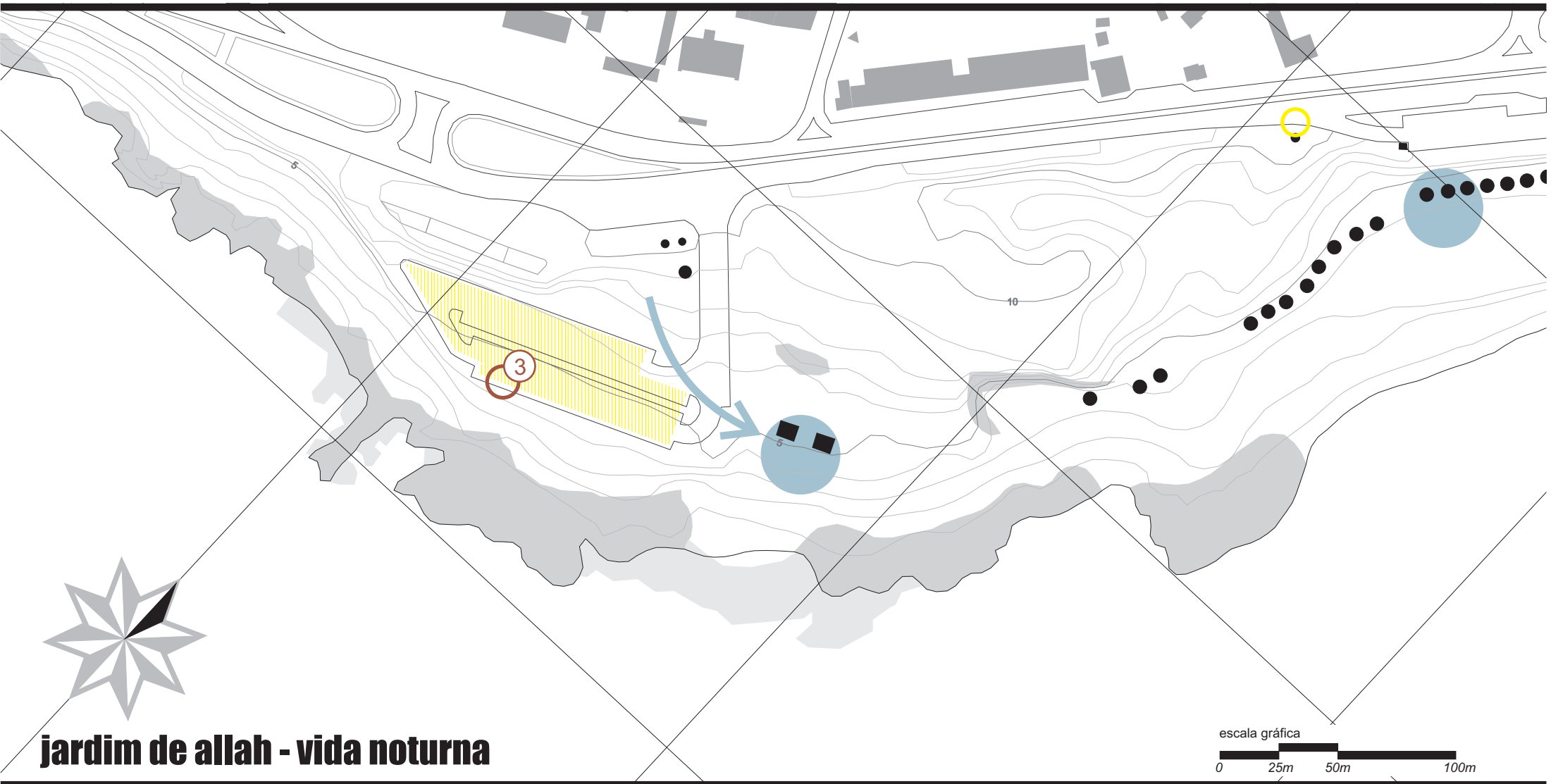
legenda

- percurso constante de caminhada/ corrida
- percurso usual de caminhada/ corrida
- estacionamento dos caminhantes
- prática de exercícios
- massoterapeutas
- circuito dos massoterapeutas volantes

- quiosques (que não-barracas de praia)
- apetrechos de ambulantes
- vendedores ambulantes
- caldo de cana
- coco (majoritariamente)
- refrigério (incluindo coco)





- refrigério, coco e artigos de banca
- jaca

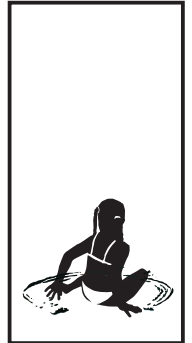


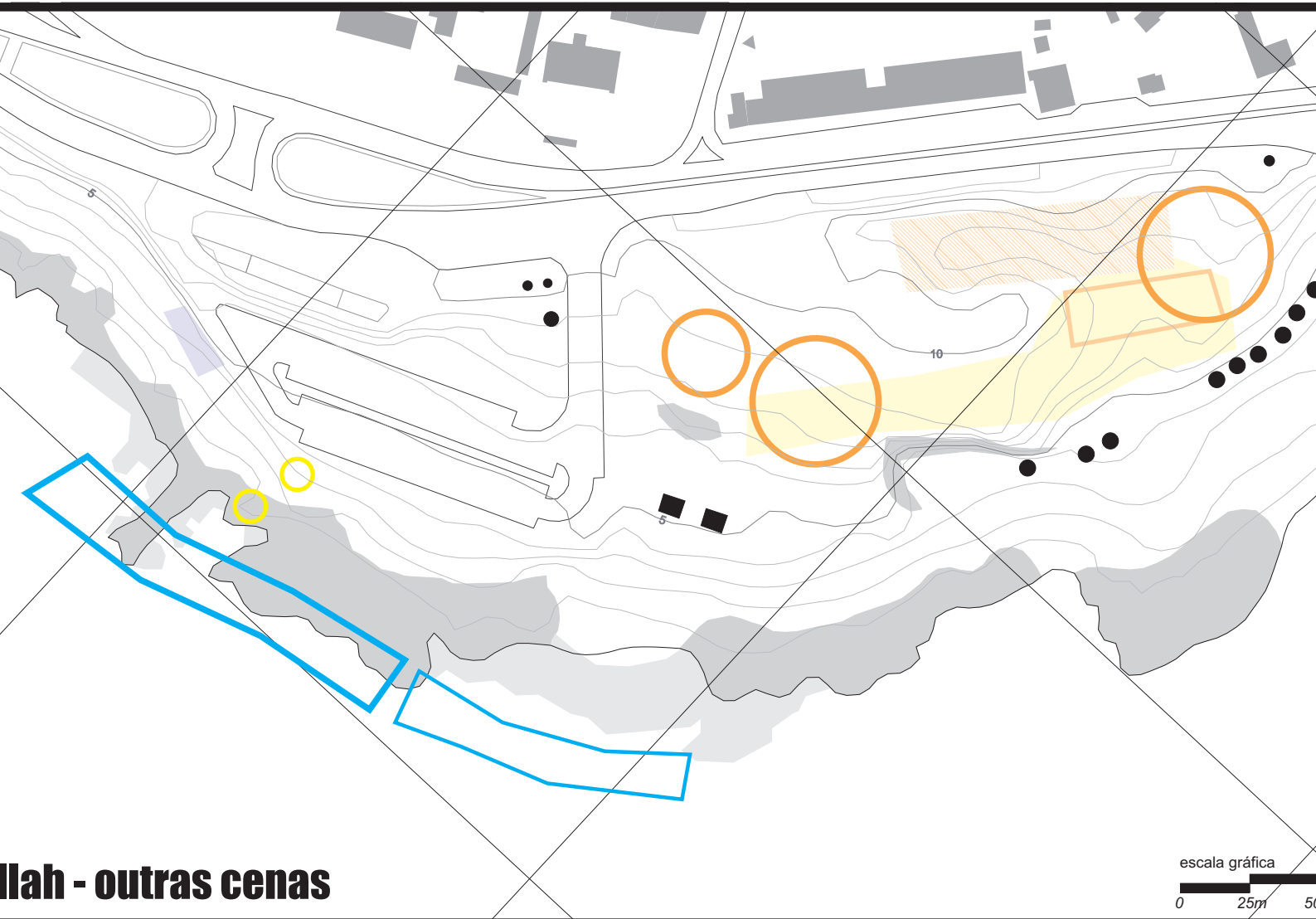


jardim de allah - vida noturna

legenda

-  área de eventos noturnos
-  acesso às áreas
-  localização de prostitutas
-  estacionamento "moteleiro"





Ilah - outras cenas

escala gráfica
0 25m 50

a

pesca de anzol e linha

pesca de rede

área constante de baba

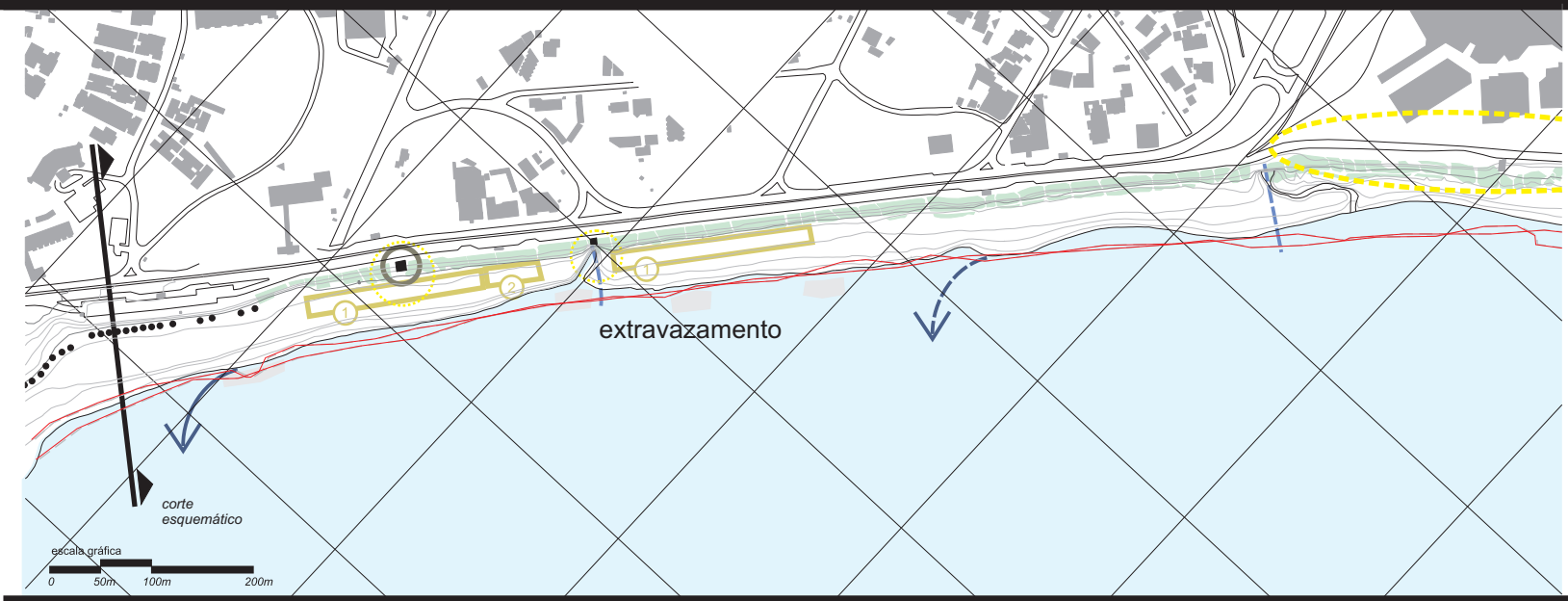
área usual de baba

peças tomando sol e fazendo piquenique

locação de eventos

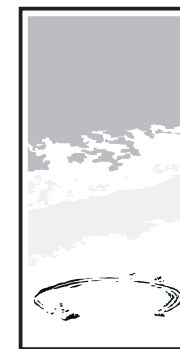
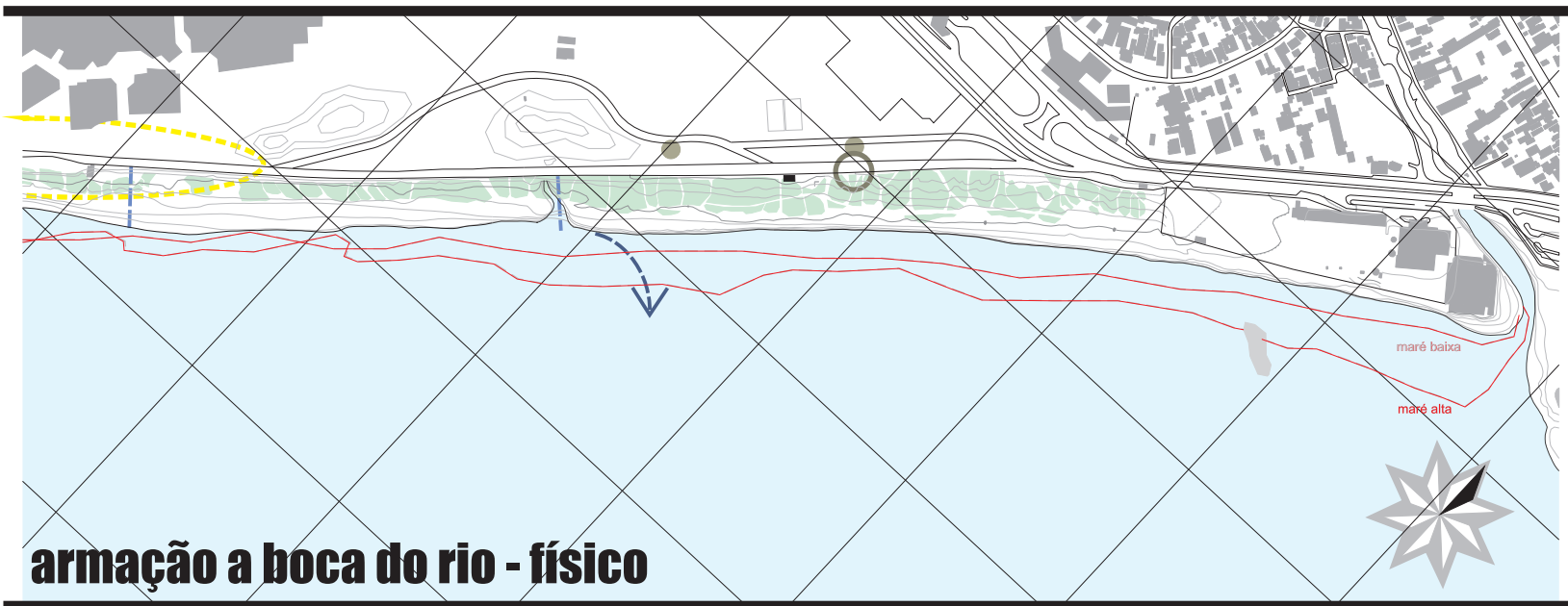
embarcações ancoradas/ encostadas

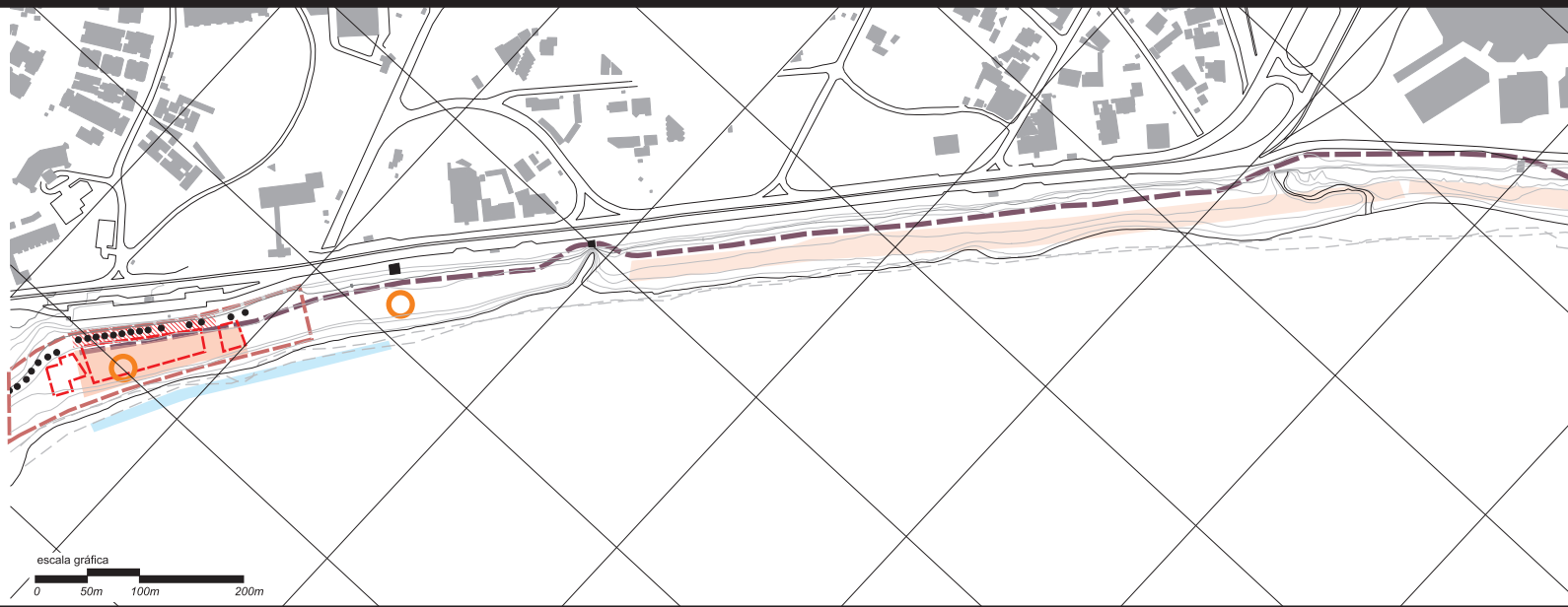
presença de ebós















legenda

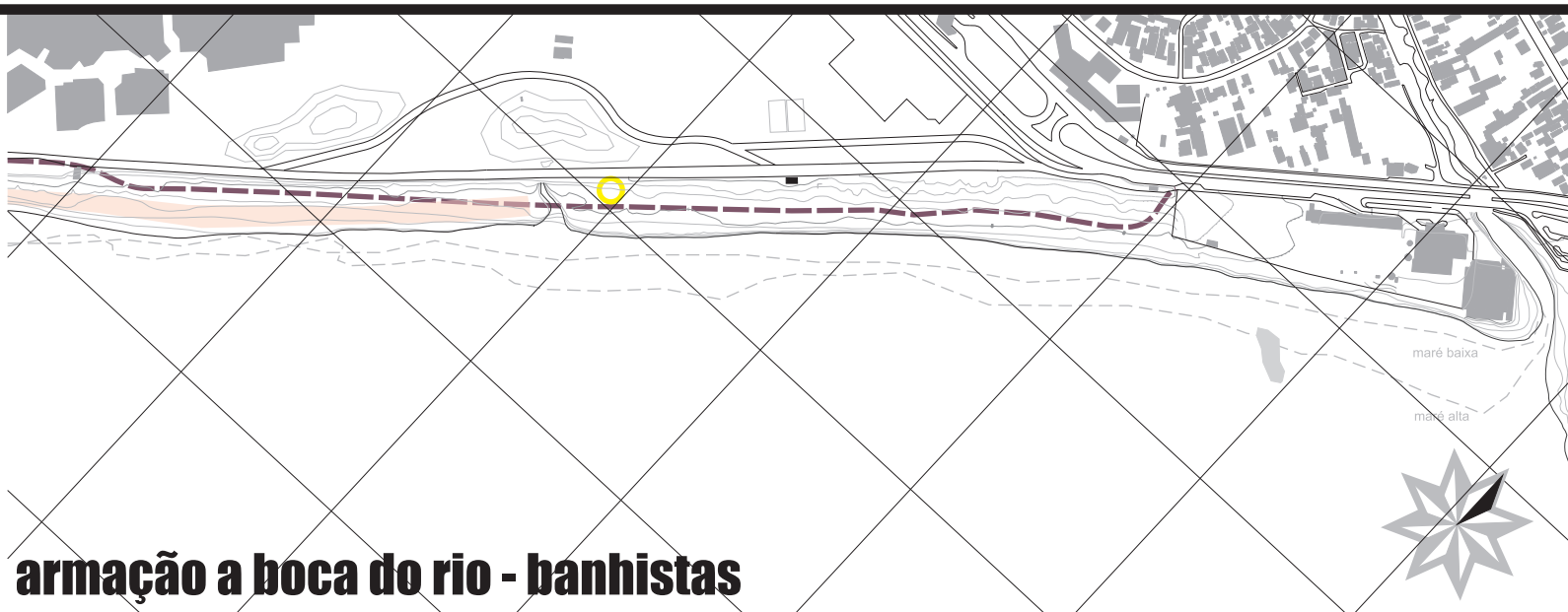
- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas
- saídas pluviais
- linha de costa
- correntes de retorno fixa
- correntes de retorno de posição transitória
- iluminação noturna direcionada
- mobiliário fixo
- equipamentos de ginástica
- mirantes com sanitários
- estrutura deportiva
- 1 vôlei de praia
- 2 beach soccer
- vegetação rasteira e arbustiva



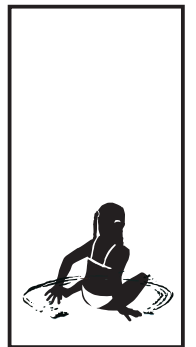


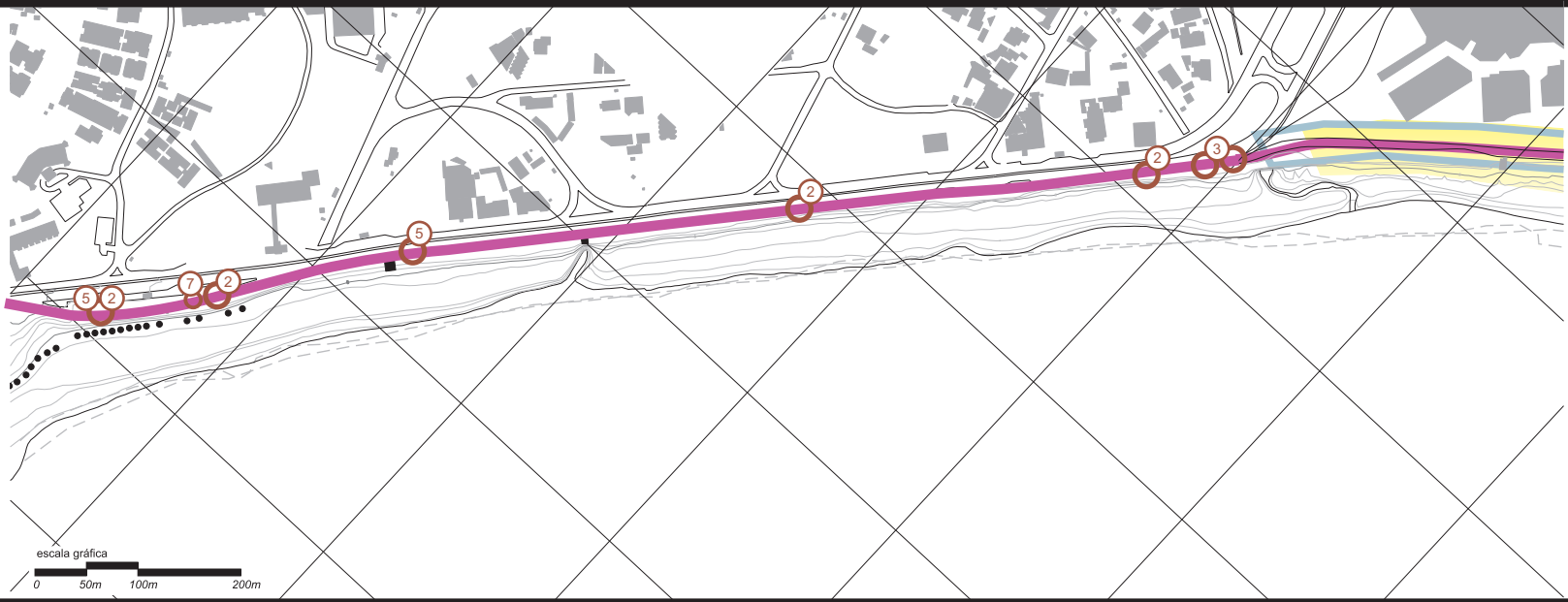
legenda

-  área ativa de barracas
-  área de cadeiras
-  banhistas na areia em quantidade
-  banhistas na areia esparsos
-  banhistas na água (esparsos)
-  área de atuação de perambulantes
-  vendedores ambulantes
-  1 baiana do acarajé
-  posto salva-vidas
-  trajeto da coleta de lixo
-  linha da costa
-  presença de ebós















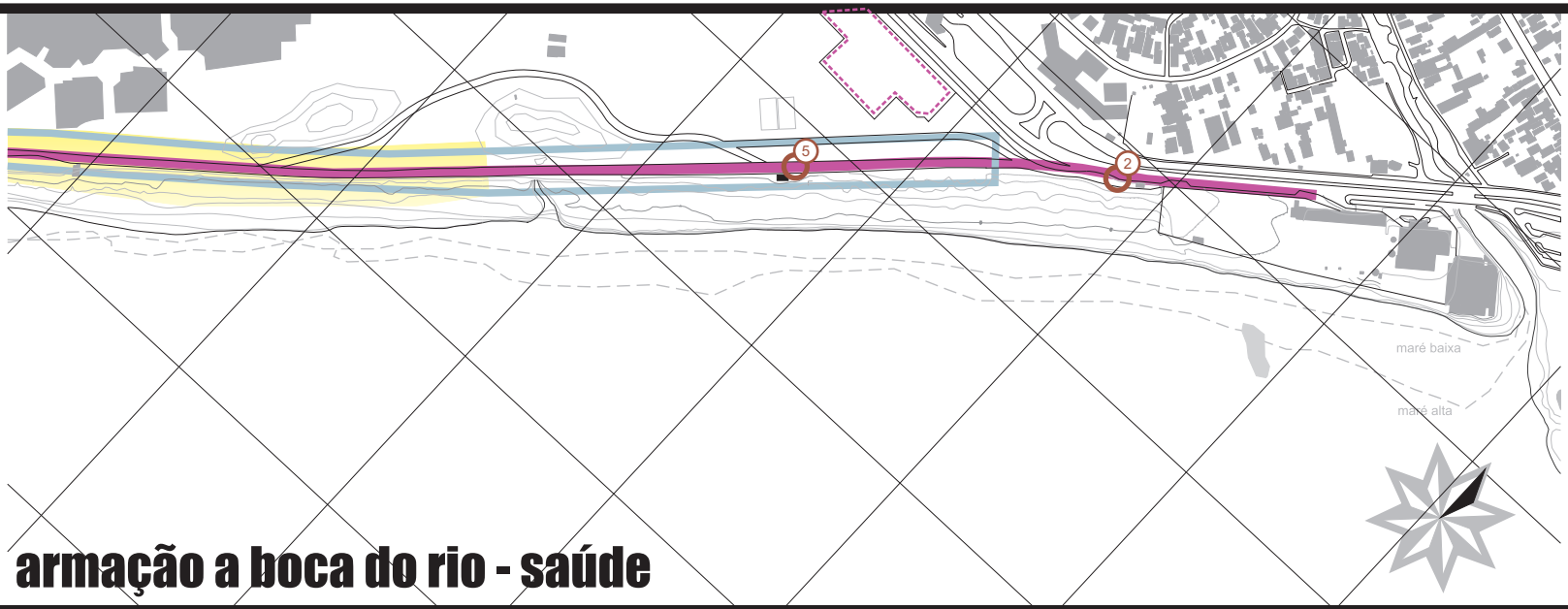
armação a boca do rio - banhistas



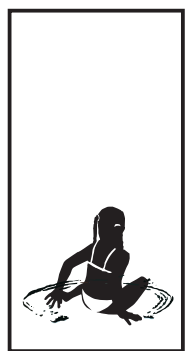


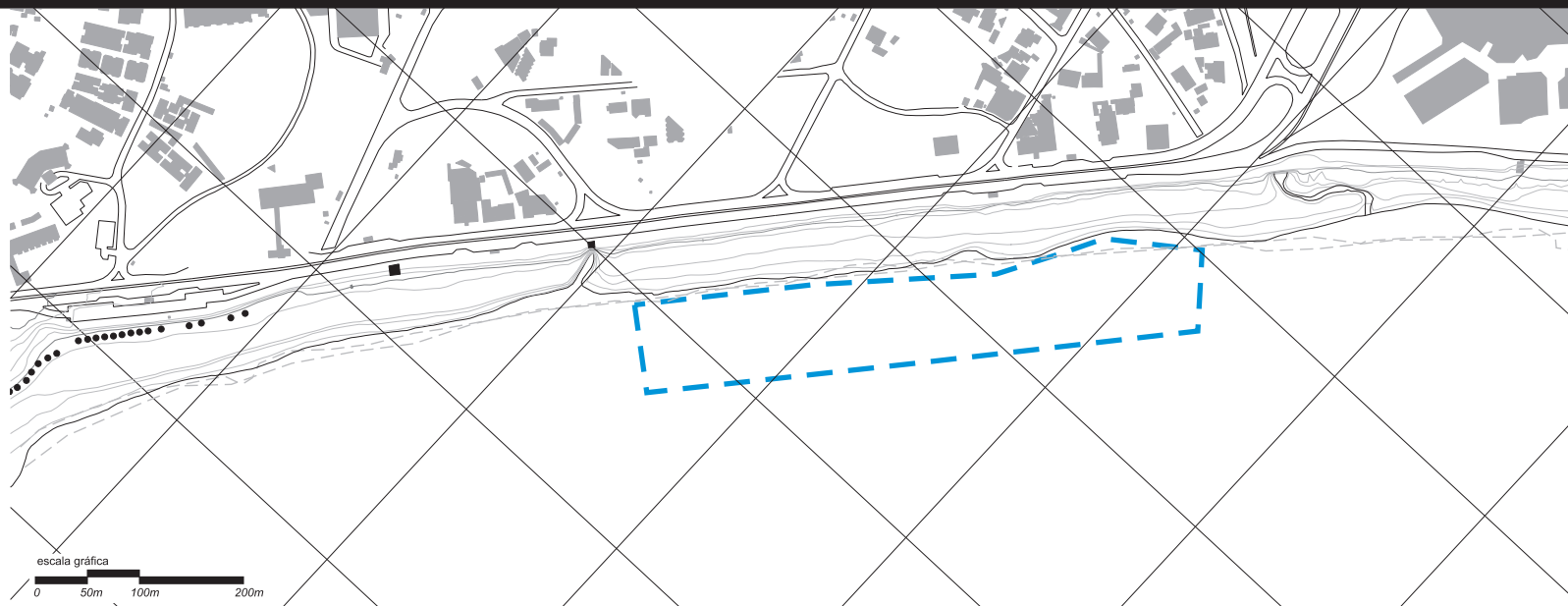
legenda

-  percurso constante de caminhada/ corrida
-  percurso usual de caminhada/ corrida
-  estacionamento dos caminhantes
-  prática de exercícios
-  vendedores ambulantes
-  2 caldo de cana
-  3 coco
-  5 refrigério (incluindo coco)
-  7 alimento preparado *in situ*
-  contempladores
-  salteadores
-  linha da costa





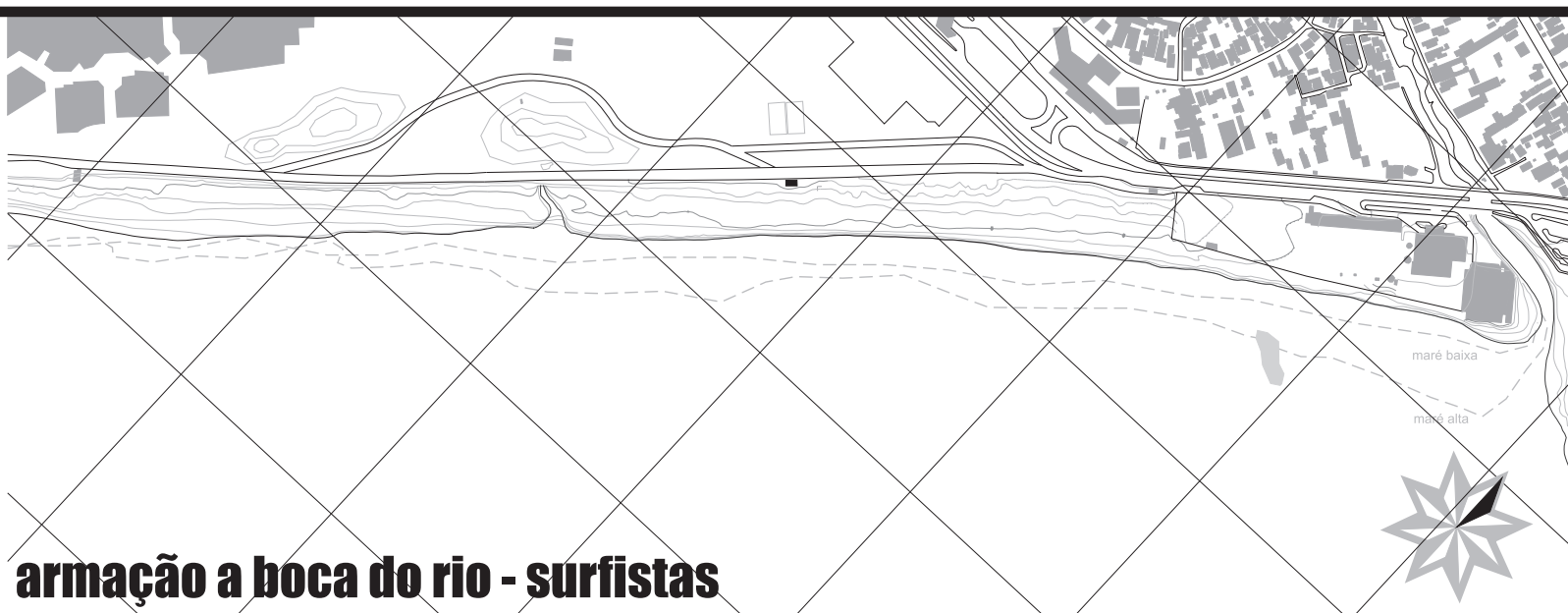
armação a boca do rio - saúde



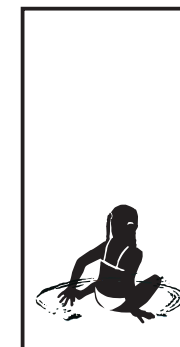


legenda

-  área usada por surfistas
-  linha da costa










armação a boca do rio - surfistas





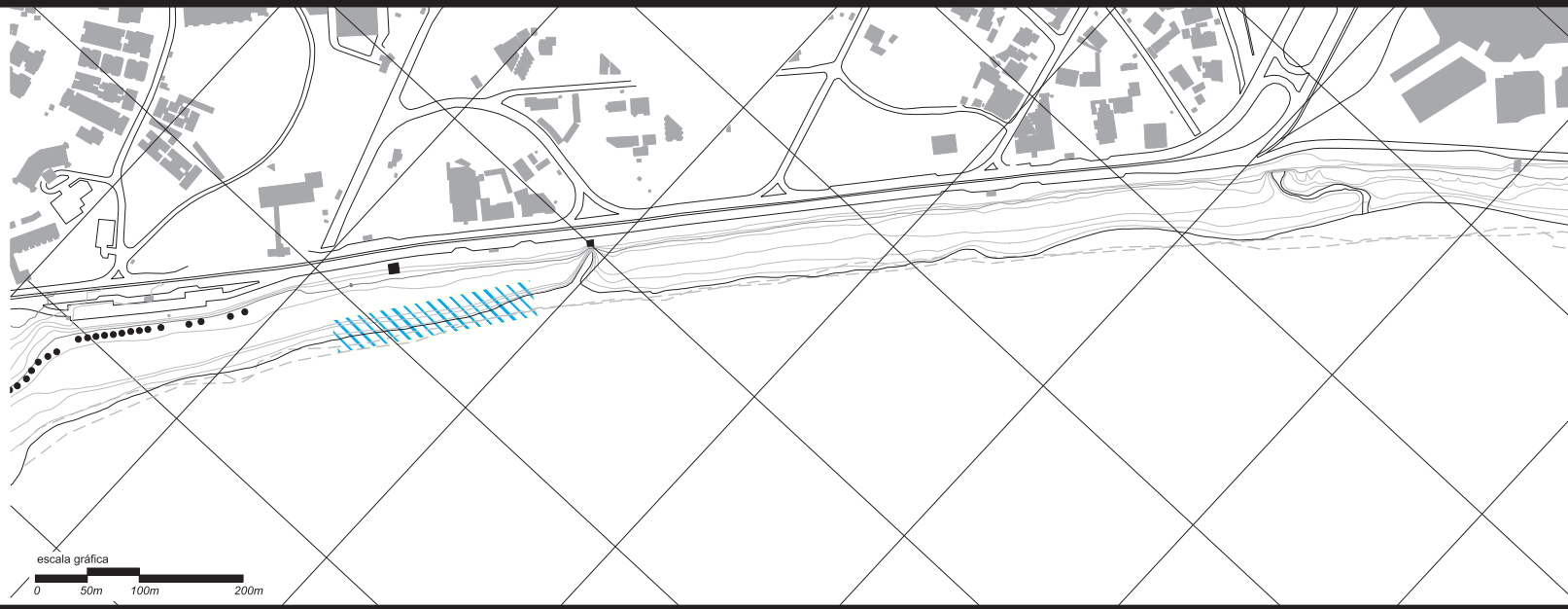
legenda

-  área constante de baba
-  área usual de baba
-  prática de exercícios
-  vendedores ambulantes
-  5 refrigerio (incluindo coco)
-  vôlei de praia
-  linha da costa








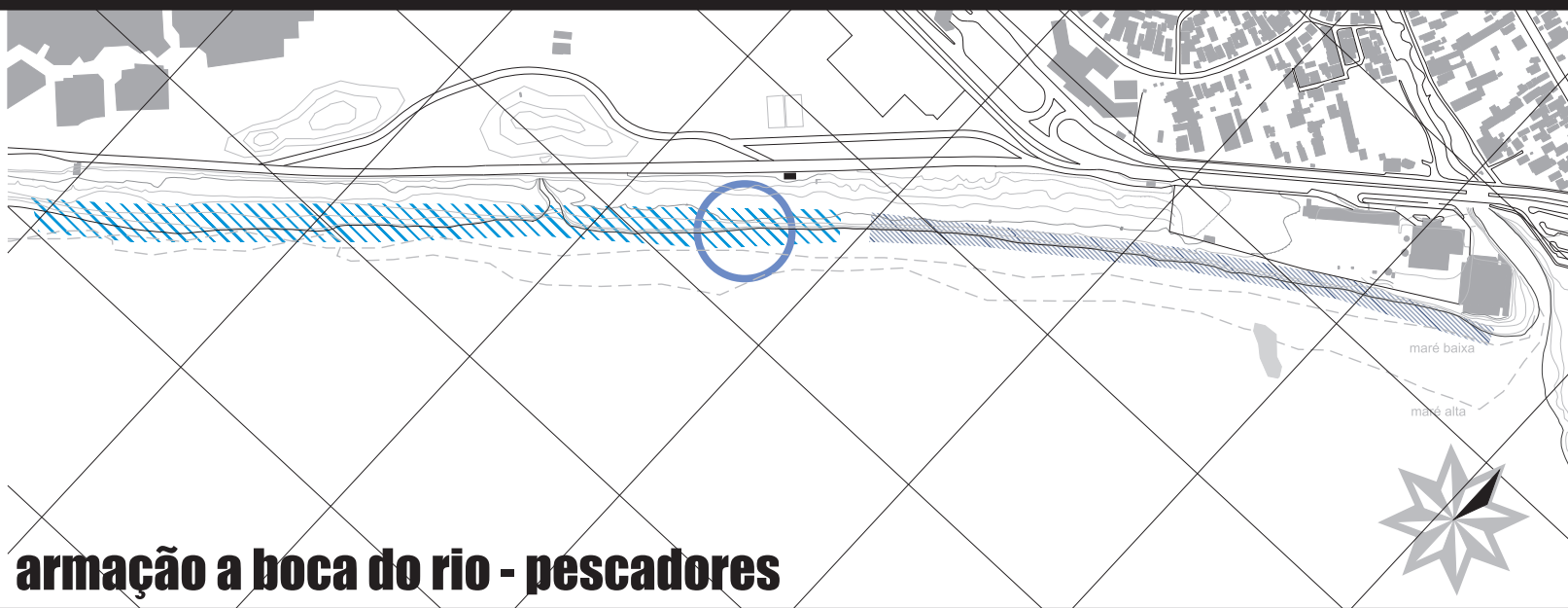
armação a boca do rio - esportistas



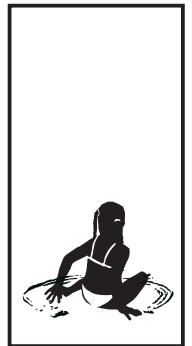


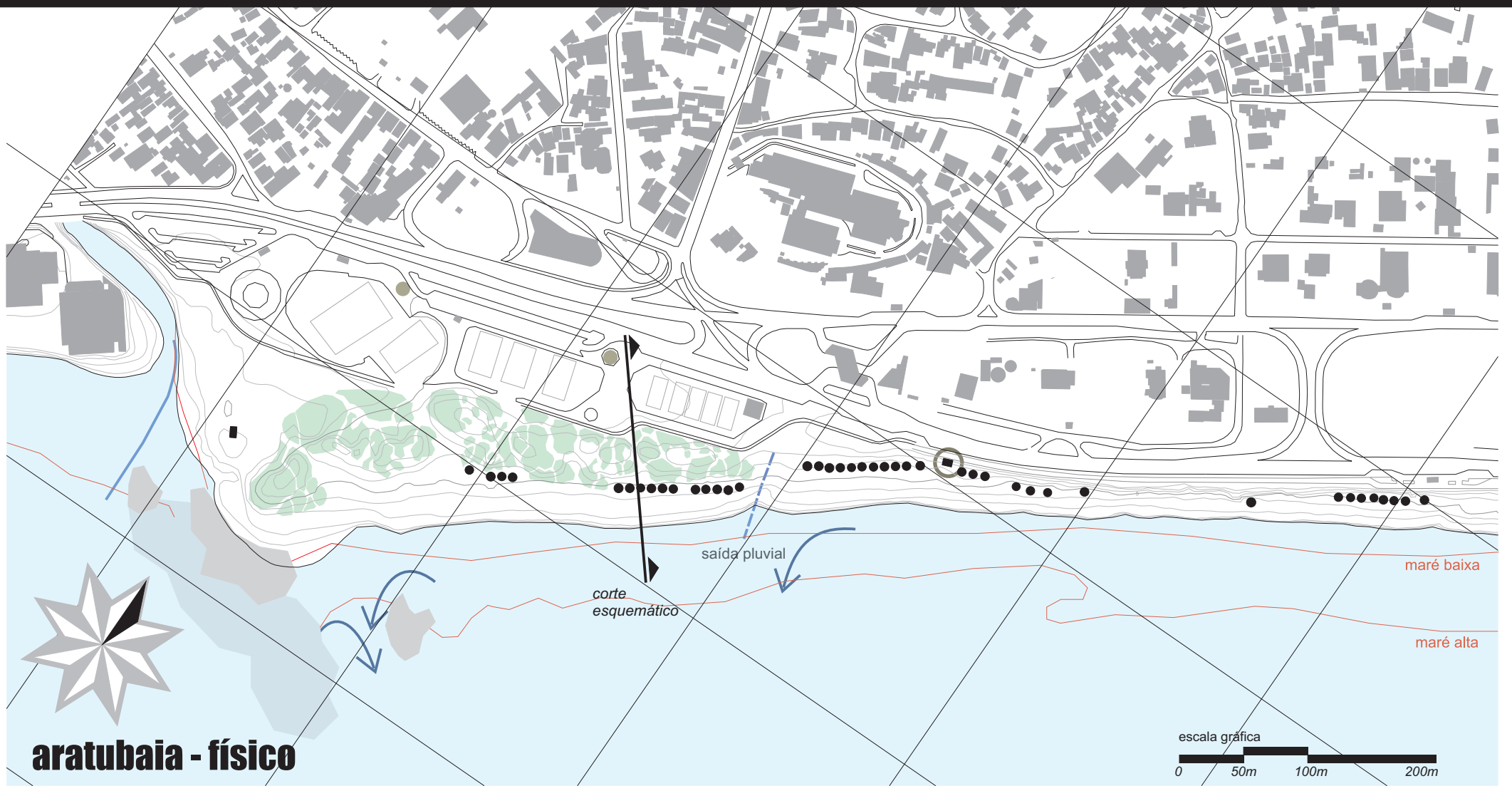
legenda

-  pesca de anzol e linha (concentrado)
-  pesca de anzol e linha (ocasional)
-  pescadores submarinos
-  pesca de rede
-  linha da costa



armação a boca do rio - pescadores

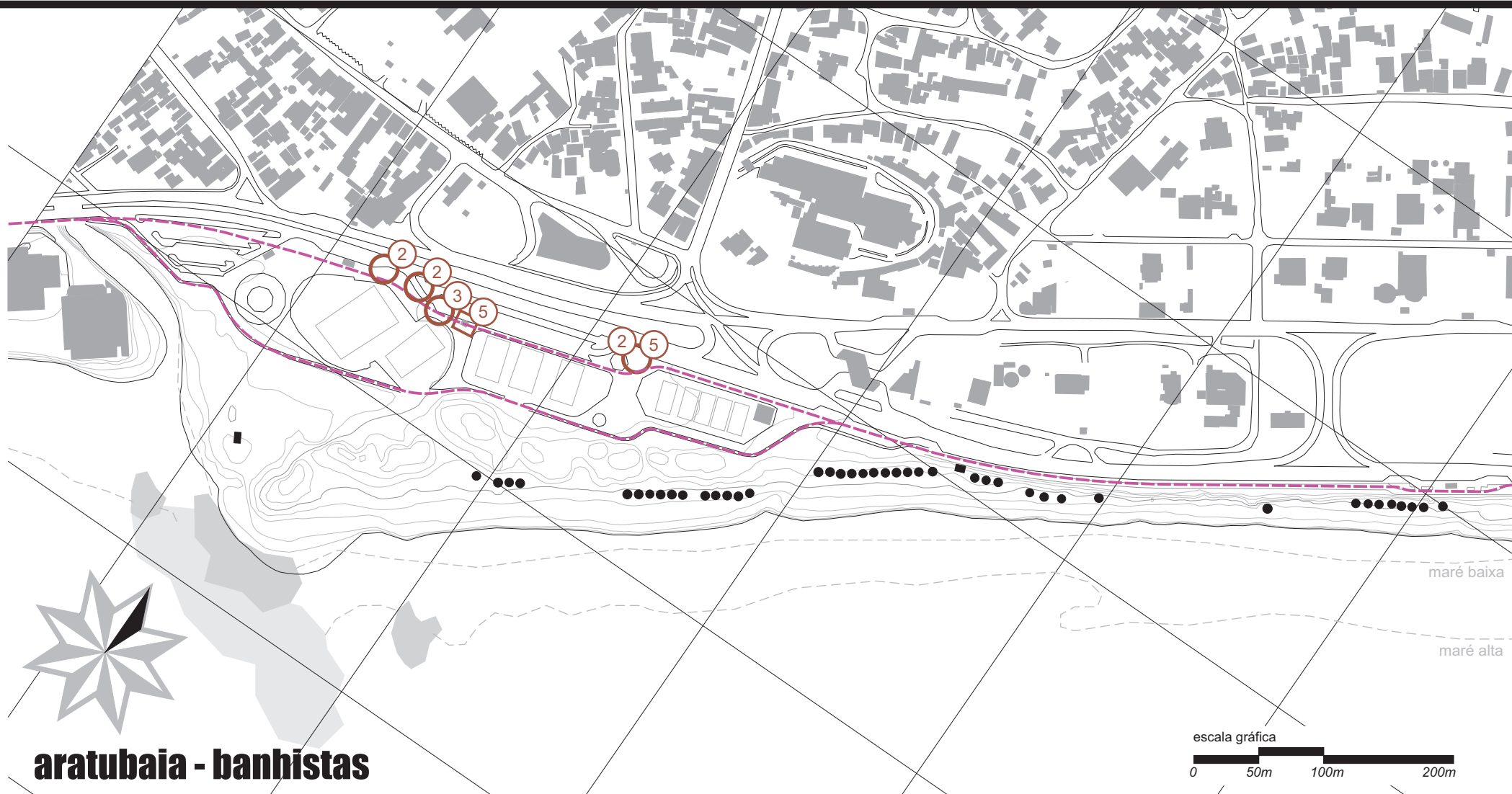











legenda

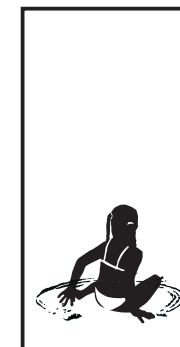
- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas
- saídas pluviais
- saídas de rio
- linha de costa
- vegetação rasteira e arbustiva
- mirantes com sanitários
- correntes de retorno





legenda

-  percurso constante de caminhada/ corrida
-  percurso usual de caminhada/ corrida
-  quiosques (que não-barracas de praia)
-  vendedores ambulantes
-  2 caldo de cana
-  5 refrigerio (incluindo coco)
-  linha da costa





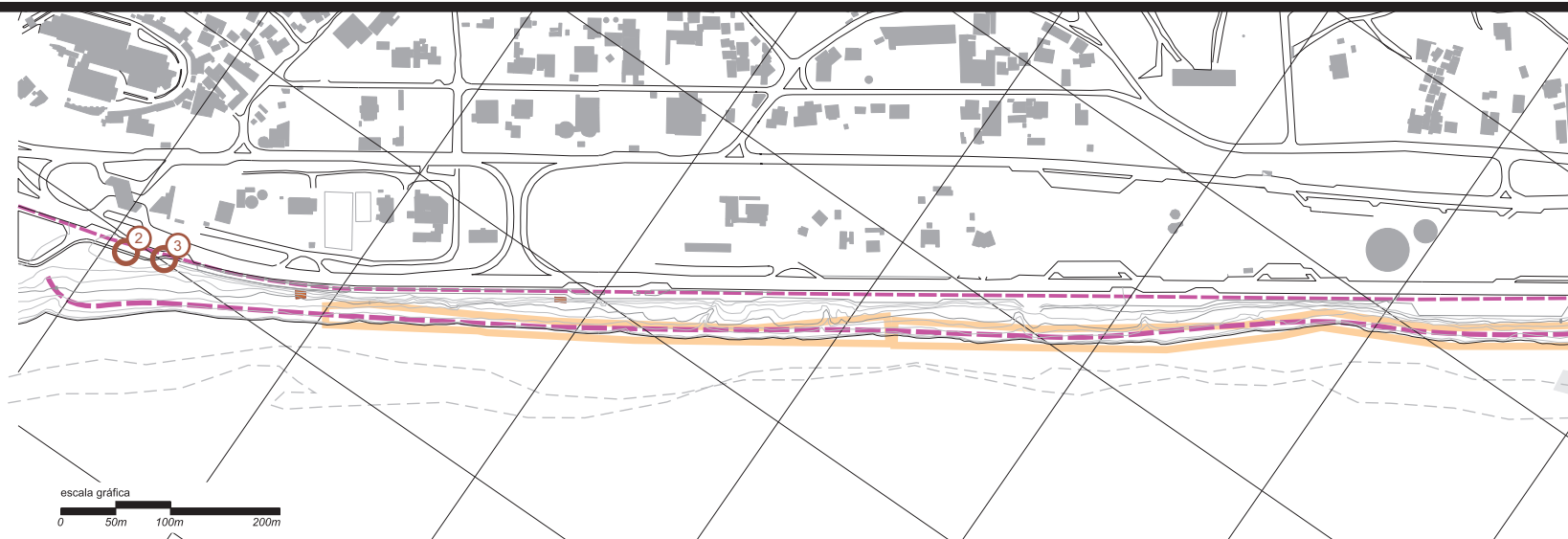
legenda

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas
- erosão por chuvas (voçoroca)
- saídas pluviais
- saídas de rio
- linha de costa
- correntes de retorno
- equipamentos de ginástica
- mirantes com sanitários
- vegetação arbustiva de porte
- vegetação rasteira e arbustiva
- escolhos













corsário a patamares - físico

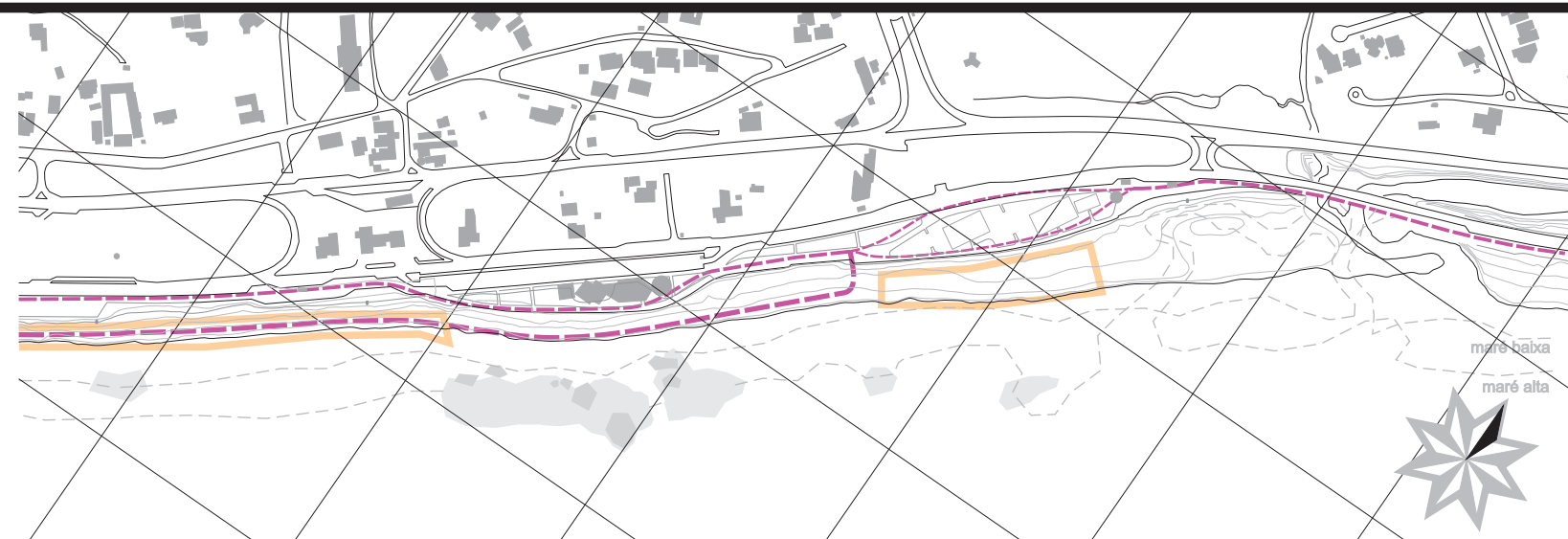




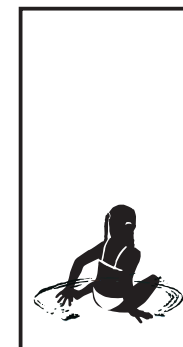
legenda

-  área constante de baba
-  área usual de baba
-  material do baba
-  linha da costa

-  percurso constant de caminhada/ corrida
-  percurso usual de caminhada/ corrida
-  vendedores ambulantes
-  caldo de cana
-  coco (majoritariamente)
-  linha da costa















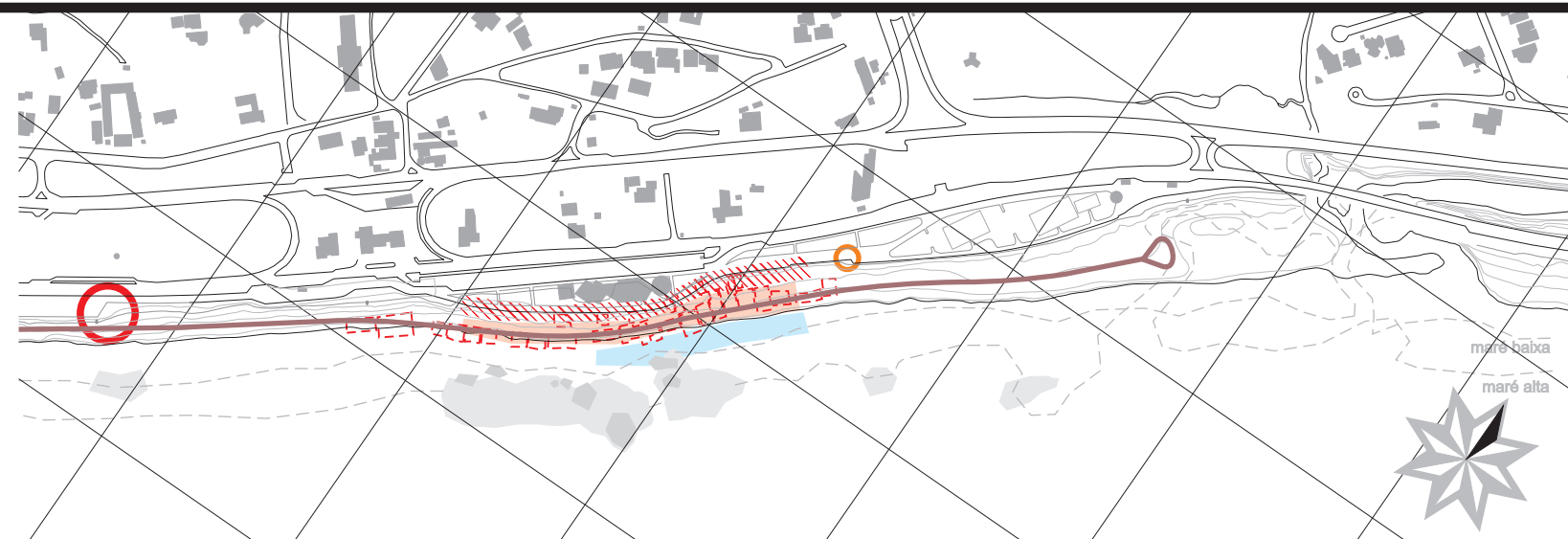
corsário a patamares - babeiros e saúde



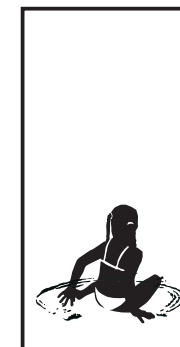


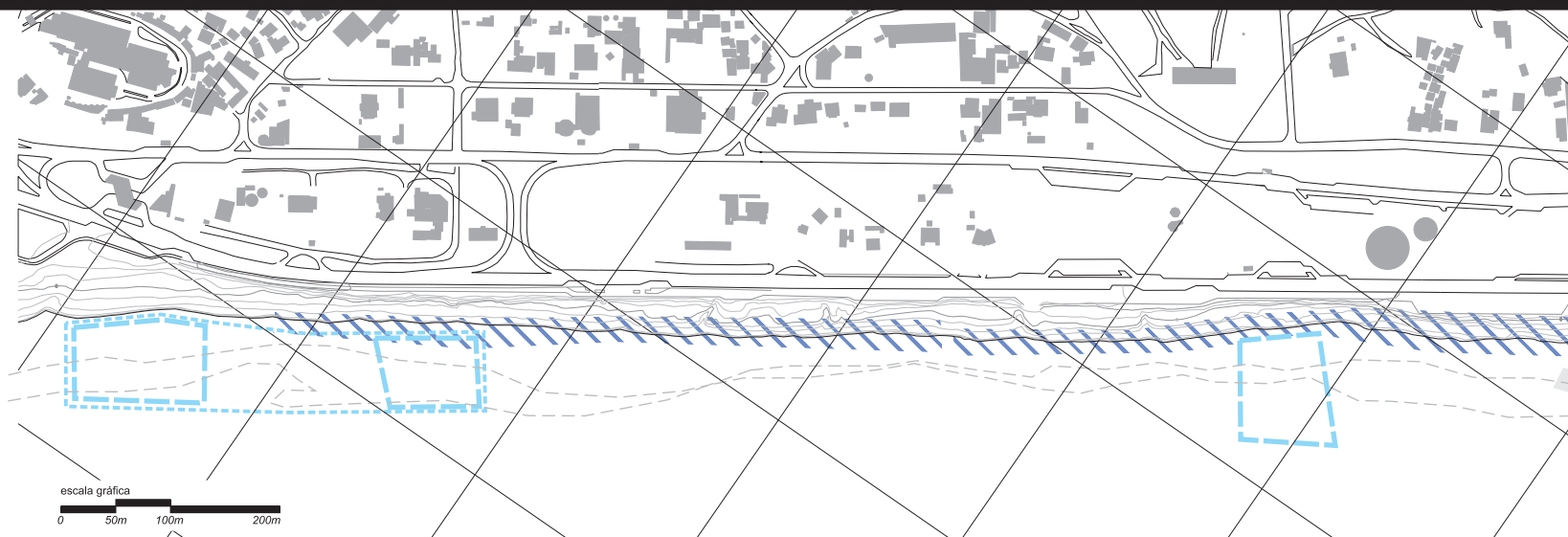
legenda

-  posto salva-vidas
-  área ativa de barracas
-  barracas polarizadoras
-  área de cadeiras
-  banhistas na areia em quantidade
-  banhistas na areia esparsos
-  banhistas na água
-  área de atuação de perambulantes
-  percurso da coleta de lixo
-  outros
-  linha da costa
-  vôlei de praia ocasional










corsário a patamares - banhistas

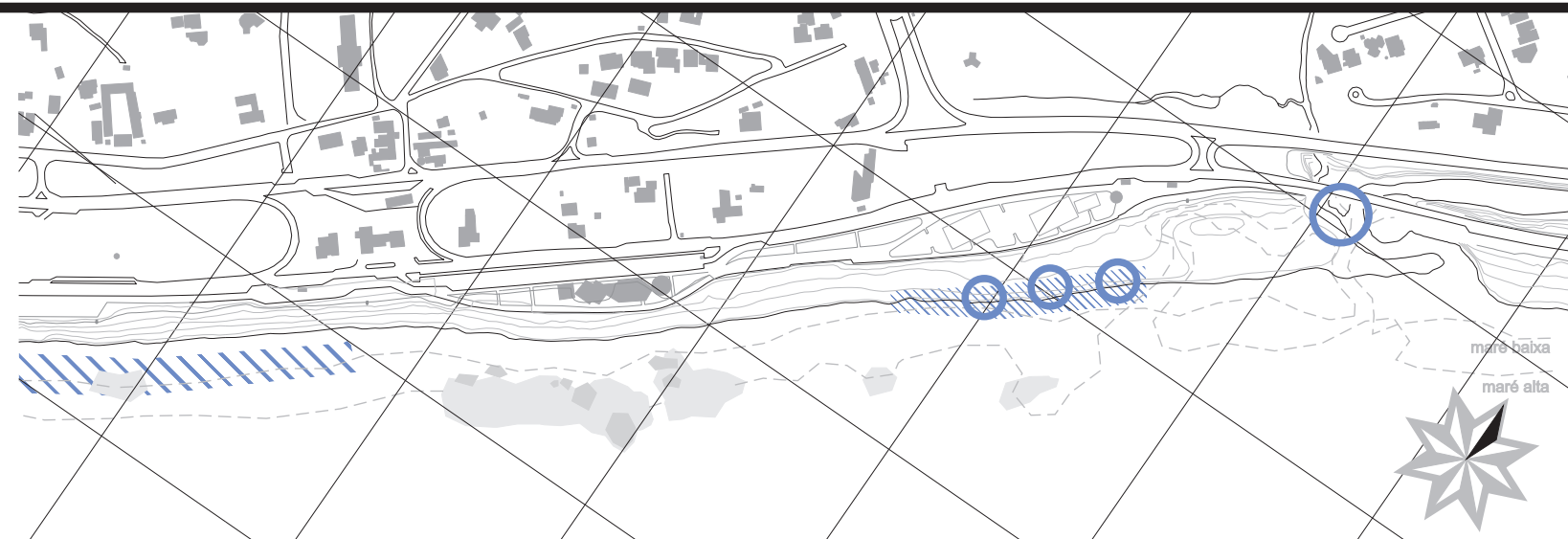




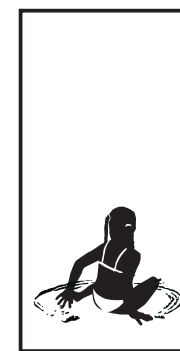
legenda

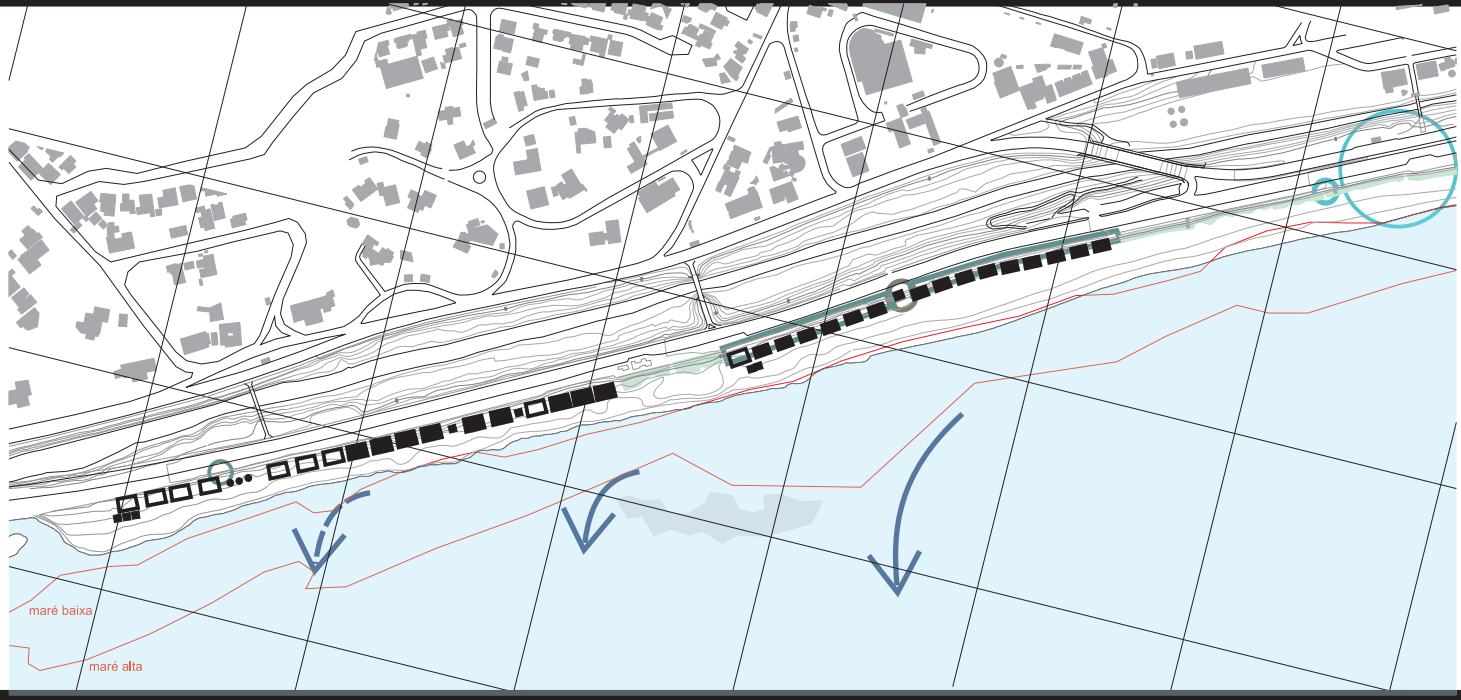
-  área usada por surfistas
-  área expandida usada por surfistas
-  linha da costa

-  pesca de anzol e linha
-  pescadores submarinos
-  pesca de rede
-  linha da costa



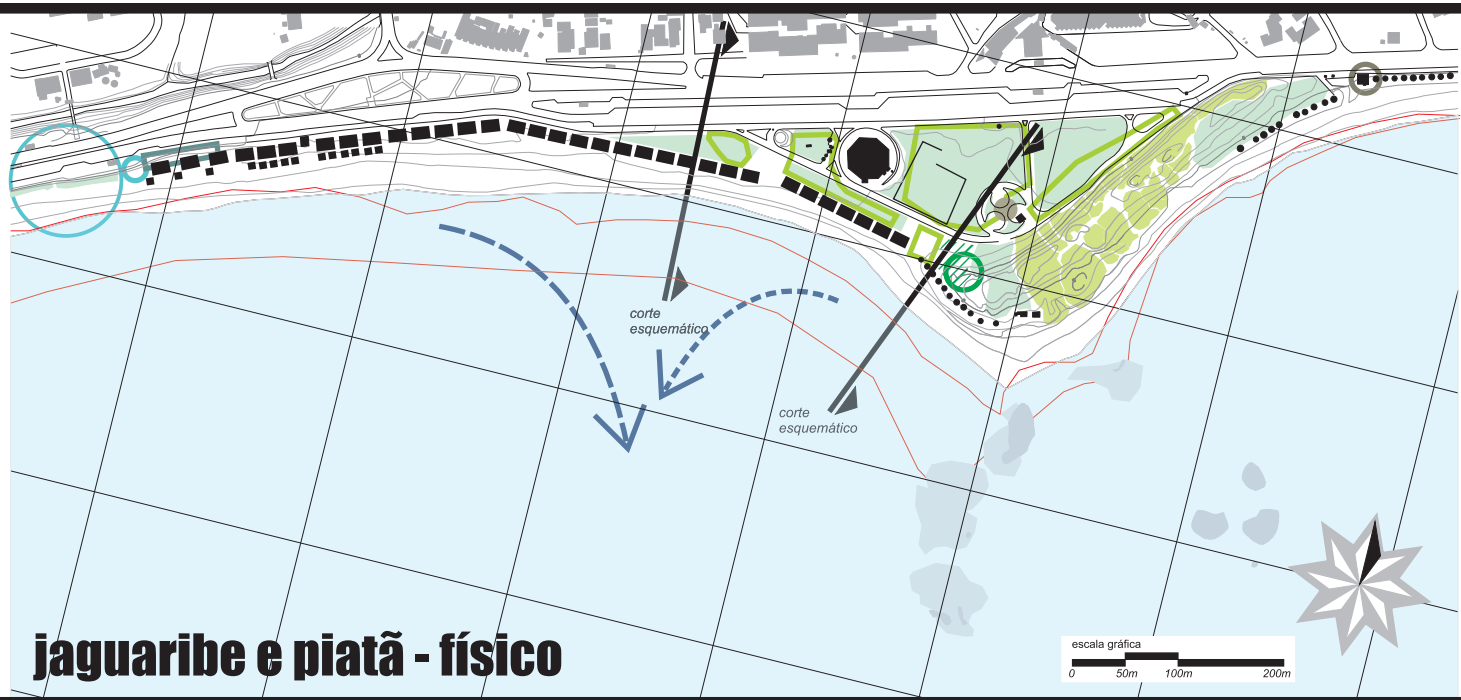
corsário a patamares - surfistas e pescadores



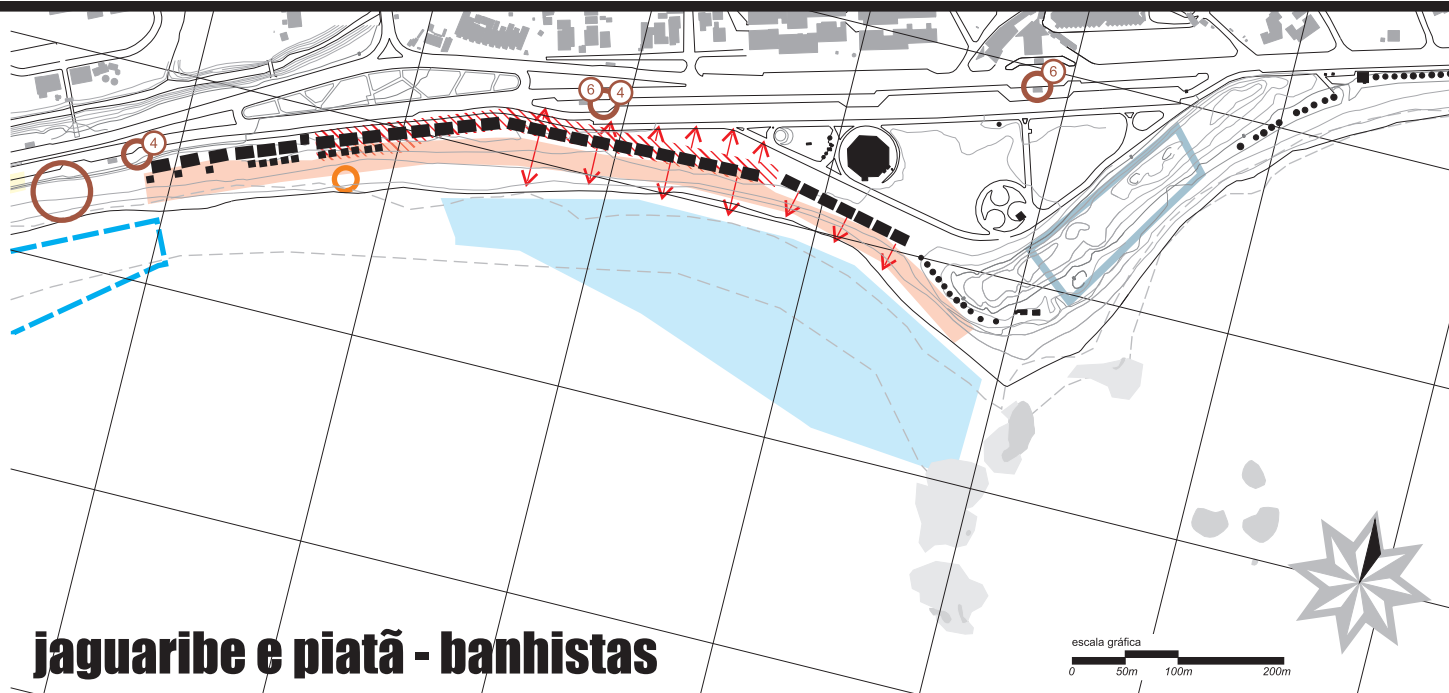
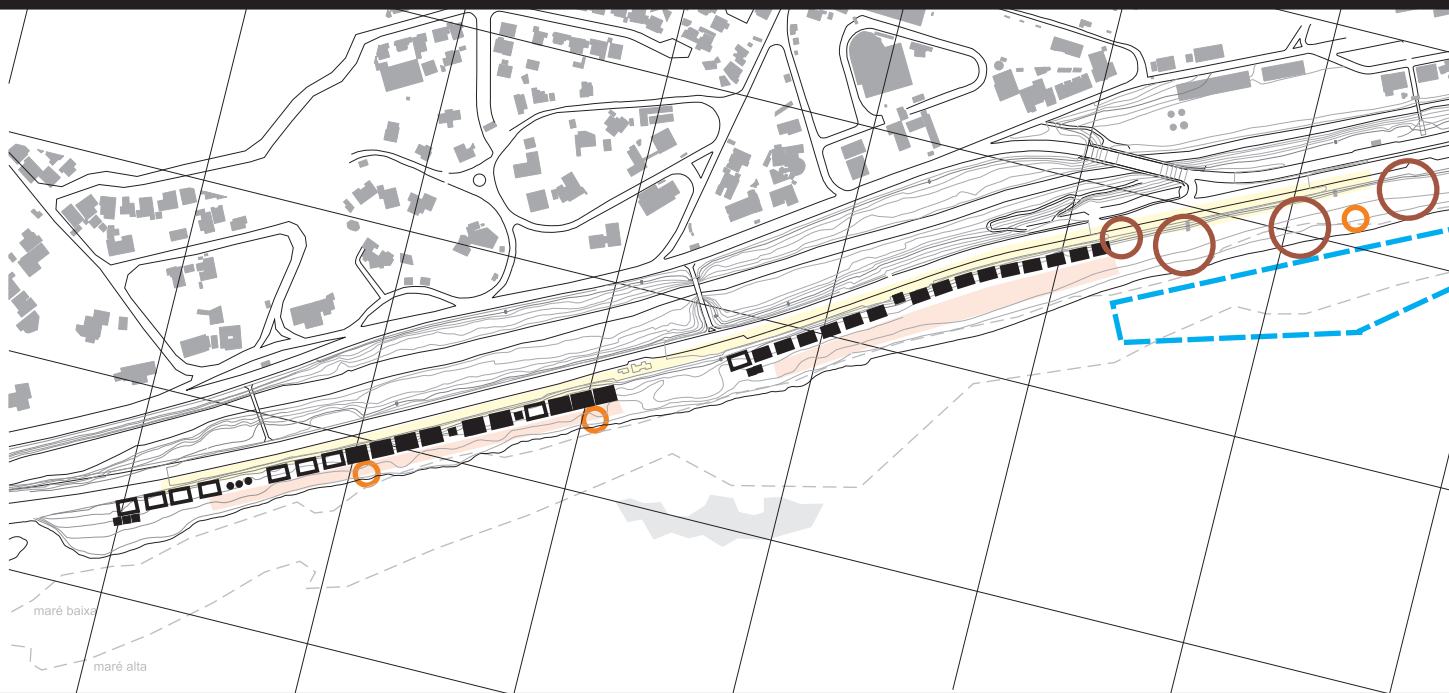


legenda

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas
- erosão por ondas
- erosão por chuvas (voçoroca)
- saídas pluviais
- linha de costa
- correntes de retorno
- correntes de retorno de posição transitória
- correntes de retorno raras
- equipamentos de ginástica
- mirantes com sanitários
- área de árvores frondosas
- área de coqueiros
- vegetação arbustiva de porte
- vegetação rasteira e arbustiva
- paisagismo localizado



jaguaribe e piatã - físico

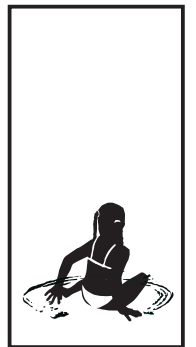


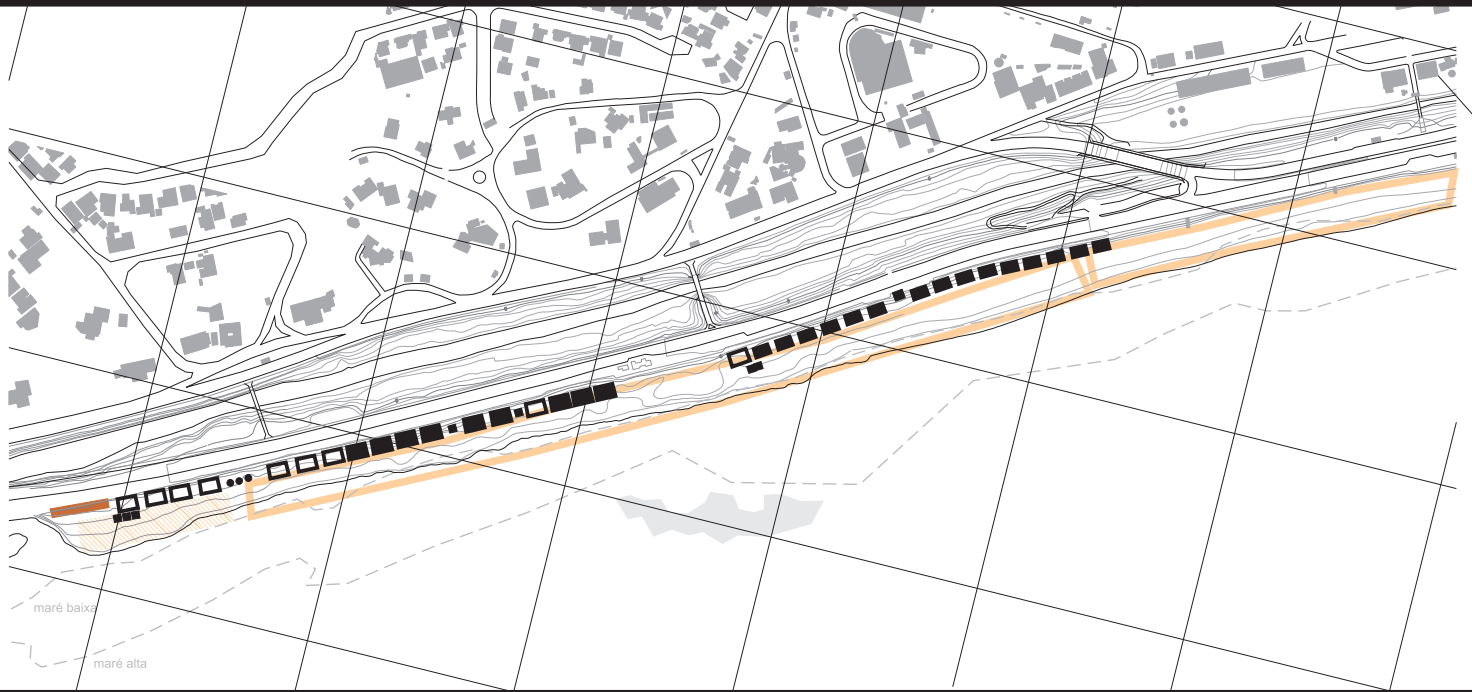
jaguaribe e piatã - banhistas

escala gráfica
0 50m 100m 200m






legenda

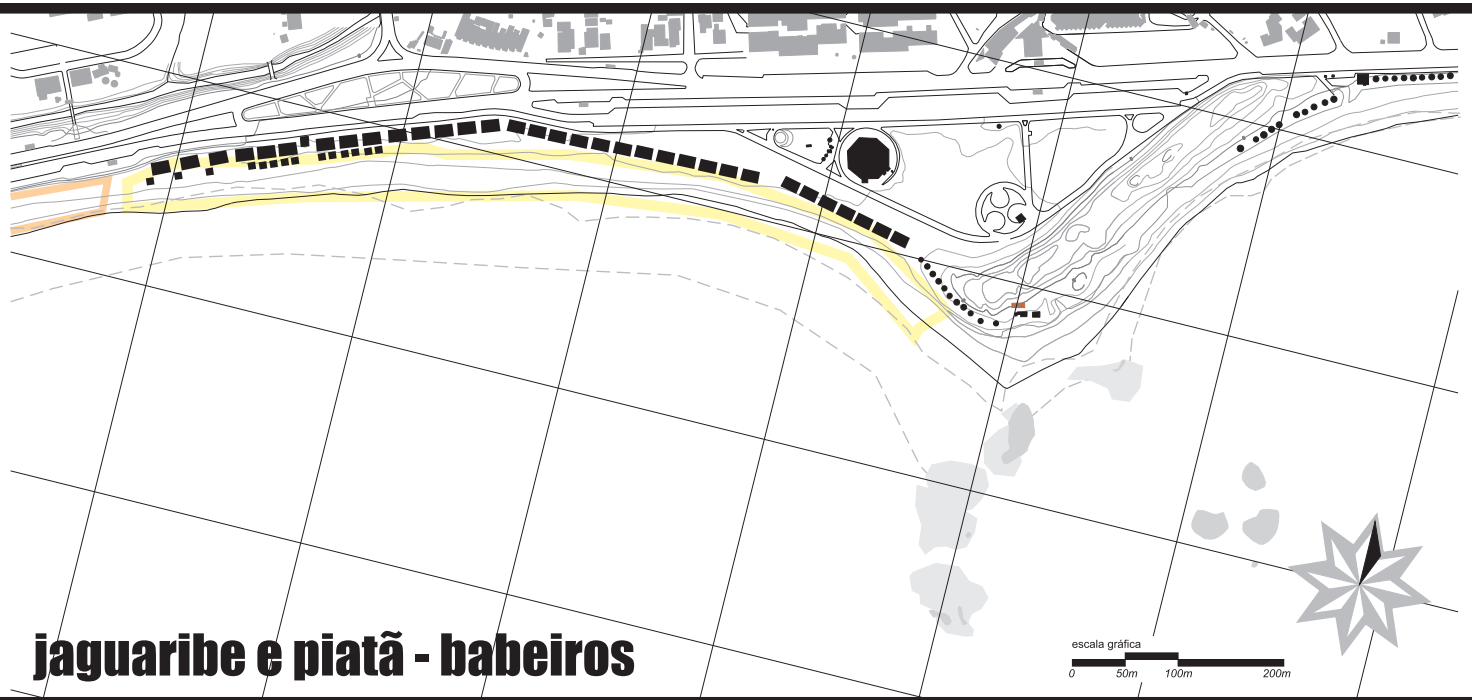
- linha da costa
- posto salva-vidas
- ▭ área usada por surfistas
- ▨ área ativa de barracas
- barracas polarizadoras
- ↑↑↑ barraqueiros volantes
- ▭ área de cadeiras
- banhistas na areia em quantidade
- banhistas na areia esparsos
- banhistas na água
- ▭ área de atuação de perambulantes
- ▭ atuação de salteadores
- ▭ quiosques (que não-barracas de praia)
- vendedores ambulantes
- ① baiana do acarajé
- ② caldo de cana
- ③ coco (majoritariamente)
- ④ óleos e cremes
- ⑤ refrigerio (incluindo coco)
- ⑥ alimento pronto
- ⑦ alimento preparado *in situ*
- percurso da coleta de lixo
- guardadores de carro





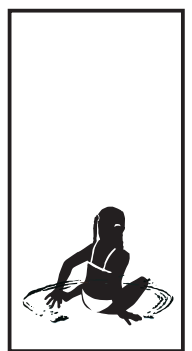
legenda

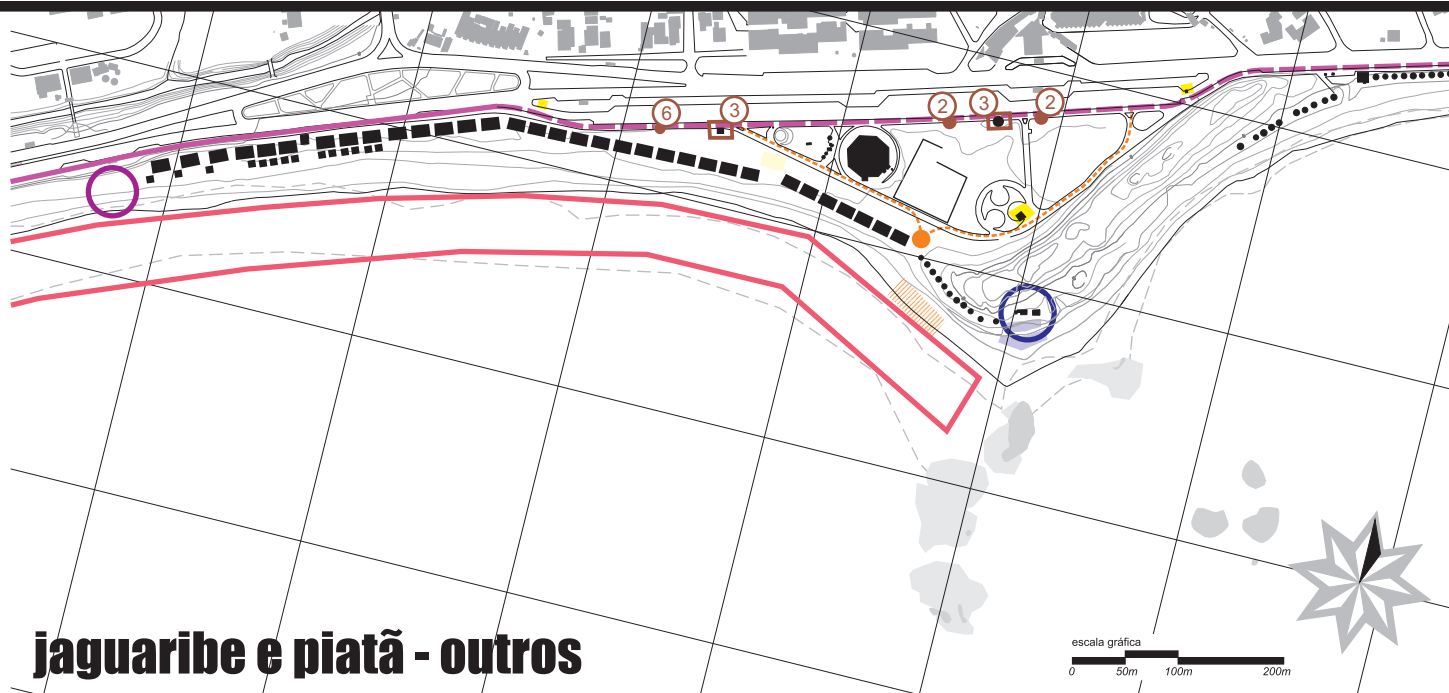
-  área constante de baba
-  área usual de baba
-  área eventual do baba
-  material do baba
-  linha da costa



jaguaribe e piatã - babeiros

escala gráfica
0 50m 100m 200m



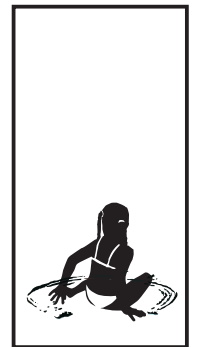


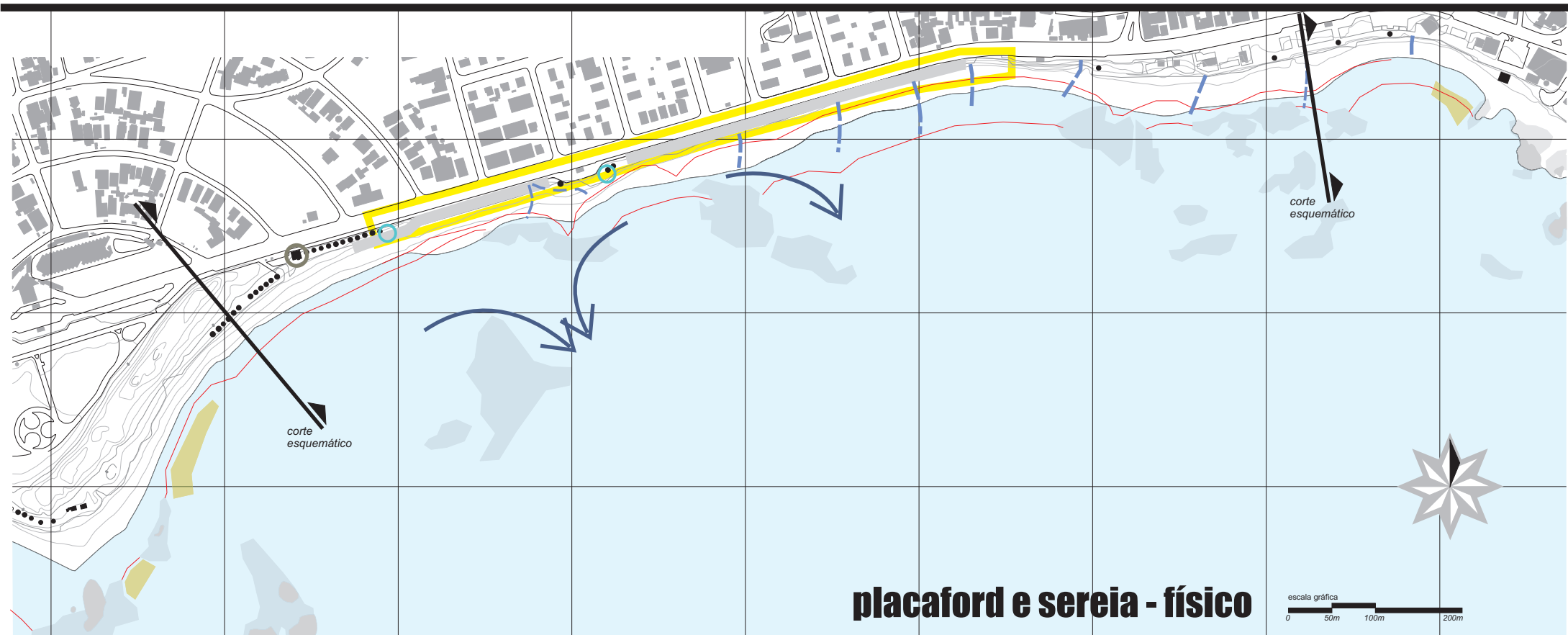
legenda

- área de eventos
- presença do kite-surf
- linha da costa
- percurso constante de caminhada/ corrida
- percurso usual de caminhada/ corrida
- prática de exercícios
- quiosques (que não-barracas de praia)
- vendedores ambulantes
 - ① baiana do acarajé
 - ② caldo de cana
 - ③ coco (majoritariamente)
 - ④ óleos e cremes
 - ⑤ refrigério (incluindo coco)
 - ⑥ alimento pronto
 - ⑦ alimento preparado *in situ*
- área de ação de salva-vidas
- kombi salva-vidas
- ponto de encontro de salva-vidas
- vigilância particular
- vôlei de praia
- embarcações ancoradas/ encostadas
- colônia de pescadores

jaguaribe e piatã - outros





















escala gráfica
0 50m 100m 200m

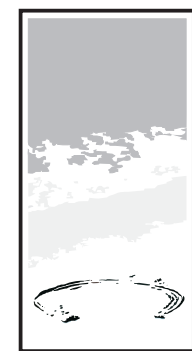




placaford e sereia - físico

legendas

- | | |
|--|--|
|  edificações |  "enrocamento" |
|  edificações na área-estudo |  área de coqueiros |
|  rochas submersas |  vegetação arbustiva de porte |
|  rochas emersas |  vegetação rasteira e arbustiva |
|  erosão por ondas |  paisagismo localizado |
|  erosão por chuvas (voçoroca) |  algas em suspensão |
|  saídas pluviais |  escolhos |
|  saídas de rio | |
|  linha de costa | |
|  correntes de retorno | |
|  equipamentos de ginástica | |
|  mirantes com sanitários | |
|  iluminação noturna direcionada | |


























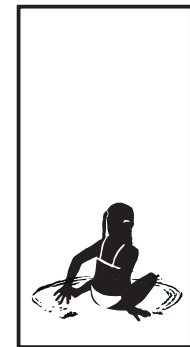


placaford e sereia - banhistas

escala gráfica
0 50m 100m 200m

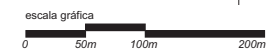
legendas

- | | |
|---|---|
|  posto salva-vidas |  vendedores ambulantes |
|  área ativa de barracas |  1 baiana do acarajé |
|  barracas polarizadoras |  2 caldo de cana |
|  área de cadeiras |  3 coco (majoritariamente) |
|  banhistas na areia em quantidade |  4 óleos e cremes |
|  banhistas na areia esparsos |  5 refrigerio (incluindo coco) |
|  banhistas na água |  6 alimento pronto |
|  atuação de salteadores |  7 alimento preparado <i>in situ</i> |
|  área de atuação de perambulantes |  percurso da coleta de lixo |
|  área de preparo de perambulantes |  outros |
|  quiosques (que não-barracas de praia) |  linha da costa |
| |  preparo dos ambulantes |













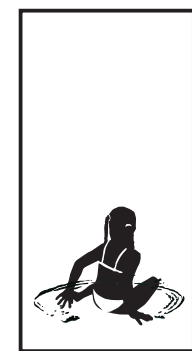


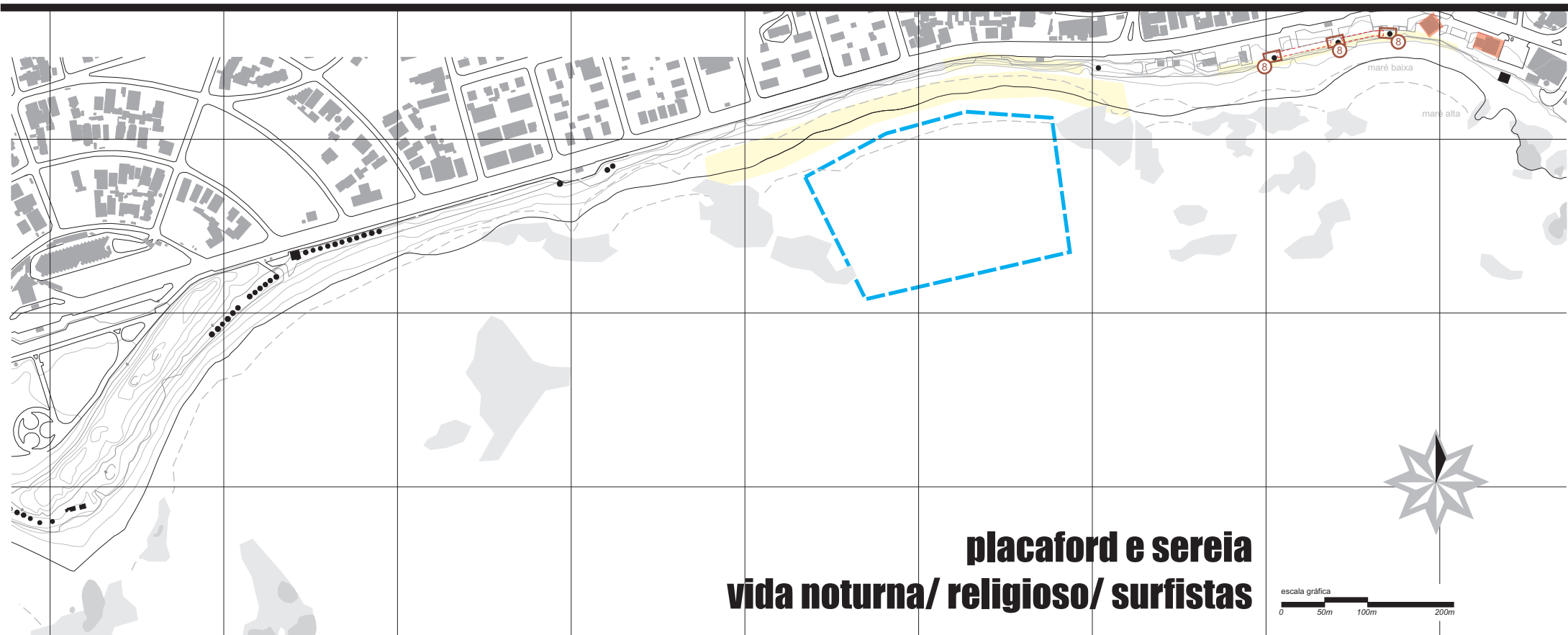
placaford e sereia - pescadores e bafeiros



legendas

-  embarcações ancoradas/ encostadas
 -  colônia de pescadores
 -  pesca de anzol e linha
 -  pescadores submarinos
 -  pesca de rede
 -  linha da costa
-
-  área constante de baba
 -  área usual de baba
 -  material do baba
 -  linha da costa











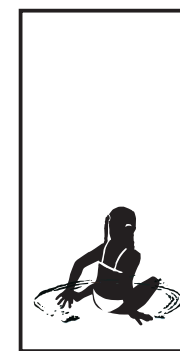


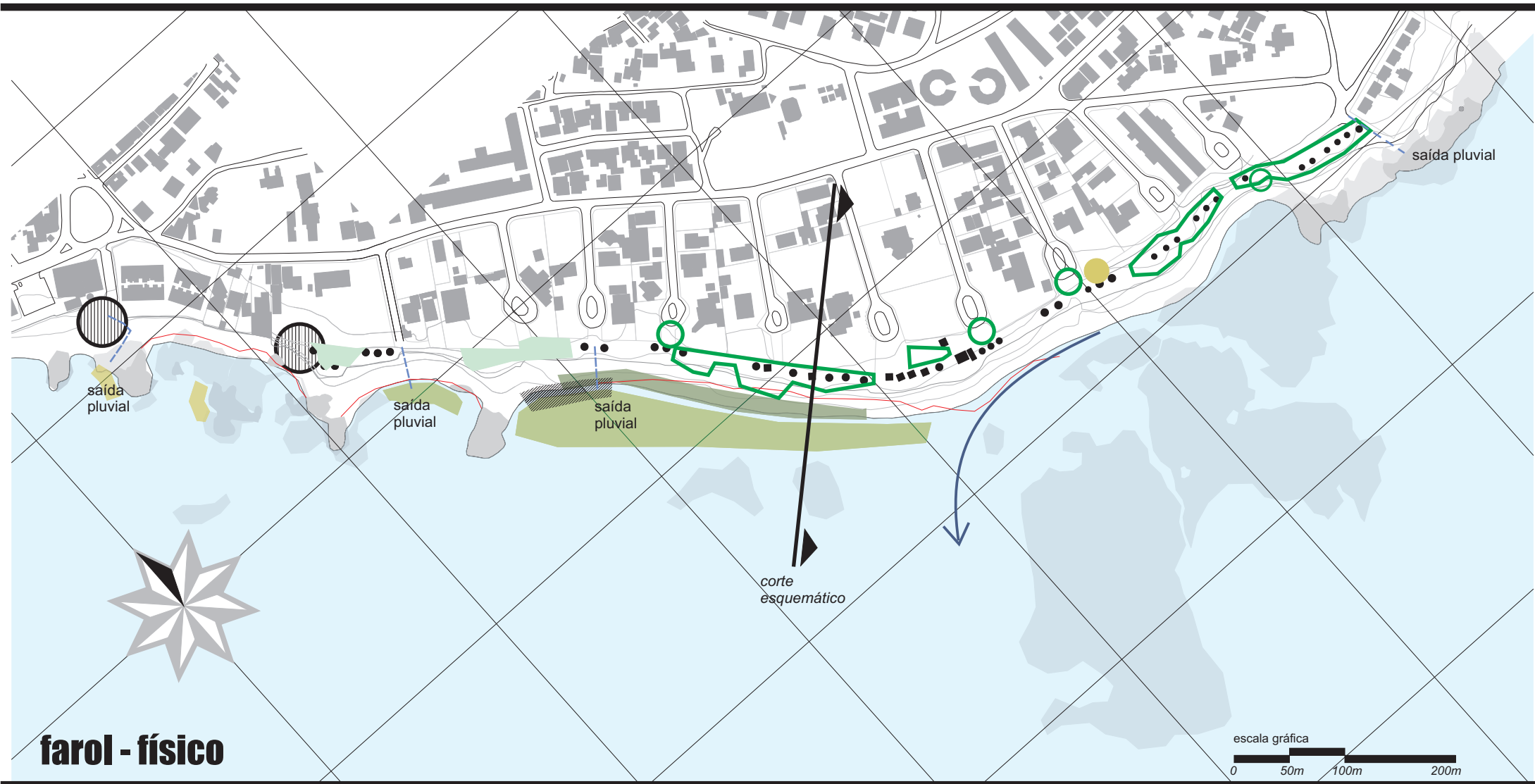
placaford e sereia

vida noturna/ religioso/ surfistas

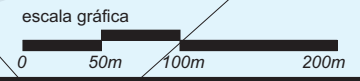
legendas

-  quiosques (que não-barracas de praia)
 -  namorados
 -  área de cadeiras
 -  atuação de casas noturnas
 -  linha da costa
-
-  oferendas de flores
 -  presença de ebós
-
-  área usada por surfistas





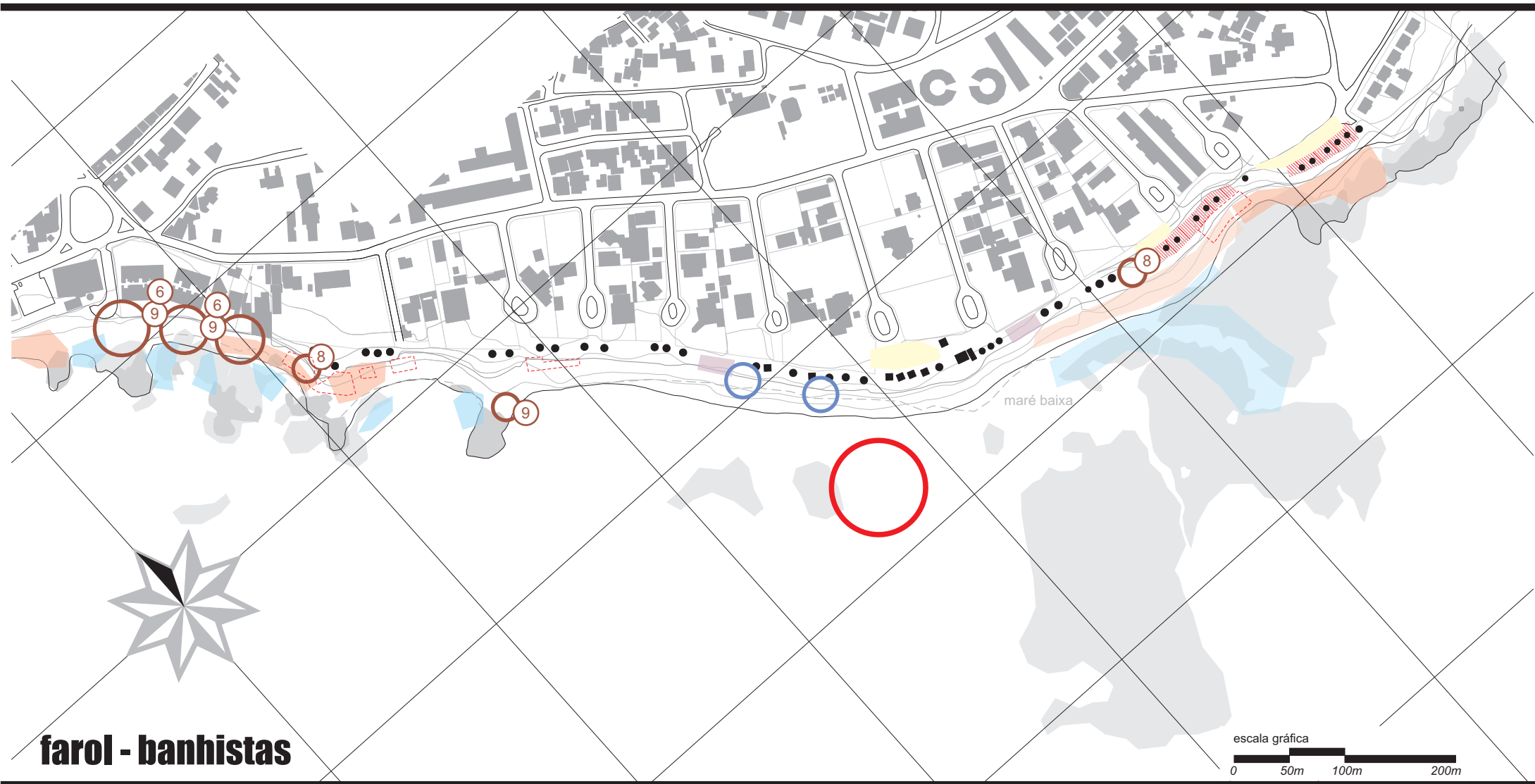
farol - físico



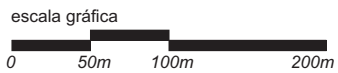
legenda

- | | | |
|----------------------------|--------------------------------|---|
| edificações | linha de costa | paisagismo localizado |
| edificações na área-estudo | correntes de retorno | algas em suspensão |
| rochas submersas | mobiliário fixo | algas em suspensão em grande quantidade |
| rochas emersas | área de árvores frondosas | escolhos |
| saídas pluviais | vegetação arbustiva de porte | areias negras |
| | vegetação rasteira e arbustiva | contaminação por águas negras ou cinzas |



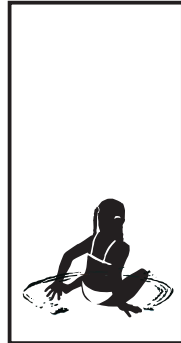


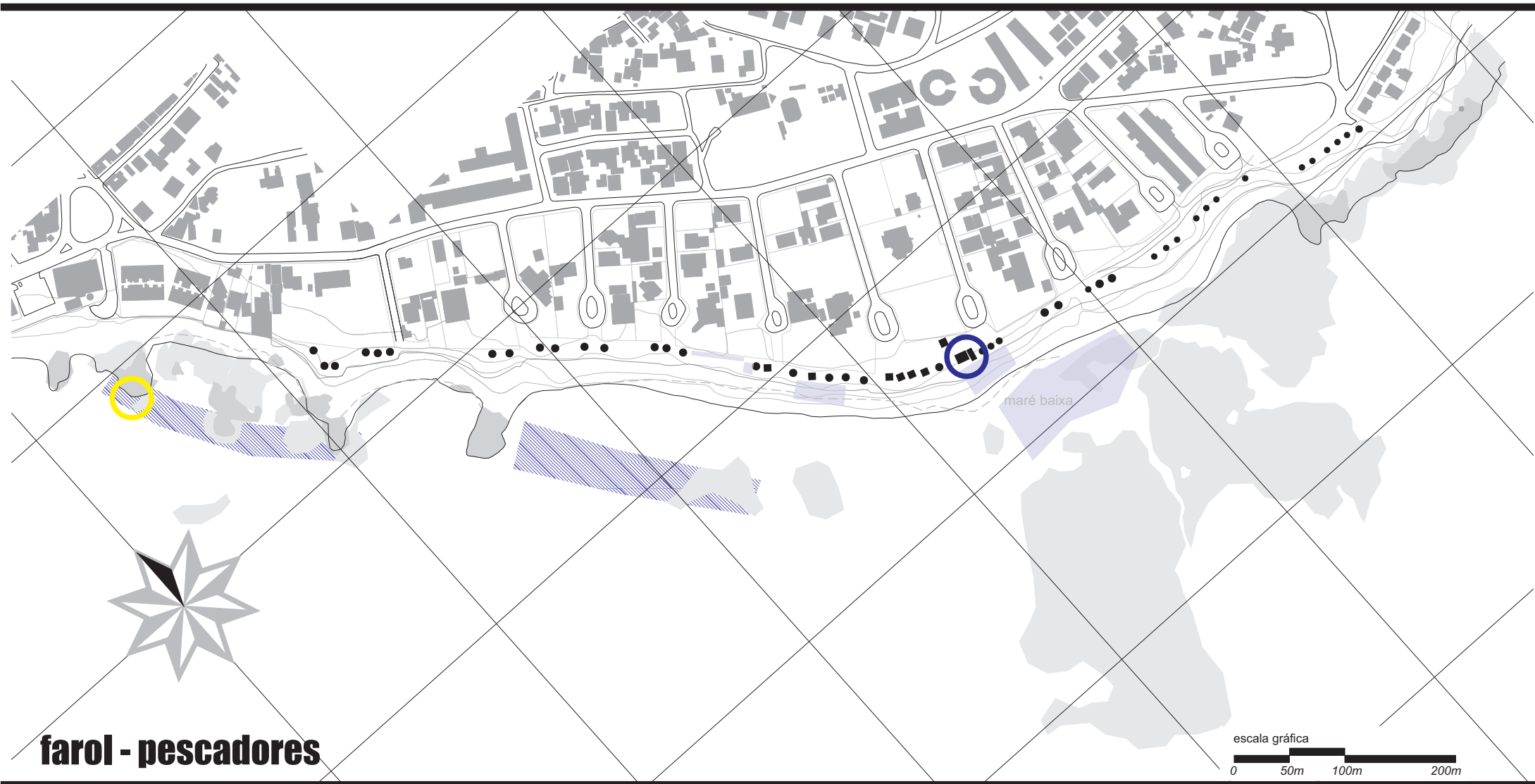
farol - banhistas



legenda








- | | | | |
|----------------------------------|---------------------------------------|--|----------------------------|
| área ativa de barracas | área de atuação de perambulantes | 5 refrigério (incluindo coco) | percurso da coleta de lixo |
| barracas polarizadoras | quiosques (que não-barracas de praia) | 6 alimento pronto | estacionamento de veículos |
| área de cadeiras | vendedores ambulantes | 7 alimento preparado <i>in situ</i> | linha da costa |
| banhistas na areia em quantidade | 1 baiana do acarajé | 8 locação de bóias | vôlei de praia |
| banhistas na areia esparsos | 2 caldo de cana | 9 bebidas alcoólicas | windsurf |
| banhistas na água | 3 coco (majoritariamente) | aluguel e cursos de esportes marítimos | |
| | 4 óleos e cremes | | |

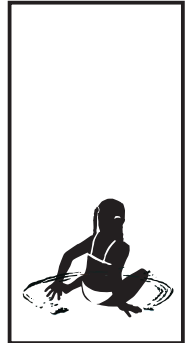


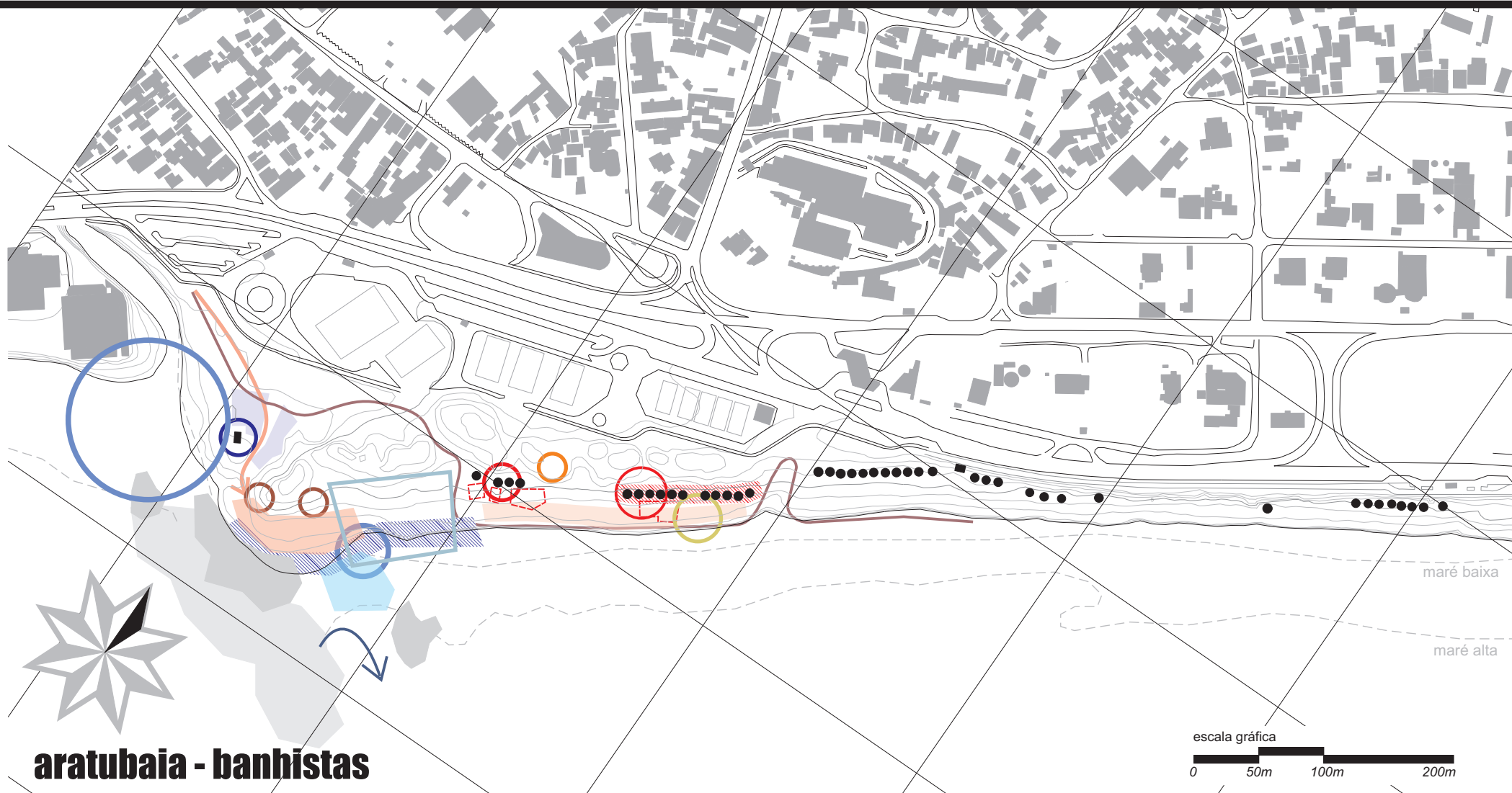


farol - pescadores

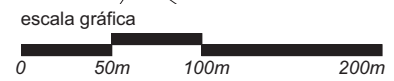
legenda

-  embarcações ancoradas/ encostadas
-  colônia de pescadores
-  pesca de anzol e linha
-  pescadores submarinos
-  pesca de rede
-  linha da costa
-  presença de ebós





aratubaia - banhistas



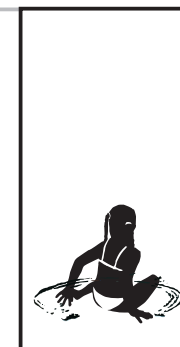
atores

- posto salva-vidas
- embarcações encostadas
- colônia de pescadores
- pesca de anzol e linha
- pesca de rede
- percurso da coleta de lixo

- linha da costa
- área ativa de barracas
- barracas polarizadoras
- área de cadeiras
- banhistas na areia em quantidade
- banhistas na areia esparsos
- banhistas na água

- área de atuação de perambulantes
- chegada dos banhistas
- vendedores ambulantes
- 1 baiana do acarajé
- 5 refrigerio (incluindo coco)
- 6 alimento pronto
- 7 alimento preparado *in situ*

- atuação de salteadores
- vôlei de praia ocasional



CAPÍTULO 3

OS GRUPOS DE USUÁRIOS

3.1. IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS DE USUÁRIOS

A apresentação dos usuários se dá por afinidade temática, sem corresponder a sinergias reais. Vendedores ambulantes de diferentes tipos podem estar direcionados ora para os pedestres da calçada, enquanto outros estarão para os banhistas, por exemplo, perfazendo duas dinâmicas distintas.

A listagem e descrição não têm pretensão de serem definitivas. Ainda que dinâmicas sejam mais constantes, os detalhes variam com velocidade. Especialmente a venda de produtos realizada por perambulantes. Novos produtos, ou produtos conhecidos mas inusuais para o ambiente, surgem a todo momento.

Entendo que os papéis desempenhados têm forte presença nas ações dos indivíduos, à medida que os posicionam de certa maneira na cena, e com o modo como se relacionam com o espaço e demais pessoas¹. O que pode evidentemente ser reforçado ou mesmo anulado por relações de ordem puramente pessoal.

A abordagem inicia a partir da lógica geral da atividade e dos objetos demandados. Reconhece padrões locais. E reconhece a contribuição individual em três situações: quando o indivíduo altera o quadro de relações do local de modo perceptível; quando suas ações afetam o ambiente sensorial de modo significativo; e quando realiza alguma contribuição que considero relevante – que é uma atitude eminentemente crítica – sem ter necessário impacto nas relações ou no espaço.

Isto posto, primeiro estão aqueles que demandam a praia pela busca de lazer/ entretenimento. Depois, aqueles que têm no espaço da praia sua fonte de renda. A seguir, o caso ambíguo dos eventos e, por último, os que observam naquele espaço algum sentido religioso.

3.2. LAZER/ ENTRETENIMENTO/ SAÚDE

3.2.1. banhista/ cliente de barraca uma definição

O banhista tem uma delimitação sutil. O banho de mar, breve ou prolongado, pode acompanhar-se do chamado “banho de sol” – do estirar-se ao sol para bronzeamento. O termo “banhista” incluirá o banho de mar e suas várias modalidades, como também o ato de “tomar” sol.

Para completar, a barraca de praia é um motivo poderoso para a ida à praia, e se confunde com a prática do banhista. A presença de banhistas atrai

¹ O que guarda certa semelhança com o conceito de *consciência de classe* do marxismo clássico e congêneres estruturalistas. Não coaduno com a preponderância dada às estruturas sociais nos atos individuais por tais teorias, embora acredite que exerçam influência.

comércio, de ponto fixo ou ambulante. No caso das barracas, o sucesso do empreendimento é importante, e há barracas que levam à praia o banhista que de outra forma não iria. A viagem em função do bar não elimina o mergulho ocasional do cliente/ banhista, ainda que breve. A situação se desdobra: há os que vão somente para as barracas, os que vão somente com fim de banho, os que permanecem na barraca e molham-se eventualmente, os que vão banhar-se e usam a barraca como apoio. Com ênfases distintas por trecho, que se procurou detectar e expor, quando possível.

A ida à praia se dá também em grupos, de amigos ou familiares. Então ações distintas podem ser desempenhadas de modo alternado ou complementar. No caso de famílias em barracas, é comum os filhos caírem na água ou pelo menos ficar no estirâncio, enquanto os pais consomem na barraca. E ainda das mulheres buscarem a exposição ao sol. Ainda que haja distinção notória entre os atos e usos dos pais e dos menores, ou por gênero, estes só podem ser entendidos como parte de um mesmo movimento, do cliente/ banhista.

Com isto, temos o quadro que explica o porquê de aglutinar um conjugado de ações potencialmente intercambiáveis sob a denominação banhistas.

o padrão de comportamento

Há similaridades de ações ao longo da praia, dadas condições ambientais similares. Temos padrões de comportamento estáveis aos aspectos físicos preexistentes. O método pode ser aplicado especialmente àqueles que são o maior motivo da procura da praia: o banho de sol, o banho de mar e atividades correlatas.

O banho de sol tem três variedades a depender do espaço:

- . o uso das pedras como cadeira ou leito,
- . o uso de cangas na areia, e
- . o uso de cadeiras específicas.

A primeira modalidade se encontra em praticamente todo recife, toda pedra emersa na areia e na água, desde que próxima da areia. Há variações no uso das pedras: como trincheira para privacidade familiar, para jovens fumar maconha, para casais de namorados, etc. Porém, o uso como suporte para tomar sol é constante. Nas pedras são dispostos os pertences e roupas dos banhistas.

A segunda modalidade é universal, presente em todas as praias de Salvador.

Por sua vez, o uso de cadeiras – geralmente plásticas empilháveis - é apoiada pelas barracas, que as fornecem, com variações de leito. Os modelos das barracas são de madeira, plástico ou fibra de vidro. Há modelos de alumínio e fibras sintéticas, freqüentes no trecho de Jaguaribe onde não há barracas, pois são locadas independentemente – já que mais leves e compactas – repetindo uma dinâmica que ocorre na praia do Farol da Barra e do Porto da Barra.

Tomar sol é algo que requer ampla área de pele exposta. Às vezes é precedida pela unção, solitária ou auxiliada, de protetor solar ou bronzeador. Nem sempre os trajes mais adequados para o banho de sol o são para a circulação pela cidade. É freqüente uma mudança no trajar na chegada à praia (coisa facilitada pela canga), e daí a presença de mochilas ou bolsas para os pertences, de

sandálias que se tiram com rapidez, dessa rápida mudança em aspectos da indumentária. Que não é grande o suficiente para exigir cabines de troca, comuns em praias de países temperados. E, por último, o papel do protetor solar, que torna a sua unção um ato característico da atividade.

A diferença entre três tipos de perfis encontrados no trecho estudado - dos recifes, das enseadas protegidas e do mar aberto – acarreta diferentes abordagens.

O primeiro perfil varia de acordo com a maré. Apresentando-se como plataforma de pedras, não abriga o banho, exceto em piscinas naturais. Na zona de choque das ondas com recifes não há banho.

O segundo perfil, das enseadas, é mais procurado por crianças, acompanhadas de seus pais. A depender da maré, apresenta trem de ondas. Nelas acontecem brincadeiras, como “galo de briga” – dois pares de pessoas, um sustentando o outro sentado nos ombros, tentando derrubarem-se na água.

Nas águas serenas, a criança pode agitar-se em segurança, e os mais velhos encontram tranquilidade, apreciando os reflexos iridescentes do sol nas águas e a sua transparência. É nessas águas que se brinca ainda com os peixes e com a areia, diversão rara na área-estudo². As crianças ainda catam peixes: com garrafas plásticas, baldes e plásticos maiores. Quando há algas em certa quantidade, é usual as crianças brincarem com seu viço e a sensação plástica que apresentam, em especial as verdes. Quando estão em quantidade, seu roçar constante na pele é tido como desagradável.

O terceiro perfil, de mar aberto, é mais procurado por jovens e adolescentes. Pais com seus filhos, somente na faixa mais rasa, e com cuidado.

O mar aberto em Salvador apresenta duas variações. A primeira é a daquelas praias cujo leito é instável, com pedras submersas e valas, e as ondas vêm de várias direções. Na área-estudo, não apresentam banhistas – embora praias de características similares além do Farol de Itapuã tenha seus banhistas. Outra é a de trem de ondas constante mas suavizado por sombreamento de recifes, que acontece na Ponta de São Tomé e em alguns trechos de Itapuã, com a condicionante da estação do ano, e portanto da direção dos ventos e ondas.

Afloramentos rochosos estão por todos os lados da praia. A questão não está tanto na sua disposição, como na sua altura em relação ao nível do mar. O longo trecho entre Pituaçu e Patamares torna-se propício para o banho exatamente duas vezes no ano: nas baixamares de sizígia dos equinócios, quando a água atinge seu ponto mais baixo, e formam-se piscinas naturais próprias para banho. De resto, são águas no geral vazias de banhistas. Os tipos descritos referem-se ao estado médio das praias, sem contar as marés cheias nem as de sizígia, que podem alterar profundamente a maneira de relacionar-se com a praia.

Deve-se salientar a diferença formal, e portanto de comportamento ativo, nas diferentes formações rochosas. Enquanto a rocha cristalina e o arenito se apresentam em bancos, que tornam-se propícios para o banho de sol e a

² Mas forte atrativo em praias como a quarta enseada de Morro de São Paulo ou a Praia do Forte.

pesca, as formações carbonáticas dão-se como plataformas. No caso da área-estudo, somente em Itapuã, formando vasta planície, onde se caminha com tranquilidade quando não preamar. E em cujas fraturas formam-se piscinas de água serena, ocupadas pelos banhistas. É formação altamente lúdica, e que dá diferencial ao Farol de Itapuã.

O ato de cair na água acontece de algumas maneiras.

O mais usual no mar aberto é a caminhada gradativa, acostumando-se com a temperatura da água, adaptando-se ao trem de ondas. Os pais acompanham os filhos menores e auxiliam na imersão nas águas. Os mais jovens fazem abordagens inteiramente distintas: correm e dão largas passadas, atiram-se nas ondas, no estrépito de sua rebentação; ou fazem cambalhotas frontais ou de lado (as “estrelinhas”) no desnível da areia e no estirâncio.

O contato com o mar, especialmente para os mais jovens, é uma exploração de sinestésias variadas: do vento, da água, das ondas, da areia fofa e da areia úmida. A areia e seu contato permite e estimula os seguintes atos:

- . enterrar-se e aos amigos
- . cavar/ construir/ moldar com a areia seca
- . modelar com a areia úmida³
- . riscar/ sulcar⁴

Um prazer derivado está no fato da água percolar em quantidade crescente com a proximidade do mar. Daí surgem as piscinas escavadas tão comuns ao longo do estirâncio. E uma derivação sua, que acontece na subida da maré: lutar contra a força destrutiva das marolas.

No filme d'água, a sensação de umidade e da vinda suave de uma frente líquida, sentado ou deitado, de costas ou de bruços. Por outro lado, há o prazer propiciado por estar dentro da piscina, sem sua construção, reforma ou ampliação, é semelhante ainda ao dos bolsões formados por água nas depressões da areia (como em Piatã) ou no encontro com pedras. Aí, deita-se na água, no misto de molhar-se e tomar sol, às vezes com a água aquecida. Às vezes se bate na água – braços ou pernas – experimentando o choque.

Na água, gozam do choque das ondas, na perna e no tronco, e procuram esse confronto no mar batido. Em maior profundidade, experimenta-se galgar as ondas antes que rompam e, no caso do rompante, fugir à sua fúria, “furando” a onda ou mergulhando. Do contrário, leva um “caldo”, levado pela onda até a areia. Prazer diverso, que pode ser realizado pelo mesmo banhista, é o de singrar as ondas, sem nenhum aparato. Acompanhar-lhe com o braço esticado e mão em palma, fazendo o “jacaré”.

É um grande leque possível e existente de ações que exploram as sensações do corpo frente aos elementos disponíveis na praia naquele instante, que se repetem ao longo de toda a área-estudo. Surpreendem pela simplicidade e permissividade. Vista essa variedade, vamos à sua distribuição ao longo da área-estudo, já que são a maior parcela da população de praia.

³ Donde saem os famosos castelos de areia

⁴ Precedido pelo exemplo arquetípico do Padre Anchieta.

distribuição

Nos finais de semana e feriados, os banhistas são os grandes definidores da praia, mais presentes aos sábados. E, tanto no sábado quanto no domingo, a presença é mais intensa pela manhã.

Existem duas grandes concentrações de banhistas: no trecho do Parque da Sereia até o Farol, e de Jaguaribe até Piatã.

Em Itapuã, auxilia no adensamento a estreiteza da faixa de areia. De Jaguaribe a Piatã, a densidade é maior próximo ao Parque dos Coqueiros, findando na Ponta de São Tomé, com vasta planície de areia e grande provisão de barracas.

Não se descarta a hipótese de que o apinhamento de gente (*crowding*) selecione um perfil de público, em busca de densidades menores ou descontente com os efeitos deste em outros atores (assédio de vendedores, som elevado, etc.). A pesquisa não abordou a ausência, mas somente a presença, no que fica essa dúvida.

Uma outra concentração de banhistas está em Patamares. Fora estas praias, alternam-se trechos desertos; trechos onde as barracas servem como polarizadoras, singulares ou em aglomerações, e aqueles onde os banhistas de temporada estão associados a serviços precários. Os vazios mais significativos são as praias defronte ao Parque Aero clube, a praia de Pituaçu, e trechos de Placaford e Aratubaia.

Para encerrar, os animais na praia. É hábito difuso e constante em toda a área-estudo levar animais de estimação, especialmente cachorros, para a praia, os recifes e mesmo para tomar banho.

o banhista e os acidentes

Carvalho (2003) vincula estatísticas de acidentes dos banhistas com as condições morfodinâmica da praia, e lança hipóteses de comportamento e uso da praia. Isso é importante na área-estudo, que concentra 65% dos acidentes de 1997 a 2000, com as três primeiras em porcentagem - Jaguaribe (32,4%), Piatã (22,5%), Armação (6,6%) – e a sexta - Artistas (4,4%).

A maioria dos acidentes no mar (aproximadamente 77%) em Salvador acontece em praias do tipo intermediário. Com valas e bancos diagonais no leito marinho que fortalecem as correntes de retorno - responsáveis em Salvador por cerca de 70% dos acidentes, de acordo com estimativas da Salvamar – são armadilhas aos banhistas. As praias intermediárias seriam grandes o bastante para acomodar o banhista, e seu predomínio de ondas deslizantes encorajaria o banhista a entrar, gerando o índice de fatalidades (CARVALHO, 2003)⁵.

Por sua vez, o maior número de acidentes acontece na primavera, com 43% (CARVALHO, 2003), época em que os ventos costeiros são 17% mais velozes que no verão e há maior amplitude de maré (cerca de 8% superior) – a média da altura das ondas torna-se 10% maior e fortalecem as correntes de retorno,

⁵ São responsáveis pela maior parte dos acidentes no mundo, documentado pela United States Lifesaving e Surf Life Saving, serviços de salva-vidas dos EUA e Austrália (CARVALHO, 2003)

cujo perigo já foi citado. Nessa época, o relevo submarino ainda possui os bancos e canais do inverno, mas o clima é preliminar ao verão, no que atrairia banhistas. Esse relevo irregular são as causas mais comuns de acidentes, depois das correntes de retorno, e incidem justamente onde estas acontecem.

O terceiro fator de acidentes é o impacto provocado pelas ondas, principalmente as mergulhantes, que derrubam o banhista e o mantêm no fundo, pela carga da massa d'água: o famoso "caldo", encontrado em qualquer tipo de praia (CARVALHO, 2003).

outras atividades

Sem local específico que demarque sua incidência dentro da área-estudo, há ações dentro do rol à mão do banhista que possuem características próprias. Algumas delas trazem implicações à prática original do banho e do consumo.

O frescobol é o mais evidente. Prova da falta de sua autonomia é o fato de acontecer majoritariamente (com poucas exceções) nas áreas de banhistas, sem que haja nada em especial que dite ser ali terreno melhor que outros trechos mais desertos. Necessita somente de uma bola específica e duas raquetes de madeira maciça. Aparece a partir da praia do Corsário, no sentido norte. Os praticantes são de várias idades: adultos, adolescentes, meninas, homens de meia-idade, sempre no estirâncio. Das atividades dos banhistas, é a que mais põe em risco os demais usuários, por acontecer próximo a outras pessoas, incluindo crianças na areia e na água.

Com bola de futebol, pessoas praticam "pontinho" – deixando a bola no ar o maior tempo possível, sem tocar no chão – ou "bobinho" – onde alguém (o "bobo") fica no meio da roda de jogadores, em busca da posse de bola, para sair do centro e outro ocupar o seu espaço. Também se joga futebol, quase sempre meninos, com apenas um goleiro, ou com traves pequenas ou marcação leve (cocos, sandálias, pedras), sem goleiro, no chamado "golzinho".

E ainda, com a bola, o que chamei de fut-tênis: consiste numa pequena cancha demarcada por sulco na areia, similar à de vôlei, porém menor. Jogam dois pares em cada lado, e precisam lançar a bola ao outro lado somente com os pés. Não é o famoso futevôlei porque não há rede, nem a necessidade de devolução da bola sem tocar no próprio lado: como no tênis, pode tocar uma vez, e as regras quanto à devolução são similares.

Uma ocorrência rara mas registrada foi de uma trupe jogando futebol americano, em escala menor, com a bola apropriada para isso.

Por último, o uso de caiaque, somente em Placaford, muito próximo à praia, em local de águas calmas, arrendado de um barraqueiro.

Não considerarei tais atividades sob o leque do esporte, visto não serem os motes para os atores irem à praia. São variações das diversões praianas que o banhista exerce. O que nos leva àqueles esportes que de fato são razão da ida de atores à praia.

3.2.2. esporte

A praia e adjacências são locais atualmente vinculados ao lazer desportivo e à idéia de saúde. Os esportes de areia requerem poucas estruturas de porte. Porém certas modalidades ocupam, além de uma área grande para sua prática, a área circunvizinha imediata, por uma questão de segurança.

babeiro (futebol)

O que define a prática do baba é a bola. O resto advém do perfil da atividade.

Vimos pequenas ações feitas com a bola – pontinho, bobinho, etc. Em alguns casos, servem como aquecimento aos jogadores.

Como fenômeno ostensivo da praia, o baba merece destaque. Caracterizado aqui como qualquer competição com duas equipes distintas, na mesma cancha, objetivando jogar a única bola em campo entre as traves da equipe adversária (o gol). A modalidade mais freqüente é aquela onde há um membro de cada equipe que deve impedir a bola de ultrapassar as traves: o goleiro.

As canchas, não demarcadas, mais virtuais que reais, em alguns poucos casos bandeirolas ou outros elementos que marquem as esquinas, o *corner*. Pela estreiteza da praia, muitas vezes seus limites laterais – as canchas “virtuais” são sempre paralelas ao litoral – são de um lado o talude da pista e, de outro, a própria água do mar. O mar é limite, porque inviável a jogada ali. A flutuação da bola é comodidade em sua recuperação. Alguns praticantes apresentam uniformes em equipes, o chamado “padrão”. O que nos leva a um ponto importante: são sempre turmas de amigos que marcam a partida, com horário e lugar, início e final definidos. Para a areia tornar-se cancha é preciso que as pessoas compactuem e estejam lá, ao contrário das quadras reais, onde se pode ir por conta própria, que há pessoas desconhecidas jogando.

Além da bola, há as traves, em três tipos: madeira, tubos de PVC e ferro tubular. Os dois primeiros são montados, o terceiro é um esquadro rígido, presente somente na chamada praia da Terceira Ponte, ao norte da foz do rio Jaguaribe. Elemento espaçoso, fica encostado no muro de arrimo, solto ou preso com correntes, de propriedade de diferentes turmas que praticam ali o seu lazer. As traves de madeira são ocasionalmente deixadas na praia, ou encostadas no muro de arrimo, ou sob a supervisão de barraqueiros ou pescadores. As de PVC, como algumas traves de madeira, são trazidas pelos jogadores.

As redes são opcionais. Os pertences dos jogadores são deixados aos pés da rede ou mesmo suspensos, presos na sua trama. Algumas turmas levam algo para beber nos intervalos das partidas: ou água em galões, ou mesmo cerveja em isopor.

Como apoio, algumas turmas levam algo para se hidratar. Em Itapuã se viu levarem bebedouro de galão, para o intervalo das partidas. Em alguns casos, cerveja conservada em contenedor de isopor.

O baba é mais comum nos finais de semana. Dos trechos levantados, aquele que apresenta o baba de forma mais constante é o de Jaguaribe. Na foz do rio, sempre alguém joga. A curva do rio, acentuada para o sul, facilita essa terra plana e vazia. Ali, diferentes turmas deixam suas traves no talude: traves metálicas e conjuntos de madeira. Algumas partidas merecem espectadores:

gente que está caminhando ou pedalando na calçada, trabalhadores como garis, etc. De Pituçu a Patamares, nos finais de semana de verão, as canchas se encadeiam sucessivamente.

Apesar dos riscos potenciais de conflito da atividade com os banhistas, se observa essa situação de modo sistemático em Jaguaribe e esporadicamente em praias com banhistas ou gente em mesas, como um pedaço de Armação e Piatã.

beach soccer

Distingue-se do baba. A cancha é menor, com menos jogadores. Realiza-se somente em Armação, por profissionais que usam a estrutura existente para treino, que não é tão usual. Acontece durante as manhãs.

O que demarca a cancha são bandeirolas, de cores diferentes. Completa o quadro a rede nas traves, bolas sobressalentes, coletes, pessoas observando e outras à espera, como reservas, em bancos laterais.

vôlei de praia

Como aparato, o vôlei exige bola própria, dois mastros e a rede que se sustenta nele. Ao contrário do futebol, precisa de cancha delimitada – questão fundamental na partida -, o que pode ser feito com um sulco na areia ou com uma corda amarrada a estacas fincadas nos vértices do quadrilátero.

O vôlei de praia ocorre preferencialmente onde há postes fixos: Armação, Piatã, Parque dos Coqueiros e final de Itapuã (perto do Farol).

Em Itapuã jogam rapazes e em Armação, amadores e atletas profissionais em treino. Distinguem-se pelo aparato usado. Os atletas dispõem redes em todas as laterais, usam colete e há muitas bolas sobressalentes; ao lado, gente sentada sob sombreros com marca dos patrocinadores. Para amadores, aparece no máximo uma rede no fundo de cada lado, disposta na horizontal rente ao chão, para evitar que a bola vá longe. Os profissionais treinam diariamente, exceto quando estão em competição.

Os equipamentos de vôlei são uma primeira bateria de 8 pares de postes azuis de madeira; depois uma área para *beach soccer*, e outra bateria de 8 trios de postes amarelos de metal, os mais usados. Comportam grande número de canchas simultâneas, nunca usadas a plena carga.

A prática é constante, também com mobiliário deixado para observação e espera. A distribuição das pessoas é a seguinte: os jogadores (dois pares, um em cada lado da cancha), e gente olhando de fora, esperando. Ou em cadeiras, sob sombreros, ou no chão com proteção, ou no chão sem nenhum abrigo. Alguns levam garrafões térmicos para refrescar-se.

surfista

Além dos esportes com bola, há os que usam como instrumento básico a prancha (*board*), sendo o surfe o mais conhecido.

A indumentária se relaciona com o poder aquisitivo: quem tem usa roupas de borracha *collant*, enquanto os mais pobres vão de bermudas surradas. É comum a incidência de meninos que surfam usando pranchas de isopor.

Os locais são dados por características das ondas e sua relação com a habilidade dos usuários. Para o surfe, o ideal são as ondas do tipo mergulhante ou “cavadas”, como falam os surfistas. Já as ondas do tipo deslizante ou “gordas” são mais fáceis de surfar, e procuradas por iniciantes.

Os surfistas dividem o mar em *inside* e *outside*. O *outside* é onde as ondas se formam (a zona de *surf*) e o *inside* onde elas se rompem (a zona de rompente). Como as ondas surgem no *outside*, lá o surfista pode percorrer as maiores distâncias. O surfista experiente sabe chegar ao *outside* com segurança, enquanto o *inside* será lugar do iniciante. Praias onde a rebentação é fácil ou as ondas propícias estão próximas tendem a sofrer da superlotação de surfistas. É o fenômeno do *crowding* descrito antes⁶. O surfe não comporta altas densidades – quanto mais pessoas, menos ondas por surfista. Ademais, o veterano evita o iniciante, por sua ignorância de regras mínimas.

A questão básica do surfista é uma forma peculiar de posse, quem é “dono” da onda. O princípio é o da proximidade: o mais próximo do local onde a onda “quebra” que tem preferência para surfar. O neófito não está atento a isso ou não conhece as irregularidades da praia, e gera conflitos⁷. O *crowd* também se relaciona com a época do ano: no verão as ondas ficam menores, e o mar enche-se de novos praticantes. O *crowd* acontece em Jaguaribe e Armação.

A força das ondas estabelece destaque distinto para as praias. Por exemplo, quando as ondas estão fortes ao sul de Jaguaribe – que os surfistas chamam de Terceira Ponte – migra-se para a Ponta de São Tomé e Sereia.

Quando os trechos têm poucas pessoas, esse número flutua pouco durante a semana e fim de semana. De igual maneira, as condições de nebulosidade não os afeta: importam as ondas e os ventos. Requerem os chuveiros das barracas e mirantes pra tirar o sal da prancha e de si mesmos. Fora isso não demandam, nem influenciam, os serviços informais na praia. A única exceção é a praia de Jaguaribe, na transição para Piatã, onde a variação entre dia útil e final de semana é significativa e onde, até pela ausência de barracas, a relação do surfista com a praia e a calçada é forte. Seus carros estacionam ao lado da calçada, na calçada circulam, e os vendedores ambulantes ali instalados lhes atendem. Nessa praia atuam instrutores de “escolinha” de surfe sediada em galeria comercial próxima, a Acasurfe.

Na areia, fincam suas pranchas na areia e se encostam a ela, ou simplesmente sentam sobre elas. A prancha de surfe é composta por uma longarina de madeira, que funciona como coluna vertebral; um preenchimento de espuma de poliuretano e demãos de fibra de vidro, que dão o seu retoque final – estrutura que permite a construção de sucedâneos artesanais, embora

⁶ Ironicamente, os surfistas chamam essa situação também de *crowd*.

⁷ Coisa que nos campeonatos é chamado de *interferência* e é punido.

inferiores às industriais. De todo modo, são peças de preços relativamente acessíveis aos mais pobres, com improvisos diversos. Por outro lado, é um incômodo em transporte público. O surfista que possui automóvel tem maior mobilidade, e acesso a praias aonde o ônibus não chega, como Stella Maris. O acesso a ônibus ainda é complicado – há motoristas e cobradores que não deixam entrar. Para os mais pobres, as relações de vizinhança das praias adequadas são algo importante.

Há algumas variações sobre o surfe.

Uma é o uso de *longboard* – que é o “pranchão”, a prancha mais longa, usada antigamente para o surfe. A diferença de locação é dada pela hidrodinâmica: o pranchão não tem a desenvoltura das pranchas de surfe. Enquanto o segundo é agitado, o primeiro é tranqüilo, com menos movimentos.

Outra é o *bodyboard*. A peça básica é a prancha, embora a indumentária de *collant* tenha grande importância. Sua distribuição no espaço está diretamente relacionada com a performance que apresenta no meio aquático e o desenho da prancha e da postura. Ao contrário do surfe, o praticante de *bodyboarding* deita na prancha. Com maior contato com a lâmina d’água, incluindo as pernas, têm maior atrito e frenagem. Por isso seus praticantes buscam ondas mergulhantes, pois formam o “tubo”: correm mais veloz e formam uma rampa que facilita as manobras. Por isso ainda o peso do traje, que minimiza o atrito. O *bodyboarding* extrai prazer da onda com manobras velozes, “radicais”, empinando e saltando. O surfista prefere o deslizamento, ainda mais favorecido pela prancha *longboard*. Como o surfista, usa o chuveiro das barracas.

A incidência maior no sul da praia de Jaguaribe, em um primeiro momento, relacionava-se com a “escolinha” sob iniciativa de Márcio Torres, que difundiu a modalidade, e ainda hoje acontece, em dias específicos da semana. Porém hoje seus praticantes se distribuem mais de acordo com características do mar.

Há uma luta pelas ondas, entre os praticantes destas modalidades. Como dito antes, o praticante de *bodyboard* procura ondas mais limitadas. Porém, nelas, é mais eficiente em galgá-las (*dropar*, no jargão do mar), porque ele não precisa ficar em pé na prancha, e porque usa pés de pato, o que lhe dá maior velocidade. Então, ele tem vantagem em relação ao surfista tradicional. Por sua vez, o praticante de *longboard* também, porque ele busca a onda mais distante, então já vem com sua “posse”. Acima de certo número destes, simplesmente monopolizam as ondas. Por sua vez, as três categorias conflitam com o praticante de *kitesurf*, que invade suas ondas.

praticante de windsurf

Ao contrário do surfe, o *windsurf* é uma prática da família do velejamento, usando uma prancha. Sua peça, em comparação ao do surfe, é mais complexa. Precisa resistir a solicitações mecânicas mais fortes: o tranco do mastro, sujeito à ação do vento; possui o peso da carga d’água e o impacto repetitivo nas águas pela maior velocidade que desenvolve. Assim, a prancha básica possui mais longarinas, camadas mais grossas de fibra de vidro, fora o mastro e a vela. O conjunto é obrigatoriamente industrial e caro, o que limita

seu acesso. Ao contrário do surfe, que permite sucedâneos para pessoas mais pobres.

Outro fator limitante é a técnica: é mais velejar do que surfar. É preciso conhecimentos de vela para poder não somente ficar em pé, como manobrar o instrumento.

Acontece somente no porto do Farol de Itapuã, no espelho d'água saturado por algas. E no mar batido, além dos recifes do dito porto natural. No primeiro, vento constante e espelho d'água sereno. No segundo, as ondas sem o bloqueio das pedras.

praticante de kitesurf

O *kitesurf* é uma pipa com o qual o praticante veleja a bordo de uma prancha. Trata-se de lidar com o vento, sua força e direção. O tipo de prancha afeta a velocidade e ancoragem na água, assim como os diferentes tipos de vela se destinam ao peso do usuário e à força do vento específicos. O *kitesurf* tem duas modalidades básicas: em espelhos d'águas e nas ondas, com variantes intermediárias. No primeiro caso, as pranchas são chapas planas, que lembram os *skates*. No segundo, são mais próximas às pranchas de surfe.

O equipamento é caro – prancha e pipa – além da roupa, que pode ser de lycra, para proteger dos raios UV, ou emborrachada, para águas mais frias, além de óculos para o vento e respingo das águas. Seus praticantes são adultos bem-sucedidos, com automóvel próprio.

Como o propelente é o vento, o praticante singra as águas paralelo à linha costeira. Sua jornada é mais longa que a do surfista, pode ir além da zona de *surf*, porém ocupa uma área extensa do espelho d'água, conflituosa com o banho e surfe quando se aproxima da costa.

Começaram a usar partes da área-estudo há poucos anos. Aparecem quando há vento, e convocam os demais por celular, independente do horário. O conjunto é armado na areia. Iniciam o deslizamento na parte rasa do mar, mas podem avançar mais.

O local onde se pratica regularmente o ano inteiro é a praia de Jaguaribe, nas imediações norte da foz do rio. Uma loja no HiperIdeal, em Jaguaribe, vende o equipamento e ministra cursos. Destes, uma etapa acontece na praia defronte, onde o aluno aprende a manejar a pipa: o período em que pratica na água acontece em Buraquinho, fora da área-estudo. Então o uso da praia para a prática do *kitesurf* não é dependente do estabelecimento.

Em dias de semana, quando há poucos banhistas, se vê praticante atuando desde a colônia de férias Deraldo Motta até a foz do rio Jaguaribe. E, no inverno e dia de semana, com ventos fortes vindos do sul, os praticantes se concentram em quantidade na praia da Ponta de São Tomé, em quantidade maior que o usual.

corrida/ caminhada/ exercícios

Em comum, o fato de serem atividades de percurso no sentido longitudinal da praia, com breves pausas. Realiza-se em estratos diferentes da praia.

A calçada é o local mais freqüentado e com a maior concentração, principalmente no trecho entre Jardim de Allah e o Aeroclub Plaza Show. De várias idades, com malhas coladas ou roupas folgadas. A calçada é mais usada como espaço para caminhadas, *cooper* e ciclismo do que propriamente como rota de um ponto a outro, com uso mais intenso pela manhã (das 07:00h às 09:00h) e final da tarde (17:00h às 18:00h). Embora não seja parte da praia propriamente dita, tem influência direta a partir do comércio ambulante que atrai.

Depois, em termos de uso, há o estirâncio, o trecho de areia úmida e mais firme. Sua distribuição é mais homogênea, em todos os sentidos: sem trechos visivelmente mais utilizados, em faixas mais amplas do dia, e em estratos sociais distintos. Há uma presença maior de Corsário até Jaguaribe, embora não tão díspar, e a preferência maior pela manhã, aos finais de semana.

A maioria prefere o contato da sola do pé com a areia – então traz o calçado nas mãos ou dependurada, calçando-se somente na saída, quando se atravessa o trecho da praia onde a areia é quente.

A terceira faixa usada, mais rara, é o intervalo entre o estirâncio e o talude, a areia fofa, sem ser a faixa mais próxima do talude, de areia terrosa, que se sobreaquece. Tanto o estirâncio quanto a areia fofa são treinos mais intensivos, procurados por menos pessoas, mais dedicadas à forma física. Acrescentam um grau de dificuldade e esforço que é condição bem-vinda para certas pessoas, e o treino que pretendem.

Ao contrário da caminhada na calçada, na areia não há novos usuários mobilizados em sua função. Há uma alternância curiosa – de Armação ao *shopping* Aeroclub a predominância é na calçada, enquanto do Corsário a Jaguaribe a preferência é pelo estirâncio.

É comum que indivíduo que caminha ou corre na areia se alongue, parado ou durante a caminhada, ou mesmo emende com uma bateria de exercícios. Não está diretamente dissociado, então, do treino. Para os que correm e caminham na calçada, o espaço propício a isso são os equipamentos de ginástica do Projeto Orla – no entanto, poucos são usados por esse público. O único lugar onde há essa continuidade de ações é o Jardim de Allah. Esses equipamentos sacramentaram a associação da praia com a imagem de saúde. São cômodos para alguns dos usuários enquanto, para outros, são alternativas às academias.

Em Armação aparece o Coronel Ivan Barata, que treina a si mesmo e quem mais estiver por lá, com área própria, demarcada por bandeirolas verdes, fixas na areia, formando quadrilátero, e uma placa que anuncia seu espaço de treino, além de plataforma cimentada e troncos roliços. Ainda na mesma praia, aos domingos aparece instrutor de ginástica e meninos fazendo exercício. Estes são usos esporádicos, altamente dependentes de iniciativas pessoais.

3.2.3. meditação/ contemplação

Há indivíduos que, ao longo do trecho estudado, dirigem-se para a praia, em seus diversos estratos, para contemplar a paisagem e meditar em recolhimento. É algo que se faz sentado – em pedras, mirantes gramados ou na própria areia – nunca com o sol a pino, mas de preferência do meio da tarde em diante, ou em clima nublado⁸. Ou de modo introspectivo, solitário, ou em casais. É comum que gente chegue com bicicleta, deixando-a ao lado. De um modo geral, a roupa não é de banho.

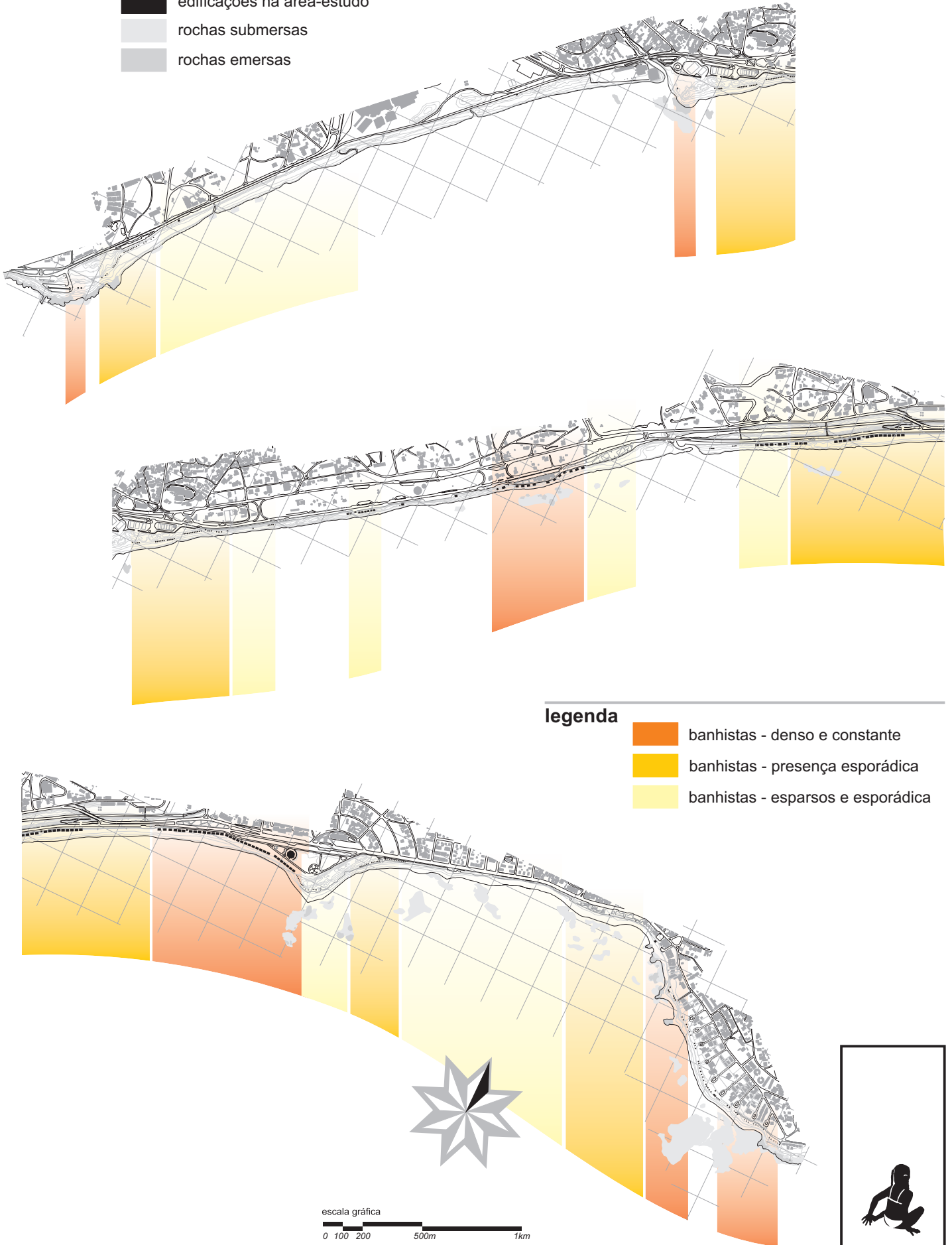
No Jardim de Allah é comum ver jovens nas pedras, e suas bicicletas, independente da hora do dia. Nas suas valas, nas marés baixas, jovens vão fumar maconha escondidos. Na ponta mais ao sul, onde se consegue ver o sol se pôr, aparecem namorados. O próprio gramado do Jardim de Allah é local dos mais propícios para fins similares, especialmente nos finais de semana.

O Aeroclube Plaza Show e a praia que o acompanha são lugares especialmente demandados para contemplação e recolhimento. Inclui tanto o gramado dentro do cercado do Aeroclube, como os bancos no calçadão defronte, o talude gramado da praia e a areia da mesma, de maneira decrescente. Ocupado por namorados e sujeitos sozinhos, a contemplar o mar, nos finais de tarde, em dias de semana e feriados, e mesmo em dias nublados.

⁸ A contemplação do cair da tarde à beira-mar é cada vez mais comum. Mesmo em dia de semana, o gramado atrás do Farol da Barra, a pequena réstia existente, acolhe pessoas sentadas em grupos e pares, sobre cangas, assistindo o pôr-do-sol. Como há público, circula vendedores perambulantes. Depoimentos falam em aplausos, similares a prática recente no Rio de Janeiro.

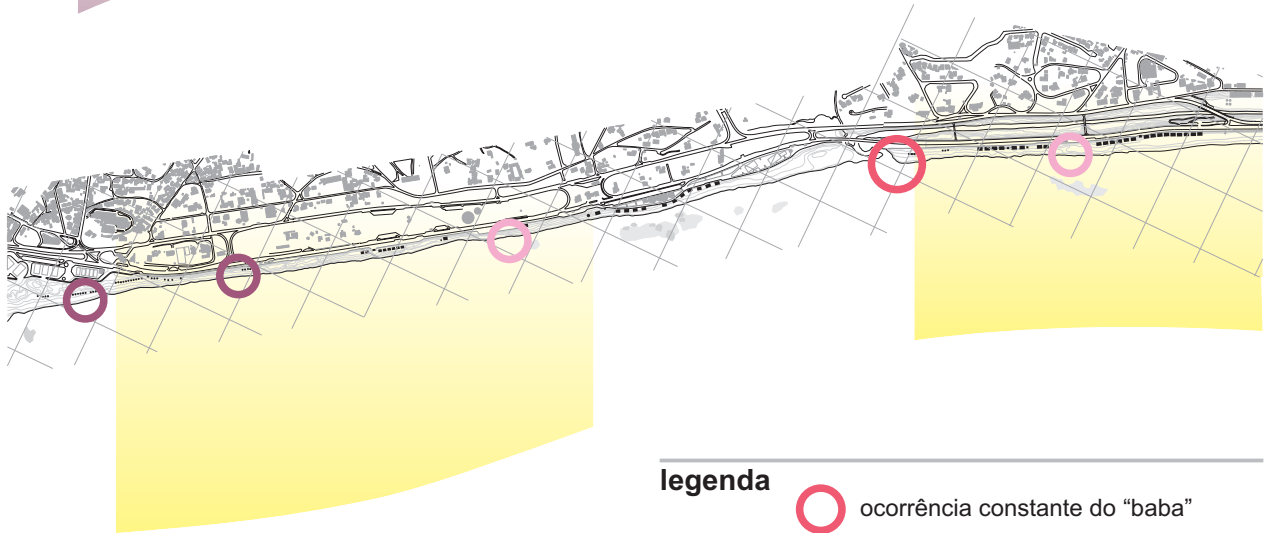
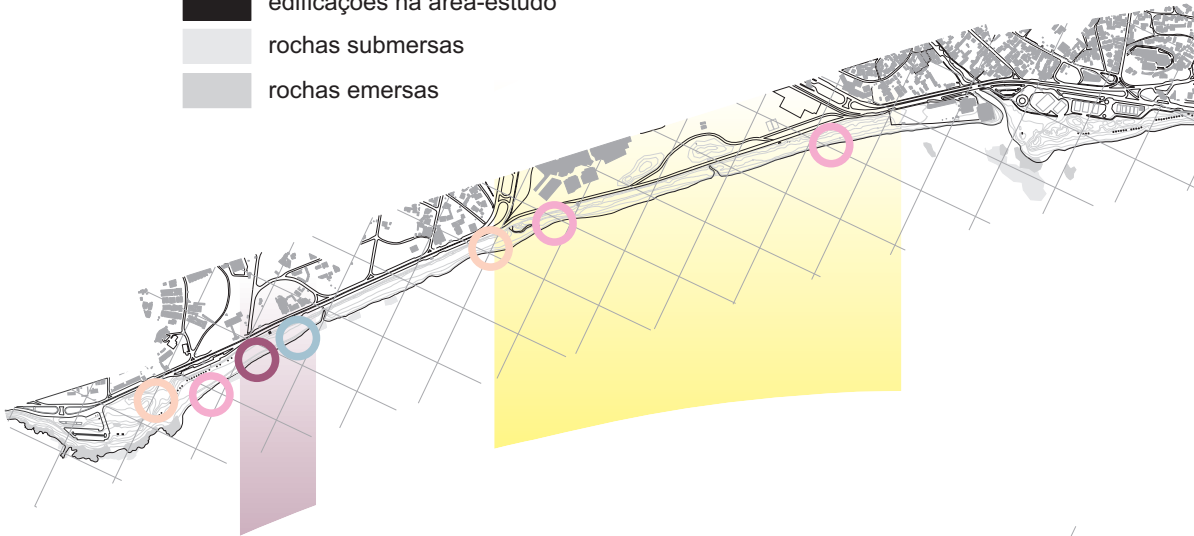
banhistas - distribuição

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas



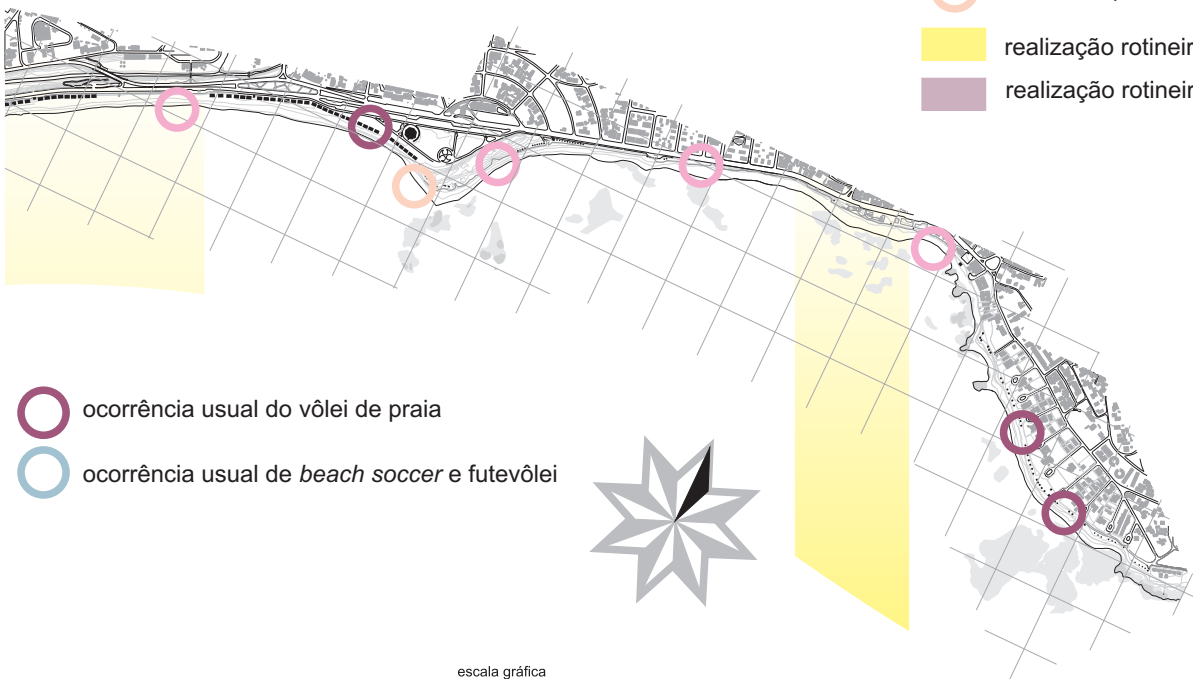
esportes de areia

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas



legenda

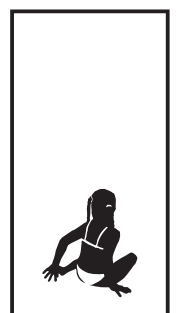
- ocorrência constante do "baba"
- ocorrência usual do "baba"
- ocorrência pontual do "baba"
- realização rotineira do "baba"
- realização rotineira do vôlei de praia



- ocorrência usual do vôlei de praia
- ocorrência usual de *beach soccer* e futevôlei

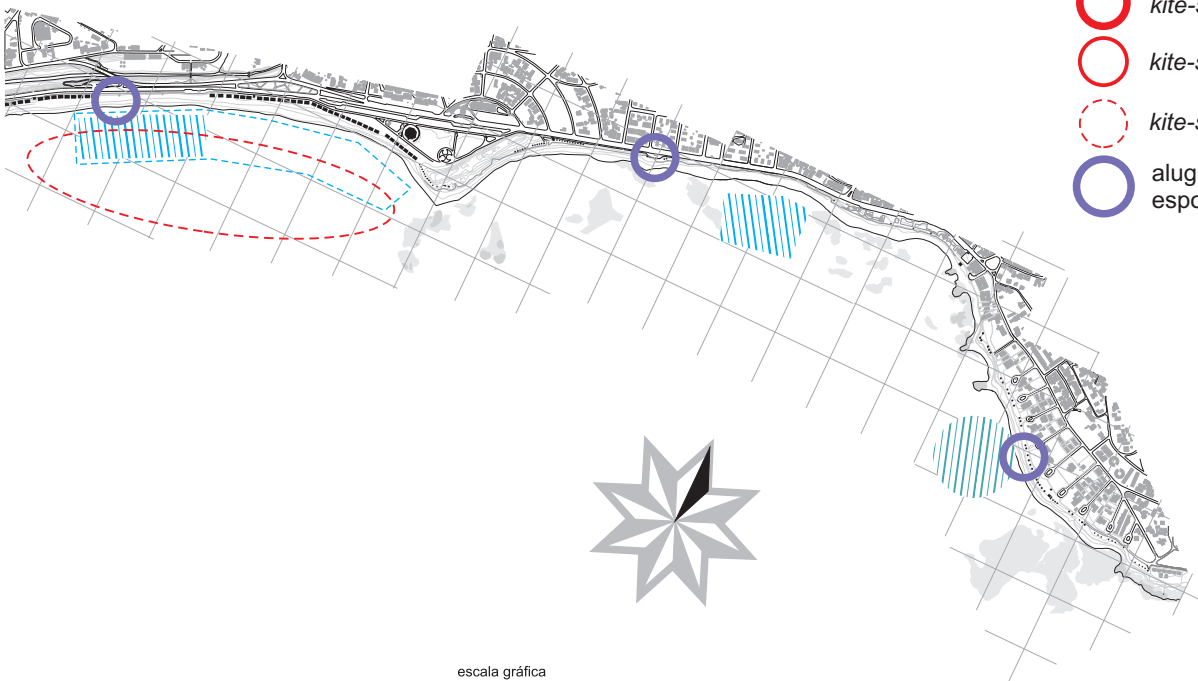
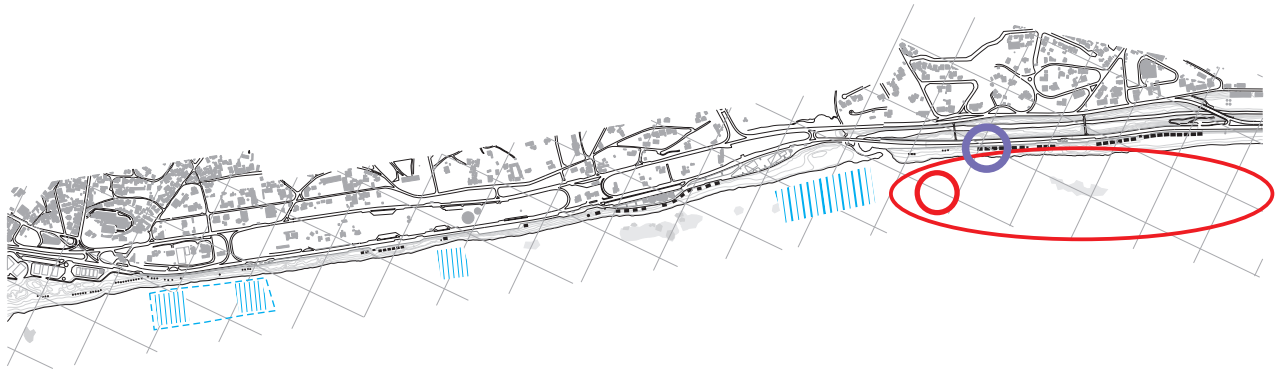
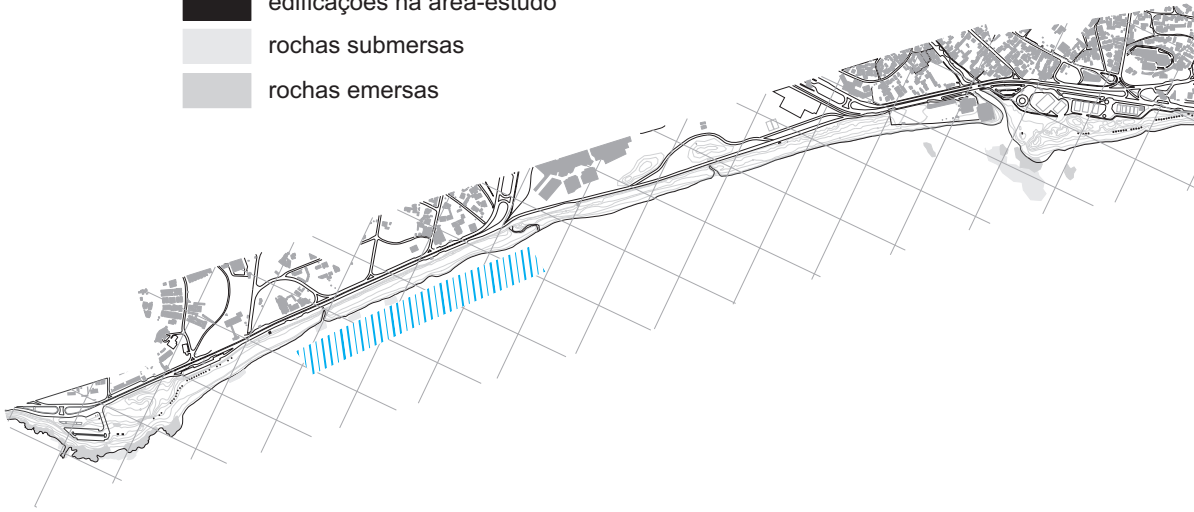


escala gráfica
0 100 200 500m 1km



esportes de mar

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas

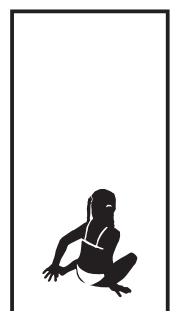


legenda

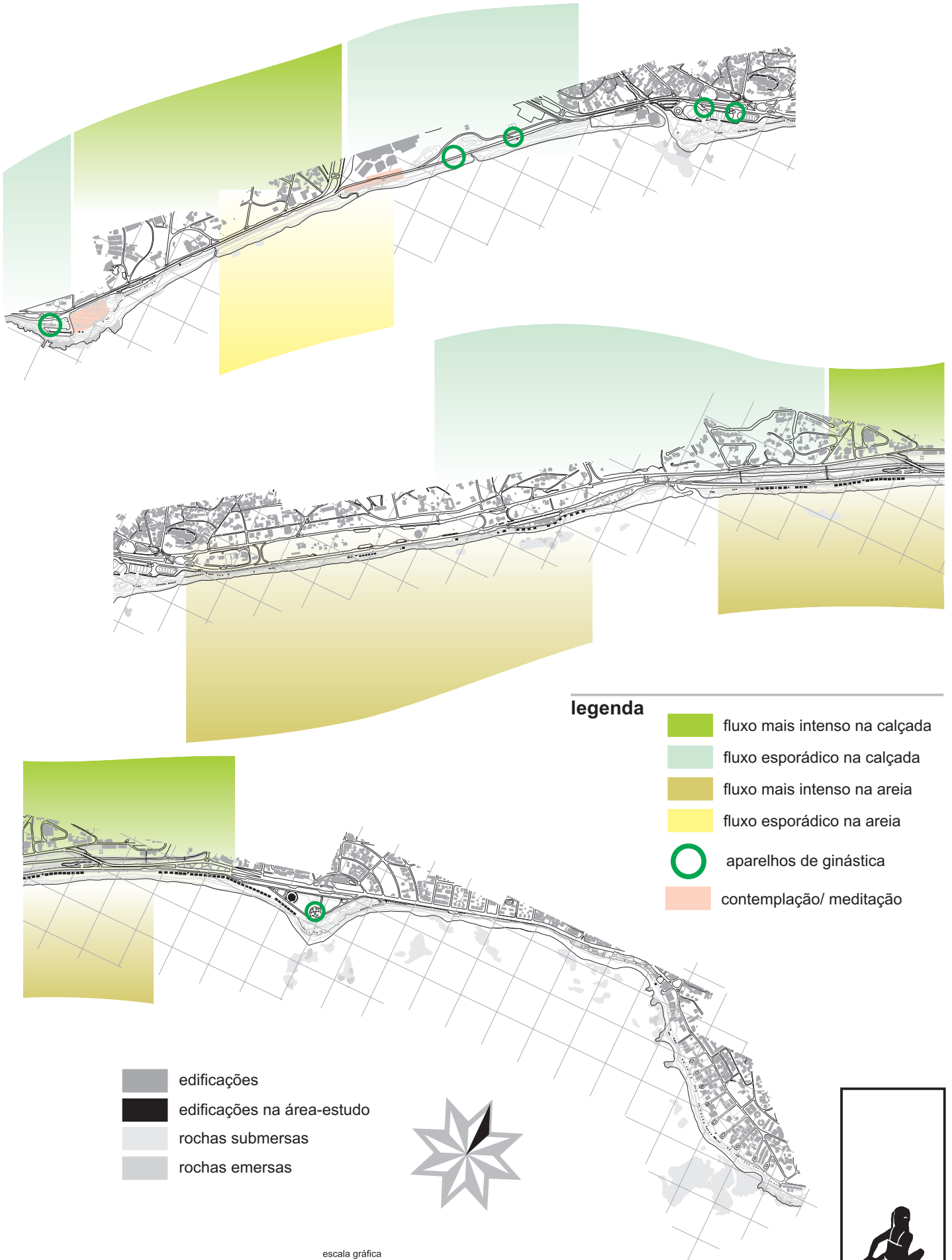
- surfistas constantes
- surfistas ocasionais
- windsurf
- kite-surf constante
- kite-surf ocasional
- kite-surf raro
- aluguel e curso de esportes marítimos



escala gráfica
0 100 200 500m 1km



caminhada e corrida



3.3. TRABALHO

O principal objetivo é extrair do ambiente da praia seus recursos,. Não implica em que a atividade laboral na praia se execute sem o prazer de seu ator⁹.

3.3.1. extrativismo

Na área-estudo, o extrativismo majoritário é pesca¹⁰. A área-estudo apresenta dois casos distintos e menores de extrativismo. Sobre a pesca e o trabalho, a caça submarina tem muito do componente entretenimento, e será um item ambíguo.

A pesca baseia-se na disponibilidade do recurso e no conhecimento de sua coleta e preparo, do espécime caçado propriamente dito e seus hábitos. O recurso se apresenta sob duas modalidades: os cardumes e os pesqueiros. Os cardumes correspondem à fauna pelágica, em movimento livre na água. Enquanto os pesqueiros são locais onde se concentram os peixes, já que na fauna marinha, predador e presa convivem no mesmo espaço, a partir da fauna bentônica, aquela fixada ou que se move no leito do mar.

No litoral nordestino o pescado é de qualidade, mas não em quantidade, pois não há ressurgência – a vinda de águas profundas, com seus nutrientes, para a superfície, expondo-se ao sol e criando ambiente propício para proliferação de plâncton. Enquanto na região sul o pescado vive em cardumes (sardinha, merluza) e a pesca é por rede, no Nordeste, vivem individualmente, em tocas, via anzol iscado (IVO, 1975). O peixe é em menor quantidade e com maior custo de produção, e isso dá a tônica da maneira de pescar-se.

O pescado é produto de apenas 10% do oceano, dos quais 9,9% vêm de mar costeiro, epicontinental (o restante de ressurgências em alto-mar). Dentro da zona costeira, temos o *mar de fora*, com maior abundância de pescado e maior valor comercial deste, e o *mar de terra*, com produção menor e peixes de qualidade inferior. A potência da nau e sua autonomia em alto-mar, portanto, são determinantes para acesso a recurso em maior quantidade e valor.

Os pesqueiros se distribuem ao longo de toda a orla, com distâncias das mais variadas. As diferentes táticas de pesca são variações técnicas de como e onde obter o recurso, e de suas possibilidades.

pescadores de embarcação

Os instrumentos básicos são seu veículo e o aparato que usam para coletar o pescado. Seus veículos: paquetes e jangadas, canoas, barcos de fibra ou de alumínio, e barcos maiores motorizados.

Os barcos vão a pesqueiros de terra e na “parede”, também chamada de meia-peça, o local que cai para 50 metros na carta náutica, distante e aonde raramente os mergulhadores vão. Os barcos menores voltam no mesmo dia, e a jangada está em extinção – só vão perto, 1 a 2 pescadores -, a pesqueiros mais próximos.

⁹ Um exemplo são os cordoeiros no Carnaval onde muitos, apesar da notória insegurança quanto ao pagamento pós-evento, pautam sua decisão sobre a expectativa de poder assistir os trios de mais de perto.

¹⁰ Embora em outros trechos do litoral soteropolitano haja coleta de seres vivos e, em outros lugares, de coleta de objetos inanimados.

Os pesqueiros condicionam na praia apenas a pesca de beira de praia e a pesca submarina, na forma da “mariscagem”. Os portos, dos que pescam de anzol e linha a partir de barcos, dependem de outros fatores, pois conseguem peixes em uma proporção maior nos pesqueiros de alto-mar, chamados de *baixios*. Sua localização é determinada pela segurança do ancoradouro, e não pela proximidade com o recurso natural.

A depender da escala do porto natural, varia o tamanho e tipo da nau. Na área-estudo:

- . na foz do Rio das Pedras, na pequena praia de Aratubaia
- . em Piatã, na Ponta de São Tomé
- . no marco de Placaford
- . em Itapuã, duas colônias nas extremidades do Parque da Sereia
- . próximo ao Farol de Itapuã¹¹

Destas, a pedra-que-ronca é o ancoradouro da área-estudo, e da orla oceânica soteropolitana, melhor guarnecido, acolhendo barcos de maior envergadura.

Os pescadores fazem do litoral seu porto: local de repouso, partida e chegada das embarcações. Pela escala da atividade, não há estrutura construída para arribação – píer, cais, etc. Os barcos se aproximam da areia e são puxados pelos pescadores; os maiores ficam fundeados na água.

As construções na área são colônias de pescadores e peixarias. As colônias são associações para trato coletivo de suas demandas – manutenção de seus artefatos, preparo das necessidades, beneficiamento e venda dos produtos. Nas colônias, a estrutura física é usada por filiados, por meio de mensalidade. Em alguns casos, permite-se que gente de fora, não filiada, a disponha. As colônias têm tanto pescadores pobres como gente de posse, dona dos barcos maiores, que chegam a pagar a pescadores para manejá-los como seus funcionários.

Os pescadores partem em horários variados, de preferência ainda de madrugada. Os pescadores vistos em terra, por definição, estão na sua maioria das vezes em sua hora de lazer. Podem estar consertando suas redes, ou limpando o pescado, ou ainda esperando que este venha, para tratar os peixes – já que há gente que só faz isso. O que se chama de “tratar” o peixe consiste em retirar barriga, escamas e guelras, e às vezes cabeça - o peixe é comprado pelo peso, e depois tratado, para ser entregue ao comprador, principalmente nas peixarias das colônias.

No seu descanso, os pescadores jogam dominó ou baralho, entre si e com freqüentadores do lugar e outras pessoas que trabalham ali. E bebem, principalmente cachaça, mas também cerveja, e em algumas colônias as vendem.

Por sua vez, a estrutura física da colônia – que vai do desenho natural das pedras às construções – influencia na atração de filiados. Uma rampa, por exemplo, é recurso importante, já que permite a fácil descida da embarcação à praia. Apesar da construção ser uma presença mais impactante, nem sempre

¹¹ Há, nas imediações da área, uma colônia de pescadores, com algumas naus, na foz do rio Camurujipe, ao sul do trecho estudado. Fora da área, na orla atlântica, podemos nomear a praia de Santana, a da Mariquita, o trecho próximo à Ponta de Itapuãzinho em Amaralina, e na Pituba, próximo ao antigo Clube Português.

existe onde pescadores se ajuntam, pois exige recursos, e tampouco na areia da praia. A ocupação da areia mais constante se dá com as embarcações estacionadas.

Ao longo da área-estudo, repetem-se os tipos de naus e a maneira como ficam sobre a areia. As canoas são os barcos mais antigos, encontrados em fotos e gravuras de lugares como o Porto da Barra. Feitos a partir de tronco único, são longos e deixados sobre mangotes (grossos tubos de borracha) diretamente na areia. Depois existem as jangadas e paquetes: atualmente são raras na área-estudo, ficam emborcadas na areia, de lado. Os outros barcos são barcos simples, de fibra de vidro ou alumínio, e ficam sobre estrados de madeira, empilhados de modo a ocupar pouco espaço, ou simplesmente encostados em taludes ou mesmo muros de arrimo. Onipresentes, as redes. No inverno, os barcos na areia são levados para lugares acima da força da ressaca.

As embarcações são reflexo das condições financeiras do pescador e, em um círculo vicioso, são instrumento e motivo para exploração de determinado recurso ambiental. As canoas são índice de pescadores mais pobres, com recursos mais artesanais – vide Placaford. Seu alcance é restrito aos pesqueiros mais próximos e à pesca de arrasto, onde se divide o peixe por muita gente, com ganho individual pequeno. Os barcos motorizados, mesmo os pequenos, são de pescadores com maiores recursos.

Quanto às colônias de pescadores, na Boca do Rio e em Itapuã, estão nos parques adjacentes, embora no primeiro caso tenha vínculo com o espaço praiano. Em Piatã e perto do Farol, diretamente relacionados com a faixa de areia. A de Piatã destaca-se por ser a mais precária, feita de uma miscelânea de materiais. E há trechos onde há embarcações sem correspondente ocupação construída. Uma situação específica é a de pescadores que deixam seus paquetes em talude do Jardim de Allah.

Itapuã é único lugar na área-estudo com construções dedicadas aos pescadores além da colônia. São telheiros simples – estrutura em madeira, cobertura em fibrocimento – das quais duas abrigam embarcações, com armários de alvenaria para os pertences dos pescadores e outro serve como abrigo dos pescadores. Um telheiro é significativo. Pequeno e quadrangular, ao norte do Parque dos Coqueiros, abriga uma mesa e quatro cadeiras. É onde quiosqueiros e pescadores jogam dominó. A mesa é adaptada para o jogo, com um anteparo em cada aresta para o jogador dispor suas peças

A pesca de arrasto se desenvolve próximo à praia e conclui na areia. Barcos ou canoas cercam o peixe com rede e os tangem para a areia. As redes são de malha fina, para o peixe miúdo ficar, e com isso manter o peixe graúdo, que é o interesse do pescador. No caso de caramurus, peixe perigoso, matam a pauladas. Onde acontece com constância é a praia da Boca do Rio, defronte ao mirante do Parque Atlântico, como visto antes.

pescadores de beira de praia

Seu principal instrumento é a vara, que traz à mão ou finca na areia, que confere apoio de alavanca e permite o lançamento da isca a distância e, fincada, que o pescador descanse sem o manejo direto. Não necessariamente essa pesca se relaciona com vara: encontra-se adolescentes e meninos com latas servindo como carretel.

A pesca de anzol e linha na praia atinge somente os pesqueiros próximos à praia. Os recifes são procurados porque a fauna marinha está onde o relevo é rebuscado, com refúgios. A foz do Rio das Pedras justifica a presença mais constante e maior extensão porque muda a salinidade e traz nutrientes, o que atrai peixes como o xaréu e a guaricema. O desenho da foz dos rios que deságuam na costa atlântica se vincula aos afloramentos rochosos: são os recifes que contiveram as areias trazidas pelas águas e permitiram a formação de uma barra. Então, além do antes exposto, há relevo submarino propício ao pescado.

Independem da turbulência da água e mesmo da luz do dia. Por isso também aparecem pescadores á noite.

Há incompatibilidade possível da pesca com varas e banhistas, pelo risco da corda a altura humana e do anzol fisgar pessoas. Os pescadores geralmente estão em áreas sem banhistas, ou nas pedras mais adiante da água. Onde convivem com banhistas, usam suportes para fincar na areia e suspender a vara e a linha, sem risco ao passante. Alguns levam cadeira e sombreiro, para a espera. Outros, cassuás para guardar os pescados, ou isopor ou baldes plásticos.

Um trecho inesperado, fora da área mas de algum interesse, é ao sul imediato da foz do Camurujipe. Os pescadores situam-se no estreito trecho de praia entre a foz e o Jardim dos Namorados, e um deles tem uma tenda móvel própria, onde fica a tarde inteira.

Ainda em beira de praia há pesca com rede, de dois tipos: a tarrafa – pequena rede circular com borda cravejadas de pesos de chumbo e uma corda forte no meio -, e a rede de arrasto.

A tarrafa é mais usada em afloramentos rochosos. A rede de arrasto, precisa de trechos mais desimpedidos. O perfil do pescado que visa capturar está relacionado com o tamanho da malha. Hoje em dia há redes de arrasto de diversos tamanhos.

A pesca de arrasto de maior porte é mais comum entre Jardim de Allah e Armação porque ali é onde aparecem a cavala e a guaricema, embora ocorra também em outros lugares. É sempre por meio de canoas, tangendo os peixes para a beira da praia. Não é a mesma relação do xaréu, que é fauna pelágica, em movimento pela região.

pesca submarina

Há dois tipos de pesca submarina: a de pescado e a de “marisco” – como chamam os pescadores submarinos -, que são crustáceos (lagostas, lagostins, etc.) e moluscos (polvo, lula, etc.). Em comum, sua limitação mútua a profundidade e a visibilidade. A partir daí, diferenças.

Os pescadores de peixe descem ao máximo 30 a 35 metros. Então acedem ou a pesqueiros rasos ou usam táticas para trazer os peixes à superfície, como os *atratores*. Precisa de maior capacidade física para as profundidades e para permanecer à espreita, deitado e quieto. Usa nadadeiras longas, roupas de borracha, máscaras de pouco volume, e arpão automático, que é caro. Esse pescador vai aos pesqueiros mais próximos, a até 3 km, onde estão próximos

um do outro, nadando ou em prancha de *bodyboard*, vestido para o mergulho, amarrando a prancha no fundo. Os mergulhadores raramente vão sozinhos.

Alguns pescadores dependem da maré. A caça de peixe requer, além do pescador, bons arranjos de pedra, que lhe facilitem a permanência. Esse tipo de pescador põe o pescado no barco ou na *enfieira* - um dispositivo simples para prender os peixes, que fica sob a água. Na atividade, ficam entre 3 e 6 horas.

A “mariscagem” (em seu jargão próprio) se faz nas *rachas* (pequenas fendas, sem profundidade), na beira ou em pontos rasos, com o mergulhador em movimento procurando a presa. Usa ou arpão manual ou *bicheiros*, um tipo de gancho. É acessível por ser mais barato, fácil e exigir menos.

Para ambos os casos, a transparência da água é fundamental. Trabalham somente de dia. Embora haja mais pescado no inverno, a água é mais turva, por isso a incidência é maior no verão. Sem chuva, que também turva a água. No caso da “mariscagem”, o inverno ainda traz mudança de perfil fisiográfico da praia. Com isso, os polvos, lagostas e certos peixes desaparecem da zona de arrebentação no inverno, porque suas tocas ficam cobertas por sedimento, no que é chamado de *arribação*.

A pesca submarina de pescado pouco incide na praia, por ser mais distante e mais escassa. A pesca submarina de “marisco” acontece rente à praia, e é mais freqüente.

coleta de coco

Atividade específica, surpreende pela escassez de instrumentos: basicamente um saco de estopa. Ocorre no Jardim de Allah e também em outros coqueirais pela cidade, como o Parque dos Coqueiros.

O sujeito escala o coqueiro com as mãos. A técnica usual, conhecida popularmente, se dá pelo enlace, de mãos e pernas, e fixação pelo atrito. A técnica que este usa é diferente: as mãos enlaçam o tronco mas o corpo permanece distante, e as pernas se fixam e se movem por compressão. Ganha agilidade, porém requer mais força física. Retira e solta dos frutos maduros que, depois, no chão, reúne no saco.

Jovens banhistas no Parque dos Coqueiros também catam coco da mesma maneira, com menos perícia, ainda assim hábil. Mas é para consumo.

3.3.2. comércio e serviços (oferecidos aos usuários)

Estas pessoas oferecem serviços ou produtos em troca de remuneração efetuada na praia, distintos do tópico posterior.

Desde que Salvador possui barracas *na* praia, há um comércio com ponto fixo na área-estudo.

O termo *ambulante* para todo comércio de rua informal, não traduz condições muito distintas, que investigaremos a seguir. No que concerne à área-estudo, é útil a identificação no comércio e serviço de rua, e de praia, de três categorias: o vendedor de ponto fixo, de ponto móvel e de venda em trânsito.

O vendedor de ponto fixo mantém-se em um lugar somente. Pode ser um ponto estável, que lhe “pertença” e disponha ao longo dos anos, ou um ponto escolhido nesse dia. O importante é que, uma vez instalado, para retirar-se somente no final do expediente. Mesmo esse contingente flutua, ao sabor da flutuação dos banhistas ou de espectadores de eventos. Poucos reiteram no ponto todos os dias da semana. A baiana de acarajé, por exemplo, se enraíza no lugar e desloca suas coisas somente no começo e final do dia – o caso dela é extremo, já que não se levanta nem mesmo para atender o cliente.

O vendedor de ponto móvel tem condições mais francas de se locomover, estaciona para suas operações, porém mudando quando não tem o retorno esperado no lugar. Isso é especialmente comum na praia, como veremos. São os que tem seus pertences sobre carros de mão ou amalgamados com um veículo, como um pipoqueiro ou o vendedor de caldo de cana.

O vendedor em trânsito trabalha em movimento. Pára somente para oferecer o produto e efetuar a transação. Seus apetrechos carrega consigo, sem nenhum veículo que lhe facilite o transcurso. Notadamente precisa de paradas para arrumar seu material para a venda (às vezes preparar-se pessoalmente) e para descanso. Dos mais tradicionais deste tipo de vendedor é o de picolé “capelinha”¹².

Para os termos desta pesquisa, o *ambulante* englobará as duas primeiras categorias. Na prática, os vendedores de ponto fixo possuem maneiras de deslocar seus equipamentos, com a diferença que requer sua desmontagem total. Então, a distinção de um tipo a outro está no porte do seu “estabelecimento”, implicando, evidentemente, diferentes operações no espaço. O vendedor em trânsito é chamado de *perambulante*¹³.

barraqueiros

O nome é dado indistintamente tanto ao dono presente quanto ao seus funcionários (garçons e cozinheiros). O primeiro permanece dentro do estabelecimento. Dos funcionários, cabe ao garçom percorrer a areia, no sentido perpendicular ao da praia. Há casos em que funcionários captam clientes, na calçada e faixa de areia adjacentes, entre os passantes. Em todos os casos, a barraca de praia é a base da atividade.

Seu instrumental de trabalho é o de um bar/ restaurante: cardápio e bandejas, pratos e copos, cumbucas e garrafas, talheres e abridor de garrafa. Em nada diferem de unidades similares do terciário. Talvez no *design* improvisado do abridor de garrafas. E nos preços praticados, acima da média, ainda mais pelo estado de conservação e pela escala de serviços oferecidos pelo estabelecimento.

Em algumas barracas, os funcionários vestem camisa específica da unidade. Há uma relação estreita com patrocinadores, especialmente marcas de cerveja, o que leva à padronização dos sombreiros em função destes.

¹² Nome dado popularmente ao picolé, vendido na rua. Metonímia de marca tradicional baiana.

¹³ O conceito foi lançado pelo prof. Manoel José Ferreira de Carvalho e os então alunos Ernesto Pereira Galindo e Marcos Thadeu Queiroz Magalhães em estudo não publicado sobre comércio de rua no Carnaval, para o PEC – Plano de Estruturação Físico-Espacial do Carnaval de Salvador, em convênio da UFBA com a Emtursa, órgão oficial de turismo da Prefeitura de Salvador, de 2001 a 2004. Não havia, então, a distinção entre vendedores de ponto fixo e ponto móvel.

Aos clientes oferecem serviços que desenham um perfil do ponto, como por meio do som mecânico, com relações ambíguas entre a amizade e o negócio. Para o entretenimento das crianças perto dos pais, brinquedos plásticos e mesmo piscinas zoomórficas rígidas de plástico, produto cada vez mais comum na área-estudo. Entre os serviços prestados, alguns barraqueiros no Parque dos Coqueiros agenciam prostitutas a clientes turistas hospedados na área.

Os barraqueiros tentam proteger os clientes dos ladrões que rondam a praia: guardam seus pertences, alertam contra indivíduos conhecidos ou áreas perigosas, dão conselhos diversos, etc. Conhecem os rostos dos ladrões, mas temem suas retaliações. Dizem que alguns punquistas se disfarçam de vendedores ambulantes, especialmente de amendoim e tatuadores, o que é mais um motivo para o confronto entre ambos¹⁴.

Hostilizam os vendedores ambulantes, que concorrem de maneira “desleal”, por não pagarem a taxa que arcam, o que consta em alguns cardápios como “conscientização” do cliente. Ecoam a crítica que os empreendedores da orla, que pagam tributos e estão fora da areia, em alguns casos obliterados pelas barracas, lhes fazem. Acusam os vendedores ambulantes, principalmente os de coco e acarajé, de sujarem as praias, cabendo-lhes o ônus da limpeza¹⁵, e de incomodar continuamente seus clientes¹⁶. Evitam que babas se estabeleçam defronte de sua área, para não afugentar os clientes que vêm com crianças¹⁷.

Com outros usuários, fazem favores ou negócios: guardam apetrechos do baba de certas turmas e do coronel Ivan Barata em Armação, fornecem eletricidade com medidor à parte na mesma praia. No Jardim de Allah, as barracas Barbicha e Luggs alugam a barraca como depósito das macas dos massoterapeutas – o serviço se faz a despeito do uso como barraca, forma de ter algum lucro diante da penúria do estabelecimento.

Das relações entre si dos barraqueiros, não se pode auferir um padrão. No Jardim de Allah, quatro barraqueiros são “sócios” de um mesmo poço, para fornecimento da água dos chuveiros. Barraqueiros comentaram que auxiliam-se no ato da escavação. No entanto, quando questionados sobre os incêndios que acometem as barracas de vez em quando, levantou-se a suspeita de queima intencional por parte de vizinhos invejosos.

Algumas barracas fecham tarde da noite (como a Itaguaçu e Xique-Xique no Jardim de Allah; Aruba, na Praia dos Artistas; e João Sergipe, em Placaford) e ainda, junto com outras locam seu espaço para eventos como aniversários, festas e outras comemorações, que transcorrem à noite. As festas noturnas acontecem com mais frequência além da área-estudo, na Praia do Flamengo, chegando a incomodar os moradores da vizinhança¹⁸. O uso noturno das

¹⁴ INSEGURANÇA EM TODA A ORLA, A Tarde, 20 out. 2006, p.5

¹⁵ LIXO POLUI PRAIAS DE SALVADOR, A Tarde, 21 nov. 2005, p.5

¹⁶ FAROFEIRO DE LUXO CHEGA ÀS PRAIAS, A Tribuna da Bahia, 26 jan. 2005, p.12

¹⁷ ESPORTES NA PRAIA PERTURBAM BARRAQUEIROS E BANHISTAS, Correio da Bahia, 14 nov. 2005, p.3

¹⁸ ARAÚJO, Ana Carolina. Grandes empresários dominam o comércio nas praias. *Correio da Bahia*. Salvador, 21 out. 2006. Disponível em: <http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_imprensa.asp?codigo=114871>. Acesso em: 27 jan. 2008.

barracas, porém, é francamente ilegal, sendo permitido somente das 7:00 e 19:00 horas.

Na área-estudo, o ciclo dos barraqueiros é diurno. Sua área de mesas e cadeiras é montada entre 08:30h e 09:30h, e seu pico de funcionamento se dá aos finais de semana, pela manhã, principalmente aos sábados; o que se estende aos feriados.

Porém, não basta ainda para se ter um conhecimento da situação. Aproximemo-nos.

a arquitetura das barracas de praia

Tratarei dos modelos existentes na atualidade; dos espaços construídos de que se constitui o estabelecimento comercial e as zonas adjacentes que ele ocupa; e de padrões e exceções na construção destes.

A praia da área-estudo apresenta hoje em dia pontos comerciais na areia oriundos de duas levas de intentos de normatizar e melhorar o aspecto e o serviço do comércio de praia, como se verá em outro capítulo. A primeira, de 1991, é feita de madeira e piaçava, em pequenas unidades de planta circular. As novas construções, de 2005 têm porte de um pequeno restaurante, e são de alvenaria e pinus, com cobertura em telha cerâmica.

As barracas de praia atuais estão longe de serem aquilo que seu nome diz. O termo fazia jus ao seu estado primitivo. Como visto, existem unidades recentes maiores, e algumas das barracas tradicionais foram lembradas, com porte decorrente similar, notadamente em Itapuaã.

Na área-estudo, são três os tipos gerais de barracas novas, de 2005. Um deles é exclusivo de Patamares. O mais disseminado é o chamado pela SESP de Tipo 1, com variações denominadas Tipos 2 e 3, são extensões no sentido longitudinal à praia. A terceira série é chamada pela SESP de Geminada Piatã, e corresponde a dois pontos comerciais em uma única construção. Em Piatã atende a uma demanda real: a extrema densidade de estabelecimentos comerciais na areia. Mesmo com a compressão via geminação, ainda assim as construções são muito próximas entre si.

O revestimento em réguas de pinus engana. Existe alvenaria na construção, em paredes de meia-altura e em parte dos sanitários. A cozinha é maior que nas barracas tradicionais, com área para fogão industrial, ganhou bancadas de aço inox e revestimento cerâmico, a fim de facilitar a limpeza. Assim como cerâmica também reveste sanitários, área de atendimento e varandas. Na retroárea, depósitos para caranguejo, engradados e cilindros de gás.

Embora se preveja atendimento em área coberta, é insignificante. A demanda das barracas de praia é concentrada nos finais de semana, nos períodos matutinos e vespertinos, de dias ensolarados. Essa pulsão faz com que qualquer área adequada construída para atendimento seja por demais extensa, e ociosa no restante dos dias.

Como veremos, houve embargo nas obras recentes das barracas, e muitas, incompletas, entraram em funcionamento com improvisos de alvenaria sem reboco, chapas de compensado, vedações e toldos de lona, na estrutura preexistente ou alguns metros adiante. Devido a isso e à precariedade de

alguns pontos no modelo tradicional em madeira, proliferam estabelecimentos temporários, nos mais diversos estados de conversação e acabamentos.

A barraca, no geral, sedia a venda de bebidas e o preparo de alimentos. Possui portanto área e condições para conservação dos produtos prontos e matérias-primas (*freezers*, depósitos¹⁹, etc.) e seu descarte, a área de preparo (cozinha) e a área de atendimento (balcão). Além disso, as barracas vêm se destacando por prestar serviços que brindam comodidade ao usuário, que correspondem a outros equipamentos: área de consumo, sanitários e banho, na maioria. A história dos modelos é a da incorporação gradativa de áreas construídas para estas carências, em graus de sofisticação crescente.

As demandas dimensionais que extrapolam as barracas habituais, em uma forma elástica de ocupação, são:

- . mesas/ cadeiras/ sombreiros/ leitos – em uso ou empilhadas/ dobradas
- . engradados de refrigerante e de cerveja
- . lixo – que ocupa área muito menor que os outros dois itens

Os dois últimos itens ficam sempre na retroárea. Os primeiros, variam – em alguns casos, são recolhidos, mas há estabelecimentos que os deixam na faixa de areia constantemente. O Decreto Municipal n. 12.198/ 98 estabelece o limite de até 40 mesas com quatro cadeiras cada.

Os novos modelos têm área prevista para os engradados. No entanto, pelos picos de uso, é freqüente que extrapolem a área prevista originalmente, e se estendam para as vizinhanças.

Além da própria construção, um elemento reincidente é o *cercado*, pelo qual o estabelecimento se apodera de área do entorno, especialmente em seu bastidor, para depósitos a céu aberto, improvisados ou bem construídos segundo projetos formais. Todos os cercados da área-estudo são de peças de madeira, nenhum de alvenaria ou construção de igual solidez.

Existe algo raro, mas particular da praia: anteparos plásticos contra o aerossol salino vindo do mar.

Outro elemento é a *plataforma* sobre a qual se assenta a barraca. Há dois tipos ou escalas. Uma é a superfície imediata, que possui área pouco maior que a projeção da barraca. Outra é área um tanto maior, que abriga ainda mesas e cadeiras de seus clientes, configurando privacidade que a faixa de areia comum não possui. Da primeira, há poucos exemplos e poucas variações, no máximo em altura. Da segunda, as variações são inúmeras, de desenho e constituição. Em um extremo existem aquelas que são contenções sólidas, como em Placaford. Porém, no geral, o que se vê são modos de vencer o desnível entre a cota da rua e a faixa de areia e de proteger a barraca contra a ação das ondas.

A *instalação elétrica* é algo inerente à barraca que muitas vezes se estabelece à parte: é construção de alvenaria vertical, mesmo em construções de madeira, e seu posteamto é ostensivo. A partir daqui, serviços complementares que as barracas oferecem.

¹⁹ Na praia de Ipitanga, fora da área-estudo, há depósitos inteiros enterrados. Não foram registrados na pesquisa.

Um deles é o *chuveiro*. Nunca pertence ao corpo da edificação principal, geralmente a céu aberto. Não há um padrão para sua localização: atrás da barraca (Piatã), ao lado (Patamares) ou defronte (Armação). Se mais próxima, compartilha da pavimentação da barraca, às vezes com uso de cerâmicas, em mosaico ou peças inteiriças. Em alguns casos, um caminho pavimentado que une plataforma da barraca ao chuveiro. É freqüente estar na areia, com algum piso móvel para impedir o contato direto do banhista com a areia. Muitas barracas – não estimamos quantas – usam água do lençol freático para o banho, de constituição salobra. Em Armação existe uma estrutura singular, de três duchas – uma fixa na barraca, conexão com tubo de PVC para um segunda defronte, e uma terceira na parte mais distante da área de atendimento, poupando o cliente de ter de caminhar até a barraca. Destaque ainda para os chuveiros escultóricos que existem em Itapuã, próximos ao Farol. A água dos chuveiros não vem das conexões da EMBASA, mas sim de poços escavados ali mesmo.

Outro serviço oferecido, mais raro por exigir estrutura maior, é o *sanitário/lavabo*. Nas barracas tradicionais, são edícula, similares em vedação e cobertura. Nas novas barracas, nos modelos geminados e de Patamares estão incorporados ao prédio; nos demais, estão em edícula similar. Ao contrário dos chuveiros, estão sempre próximos aos bastidores da barraca, do lado oposto à praia. Nas barracas em obra, e para eventos específicos ou do calendário festivo, alugam-se sanitários químicos.

Algumas barracas apresentam *som mecânico* e mesmo *couvert artístico*. Têm caixas de som, quase sempre avançadas em relação à barraca, sobre mesas e grades, sob sombreiros; e pequenos estrados ou mesmo palcos para o artista.

O entorno da barraca deve ser observado. Na esfera mais próxima, temos o *paisagismo* (no sentido mais estrito, dito antes) e *adaptações* realizadas frente a sua implantação. O paisagismo é feito geralmente nos taludes. Em áreas como o Jardim de Allah e o Parque dos Coqueiros, há plantio de coqueiros e de amendoeiras. Acontece ainda fora desses lugares, mas de modo mais esparso. Nas barracas de Itapuã, canteiros com vegetação, alguns usando canoas como berços. Observa-se a presença de *gramados* em alguns lugares, na área das mesas e cadeiras, que são usos incompatíveis: o movimento humano destrói a grama, obrigando ao replantio. Uma saída encontrada (barracas Ilhas Moorea e Bora-Bora) foi pôr gravilhão exatamente onde se situavam as cadeiras. De modo geral o gramado estabelece uma outra ambiência, diminuindo o alumbramento e aumentando o frescor. A relação com a implantação segue-se ainda nos *taludes* que separam a via beira-mar da faixa de areia. Há casos de cortes sucessivos e erosões, contidos com muretas ou a custo com arrimos.; como de plantio de grama e arbustos no talude.

A diferença de alturas é vencida por *escadas*, postas pelos barraqueiros, para acesso franco do cliente ao seu estabelecimento, igualando a vantagem inicial que o barraqueiro mais próximo à escada “oficial” tinha, e induzir a vinda do banhista. Raras são as escadas com algum trato a mais que degraus simples. Nas barracas novas, escadas e rampas para deficientes físicos, com corrimão de eucalipto autoclavado. Nas dunas da foz do Rio das Pedras, *decks* para cruzar as dunas. Nas barracas novas, além das escadas, rampas para deficientes físicos.

Em esfera de raio mais longo, está a área de consumo dos fregueses, a longa *faixa de mesas e cadeiras*. A maioria dos modelos é móvel, de plástico e

empilhável, com pouca diferença entre si, a maior sendo a coloração e a marca da empresa de cerveja estampada. Há modelos móveis de madeira e mesmo modelos fixos. Outra exceção é a área de praia das pousadas em Itapuã, que investe em mobiliário de argamassa armada da DESAL. As cadeiras são arranjadas em torno de mesas unitárias, dispostas como mesas maiores durante eventos. Tampouco há grandes alternativas na *cobertura*: os sombreiros são variações sobre a mecânica do guarda-sol individual, com a diferença que possui um resguardo para exaustão, que de fato não ocorre. Variando de tamanho, o padrão é a disposição de mesas e cadeiras sob sombreiros em trecho da praia, sempre frontal deixando livre área para circulação. Em muitas praias, como Jaguaribe e Patamares, o limite das cadeiras é o da própria preamar. Em algumas, nem o oceano limita: as cadeiras avançam para os recifes e para a água, como no Farol de Itapuã. Nem sempre as cadeiras estão dispostas em zona ampla e indiferenciada: alguns barraqueiros desenvolvem, a partir da areia ou de alguma conformação topográfica própria, o que poderíamos chamar de *áreas de convivência*, com desenho mais intimista.

Dentro do conjunto de móveis dispostos na praia, onde há novidades é na maneira de sentar-se/ deitar-se ao sol. Os modelos de madeira com tecido usados nos anos 1980 foram aposentados. É comum usar-se a própria cadeira de bar para tomar sol. Há modelos de plástico e de fibra de vidro variados, empilháveis e monolíticos. São raros na área-estudo as cadeiras de alumínio, com tecido sintético – iniciativas individuais, ou aluguel na praia de Jaguaribe. Surgiu um modelo de leito de alumínio, com anteparo móvel, usado para proteger o rosto do alumbramento do céu claro enquanto o corpo doura a pele ao léu.

Existem os elementos que são de *comunicação*. As barracas apresentam tabuletas próprias onde assignam seu nome, voltadas para a calçada. Outras usam *banners* para isso, e aproveitam e dispõem os serviços e modalidades de pagamento aceitas. No Parque da Boca do Rio, com a crista de dunas separando as barracas da via pública, encontrou-se uma solução bonita: bandeiras hasteadas em mastros.

Por último, elementos incidentais como *lixeiras* e *telefones públicos*. As lixeiras costumam ser modelos comuns. Quanto a telefone público, são escassos, mas há um modelo escultórico, a partir da tradicional casca de fibra de vidro, na barraca do Juvenal. O que nos leva a pórticos e estatuária, como aparece com maior constância em Itapuã.

Algumas barracas se prestam para eventos particulares noturnos. Nesse caso, seu espaço sofre uma transformação: com folhas de compensado (madeirite), estacas e folhas de coqueiro, fecham o equivalente a um recinto, e locam sanitários químicos e toldos. Em alguns casos, estabelecem uma bilheteria. Isso tudo é retirado na manhã seguinte. Um caso interessante: a barraca Sabor de Mar, em Armação, possui um holofote usado para iluminar a faixa de mesas em eventos especiais, como o Ano-Novo. A barraca João Sergipe, em Placaford, põe um tapete na área de mesas, acima do muro de arrimo.

Há, apesar da padronização inicial dos modelos de 1991, iniciativas pontuais de barracas que procuram uma unidade interna de seus elementos. Isso é mais comum nas barracas de Itapuã, próximas à Colônia de Pescadoras Z-6, que investem na idéia e imagem de rusticidade: bancos de madeira, cercado, canoas como jardineiras, portadas, etc.

A Barraca do Aluízio é a que mais longe vai nessa busca específica, e merece destaque porque explora sinestésias que fogem do habitual. Não há sombreiros, mas peças de madeira retorcidas, com formato de chapéu, feito de modo trançado. As mesas são de madeira, lixiviadas. Aqui há uma riqueza visual que não há no sombreiro. O sombreiro cria uma área de sombra e o exterior iluminado. A cobertura trançada é confortável e cria efeitos texturais ricos em si, na mesa e no chão, e filtra a luminosidade de maneira agradável à vista. Cordas grossíssimas separam certo conjunto de mesas, com tamanho e alturas diferentes: algumas para crianças, outras para pessoas semi-deitadas em cadeiras plásticas. Essa malícia ergonômica é única em toda a área-estudo. O *design* que leva ao extremo a lógica “regional” da barraca continua na própria barraca: em relevos feitos nos pilares das barracas, em cordas e bolas de vidro como esculturas, no cesto trançado de lixo. O efeito é obtido com custo muito baixo.

Nem todas optam por isso. Há barracas, como a do Luciano e da Paty, que apresentam unidade visual e cuidados específico – bainhas da cor-tema para os sombreiros, esperas para os sombreiros no gramado, tabuletas padronizadas, etc. – sem a busca dessa associação do praiano com o rústico/regional.

A ocupação da orla muitas vezes se faz em detrimento do talude. As novas reformas ampliaram a área dos estabelecimentos tanto no sentido paralelo como no perpendicular ao sentido da pista. Muitas cortaram ainda mais o talude vegetado. Isso e a paralisia das obras ocasionaram processos erosivos acentuados, que afetam o calçamento acima. O contrário, dos barraqueiros serem alvo, e não agentes, de processos erosivos acontece. Muitos estão em áreas vulneráveis às marés atmosféricas, também chamadas de “ressacas”, com danos repetidos anualmente.

Sua distribuição na área-estudo é um item à parte. As barracas se distribuem em faixas descontínuas, de compacidade variada.

Há uma primeira faixa do Jardim de Allah a Armação, com 27 pontos comerciais e edificações, em 350m. Dali até a praia de Aratubaia, nenhum comércio de ponto fixo.

A faixa seguinte abrange a praia dos Artistas e o Corsário e unidades esparsas em Pituaçu, cuja soma é expressiva – 45 construções em 500m. Porém, está em decréscimo nos últimos anos. As praias do Corsário e Pituaçu são desertas.

A terceira faixa desponta em Patamares, com 12 construções em 440m, cada uma com dois pontos comerciais, bastante próximas umas às outras, com praia deserta a seguir.

Uma franja mais constante se observa em Jaguaribe, com espaçamento entre os agrupamentos, mas extrema proximidade entre as edificações. No total, 66 construções com dois pontos cada, modelos novos concluídos ou em obra (em diferentes estágios) e 11 barracas antigas são 3.400m ocupados.

A transição entre Jaguaribe e Piatã é isenta de barracas. A concentração realmente impressionante em toda a orla está em Piatã, que depois se esgarça em Placaford, com 220m e 27 barracas tradicionais.

Já Itapuã apresenta poucos núcleos, com 500m e 48 construções, com certa distância entre cada unidade.

Ao todo são cerca de 4.670 metros lineares ocupados por barracas, de quase 12 km da extensão da área-estudo.

quiosqueiros

Os quiosques de alvenaria aparecem em três lugares – no Jardim de Allah, no Parque dos Coqueiros e no Parque da Sereia. São modelos de planta quadrangular ou circular de alvenaria, com cobertura de borra de piaçava. No Jardim de Allah vendem coco. No Parque dos Coqueiros, dois mantêm-se assim, e outros dois vendem lanches, salgados e mesmo fazem refeições maiores.

No Parque da Sereia, a situação ganha uma dimensão distinta. Vários dos quiosques têm ampliações particulares (especialmente sanitários), e trocaram a cobertura original por telhas cerâmicas. São todos bares. Os defronte ao mar, já que a praia não tem barracas, atendem banhistas, sobre a plataforma ou mesmo na areia. Alguns direcionam som mecânico para a areia; a maioria tem televisão própria para seus clientes, valendo-se somente da paisagem aberta, quando seu vento não os incomoda. Caso contrário, telas plásticas são levantadas para proteger os clientes. Todos os quiosques funcionam de noite, dando movimentação ao Parque.

Não merece um estudo mais aprofundado, por situar-se periférico à praia. Atende público da calçada e, em alguns casos, pertence a dinâmicas que se entrelaçam com a praia.

vendedores ambulantes

A necessidade básica do vendedor informal está no acondicionamento de seu produto, que lhe garanta um grau mínimo, ou de higiene ou de preservação (no caso de diferenças de temperatura) – são as garrafas térmicas, *tupperwares*, tabuleiros, caixas de isopor.

Se for algo leve e de pouco volume, interessa a maneira como irá carregá-lo: a relação entre o contenedor e o corpo humano é item chave dessa ocupação. A partir de certo volume e perfil do produto, é inviável carregá-lo. Precisa usar dispositivos de locomoção, sobre rodas. Não há vendedor perambulante desse perfil – são todos ambulantes.

Como a venda é estática, uma terceira carência é a altura da bancada.

Essas três necessidades - contenedor, veículo e bancada – são resolvidas de diversas maneiras. Um mesmo objeto pode ser contenedor e veículo, como os carros de picolé, ou ainda os três, como os carros de cachorro-quente. De todos os contenedores, o mais usual é a caixa de isopor. Daí, variadas maneiras de suspender o isopor para a altura de uma mesa: engradados, baldes, cadeiras, carros de mão, etc.

Outra necessidade premente é o abrigo, resolvido geralmente com sombreiros ou toldos. Por último, percebe-se que um diferencial no serviço dos

ambulantes é a comodidade do cliente: cadeiras, na maioria das vezes móveis, e mesmo mesas. Em algumas situações, o vendedor adquiriu mobiliário fixo.

Os vendedores procuram dois públicos diferentes: os que caminham na calçada ou os banhistas/ clientes de barraca, e distribuem-se em função disso. Essa lógica se altera no verão, quando se postam em dois tipos de lugares: nas paradas de ônibus que recebem muitos passageiros, especialmente as do Parque dos Coqueiros e Piatã (imediações do Clube Costa Verde); e na calçada defronte às barracas de praia. Deixam de se relacionar com percursos longitudinais, para atuar no sentido perpendicular à praia, na chegada e saída dos clientes das barracas.

Dos vendedores ambulantes, a maior presença maior é das baianas da acarajé, em todas as praias onde há barracas, quase na proporção de um ponto por cada estabelecimento. Apesar da visível inadequação do alimento para o perfil da atividade, de exposição intensa ao sol e golpes de calor.

baiana de acarajé

As baianas de acarajé se distinguem pouco das presentes no espaço público convencional. Estão o tabuleiro e o fogareiro, com o tacho de dendê. No tabuleiro de alumínio, as cumbucas e *tupperwares*. Como apoio, caixas de isopor para venda de refrigerantes e água. A maioria usa sombreros, como também faz na rua – umas poucas dispõem de toldos desmontáveis. A indumentária também não guarda diferença.

Aproveitam a clientela das barracas, a maioria se instalando somente nos finais de semana. Uma exceção é a baiana que fica no Jardim de Allah propriamente dito, no gramado, todos os dias, à tarde, com toldo próprio, que permanece ali o tempo inteiro.

Ao contrário dos demais ambulantes, as baianas mantém sua principal característica: o tabuleiro baixo, obrigando o freguês a curvar-se, sem que a baiana, responsável pelo preparo, tenha de sair de sua cadeira. No máximo meninas servem como funcionárias volantes, oferecendo o serviço e entregando o produto às pessoas sentadas nas barracas.

de coco

O consumo se dá mais pela água de coco do que pelo seu conteúdo (o endosperma), fazendo com que se descarte o fruto inteiro. Este vendedor tem uma grande carência por espaço para sua matéria-prima e para seu rejeito. Há, então, uma pilha de cocos de matéria-prima, algumas vezes sobre lonas, e um espaço para os rejeitos. E sombreros, de porte e modelo diferentes, para abrigo. Como o cliente quer água de coco fria, precisa ter sempre um número mínimo a baixas temperaturas, em recipientes térmicos.

No processo de trabalho, o facão é o protagonista. Há o problema do descarte do coco: amontoado, aos pés de coqueiros, no talude, etc. Já que não cabe na entrada dos recipientes convencionais, e seu volume é grande demais para as lixeiras usuais da orla. Não há na área-estudo tendas padronizadas de coco, como em Ondina e Jardim dos Namorados, onde recipientes de lixo de grande porte estão à mão dos vendedores.

Embora façam do coco seu mote principal, alguns vendedores exploram os refrigerios. A partir daí, recipientes de isopor e, em poucos casos, *freezer*

horizontal. Outro elemento indispensável é o canudo plástico, forma de se consumir o coco, com ele mesmo servindo de recipiente. Uns poucos oferecem ainda outra facilidade ao freguês: cadeiras para sentar, dos modelos de plástico, empilháveis.

Orientam-se mais para os caminhantes da calçada, postando-se na calçada e afeta muito pouco o espaço da praia. Alguns se relacionam com o público da praia, como ocorre em Armação. Estão presentes todos os dias de semana, de manhã e de tarde, embora seu número cresça nos finais de semana. Montam sua estrutura entre 07:30h e 08:30h, e partem logo após as 17:00h.

A maioria dos ambulantes de areia de coco aparece somente no finais de semana e feriados. Alguns compartilham uma característica com outros ambulantes: a formação de uma “mesa” por meio de recipientes de isopor, com altura definida por meio de suportes. A mobilidade é um item importante. O carro de mão é comum, sustentando todo seu aparato, quando não um veículo improvisado menor. Ao contrário do ambulante de calçada, seu ponto é transitório. Este tipo apresenta-se em Patamares, e é muito comum em Piatã, especialmente na Ponta de São Tomé.

A folha do coqueiro presta-se à decoração “praiana”, como vimos nas barracas. Mas também serve como proteção leve para alguns ambulantes, protegendo as costas do sujeito.

de caldo de cana

É atividade que em pouco tempo beneficia a matéria-prima e transforma o produto que vende, processo que condiciona suas ações e instrumentos. O feixe de cana assume três estados: o feixe bruto; o feixe desbastado, pronto para o preparo; e o refugo. Depois, com o facão, cada talo é desbastado, e posto em outro lugar, como tonéis de 200l de plástico.

A moenda é o que tritura o talo e retira-lhe o sumo, vertido em copos, após repetidas passagens, e subsequente descarte do bagaço. Há dois modelos de moenda. Um tradicional, acionado a gasolina, com engrenagens expostas, pintado de azul; com rodas, ele mesmo é o veículo com o qual o vendedor se movimenta, e tem autonomia própria, pelo transporte e combustível. Outro modelo, novo e incomum, é movido a eletricidade. Compacto (é transportado, e não um meio de transporte como o outro), limpo (caixa plana de aço inox, de poucas superfícies e fácil limpeza) e mais seguro (maquinismos de trituração vedados, sem risco de acidente), requer instalação elétrica. Em ambos os casos, sombreiro. Como os demais, em muitos casos atirantados para fixar contra o vento – amarrado a coisas preexistentes ou estacas fincadas no talude.

O caldo de cana usa do espaço da praia apenas o talude, e como retroárea. É usual o armazenamento dos feixes brutos, protegidos por lona, na meia-encosta e mesmo no pé do talude gramado da praia, facilitado pela retirada de sua cobertura vegetal e corte em patamares, onde passa a trabalhar.

Relaciona-se com o sujeito que caminha ou corre na calçada, e compartilha seus ritmos. Geralmente desarmam seus pontos entre 17:00h e 18:00h mas, onde há público e movimento, como o Jardim de Allah em certas épocas, avançam até 22:00h. Em alguns casos pontuais, o vendedor se relaciona com o público na areia, como acontece em Jaguaribe, na ausência de barracas. O produto não é oferecido na praia.

bebidas e alimentos (complementar às barracas)

São os mais heterogêneos dos vendedores ambulantes fixos. Vendem o mesmo tipo de produto das barracas de praia – bebida (etílicas e refrigerios) e alimentos – mas do tipo que prescinde de maiores estruturas.

A demanda se concentra em uma proteção contra o sol (cobertura), em unidades de armazenamento da matéria-prima e produto, na estrutura para o preparo e em área de atendimento. De maneira mais frugal e compacta, e sem área própria de cadeiras, embora haja os que as levem. A cobertura resolve-se com sombreros simples. Em trechos sem barracas, é comum os ambulantes levarem toldos desmontáveis, leves.

A estrutura mais interessante é a da bancada. A unidade básica dos ambulantes é seu recipiente de conservação – *tupperware*, tina, isopor – que serve como plataforma da mesa. Essa unidade, geralmente o tanque de isopor, precisa ter a altura de uma bancada, que é dada por outros objetos: carro de mão, balde, engradados, plataforma de areia, bancos plásticos, grade de madeira, etc. Esse arranjo é extremamente variável, porém a disposição é a mesma, pois segue a lógica do atendimento ao freguês. Há casos, raros, de vendedores que chegam a dispor de bancadas grandes, com toalha em cima.

Junto, um olhar sobre os recipientes dos produtos e ingredientes. Um problema das bancadas na praia é o vento. Então, os ambulantes criam soluções diversas.

Nenhum dos ambulantes que se fixam na areia da praia investe na adaptação do próprio piso onde operam. Vê-se nos ambulantes do Parque dos Coqueiros, que criaram pequenos patamares nivelando o piso arenoso, voltados para os transeuntes da calçada. O mesmo acontece na calçada em Piatã.

Carros de cachorro quente e de pastel também se incorporam. Chapas elétricas, fogareiros, *tupperware*, recursos que permitem acondicionar, preparar e vender alimento são usados.

Uns poucos providenciam cadeiras e mesas para seus clientes. Onde os ambulantes são mais equipados, como Itapuã e Piatã, isso acontece com cadeiras plásticas. Em Aratubaia, os vendedores de cachorro quente, com seu indefectível isopor com bebidas ao lado, fixaram bancos de madeira na areia, que são guardados pelos pescadores nas horas em que não ocupam.

São três os perfis de lugares onde se localizam: espaços pontuais das praias, pulverizados; faixas de praia com banhistas e sem barracas, mais freqüente; ou concorrência direta com as barracas em faixas de praia com alta densidade de banhistas. No primeiro caso, temos a praia do Jardim de Allah e a de Aratubaia, próximo à Colônia de Pescadores. No segundo caso, principalmente no intervalo entre Jaguaribe e Piatã, mas também em Itapuã, no trecho defronte ao Parque da Sereia – estes apresentam-se de maior porte. No terceiro caso, principalmente em Piatã, defronte ao Parque dos Coqueiros, mas também ao longo das enseadas de Itapuã, em direção ao Farol.

É significativa a venda de peixe frito e variações em tendas rústicas defronte à Colônia de Pescadores de Piatã.

Dois casos à parte são o pipoqueiro e o vendedor de cachorro-quente. Ambos confeccionam seu produto no próprio carro. Não seriam comuns de se encontrar na praia, mas têm seu espaço. Apesar de poderem se deslocar, não o fazem - o movimento não é constitutivo da atividade, mas uma facilidade para o vendedor. Pipoqueiros aparecem em Itapuã (primeira enseada rumo ao Farol), e o cachorro-quente, em Piatã e Aratubaia.

perambulantes – alimentos e bebidas

Os perambulantes concentram-se onde há banhistas. Nessas áreas, onde há crianças, aparecem produtos orientados para esse público.

A infinidade de produtos oferecidos sob este espectro nos obriga a listá-los sem destaque individual, a partir do produto, que se mescla com o que lhe contém. Para este perfil de produto, os dois mais usados são *tupperwares* e garrafas térmicas.

Dos vendedores perambulantes de produtos para consumo, o mais comum é o do queijo coalho, onipresente em todos os espaços públicos da cidade, sempre com o braseiro e os espetos com o produto cru. Carrega o restante dos espetos em *tupperware* em sacola ou mochila, mais os acompanhamentos. Alguns usam luvas plásticas para garantir higiene. É o braseiro, com a qual funde o queijo, a peça que lhe é característica, e que exige maior domínio, ao rodopiá-lo para acender a brasa. Oferecem o produto ainda como matéria-prima, e fundem o queijo à parte, para não incomodar os fregueses.

O queijo provolone aparece mas é artigo incomum na praia. O vendedor conduz um *tupperware* com seu produto.

O amendoim torrado e cozido são vendidos a granel, em tina ou *tupperware*, com colher para o manejo.

A castanha de caju vem em saco plástico transparente carregado no ombro ou dependurado no braço, ou em *tupperware*. O copo plástico é onde carrega produto, com envelope de papel para o consumidor.

Vende-se na praia itens pequenos, presentes em bancas ou por ambulantes em ônibus: maços de cigarro, balas, chicletes, chocolates, etc. Geralmente em uma pequena bandeja dependurada do pescoço.

Produto associado à praia não só em Salvador, mas em outras cidades praianas (como São Luís do Maranhão) é o ovo de codorna. Aqui, vende-se dentro da própria caixa em que são comprados no mercado (é comum vê-la como resíduo nas areias).

A pururuca é outra mercadoria incomum nas ruas, mas também encontrado na praia. O vendedor a traz em sacos plásticos translúcidos.

Incomum em Salvador mas comum em outras praias nordestinas, as ostras aqui são vendidas em uma bandeja.

O camarão é outro produto comum em várias praias urbanas nordestinas. Aqui se vendem na porção ou em espeto, cobertos com saco plástico, no

tupperware ou em bandeja com toalha acima. O limão é oferecido como opcional.

Outra coisa vendida em espeto são seções de cana-de-açúcar, trazida em tinas, à cabeça do vendedor.

Daremos o nome de “salgado” ao tipo de mercadoria chamada assim popularmente: quibes, esfihas, enrolados, bananas-reais, risoles, e similares. Vendidos em *tupperwares* por perambulantes ao longo das praias, com passagem pelas calçadas. Por salgados industrializados, entenderemos aqueles que vêm de fábrica, embalados, têm presença bastante restrita.

O vendedor de limonada em tambores foi substituído por outros que vendem refrescos variados, com garrafas térmicas menores, a tiracolo ou em tabuleiros. Às vezes trazem consigo também salgados para vender – ou poder-se-ia dizer que o vendedor de salgados traz refrescos consigo.

Exclusivamente bebidas, são poucos perambulantes. Não são numerosos, mas apresentam peças singulares.

São produtos orientados para o público infantil, principalmente, o picolé e o sobretudo o algodão-doce. O picolé se vende ou em carrinho ou em caixa de isopor.

A caixa é segura por alça no ombro do vendedor. Quando em mau estado, é toda coberta por fita crepe. Seu picolé não é de marca e os preços, mais baratos – é produto de cunho mais popular. O vendedor de carrinho trabalha para uma empresa, com veículo que é depósito isolante e meio de locomoção, com sombreiro. Vê-se a partir da praia do Corsário, principalmente em Patamares, em direção a norte, onde há número de banhistas, de poder aquisitivo, principalmente nas mesas das barracas reformadas. Permite-lhe estacionar onde a clientela é abundante. Uma terceira modalidade acontece somente na calçada: caixas de sorvete acoplados a bicicletas, improvisados e estruturados. Em Placaford e na Sereia é comum encontrar carros de picolé que vendem também sorvetes – então acompanha a oferta da “casquinha”, cone de *waffle* para consumo do freguês. Alguns trazem consigo um cesto de lixo, também para o cliente.

Já o algodão-doce, apesar de aparentemente insólito na praia, encontra-se em praias procuradas nos finais de semana pelos banhistas, e com número expressivo de crianças, como Piatã. Os sacos transparentes vão amarrados em um bastão de madeira que carrega. Outro produto de cunho mais festivo é a maçã-do-amor, trazida em caixas de papelão.

São os artifícios listados para a carga dos produtos: *tupperwares* de tamanho variado, trazidos ao ombro ou no antebraço, a modo de bandeja; como bandejas com tecido em cima; tina de alumínio ou plástica, à cabeça; sacos plásticos transparentes, ao ombro ou tracionados na mão; caixas de papelão ou a própria embalagem no mercado; tabuleiros amarrados no pescoço do vendedor. A postura oscila entre o braço estendido tracionado, a 90º como um garçom, segurando no ombro ou na cabeça, com raras exceções (como o tabuleiro).

perambulantes - produtos

Dos perambulantes de produtos, o mais constante são os de óleos e cremes, protetores e bronzeadores, seguidos dos vendedores de óculos de sol. É o único perfil majoritário de comércio informal relacionado com uma especificidade do lugar, como veremos.

Porém, como o item anterior foi encerrado com produtos para crianças, prosseguirei com o mesmo perfil de vendedor. Botes e bichos infláveis são alugados, somente quando o tempo se anuncia bom, por um vendedor que praticamente não se move. Estabelece-se próximo onde há famílias, e crianças, na areia e na água do mar. Os brinquedos infláveis têm mesmo público-alvo mas é vendido. Quando os brinquedos são bolas, o principal instrumento é uma rede que funciona como grande sacola. Como visto, no Parque dos Coqueiros, vendedores usam barracas de *camping* como estoque do produto. Outros vendem arraias e brinquedos similares. Seu produto fica atado a uma linha única, e os deixa voando, enquanto caminha pelas areias. Produtos menores geralmente usam sacola ou mochila para a carga. Além da carga, outro desafio é expor o produto. Alguns levam na mão com reposição a partir da mochila, ou seguro em suporte específico que passa a carregar.

Já fora do foco anterior, produtos característicos da praia são os óleos e cremes, em especial bronzeadores e protetores. O bronzeador, aquele de origem duvidosa, de coloração érea, em pequeno saco translúcido, está em declínio. Em contraposição, outros produtos ocupam seu espaço. A procura agora é por protetores, estes com fatores de proteção crescentes. Há duas maneiras básicas de se transportar estes produtos, sempre à mostra: ou amarrados em um cano que se traz sobre os ombros, em equilíbrio; ou dependurado de uma mão, todo preso em fios. É o tipo de vendedor que precisa do produto à mostra. Como outros vendedores, traz sacola ou mochila com refil dos produtos.

Para os que vendem óculos de sol, o elemento mais característico é o mostrador do produto: ora uma base quadrangular de isopor, onde estão fixados; ou um quadro metálico, como um varal, ou um mostrador alveolado de plástico.

Vende-se também roupas – camisas, saias, cangas, etc. Seu principal instrumento é o cabide, onde mostram as peças. Carregam sacolas ou mochilas onde armazenam a mercadoria. Alguns, perto dos clientes, estendem uma tela, para mostrar seu desenho.

E chapéus, úteis na praia. O vendedor traz o produto à mostra sem nenhum outro aparato: os traz empilhados. Consigo, sacola ou mochila para guardar a mercadoria.

Produto que, apesar de ter forte relação com a imagem da praia nordestina, a rede não é tão comum nas praias de Salvador. Os que vendem rede depositam a rede em cima da mesa e mostram o produto ao cliente em potencial.

Um vendedor comum é o do serviço de tatuagem, presente ao longo de toda a orla. Oferece o seu serviço por meio de um catálogo com seus desenhos.

O coral já é um produto raro de se encontrar nas praias estudadas, com ocorrência registrada somente em Jaguaribe, embora afim à idéia da praia.

O vendedor de artesanato traz geralmente um quadro, a partir de estrutura de canos de PVC, e um longo cilindro, onde dispõem seus produtos. Colocam ainda no pulso e no pescoço colares, pulseiras, e outros servindo como amostra. Esse artesanato tem viés *hippie*, assim como seu perfil e indumentária, no mais das vezes. Embora existam vendedores onde a estética *hippie* é apenas estilo de artesanato, sem se distinguir em mais nada de outro vendedor qualquer. Trazem consigo pochetes e mochilas, onde guardam a mercadoria. Concentram-se nos clientes das barracas dispostos na areia, mas antes de abordá-los, preparam o que vão mostrar, às vezes sobre mesas das barracas. Atividade complementar, anterior à venda do artesanato, é a coleta de sua matéria-prima, na areia da praia. Na Sereia e Farol aparece um artesanato mais delicado, em metal. Assim como variações sobre o tema brinco.

Os DVDs pirateados são produto cada vez mais freqüente à venda, trazidos na mão pelo vendedor, com refil em mochilas. Assim como peças para celular, como capas e recarregadores. Deve-se ter em vista que a diversidade dos produtos em oferta é algo em constante mutação.

massoterapia

A massoterapia é um serviço presente em apenas um lugar da orla. Com estes iniciamos uma listagem dos atores que prestam serviços.

Para os massoterapeutas, há os instrumentos essenciais à sua prática – as macas e os unguentos -, e aqueles que lhes serve como apoio.

Das macas utilizadas são dois modelos: um de madeira, dobrável e desmontável, mobiliário de catálogo, e outro de metal, rígido, pintado de amarelo. O modelo de metal tem maiores variações: quinças curvas e quadradas, pés nas extremidades ou no meio com mãos francesas; barras fixas ou de encaixe, cabeceiras reclináveis ou não. Todos os casos são adaptações de serralheria simples, feitas pelos próprios donos, algumas para minimizar a ação da ferrugem.

O estofamento é coberto por plástico transparente, coberto por sua vez com cami (TNT, ou tecido-não-tecido) para evitar o ressecamento do plástico ao sol, trocado a cada cliente. Protegem-se com o mesmo tipo de sombreiro, fixo ou amarrado a uma pedra ou à maca. Algumas levam lonas para caso de chuva, e outras, garrafões térmicos para beber durante a estadia. Usam as lixeiras de plástico rígido amarelo que existem no Jardim de Allah. Os pertences variam de posição: dependurados no sombreiro, onde as traves se bifurcam, ou na estrutura da maca, em sacos plásticos, e ainda em mochilas, ou no chão, na cadeira, ou aos pés de um coqueiro.

Há duas situações básicas: sentada, à espera – lendo um livro, ouvindo música em *headphone*, etc.; ou trabalhando, em pé, massageando. O atendimento ao cliente, variações sobre a unção e massagem, é precedido da limpeza da maca. Vestem-se igual, com aspecto de médico, e nome na lapela.

Na orla, estão somente na ponta sul do Jardim de Allah, e são geralmente mulheres. Nem todas trabalham todos os dias, nem o dia inteiro. Porém ficam todos os dias, de dia e de tarde. Alguns massoterapeutas levam diariamente

seu material para casa; outros deixam em barracas ao preço de um aluguel mensal. Nenhum material pernoita.

Estão se agrupando em uma associação, já que operam ali há mais de 7 anos, com algum controle da Prefeitura, a fim de não haver superlotação. Originalmente era um projeto da Polícia Militar, somente para membros da corporação. Vingou, atraiu mais pessoas, e os massoterapeutas preferiram ficar ali. Dizem ser mais cômodo que uma sala fechada, mas o sol desgasta, por isso poucos se prolongam.

massoterapeutas volantes

Trabalham nas proximidades das massoterapeutas fixas do Jardim de Allah, sem maca própria. São duas pessoas: uma moça que se veste de branco, e um rapaz com quimono chinês.

A primeira oferece massoterapia convencional à clientela das barracas próximas. O rapaz oferece massagem chinesa, e se auto-intitula “samurai da massagem chinesa”, conhecido pelos barraqueiros desde os tempos de menino, guardando uma boa relação com eles. Usa peça singular, de PVC e madeira, desmontável. Em partes, é composta por uma tonfa rudimentar, arma de origem chinesa, defesa pessoal para evitar roubos que lhe sucederam antes. Composta, é anúncio de seus serviços que fixa na areia e na grama.

guardadores de carro

Seu trabalho não acontece sobre a praia, mas a menção será feita. Presença comum em Salvador, nas calçadas das praias atlânticas estão constituídos sob sindicato, a Sindguarda, e usam uniforme verde-limão ou azul, nos estacionamentos paralelos à calçada. São apontados por serem indicadores da demanda efetiva por automóveis: sua presença concentra-se na calçada de Jaguaribe a Piatã, onde então há procura por vagas de carros, estando ausentes nas outras praias.

3.3.3. serviços que acontecem na praia

Profissionais remunerados que têm na praia seu espaço de trabalho. Na maioria das vezes, serviços públicos.

salva-vidas

Os salva-vidas vão em função dos banhistas, e situam-se onde estes se ajuntam, em local que consiga avistar acidentes e agir com velocidade. Estão dispostos com tendas leves e rápidas, diretamente na praia, que lhe servem como abrigo - os mirantes seriam postos de observação dos salva-vidas, mas só voltaram a funcionar nos últimos anos.

São três modalidades: amarelas, vermelha e translúcida. Em alguns casos há cercamento com fita da área do salva-vidas. Tampouco a tenda é universal: em Corsário e Placaford usa-se os mirantes recuperados. Além da tenda, usam bandeiras para anunciar o grau de risco da praia, por toda a área-estudo, mesmo que não haja uma tenda próxima. Usam coletes e têm ao seu dispor conjunto próprio, com peças como uma prancha *longboard* de surfe.

Há uma divisão da orla: ao sul do Jardim de Allah é o Corpo de Bombeiros, ao norte é com a Salvamar, cujos profissionais são os contemplados na pesquisa. E uma divisão entre funções ao longo do ano: no inverno é a época de treinamento, e no verão, uma demanda maior de atendimento ao banhista. No primeiro, quase não há salva-vidas nas praias. Tampouco estão presentes nos dias de semana.

O treino inclui partidas de futebol, natação, corrida na areia, que se faziam habitualmente em Patamares, próximo à sede. Nos últimos meses acontece na praia defronte à Ponta de São Tomé, incluindo a partida de futebol. O Parque dos Coqueiros tem servido como concentração dos salva-vidas, de onde repartem os funcionários ao longo da orla em suas kombis.

coleta de lixo/ aeração

São funcionários, todos com uniformes verdes, em caminhão com carreta. À medida em que passa, descem do veículo e fazem varrição e catação: com o relho reúnem o lixo e, em alguns casos, catam o resíduo manualmente, quando é grande. Muitas vezes a equipe de chão se adianta em relação ao carro. Quando podem, ficam à sombra, como a dada pelo beiral de uma barraca de praia.

Atuam em todas as praias. Seu trajeto é dado pela possibilidade de descida à praia, evitando as saídas pluviais. Apesar de ação pontual, de poucos indivíduos, seu papel é fundamental. Dos profissionais, por manter a higiene da praia, desfazendo os vestígios deixados pelo mar e pela atividade humana; e do veículo, que deixa marcas efêmeras na areia e mais profundas nos taludes por onde desce, incluindo o Jardim de Allah.

policiamento

O policiamento não recai sobre o espaço da praia. Seus locais de ronda são na calçada e não estão preparados nem equipados para monitorar as areias e sustar os crimes que acontecem ali.

São locados para cobrir o afluxo de gente caminhando e correndo na calçada da orla. Atua então das 05:00h às 10:00h na orla inteira, e em Armação, ainda pela tarde, a partir das 16:00h. Os assaltantes na orla trabalham quando o policiamento diminui.

zelador e vigilância dos mirantes

Postos recentemente, com a reforma dos mirantes na atual gestão municipal. São dois turnos: no turno diurno, das 07:00h às 19:00h, fica uma funcionária de limpeza e um vigilante; no noturno, no horário contrário, apenas um vigilante. A funcionária, de macacão verde da PMS, varre o pátio e limpa os sanitários. A função é manter os mirantes em funcionamento.

Os sanitários e chuveiros servem como apoio principalmente aos banhistas e surfistas. Porém o critério de locação dos mirantes não se fundamentou na ocupação dos usuários, e sim distância, enquanto os funcionários têm na operação do prédio e sua preservação a razão de ser de estarem ali.

outros serviços públicos

Comum em todos os parques, o corte do gramado e a poda das árvores. Na praia, a poda da vegetação em alguns taludes, e a poda dos coqueiros, com retirada dos cocos maduros. No entanto, parte da vegetação do Parque dos Coqueiros é protegida.

Funcionários da Prefeitura vão a Itapuã lidar com um vazamento de esgoto reincidente, vizinho ao Parque da Sereia. Seu trabalho consiste em criar uma vala na areia para facilitar o escoamento das águas negras ao mar.

vigilância particular

Na orla há três tipos de vigilância: o policiamento, que acompanha horários de pico dos caminhantes; a vigilância patrimonial, centrada em equipamentos específicos; e a segurança particular, contratada pelos barraqueiros e vendedores, no caso do Parque dos Coqueiros.

3.3.4. mendicância/ contribuições

Desde o esmolar até a arrecadação de fundos. Comuns em locais com turistas e grande fluxo de gente, na praia não têm muita incidência.

A única exceção mais sistemática são ciganas, ou que se dizem assim, na área umbrosa das barracas das enseadas de Itapuã. De tez morena, saia longa e florida, abordam querendo ler a mão do passante.

A indignância, manifesta na mendicância e no dormir na rua, se revelam dessa maneira em Itapuã, no Parque da Sereia. Pedem aos passantes neste parque e na praça próxima, onde está a baiana de acarajé Cira, e se abrigam nos fundos do restaurante Jangada, sob seu beiral, quase defronte a uma colônia de pescadores, a quem fazem alguns serviços e favores.

Outro registro foi de mendigo dormindo em uma das pedras de Itapuã: roupas e papelão de dormir.

3.3.5. ladrões

Dentro daqueles que não se reconhecem como os anteriores estão os cujo ofício consiste em justamente não se deixar prever em seus padrões. A praia é local de especial afluência desses atores. Não possui vigilância real nem potencial, já que os policiais não descem.





Distingue-se o salteador do punquista.

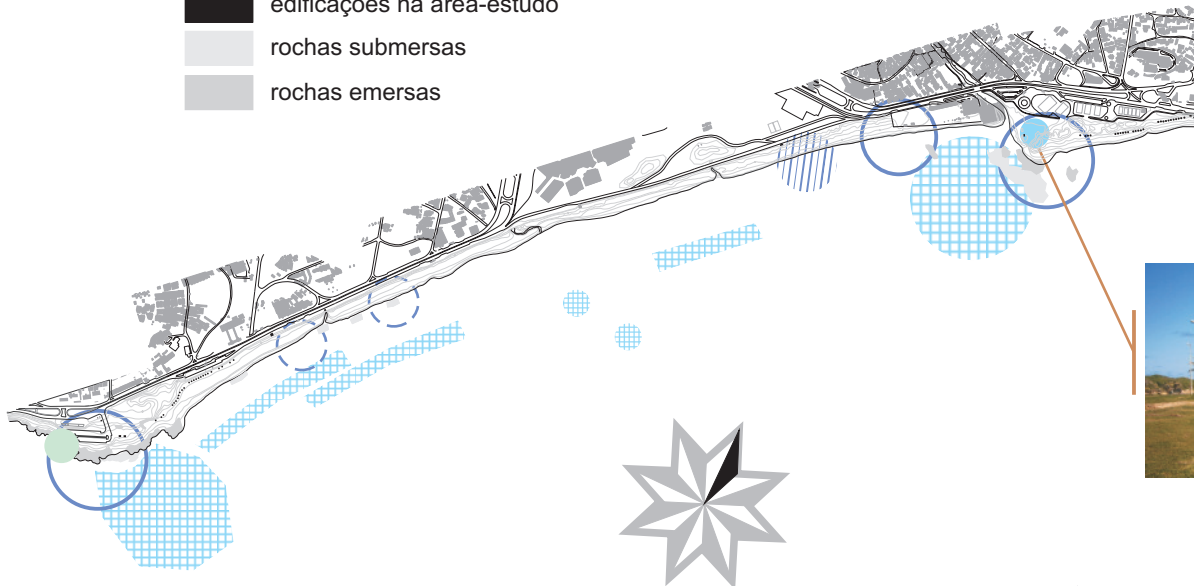
No assalto, o *modus operandi* varia. Na praia da Pituba, fora da área-estudo, uma gangue de meninos furtam e se refugiam na saída pluvial. No mesmo bairro, atrás do antigo Clube Português, indivíduos adultos isolados fazem a abordagem, armados. Nas calçadas, os meliantes vêm de bicicleta: ou furtam rapidamente ou cercam o caminhante, assaltam-no, para depois fugir em disparada. Em Aratubaia, são jovens que fazem ataque rápido e fogem pelas dunas – segundo denúncia, as mulheres que tomam sol nas pedras lhe fazem cobertura. Para o assalto, o perfil de lugar propício são os vazios inter-barracas.

De modo geral, atacam em lugares desertos. Se houver rotas de escape fácil ou esconderijos próximos, melhor ainda. Na área-estudo, na praia, são áreas com esse perfil e tais ocorrências a praia de Aratubaia, entre pedras e barracas, e o começo de Placaford, entre a Ponta de São Tomé e barracas. Os salteadores que atuam na calçada operam ao longo da orla inteira, em horário sem policiamento, especialmente, hoje em dia, nas proximidades do Aeroclub Plaza Show e imediações da Terceira Ponte. Alguns dos que atuam nas calçadas moram no entorno, segundo depoimento de vítimas. No Parque dos Coqueiros, dormem ao relento, e mantém uma relação ambígua com os comerciantes dos quiosques e, segundo depoimentos, ocupam um trecho específico, onde são usuários de entorpecentes baratos.

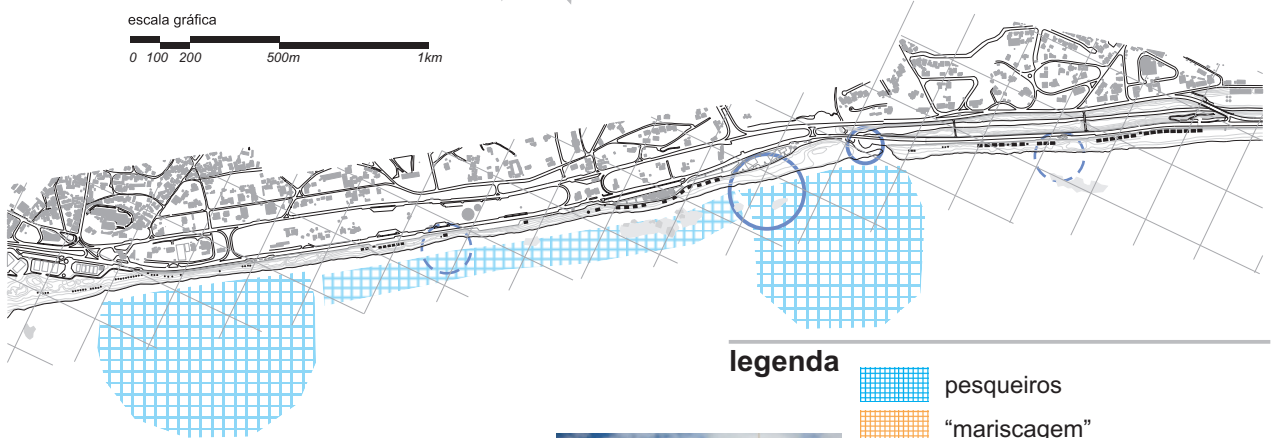
O furto, baseado no descuido do cliente em deixar os seus pertences sobre a mesa, é a atuação do punquista. Aproveita a multidão. Segundo os barraqueiros, são vendedores ambulantes ou gente disfarçada como vendedor. Aparece em grande quantidade em Piatã.

pesqueiros e pescadores








-  edificações
-  edificações na área-estudo
-  rochas submersas
-  rochas emersas



escala gráfica
0 100 200 500m 1km







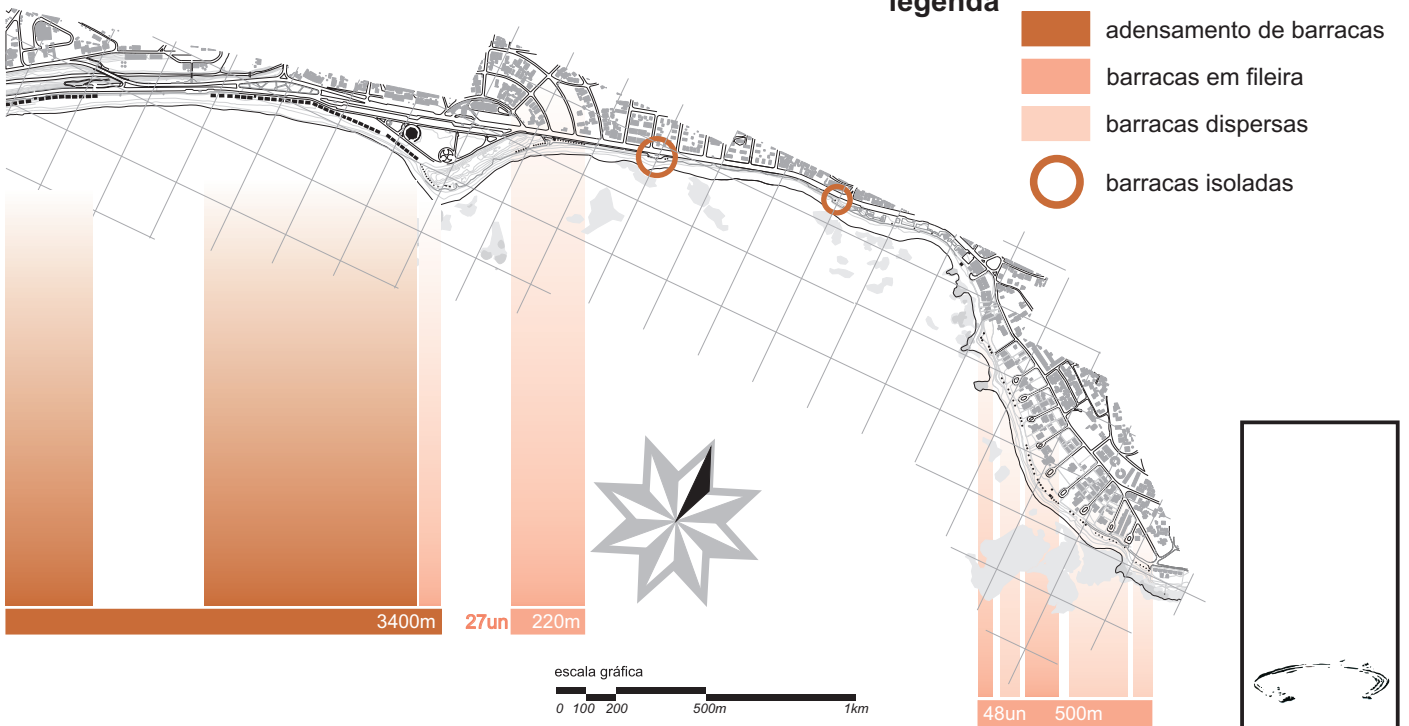
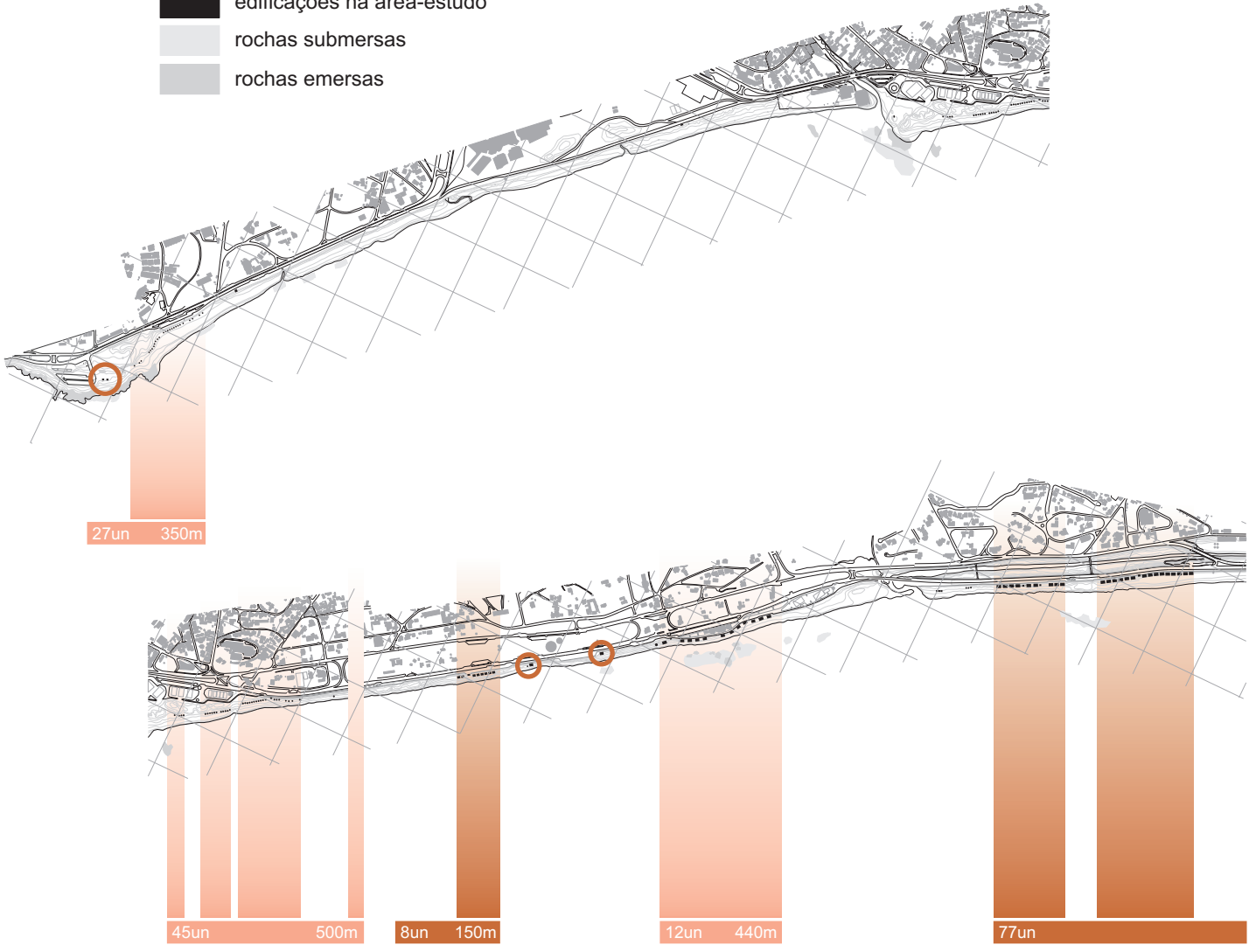
legenda

-  pesqueiros
-  "mariscagem"
-  colônia de pescadores
-  barcos encostados (s/ colônia)
-  pesca de arrasto
-  pesca constante de beira de praia (vara e rede)
-  pesca esporádica de beira de praia (vara e rede)



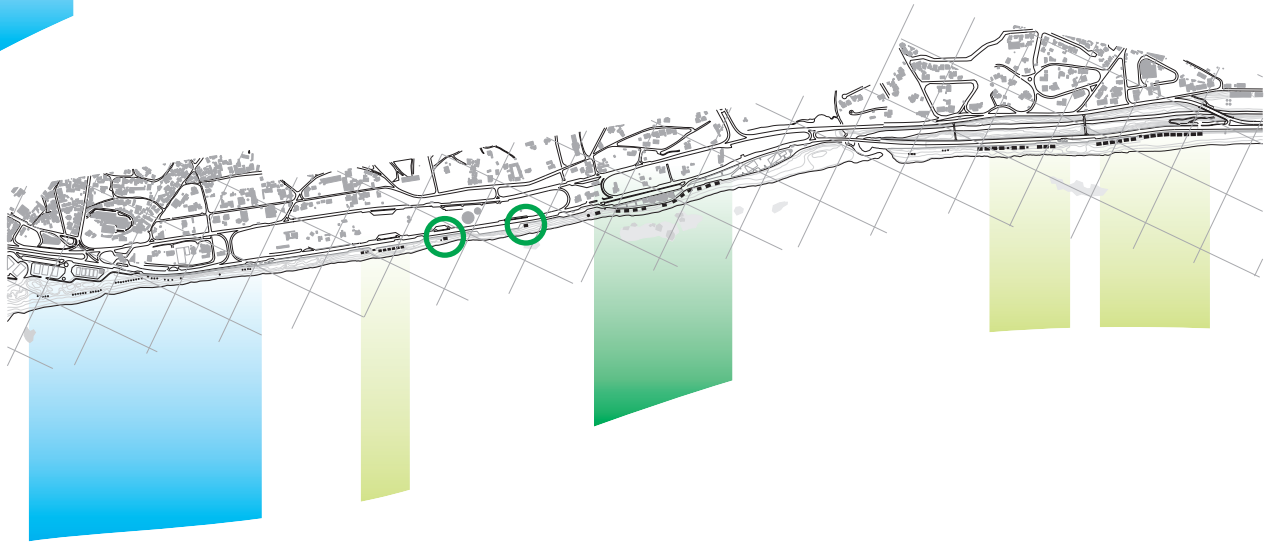
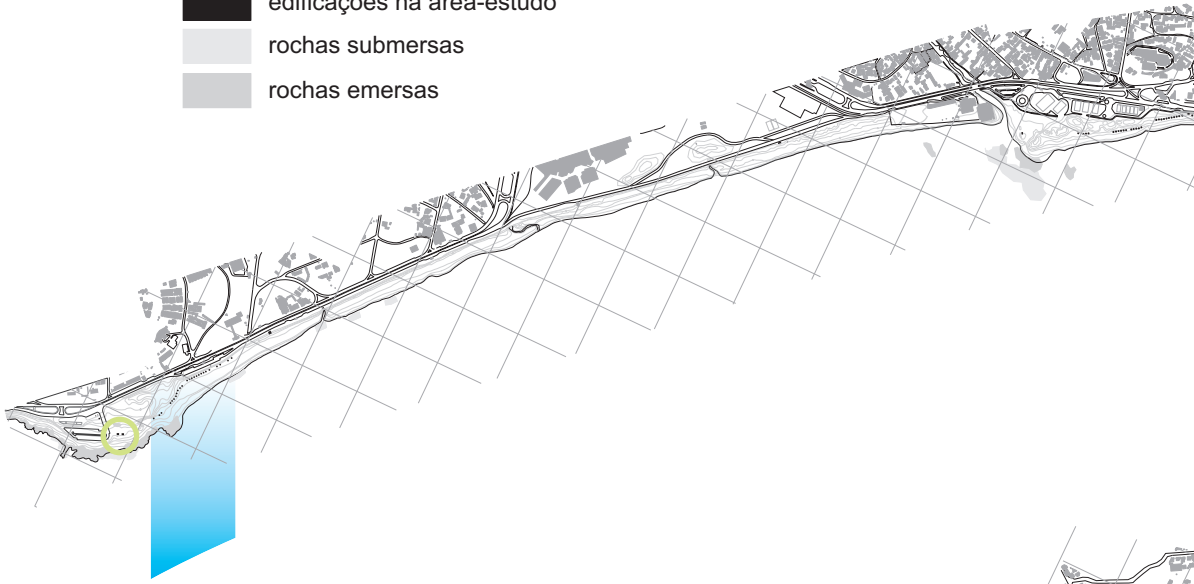
distribuição geral das barracas de praia

-  edificações
-  edificações na área-estudo
-  rochas submersas
-  rochas emersas



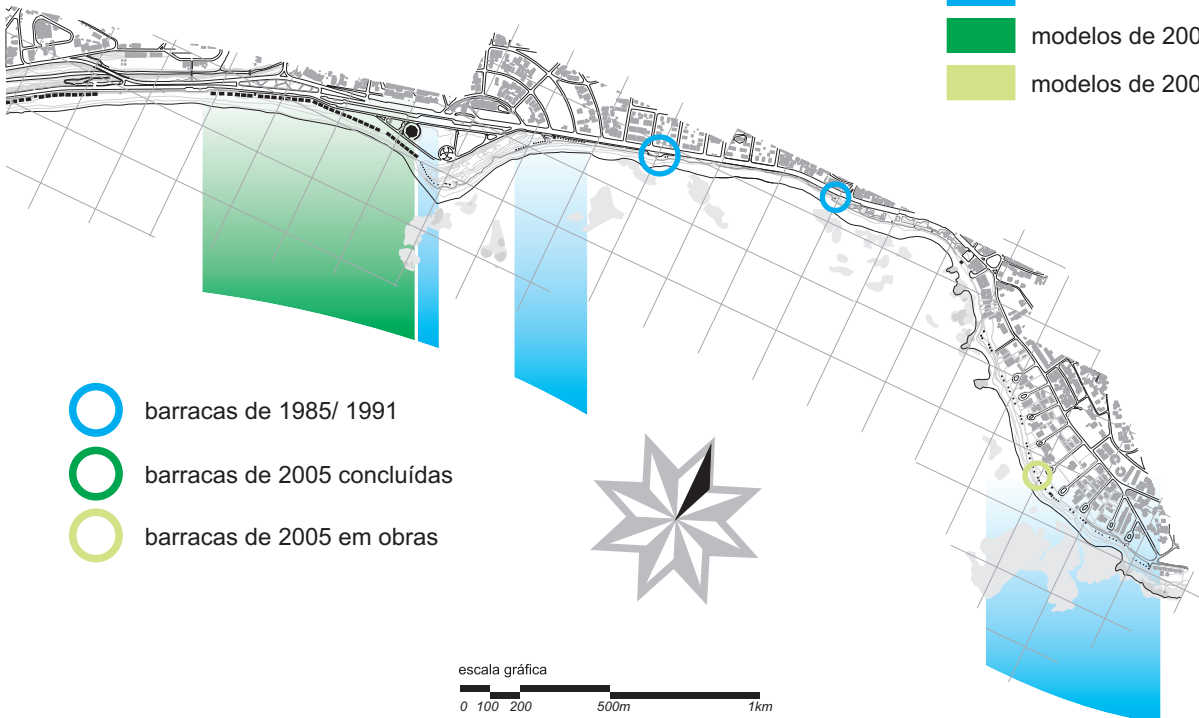
barracas de praia - modelos e estado

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas



legenda

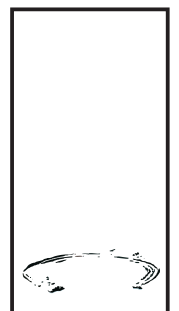
- modelos de 1985/ reforma de 1991
- modelos de 2005 concluídos
- modelos de 2005 em obras



- barracas de 1985/ 1991
- barracas de 2005 concluídas
- barracas de 2005 em obras



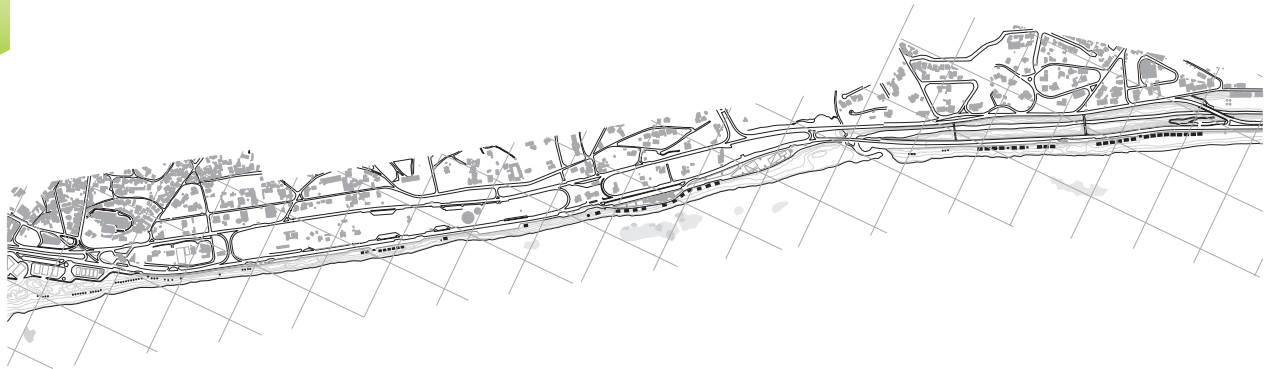
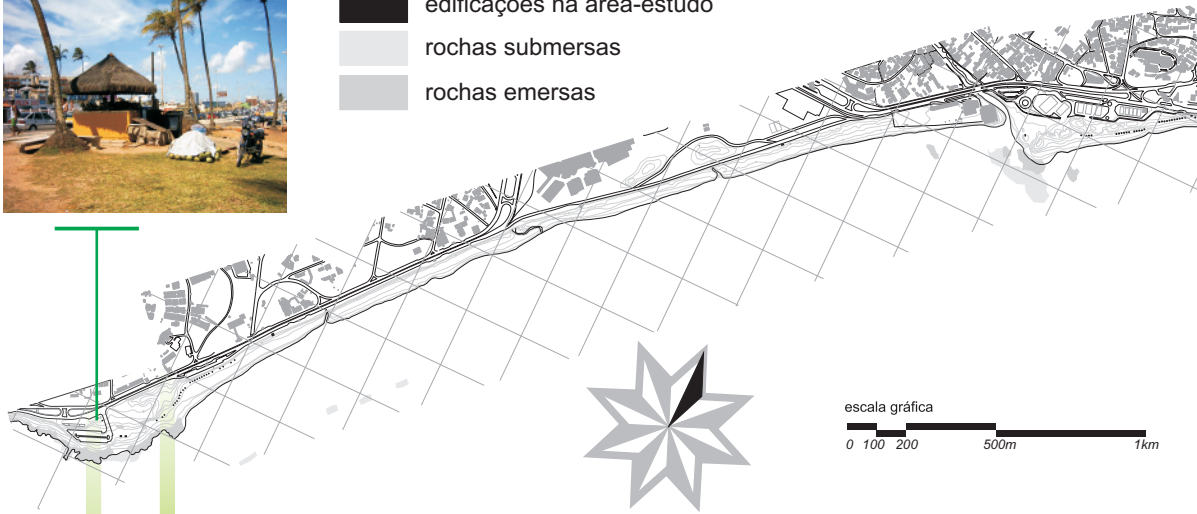
escala gráfica
0 100 200 500m 1km



quiosques

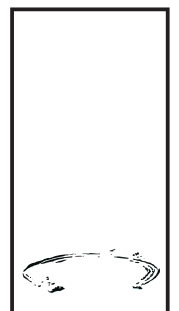
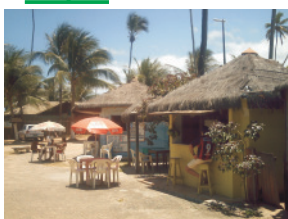


- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas



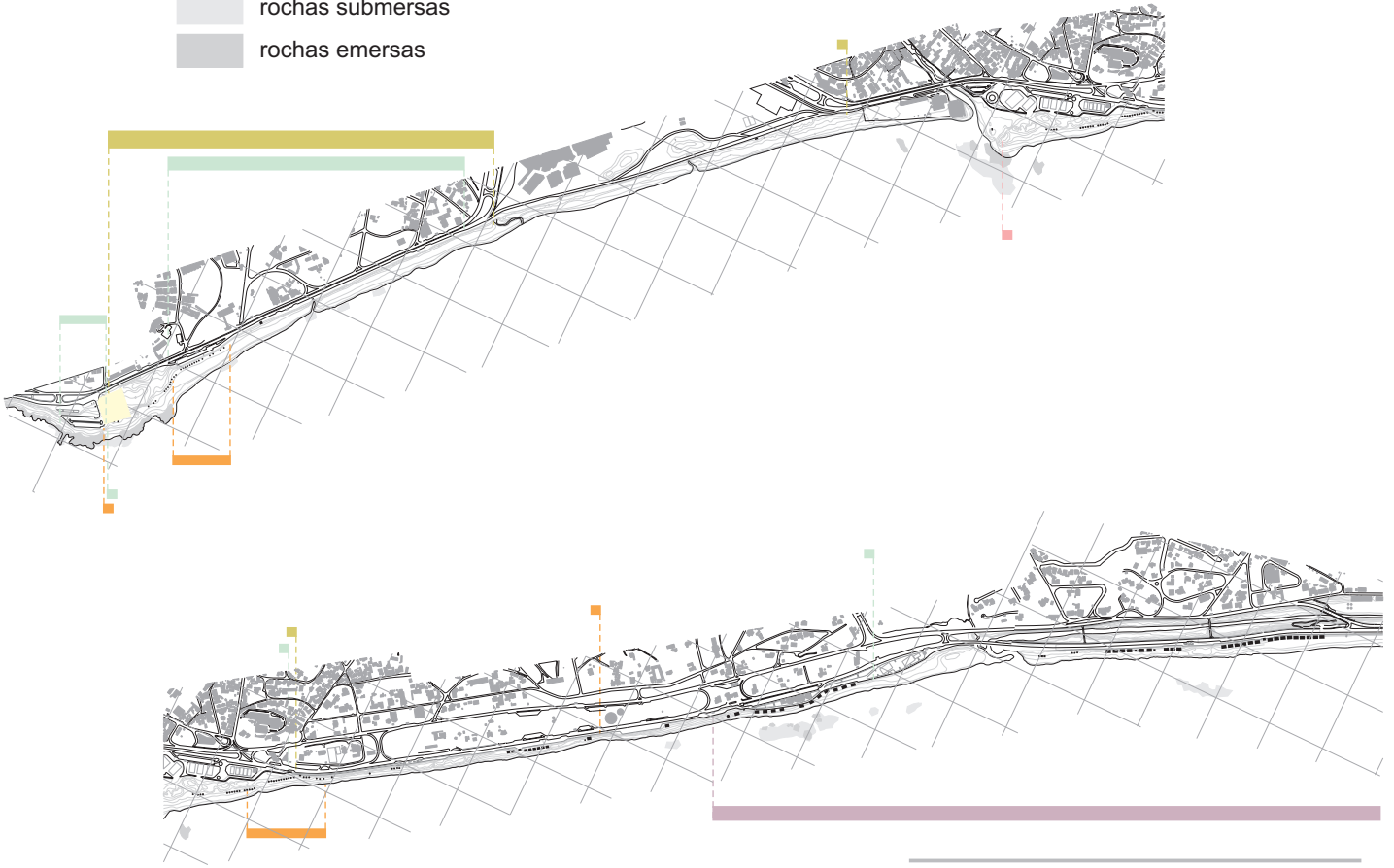
legenda

quiosques

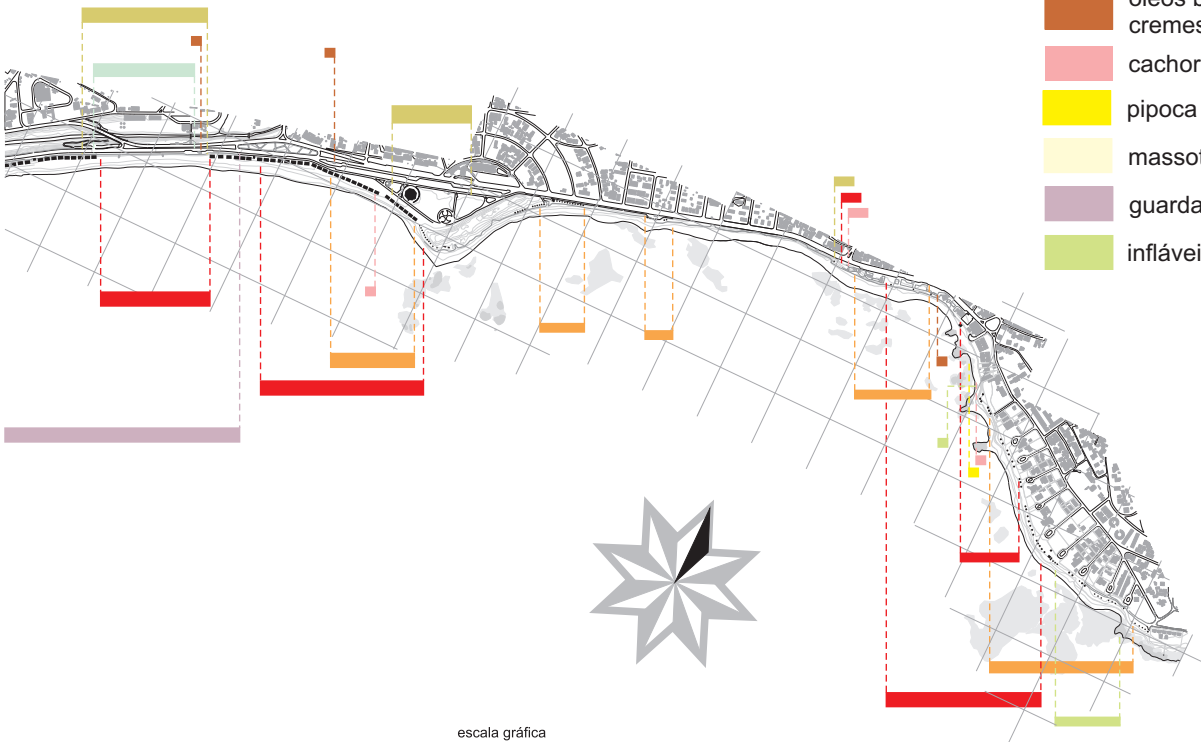


vendedores ambulantes

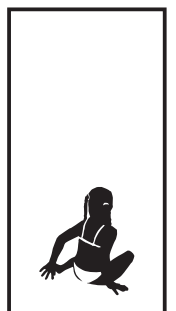
- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas







- legenda**
- vendedores de caldo de cana
 - vendedores de coco
 - baianas de acarajé
 - comida e bebida
 - óleos bronzeadores e cremes protetores
 - cachorro-quente
 - pipoca
 - massoterapeutas
 - guardadores de carro
 - infláveis e bóias

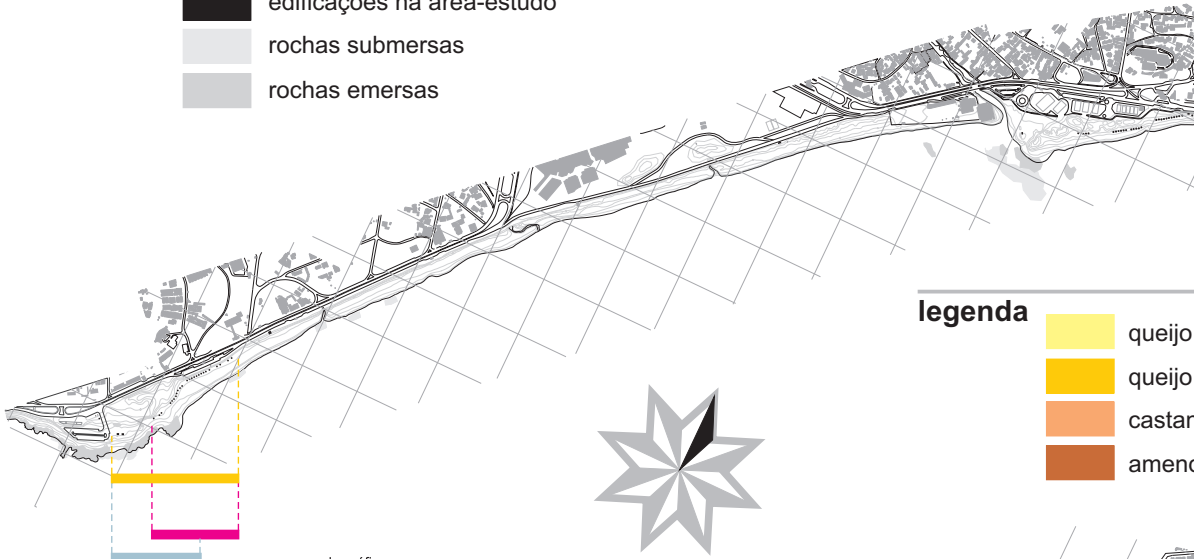


escala gráfica
0 100 200 500m 1km







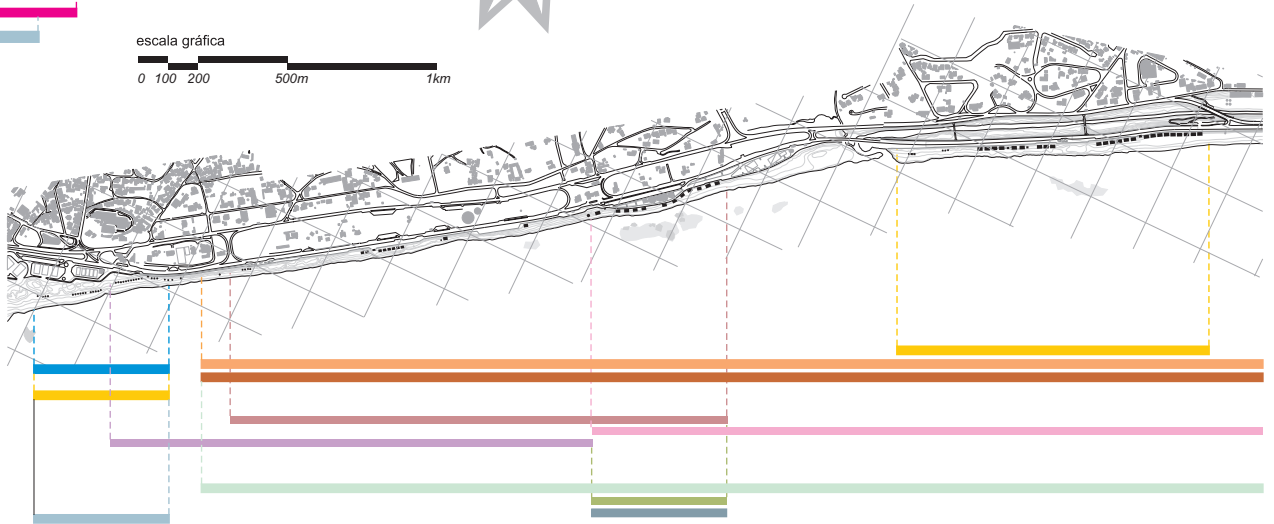
vendedores perambulantes - alimentos








-  edificações
-  edificações na área-estudo
-  rochas submersas
-  rochas emersas

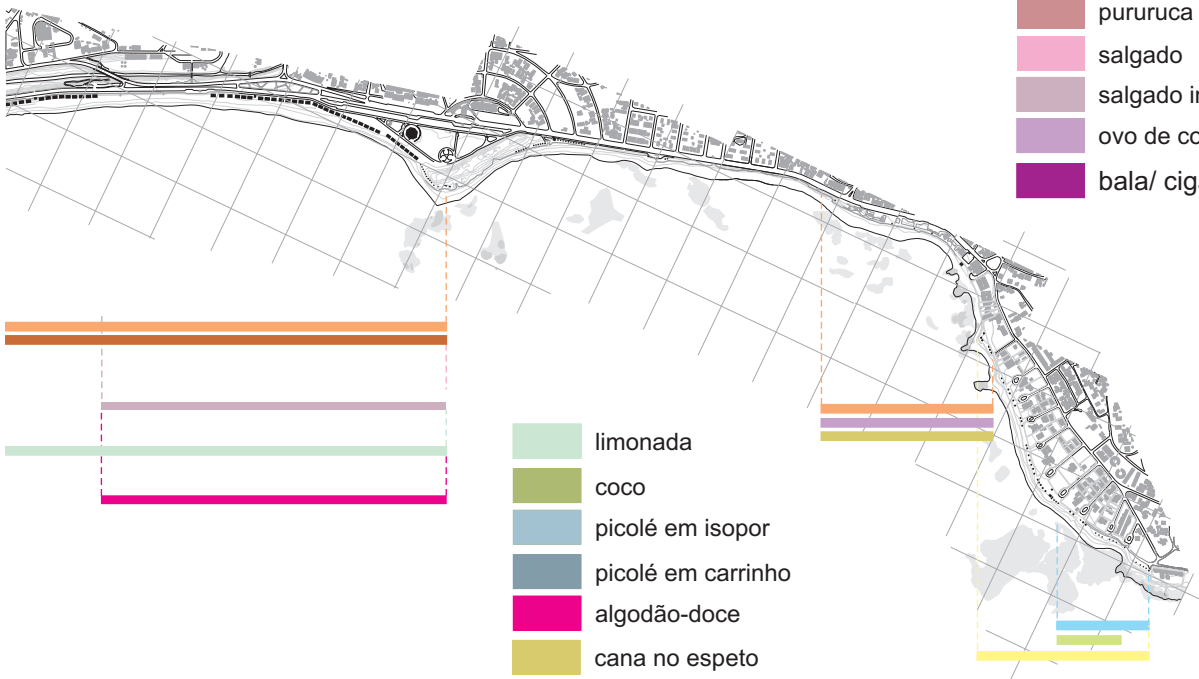








legenda

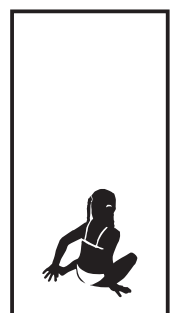
-  queijo provolone
-  queijo coalho
-  castanha de caju
-  amendoim torrado/ cozido



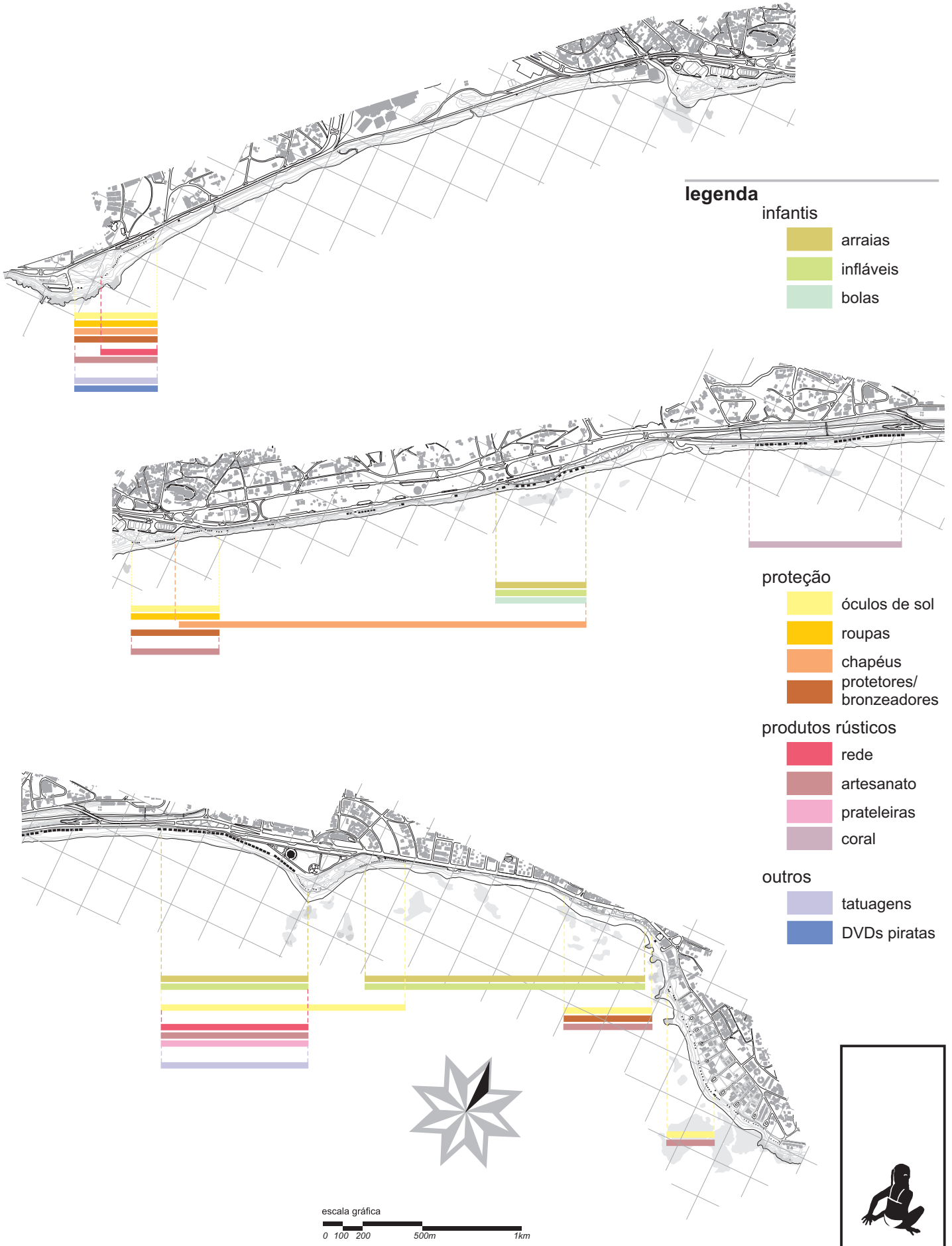
-  camarão
-  ostras
-  pururuca
-  salgado
-  salgado industrializado
-  ovo de codorna
-  bala/ cigarros/ chiclete/ etc.



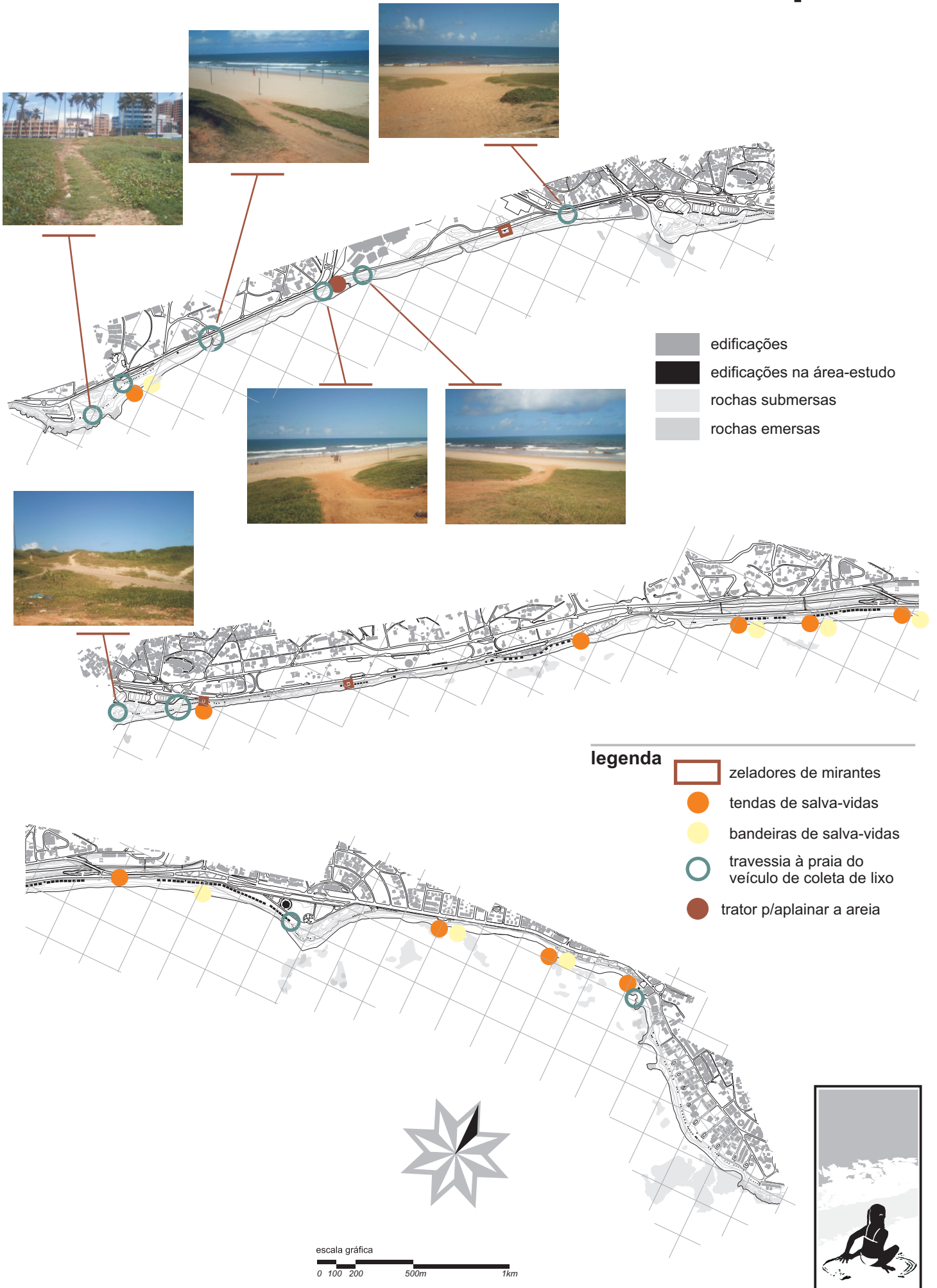
-  limonada
-  coco
-  picolé em isopor
-  picolé em carrinho
-  algodão-doce
-  cana no espeto



vendedores perambulantes - produtos

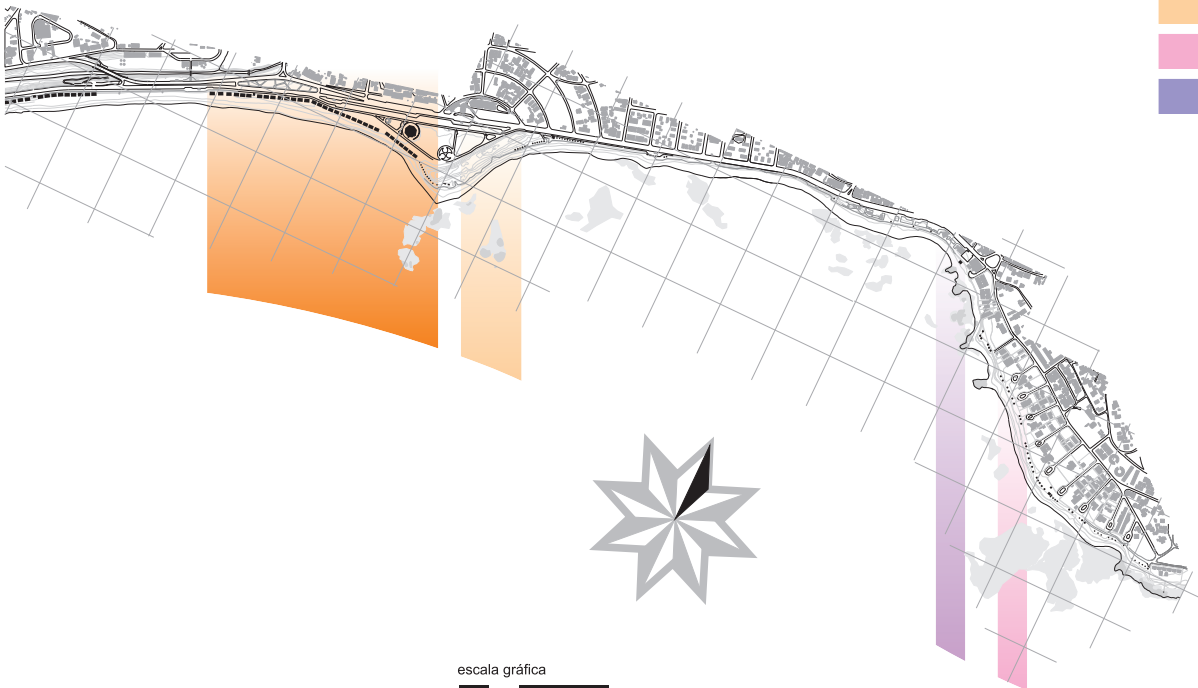
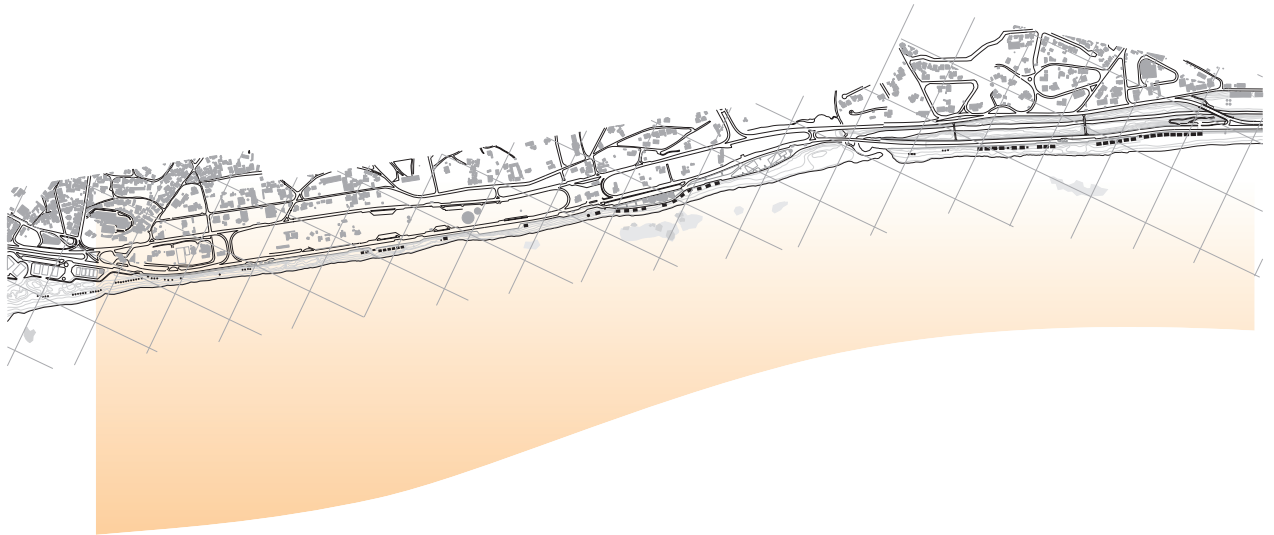
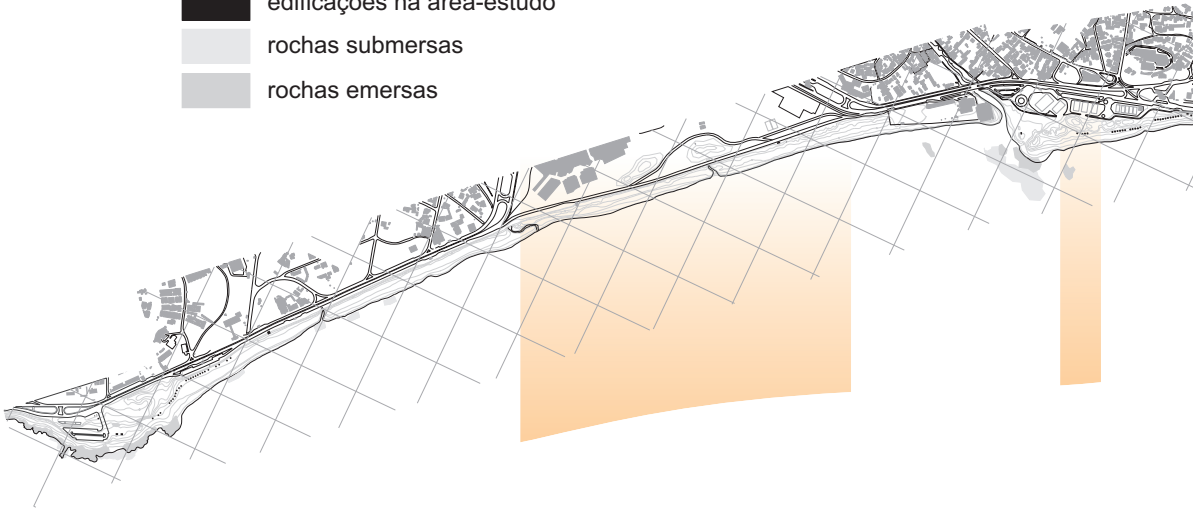


funcionários públicos



ladrões e mendicantes

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas

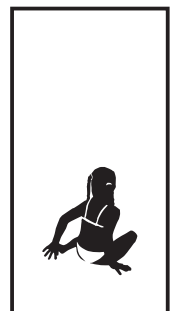


legenda

- punguistas
- salteadores
- ciganas
- indigentes



escala gráfica
0 100 200 500m 1km



3.4. EVENTOS/ ESPETÁCULOS

A praia da área-estudo sedia eventos, de cunho musical e esportivo, que traz contingentes novos e específicos. Uma tríade composta pelos espectadores, organizadores (os que planejam, supervisionam e executam, em todos os graus) e os que são as atrações, de fato. Duas características demarcam esse tipo de atividade. O fato de ser algo de pouca duração e ocasional – daí “evento” – e o fato de que o foco da atividade é ser vista.

No período da pesquisa, na área, houve os seguintes eventos de porte: *shows* de rock como alternativa ao Carnaval em gramado de Parque dos Coqueiros; ensaios abertos de cantores de *axé music* na praia de Jaguaribe (como Netinho e a banda Harmonia do Samba); o programa Estação Verão SESC 2000; campeonato de vôlei de praia em Armação. No último, parte dos atletas que competem estão diariamente na praia, treinando. Outros são competidores profissionais.

Os arranjos são específicos para o tipo de evento. Mas fundamentam-se na construção de uma arquitetura temporária, na faixa de areia, por meio de sistemas construtivos de montagem rápida, cobertura leve, vedações de compensado ou tecido, e sanitários químicos, com arranjos provisórios para fornecimento de alta tensão. Há em ambos os casos uma arquibancada, e uma arena, de qualquer tipo, e uma área reservada – esta com divisórias industrializadas de feiras e condicionamento de ar.

Os atletas e artistas, algum tempo antes, treinam/ testam o lugar e equipamentos. Aparecem aí os primeiros espectadores presenciais. Antes, durante e depois aparecem equipes de trabalhadores fazendo as instalações, montagem da estrutura e segurança. Isso inclui profissionais da Prefeitura, que habitualmente não estariam ali – apesar de ser obrigação do Poder Público realizar tais tarefas.

Outro evento que aconteceu nas areias de Armação foi o 6º FTC Contest, campeonato de surfe universitário. Compunha-se de duas estruturas: um *stand* na calçada, e uma tenda na areia, toldo simples, acompanhado de caixas de som e sanitários químicos, para abrigo dos competidores.

Eventos menores acontecem, principalmente no Jardim de Allah, que não vale a pena dissecar.

3.5. CELEBRAÇÃO/ SAGRAÇÃO

A praia e o mar são locais de oferendas e ritos religiosos.

Os mais conhecidos, na área-estudo, são os festejos difusos da passagem de ano, o Ano-Novo, cada vez mais e mais chamado de *Reveillon*, e as oferendas de Yemanjá, a orixá das águas do mar.

A noite de Ano-Novo é marcada, na praia soteropolitana, por queimas de fogos públicos (em balsas) e particulares, em hotéis e casas. Os ritos associados ao mar provavelmente têm origem e difusão por conta daquela que Bastide clamou como a genuína expressão religiosa brasileira, que é a umbanda. As pessoas vão de branco e levam vinho espumante. Alguns, velas; outros, ainda, flores singelas e ramalhetes mais efusivos. Na passagem oficial do ano, abrem o vinho, comemoram entre si, dando abraços e desejando felicitações. Praticam pequenos atos simbólicos, como dar três pulos a cada frente de onda na parte rasa. A areia do dia seguinte é pontilhada por vestígios de bebida (garrafas de vinho e outras bebidas, canudos, copos), velas, flores.

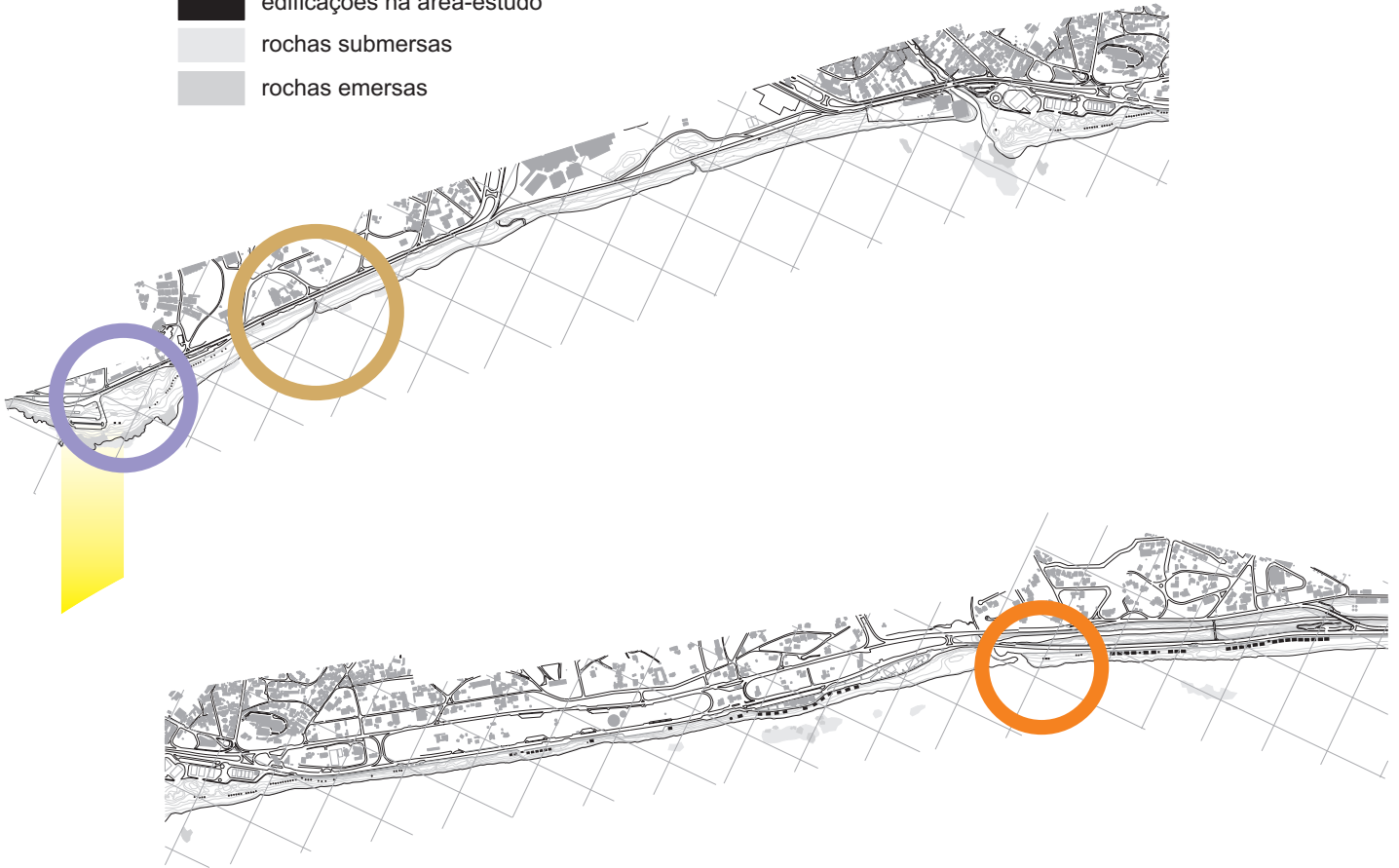
O culto a Yemanjá pelos pescadores, com entrega de oferendas ao mar, acontece nos dias 2 de fevereiro pela colônia Z-6, e 9 de fevereiro da Z-5, quando a maré estiver propícia, sem hora marcada.

No verão, em Itapuã, ao longo dos dias, pessoas jogam flores ao mar.

Oferendas, em gamelas de barro ou plásticas, são encontradas nas pedras e pés de coqueiros no Parque da Sereia e pedras próximas, e na areia e pedras do Jardim de Allah. Segundo depoimento, os ebós são mais freqüentes no verão.

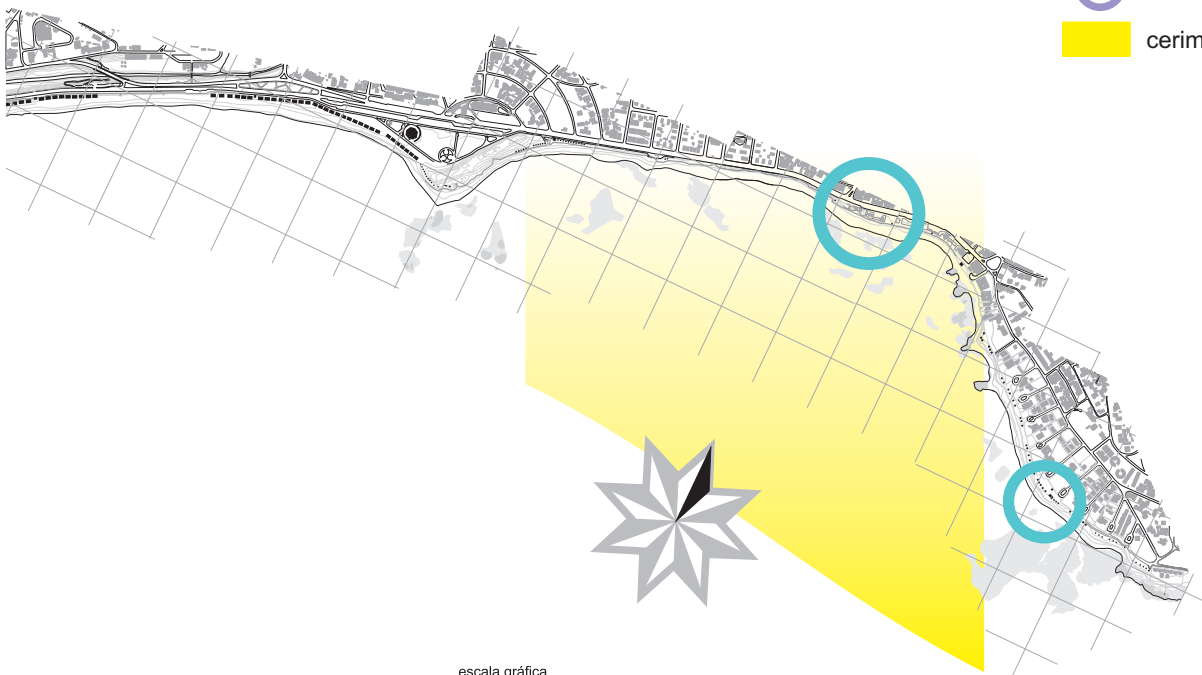
eventos e cerimônias

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas

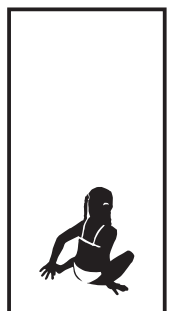


legenda

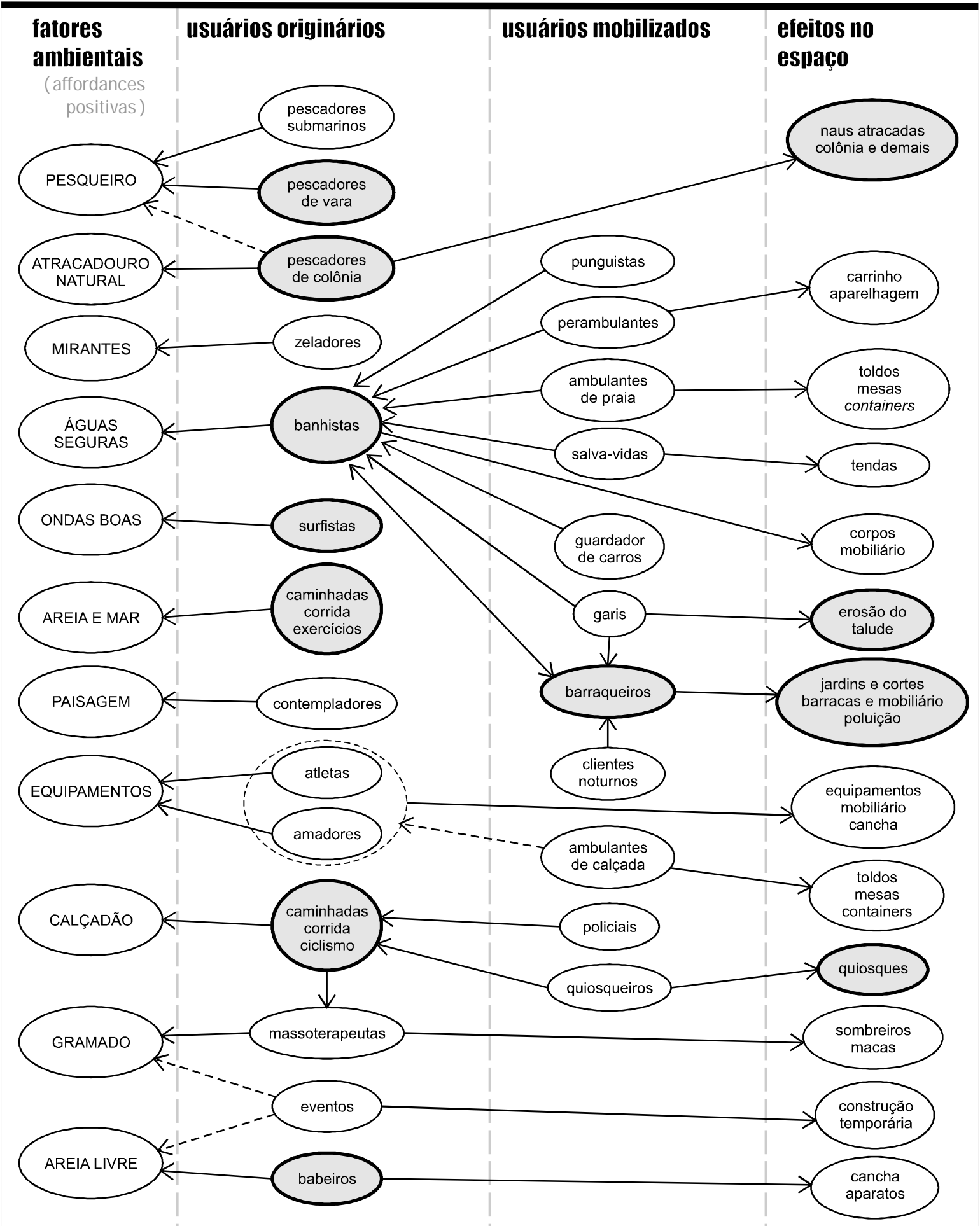
- eventos desportivos
- eventos musicais
- eventos religiosos
- outros eventos
- cerimônias religiosas



escala gráfica
0 100 200 500m 1km



área-estudo - quadro geral



legenda

usuários mobilizadores

usuários transformadores

transformações significativas



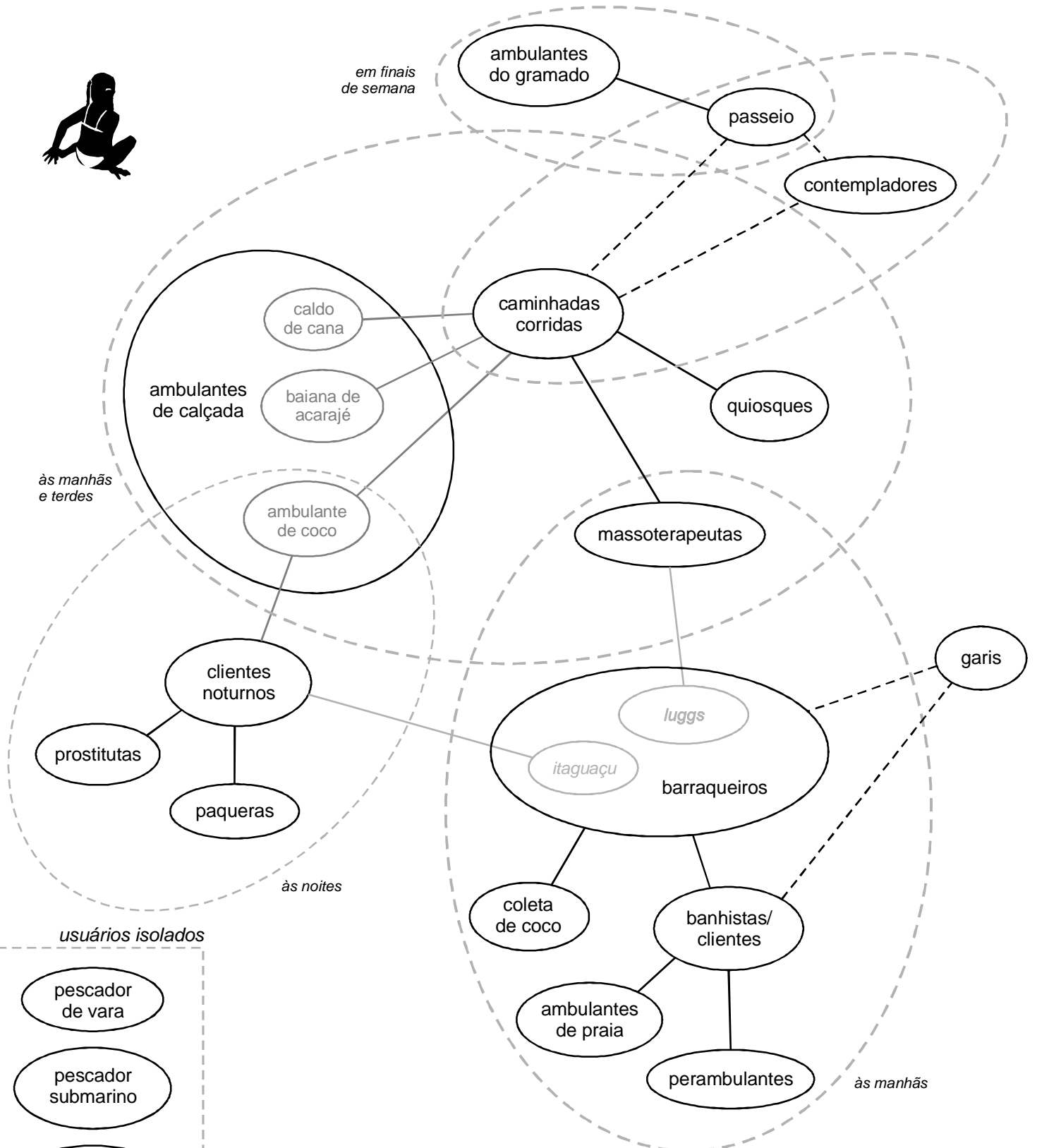
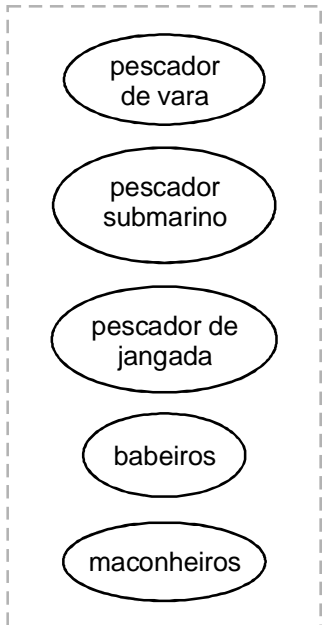
em finais de semana

às manhãs e terdes

às noites

usuários isolados

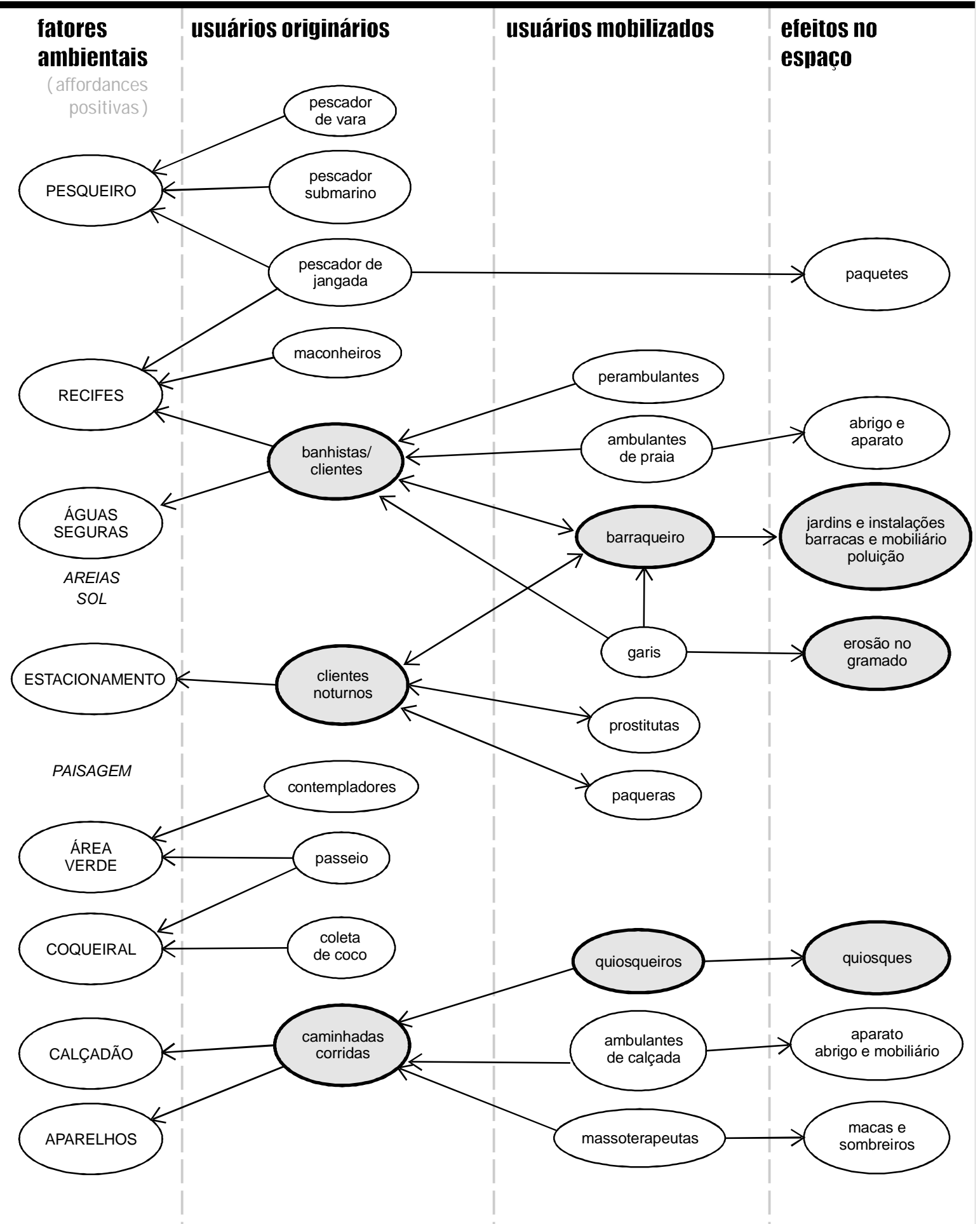
às manhãs




legenda


- grupo de usuários
- sub-grupo de usuários
- usuários específicos
- dinâmicas
- sinergia
- apoio
- - - benefício lateral
- ⌘ conflito
- ⌘ distância
- ⌘ assédio


Jardim de Allah - quadro geral



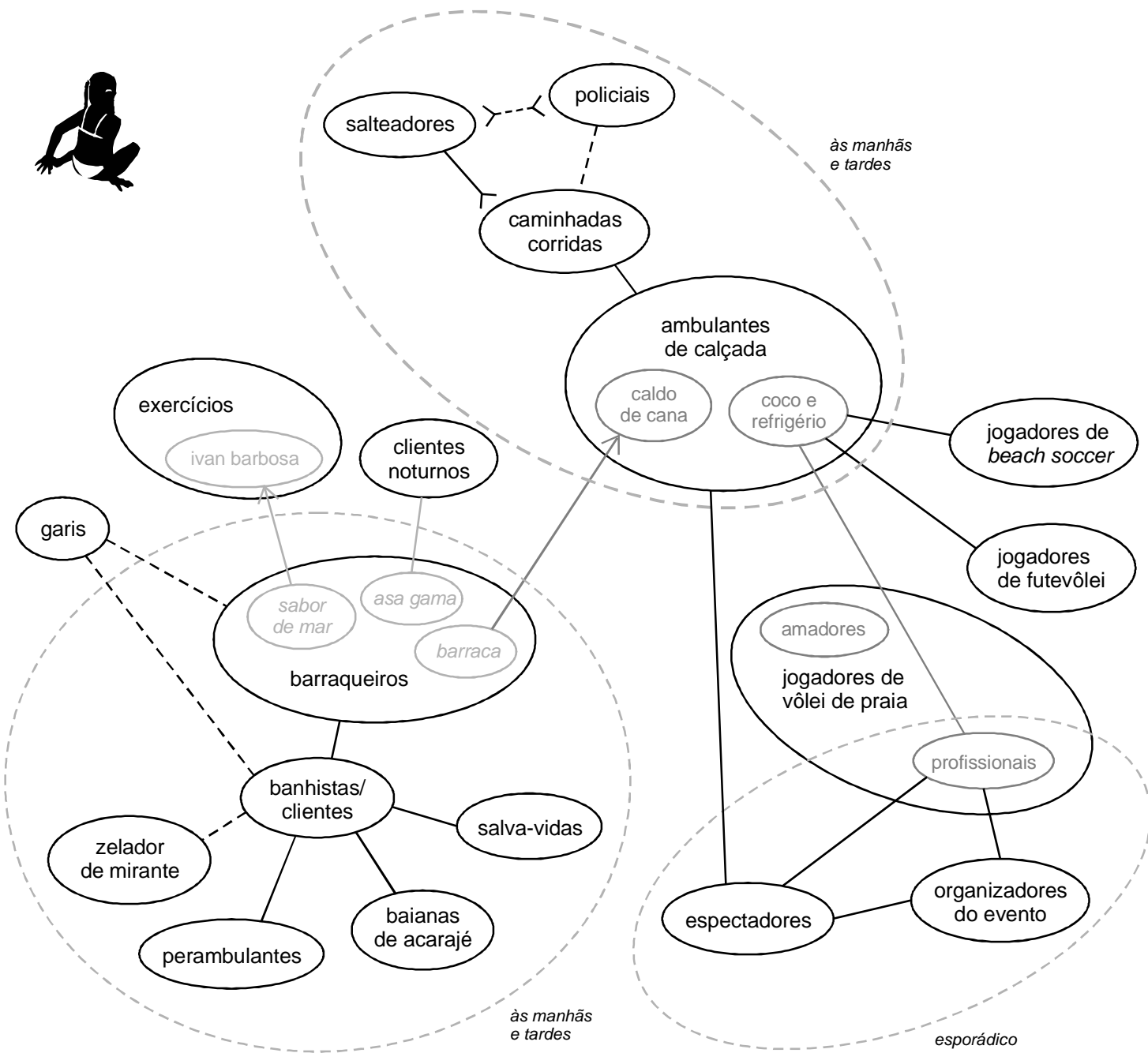
legenda

 usuários mobilizadores

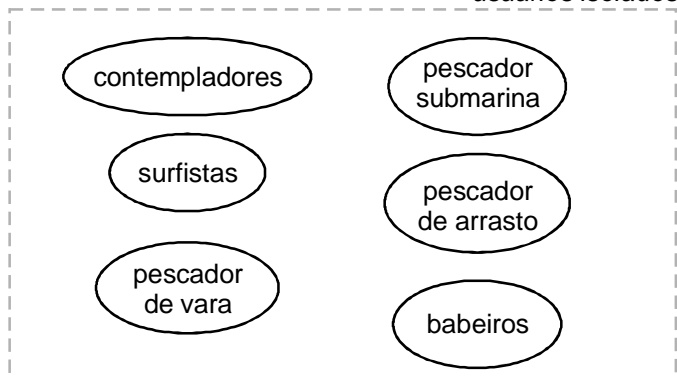
 usuários transformadores

 transformações significativas

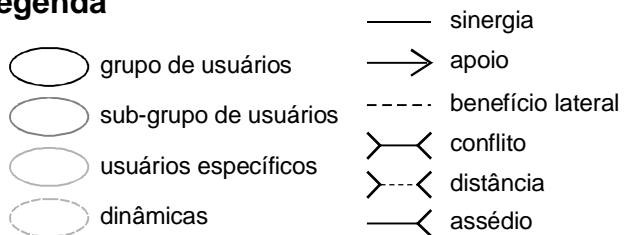
armação e boca do rio - usuários



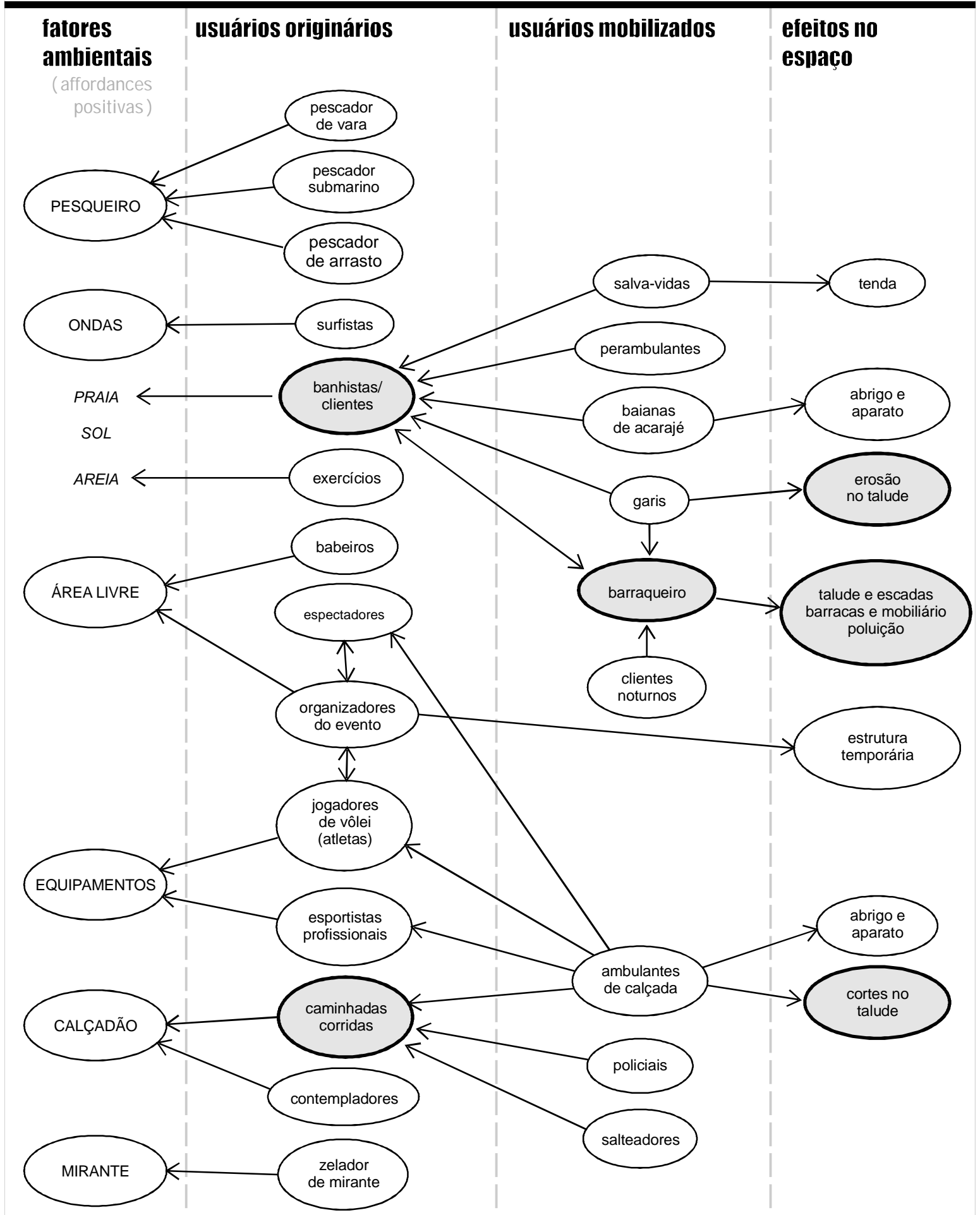
usuários isolados




legenda





armação e boca do rio - quadro geral



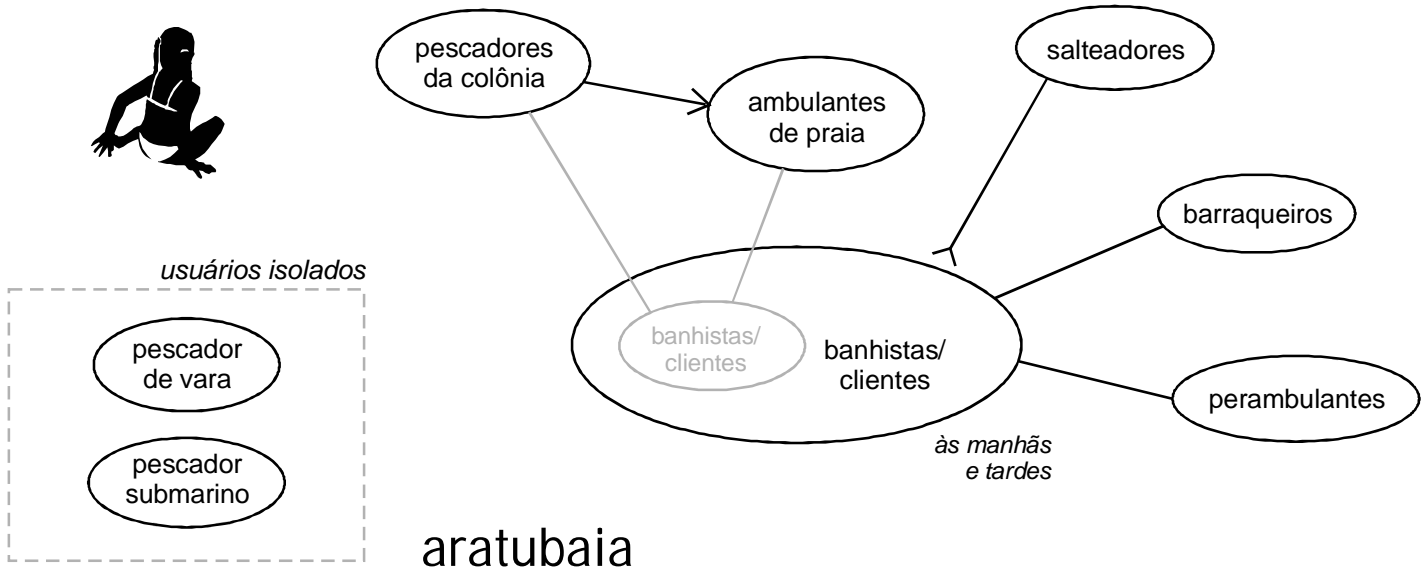
legenda

 usuários mobilizadores

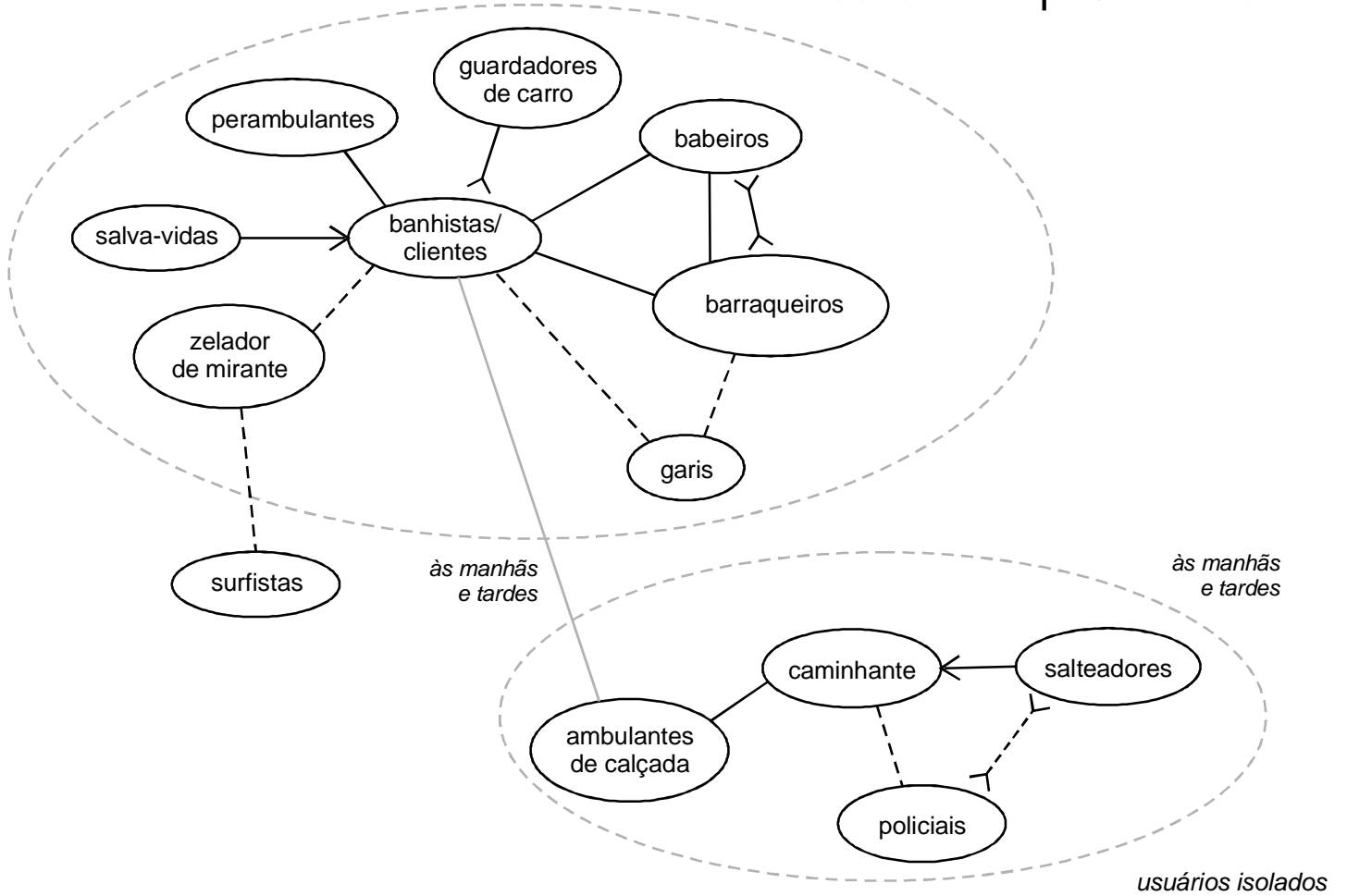
 usuários transformadores

 transformações significativas

aratubaia/ corsário a patamares - usuários

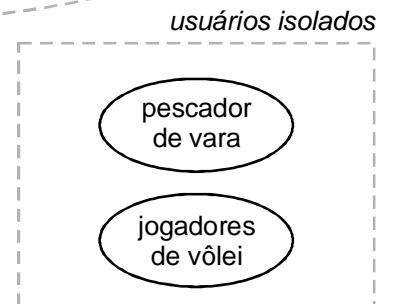


corsário a patamares

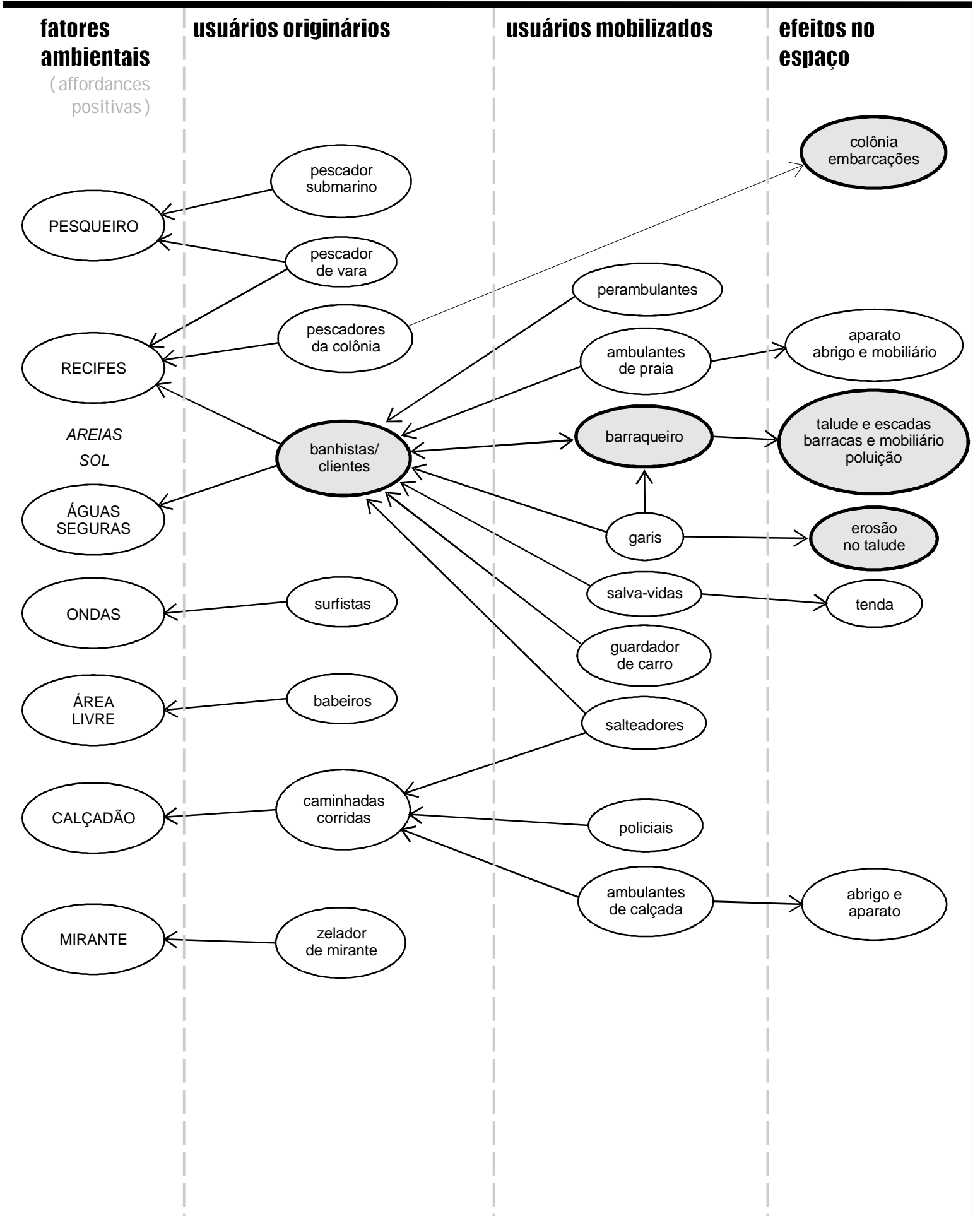


legenda


- grupo de usuários
- sub-grupo de usuários
- usuários específicos
- dinâmicas
- sinergia
- apoio
- - - benefício lateral
- >< conflito
- > < distância
- assédio





aratubaia a patamares - quadro geral

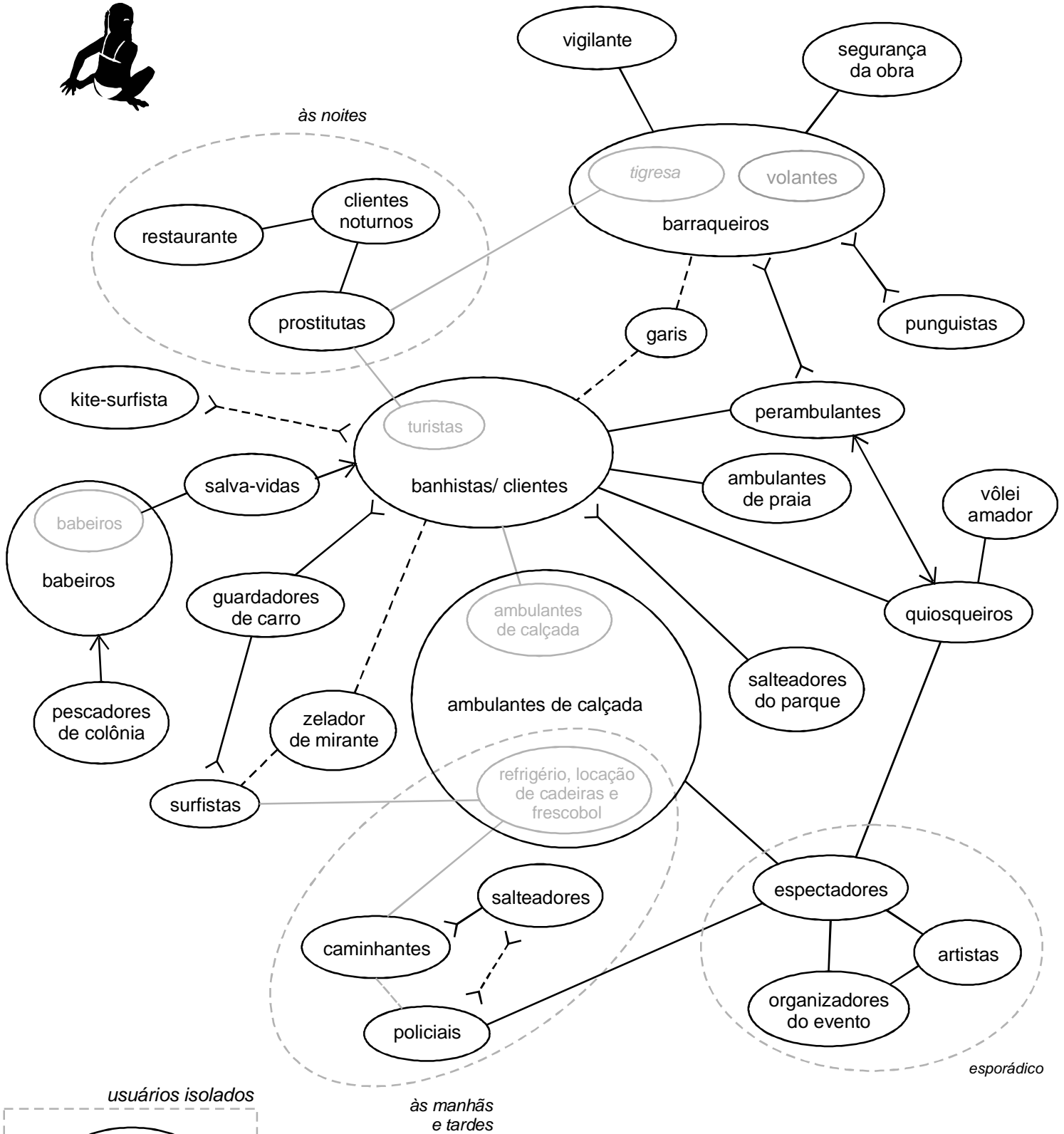


legenda

 usuários mobilizadores

 usuários transformadores

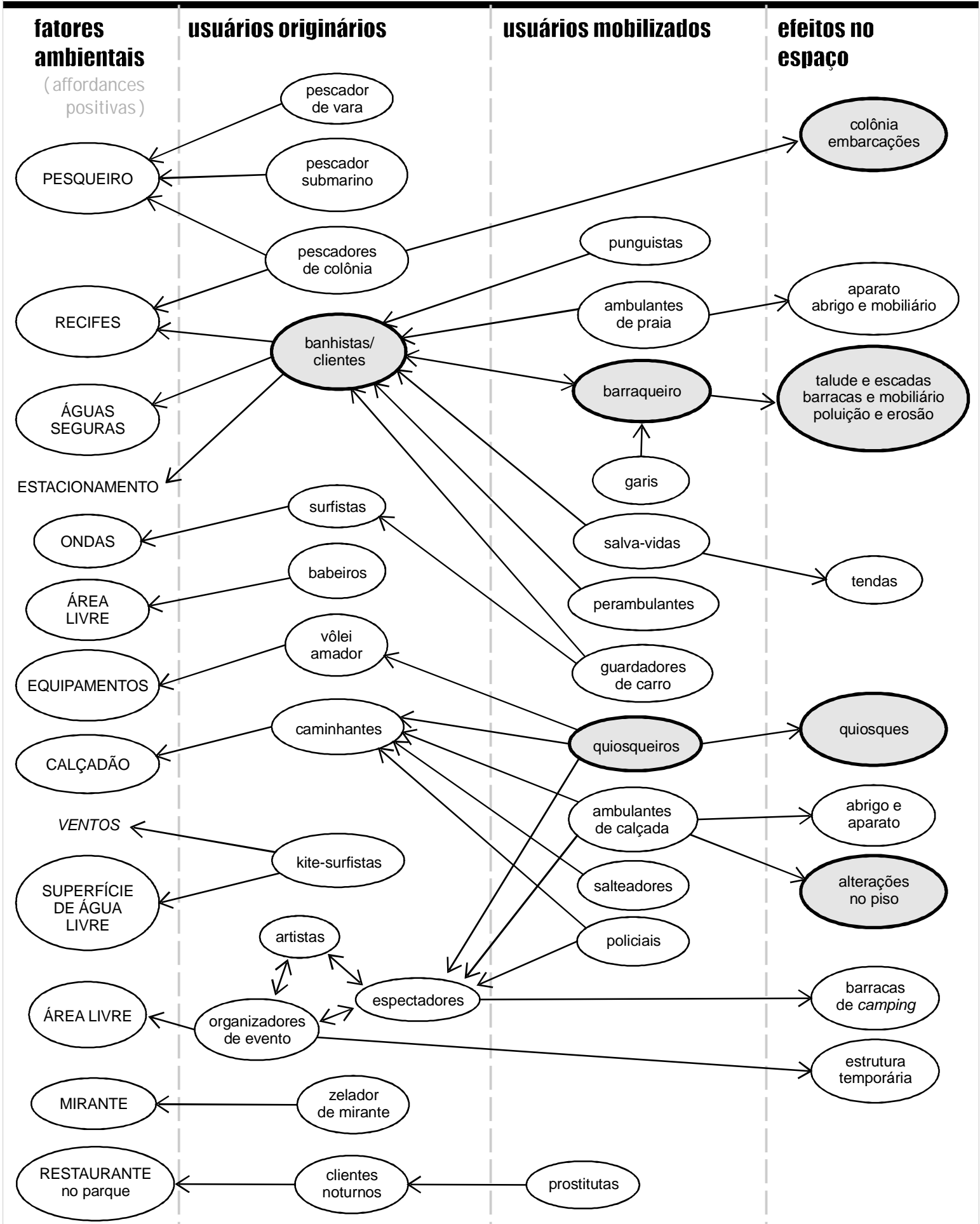
 transformações significativas




legenda


- grupo de usuários
- sub-grupo de usuários
- usuários específicos
- dinâmicas
- sinergia
- apoio
- benefício lateral
- conflito
- distância
- assédio


Jaguaripe e piatã - quadro geral

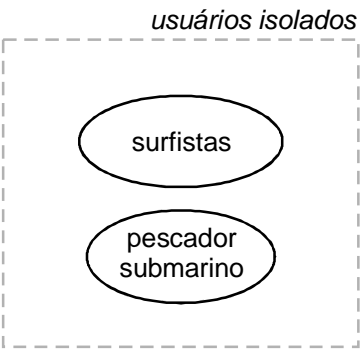
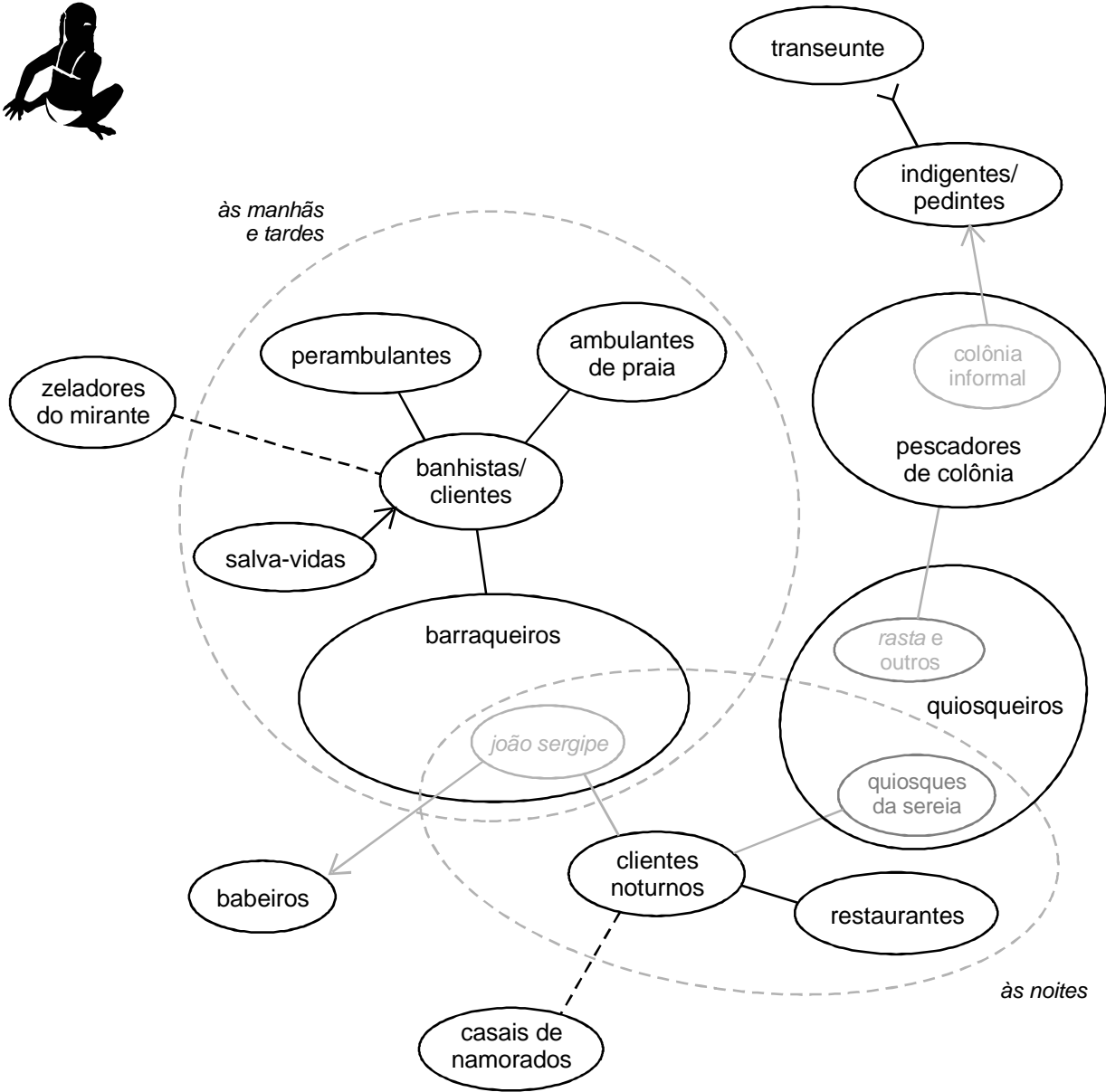


legenda

 usuários mobilizadores

 usuários transformadores

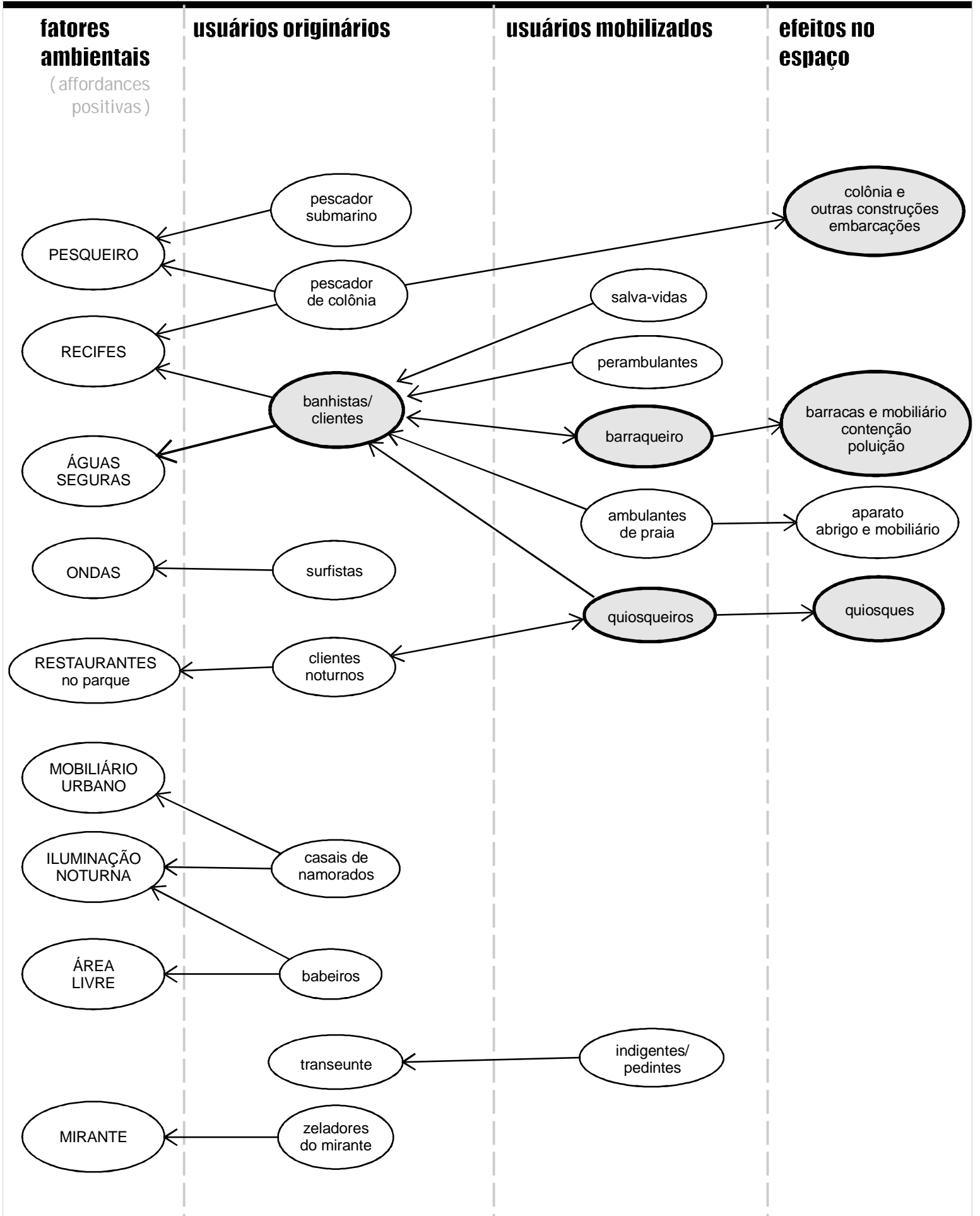
 transformações significativas



legenda

- grupo de usuários
- sub-grupo de usuários
- usuários específicos
- dinâmicas
- sinergia
- apoio
- benefício lateral
- conflito
- distância
- assédio

placaford e sereia - quadro geral

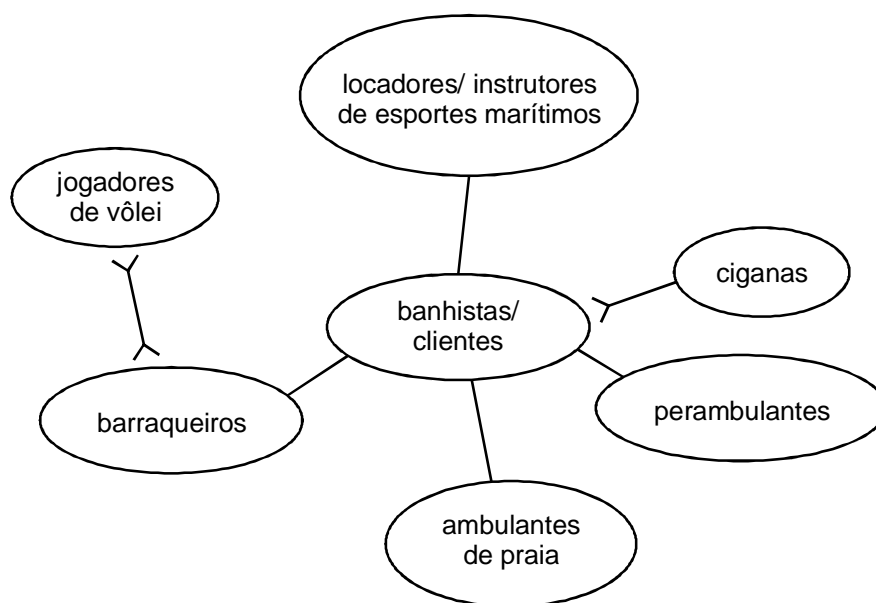


legenda

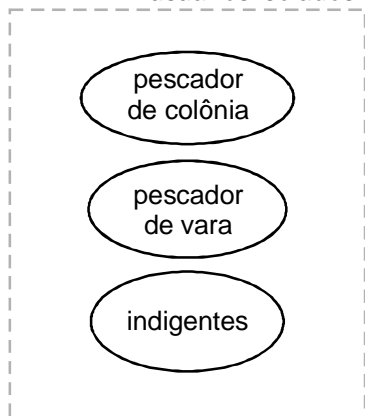
usuários mobilizadores

usuários transformadores

transformações significativas



usuários isolados



legenda

- grupo de usuários
- sub-grupo de usuários
- usuários específicos
- dinâmicas

- sinergia
- apoio
- benefício lateral
- conflito
- distância
- assédio

farol - quadro geral

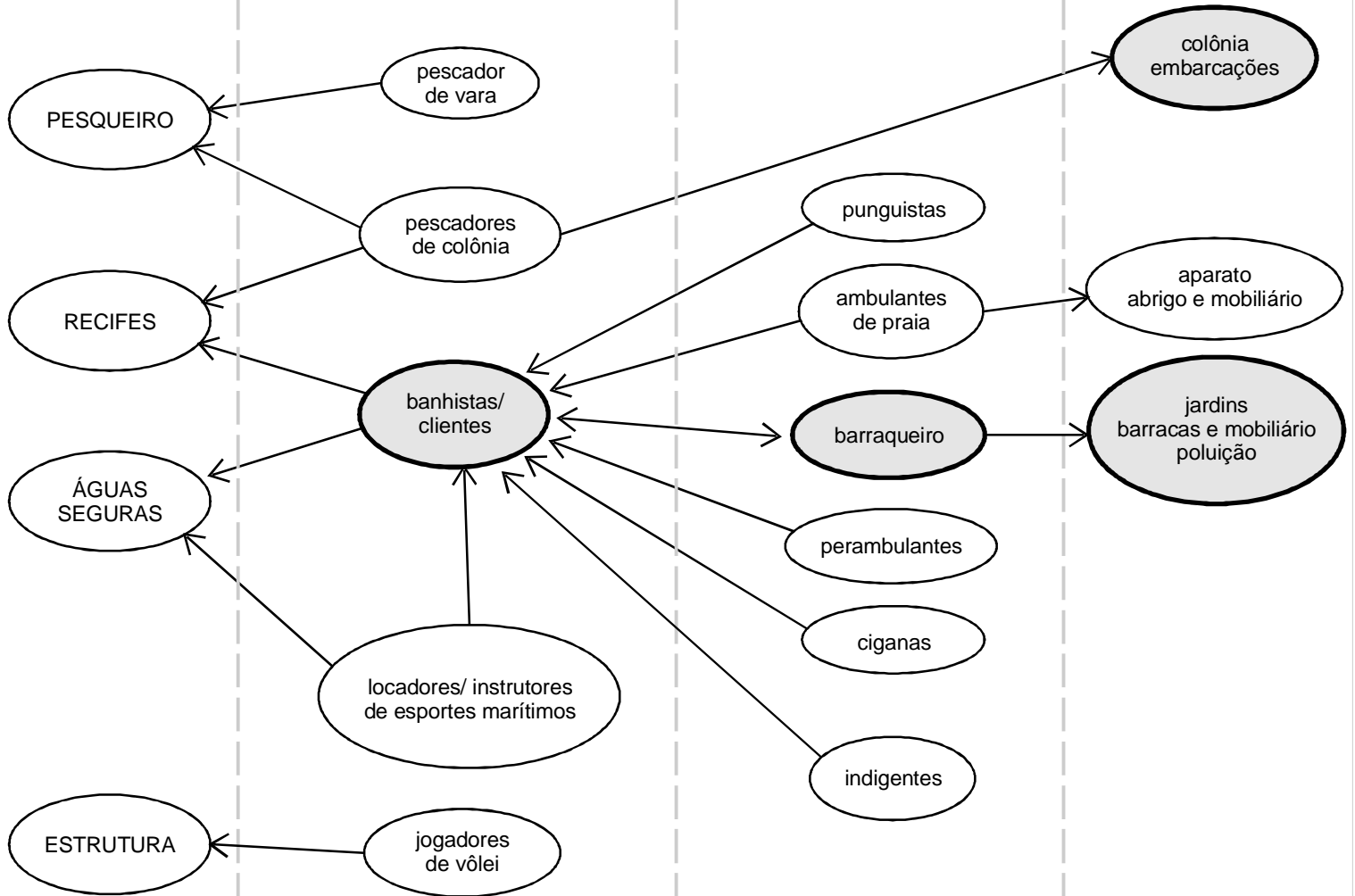
fatores ambientais

(affordances positivas)

usuários originários

usuários mobilizados

efeitos no espaço



legenda

usuários mobilizadores

usuários transformadores

transformações significativas

4.2. A DINÂMICA GERAL DO BANHO E DO CONSUMO

Há uma interação sutil a ser observada, que dita o destino *de massa* da praia, dada por três elementos:

- . qualidade da praia – do banho, em quantidade apreciável;
- . serviços da praia – atualmente, na forma de barraca e similares, e
- . entorno – do uso do entorno.

Por qualidade de banho referimo-nos à tranqüilidade das águas, resguardadas por recifes ou outras conformações naturais, e segurança de seu leito, o que leva banhistas ao mar. Há banhistas que preferem águas mais fortes, porém seu número é sempre menor. O uso massivo acontece nas águas protegidas, ainda que somente na baixamar. Essa é a *affordance* que o banhista propriamente dita procura.

Não entendemos sob esse conceito a qualidade da água no que diz respeito à contaminação, sua balneabilidade conforme atestado no CRA, que parece não ter efeitos perceptíveis no uso (LACERDA, 2002). O caso de Placaford e Itapuã é sintomático, onde há índices ainda persistentes, com línguas negras oriundas de ligações clandestinas a saídas pluviais. A presença de banhistas na praia é prova concreta de uma dada leitura da qualidade da água, ainda que contrária aos laudos técnicos de salubridade.

Onde a praia é considerada boa para banho, os banhistas vêm até mesmo de longe. A maior prova disso é Piatã, que durante a maior parte do ano conta com a proteção da zona-de-sombra de recifes. Não se percebeu, na área-estudo, uma procura popular calcada no prestígio ou *status* da praia. O melhor indicador para a qualidade da água se dá com a presença de vendedores ambulantes com artigos voltados para crianças: pipas, cataventos, algodão-doce, bóias. Sua aparição revela a existência de crianças, levadas por suas famílias. São praias boas para banho: Piatã, enseadas de Placaford até o Parque da Sereia e de lá até o Farol, especialmente nos trechos imediatos e próximo à pedra-que-ronca, em grande falha em plataforma de pedra. É importante salientar que a qualidade para banho de certos trechos depende da altura do nível do mar – a baixamar pode revelar enseadas protegidas e a preamar, ao cobri-las, torná-las perigosas.

Os serviços da praia também são fator de atração de usuários, como dito antes. Há uma extensão maior de área atendida por barracas de praia do que de praia de banhista, de onde se deduz que em muitos lugares a barraca não é uma atividade complementar ao banho. Os casos mais explícitos são Armação, Patamares e Jaguaribe. Nestas, poucos caem à água, e mesmo esta não é propícia para o banho de muitos ou o banho prolongado, pela força das ondas e periculosidade do leito e correntes.

O entorno tem influência perceptível em Itapuã. Bairro populoso, é o único na Orla com uso para banho praticamente diário, com variações do dia da semana para os finais de semana menores que as dos demais. Em longo trecho da orla atlântica o solo lindeiro à praia é deserto em largas horas do dia – Pituaçu, por exemplo. Por sua vez, a Barra, tanto no trecho do Farol quanto do Porto, tem um *mix* de uso do solo que propicia diversidade de uso ao longo do dia e da semana, com reflexos na areia da praia.

As duas grandes concentrações de banhistas - do Parque da Sereia até o Farol, e de Jaguaribe até Piatã – relacionam-se com estes fatores.

Na região de Itapuã, o público se relaciona com enseadas balneáveis, em especial a da pedra-que-ronca, e usa os afloramentos que as balizam para tomar sol. Há dois clarões na ocupação dos banhistas, justamente onde as enseadas apresentam algas em excesso. É nesse trecho onde se observa o avanço dos vendedores ambulante até as pedras à beira-mar, tomando o que normalmente é um trecho intocado por enclaves de qualquer tipo. Os banhistas são do entorno, e de renda mais baixa, perfil que se modifica a partir da pedra-que-ronca, continuando além-Farol com barracas de grande porte e de alto nível, por observação e depoimento.

Piatã apresenta vasta área-de-sombra na água, com alto número de banhistas. Em Jaguaribe, são as barracas já instaladas o mote de afluência do público. Nesta usuários com maior renda, que chegam de automóvel, atraindo guardadores de carros às vagas laterais. Ao norte, maior densidade, e gente afluindo de ônibus, a ponto de atrair vendedores ambulantes às suas paradas.

Em Patamares há uma mescla, relacionada com enseadas efêmeras que surgem na baixamar e com o serviço das barracas, com público de renda maior.

Observou-se antes os ciclos que dão o mote da pulsação da dinâmica dos banhistas. A iluminação noturna é um fator de limite de uso dos banhistas/ clientes. A provisão de iluminação à noite distingue o que, pela manhã, é ambíguo, que é a distinção entre banhista e cliente. Como algumas barracas de praia fornecem luz para sua área de atendimento, os poucos que freqüentam a praia são exclusivamente clientes, sem nenhuma das ações que caracterizam a presença na praia para banho de sol ou de mar.

O período de inverno, de chuvas mais constantes, esvazia a praia de banhistas, e deixam as barracas à míngua. Os salva-vidas, que atuam em função dos banhistas, aproveitam esse tempo para treinos, e diminuem seu contingente. Os vendedores ambulantes e perambulantes escasseiam. Como observado, a coincidência do período de férias com o verão dão a tônica do pico, para essa finalidade e os usuários correlatos, entre novembro e março.

Essa pulsação ancora-se no fato de que os banhistas, e sua condição de cliente em potencial – com o quase reverso sendo verdadeiro, o cliente como banhista em potencial -, atrai toda gama de comerciantes, com toda sorte de produtos possíveis.

Do tipo de produto oferecido, além daqueles que servem como mediações (chapéus, óculos, etc.), outro perfil, majoritário, é o de comidas – com conseqüências que veremos a seguir. No geral, poucos são produtos que se diriam exclusivos ou orientados pela temática praiana: como ostras, peixe frito (raro, somente em Piatã/ Placaford), camarões, conchas, redes, óleos e cremes protetores. Os ambulantes vendem produtos de presença ostensiva em todo espaço público de Salvador, como queijo coalho, salgados, cigarros e balas. É notável que o tipo de vendedor ambulante de presença mais difundida em toda a praia seja a baiana de acarajé, sempre complementar à barraca de praia. E, para além de produtos usuais nas ruas soteropolitanas, produtos *sui generis*, como queijo provolone e pururuca. Esse movimento está acontecendo ao largo de todas as praias de Salvador, visto que na praia do Farol da Barra há vendedores de cenouras e patês, em frascos vendidos em mercados.

De um lado, rompeu-se a idéia de uma comida “típica” de praia, sacramentada pelo hábito, permitindo a entrada de salgados industrializados, balas, etc., e por outro o

crescimento contínuo do comércio informal, da pressão por ocupar os espaços públicos com esse serviço. Com a sondagem de tipos de produtos extremamente variados.

Os ambulantes de praia tendem a emergir a partir da Praia do Corsário, constam significativamente de Patamares e Piatã, com presença ainda em Itapuã (principalmente na área do Farol). A lógica é similar à da escolha das regiões com pesqueiros mais próximos entre si. Onde as praias com banhistas/ clientes, o que pode ser auferido parcialmente pelas faixas de barracas, são mais próximas, há uma densidade maior de perambulantes. Eles se esgarçam na medida em que há trechos longos desertos de um agrupamento a outro. Os trechos vazios de Pituaçu (entre Corsário e Patamares) e Placaford e Itapuã (entre Piatã e o Parque da Sereia) são longos o suficiente para representar uma queda na circulação destes vendedores. E o trecho da Boca do Rio é praticamente desprovido deles. Daí a pouca presença em Armação e Jardim de Allah – o vendedor que escolhe esta praça de venda tem poucas alternativas em dia de fraco movimento.

Os banhistas atraem também aqueles que pretendem levar-lhes o dinheiro sem consulta: onde há adensamento de gente, e principalmente turistas desavisados, imperam os punguistas, que levam os pertences deixados sobre as mesas e cadeiras. Nos vazios da praia ou de horário, os salteadores, de ataque rápido e fuga, com ou sem violência. Um item delicado das relações na praia é que os punguistas aproveitam-se da profusão de vendedores ambulantes, disfarçados de tatuadores e vendedores de amendoim. De qualquer modo, o furto aos clientes acirra a competição entre os dois tipos de vendedores.

Porém com quem os banhistas estabelecem relação sinérgica mais complexa é com os barraqueiros.

Os barraqueiros são, dentre a população de praia, a mais distribuída, a mais constante e a que apresenta maior “patrimônio” constituído na areia. Embora seja uma categoria antiga, não necessariamente são os mesmos indivíduos: o ponto comercial foi repassado constantemente ao longo dos anos.

Mantém com os clientes, principalmente os costumeiros, relações ambíguas entre a amizade e o negócio. Vimos, na descrição por grupos de usuários, que os barraqueiros hostilizam os vendedores ambulantes e perambulantes e os que depõem contra eles, por meio do malefício aos seus clientes (e sua eventual evasão), como os treinos de futebol dos salva-vidas e ladrões. Como população de praia, estabelecem relações de convívio com outros usuários, apoiando na forma da guarda de material – do baba, de exercícios, etc. Operam como nexo, pela presença constante, entre pulsões distintas.

Essa relação, contemplada estritamente durante o período da pesquisa, está centrada em três fatores: consumo, conforto e segurança.

O usuário atual da praia *consome* nela, no sentido mais próximo do biológico: alimenta-se e bebe. A alimentação vai do petisco ocasional, passa pelo lanche, e vai à refeição completa. Daí a ascendência de alimentos entre os produtos vendidos por ambulantes. O ato de beber pode ser com algo para hidratar-se ou pode ter viés alcoólico – e este último comparece à larga, à base de cerveja e mesmo destilados, vendidos por toda classe de comerciantes. Nas praias sem barracas, os banhistas são atendidos por outras modalidades de comerciantes: quiosques vizinhos com garçons e mesmo mesas e

cadeiras na areia; vendedores ambulantes em toldos móveis, inclusive também com mesas e cadeiras; pescadores de colônia a vender cerveja.

O apoio de alimentação e bebida está mais relacionada com o “banho de sol” do que com o “banho de mar”. E a luz do sol é um atributo mais homogêneo que as praias para banho. O “banho de sol” se toma na barraca, e não a barraca procura ficar próxima de algum local específico para o “banho do sol”.

O que nos leva à questão da distribuição do comércio de praia. Onde há banhistas em profusão, há comércio de praia, seja em pontos fixos, seja de forma móvel, ou mesmo ambos simultaneamente, como em Piatã. No entanto, não há correspondência estrita entre o comércio de ponto fixo e os banhistas. Há trechos que não são propícios para o banho de massa, em que a maior parte dos usuários situa-se nas barracas. Nessas, o banho é algo completamente lateral, e a presença só pode ser explicada pelo entretenimento no estabelecimento comercial. Sem este, não haveria usuário; especialmente na praia de Pituvaçu, os barraqueiros são verdadeiros colonizadores do espaço. Essa é a dinâmica presente, que apenas confirma a dificuldade em discernir o cliente de um bar à beira-mar do banhista propriamente dito. Porém, tal descrição não explica o motivo de tais estabelecimentos situarem-se ali, o que se verá nos próximos capítulos.

A noção de *conforto/ comodidade* é dada com mais clareza pelos serviços oferecidos no mercado de praia. O fato do cliente dar preferência a esse atendimento em vez de rejeitar a sua mera existência indica a importância que dá ao seu conforto próprio.

Os comerciantes, de ponto fixo e móvel, de modo geral procuram oferecer *assento* e *abrigo* ao seu cliente. Ou como parte gratuita do serviço ou como o próprio serviço, na forma de locação. A posição dos assentos ainda é outro indicador forte. Os clientes procuram as cadeiras mais próximas da água, constringendo o estirâncio como área de usufruto e passagem e, em alguns casos, alcançando o próprio filme d’água, não necessariamente de posse das barracas.

Relaciona-se com esse tema o acesso à areia a partir da calçada, em um princípio regulado por escadarias públicas. Porém, cada barraqueiro construiu seu próprio acesso à areia, a fim de igualar a vantagem inicial que o barraqueiro mais próximo à escada “oficial” tinha, e assim induzir a vinda do banhista. Enquanto este, em trechos sem barracas, com escassas escadas, desce à sua maneira o talude, criando uma trilha com o tempo. Essa trilha tem um espaçamento pequeno.

O hábito do consumo alimentar na praia se transformar em um consumo *pago* é outro traço peculiar. A opção por alimentos trazidos de casa ainda carrega consigo o estigma de “farofeiro”. Uma comparação pode nos ilustrar a respeito – os norte-americanos interpretam a ida à praia como um convescote no parque, e levam seu próprio alimento em recipientes térmicos, sem que isso seja considerado indigno.

Quanto à *segurança* na área-estudo, a praia e a própria calçada da orla são locais inseguros. Os trechos vazios de gente na areia são onde há mais assaltos, em lugares como Pituba, Aratubaia e Placaford. O mesmo se dá na calçada da orla. A população de praia tende a agir como um freio ao furto e à violência: pela vigilância social e pelo apoio concreto dado ao visitante, como se observou com os salva-vidas, pescadores e zeladores dos mirantes. Dentro do contexto atual da cidade, são fator primordial da

segurança dos banhistas, e todos aqueles que precisam permanecer na praia, pois são o único grupo de usuários com número e distribuição para garantir que uma parcela significativa da praia seja segura ao banhista. Em áreas de praias inadequadas para banho, algumas barracas bem-sucedidas levam gente a ela, garantindo movimento. Os barraqueiros, em um misto de solidariedade e interesse, alertam os clientes e mesmo passantes das áreas perigosas, recomendam o que devem fazer e inclusive apontam os meliantes habituais da região, guardam os pertences de seus clientes e de outros atores da área. São dos que fornecem os olhos de que Jane Jacobs (2003) falava para a segurança do lugar.

Polette (Polette *et al.* 2001 e Polette & Raucci 2003 apud SILVA *et al.*, 2006) divide a praia, a partir das características morfológicas, hidrodinâmicas e uso, em três zonas: solarium, ativa e de surfe. A zona solarium é onde se realizam as atividades como tomar banho de sol, armar barracas e guarda-sóis. A zona ativa é junto ao mar, influenciada pela oscilação da maré, utilizada para caminhadas e atividades recreativas na areia (jogos, castelos de areia, etc.). Enquanto a zona de surfe é onde ocorre a quebra das ondas, com atividades recreacionais aquáticas sem uso de equipamentos (nado, banho de mar).

Essa estratificação não é válida para Salvador. Nas rochas, especialmente as maiores, as pessoas se dispõem a tomar sol, em contato imediato ou mesmo rodeado pela água – no Jardim de Allah, Aratubaia, Patamares, Placaford e Itapuá. A zona solarium avança para a zona de surfe, por assim dizer. E vemos ainda o avanço das cadeiras na zona ativa – tendência de avanço pelo conjugado barraqueiros/ clientes (sem definir-se de quem parte ou partiu a iniciativa, já que a situação convém a curto prazo a ambos, em detrimento de outras pessoas)

Silva *et al.* (2006) observa algo que nos interessa: em estudo sobre densidade, tempo de permanência e frequência dos usuários, notou que as características da zona ativa não coincidem com a solarium. Os primeiros buscam horas de baixa intensidade solar, os segundos, as horas de maior radiação solar. As zonas da praia fariam parte de um conjunto de *affordances*, junto com a radiação solar, para procuras distintas. No entanto, este trabalho não distinguiu tais procuras, considerando o banhista e cliente como um perfil unitário, para fins da compreensão geral da área-estudo.

4.3. A DINÂMICA GERAL DA CALÇADA

É uma dinâmica mais simples e limitada que a anterior. O ciclo dos caminhantes já foi definido – começo da manhã e final da tarde – acompanhado de reforço de policiamento, distribuído em dois trechos na área-estudo. Um mais intenso, do Jardim de Allah ao Aeroclube Plaza Show, e outro que se manifesta em Jaguaribe e finda no Parque dos Coqueiros.

Os vendedores, móveis porém estabelecidos no espaço e alguns quiosques em parques pontuais, dedicam-se essencialmente a refrigerios. Há os que permanecem diariamente na calçada, e os que afluem somente aos finais de semana. As duas dinâmicas se entrelaçam nos finais de semana de verão, quando os vendedores se multiplicam, próximo a barracas e pontos de ônibus, e atendem tanto ao fluxo longitudinal de caminhantes, quanto ao transversal, de usuários da praia.

No percurso longitudinal à praia – bicicleta, corrida e caminhada – uma associação com a saúde que não se esgota somente na existência de pavimentação propicia nem dos equipamentos de ginástica. Como indicado em alguns trechos específicos, como no estacionamento do Jardim de Allah, têm peso a vista para o mar.

4.4. A DINÂMICA GERAL DOS EVENTOS

Existem eventos de variadas escalas, centrados no Jardim de Allah e na foz do rio Jaguaribe, e festejos pulverizados, ou a depender de cliente específico ou aproveitando comemorações mais globais, nas barracas de praia, especialmente em Armação, Patamares e Placaford.

A constante é o que ocorre em qualquer evento, periódico ou acidental, desde os *shows* no Parque da Cidade até o enterro de políticos notáveis¹ - a presença de vendedores ambulantes, para capitalizar a presença do público. Nos festejos de final de ano em 2007, o gramado do Jardim de Allah contou com atração musical financiada pela Prefeitura, o que levou a ambulantes se instalarem por toda a área das massoterapeutas, incluindo demarcando espaço para seus clientes com mesas e cadeiras.

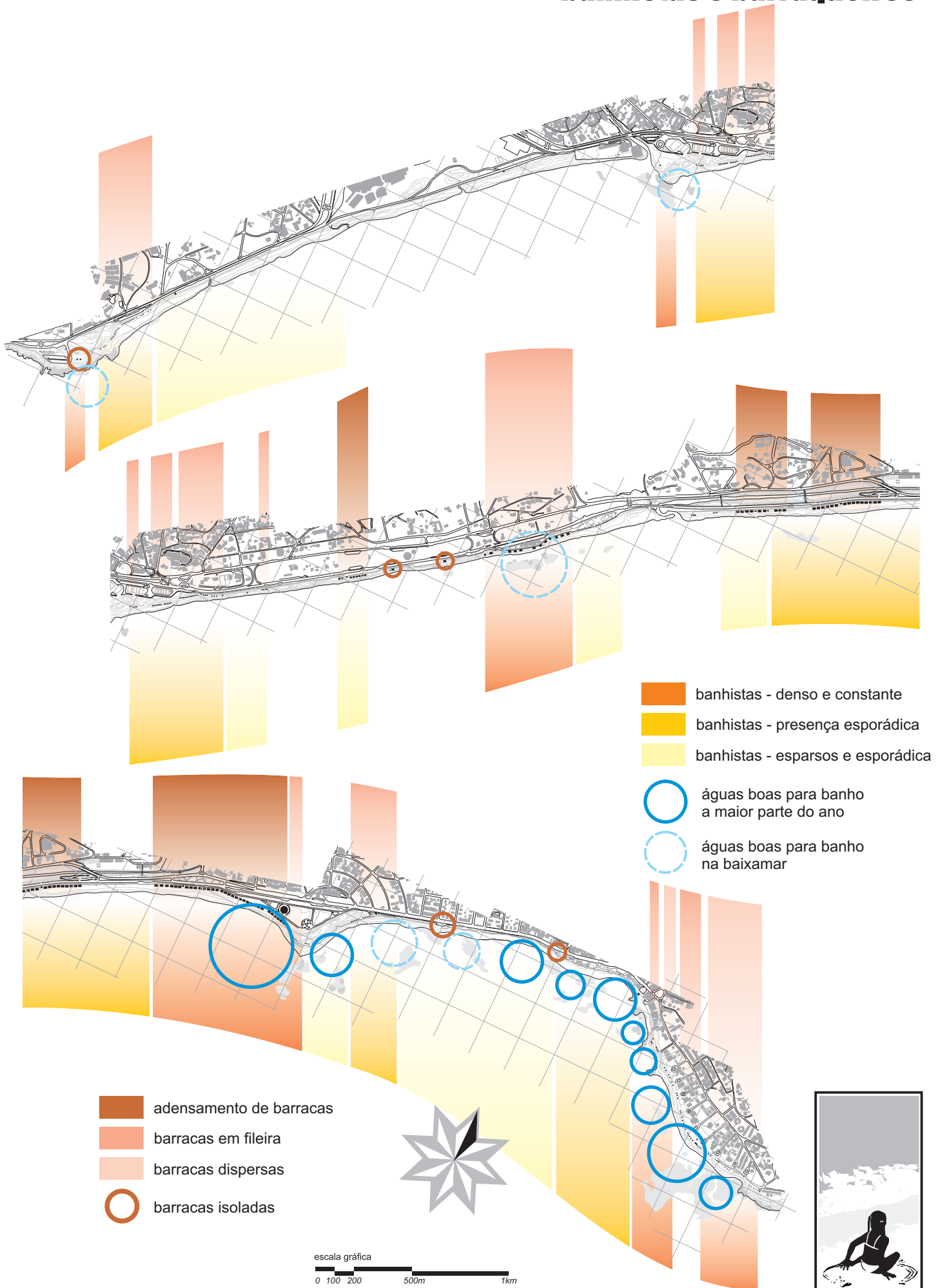
Dos eventos de maior porte, que contam com estrutura construída, dois ocorrem: as gravações televisionadas ao vivo na foz do Jaguaribe, pela TV Record, e o campeonato de vôlei de praia em Armação.

Ambos não se adequam ao formato antes exposto, e mesmo às categorias desenvolvidas. Não há espetáculo sem espectadores, nem tampouco espectadores sem espetáculo. Os espectadores vão na confiança de haver um espetáculo, e seus organizadores o fazem na expectativa de ter espectadores. Não há um usuário originário. A publicidade de antemão estabelece o pacto entre interesse e interessado (papel que os lados desempenham simultaneamente). Em alguns casos, a transmissão por televisão – essa dissolução viriliana do espaço e da proximidade – torna os espectadores presenciais prescindíveis. Ainda assim eles aparecem. Somente esse conjugado entre os organizadores, os indivíduos que são o espetáculo propriamente dito (artistas, atletas, etc.) e os seus espectadores, que trazem para si os vendedores de rua.

O vôlei de praia, sendo esporte de areia, usa seu espaço natural. Mais: aproveita-se da estrutura de postes existentes. O programa de ginástica de verão do SESC aproveita o período de férias. Na praia, ganha pouco diretamente, que não seja publicidade e a imagem de atividade saudável por ser na praia. A questão imagética é a única que justificam as gravações musicais: nada no lugar em si representa ganho para o *show*, a gravação e a exposição na TV, que não seja a idéia de ser algo ligado ao verão.

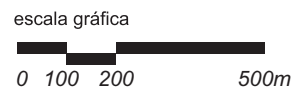
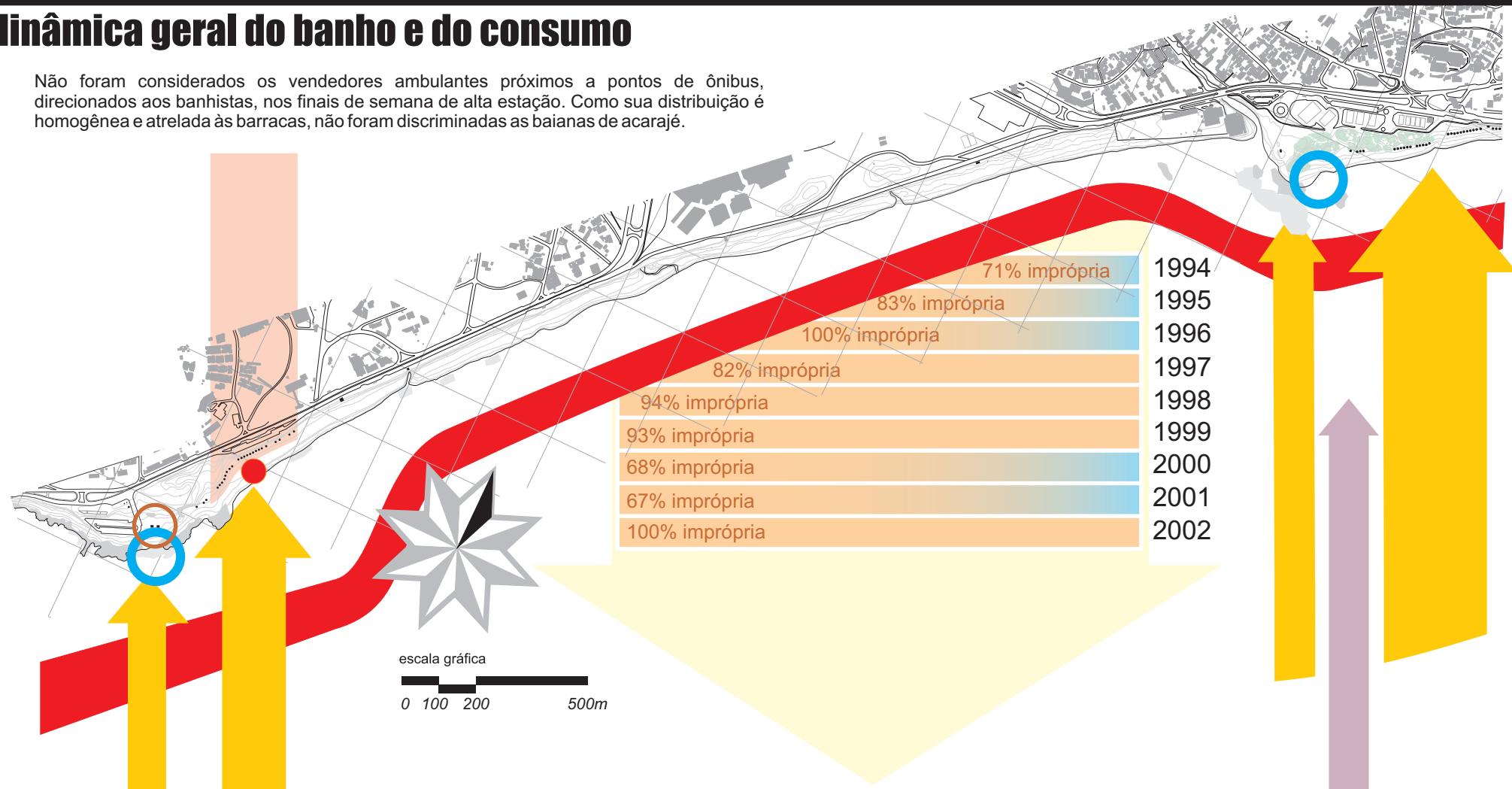
¹ Como no caso do falecido deputado federal Luis Eduardo Magalhães.

banhistas e barraqueiros



dinâmica geral do banho e do consumo

Não foram considerados os vendedores ambulantes próximos a pontos de ônibus, direcionados aos banhistas, nos finais de semana de alta estação. Como sua distribuição é homogênea e atrelada às barracas, não foram discriminadas as baianas de acarajé.











legenda









- vegetação rasteira e arbustiva
- grau de risco muito alto
- águas protegidas maré baixa e fora do inverno
- presença de banhistas
- barraqueiros mobilizadores
- evasão de banhistas
- barraqueiros mobilizados
- barracas isoladas
- perambulantes - produtos para proteção
- salteadores
- tendas de salva-vidas
- perambulantes - produtos rústicos
- perambulantes - outros produtos
- perambulantes - alimentos de rua
- perambulantes - refrescos e similares

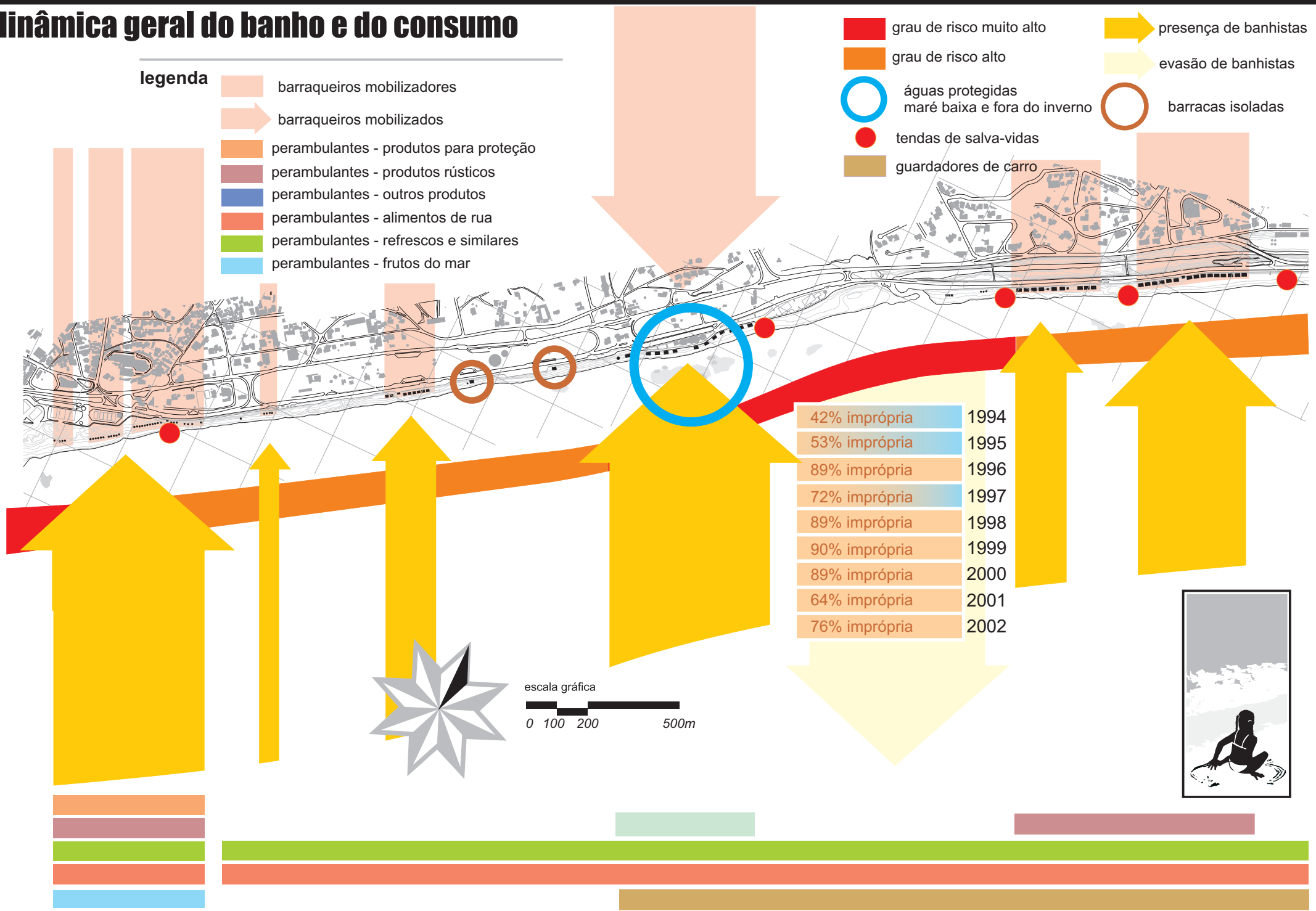


dinâmica geral do banho e do consumo

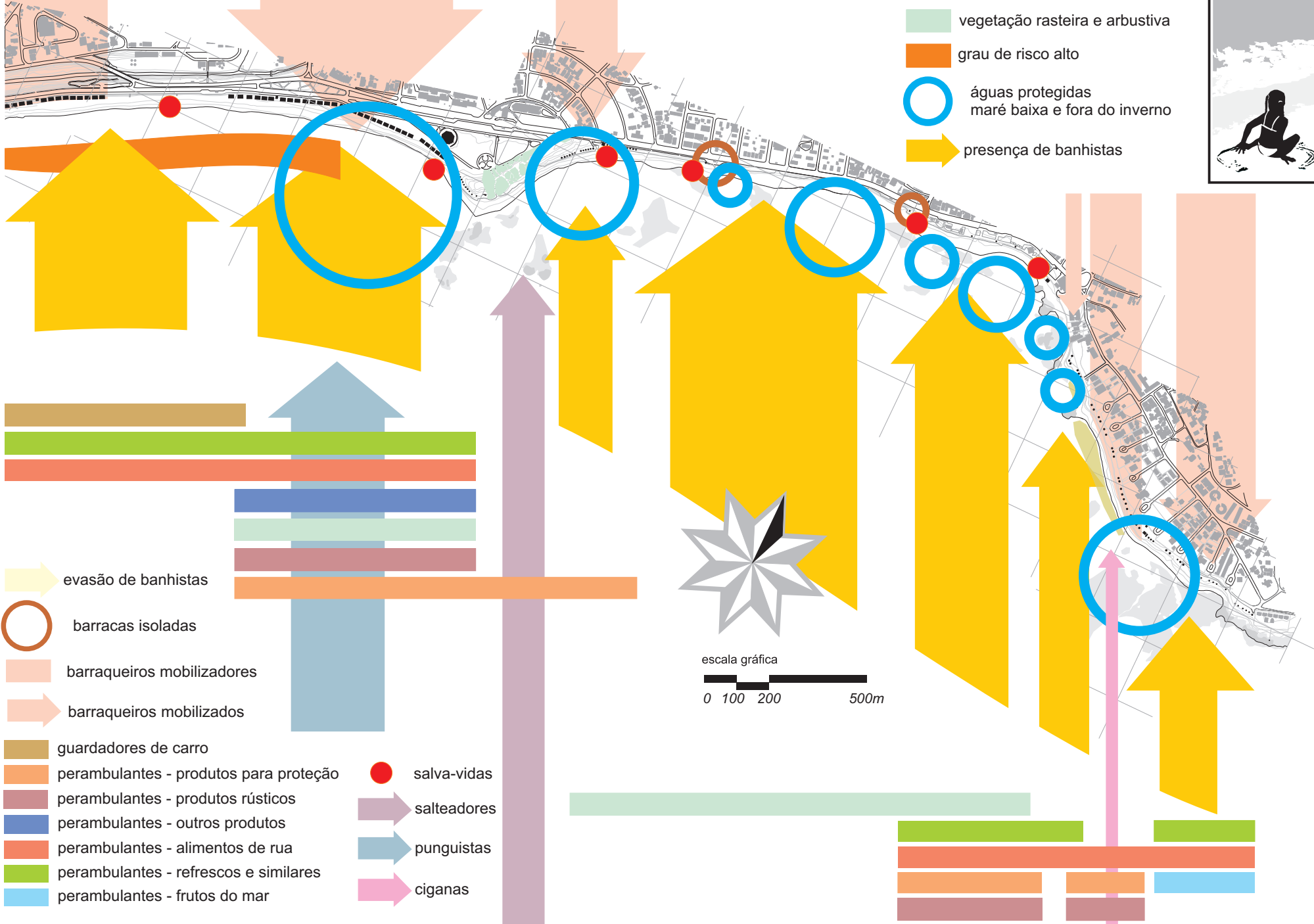
legenda

-  barraqueiros mobilizadores
-  barraqueiros mobilizados
-  perambulantes - produtos para proteção
-  perambulantes - produtos rústicos
-  perambulantes - outros produtos
-  perambulantes - alimentos de rua
-  perambulantes - refrescos e similares
-  perambulantes - frutos do mar

-  grau de risco muito alto
-  grau de risco alto
-  águas protegidas
maré baixa e fora do inverno
-  tendas de salva-vidas
-  guardadores de carro
-  presença de banhistas
-  evasão de banhistas
-  barracas isoladas



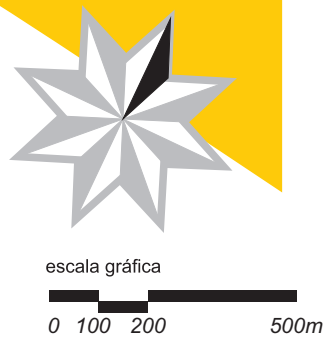
dinâmica geral do banho e do consumo



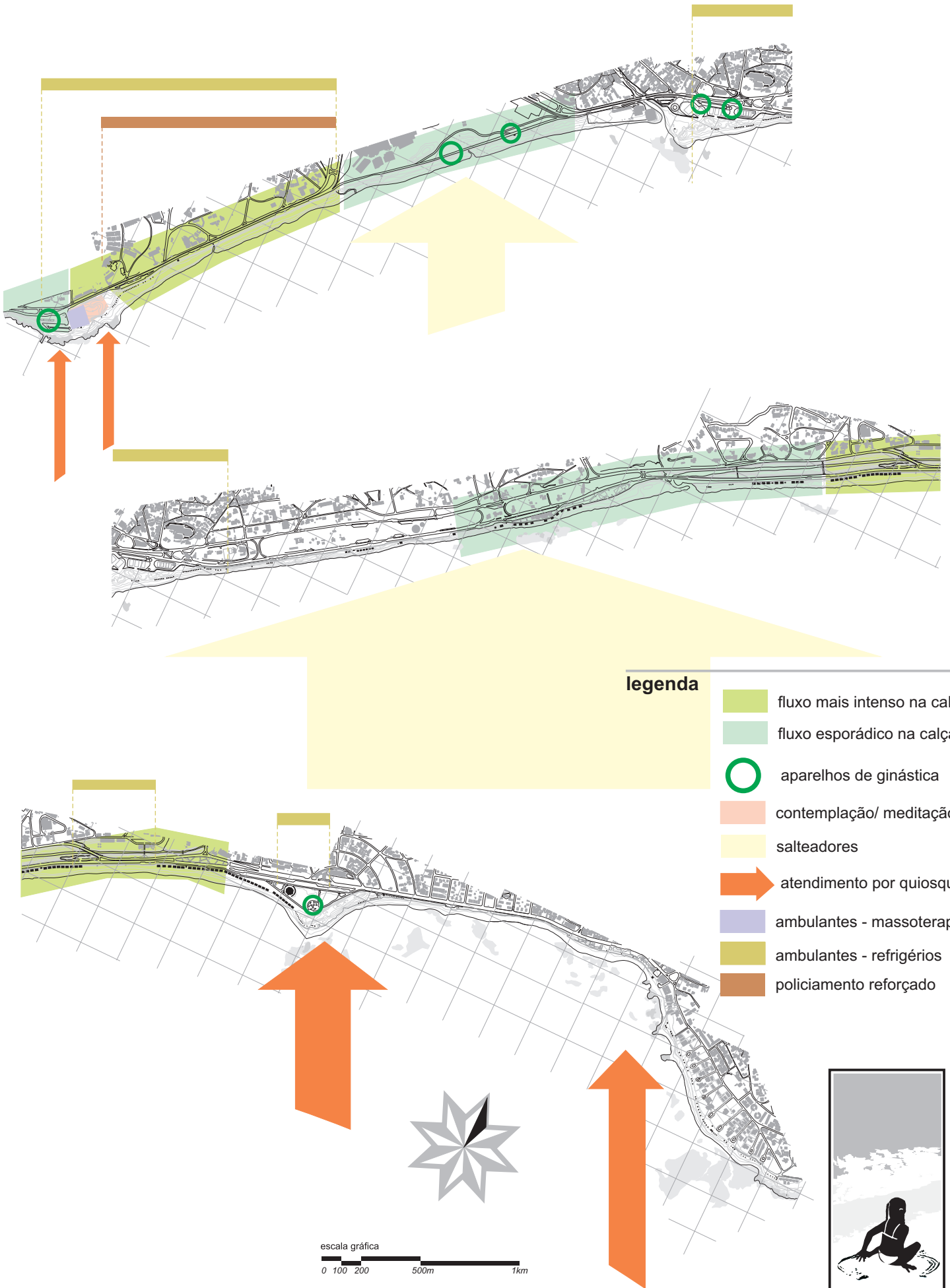
- legenda**
- algas em suspensão
 - vegetação rasteira e arbustiva
 - grau de risco alto
 - águas protegidas
maré baixa e fora do inverno
 - presença de banhistas



- evasão de banhistas
- barracas isoladas
- barraqueiros mobilizadores
- barraqueiros mobilizados
- guardadores de carro
- perambulantes - produtos para proteção
- perambulantes - produtos rústicos
- perambulantes - outros produtos
- perambulantes - alimentos de rua
- perambulantes - refrescos e similares
- perambulantes - frutos do mar
- salva-vidas
- salteadores
- punquistas
- ciganas



caminhada e corrida



4.5. AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO DA PRAIA

A praia é uma *interface* entre o continente e o oceano, sujeito à força deste último. O regime das marés e das ondas, nas distintas orientações ao longo do ano e ao longo da costa, define a forma da praia, seu relevo e mesmo a constituição granulométrica do solo. As intempéries não são acidentes, mas as forças que conformam a praia, em sistemas dinâmicos de erosão e deposição de sedimentos. Isso não acontece com nenhum outro espaço público urbano.

Ainda que resultado contínuo de processo dinâmico, a praia não tem suas alterações limitadas a esses fatores. Percebe-se que o uso humano da praia também a transforma. De modo temporário ou visando algum tipo de permanência, consciente ou subproduto não intencional, externalidade, de sua atividade. Inclusive depondo contra sua continuidade e médio e longo prazo. São incrementos ou perda de sinomorfias, executados de maneira legal ou ilegal. Compreendem-se como um tipo de realimentação que efetivamente re-desenham o *milieu*.

Chamarei aos usuários que efetivamente modificam o meio de *usuários transformadores*. Deste, os principais, em ordem de impacto crescente, são:

- . os vendedores ambulantes de calçada;
- . os banhistas;
- . os funcionários de limpeza urbana
- . os pescadores em colônia, e
- . os barraqueiros

Os vendedores ambulantes de calçada são orientados para os que caminham e correm ali. Seus produtos são orientados para sua necessidade de hidratação: água de coco, refrigerantes, sucos, caldo de cana. Especialmente os vendedores de caldo de cana atuam sobre o talude, como depósito de seus talos, e cortando-os para situarem-se no ato de desbastar os feixes. Alguns vendedores – em Armação e Piatã – chegaram a construir pequenas plataformas em alvenaria em seus pontos de venda.

Os banhistas são os que modificam, no momento de sua presença, de modo mais intenso a percepção do ambiente², e são os verdadeiros motores da dinâmica da praia, em extensão e intensidade. Se o barraqueiro é um agente de transformação física pulverizado e renitente, ele existe em função do cliente. Do ponto de vista imediato, das modificações mais persistentes, assinalamos duas: a atividade alimentar na areia, e a erosão no talude.

Sob o signo do alimento que se deixa a maior quantidade de lixo, problema que se torna mais evidente em praias asoberbadas repentinamente por contingentes de não-moradores, especialmente excursionistas (ARAUJO & COSTA, 2003). O consumo na praia – em barracas, tendas de ambulantes ou por vendedores errantes – deixa resíduos na areia, que servem como alimento para outras criaturas: pombos, durante o dia, e ratos

² “Os corpos não somente se movem para o seu interior, mas produzem espaços por meio e através de seus movimentos. Movimentos – de dança, esporte, guerra – são a intromissão dos eventos nos espaços arquitetônicos.” (TSCHUMI, 2006). Isso fica evidente na diferença sensível dos espaços públicos abertos durante festas populares como o Carnaval.

à noite, que chegam a atrair aves de rapina. Este esboço de cadeia alimentar, iniciada pelo homem, não surte efeitos perceptíveis nas ações humanas no local. Mas o convívio destes vetores de enfermidades com os banhistas é algo que não pode ser negado.

A erosão no talude se dá na forma de caminhos, da calçada à areia da praia, distribuídos ao longo da orla onde o talude se apresenta sem escadarias em quantidade, como em Armação. Lógica similar é a dos funcionários de limpeza. Onde o veículo transpõe a diferença de nível entre rua e praia, e em trechos de vegetação litorânea ou gramados adjuntos, ele deixa sua marca. Em alguns casos, abrindo frente para processos erosivos.

Os pescadores dispõem de suas colônias e naves ancoradas ou encostadas na areia. Mas são os barraqueiros os maiores agentes da praia nesse quesito. Primeiro, pela unidade comercial, as barracas de praia. Depois, pelas benfeitorias e anexos das mais diversas ordens. Estão a transformar continuamente pela atividade reiterada e por transformações que cada um deles, dentro de seu ritmo, executa ou sofre no seu conjunto de equipamentos.

Uma avaliação mais acurada precisa levar em conta dois aspectos de tais impactos. A primeira, que sua envergadura não é dada diretamente pelo número dos usuários envolvidos; entram em jogo os elementos de que dispõem (vide o veículo da limpeza urbana) e sua reincidência no lugar.

O outro aspecto do espaço é ser objeto de ações continuadas. A transformação não se encerra com a presença de uma construção à maneira de um enclave. Os pescadores na praia não modificam a praia com suas ações, embora proprietários de estruturas físicas na areia. Os barraqueiros, ao contrário, embora de maneira pulverizada, incidem de modo intermitente no meio físico, em situação instável – a dinâmica comercial é sempre variável, seja no perfil da clientela, na sua procura por serviços, na oferta de produtos novos, etc.

De todos os modos, um indivíduo atuando ao longo de uma década pode agir com maior contundência no meio do que uma legião de banhistas de fim de semana. São os indivíduos da população de praia que se encontram na situação propícia para essa influência insidiosa, seja na arborização de áreas públicas – embora em alguns casos para benefício privado -, seja no seu reverso, que são as erosões ou a mudança do substrato do solo.

E ainda os eventos na praia: gravações de *shows* televisivos, espetáculos musicais, competições esportivas profissionais ou universitárias. Usam tecnologia de construção transitória e, destarte a transformação súbita e impactante que podem causar no espaço se desfaz pouco tempo depois, sem deixar maiores seqüelas.

Além dos agentes endógenos da praia, que pertencem ao seu cotidiano, existem intervenções exteriores. Santos (1999) distingue a escala de *realização* da escala de *comando* da ação. Decisões extrínsecas podem determinar os rumos da praia, embora através de indivíduos que atuem na praia. É o Poder Público quem tem direitos sobre a praia e pode repassá-lo a terceiros. Funcionários seus, como os policiais e os salva-vidas, ou empregados de firma contratada – como os de limpeza urbana -, atuam na manutenção do *status quo*.

Durante todo o período da pesquisa houve a polêmica das barracas de praia que traduziu-se em permissões, embargos e construções irregulares. No final de 2007, reformas privadas no Aeroclube Plaza Show, a partir de permissão concedida pelo Município aos seus proprietários para modificar a composição das lojas. O Município ainda, frente a uma decisão judicial, elaborou novo projeto, arquitetônico e urbanístico, para o atual comércio de praia, ainda a ser aprovado. E há a expectativa de completarem as obras para as calçadas litorâneas na Pituba, com próxima etapa no Jardim de Allah, pelo Governo do Estado.

As ações que modificam substancialmente os rumos da praia, e da área-estudo, seguem intervalos maiores de tempo. A compreensão de seus impactos ao estudo histórico dos usos da praia na área-estudo, do próximo capítulo.

De um modo geral, na praia, a parte que sofre maiores impactos é o talude, por usos que: buscam transpor a calçada rumo a praia; sediados na calçada e sediados na praia, que estabelecem o talude como sua retroárea.

No primeiro caso, temos os pescadores, que precisam conduzir as naus de seus locatários da rua à areia – daí as rampas -, além de usar essa zona de borda como paradeiro de suas embarcações, o mais distante possível do mar, para evitar danos durante as tempestades. E os banhistas, por meio de caminhos abertos pelo próprio ato de caminhar, escadarias públicas ou escadas pontuais executadas pelos barraqueiros. No segundo caso, os vendedores ambulantes, que usam o talude ou como área de operações suas, ou estendem a superfície da calçada em sua direção. No terceiro caso, sobretudo os barraqueiros – mas também os pescadores -, que ganham área cortando o talude. Estes processos agravam-se pelas saídas públicas de água pluvial e o processo natural de águas pluviais.

Ainda deve registrar-se o dano feito à vegetação de restinga, que não é propriamente no talude, que ocorre de Armação a Boca do Rio, que é danificada pela circulação longitudinal ao sentido da praia, da coleta de lixo.

De um modo geral, o pós-praia não é valorizado como área verde em potencial, como acontece em Itapuã, com vegetação umbrosa e jardinagem que acaba revertendo em benefício do usuário. Curiosamente, na praia onde o trecho de areia é mais estreito em toda a área-estudo. Tampouco se compreende como uma transição estável e estabilizada no jogo das forças naturais, e principal freio à violência das marés atmosféricas, e fixação do sedimento diante da erosão. O resultado são contenções e edificações destruídas, pela força das “ressacas”, ou pela passagem das chuvas, estas de maneira mais insidiosa. Observaremos no próximo capítulo que esse descuido com o talude é antigo, prática consolidada em Salvador.

Em uma praia extensa, a área disputada por atividades é o estirâncio. É a menos ameaçada por ocupações mais duradouras ou mesmo fixas. Sóem acontecer quando formam pontas com recifes, com a instalação então de tendas de ambulantes, como na Ponta de São Tomé e alguns sítios de Itapuã.

A areia fofo, por assim dizer, é área sob risco de avanço e posse somente dos barraqueiros, através de mesas e cadeiras, para além de sua concessão inicial.

Pelo exposto, além da praia ser espaço público de conformação dada por forças em atuação, ainda que aparentemente estática pelo seu equilíbrio dinâmico, é vulnerável às ações humanas, distantes e localizadas, intencionais e acidentais. À praia não cabe o mesmo sentido de reparo ou conserto que cabe a uma praça, por exemplo. Nem o seu reverso, desenhos que vão de encontro com as forças que a mantêm. Como a exemplo das obras no pós-praia. Ou das contínuas terraplenagens feitas em Armação, na saída do canal de tempo seco. Basta uma chuva mais forte, que a vala – a saída do que antigamente foi um rio em direção ao mar – se abre novamente.

4.6. A INFLUÊNCIA DO ENTORNO E MAIS ALÉM

Este é um apanhado dos momentos observados em que o entorno imediato afeta a praia. Pode se dar por estabelecimentos pontuais, por um uso do solo urbano vizinho mais disseminado ou por estruturas técnicas que perfazem redes urbanas.

Vimos que lojas próximas de aparatos esportivos ministram cursos de *kitesurf*, surfe e *bodyboarding* influenciam sua ocorrência na praia, como em Jaguaribe e Piatã. Uma hipótese para a aparição de ebós nas areias e recifes de Itapuã é a presença de grande número de terreiros de candomblé no entorno.

A movimentação noturna na praia e adjacências se dá por estabelecimentos que têm seu ciclo de atuação relacionado. No Jardim de Allah, os restaurantes são co-partícipes de uma dinâmica que envolve a prostituição litorânea e barracas de praia específicos. No Parque dos Coqueiros, os leitos do entorno apóiam os turistas no verão, que vão à praia, com a ocorrência de turismo sexual. Em Itapuã, o entorno festivo do Parque da Sereia e adjacências propiciam movimento noturno para a área e permite o uso da areia por namorados.

O Aeroclube Plaza Show, embora sem a intenção de seus promotores, com seu gramado bem cuidado orientado à praia, o calçadão e mesmo suas lojas, tornavam a área preferida para contemplação. Com a decadência do estabelecimento e as reformas de final de 2007, o movimento esmoreceu no talude e areia esmoreceu.

O papel das residências e sua faixa de renda no entorno já foi descrita. As praias com maior densidade – Itapuã e Piatã – são próximas a grandes contingentes populacionais. Porém, o fato de haver demanda potencial pela praia não a torna ocupada. Vide o caso da Boca do Rio, praia quase deserta, a despeito do entorno densamente povoado. Os moradores do entorno aproveitam uma qualidade já existente; não a criam, nem vão em massa na sua ausência. No caso de bairros pobres, os surfistas que vivem nela vão às praias próximas, como já visto.

A ausência de residências, o entorno com lotes vazios ou usos comerciais de baixa movimentação do espaço público, também afetam a praia. Segundo Jacobs (2003), o bordo marítimo seria uma área de fronteira, mais sensível à perda de vitalidade urbana. A praia é um destino, mas somente durante uma parte do dia³. Ladeada por via de forte tráfego, é seccionada do entorno, limitando as interações entre as duas margens da pista. O vazio de atividades é comum no período da noite em trechos longos da orla, e

³ Certas fronteiras têm interação de usos em ambos os lados, mas boa parte dele se restringe ao período do dia e diminui drasticamente em certas épocas do ano. Parques amplos são exemplos comuns. (JACOBS, 2003: 290).

especialmente mais forte no trecho de Corsário a Jaguaribe, onde mesmo durante o dia o entorno imediato é ermo, chegando a ser perigoso. Dois exemplos desmentem tal situação como inevitável: uma fora, e outra dentro da área-estudo. A Barra e Itapuã/Placaford são áreas onde os usos da praia e da sua margem se alternam e, em alguns casos, se complementam, ao longo do dia. Variedade de estabelecimentos e atividades permitem que diferentes contingentes se alternem e o lugar pulse de vitalidade, sem afeitar negativamente a praia.

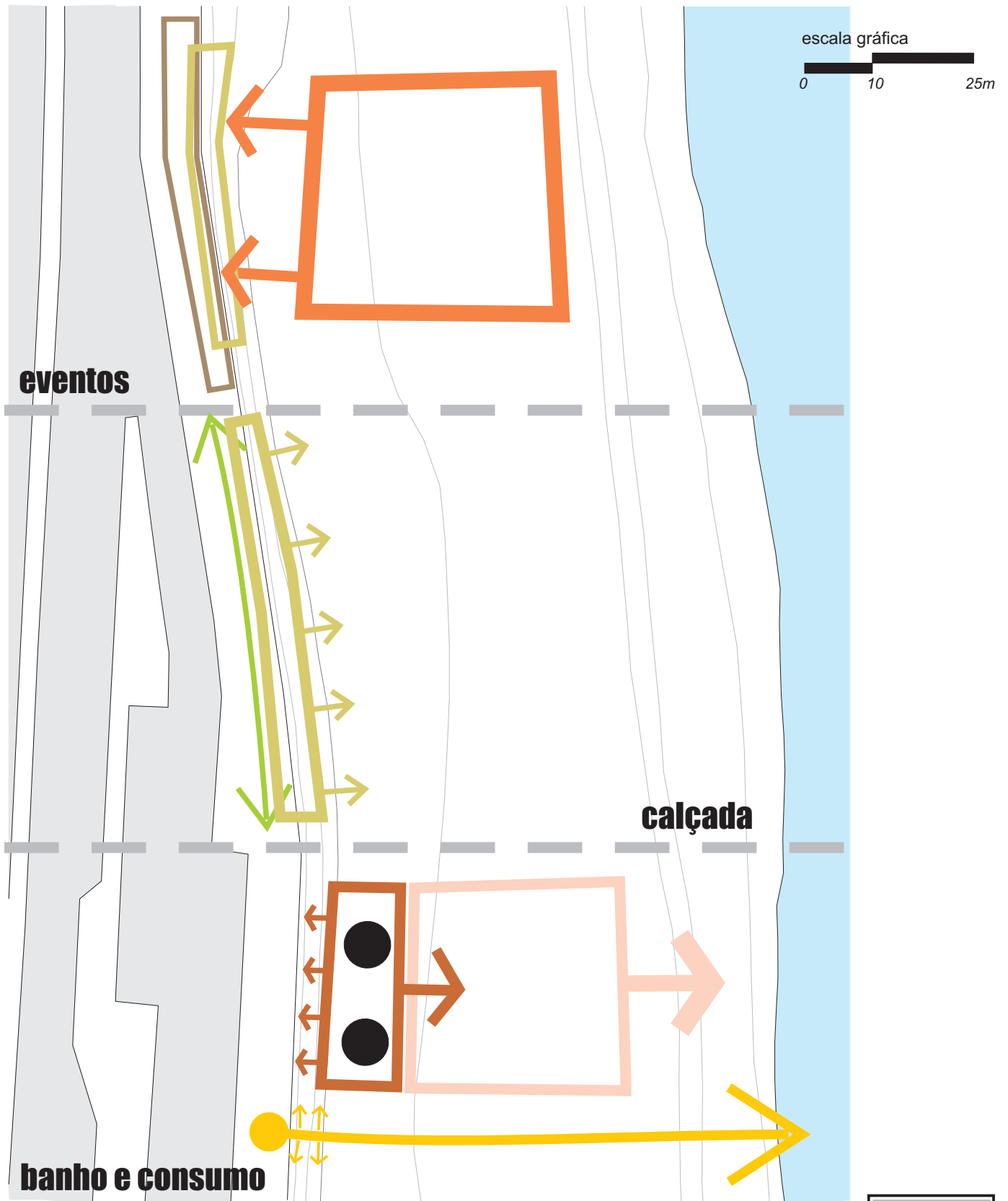
As redes técnicas compõem na forma do esgotamento urbano. O mar é destino final dos efluentes líquidos de Salvador. Para tanto, se materializam na praia construções que fazem parte desse sistema, e suas descargas.

São as construções: saídas locais de drenagem pluvial (mais comuns em Itapuã), um canal de tempo seco e uma estação de bombeamento em Armação, e a foz dos rios urbanos. A drenagem pluvial interfere em dois momentos: no trajeto do caminhão de limpeza que contorna suas saídas pelo talude, e quando há conexões clandestinas com esgoto domiciliar, em Itapuã, produzindo línguas negras, que comprometem a qualidade da água e da areia. A foz dos rios não é uma construção explícita, mas torna-se um componente do sistema de drenagem da cidade, e sobretudo uma eleição. Na área-estudo, o rio Jaguaribe e o Rio das Pedras são os drenos da cidade que afetam a praia.

A influência das bacias de drenagem cloacal se dá em duas escalas. Imediata, do entorno, quando são conexões clandestinas nos drenos pluviais, em Itapuã. E de bacias inteiras de captação, quando o uso se dá pelos rios urbanos. Esta carga poluente, em última instância, tem sua pluma de dispersão orientada para o sudoeste, pela direção das correntes marinhas, impactando sempre a parte sul da área-estudo. O rio Jaguaribe contamina, embora de modo pouco perceptível, sua margem sul, praia deserta. É o Rio das Pedras altera odor e coloração da água por centenas de metros da praia da Boca do Rio.

A idéia da praia como paisagem – e não como lugar específico para se contemplar a paisagem, como acontece – parece orientar os que circulam pela ciclofaixa e calçada. O mesmo pode ocorrer ainda com os automóveis ao longo da via beira-mar. Permanece como hipótese, inconclusa por estar fora do alcance da pesquisa, o papel paisagístico que a praia tem, junto com o horizonte oceânico, para os soteropolitanos.

impactos das dinâmicas praianas

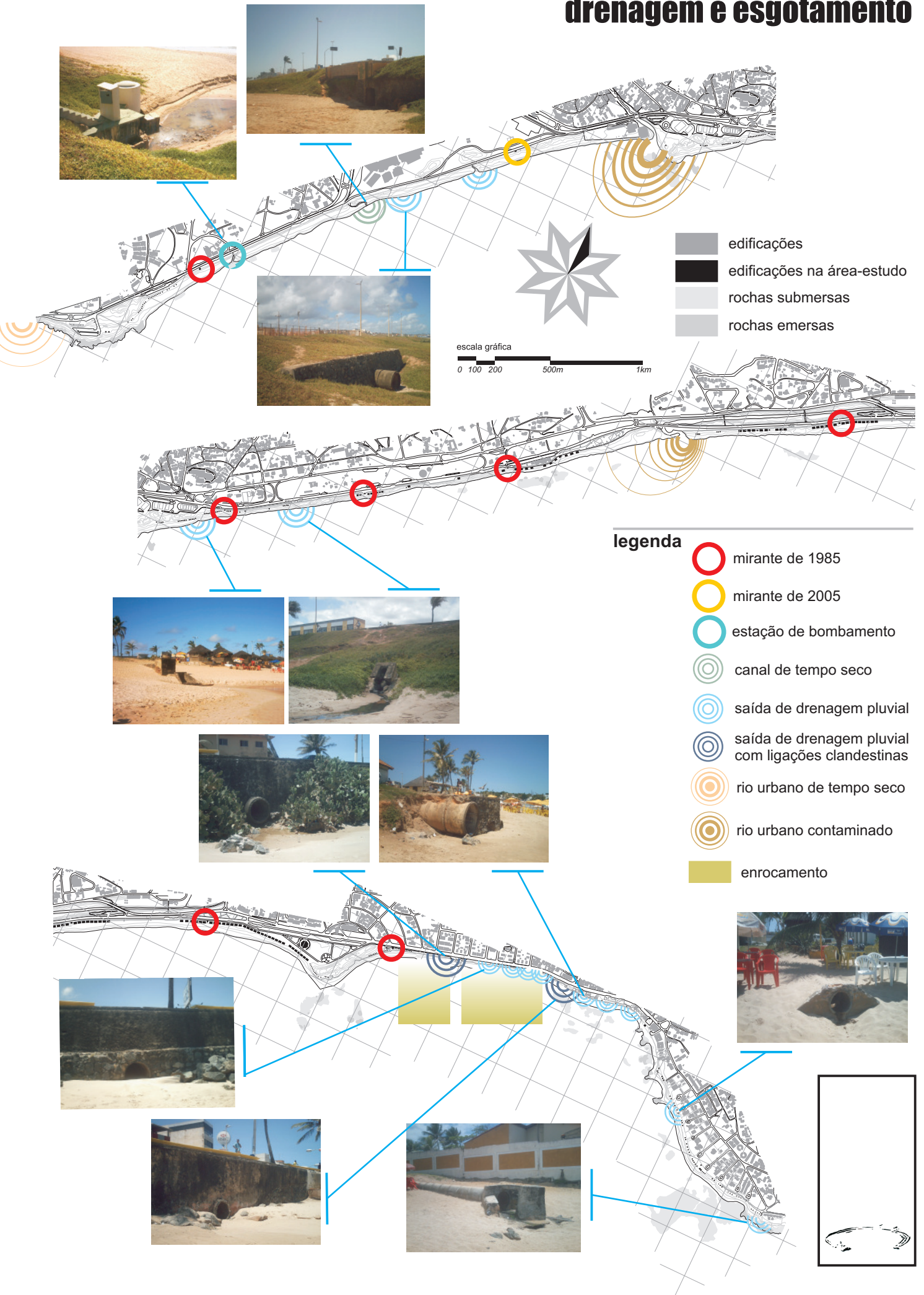


legenda

- | | | | |
|--|--|--|---|
| | barraqueiros | | fluxo de caminhantes |
| | vetor de ampliação/ impacto dos barraqueiros | | vendedores ambulantes |
| | clientes de barracas | | vetor de ampliação dos vendedores ambulantes |
| | vetor de ampliação dos clientes | | espetáculo (organizadores, performáticos, platéia formal) |
| | fluxo de banhistas | | vetor de impacto do espetáculo |
| | impacto dos banhistas | | platéia informal (transeuntes) |



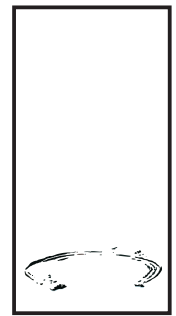
drenagem e esgotamento



- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas

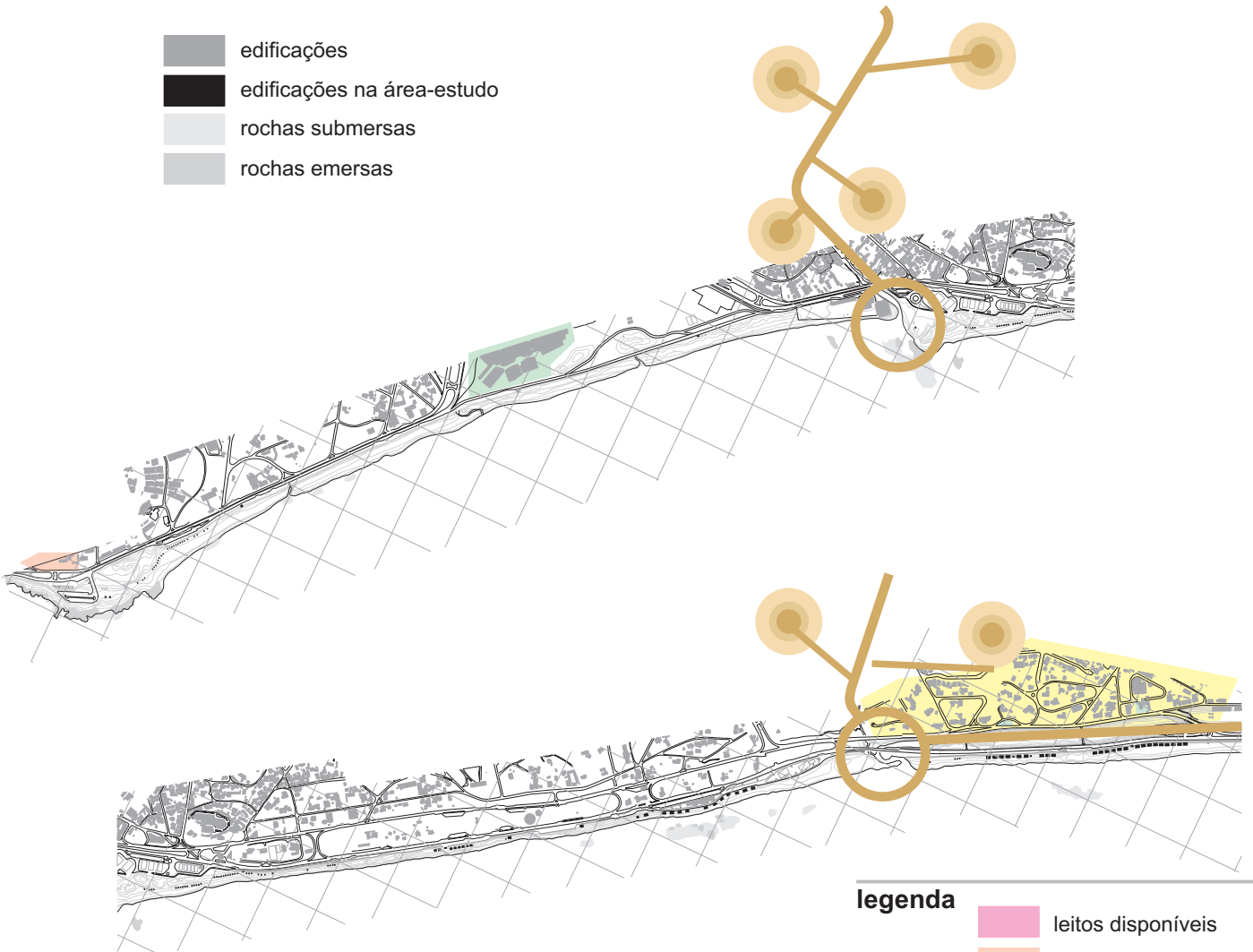
escala gráfica
0 100 200 500m 1km

- legenda**
- mirante de 1985
 - mirante de 2005
 - estação de bombamento
 - canal de tempo seco
 - saída de drenagem pluvial
 - saída de drenagem pluvial com ligações clandestinas
 - rio urbano de tempo seco
 - rio urbano contaminado
 - enrocamento



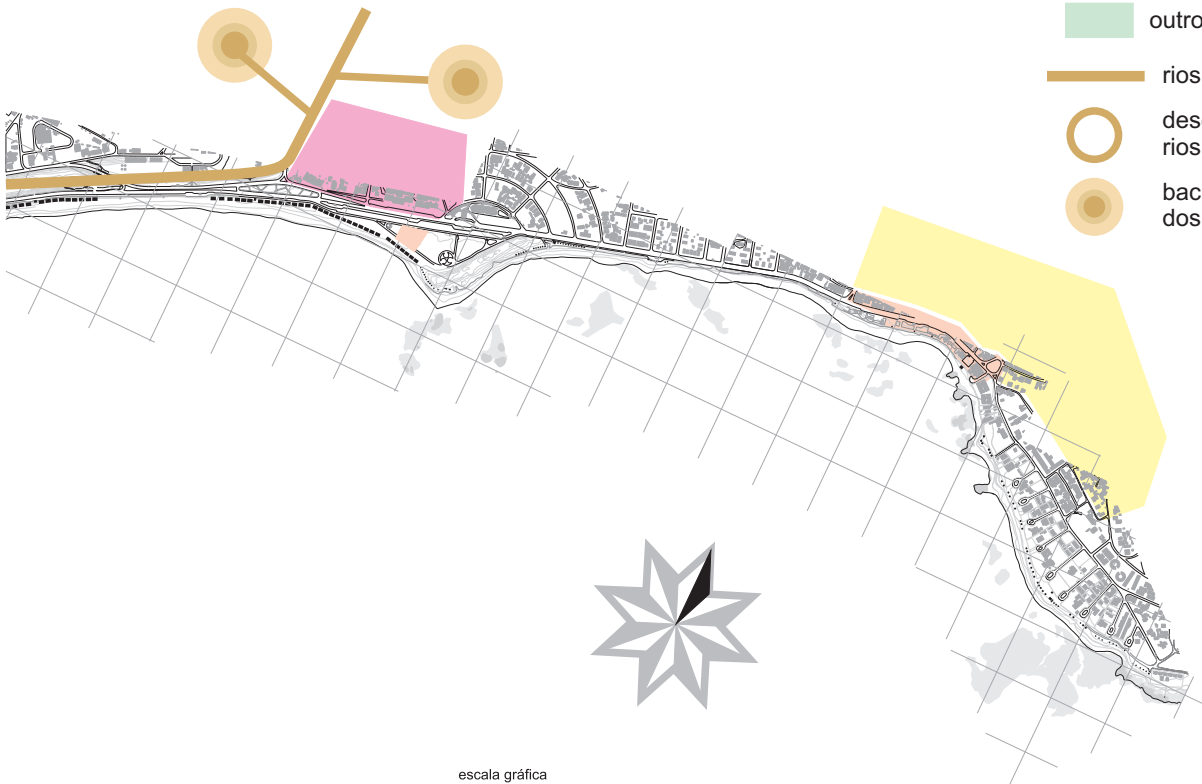
influência do entorno

- edificações
- edificações na área-estudo
- rochas submersas
- rochas emersas

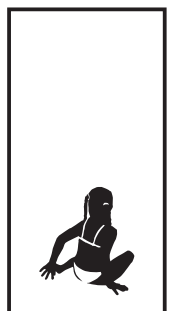


legenda

- leitões disponíveis
- vida noturna
- moradores no entorno
- outros
- rios contaminados
- desembocadura dos rios contaminados
- bacia de contribuição dos rios contaminados



escala gráfica
0 100 200 500m 1km



CAPÍTULO 4

SÍNTESE DA ÁREA-ESTUDO

4.1. O QUADRO GERAL

São os usuários originários da área-estudo:

- . os pescadores – de embarcação, anzol e linha e submarinos
- . os banhistas
- . os babeiros (jogadores de futebol amador)
- . os atletas profissionais e amadores
- . os surfistas
- . os que caminham e correm ao longo da orla, e
- . os que buscam a contemplação da paisagem

Como dito antes, essa movimentação não corresponde a um encadeamento real dos fatos no cotidiano. Por exemplo, o barraqueiro apresentava-se na areia em função de uma clientela composta originalmente de banhistas. Hoje, sua presença condiciona a presença e a ausência de banhistas no mesmo lugar. Nem mesmo quanto à agenda cotidiana isso é verdade: ao longo do dia, quem primeiro chega à praia é o comerciante que vai preparar seu ponto comercial, em função de um público que virá.

Novos usuários se dirigem à praia para relacionar-se com os usuários originários na medida em que isso soluciona alguma obrigação profissional ou expectativa de lucro. No primeiro caso, o exemplo é o de funcionários lotados na praia ou à beira-mar: salvavidas, limpeza, policiamento, terraplenagem, serviço de poda, segurança patrimonial, conserto de esgotos. No segundo caso, os comerciantes, de ponto fixo (barracas, quiosques, restaurantes) e ponto móvel (ambulantes).

Como o que lhes rege é a expectativa de lucro, há uma afinidade sempre com o público-alvo (visível no caso dos trechos onde os banhistas levam crianças) e com seu poder aquisitivo (na diferença entre estratos sociais). Uma vez na praia, os atores podem se relacionar por formas solidárias para além de trocas monetárias ou escambos. Mas a presença exige motivação mais intensa, da qual a única encontrada foi o retorno financeiro, assalariado ou por comércio e serviço na areia. Por exemplo, o comércio formal e informal se desloca à praia em função de três situações:

- . o banhista à areia,
- . o sujeito na calçada caminhando ou correndo, e
- . espectadores de eventos locados na praia

Destes, os banhistas são os grandes mobilizadores da praia. Enquanto os usuários do calçadão, embora não estejam exatamente na praia, atraem outros usuários que a impactam.

Na área-estudo é vedada a moradia; é, portanto, sempre visitada. Devemos no entanto distinguir aqueles que vão por momentos breves, até mesmo em dias esparsos,

dos que permanecem períodos mais longos todos os dias. A estes últimos chamei de *população de praia*.

Embora alguns sejam em número reduzido, ou mesmo uns poucos indivíduos, sua permanência e conhecimento íntimo do espaço e usuários os torna cruciais para a dinâmica do local. A permanência não se faz sem seu preço: os membros dessa população acabam por constituir seus laços, entre si e com os visitantes. E constituem não raro os nexos entre situações distintas. Somente os pescadores de embarcação são, ao mesmo tempo, população de praia e usuários originários. Os demais estão em função de usuários visitantes.

Importante ressaltar que o principal grupo de usuários em número – os banhistas – são visitantes no espaço, e ainda assim são os grandes mobilizadores da praia. Por outro lado, um vigilante pode ser imperceptível, e ainda assim os efeitos de seu serviço implicarem em outra dinâmica.

Há quatro oscilações de maior peso no ambiente praiano:

- . a alternância entre dia e noite;
- . o regime das marés;
- . as estações, e
- . os ritmos laborais da sociedade

A alternância entre dia e noite afeta ainda mais as dinâmicas praianas pela ausência de iluminação noturna em grande trecho da área-estudo. Nestes escassos lugares – como em Placaford – e em praias externas – Porto da Barra – observa-se que a iluminação noturna estende alguns dos usos diurnos para o período da noite. Principalmente a prática desportiva, mas também algo de banho de mar, exclusivamente, e cria em Itapuã, uma certa lógica de belvedere para passeios. Importa ainda o contrário: inibir usos que são, em sua larga maioria, ilícitos, tais como desova de cadáveres e comércio de narcóticos (ambos segundo depoimento, em área de Itapuã) e intercuro sexual, homo e heterossexual (segundo depoimento, em trechos como Patamares). Há, claro, atividades onde a luz natural, sem sucedâneo possível, é parte indispensável da *affordance*, como a pesca submarina ou o banho de sol.

O ciclo das marés é particularmente significativo onde a faixa de areia é estreita, como Jaguaribe, ou onde põe a desnudo afloramentos rochosos. As marés alteram a própria substância do meio, o comportamento do solo e sua sinestesia. Influenciam principalmente o banho de mar e algo do banho de sol ao aumentar a área de exposição frente à água. Também o baba, já que em boa parte da área-estudo a própria existência da área para sua realização depende da maré. Ainda a coleta de lixo, já que a maré alta deixa franja de resíduos, entre manufaturados e algas marinhas, para serem recolhidos diariamente. A variação das marés, principalmente em trechos de afloramento rochoso, altera a franja de ocupação da pesca de beira de praia.

As estações, embora menos demarcadas que em outros lugares do mundo, trazem direções diferentes de ondas e alteração do perfil da areia. Trechos guarnecidos durante o verão ficam expostos às frentes de onda no inverno, pela conformação do litoral atlântico de Salvador, tornando-se menos propícios ao banho e com maior incidência de surfistas e kite-surfistas. Ainda que não tão regular, o regime das chuvas é significativo na praia, comprometendo ainda mais o banho de mar e a pesca submarina, e inibindo completamente o uso da calçada para caminhadas e da praia como contemplação.

Os ritmos laborais implicam em picos de banhistas nos finais de semana e feriados prolongados, e maior constância nas férias trabalhistas. Coincidindo com o período de verão, transformam-no em época de maior demanda da praia.

Essas quatro oscilações são as de maior peso no ambiente praiano, são dos princípios que dividem a praia em atividades não sincrônicas. Cada atividade exercida na praia tem uma leitura própria daqueles elementos que contribuem ou prejudicam sua execução, e portanto uma compreensão particular dos ciclos.

Como vimos a partir dos subtrechos, dos grupos de usuários e dos diagramas, há três dinâmicas ao longo da área-estudo, mobilizando usuários para além de atuações isoladas, como a prática cotidiana do surfe ou o universo do labor dos pescadores. A mais intensa é a dada por banhistas e barraqueiros. Existe aquela galvanizada por pessoas caminhando nas calçadas da orla. E, por último, eventos, dados por calendários festivos ou pela iniciativa privada, que perfazem mais um tipo, com algumas peculiaridades em comum para certos eventos.

CAPÍTULO 5

PERSPECTIVA HISTÓRICA

A ênfase desta exposição se dá em Salvador, com recuos ao passado até a distância cronológica que for julgada esclarecedora. A orientação é teleológica, retornando-se às raízes de fenômenos contemplados na pesquisa, e não genealógica.

Esse estudo histórico nos ilumina em dois aspectos. O primeiro, a partir da percepção de uma série histórica que pode ser compreendida como fenômenos de longo prazo. Essa construção de um padrão a partir dos efeitos carece de uma informação vital: a compreensão profunda de suas causas. Não se considera, então, sua predictibilidade nem mesmo a possibilidade desta. Trata-se de averiguar a continuidade de tais processos.

O outro aspecto é que há fenômenos reincidentes ao longo da história geral da praia. Sua repetição nos ajuda a evidenciá-los na atualidade, despercebidos no correr da pesquisa, e a incorporar certos elementos dentro de uma compreensão distinta.

A análise presencial centra-se sobre os grupos de usuários, alinhados pelo tipo de atividade que exerce na praia. A prospecção histórica, por sua vez, não parte destes grupos, mas sim do aspecto geral a que eles correspondem. Entenderemos, por exemplo, o alvorecer do lazer moderno de praia e as formas como se deu e o que nos chegou hoje, e não uma trajetória específica do banhista ou da pesca. Ao longo do século XX, foram assignados quatro papéis à praia atlântica: como repositório de rejeitos indesejáveis, como fonte de recurso pa extração, como revelação ou comunhão com o sagrado, e como local privilegiado de lazer.

Como veremos, há uma relação entre o extrativismo, na forma dos pescadores, e a praia como um local do sagrado e do mágico. E uma conexão estreita entre o lazer na praia e seu uso como rejeitos, donde sua apresentação relacionada.

5.1. O EXTRATIVISMO, O MÁGICO E O SAGRADO

Houve extrativismo mineral na forma de pedreiras em pontos específicos da orla atlântica, com poucos registros encontrados. Mas a principal forma de extrativismo é o animal.

A Baía de Todos os Santos representa transição de duas *populações tradicionais* litorâneas (DIEGUES, 2002): os pescadores artesanais¹ e os jangadeiros. Na costa atlântica da área-estudo viscejam estes últimos, centrados na pesca com jangadas ou botes, com renda complementar do coqueiro ou roças de mandioca. O extrativismo baseia-se nas espécies de palmeiras, da qual retiram as fibras para

¹ Populações que complementam com o extrativismo vegetal, o artesanato e pequena agricultura, a pequena pesca feita em canoas, perfil espalhado pelo litoral e com forte presença no Recôncavo Baiano (DIEGUES, 2002).

confeccionar suas coisas, como suas casas, sempre de folha ou palha de coqueiro (TAVARES, s/d; RIO VERMELHO..., 1988), reforçando sua precariedade. Esse era o perfil das antigas vilas de pescadores da cidade. A partir da presença do saveiro na Baía de Todos os Santos, a jangada foi paulatinamente substituída, ao longo da orla atlântica.

No litoral atlântico de Salvador encontra-se ao longo do século XX a pesca da baleia, a pesca em pesqueiro de alto-mar e canoa no litoral, a pesca de beira de praia e pedra, a pesca de recifes e o arrastão ou puxada de rede.

A pesca, ou caça, da baleia, datava de 1603² segundo Frei Vicente de Salvador (OSÓRIO, 1979), pois a Baía de Todos os Santos era local de reprodução das baleias. Findou com sua industrialização: uma companhia trouxe dois navios com arpão a tiro, e caçaram indiscriminadamente, extingüindo as baleias em 2 anos (LOPES, 1984). Era atividade das comunidades de julho a agosto. Dela, nos interessa duas coisas: que a extração de seu principal produto, o óleo, se fazia nos Contratos em Manguinhos (Itaparica)³ e Itapuã, e que a extração da carne se fazia na areia da praia. No retorno do mar os caçadores sinalizavam, e as pessoas iam à praia, levando ferramentas e escadas, e cortavam o toucinho, onde estava a maior parte do lucro. Depois cortavam em grandes pedaços a carne, o *talhão*. Não havia tecnologia para conservar a carne: as mulheres compravam-na, tratavam-na a noite inteira, lavada com limão e cortada em fatias finas, e depois temperavam e assavam na brasa, fazendo a moqueada (ou se comia com escaldada com verduras). Daí enchiam o balaio e iam a pé vender na cidade (porque também não havia transporte).

Depois temos a pesca em alto-mar, pelos jangadeiros, tornados saveiristas com os anos - segundo Antônio Alves Câmara (CASCUDO, 1964: 124), em 1888 a jangada era o único meio de transporte e pescaria usado em todo o litoral norte, dominando até o começo do séc. XX. A paisagem de quem trabalha no mar é o continente: os pesqueiros⁴ eram localizados por marcos terrestres: elevações na Ilha de Itaparica, o Farol da Barra e a Cajazeira, árvore que ficava no Cabula visível do mar, e ainda a Cajazeira do Meireles e os *argaços*, manchas permanentes da areia usadas como marcas (LOPES, 1984). Os pesqueiros mais distantes têm como referência outros acidentes, atrás de Itaparica, chamados de “terra aberta”, e rochedos subterrâneos por sua sombra na água⁵. A marca de terra é um dos atributos para se nomear o pesqueiro, assim como a topografia do leito marinho: Meia Peça do Coqueiro é nome dado a um pesqueiro de meia profundidade (cerca de 80 metros), demarcada por um coqueiro em terra. A relação com o continente, uma forma de trigonometria empírica, é de tal forma que se acaso os pescadores perderem uma marca em terra (a derrubada de uma árvore, por exemplo), perdem a localização do pesqueiro (GRANDO, 2006).

A preservação do pescado era crucial. As mulheres, chamadas *ganhadeiras*, pernoitavam assando o peixe para vendê-lo no dia seguinte em gamelas, com sua freguesia certa, ou o salgavam, para preservá-lo por mais tempo, ao custo de diminuir seu preço.

² Quando vieram os biscainhos liderados por Pedro de Urécha, no que os nativos seguiram. A existência do recurso não é sinônimo de sua extração.

³ Desde 1850, quando se transferiu da Ponta da Cruz (OSÓRIO, 1979).

⁴ Usavam os de alto-mar, porque muitos peixes não vêm à costa. Lopes (1984) fala do vermelho, que só aparece a 200m. de profundidade. A localização dos pesqueiros era segredo de cada pescador, guardado a sete chaves.

⁵ Os jangadeiros paraibanos, segundo Câmara Cascudo (1964), chamam-nas de *Pedras Marcadas*.

No final dos anos 1920 veio o gelo, fabricado no Largo da Preguiça e chegando no Rio Vermelho em carroças. O gelo permitia maior durabilidade e, portanto, maior raio de ação da venda, porém era de custo alto. Aparece a figura do *peixeiro*, similar ao capitalista clássico do marxismo: comprava o peixe e o guardava em barracões e depósitos, com gelo e pó de serra, e daí o revendiam.

De canoa se ia aos pesqueiros próximos, aos pares – uma para a pescaria e a outra para socorro e depósito do pescado (TAVARES, s/d). Mais os pescadores de beira de praia e pedra, que pescavam com redes, tarrafas, vara-paus, varinhas e linha de estender. Não se pôde atestar a veracidade das afirmações de Lopes (1984) sobre a crise na população de peixes dos recifes.

As pescarias nas pedras era prática comum no Rio Vermelho, inclusive por operários, que revezavam esta profissão com a de pescador, o que lhes valia a sobrevivência em épocas de falta de trabalho. Este tipo de pescaria, no entanto, diminuiu bastante e já não se fisgam mais peixes grandes nas pedras, principalmente após a instalação da Tibrás na praia de Arembepe. Por causa da poluição, têm aparecido muitos peixes mortos em cima d'água e os cardumes têm se afastado do litoral. (LOPES, 1984: 35)

E os pescadores de recife, com a pesca de polvo-e-lagosta e a mariscagem de pinaúna e coleta nas poças d'água. Nas marés de sizígia, procedia-se à cata de mariscos e peixes nas pedras. Iam as mulhães – velhas, senhoras, meninas – e os meninos, que se divertiam, com balaios e ferros para tirar as pinaúnas, intumescidas e expostas pela maré baixa. Assavam-nas na praia, ou as levavam cruas para a casa, para escaldados. Nas poças nas pedras catavam peixes: botavam *tinguí*, uma folha miúda, pisoteada antes, que tornava a água verde e tonteava os peixes, para então catar e pôr nos balaios. Os homens deixavam suas jangadas, e tornavam-se *pescadores de polvo e lagosta*, como chamavam, aproveitando a maré baixa. Existia ainda pesca com “munzuá”, cestou ou alçapão, feito de uma espécie de cana, posto na maré vazante (TAVARES, s/d). A mariscagem de mãe com filhos nos arrecifes ainda se faz na Praia do Forte (GRANDO, 2006), com a proibição do uso do tinguí por motivos ambientais.

Por último, a pesca do xaréu. Acontecia nas praias de Armação de Cima e de Baixo, em Areia Preta, Amaralina, Chega Nego⁶, Cataçaba e Pau de Pinho (LOPES, 1984); no Carimbamba e Saraiva (TAVARES, s/d) e na praia do Flamengo (BAHIA, 1971). Até o final dos anos 1960 havia puxada de rede na praia de Santana (PORTO FILHO, s/d). Em Amaralina atraía muita gente, que preferia comprar o xaréu ainda vivo – era considerado peixe de pobre. Porém foi Armação que sagrou-se como local de contemplação folclórica desse complexo rito ligado ao mundo do trabalho. Atividade desde os tempos da Colônia segundo Frederico Edelweiss (TAVARES, s/d), acontecia de outubro a abril, quando o pescado vai para o norte. A rede de xaréu, feita pelos pescadores, custava caro e era pesada, de tamanho tal que era puxada por sessenta e três homens – vinte homens da terra, vinte homens do mar, vinte atadores, um mestre da terra, um mestre do mar e um chefe. Posta no mar, espera-se o cardume – que pode vir nos momentos seguintes ou não passar no dia, no que se retira a rede para não danificar. O mestre do mar sonda a vinda do cardume, conta, sinaliza quantos viu, e apita para iniciar a puxada. O mestre da terra coordena as pessoas. Cortam as cordas que fixam a rede aos blocos, e a corda ao redor da rede começa a ser puxada. Na areia revela-se o resultado da pesca. Os atadores encontram e reparam os danos na rede, estendendo-a na areia. Os pescadores, apenas com

⁶ O nome Chega-Nego viria “dos gritos dos senhores, chamando os negros escravos para puxarem as redes do xaréu” (TAVARES, s/d: 42).

calção e chapéu de abas largas, cadenciavam sua força de trabalho ao som de canções, à maneira de outras atividades braçais tradicionais. A puxada de rede não foi só atividade pesqueira: também foi atrativo turístico – em pequena escala – cantada em verso e prosa, pelo pitoresco de sua imagem, e pela existência de uma coreografia e música⁷. O espetáculo não se resumia à pesca do xaréu. Com a ocupação gradativa da orla, tornou-se comum assistir, no Rio Vermelho, à partida ou ao regresso dos pescadores, respectivamente pela manhã e pela tarde (RIO VERMELHO..., 1988)⁸.

As comunidades de pescadores perfaziam um sistema entre si. Lopes (1984) aponta que eram muito próximas as comunidades do Rio Vermelho e de Itapuã por causa do Contrato.

Em 1954 (RIO VERMELHO..., 1988) deu grande pesca de guaricema na Semana Santa, cardumes que passaram por ali sem sinal nem em Itapuã e Itapagipe, no que até os pescadores da Pituba foram para o Rio Vermelho pescar. Diz Cid Teixeira (RIO VERMELHO..., 1988) que o porto da Mariquita funcionava como porto de toda a costa norte do Estado da Bahia: afluíam-lhe de Mangue Seco, Subaúma, Itacimirim, Itapuã, toda produção do litoral escoava-se ali, e o Peso, em Santana, era instituição colonial – documentos do séc. XVII e XVIII falam no Peso da Pituba e do Rio Vermelho. Sua função era de aferir medidas de vendagem do peixe, e também centro de concentração de pescadores⁹. A relação não se limitava ao mundo do trabalho. Na Festa de Nossa Senhora dos Mares, em Amaralina, a santa saía da igreja do mesmo nome (no atual quartel de Amaralina) para a Igreja N. Sra. da Luz, na Pituba e dali, em procissão marítima, até a Igreja de Santana, para depois retornar – com festejos da qual os pescadores de outras comunidades (até Itaparica), além das três envolvidas, participavam.

O ponto de ancoragem é determinante em mar aberto: onde há um porto natural, há uma comunidade de pescadores, já que para obter os recursos extraídos mais lucrativos – a baleia e o pescado de alto-mar – pode-se partir de qualquer porto. No caso da baleia, o peso dos Contratos, únicos estabelecimentos onde se pode beneficiar a baleia. A tecnologia incide também sobre a nau. Inicialmente jangadas frágeis, onde partiam poucos homens, depois saveiros. Mais resistentes, capazes de pernoitar no mar, de afastar-se mais da costa, eram também mais caros. Daí que pertenciam a um dos pescadores, que tinha 20% ou o “quinto” sobre o lucro bruto da pesca (LOPES, 1984: 43). Em tempos mais recentes, levavam gelo para conservar os peixes. Na orla atlântica imediata a Salvador, apenas a Praia de Santana e o Farol de Itapuã comportam barcos maiores como eram os saveiros.

Ênfase no casamento da disposição do recurso natural e tecnologia para obtê-lo (pescueiros e saveiros, baleias e baleeiros) com o saber usar o recurso. Em várias pedras da orla atlântica encontra-se a pinaúna ou ouriço-do-mar, transtorno para os banhistas. Apenas a pessoas de comunidades de pescadores, com intimidade com mar, ocorre catá-las para comer¹⁰. O mesmo com os peixes: os mais caros não são os

⁷ Depois esvaziada de sua conotação laboral, na música e dança conhecida como *puxada de rede*, presença obrigatória em todo balé folclórico. O mesmo acontece com a *mariscada*.

⁸ Também não era novidade. Nunes (2003) registra a apreciação da vida laboral dos pescadores em Portugal, sempre regida sob o código do pitoresco, na segunda metade do séc. XIX.

⁹ Segundo o historiador, perdeu importância nos anos 1950, pela turistização, transformando-se em Templo de Yemanjá.

¹⁰ Era a comida melhor do mundo como eles diziam. Alguns traziam as pinaúnas cruas para casa e faziam um escaldado com todas as verduras, também era uma comida boa. Até o chefe da casa, quando chegava do trabalho e encontrava uma comida de pinaúna, tinha grande satisfação, porque as pinaúnas são boas até cruas e têm muita

preferidos dos pescadores. Preferem o cação, a arraia, o caramuru, o barbeiro, em vez dos peixes de primeira: “Não é raro vê-los dizer: ‘Eu não vou deixar de comer moqueca de arraia, caçonete, caramuru, barbeiro, para comer vermelho ou cavala. Isso é peixe para branco, que não sabe comer’”(LOPES, 1984: 35).

O extrativismo originalmente imanta o seu entorno. Requer o beneficiamento do produto extraído, para o consumo imediato ou para a venda. Com poucos meios de transporte e sem tecnologia para preservação, o papel da distância física era crucial. A tecnologia nesses dois pontos serviu para dissociar o local da extração do local do beneficiamento e este, por sua vez, do local da venda e do consumo. O progresso tecnológico permite fragmentar o espaço e recombiná-lo em sistemas que abrangem parcelas maiores do território, relacioná-lo com não-vizinhos.

A técnica também progrediu quanto ao veículo e os instrumentos de pesca, com efeitos diversos. É de 1960 o advento do barco motorizado (IVO, 1975), que cindiu ainda mais os pescadores. Com o motor, tinha-se maior produtividade, com menor tempo de alcance entre os pesqueiros, e a conseqüente abertura da pesca oceânica, para quem tinha condição de possuir a tecnologia. Aumento de produtividade, esta mais generalizada, se deu com as redes e fios de nylon, da mesma época. Mais resistentes, liberavam o pescador da constante manutenção da linha de algodão - conserto, secagem e tintura periódica com banho em tinta de jacatirão. A atividade, por mais que se revista da importância pitoresca que lhe atribuía os banhistas, é profundamente dependente das inovações tecnológicas e sua produtividade. A tecnologia aplicada aos instrumentos de pesca tornou-os acessíveis, e dissolveu a importância da coletividade na aquisição e manutenção dos mesmos. A tecnologia aplicada aos veículos salientou a disparidade entre os extremos de eficiência e renda dos pescadores.

Por último deve-se assinalar a exaustão do recurso natural – ou exploração predatória, ou mudança nas condições ambientais.

Gradativamente se abandonaram formas anteriores de pescar. O fenômeno do pitoresco, contemplado por turistas e veranistas, desapareceu. Os jangadeiros sumiram, e também os saveiros, da orla atlântica. As redes sintéticas eliminaram o porte da pesca de arrasto, fundeada no esforço coletivo pelo custo elevado da rede primitiva. O único lugar onde se registrou ainda pesca de arrasto, sem as dimensões da legendária pesca do xaréu, foi em praia deserta e sem espectadores – a da Boca do Rio. E, importante: a pesca de arrasto com as canoas tradicionais em beira de praia são sintomáticas de agrupamentos de pescadores pobres.

Na ausência de comunidades preferencialmente de pescadores, catação, mariscagem e outras atividades comunais (com o perdão da redundância), também perderam o sentido. A urbanização as desfez, como também desfez os laços estabelecidos no veraneio com os pescadores originais.

As alterações na constituição das comunidades de pescadores à beira-mar afetaram o uso da praia como local de revelação do divino.

Azevedo (1988) lembra a primeira missa em solo brasileiro e aponta os batismos imersão aos catecúmenos e convertidos das igrejas evangélicas e cultos esotéricos que saúdam o nascer do sol em suas datas sagradas. Mas aqui narraremos as atividades que permaneceram de alguma maneira até os dias atuais.

Por seu turno, o banho-de-mar tem certo caráter de rito que se cumpre periodicamente com sentido consagratório de identidades societária e cultural pelo imperativo da atração e fascinação e do medo da água. A imersão nesse fluido, que se concretiza para milhares e milhares em nossas praias, é uma das manifestações do velho culto das águas – epifanias aquáticas que reverenciam essa matriz universal e tem seu maior mistério nos oceanos (AZEVEDO, 1988: 30).

Não concordo com essa visão. A imersão na água oceânica não é uma constante em todas as sociedades, nem na cultura ocidental ao longo de sua história. Ao contrário, é episódio recente. Difícil entender a massificação atual, com o lazer como propósito, como uma resposta atávica a alguma tradição ancestral, ou mesmo algum sentido místico transcendente. A constituição da abordagem do preternatural no litoral soteropolitano o demonstra.

Em Ondina, ia-se a uma gruta que chamavam de *milagre de São Lázaro* (LOPES, 1984). Dali corria uma água onde os fiéis banhavam-se, depositando muletas e tudo que usavam quando doentes, acendiam velas e agradeciam-lhe o milagre. Depois iam à praia banharem-se no mar, para depois festejar tocando sambas, com comida e bebida que levavam, em um piquenique à beira-mar, e só retornavam à noite. A cura dava lugar a festejos profanos e socialização, porque os rapazes iam assistir e tomar parte dos festejos, e ali observavam as moças (LOPES, 1984). A noção das águas curativas, tanto as da gruta como as do mar, que reforçam a idéia “cultu” dos bons ares e do banho de água fria que vicejava próximo dali, como veremos. Um lugar próximo também com significado sagrado era a Gruta da Sereia.

Era uma gruta muito grande, parecendo um salão, e lá cabiam muitas pessoas em pé. No meio havia uma espécie de banheira ou bacia que vivia sempre cheia de água doce, sempre cristalina, que minava das próprias pedras. Diziam que à noite Yemanjá vinha banhar-se ali para tirar o sal do mar, depois sentava-se na pedra chamada Pedra da Sereia e ficava penteando os cabelos, principalmente nas noites de lua. (LOPES, 1984: 99)

Daí o nome atual de Morro da Sereia. A Pedra ficava na praia do Canzuá, entre a praia de Ondina (antiga Praia de São Lázaro) e o Morro da Sereia. Não existe mais porque foi destruída por uma pedreira. Fala Odorico Tavares:

O caráter religioso se mistura ao profano e brancos e negros vêm às praias da Bahia, vão ao Dique, à enseada do Rio Vermelho, à ponta de Monteserrate e a tantas localidades desse reino para ali render graças e levar oferendas à que domina as águas. (TAVARES, s/d: 37)

Para o pescador, é em seu ambiente o local da manifestação do miraculoso, como na aparição de Santo Amaro, na praia do Ilhote, em Itaparica (OSÓRIO, 1979), ou da própria Santana, no ponto de reunião dos pescadores, no Rio Vermelho (LOPES, 1984). De um modo geral, o catolicismo é presença forte nas comunidades de pescadores da orla atlântica.

Nos ritos católicos, a praia é parte complementar da festa, nunca a sua raiz. A extinta Festa das Taboas, de 1º de novembro, em devoção a Santo Antônio da Barra, era executada por gente de Mar Grande, Itaparica, que acampava no Porto da Barra (LOPES, 1984: 51). Em São João de Mangunho, na devoção ao mesmo santo, em fins do séc. XVIII, os devotos cantavam e festejavam nas praias quinze dias antes da festa. Porém a atividade pesqueira, a proximidade com as forças oceânicas, tornavam todos os pescadores também devotos da Mãe d'Água, sem com isso haver contradição, com papel diferente dado às águas, e portanto à praia.

No séc. XIX, no tempo da escravidão, a maior cerimônia da então chamada Festa da Mãe d'Água acontecia defronte ao antigo Forte de São Bartholomeu da Passagem, no esteio do Rio Pirajá, no terceiro domingo de dezembro, chegando a atrair 2.000 africanos¹¹ (QUERINO, 1988: 210).

Sua manifestação mais intensa no séc. XX tem uma origem singular. Segundo Lopes (1984:60), nos anos 1920, cinco pessoas escolheram o dia da Festa de Nossa Senhora das Candeias¹² para cultura a padroeira da comunidade e a orixá, já que não podiam tomar parte nas “festas de branco”, dos veranistas do bairro. Pela manhã, a missa de Nossa Senhora Santana, e à tarde a entrega dos presentes a Yemanjá. No início congregaram os pescadores da Barra, Mariquita, Amaralina e Pituba. Na década seguinte, brigaram com o padre, que discordara do culto da orixá, e abandonaram a missa. Ao perceberem que, à sua maneira simples, não executavam o rito africano corretamente, chamaram uma ialorixá¹³, que lhes explicou o rito, seguido até hoje. O culto à Mãe d'Água nasceu da situação vulnerável e das origens do próprio pescador, leigo no assunto, e seu formato atual se deve à instrução posterior dos filhos-de-santo. A chancela pública da cerimônia do Rio Vermelho veio no final da década de 1960¹⁴.

De toda sorte, faz parte da série de oferendas votivas (os ebós – comidas destinadas ao orixá e presentes) que o mar e a praia presenciam. Ocorrem ainda em dias específicos: 8 de dezembro, 2 de fevereiro e nos sábados da primeira semana de cada mês. Nos demais sábados não é raro que seus filhos de santo façam pedidos com as devidas oferendas na praia e no mar. Em vilas de pescadores com membros do candomblé, as mulheres fazem oferendas a Yemanjá à noite ou no raiar do dia para o regresso dos maridos, para não seduzir os homens e levá-los às profundezas do mar, tradição em declínio das Ebomi Pastoreiras, filhas de Yemanjá¹⁵. Outro mote é quando o terreiro é sacralizado a Yemanjá ou cuja ialorixá (ou babalorixá) é filha de Yemanjá, ordenando ao pedinte que leve presentes a ela; geralmente se faz também no sábado.

Ainda a Umbanda, híbrido do kardecismo com o candomblé de caboclo¹⁶, utiliza o espaço da praia, em dois rituais: o Cruzamento de Mar e o ano-novo. Aquele é dedicado a Yemanjá¹⁷, no dia 1º de fevereiro¹⁸, e é a única cerimônia realizada fora do terreiro, após uma festa interna para a divindade, quando dispõem as oferendas – de preferência canjica branca, uvas, melancia, champanhe, rosas vermelhas e brancas e velas vermelhas – em grande pano azul, na praia, onde são arrumadas e os cultistas entoam cânticos antes de levá-las ao mar. Tradicionais são as festas no Rio de Janeiro, Santos e Porto Alegre. Na passagem do ano são comuns tendas na praia, onde acontecem rituais e iniciados incorporam entidades, atendendo a qualquer um que se apresente.

¹¹ Querino (1988) usa exatamente esse termo.

¹² Três pescadores (Alípio Capenga, Saturnino e Florentino) e dois peixeiros (Olavo e Clemente Tanajura) (LOPES, 1984).

¹³ Julia Bugar, do Língua de Vaca, e a partir daí houve babalorixás e ialorixás de terreiros próximos para conduzir a liturgia.

¹⁴ Flaviano, pescador, era o responsável pela festa em 1967 e conseguiu auxílio do Departamento de Turismo da Prefeitura nesse e nos anos seguintes. O prefeito Antônio Carlos Magalhães brindou-lhes com a estátua e reconhecimento da importância da festa em 1969 (LOPES, 1984).

¹⁵ Agradeço ao meu colega, o arquiteto Fábio Velame, por essas informações.

¹⁶ Este já uma fusão entre a pajelança indígena e os cultos bantos.

¹⁷ Também chamada de Janaína, e sincretizada com Nossa Senhora da Imaculada Conceição

¹⁸ Resultado de acordo do Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda e Cultos Afros (CONDU) com a Igreja Católica, em 1987, que não foi adotado pelos cultistas do candomblé.

Com exceção dos ritos específicos dos terreiros de candomblé, a religiosidade à beira-mar em Salvador é predominantemente laica, embora com diferentes enfoques e alcances. Em um primeiro momento, praticado pelas comunidades litorâneas: os episódios miraculosos, a devoção aos santos católicos e à Mãe d'Água.

O aspecto mágico desapareceu do litoral soteropolitano. A multiplicidade de devoções católicas minguou. As remanescentes ganharam força e outros ares, fora da área-estudo. O mesmo se deu com a festa de Yemanjá, que se tornou de porte inconcebível em sua origem, passando por um processo de reafrikanização – como denunciado por Cid Teixeira – paralelo a outros processos coetâneos na cidade. Desse aspecto, na área-estudo sobrevive a devoção dos pescadores das colônias, em datas próximas e sem porte.

De festejos localizados, temos hoje um hábito difuso de Ano-Novo, também laico, calcado nas crenças umbandistas. Difuso porque presente em várias camadas da sociedade e porque se realiza em todo local onde há contato com o oceano. Com alguns eventos específicos, realizados por empresas particulares e pelo Poder Público, estas de maior porte e fora da área-estudo, seguindo o modelo anunciado pelo Rio de Janeiro.

Por último, sobre as oferendas, não se pode afirmar que a praia – areia, pedras e águas – como repositório daquelas seja algo menos ou mais intenso do que antes, visto não haver referências anteriores.

5.2. O LAZER E SUA TRAJETÓRIA

Enquanto os itens anteriores podem ser entendidos dentro de um horizonte restrito de retrocesso temporal e espacial, o uso da praia para banho e para lazer (que não são coincidentes) merece um percurso mais persistente.

A praia como espaço social, e sua apreciação, é fenômeno recente. Deve-se rejeitar a afirmação de Yi-Fu Tuan (1980: 131) do apelo natural da praia, pela segurança evocada das reentrâncias das praias e aventura sugerida pelo horizonte aberto. A afirmação não é averiguada historicamente, e sim o seu contrário.

É freqüente a história da emergência da praia como destino de massa resumir-se às justificativas de ordem medicinal. A contemplação do mar, o hábito de tomar sol na praia e o banho de mar, hoje indissociáveis, têm gêneses distintas, a partir da sutil trajetória exposta por Corbin (1989). A abordagem do tema esportes na praia também tem movimentos específicos e espero fazer jus a eles.

Corbin (1989) concentra-se na cultura da França e na Inglaterra, já que foram seus cidadãos que formularam as práticas, em lugares tão diversos como a Escócia e a Campânia italiana. Ele faz sua pesquisa dentro das *classes letradas*¹⁹, e cita Biarritz, no início do séc. XVII, onde os pobres banhavam-se coletivamente, sem distinção de sexo, de maneira lúdica e festiva, distante dos tipos de banho das classes letradas – e que similares aconteciam ao longo de toda a costa atlântica européia. Porém a nudez popular nas praias recrudesciu, proibida onde havia banhistas das classes educadas. A prática do banho de mar atual é de origem européia, proveniente das classes letradas francesas e principalmente inglesas.

¹⁹ Aceitando que não possui fontes documentais suficientes para as classes *iletradas*, o que é bastante razoável.

as múltiplas trajetórias rumo ao mar

A concepção do litoral até o séc. XVII era calcada em imagens cristãs: o mar é o grande abismo, relíquia do caos primordial, e a irregularidade das costas, resultado das águas do dilúvio. A visão da beira-mar era coimada de repulsa, de papel teratológico e infernal. O hipocratismo vigente acentuava algumas notas desse cantochão: o mar era putrefacente, prenhe de exalações mefíticas, resultado do sal e da decomposição²⁰. Houve ressalvas, todos findando no séc. XVII, sem repercussões²¹.

As mudanças se estruturam em três vertentes, que denominarei de estética, terapêutica e científica, entre as quais as duas primeiras guardam importância para nosso estudo.

O principal agente das mudanças foi *The Grand Tour*, costume da ascendente burguesia mercantil inglesa (BOYER, 2003), que vigorou da segunda metade do séc. XVII até a década de 1820. Era um roteiro de viagens que completava a educação do *gentleman*, acompanhado de preceptores e livros guias pelo oeste da Europa até a Itália²². Os lugares visitados e suas práticas eram difundidos e consolidados pelos guias de viagem. O que não é de estranhar: do *Grand Tour* vem o termo *turismo*²³.

Na viagem à Campânia italiana, desfrutava-se a paisagem a partir da cultura greco-romana, através de palcos de eventos históricos ou literários, à procura de sua concordância. A paisagem era desagradável, árida e insalubre, até que ao longo do séc. XVIII passou a ser apreciada pela brancura da areia e dos rochedos, o brilho dos astros, a transparência da água – uma poética mediterrânea.

A Holanda, entre o final do séc. XVII até o séc. XVIII, tornou-se parte do *Grand Tour*, incluindo viagem a Scheveningen, primeiro destino turístico praiano do Ocidente, com passeio pelas dunas e estirâncio e a contemplação do mar, das paisagens representadas nas famosas pinturas de marinhas holandesas, do final do séc. XVI até 1635. É também o precursor do surgimento de comércio em função do turismo nascente, prenunciando o que hoje é onipresente²⁴.

Do séc. XVII era a poesia loco-descritiva inglesa (*estate poems, journey poems, hill poems*), relacionada com os *rural sports* (equitação, marcha, pesca e

²⁰ A medicina hipocrática baseia-se na obra atribuída a Hipócrates de Cós (séc. V e IV a.C), cuja persistência até o séc. XIX surpreende. Baseia-se na teoria dos quatro humores – em equilíbrio no corpo humano, alterados em função do que se ingeria, respirava e da exposição aos fatores climáticos – cujo desequilíbrio era a enfermidade. A cura seria pela exposição ao oposto (*alopatia*): se o problema era o excesso de umidade, dessecava-se o paciente, e assim por diante. O termo *alopatia* é erroneamente dado à medicina atual. A única prática médica atual com base hipocrática é a desenvolvida por Hannemann, da cura pela exposição ao mesmo princípio responsável pela enfermidade: a *homeopatia*. Outras expressões oriundas do hipocratismo ainda povoam o imaginário e vocabulário atuais.

²¹ O barroco literário francês (que via a praia como lugar de meditação), de um neoclassicismo (que falava das sereias e tritões, das riquezas e doces campos do mar) e da físico-teologia ou teologia natural (onde, no livro da Criação, havia utilidade para todo e cada elemento do litoral e do mar).

²² Na época romântica, acrescentou-se Suíça, Grécia, Espanha e Egito, e ainda a Escócia.

²³ É Stendhal que cunha o neologismo em seu *Mémoires d'un touriste*, de 1838 (BOYER, 2003).

²⁴ Segundo André Thovin (apud CORBIN, 1989), em 1795 havia comerciantes que vendiam conchas, peixes empalhados, plantas marinhas, flores artificiais e navios em miniatura.

natação), nas quais os viajantes se educavam no panorama (*prospect view*). No primeiro quarto do séc. XVIII, houve essa tentativa de capturar o fugaz chamada *pitoresco*. A rigorosa triagem dos lugares, o registro do prazer e da novidade, a busca por recortes que multiplicam os planos do olhar e a construção de mirantes e belvederes chegaram à praia no final do séc. XVIII.

Junto ao pitoresco, a apreciação do *sublime*. Na época inconcebível admirar o mar e mesmo atribuir-lhe a beleza. A beleza, dentro da filosofia da arte do séc. XVIII, requer a ordem e o obstáculo. A praia é a desmedida, o infinito; sua aridez, o sol e os ventos, diverso do ambiente aprazível dos belos jardins; o grito da gaivota contrasta com o gorjeio dos pássaros; as ondas do mar são desgraciosas em comparação com o curso dos rios. A praia, o oposto do belo, só pode ser sublime²⁵.

Tais movimentos ganham outra forma com o Romantismo, fenômeno enraizado nas artes e na filosofia que atingiu todas as esferas da vida da época no séc. XIX. A apreciação das paisagens naturais se fazia em consonância com as recém-descobertas paisagens da alma. A paisagem litorânea prestou-se aos devaneios: a confusão dos elementos em contato, a força do oceano em perpétua agitação e sua indiferença para com o homem²⁶. A equitação romântica deixou de ser o passeio, e associou o galope com o marulho, e o cavalo indômito com as potências bravias da natureza. O nado metamorfoseou-se na busca da queda voluptuosa, do nado de encontro às ondas, à procura da comunhão com o mar. As caminhadas terapêuticas tornaram-se errância, na carícia dos elementos, com o brilho do estirâncio à luz da lua.

Com isso encerramos a vertente estética, que deu origem ao turismo e à contemplação do mar. Outro elemento é a associação da praia com a saúde²⁷.

Um dos males dos séc. XVI e XVII era a melancolia²⁸, e entre suas “curas” estavam os *rural sports*, excursões e passeios em busca dos *pleasant places*, e terapias à procura de *health places*²⁹. Lembrar que havia a figura hipocondríaca do *invalid*, de alta renda e constituição enfermiça³⁰, mas também epidemias reais³¹, sem tratamento eficaz. Somadas às enfermidades da alma, as do corpo grassavam.

²⁵ O sublime é um sentimento de prazer que vem do horror e do medo produzido pela percepção do infinitamente vasto. As montanhas, os despenhadeiros, as ruínas imemoriais serão sublimes. E as praias. Há interpretações diversas, como a de Edmund Burke, Arthur Schopenhauer e Immanuel Kant.

²⁶ Embora obra da maturidade, distante dos ímpetos românticos das primeiras obras, a segunda parte do *Fausto* de Goethe fala da força quase infinita do mar, e do intento de Fausto em domá-la. É romântico o oceano totipotente, é romântico Fausto tentando dominá-lo. De onde se vê que a verve saint-simoniana não é tão distante assim do espírito romântico.

²⁷ Isso não esgota as metamorfoses da visão do litoral na época. Uma outra vertente pode ser entendida como *científica*: com os avanços da geologia (da percepção da antigüidade do mundo e dos avanços sobre a topografia do litoral e regiões submarinas), da zoologia (o olhar sobre o estirâncio e sua efervescência de vida e a moda do naturalismo amador) e esboços de antropologia (aplicada aos povos do litoral). Representaram avanços científicos, mas não se transmutaram em práticas cotidianas – com exceção talvez do apreço infantil por catar peixes vivos. Não se deve ignorar que os avanços do conhecimento são substrato para práticas contemporâneas de pesca submarina.

²⁸ Na Inglaterra houve um *culto* a esse sentimento na literatura.

²⁹ Boyer (2003) entende que no valor lúdico do campo e nas viagens terapêuticas estão as raízes do que chama de *Revolução Turística*. É de 1645 o primeiro refúgio no campo (CORBIN, 1989).

³⁰ Tipo preferido dos românticos. O personagem Usher, de E.A. Poe é um deles. A tuberculose (na época, *tísica pulmonar*), tem seu lugar, vide a ópera *La Bohémme* (1896), sem cura na época.

³¹ Foi o surto de cólera de 1832 que levou Lorde Brougham a “inventar” Cannes (BOYER,

Os primórdios do banho foram no tratamento de águas termais, o *termalismo*³². Bath foi a principal das estâncias termais no início do séc. XVIII, e Richard Nash o responsável pelo seu êxito. Os divertimentos foram codificados e os jogos de azar, legalizados nas estações. E o banho, de rio ou de mar, próprio do povo sem educação, tornou-se atividade das classes abastadas.

A água fria e salgada seria ideal para controlar o diafragma, o órgão regulador da sensibilidade e curar os langores da época³³. O tratamento consistia na imersão dos pacientes no rompante da onda, com prescrições rigorosas, cronometradas por meio dos *curistas*. Procurava-se na água sua frieza, salinidade e turbulência, e o prazer vinha de seu flagelo, do choque térmico³⁴. O sol era evitado: congestiona, resseca e queima a pele (não de todo inverdade). Fugia-se ainda da areia e do olhar dos curiosos; em terra, toldos protegiam as mulheres. Para o mar, iam em carruagens de banho (as *chariots*), avançando nas águas rasas, equipadas com toalhas, roupas de banho, escovas, espelho. Às vezes com a ajuda dos mergulhadores, os *dippers*. Uma arquitetura da praia foram as cabines para limpeza e troca, antes e depois do banho – para quem não dispunha de veículos para chegar à água, e tinha de correr na ida e na volta fugindo dos olhares. Nunes (2003) menciona que, em Vieira de Leiria (Portugal), tais estruturas, de lona, eram construídas e alugadas pelos *banheiros*, pessoas locais que também serviam como substituto dos curistas das estâncias, levando as moças em seus braços e cuidando delas nas imersões.

Os *rural sports* se ajustaram ao ambiente litorâneo; da praia buscava-se a areia firme, sem se expor ao sol ou julgar ainda a vista agradável. De terapêutica, a prática tornou-se festiva, e emergiu uma forma de socialização³⁵: equipamentos hospitalares, passeios a pé e excursões, banhos e bailes, teatro, música, salas de conversação e de leitura, jogos, bibliotecas e barcos. E novos esportes à disposição: reuniões hípicas, corridas na praia e o iatismo, o uso de veleiros leves para lazer, esporte iniciado com o Rei Charles II (1630-1685) da Inglaterra, seu patrono de tal esporte. Nesse processo, veio primeiro a alta aristocracia e a família real, depois os burgueses a roldão, trazendo consigo a noção de pudor e privacidade, eliminando as práticas mais espontâneas, como o piquenique na areia. O povo das praias incorporou-se como serviços dos balneários³⁶. Surgiu uma arquitetura do mar: andava-se sobre o quebra-mar, equipado com butiques, prolongando o passeio pela praia. Por outro lado, o banho de mar direto, sem a intermediação do curista e o propósito da cura, era pouco comum ainda no começo do séc. XIX. Essa modalidade terapêutica espalhou-se pela Europa.

2003).

³² Embora o termalismo tivesse aval médico, portanto prática da elite, vincula-se a crenças enraizadas fundo na cultura popular de alguns lugares (QUINTELA, 2003). Serão forças mágicas, e não características “cientificamente” estudadas, da água, sem a repercussão e aparato que as curas da elite trariam. Algo similar ocorreu em Salvador, como veremos.

³³ O próprio termo *melancolia* é relacionada a tal teoria; seria produto do excesso de bilis negra, um dos humores junto com o sangue, a bilis e a fleuma.

³⁴ Embora Nunes (2003) registre, em Portugal, na primeira metade do séc. XX, uma prática distinta: a moda dos banhos quentes, onde se pegava em cântaros a água do mar, aquecidas então em caldeiras, e os banhistas mergulhavam em tinas individuais. É tardia, como a prática do banho frio nesse país, que só veio a acontecer após os anos 1840.

³⁵ A praia é cenário accidental e não o promotor de tais ritos. Eles também acontecem nas estações termais e alpinas. E nos parques e jardins (SEGAWA, 1996). É característica das classes altas da época e não uma sugestão do local.

³⁶ Fenômeno que se repete desde então (JERÔNIMO, 2003). Saudado hoje em dia como algo positivo, chama-se a isso de “gerar emprego-e-renda”.

No Mediterrâneo, dominava a vertente climatoterápica - o Dr. Viel falava da cura pela irradiação solar, curiosa premonição de tempos vindouros -, responsável pelo sul da França (Riviera e Aquitânia) como destino dos ingleses abastados no inverno, de outubro a abril, no último terço do séc. XVIII. Eram sempre estações britânicas³⁷ e nelas, além do lazer desportivo, permitiu-se também os cassinos³⁸.

Ambos os destinos correspondem a dois atrativos distintos, duas *affordances* díspares. Quem fez a conexão da água do mar com o sol tropical foram os norte-americanos (BOYER, 2003). Segundo Foster R. Dulles (TUAN, 1980: 134), nos Estados Unidos, por volta de 1900, os ricos norte-americanos “inventaram” a Flórida: longas praias de areia fina, com coqueirais e água tépida. Foram os norte-americanos abastados em Paris, a *lost generation*, que adotaram o banho de mar no Mediterrâneo, especialmente em Juan-les-Pins, na década de 1920, seguida de Saint-Tropez.

a transposição ao Brasil

O território da praia no Brasil era um vazio na paisagem, um ponto cego na cognição tanto das classes letradas quanto dos mais pobres³⁹:

Velha era essa cegueira [à praia]. Fazendo o elogio da baía da Guanabara em 1903, Damasceno Veira transcreve trechos de viajantes célebres, Ferdinand Denis em *Le Brésil*, Auguste de Saint Hilaire em *Voyage au Brésil*, Charles Darwin em *Voyage d'un naturaliste* e Paul Gaffarel na *Histoire du Brésil français*, em que nenhum desses escritores, encantados com a beleza da região, se refere às suas praias (AZEVEDO, 1988: 7).

Para o pescador, a praia é um lugar de trabalho árduo, de preparação para a pesca, de reparo das embarcações e das redes, um lugar de convívio com iguais, o caminho para o mar em que penetra para alcançar a canoa e a jangada e para lançar a rede, a tarrafa, o munzuá, a armadilha de peixes, e armar a camboa. Molha-se nessa água, mergulha às vezes, por necessidade mas pouco por divertimento. De fato, marinheiro, pescador, tripulante de navio muitas vezes não sabe nadar nem se banha no mar. Isto é coisa de gente de cidade (AZEVEDO, 1988: 8).

O rei D. João VI, para curar-se de moléstia nas pernas, recorria a banhos salgados na praia do Caju (AZEVEDO, 1988: 10), no Rio de Janeiro⁴⁰, onde se metia ao mar em um grande caixão de madeira, tracionado por turcos de navio, vigiado pelo médico e lacaios. Depois trocou por uma cadeirinha carregada às costas por doze negros (AZEVEDO, 1988: 10). Construiu ali sua casa de banho, na primeira região de

³⁷ Marc Boyer (2003) argumenta, a partir de vasto elenco de exemplos, que os britânicos foram os promotores de todas as práticas turísticas da Europa até o final do séc. XIX, inclusive o uso da praia. Foram os responsáveis por esportes (tênis, golfe, regatas, turfe, futebol), que levaram à Europa por meio das estações inverniais francesas, e esportes de montanha, que sustentaram a última onda terapêutico, as estações alpinas.

³⁸ Muitos balneários estão relacionados a cassinos, como Montecarlo, Biarritz e Viña del Mar. E a eventos internacionais de música ou cinema (Cannes, San Remo, Mar del Plata).

³⁹ A mestranda da UFRGS, Carmen Sílvia Rial ouviu de um informante na ilha de S. Catarina: ‘Quando eu me criei aqui, não se falava em praia. Praia não existia. Quer dizer, existia praia mas para nós era praia de pescar. Não de tomar banho. (AZEVEDO, 1988: 34).

⁴⁰ Para a historiografia da praia no Brasil, o Rio de Janeiro será o exemplo. De um modo geral, os processos de mudanças de hábito e transformações urbanas, sob a égide da “modernização”, ali ocorreram por sua posição de capital e da relação de suas elites com a Europa.

banho de mar da cidade, freqüentada pela família real até D. Pedro II⁴¹. No entanto, Azevedo (1988: 10) diz que o banho de água salgada é anterior. Recorre a poema de Gregório de Mattos (séc. XVII) para intuir que não era incomum.

De todo modo, entre 1870 e 1880 ascendeu a hidroterapia no Brasil, migrando das estâncias do interior para o mar (FERREIRA & SILVA, 2001), como narrado n' *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo⁴². As patologias “curadas” pelos banhos salgados eram variadas: reumatismo, paralisia, moléstias sífilíticas, escrofulosas, escorbúticas, etc. A “cura” do beribéri, hoje conhecida avitaminose, se fazia até os anos 1920 em hospitais civis e militares por meio dos banhos de mar. Era a época dos *banhos de sal*, versão dos banhos terapêuticos de Brighton, sem seu aparato social:

A freqüência da praia era individual ou em pequenos grupos discretos, evitando um pouco serem vistos ou se exporem ao olhar de estranhos e desconhecidos. O banho considerava-se conveniente para a saúde, para o tratamento da clorose ou anemia das jovens e alguns outros males, devido à riqueza da água marinha em iodo e outros princípios minerais (AZEVEDO, 1988: 10).

Antes de lançar-se à água, fazia-se o sinal-da-cruz no rosto com a mão direita molhada no mar. A prática tinha indumentária própria, “roupas de banho” tal e qual na Europa⁴³. Chapelões de palha cobrindo o rosto, toucas de oleado com franzido à la Maria Antonieta ou gorro de lã grossa, sarja⁴⁴ ou baeta⁴⁵ áspera e acabamento na cabeça, com roupa do mesmo tecido, pesado; encorpada para que mesmo molhada não deixasse entrever o corpo; e em geral azul-marinho com debruns de *soutache* branco (e as mais ousadas debrum vermelho), enfeitada com galões brancos, pala e gravata, como quando com saias três quartos, para proteger a planta dos pés contra ostras, pedriscos e similares. O ato de amarrar os cadarços atiçava a curiosidade dos observadores. Tal se usou até os anos 1920 nas praias cariocas. Ao sair do banho, um roupão de pano esponjoso de cor clara, para proteger o corpo das mulheres dos olhares curiosos, constantes em uma cultura de pudicidade vitoriana. As senhores eram acompanhadas de mucamas retintas, mais o banhista profissional (portugueses, italianos e turcos) que, na ausência de carro para entrar na água, carregavam as moças no colo. Aos homens cabia calça cortada ao joelho e camisa de malha ou uma peça inteiriça, com riscas horizontais. Povoavam a praia ainda cadeiras de vime⁴⁶. A calça era bufante, ajustada no tornozelo, casaco até o joelho ou pelo menos os quadris, e mangas compridas até os pulsos ou pelo menos ao cotovelo⁴⁷; e o *peixe-gelado*, sapato de lona com sola de corda trançada ou inteira de borracha. O banho de mar não era algo para ser visto, vide esse cuidado.

A ida à maré, como então se dizia, se dava bem cedo, de madrugada, às vezes de manhãzinha, ao nascer do sol, por uma ou duas horas se tanto, enquanto o mar estava descansado e não houvesse o inconveniente de queimar a pele alva das mocinhas e das senhoras (AZEVEDO, 1988: 12).

⁴¹ Pedro Calmon (apud AZEVEDO, 1988), acha que foi uma tentativa de reproduzir uma prática que o rei vira na Inglaterra, em Brighton Não seria de todo estranho. Foi D. João VI quem introduziu o termalismo no Brasil, promulgado em decreto real em 1818 (QUINTELA, 2003).

⁴² Foi um tempo delicioso para ela os três meses que aí passou. Os ares da costa, os banhos de choque, os longos passeios a pé, restituíram-lhe o apetite e enriqueceram-lhe o sangue. Ficou mais forte; chegou a engordar.

⁴³ Em Ostende (Bélgica) e Deauville, Biarritz e Trouville (França).

⁴⁴ Tecido entrançado de seda, lã ou algodão.

⁴⁵ Tecido felpudo de lã.

⁴⁶ Como nas praias de Miami do filme *Quanto Mais Quente Melhor (Some Like it Hot)*, de Billy Wilder, 1959.

⁴⁷ Azevedo (1988) anota que enquanto no teatro apareciam decotes e saltavam os bustos, na praia nem mesmo a silhueta do corpo podia mostrar-se.

Apesar dos banhos de mar, a tez não poderia deixar de ser pálida, mantida apesar dos horários ensolarados com “sombriinhas, chapéus, luvas eram indispensáveis, além de anquilhas, ombreiras, estofos para os seios e as nádegas e espartilhos para a cintura” (SEVCENKO, 1998: 569). Mantinha assim concepção antiga, presente na Roma antiga, da pele clara como sinal de nobreza e a escura, de trabalho braçal, especialmente entre as mulheres⁴⁸.

Os costumes começaram a mudar, com reações e pruridos. Na abertura da Beira-Mar, 1906, publicou-se o primeiro regulamento com normas de funcionamento dos “balneários”, estabelecimentos de apoio ao banho de mar. Então tido como arriscado, as moças iam ao mar acompanhadas por banhistas, empregados do estabelecimento, que devia dispôr de sala ampla e ventilada, para receber os afogados, e ter os aparatos médicos indispensáveis. Em 1917, a Lei do Banho, do prefeito Amaro Cavalcanti, regulamentando espaços, horários (no início da manhã e fim da tarde) e indumentárias permitidas aos banhistas, proibindo ruídos e trajes indecentes, com multas e penas aos transgressores (GOMES, 2002; SEVCENKO, 1998). O temor era o atentado ao pudor.

Os usuários da praia aumentaram em número e tornaram-se relativamente heterogêneos. Mudaram os horários de uso, expondo-se sem temer ao sol nem ao calor, em períodos não tão breves, precisando levar comida e bebida ou consumir nas proximidades.

E, por motivações idênticas, constroem-se (sic) avenidas nas quais se instalam serviços de vigilância e salvamento, o famoso Posto 6, de Copacabana, é um destes e armam-se barracas para a venda de bebidas, alimentos, côco (sic) verde, sorvetes. (AZEVEDO, 1988: 13).

Os balneários do sul da França, modelo para os hábitos das elites locais⁴⁹, anunciavam outro modo de relacionar-se com o mar. A praia agora requeria peças próprias, com corte e tecidos característicos. O traje, então intencionalmente pesado e folgado, se ajustou ao corpo, com crescente permissividade. Facilitavam o mergulho e acompanhavam a moda dos esportes e dos balneários franceses de Deuville e da Côte d’Azur (SEVCENKO, 1998). O banho de sal vira banho de mar. Nas praias, alguns levavam vitrola, causando comoção. A partir da segunda década do séc. XX as vestes se abriram e se recolheram, mostrando as pernas e braços.

O que as distingue é a exibição do desenho do corpo já sem a abundância de panos das mangas, das saias, das ancas, sem os babados, as caudas, os complicados penteados. Mostram-se as costas, as axilas, às vezes as coxas, sugerem-se as nádegas. (...) Desponta o *maillot* colado à pele, revelando as curvas anatômicas, facilitando os movimentos para o mergulho e o contato erótico com a água. (...) Não é somente física a alteração, porém moral, afrouxando-se a exibição do corpo todo sem muitas restrições, rompendo com o costumeiro recato, com o acanhamento, com a pudicícia e afetando os modos de andar, de sentar, de deitar-se, de mexer-se nas areias da praia, sítio privilegiado para tais gestos. (AZEVEDO, 1988: 17).

As práticas desportivas entremeiam estes processos. A natação, costume antigo, comporta várias maneiras de se nadar, e não uma inevitabilidade biológica. Até

⁴⁸ Na França do séc. XVIII a corte usava pó em seu rosto para parecerem ainda mais brancos. E na Inglaterra elisabetana, as mulheres usavam sombrinhas ou máscaras quando ao ar livre, e pintavam finas linhas azuis na testa para dar uma aparência translúcida.

⁴⁹ A atriz francesa Sarah Bernhardt foi das primeiras a tomar banho de mar em Copacabana, ainda no final do séc. XIX, provocando consternação e polêmica (GOMES, 2002).

o séc. XIX o nado mais freqüente nas competições européias era o nado de peito (*breatstroke*). O nado *crawl* foi introduzido em 1873, por John Arthur Trudgen, inspirado na maneira como nadavam os nativos americanos.

A caminhada à beira-mar de então era o *footing* das damas e moças da “sociedade” pela Avenida Beira-Mar, em nada relacionada com a busca pela saúde vigente, e sim parte do jogo de *status* da época.

Outra atividade à praia era o *banho a fantasia*, iniciativa de blocos carnavalescos, ligados aos clubes de regatas, com fantasias de papel (de seda, crepom ou celofane, com o calção por baixo), que mergulhavam ao mar em trampolim construído para isso⁵⁰. Uma forma singular de apropriação, onde a água é o desfecho e ápice. Entrou em decadência, junto com práticas carnavalescas similares.

A multiplicidade de possibilidades captada na pesquisa começa a emergir:

O modo de fazer contato com a água marinha não é mais o mesmo, exige táticas inesperadas, e toda presença no terreno conquistado vem a ganhar contornos diversos. A ida à praia enseja simplesmente andar na areia fofa ou úmida, ardente ou fria, deitar-se na mesma, molhar os pés na esteira espumosa das ondas ou mergulhar, boiar, nadar de um modo especial, surpreendente e problemático para muitos. (AZEVEDO, 1988: 14).

É um momento de transição onde vários elementos confluem: a modernização das cidades latino-americanas; as facilidades crescentes em transporte e de hospedagem; férias remuneradas e outros benefícios que permitem que mais pessoas possam, finalmente, desfrutar do que era antes um privilégio localizado, o turismo. Antoine Prost (1993) fala de três campos emergentes: o asseio, a dietética e a cultura física, com um novo sentido para o corpo⁵¹, e a sociedade de consumo, difundindo-as ao conjunto da sociedade⁵².

O esporte tornou-se uma atividade normal. O papel terapêutico da praia (mar, vento e sol, sucessivamente) se esvai, e resta uma conexão com a idéia de saúde através das práticas esportivas e por meio da exibição do corpo.

O turismo teve o seu papel da *descoberta do corpo*. Isto pode ser entendido como os corpos abandonados ao sol, liberados, por etapas, das roupas que os continham. Uma outra estética apareceu, a partir da camiseta de Coco Chanel e depois, das ‘Costas assadas’ de Dunoyer de Segonzac. (BOYER, 2003: 47).

No séc. XX, a pele branca passou a ser sinal de confinamento laboral, e a bronzeada, de lazer e ócio⁵³, portanto de *status* social – tempo livre e disposição para

⁵⁰ Em Santos iniciou-se em 1922, com auge nos anos 1950, ganhando o nome popular de *Dona Dorotéia, Vamos Furar Aquela Onda? Tempo de Carnaval - Dos bailes no Largo da Coroação aos patuscos da Dorotéia. E depois?... S/d*. Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/santos/h0207c.htm>. Acesso em: 25 fev. 2007.

⁵¹ Sevcenko (1998) relaciona a modernidade e o corpo, e os novos hábitos para modelar e para exibir o corpo, a partir da Rio de Janeiro da virada do século. A trindade juventude, saúde e beleza tornaram-se o núcleo dos valores modernos, articulando fenômenos como o esporte e a ascensão da praia, com a nutrição adequada, consultas médicas e dentárias, higiene pessoal e doméstica, roupas leves com formas do corpo, as massagens.

⁵² O primeiro sucesso da firma L’Oréal foi o bronzeador Ambre, em 1937, em um esforço publicitário maciço (PROST, 1993: 98)

⁵³ Um dos marcos dessa mudança foi o retorno da *designer* Coco Chanel de suas férias na Riviera Francesa, devidamente bronzeada, da década de 1920.

ir à praia (em outros países, distante dos centros urbanos). A areia tornou-se *locus* da praia e todo o aparato destina-se ao bronzeamento.

Descobriu-se que os raios solares desempenham papel fundamental na absorção de vitamina D, que regula a absorção intestinal de cálcio e fósforo. Ela pode ser obtida pela ingestão de ovos, alguns tipos de peixes e óleos vegetais. Mas na maioria dos alimentos estão presentes as pré-vitaminas, e os raios ultravioleta B⁵⁴ convertem-nas em vitamina D. É a forma mais efetiva de obtê-la, e sua demanda geral pode ser atendida somente pela exposição solar. A pele bronzeada tornou-se também sinônimo de saúde, reforçada pelo vínculo da praia com os esportes. Estabelece-se o banho de sol.

O que levou à diminuição crescente das vestimentas. O terremoto aconteceu com o advento do biquíni⁵⁵. No Brasil chegou nos anos 1950, no Rio de Janeiro⁵⁶. Em 1974 lançaram-se as tangas, chamadas de *strings* nos países de língua inglesa, a partir das Dunas do Barato, em Ipanema, e dali veio o biquíni asa-delta. E depois o fiorental, que mostra o máximo do corpo. Essa indumentária e hábitos se repetem em todo banho – nas piscinas de casas e prédios, nos clubes, etc. No Brasil as etapas seguintes do desnudamento, o *topless* e o nudismo, não tiveram a aceitação de outros lugares.

Azevedo (1988) fala do erotismo à beira-mar, mas aponta que essa mudança da moral é essencialmente burguesa, com frequência à praia marginal nas classes populares. Nesse contexto a praia exibia regras mínimas. Azevedo lista duas: não expor os órgãos genitais (o limite do recato brasileiro) e não incomodar os outros com ruído, de vozerio ou som mecânico. Ele mapeia o comportamento à praia:

A praia é também palco para realização pessoal burguesa, para a recusa da pecha de retrógrado, de atrasado, de moralista, de velho, por meio da mencionada indumentária. Aparecer ali e andar por suas imediações e pelas ruas nessa aparência serve para demonstrar modernidade, saúde, juventude. Não é somente espaço para tais espetáculos, encenados deliberadamente por uns e apreciados cobiçosamente por outros, para o sacrifício de posturas obrigadas para queimar a pele em benefício da saúde ou da beleza, para tocar a linfa marinha, exercitar-se em natação, no surf, no mergulho, ou para simplesmente fruir a brisa marinha; para uma porção considerável, quase para a totalidade, é um lugar para repouso e isolamento mas um ginásio, uma cancha aberta, gratuita, para o esporte. Os que não apenas fazem o repouso e o isolamento na mobilidade, nos grupos de conversa, na contemplação do ambiente e do horizonte, há a possibilidade do movimento físico não impedido por ninguém, caminhando, saltando, correndo, praticando ginástica, participando de peladas e partidas de diversos jogos. Essas práticas fatigantes e suarentas porém divertidas, em grupos ocasionais ou costumeiros, em equipes fortuitas ou permanentes são mais para brincar, encher o tempo, mexer nos músculos, gastar as gorduras – exigência do

⁵⁴ A radiação ultra-violeta (sic) é radiação eletromagnética acima da cor violeta no espectro de frequências - portanto invisíveis a olho nu – dividem-se em tipo A (UV-A), de comprimento de 400 a 320 nanômetros; tipo B (UV-B), de 320 a 280 nm e tipo C (UV-C), com menos de 280 nm. (THEMOTHEO, 2002).

⁵⁵ Originalmente bikini, referência ao Atol dos primeiros testes nucleares a céu aberto no Pacífico Sul. Seus inventores e promotores sabiam do estrondo que a novidade teria. Oficialmente lançado e batizado pelo engenheiro Louis Réard, em 1946, os veranistas alemães o conheciam anos anos 1930, presente já nos filmes aquáticos de Busby Berkeley

⁵⁶ Na praia do Arpoador, e não na tradicional Copacabana, o que seria impensável, segundo Marília Carneiro (BIQUINI – 60 ANOS DE PRAIA *Revista GOL*, n.49, p.56-64, São Paulo: Trip Editora e Propaganda S/A, abr 2006.)

emagrecimento estético - , abrir o apetite, queimar a pele, compõem o complexo do banho de mar, ainda quando realizem disputas e competições em que se ganha reputação ou se consagram times. Nesse terreno se realiza toda uma multitudinária convivência tácita, 'sozinhos juntos' como diz Edgerton – *alone together* – encapsulados na área que dominam e têm como inviolável em separação e não envolvimento, consistindo em se verem, em verificarem que freqüentam os mesmos lugares, em pelejarem pela ocupação das mesmas áreas, como índices de classe, de *status* e identidade social, como evidências de poder; para milhares é oportunidade para associação em unidades parcelares de parentes, de amigos e colegas, de vizinhos, ocasião para contatos problemáticos no diário. Assim, simples acenos, ligeiros apertos de mãos ou abraços, dedos-de-prosa, inesperados ou planejados encontros (...) E comendo e bebendo a vendedores ambulantes, a comerciantes estabelecidos na orla, que se aprimora para serviços de vigilância a socorro e para assistência aos banhistas, automobilistas, comerciantes. Além daqueles relacionamentos, pode observar-se discriminações e segregações etno-econômicas. (AZEVEDO, 1988: 28).

Ir à praia era sinal de modernidade.

No Brasil, uma presença arraigada é o de esportes de areia, que acontecem na areia da praia, independente do corpo d'água, das quais o mais conhecido é o futebol. Uma modalidade específica, o *beach soccer*, nascida em Copacabana, ganhou reconhecimento internacional a partir de estrelas do futebol de campo (Romário, Zico, Julio Salinas, Eric Cantona, etc.) e de seu esforço em estabelecê-lo como esporte autônomo, nos anos 1990. Porém a "pelada" na praia é anterior e muito difundida na sociedade brasileira.

O vôlei de praia é outra atividade antiga, embora restrita. Desde os anos 1920 é jogado socialmente em Santa Mônica, Califórnia, e ganhou porte e difusão nos anos 1980, a partir de Hermosa Beach, também na Califórnia. Mas desde os anos 1910 se praticava na Praia do Caju, no Rio de Janeiro, e torneios amadores aconteciam em Copacabana nos anos 1930. O frescobol é onipresente nas praias urbanas brasileiras, invenção de uma turma de Ipanema, no Posto 9. Também do Rio de Janeiro vêm o futevôlei.

Os esportes de areia em verdade são de praia. Sua vantagem não é estar na areia, mas na praia, na sua ambiência. O esforço está em adaptar as regras para esse ambiente, e mesmo os elementos do jogo⁵⁷. Dentro do valor dado à vista do mar, existem esportes de percurso, que acontecem ao longo do bordo litorâneo, onde a praia e o mar são apropriados pela visão: ciclismo, caminhada, *cooper*.

Novidade na praia veio com o surfe. No começo do séc. XX, havaianos em Waikiki retomaram essa prática nativa, documentada pelos exploradores do séc. XVIII. Mas foi nos anos 1960 que incorporou-se tecnologia à prancha e, parte da cultura californiana, foi difundida por filmes e música⁵⁸, chegando ao Brasil pouco depois. Variantes na praia são o *bodyboarding* e o *skimboard*⁵⁹. Outro salto deu-se com o *windsurf*⁶⁰, e depois com o *kitesurf*⁶¹, que hibridizaram as formas desportivas e aproveitam a força do vento. A cultura de praia da Califórnia, seguida pela Austrália e

⁵⁷ Em Portugal há esportes como basquete, handebol e rúgbi de praia.

⁵⁸ Os *beach party movies* e a *surf music*, cujo maior expoente foram os *Beach Boys*.

⁵⁹ No primeiro, pratica-se deitado com prancha menor e mais larga que a de surfe; no segundo, se parte do estirâncio, surfando as ondas menores que chegam à praia no sentido inverso.

⁶⁰ De responsabilidade do casal Hoyle e Diana Schweitzer e de Jim Drake, engenheiro aeroespacial, que patentearam e promoveram o sistema, no sul da Califórnia.

⁶¹ Criado em 1978, por Ian Day, como desenvolvimento do kevlar e de pipas. A popularização deu-se em 1997, na costa de Maui, no Hawaii.

Nova Zelândia, aliada à tecnologia de sofisticação crescente (fibras sintéticas, duralumínio, fibra de vidro e de carbono, etc.), viabilizou-os. O princípio das velas, pipas e pára-quadras aplicou-se a outros suportes: esquis, *skates*, trenós, pranchas de areia e de neve, e veículos. As modalidades se multiplicam no que se refere à interface água-ar.

Existem as modalidades de mergulho: o *snorkeling*, comum onde há recifes e peixes bonitos, como em Morro de São Paulo, na Bahia e o mergulho livre, na pesca submarina. Na navegação, há modalidades de espelhos d'água mais tranquilos e de praia (embora haja aquelas que atuam em mais de um ambiente) e com diferentes propelentes (outro veículo rebocando como lancha ou jet-ski, vento, força mecânica do usuário, etc.).

transformações urbanas

Os primeiros exemplos da maioria dos fenômenos contemporâneos se aprofundam às origens da modernidade. A feroz variação de destinos e lugares de predileção obedecem ao processo que Boyer (2003) investigou para a instauração das práticas na sociedade do séc. XVIII e XIX. Primeiro, a *invenção do inútil*: alguém lateral na alta sociedade identifica uma nova prática ou local desconhecido. Suas inovações são reconhecidas por um grupo de celebridades, que adotam e consagram a prática. Até novo indivíduo identificar outro local ou prática, e recomeçar o ciclo. Vimos isso com o iatismo, como aconteceu com a invenção de Brighton como primeiro balneário.

Brighton, vilarejo de pescadores, aconteceu em 1783, quando o Príncipe de Gales conheceu-a ao visitar seu tio, no que depois patrocinou a estância pelos 40 anos seguintes. No Brasil não foi diferente: o rei D. João VI sagrou Caju como balneário, e também foi promotor da praia de São Domingos, em Niterói, para mesmo tratamento⁶². Já sua esposa, D. Carlota Joaquina, dirigia-se ao sítio de Botafogo para tomar ares e banhos, e ali permanecia cerca de um mês, atraindo consigo atenções e outros banhistas.

Eram os médicos que validavam e promoviam os tratamentos. Em 1702, Sir John Floyer defendia o uso do banho frio. Em 1667 o Dr. Robert White recomendava aos gotosos banho em Scarborough (que recebia curistas em fonte mineral à beira-mar desde 1627, sem o aval da medicina culta). O primeiro relato de cura por banho e ingestão de água do mar se deu com o Dr. Richard Frewin, em 1748. E o Dr. Richard Russell (1687-1759) recomendava o mesmo tratamento para doenças glandulares⁶³, especialmente nas águas de Brighton, onde construiu casa em 1753 para abrigar amigos e pacientes. O veredito dos médicos também vale para a ascensão das estâncias climatoterápicas do sul da França⁶⁴. E isso se deu ainda no Brasil, no começo do séc. XX: Copacabana era recomendada aos convalescentes pelo Dr. Figueiredo Magalhães, conde e médico português, comprou terras e loteou-as, morando ali - chegou a criar, em 1904, uma linha de diligências entre os pacientes e sua clínica. Depois das estâncias balneoterápicas consolidadas, o enfoque terapêutico

⁶² ARGEMIRO, Pedro e LOPES, Webber. *Baía de Guanabara: Água Escondida entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico*. Entrevista com Luís Antônio Pimentel. S/d. Disponível em: <<http://www.baiadeguanabara.com.br/entrevista.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2007.

⁶³ Em seu *Glandular Diseases, or a Dissertation on the Use of Sea Water in the Affections of the Glands*, de 1759. Livro e tratamento foram muito bem recebidos. Não tenho notícia sobre os resultados práticos de tão inusual tratamento, especialmente a ingestão.

⁶⁴ Nice é obra do Dr. Smolett (1763-65); e Pau, do Dr. Taylor (1820); segue-se Cannes (1834); Montecarlo e Menton (1860-70), através do Dr. Benett; Saint-Raphaël por Alphonse Karr.

migrou para a influência do ar, e o vitupério dirigiu-se contra sua estagnação, em defesa do vento fresco, junto com os ventos marinhos. Isso também nos será caro.

Como parte de uma diatribe contra a cidade veio o fenômeno da *vilegiatura*⁶⁵, ocupando o campo inglês com segundas residências, cada vez mais acessíveis: vilas, pequenas fazendas, casas típicas, loteamentos residenciais, até alcançar o litoral. A vilegiatura marítima extirpa a errância solitária na praia, e continua até os dias de hoje.

Dois fenômenos são cruciais no Brasil: a associação do banho de mar com a saúde e o deslocamento progressivo das praias procuradas para os arrabaldes da cidade⁶⁶.

Na Europa, a relação entre saúde e litoral deu-se pela valorização de algumas praias como locais de cura com a construção de estruturas terapêuticas e de socialização, prática específica das classes altas européias, assoladas pelas doenças visíveis e invisíveis. No Brasil, se manifestou como crença difusa, sem estâncias de balneoterapia ou internada à maneira das estações de águas. Essa é a primeira grande diferença. Como nos congêneres europeus, as estâncias climatoterápicas alpinas (Nova Friburgo e Petrópolis) e de águas termo-medicinais (Cambuquira, Caxambu e Poços de Caldas) (SCHAPOCHNIK, 1998) eram espaço de socialidade onde valiam os “jogo de aquisição e exibição de status” (AZEVEDO, 1988: 9), marca da elite da época. Porém, na segunda metade do séc. XIX ascendeu a balneoterapia.

Por outro lado, há a influência dos ventos na climatoterapia. O neohipocratismo, responsável pelas mais díspares teorias associando clima com saúde⁶⁷, foi o quadro conceitual de uma nova teoria para as enfermidades na cidade: a matéria em decomposição, mais o excesso dos elementos fogo e água, na forma do sol intenso e da umidade litorânea (FERREIRA & SILVA, 2001). Para combater tal mistura que a legislação carioca, produto do olhar médico sobre o espaço urbano no séc. XIX, voltou-se contra os quintais orientados ao mar, e seus despojos, responsáveis pelos miasmas. No Rio de Janeiro, a eleição das praias se enquadrou em uma situação de um pensamento medicinal para a cidade inteira⁶⁸. Já que a cidade padecia de enfermidades crônicas, associadas à insalubridade do meio construído (ruas estreitas, lotes estreitos, falta de saneamento, etc.) mais sua locação dentro de um meio natural singular (as montanhas que bloqueiam a circulação), cabia melhorar os bairros consolidados e projetar novos, bem localizados e bem planejados. Em vez da criação de estruturas específicas, locação dos novos bairros ricos, nem sempre correspondente a uma vilegiatura, e sim à expansão da própria cidade. O Rio de Janeiro foi ela própria o seu balneário. Tal poder conferido ao litoral fez com que seu espaço tivesse algum valor de troca, em meados do séc. XIX. A vilegiatura litorânea, então, buscavam os ventos frescos que só o mar batido poderia oferecer.

Para o tema da praia, o papel do transporte apresenta também diferenças. Foi forma de acesso às praias distantes, como Miami, cujo acesso se deu em 1896,

⁶⁵ Sua primeira manifestação, no séc. XVI, se deu com a construção de mansões de verão (as *villas*) em torno das cidades italianas (BOYER, 2003).

⁶⁶ Este último tem um caso precoce: na corte portuguesa no Rio de Janeiro, a preferência dos abastados dava-se por migrar do Centro ao Catete e praias da enseada de Botafogo. A praia, já no Brasil Colônia, serviu como mote para um deslocamento urbano.

⁶⁷ Como todo sistema ambíguo de idéias, sua permanência se justificou pela facilidade com que se adaptava retroativamente a defender qualquer asserção possível.

⁶⁸ A insalubridade da cidade tradicional era um fato. Salvador teve surtos epidêmicos de febre amarela (1849-50) e *cholera morbus* (1855), sem a menor suspeita de sua causa (NASCIMENTO, 1986). Santos viveu no final do séc. XIX uma série de surtos epidêmicos, causando uma fuga à praia que precedeu as reformas higienistas de Saturnino de Brito.

criando as bases para sua eclosão (BOYER, 2003), e papel da estrada de ferro e da tecnologia do vapor⁶⁹ no rápido crescimento do turismo na Europa a partir de 1850 (TUAN, 1980)⁷⁰. Porém, no Brasil, as praias ou estavam nas grandes cidades ou foram incorporadas em questão de décadas. O transporte serviu para conectar as nucleações a locais de veraneio específicos – para incorporar praias aos hábitos da cidade e para sua urbanização seguinte.

No Rio de Janeiro, migrou-se das praias da baía para as de mar aberto. Automóveis importados, e a extensão das linhas de bonde elétrico, tornaram acessíveis as praias distantes (GOMES, 2002)⁷¹. Começou uma segunda frente de ocupação do litoral a partir da aceitação e valorização das praias de banho batido, como se dizia ao mar de águas abertas⁷². Esse fenômeno se repete nas grandes cidades litorâneas.

No que diz respeito ao modal, o transporte coletivo por trilhos e o veículo automotivo individual marcam duas etapas diferentes.

O modal automotivo só tem impacto, de fato, com a popularização do automóvel⁷³, a partir de 1914, com o Ford T. Gilbert (TUAN, 1980) e Boyer (2003) afirmam que os fluxos para o mar – de um dia, um final de semana ou uma temporada – foram fenômeno posterior à Segunda Guerra Mundial, da posse de automóvel pelas classes média e média inferior. Antoine Prost (1993) relaciona o automóvel à expansão da mobilidade familiar e da esfera privada, no que a praia seria mais um espaço alternativo ao doméstico, junto com as colônias de férias e os clubes⁷⁴.

Isso era uma onda de modernização que acontecia muito por efeito imitativo:

Na raiz desses sucessos [das novidades, tais como trajes de banho] estava o irresistível processo de modernização, de rejeição da ‘situação colonial’, que, na ordem arquitetônica e urbanística se realizava nas reformas do Rio de Janeiro desde pelo menos 1902, de Belo Horizonte, de Recife, de Florianópolis, de Salvador e outras capitais e que se verificava no plano das idéias e dos valores (AZEVEDO, 1988: 17).

Se nos séc. XVIII e XIX foi a aristocracia⁷⁵ a difusora dos balneários e do banho, no séc. XX foram os *movie stars*⁷⁶ (BOYER, 2003), embora na prática se

⁶⁹ Até 1929 os turistas eram minoria privilegiada. Massificou-se somente com novos meios de transporte (trem, bicicleta, automóvel) e hospedagem econômica (o *camping*, a colônia de férias) (BOYER, 2003).

⁷⁰ Para Boyer (2003: 69) é o interesse turístico que viabiliza o incremento tecnológico e não o contrário. As concepções de vida, portanto da viagem e repouso, precederiam as formas de turismo.

⁷¹ É de 1892 o Túnel de Copacabana que a liga ao Botafogo; de 1894 as linhas de bonde ligando os extremos de Copacabana, e de 1906 o Túnel do Leme e a Av. Atlântica (GOMES, 2002).

⁷² O processo é mundial. Na mesma onda vieram os balneários de Acapulco (México) e Punta del Este (Uruguay).

⁷³ Até então o automóvel era uma forma de turismo campestre, junto com a bicicleta, através das estradas interiores em desuso pela ascensão das vias férreas (BOYER, 2003).

⁷⁴ É preciso turista para haver turismo. São dois fenômenos distintos a “história das migrações da minoria desocupada que se considera a elite, e a migração das massa que não têm controle sobre o seu tempo (BOYER, 2003: 97)”. Há um vínculo com as medidas do Estado do Bem-Estar Social (*Welfare State*), concedendo tempo livre a outros estratos sociais.

⁷⁵ A família real russa promoveu San Remo, os reis belgas Leopold I e Leopold II promoveram Ostende, Villefranche-sur-Mer e Saint-Jean-Cap-Ferrat e a família real germânica, Corfu.

⁷⁶ Brigitte Bardot foi a principal responsável pela ascensão de Sain-Tropez e de Búzios, no Rio de Janeiro. E, em escala muito menor, dois ídolos da contracultura, Janis Joplin e Mick

estenda a uma gama maior do ramo do entretenimento. Boyer defende que antes havia uma difusão por imitação, cada estrato copiando a categoria imediatamente acima, enquanto no séc. XX se dá pelos meios de comunicação de massa, a vários estratos de uma só vez e de modo mais veloz. Forma acelerada da lógica da distinção, descrita antes.

Vamos ao caso de Salvador, onde a trajetória dos usos da praia e seu papel no processo de transformação urbana se mesclam de maneira inconsútil.

5.3. O CASO DE SALVADOR

Em Itaparica havia águas medicinais, algumas radíferas, e seu poder curativo estendia-se às suas praias, e na antiga Praia do Conventia aconteciam banhos de lama, recomendados para polinevrites. Porém a ilha como local de banho, em uma escala maior, acontece somente na segunda metade do séc. XX⁷⁷. E, na história do banho de mar em Salvador, é o Rio Vermelho que ocupa lugar de destaque, mesclando a crença popular e medicina da época no julgamento da qualidade das águas e dos sítios.

Em 1817, o viajante Louis François de Tollenare diz que o povoado de pescadores com cerca de 100 cabanas recebia muitos visitantes (VERGER apud ALMEIDA, 1997). Alguns anos antes, em 1812, abria-se a estrada de Campo Grande ao Rio Vermelho de Cima. Sua trajetória, como do povoado da Barra, pioneiros no banho na costa atlântica, está relacionada com os meios e vias de acesso.

Segundo Hildegardes Vianna:

Foi no tempo em que o aprazível arrabalde [do Rio Vermelho] era o lugar preferido para veraneio. No meado do século passado [séc. XIX} descobriram que o mar que banhava o povoado não era apenas bonito e meio bravo. A sua história principiou. Alguém um dia falou que aquela maré batida tinha virtudes miraculosas. Operava curas julgadas impossíveis. Os que sofriam de beriberi, fraqueza nas pernas, moléstia de pele e uma infinidade de males passaram a experimentar os milagrosos banhos salgados. E foi assim que o pobre aldeamento de pescadores ganhou foros de estação balneária. Deu para prosperar. Os pescadores contaram desde então com uma verba extra, por vezes polpuda, resultante do trabalho de levar ao colo, para mergulho, os enfermos que vinham até a praia, trazidos em cadeiras de braços. (RIO VERMELHO..., 1988: 70).

O traje era similar ao descrito antes para as estâncias balneoterápicas. Segundo Adroaldo Ribeiro Costa (RIO VERMELHO..., 1988), para o banho de sal as moças usavam calças compridas. Isolina Diniz (RIO VERMELHO..., 1988) diz que as pessoas mesmas faziam suas roupas. Tirava-se o roupão e se corria para a água da enseada de Santana, evitando os olhares dos rapazes. Os banhos se davam até no máximo 9:00h da manhã, mas retornava-se preferencialmente às 08:00h, para o *banho doce* em casa e o café-da-manhã.

Em 1848, Asschenfedd (AUGEL apud ALMEIDA, 1997) diz que Rio Vermelho era localidade muito procurada na época das festividades religiosas em torno da Igreja

Jagger, jogaram os holofotes sobre Arembepe, na Bahia.

⁷⁷ Em 1878, Domingos Carlos as recomendava contra a icterícia, congestões do fígado e do baço, diarreias biliosas, febres graves, diabetes, além de ser diurético, impedir desarranjos da digestão; previne e curar moléstias dos olhos (OSÓRIO, 1979). O Dr. Prof. Pirajá da Silva, nos anos 1920, indicava a ilha como refúgio contra o béri-beri (AZEVEDO 1988).

da Santana, antes do Carnaval (depois passou a ser em julho). O veraneio se vinculava mais ao ciclo religioso e profano que com as águas.

Em 1859, abriu-se acesso pela Estrada Dois de Julho ou Rio Vermelho de Baixo (depois o leito da Av. Vasco da Gama), e em 1872, a concessão para construir as linhas férreas do Rio Vermelho de Cima e de Baixo⁷⁸. A partir da década de 1880 o bairro tornara-se veraneio de famílias abastadas (PORTO FILHO, s/d)⁷⁹.

Na urbanização do então distrito da Victória, também a nucleação de pescadores da Barra serviu de início à urbanização e tornou-se praça de veraneio. No terceiro quartel do séc. XIX era atendido por duas linhas de bondes (ALMEIDA, 1997). O longo trecho litorâneo entre os dois povoados não era habitado nem de fácil acesso. Em 1895 começou o parcelamento da fazenda Areia Branca para o loteamento Cidade Balneário de Ondina, com desenvolvimento vagaroso (ALMEIDA, 1997: 142). Já na década de 1919, veraneava-se em Ondina, segundo o Bel. Tarquínio Gonzaga (RIO VERMELHO..., 1988).

O prefeito J.J. Seabra construiu a Av. Sete de Setembro, até o Farol da Barra (na primeira gestão, de 1912 a 1916), e a Av. Barra/ Rio Vermelho (atual Av. Oceânica) em 1922.

O veraneio manteve-se por décadas. Na quinzena de N. Sra. de Santana se realizava com quermesses e festejos – da qual o dia da festa da Mãe d'Água era apenas uma parte menor. Nas praias, duas brincadeiras. A de esconder brindes, à la caça ao tesouro, com mapas. Primeiro saíam as mulheres, depois os homens. As indicações dos mapas seguiam a lógica da navegação dos pescadores, amarrando-se através de visadas. A outra brincadeira era o Frango d'Água – baile à fantasia com roupas de papel crepom, comum em outras cidades litorâneas – aonde os homens iam de galo e as mulheres, de galinha, culminando no mar⁸⁰.

Segundo Isolina Diniz, o Clube dos Dragões, agremiação de jovens do bairro, pôs um trampolim no Largo de Santana, de onde atiravam-se. O jornalista José Augusto Berbert de Castro conta que era estrutura de madeira, apoiada sobre bóias e ancorado, que partia do meio da praia e avançava mais de 100 metros dentro do mar e culminava em uma escorregadeira e um trampolim, em lados opostos. Não era desmontado: as águas de março terminavam por destruí-lo, todos os anos. Ainda no veraneio, era comum os jovens passearem e pescarem de barco; apesar da boa relação com os veranistas (o trampolim não os incomodavam), os donos besuntavam as bordas de seus barcos com caravelas, para os meninos se queimarem e não usarem os barcos sem autorização, como faziam. O veraneio, que começava em novembro, se encerrava com o bando anunciador do Carnaval, uma semana antes deste. Registra-se ainda em janeiro de 1959 o Banho de Mar à Fantasia e o Grito do Carnaval.

Tais hábitos são contemporâneos à agitação cosmopolita carioca na Av. Beira-Mar. O seu equivalente se daria no Porto da Barra. Fala o mensário *A Luva*, de Salvador, de 5/5/1930:

⁷⁸ A primeira à Companhia de Transportes Urbanos e a segunda aos irmãos Justo e Luciano Ariani.

⁷⁹ O mesmo autor assinala que até o início do séc. XX as famílias iam em caravanas a tração animal. Foram visitantes do vilarejo a princesa Teresa de Baviera na década de 1890 e do botânico W. Detmer em 1895.

⁸⁰ Coisa facilitada porque, à época, não havia mureta, mas sim rampa de terra unindo à areia.

O banho-de-mar na Barra, àquela hora, dava à Bahia fulgurações momentâneas de terra civilizada, de terra que veste *maillot* e anda de automóvel, uma Copacabanazinha, ainda um tanto medrosa, a temer talvez a eterna vigilância do forte de Santa Maria, mas que já põe à vela bons dois palmos de perna supra joelhal. O banho ali é sempre delicioso, tonificante, rejuvenescedor. Não só pelas suas qualidades terapêuticas, mas principalmente pelas extraterapêuticas, não só pelas qualidades marítimas, mas especialmente pelas marítimas (...). (AZEVEDO, 1988: 37).

Na década de 1940, a Barra era bairro residencial e a praia usada era a do Porto, local de gente grã-fina. Segundo Almeida (1997:154), no começo do séc. XX os mais ricos situavam-se no Largo do Porto e imediações. Berbert de Castro fala de peteca e futebol na areia. A primeira, aceita; a segunda, motivo de severos conflitos (testemunhou banhistas que punham o sombreiro no meio da cancha, em confrontação). Havia preconceito pelos moradores do seu entorno, aplicado aos “intrusos”, então chamados de “índios”. Começaram a vir na década de 1950, com os ônibus, aos domingos, após às 11:00h. Então os moradores locais iam à praia aos domingos somente até esse horário.

Enquanto a Barra inovava no uso da praia, o Rio Vermelho perdia seu papel de bairro de veraneio. Almeida (1997:136) diz que na Primeira República houve seu crescimento, procurado por gente abastada e pela classe média, em casas alugadas. Porto Filho encerra o ciclo do veraneio na década de 1930, onde começa sua vida como local de moradia, com o loteamento Parque Cruz Aguiar, enquanto Cid Teixeira e Honorina Sobrinho (RIO VERMELHO..., 1988) estabelecem a década de 1940.

Bairro residencial, sua praia ainda era usada: até os anos 1960 havia tradicional vôlei dominical na Praia do Forte, mesclando senhores, rapazes e senhoritas. Além das praias de Mariquita e Buracão, mais seleta (PORTO FILHO, s/d). Na praia de Santana, na maré baixa havia o baba e na maré alta, os banhistas. Costumava-se nadar até 300 a 500 metros, o que chamavam de “avistar o farol”, e os rapazes usavam os barcos ancorados como trampolins (PORTO FILHO, s/d). Havia ainda campeonato anual de natação, de 500 a 600 metros, segundo Alfredo Peneira de Melo (RIO VERMELHO..., 1988).

A mesma fluidez no transporte que possibilitou o veraneio e propeliu a formação do barro também foi um dos responsáveis pelo seu fim como praia de lazer. Um depoimento singular:

A praia de Santana era muito freqüentada pela elite do bairro, somente deixando após a construção da Avenida Cardeal da Silva, que passou a ser a principal via de chegada, aos sábados, domingos e feriados, de verdadeiras legiões de farofeiros, desembarcados dos ônibus que os traziam da Federação e adjacências. Nesta época houve também a invasão dos moradores da Vasco da Gama, principalmente do populoso trecho conhecido como Vila América. Como conseqüência natural dessa avalanche de intrusos, considerados indesejáveis, pois provinham das camadas sociais mais baixas e que tomavam a praia de assalto, houve o afastamento dos freqüentadores tradicionais, ou seja, das pessoas que residiam no Rio Vermelho, as quais passaram a procurar e freqüentar outras praias, cujo ambiente fosse ainda selecionado, existente lá pelas bandas da Pituba, Piatã e Itapuã. (PORTO FILHO, s/d: 82).

A praia já era popular quando Amaralina era final de linha do bonde (VERGER, 1990; LOPES, 1984). Segundo Pierre Verger (1990) depois de Amaralina era só areia branca; algumas partes cobertas com tapete de “salsa de praia” - planta rasteira de uso corrente na medicina popular e no candomblé - coqueirais e construções esparsas.

A difusão da procura à praia começou com a inauguração da primeira parte da Estrada Amaralina – Santo Amaro de Ipitanga, do final da Rua Osvaldo Cruz, no Rio Vermelho, até o largo de Amaralina, em 1949, iniciada pelo então governador Octávio Mangabeira. A via completa depois receberia seu nome, ampliada em extensão e largura ao longo dos anos. Em plena difusão do automóvel, popularizou a orla oceânica, tornou acessível e visível um cordão de dunas e coqueirais saudados e cantados em loas repetidas vezes. Porém permitiu e induziu a expansão de uma cidade em franco crescimento, sem estrutura de tratamento de esgoto.

O arraial de Itapuã era colônia de pescadores, com casas de taipa de sopapo, com algumas construções, como a igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã, o depósito de óleo do Contrato e as casas de veranistas, vindos da capital e interior. A conexão do vilarejo com a cidade era difícil, particularmente pela travessia do rio Jaguaribe. Isso mudou em 1935, com a Leôba – nome com a qual Manuel dos Santos Lisboa batizou a sua *marinete* (nome dado aos ônibus da época). Ele era responsável pelo transporte a Salvador e pela conservação da estrada de cascalho de 19km que fazia o trajeto (OLIVEIRA, 1991)⁸¹.

E dos anos 1940 a Vila dos Funcionários da Base Aérea de Salvador. Na década de 1950 Berbert de Castro⁸² diz que era ainda tão distante que só os boêmios arriscavam-se a ir. Nessa mesma década, no governo Hélio Machado, houve a implantação e comercialização do Loteamento Cidade Balneária de Itapuã. Como no Rio Vermelho, muitos dos antigos moradores venderam suas casas e mudaram. Aqui, para o que hoje é o centro do bairro, formando as favelas de Nova Brasília, Nova Conquista, Alto do Coqueirinho e Vila Romana.

Nos fins dos anos 1960 apareceram os primeiros surfistas em Salvador, usando pranchões de madeira. De acordo com Carlos Augusto Coelho “Piolho”, o surfe foi pioneiro na Barra, Pituba e Rio Vermelho (RIO VERMELHO..., 1988), onde estava a primeira fábrica de pranchas, a Haty, pioneira na produção de espuma de poliuretano. Esses modelos de fibra de vidro eram mais caras e compradas pelos surfistas em cooperativa, especialmente os do Nordeste de Amaralina. As melhores ondas se davam na Praia da Paciência e, quando eram poucos, havia relacionamento entre os surfistas. Depois – ainda depoimento de “Piolho” - tornou-se exclusivista, com disputa acirrada pelas ondas, com forte defesa de território no Nordeste de Amaralina pelos seus moradores, enquanto que praias mais distantes como Aleluia e Stella Maris eram elitistas (RIO VERMELHO..., 1988).

Até 1970 o uso centrava-se nas praias da Barra (Porto, Farol), Ondina e Rio Vermelho (Paciência, Santana e Forte). As praias do Farol e do Porto da Barra eram “grã-finas” nos dias da semana, e nos domingos de todas as classes – como acontecia na década de 1940 - com picos aos fins de semana de mais de 2.500 pessoas, e densidade de até 1 banhista/ m² (BAHIA, 1973) no Porto da Barra. Além disso⁸³: o vôlei atrapalhava os banhistas; as pessoas levavam cachorros e cavalos para tomar banho; como em Piatã e Itapagipe, conflitos com o “baba” da praia, vendedores ambulantes e barracas de praia. Lanchas e outras embarcações perigosamente perto

⁸¹ Oliveira (1991) nos diz que os molhes de pedra da região tinham seus nomes dados pelos pescadores: Itapuã Mirim, Tanuassu, Redonda, Diogo Dias, Ilha de Cima, Ilha de Baixo, Sardinha, Vermelha, do Chapéu, Pedra do Sal, Pedra da Piraboca (onde está o Farol, de 1873). Licídio Lopes (1984) conta que os arrecifes do Rio Vermelho e Ondina também tinham nome. Os pesqueiros, por sua vez, também são nomeados pelos pescadores, de superfície e submarinos. Essa riqueza toponímica, porém, escapa ao usuário comum.

⁸² A ORLA MARÍTIMA DE SALVADOR ESTÁ DEGRADADA, A Tarde, 24 out. 1982., Cad. 2, p.1.

⁸³ PESQUISAS ESCONDEM ALTO ÍNDICE DE POLUIÇÃO, A Tarde, 3 fev. 1973, p1.

dos banhistas, com donos a exibir suas habilidades às meninas. A Barra era a epítome da vanguarda praiana, onde estavam os trajés de banhos mais arrojados, ponto de encontro vespertino e noturno, ligado aos seus estabelecimentos recreativo-turísticos (BAHIA, 1973). Em escala menor, fenômeno semelhante se repetia na praia do Farol da Barra (BAHIA, 1973): concentração nos finais de semana, com presença acentuada dos jovens nas horas noturnas.

Do mesmo período é a praia de Ondina, também com divisão do público com os dias da semana: residentes de classe média nos dias úteis, pobres, do entorno e Federação, nos fins de semana. Com comércio informal por ambulantes e tendas móveis, alta densidade de pessoas (1 banhista/ 10m²), com divisão do espaço em função da classe social do banhista (BAHIA, 1973), embora sem maior definição de como isso se daria. No Rio Vermelho (BAHIA, 1973), o futebol acontecia na praia da Paciência, com o público dividindo-se pelos dias. Na semana, moradores do bairro e nos finais de semana, gente de classe média a baixa, provenientes da av. Vasco da Gama.

Mas à época já se falava na Pituba (Salva-Vidas e Fim de Linha), Jardim de Allah, Armação, Chega-Nego e Itapuã junto das mais freqüentadas⁸⁴ - estas se relacionam com o transporte automotivo. A Pituba então era praia pitoresca, com jangadeiros e o Clube Português ocupava parte da areia. A área defronte ao atual Largo das Baianas, em Amaralina, era muito freqüentada, onde afluíam os moradores do bairro nos dias de semana e de outras partes da cidade nos finais de semana, principalmente de Brotas e na maioria jovens, com freqüência média de 4.000 pessoas (BAHIA, 1973). Descontando eventuais hipertrofias, ainda são números expressivos para o uso atual.

Em 1969 a praia do Corsário era reduto das garotas com acesso a automóvel⁸⁵. Piatã também era usada, para banho e futebol de praia, pelas pessoas com transporte próprio (BAHIA, 1971). Apesar de que em 1978 o Porto da Barra ainda ser das preferidas do público jovem⁸⁶, a expansão prosseguia: freqüentava-se bastante a Bacia das Moças, na Pituba, a Boca do Rio e o Corsário. Nos anos 1970 a praia de Aratubaia ganhara função de reduto do movimento *hippie*, com base no Alto do São Francisco. A praia mudou seu nome para Praia dos Artistas, onde se inaugurou na Bahia a moda do *topless*. Segundo Biró⁸⁷ a vinda desse público foi obra de Aluizio, o barraqueiro mais antigo da região. Mas o rápido crescimento do bairro da Boca do Rio mudou tal perfil.

A cidade crescia também na direção atlântica. Itapuã, no final dos anos 1970, se tornou articulação entre a cidade e o Pólo Petroquímico de Camaçari, e teve *boom* de condomínios e *villages*, vizinhos de grandes invasões, como Nova Brasília e Alto do Coqueirinho.

Essas práticas sociais induzem a formalização de dois tipos de ocupação urbana de característica residencial no litoral – o bairro ou subúrbio inserido dentro de um contexto urbano complexo, no caso cidades como Rio de Janeiro, Vitória ou Santos, ou o bairro de segunda residência, destinado basicamente a ser utilizado no período das

⁸⁴ EXAMES REVELAM UMA ALTA CONTAMINAÇÃO NAS PRAIAS, A Tarde, 17 jan 1970, Cad.1, p.2.

⁸⁵ NOSSAS PRAIAS PARA AS ALTEROSAS, A Tarde, 12 jun. 1969.

⁸⁶ NÃO SE ESPANTE: O SOL SEMPRE SURGE E PERMITE UMA PRAIA, A Tarde, 4 jun, 1978, Cad. Turismo e Automobilismo, p. 3.

⁸⁷ A BOCA DO RIO NÃO TEM MAIS OS ENCANTOS DA DÉCADA DE 70. A Tribuna da Bahia, 10 jan. 1987, Cad. 1, p.47.

férias de verão, ou nas épocas de grandes feriados. (MACEDO & PELLEGRINO, 1996: 159).

Nos anos 1970, estavam em voga as praias de Placaford e da rua K, em Itapuã (onde ficam ancorados os barcos). Com certeza a fama nacional de Itapuã deve-se em boa parte ao poeta Vinicius de Moraes, que entre 1973 e 1974 teve casa de veraneio no bairro. Dessa época data o estabelecimento Língua de Prata, incorporado no Projeto Orla de 1985 ao Parque da Sereia e ainda hoje existente (FRANCO, 2002). Se os cantares dessa celebridade ajudaram a impulsionar a ocupação desse sítio, não posso afirmar.

É importante o caso de Arembepe. No auge do movimento *hippie* iam até a vila de pescadores jovens entre 15 e 20 anos, que ganhou uma aldeia *hippie*. Em 1962 serviu para Gláuber Rocha filmar *Barravento*, e por lá passaram Janis Joplin e Mick Jagger⁸⁸, e Roman Polansky (discutível seu efeito sobre a juventude). Tornou-se ícone do *underground* e essa aura até hoje atrai gente – embora em menor quantidade.

Em 1984, novo quadro⁸⁹. A Pituba era praia movimentada, com barracas de bebidas (refrigerantes e cerveja) e aperitivos e baianas do acarajé em toda sua extensão. Costa Azul e Armação eram procuradas por pescadores de anzol e linha, como até hoje são. O Jardim de Allah era usado para piqueniques. Itapuã, incluindo Placaford, era muito requisitado, e nas praias das ruas K, J e L reunia-se a juventude da cidade e praticantes do *windsurf*. A av. Otávio Mangabeira congestionava (SALVADOR, 1988) e tornara-se problema⁹⁰.

Engarrafamentos quilométricos, especialmente nas praias mais procuradas pelas pessoas que têm carro, como a praia de Aleluia, onde enormes engarrafamentos se formaram, ontem, durante boa parte do dia⁹¹.

Para os surfistas: a praia do Farol da Barra atrás do restaurante Barravento⁹²; a Praia da Paciência⁹³; de Amaralina⁹⁴, de Armação⁹⁵, Aleluia⁹⁶ e Stella Maris. Para o banho, o quadro muda com notável velocidade, com abandono de praias da moda: Rio Vermelho, Amaralina e Pituba. O papel assignado pela juventude rica e da vanguarda se desloca para o norte – Pituba, Boca do Rio e Corsário, na década de 1970, e Itapuã na década de 1980, especialmente nas praias do Farol, e depois Stella Maris e Aleluia. Permanência interessante é a do Porto da Barra, pioneira nos hábitos praianos, embora haja mudança de composição, a partir das possibilidades dos banhistas motorizados.

Outro movimento geral é a chegada dos esportes à areia. O mais comum é o “baba”, e a queixa mais presente, mesmo com demarcação de áreas e horários para

⁸⁸ AREMBEPE AINDA MANTÉM VIVO O SONHO DOS ANOS 70, A Tarde, 3 fev. 1985, Cad. Turismo, p.3.

⁸⁹ ROTEIRO DE SOL PELAS PRAIAS DA BAHIA, A Tarde, 8 jan 1984, Cad. Turismo, p.3.

⁹⁰ A ORLA MUDA PARA MELHOR, A Tarde, 4 dez. 1984, Cad.2, p.1.

⁹¹ PRAIAS FICAM LOTADAS NO FERIADO, Correio da Bahia, 8 set. 2004, p.3.

⁹² BARRAVENTO TRAZ POLUIÇÃO PARA PRAIA DO CRISTO, A Tribuna da Bahia, 10 abr. 1987, Cad.1, p.46. ESGOTOS ESPALHADOS EM PRATICAMENTE TODA A ORLA MARÍTIMA, A Tribuna da Bahia, 27 mar. 1987, Cad. Cidades, p.38.

⁹³ POLUIÇÃO AMEAÇA PRAIA DO RIO VERMELHO, A Tarde, 18 maio 1987, Cad.1, p.5.

⁹⁴ SUBÚRBIO AINDA TEM PRAIA SUJA, A Tarde, 25 jan. 2005, Cad. Especial, p.8.

⁹⁵ ROTEIRO DE SOL PELAS PRAIAS DA BAHIA, A Tarde, 8 jan 1984, Cad. Turismo, p.3.

⁹⁶ POINT DO SURFE É O CANTO PREFERIDO DE PEIXE, Correio da Bahia, 13 abr. 2005, p.5.

as práticas deportivas (medida que reiteradamente se toma⁹⁷). Reclamações similares recebe o frescobol, embora menos comum nas praias de Salvador⁹⁸. Aparecem ainda o vôlei e o futevôlei, em menor escala, este último mais praticado à medida em que se vai a norte. O Porto da Barra continua a marcar uma exceção notável, com a peteca.

É cada vez mais comum percorrer no sentido paralelo à costa: bicicletas na calçadas, caminhadas e *cooper* na calçada, estirâncio e areia. Estabelecem-se algumas atividades incompatíveis na areia, e também na água. O comportamento exibicionista dos donos de lanchas em 1978 no Porto da Barra tem sua versão contemporânea nas praias do Litoral Norte. Lá vê-se gente circulando com *jet-sky* e quadriciclos, jovens e adultos, a 60km/h, com acidentes, na areia e no mar⁹⁹.

Novas modalidades de lazer acontecem nas praias do Litoral Norte – mais espaçosas ou vazias, e próximas do veraneio de quem tem poder aquisitivo – com algumas incidências nas praias urbanas da cidade, como o *kitesurf*. Há uma especialização do lazer, e não se precisa recorrer a formas de tecnologia rebuscada. Crianças empinam pipa na praia (o que recebe crítica dos banhistas e barraqueiros¹⁰⁰), e elas, mais adultos, se fazem de arena o Parque Atlântico, à beira-mar, já que tem vento forte, é amplo e sem fiação¹⁰¹.

Berbert de Castro lamenta que a praia tornou-se local de venda de bebidas e de esportes que incomodam aos banhistas, e da transformação visual e física provocada pelos barraqueiros, e seus problemas sanitários.

Ali não ficam banhistas, mas bebedores de cerveja, de batidas, de comedores de caranguejos e o ambiente se torna insuportável para os que vão fazer uso da praia para o que deveria ser sua finalidade: tomar banho de mar e ficar ao sol. (BERBERT, 1982).¹⁰²

É sensível a mudanças drásticas para quem idealizou a praia da burguesia: há gente demais na praia, novos serviços (com suas vicissitudes) e novas práticas, em conflito explícito com os banhistas, e com demandas diferentes. Berbert de Castro percebe que há gente que vai agora à praia em função disso, e não do que entendia como normal. Há duas modificações significativas quanto ao banho. A ascensão do consumo, de frutos do mar e bebidas alcoólicas, associadas à estada na areia. E a popularização da praia, com, segundo minha interpretação, diminuição sensível da lógica do ver-e-ser-visto nas praias da área-estudo.

O banho de sol sofreu um revés em 1979, quando o FDA (*Food and Drug Administration*, agência norte-americana de saúde) aceitou que a exposição ao sol aumentava a incidência de câncer de pele e a *American Academy of Dermatology*, em

⁹⁷ ESPORTES NA PRAIA PERTURBAM BARRAQUEIROS E BANHISTAS, Correio da Bahia, 14 nov. 2005, p.3.

⁹⁸ VELHOS PROBLEMAS NA PRAIA, A Tribuna da Bahia, 18 out. 2004, p.12. ESPORTES NA PRAIA PERTURBAM BARRAQUEIROS E BANHISTAS, Correio da Bahia, 14 nov. 2005, p.3. MAPA DOS PROBLEMAS, A Tarde, 22 out. 2006, p.6.

⁹⁹ PRETTO, Nelson. Impunidades nas Praias, A Tarde OnLine, 24 fev. 1998. Disponível em: <<http://www.ufba.br/~pretto/textos/impunw.htm>>. Acesso em: 21 set. 2007

¹⁰⁰ FAROFEIRO DE LUXO CHEGA ÀS PRAIAS, A Tribuna da Bahia, 26 jan. 2005, p.12.

¹⁰¹ LINHA DAS ARRAIAS REPRESENTAM RISCO NA ORLA, Correio da Bahia, 30 out. 2005, p.11.

¹⁰² A ORLA MARÍTIMA DE SALVADOR ESTÁ DEGRADADA, A Tarde, 24 out. 1982., Caderno 2, p.1. Em entrevista recente minha com o jornalista, o olhar do mesmo mostrava-se mais auto-crítico, entendendo que a reação aos “intrusos” na ocasião era injusta.

1985, alertou para o risco da superexposição, sendo a primeira sociedade médica a fazer campanha de educação pública sobre o câncer de pele.

A exposição gradual aos raios UV-B estimula o organismo a produzir melanina, responsável pelo bloqueio dos raios solares na pele¹⁰³, diminuindo os riscos de queimaduras. O mesmo processo que provoca o bronzeamento desencadeia o processo do melanoma. Sabe-se hoje que os raios UV-B induzem alguns tipos de câncer de pele e provocam queimaduras solares, enquanto os UV-A causam efeitos a longo prazo, como envelhecimento prematuro da pele, danos agravados pela deterioração da camada de ozônio atmosférico pela ação do CFC (clorofluorcarbono)¹⁰⁴. Os protetores ou filtros solares, desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial para minimizar queimaduras, cresceram em vendas e fator de proteção. Daí alguns evitam tomar sol, outros se munem com cremes e óleos diversos, e ainda freqüentam nos horários em que a radiação incide menos, no começo da manhã e meio da tarde. O tom da pele tornou-se apenas indício perceptível de uma afinidade do sujeito com a praia ou de uma ociosidade bem-vivida (não só na praia, mas pelo menos sob o sol). Enquanto ostentar a pele bronzeada é um objetivo, resguardar-se da insolação e dos danos a longo prazo é necessário¹⁰⁵.

Nas práticas praianas, podemos assinalar mudanças em um nível menor, nos objetos utilizados e padrões de ações correspondentes: a canga, as cadeiras e o protetor solar. Até a década de 1980, era comum o uso de toalhas para leito na areia e para secar-se. Substituiu-se pela canga, que exerce ambos os papéis e ainda um terceiro, servindo como peça de vestuário. Mais leve e versátil, é adotada à larga hoje em dia. Também em meados dos anos 1980, as cadeiras eram trazidas pelos banhistas de carro, de madeira e tecido, pesadas. Foram substituídas pelas de alumínio e mesmo deixadas de lado, locadas no espaço da praia ou como serviço de barraca de praia. Essa mudança foi parte da transformação do lazer gratuito e privativo na praia em um lazer abastecido com serviços pagos. É fato empírico ainda que até os anos 1980 usava-se muito pouco protetor solar, e de índices baixos. Não encontrei nenhum dado cientificamente confiável sobre o assunto. Porém essa mudança de hábitos é certa. Não se pode creditar o aumento de venda daquele produto e o incremento de sua proteção somente ao medo ou à maior precaução na praia, já que indubitável que queimaduras se tornaram mais freqüentes. Pertence à memória da geração atual, usuária nas últimas três décadas da praia, que hoje em dia não cabe mais ir à praia com o grau de proteção com que se ia vinte anos atrás.

Quanto à contemplação do mar, Boyer (2003) afirma que todos os discursos atuais sobre os lugares turísticos são re-edições, sem grandes mudanças, dos elogios fundados no Romantismo¹⁰⁶:

¹⁰³ A resposta à radiação depende ainda da carga genética: segundo a classificação de T.B. Fitzpatrick, os tipos de pele, ou *fototipos*, apresentam diferentes reações à radiação solar. Daí porque pessoas de pele escura estão mais sujeitas a desenvolver moléstias pela carência, segundo a OMS (WHO, World Health Organization), como raquitismo nas crianças e descalcificação nos adultos.

¹⁰⁴ O que explica a alta incidência de câncer de pele na Austrália: populações leucodermas, cultura de praia e a camada de ozônio rarefeita nos pólos, principalmente o sul.

¹⁰⁵ O que levou ao *bronzeamento artificial*, no final dos anos 1970. Enquanto a praia é atividade pretensamente prazerosa, com o subproduto de uma pele mais bonita ou que sirva como sinal da atividade, o bronzeamento artificial simplesmente fornece o signo sem o conteúdo.

¹⁰⁶ Os elogios básicos dos Guias turísticos da época e atuais se fundariam nestes elementos: dominante-dominado (verticalidade física); antiguidade (verticalidade temporal); charme e encanto; felicidade-insularidade e anedótico-episódico.

Há dois séculos, os Guias, de tanto copiarem-se a si mesmos, conseguiram transferir ao turismo de massa contemporâneo a ideologia romântica: o povo turista de hoje está em busca do exotismo dos privilegiados do século 19. (BOYER, 2003: 62).

Dos valores românticos, o que se aplica à praia soteropolitana? A leitura clássica sem o substrato é impossível – faz sentido somente no Mediterrâneo¹⁰⁷. Restam o belo, o pitoresco e o sublime (este, sem o deleite do horror do incomensurável). Formulo a hipótese que esses três termos perderam seus nuances e distinções diante da apreciação do que é uniformemente “belo”, a paisagem natural; no caso, o horizonte oceânico.

O banho de mar inicia-se na forma dos *banhos de sal*, de um estrato social próspero, com alguma relação com os banhos milagrosos, dentro de um conjunto de usos ligados ao veraneio e festas religiosas. As comunidades de pescadores perdem importância e mesmo se deslocam. Depois, um banho associado à idéia de modernização, com a valorização do corpo, da exposição da pele ao sol e principalmente da exposição de si mesmo aos pares da sociedade, principalmente na Barra. Corresponde a um *locus* cada vez mais momentâneo, que migra com o afluxo de público a partir de vias e meios de transporte rápidos, acompanhando o litoral norte. Toda praia que se torna popular se vê dividida pelos moradores durante a semana e forasteiros nos finais de semana. Os esportes ou se adaptam à praia, ou aproveitam suas particularidades únicas, e ganham força com o tempo, acomodando-se, não sem conflitos, com a prática do banho de mar e de sol preexistente.

Dos esportes praianos, apenas o surfe é difundido, espacial e socialmente. Uma das condições foi vista antes: o baixo custo relativo de sua prática. Para o surfe, as praias são adicionadas, sem abandono das anteriores. Os demais esportes aquáticos têm, para si, a barreira do custo, antes que da habilidade. Então são praticamente ausentes, exceto o incipiente *kitesurf*.

Em tempos mais recentes, a instalação de serviços fixos e as melhorias de infra-estrutura permitiram algo inédito: o uso da praia à noite. Há lugares onde a disposição do comércio entre a calçada e a praia (o ponto exato será motivo de escolha local e polêmica) abastecem a praia, durante o dia, e tornam a calçada um belvedere à noite – como no Rio de Janeiro e São Luís do Maranhão. O espaço litorâneo ganha versatilidade para fins de lazer.

A vilegiatura se manifestou nos loteamentos da Pituba, e a seguir Jaguaribe, Costa Verde, seguido de *villages* e condomínios em Piatã e Itapuã, e mote da ocupação do Litoral Norte. A litoralização acontece em Salvador, parcialmente contida pelas restrições legais da orla. Na pesquisa, viu-se influência limitada de um entorno residencial, até pelo corte no espaço representado pela Av. Otávio Mangabeira.

O item mais complexo da relação soteropolitana com a praia está no consumo de bebidas alcoólicas. Quando o banho de mar se acompanha do “banho de bar” merece um item à parte. Por isso nos permitiremos retroceder algumas décadas, neste momento de pura atualidade.

¹⁰⁷ Porém ainda atual, vide projeto Montanha Verde, do governo líbio, para a região onde subsistem ruínas do Império Romano. LÍBIA BUSCA ACEITAÇÃO COM MEGAPROJETO AMBIENTAL. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 set. 2006, p.A-26

barracas de praia e consumo etílico

Vai andando naquela areia quente, conversa com alguns amigos que vai encontrando, dá com a mão para os que estão dentro d'água, vai andando, ouve a música alegre que vem do clube do Vitória. Ele imagina que a moçada está se distraíndo, dançando, cantando, se desferrando de uma semana de trabalho, cansaço, aborrecimento, sacrifícios e sofrimentos. Ele continua andando naquela areia quente, cabeça ao sol, já se sente um pouco cansado, abafado, um calor, uma quentura por dentro, sede, a garganta e a boca ressecada. Vai andando, finalmente chega ao bar que fica encostado à praia e é o mais antigo de Amaralina, hoje está reformado e é um dos lugares mais agradáveis da Bahia.

Ele é igual a um viajante que depois de uma caminhada num deserto encontra um oásis. Ele entra no bar com a vista um pouco escura pelo calor e a quentura da areia, senta-se em uma daquelas mesas que fica junto à janela, olha em volta, o movimento e a alegria nessa hora é geral. Ele chama o garçom, pede uma cerveja, quando vem já está mais descansado, toma um copo quase de um trago, torna a encher o copo e fica olhando para a espuma e a garrafa, que chamam na gíria a loura gelada. Quando ele já está bastante descansado e desabafado, olha então pela janela em direção ao clube Português; fica meio abobalhado como quem acorda de um sono profundo, passa a mão nos olhos, fica meio confuso ao ver tanta claridade, tanta beleza e alegria: uma paisagem sem igual, coqueirais sem fim, um mar que não pode haver mais belo no mundo, velas de todos os tipos, os jagandeiros voltando de sua luta, ondas de espumas alvas que chegam a doer nas vistas, começam muito altas e vão rolando e reduzindo-se e terminam espreguiçando-se na areia. Ele vê centenas de pontos ao longo se movendo, de todas as cores, em uma confusão que ele não pode distinguir. Vai apurando a vista, olhando mais perto distingue que é gente, pessoas, banhistas em grande quantidade. Mulheres lindas! Olha para dentro do bar e vê que está cheio delas. (...)

Ele bastante entusiasmado sai do bar para dar uma voltinha no Largo de Amaralina, ali o movimento e a alegria são iguais aos do bar. (LOPES, 1984: 103).

A citação é emblemática. O artista vai à praia ver gente, as belezas estonteantes da terra, e se regalar com acarajé e cerveja. A loa é legítima, não peça publicitária. O quadro é pintado em Amaralina, um ponto antes do então final de linha.

A relação do soteropolitano com a praia atlântica é entremeada com frutos do mar e com o álcool. Ela transparece ainda em outros depoimentos. Tasso Franco (2002) fala da frequência, em Itapuã, a três pontos: a barraca de Pombo, o bar do Galo (onde se podia dançar de sunga) e o Língua de Prata. E em Placaford, à barraca do Perilo.

Em Salvador, nos anos 1960, estão presentes tendas informais, próximas umas às outras, de constituição heterogênea (cobertas de lona ou palha de coqueiros), vendendo batidas alcoólicas na areia. No apogeu da praia da Pituba e Amaralina (BAHIA, 1973), instalavam-se tendas móveis para venda de lanche e bebidas, água de coco e baianas, assim como no Porto da Barra. Proibiu-se repetidamente e persistiram. Escutemos alguém a quem nos habituamos:

Todo um comércio de venda de comidas e bebidas, de aluguel de cadeiras dobradiças, de tendas e chapéus-de-sol verifica-se nas praias, em instalações permanentes ou improvisadas no momento. Na praia de Jauá, no litoral baiano (...), numa extensão de 1km, instalaram-se há vários anos em caráter permanente, nada menos de 70 barracas toscas de madeira e palha, com mesas e bancos, para a preparação de alimentos (caranguejo, mariscos, ostras, comidas típicas da região) e bebidas: cerveja, refrigerantes, cachaça, aperitivos, etc., de que se abastecem os banhistas sobretudo nos sábados e domingos. Cada barraca, situada a dez ou quinze metros de distância das vizinhas, pertence e é explorada em geral por uma família de modestos camponeses da redondeza, nalguns casos apoiados por políticas e por comunidades

de base. Este comércio é parte do extraordinário complexo comercial de barraca que se armam e removem de um bairro para outro na cidade do Salvador no período de festas de fim de ano. (AZEVEDO, 1988: 39).

A partir daqui o contraponto será feito com a estrutura física permitida e efetivamente montada nesse comércio de praia.

De autoria e execução do Governo do Estado, o Projeto de Valorização da Orla Marítima, ou simplesmente Projeto Orla, de 1985, implantou cinco de sete Parques turísticos lineares à praia (da Sereia, dos Coqueiros, do Corsário, da Boca do Rio e Jardim de Allah), infra-estrutura urbana e iluminação pública ao longo da Av. Otávio Mangabeira, calçada e ciclofaixa que até pouco tempo atrás existiam (nova ciclofaixa se fez na atual gestão municipal) e equipamentos de ginástica.

Parte desse projeto foi a formalização da ocupação comercial da faixa de areia. Optou-se por qualificar o serviço entendendo as barracas como quiosques de apoio, e os barraqueiros como microempresários. O quiosque era uma cobertura de piaçava, com pilar central e de pequena área, com balcão com tampo removível para guardar pertences e produtos no gelo, água encanada e sem eletricidade. Cada unidade tinha uma *área de concessão*, área exterior que podia explorar com mesas e cadeiras, de aproximadamente 100m². O padrão construtivo buscava um ar regional, oriundo das primitivas construções dos jangadeiros. Pode se ver remanescentes nos quiosques do Parque da Sereia e Parque dos Coqueiros, embora descaracterizados.

Do Projeto Orla também nos interessam os Mirantes, construídos diretamente sobre o talude. Prestavam-se como marco das praias e apoio ao banhista, com sanitários e chuveiros, posto de primeiros-socorros, depósito para a companhia de limpeza urbana, acesso por escada à praia e posto de observação dos salva-vidas, totalizando 78m². Foram construídos a toque de caixa – dos doze projetados, apenas nove implantados¹⁰⁸ - e já na inauguração estavam deficientes. Apresentavam insuficiências na concepção da praia como espaço público. Distavam 800 metros entre si, e tinham os únicos sanitários permitidos (à época, as barracas estavam proibidos de tê-los): supondo a inexistência do consumo de bebidas alcoólicas (principalmente cerveja, diurético), ainda assim seria insuficiente. O mesmo vale para os acessos à praia. Para parques urbanos, escassos; para área de serviço terciário, desprezíveis¹⁰⁹. Em poucos meses foram depredados¹¹⁰.

Deu-se nos anos 1980 o *boom* da praia atlântica como lazer de massa em Salvador. As barracas cresceram em tamanho e número e, além dos aperitivos previstos, preparavam e vendiam alimentos e bebida alcoólica, com uma demanda

¹⁰⁸ São eles: Jardim de Alá (nomenclatura empregada), Armação, Boca do Rio (destruída), Corsário, Pituacu, Patamares, Jaguaribe, Piatã e Plakafor (nomenclatura empregada).

¹⁰⁹ Em 1978, o Plano de Áreas Verdes e Espaços Abertos propôs um Parque da Orla Marítima, composto pela faixa de areia (cerca da metade) e por Parques Setoriais a partir dos bolsões entre pista e praia. O plano indicava que esta atenderia 226.666 habitantes. O Plano de Estruturação da Orla Marítima e sua Área de Influência, de 1984, adotou tais dados, e transformou os Parques Setoriais propostos nos parques turísticos feitos. O projeto de 1984 adota quantitativos de 1978, falavando em mais de 200 mil habitantes beneficiados por um espaço com sanitários a 800 metros cada, com carência de infra-estrutura de entrada.

¹¹⁰ Todo o Projeto Orla foi desenvolvido pelo Governo do Estado sem a consulta, e mesmo o consentimento, da Prefeitura Municipal, tornando-se fogo cruzado após a inauguração: quem seria o responsável pela gestão do que fora criado? As instituições não assumiram-nas e, sem cuidados, foram depredadas. Em dois dos Mirantes o chuveiro funcionou por anos a fio, em Piatã e Itapuã, por conta da vigilância paga pelas barracas para proteção noturna.

crescente de sanitários para seus clientes, incluindo o uso do mar, fundos das barracas e muros de arrimo. As barracas instalaram chuveiros informalmente para atender seus clientes banhistas. Sanitários, chuveiros e acessos à calçada (os acessos no Projeto Orla eram poucos) eram itens fundamentais para cada barraca manter-se competitiva. Apontava-se já uma segunda leva de atores na praia:

Há que se registrar também que, no que se refere ao terciário de apoio à população flutuante, o surgimento e crescimento de um conjunto de serviços informais dispostos ao longo da faixa de praia e expresso pela presença de um sem número de vendedores ambulantes que se deslocam sobre as areias, nos períodos de maior afluxo de pessoas. (SEPLAM-RENURB, 1988).

Expandiram-se em número: os dados oficiais falam em 11%, Santos & Garrido (1991) acreditam que foi mais. Vistoria técnica em 1991 revelou que se fizeram ampliações clandestinas nas barracas (81% dos casos) – para cozinhas, interna ou externa, depósito e área para chuveiro - , como na sua área de concessão (apenas 28% seguiam o limite original), com exemplares com até 100 cadeiras (SANTOS & GARRIDO, 1991). Muitas das ampliações se relacionavam com a oferta de serviços aos banhistas, não previstos e nem permitidos inicialmente, porém vistoria de 1987 encontrara gente morando em barracas, incluindo a criação de suínos¹¹¹, e a vistoria de 1991 encontrou 26% de barraqueiros pernoitando nas barracas, inclusive para segurança dos pertences. Eram atividade lucrativa, com mudança no quadro de trabalhadores e proprietários. No início dos anos 1980 eram pescadores, artesãos e biscateiros, com renda familiar entre 1 e 3 salários-mínimos. No começo dos anos 1990, apenas 18% dos barraqueiros tinha essa renda e 56% dos titulares da barraca tinham 5 anos ou menos de exercício da atividade, apenas 33% com mais de 10 anos.

Com o Plano de Ação de 1991 a Prefeitura coibiu abusos que se configuraram ao longo do tempo, e estabeleceu novo desenho, retirando as alterações mais aberrantes. Manteve o material de construção, com pilares periféricos em vez do central, a fim de ceder mais espaço ao permissionário – ao todo, 36m² de área coberta. Circundou com um balcão para armazenamento de produto, diante das queixas de roubo. Vedou-se o quiosque com basculante treliçado entre balcão e cobertura, um meio-termo entre a segurança dos pertences e a permeabilidade visual da paisagem – de onde se obrigava ao comerciante manter os basculantes abertos no horário de funcionamento. Aumentou espaço de armazenamento e preparo (fogão, engradados, etc.), mas limitou o comércio a refrigerantes, bebidas alcoólicas, tiragostos, cigarros, fósforos e similares, proibindo de tornarem-se pequenos restaurantes. Instalou-se energia elétrica e se retiraram os sanitários particulares, proibidos junto com os chuveiros, fossas e escadas particulares, prescrições sumariamente desobedecidas nos anos seguintes. Havia previsão de módulo sanitário padrão da Renurb, que seria condominiado entre barraqueiros. Nunca foi posto. A área de concessão reduziu-se para 60m² - 6 metros de testada por 10 de comprimento - com no máximo 20 mesas, com capacidade para quatro lugares.

Deve-se assignar ao Governo do Estado a responsabilidade pelo que aconteceu a seguir. Os únicos sanitários construídos eram os dos Mirantes de 1985, depredados mal inaugurados. Na ausência dos sanitários previstos, para suprir essa deficiência, ainda mais com venda de cerveja, alguns comerciantes construíram sanitários próprios, sagrando a lógica do ponto comercial individual de responsabilidade do empresário, tornado diferencial de serviço na concorrência entre os bares. Mais tarde a Prefeitura aceitou os sanitários e as fossas, desde que

¹¹¹ BARRACAS DE PRAIA FORAM NOTIFICADAS. *Tribuna da Bahia*. Salvador, 19 ago. 1987.

precedidos por planta esquemática, e somente para barraqueiros em dia com as taxas municipais.

Ao cabo da pesquisa, foram encontrados poucos anexos aos modelos de 1991, e poucas descaracterizações. Observou-se mudanças incrementais no acabamento dos quiosques – algumas significativas de melhoria, outras de improviso. As benfeitorias não foram na célula do quiosque, mas em seu entorno.

Em 2005, os Mirantes foram recuperados, através de patrocínio de empresas privadas, com contrapartida de usá-los como mídia exterior. Apenas um deles teve de ser parcialmente reconstruído, o da Boca do Rio, com aspecto mais bucólico.

Dessa mesma época surge a terceira leva de barracas com variedade de modelos para toda a orla soteropolitana, dos quais alguns recaíram sobre a área estudada. Na área-estudo existem três modelos, com pequenas variações a partir deles, como já descrito.

Nas barracas construídas – elimina-se com isso projetos malfadados¹¹² – até 1991 buscava-se uma imagem de rusticidade, evocando as construções de folha de coqueiro dos pescadores. Esta nova leva transforma esta impressão em algo ligado à madeira, mas não à sua rudeza: peças aparelhadas de madeira de reflorestamento, como revestimento sobre alvenaria em paredes meia altura e nos sanitários; cercas leves; e coberturas com telhas de taubilha, de eucalipto.

Nestes modelos a ampliação mais significativa se deu no preparo dos alimentos, principalmente na cozinha e depósitos de matéria-prima. O atendimento tornou-se mais próximo ao de um bar, com *freezers* expositores e horizontais. As mudanças na cozinha se deram a fim de dar maior estrutura ao preparo de alimentos, e melhores condições de higiene, principalmente o uso de revestimento cerâmico. Nas varandas, embora transpareçam uma idéia de higiene (nada atesta que ali influenciem algo de fato), acarretam mais trabalho para os funcionários, que têm de varrê-la incontáveis vezes durante o dia.

Em linhas gerais, houve a ascensão de bebidas industrializadas, notadamente cerveja - do isopor com gelo passou-se ao *freezer* horizontal, e agora o expositor refrigerado, do baú à instalação elétrica. O item culinário se incrementou: de pequenos aparatos a cozinhas maiores (alguns dos novos modelos têm depósitos de gás) - do salgado pronto, às coisas de fácil confecção e fritura, ao alimento preparado *in loco*. Para o freguês, chuveiro e sanitários - então, ponto de água, e fossa séptica, de modo ilegal e depois aceita pelo Poder Público¹¹³.

Isso acarretou mudanças no espaço ocupado. Do ambulante com sua tenda precária de meados dos anos 1960, ao barraqueiro com área de atendimento flexível, por meio de mesas e cadeiras empilháveis. E agora, com os modelos recém-construídos, com área coberta, e volume crescente de depósitos, para sombreiros, mesas, cadeiras e engradados em sua retroárea.

¹¹² Como o do arquiteto Daniel Colina, na primeira gestão do prefeito Antônio Imbassahy (1997-2000), constituído cobertura tênsil e construção em alvenaria e fibra de vidro, realizada em patamar à beira-mar, mas fora da areia. Tem o mérito de ousar algo diferente do lugar-comum do romantismo das vilas de pescadores perdidas.

¹¹³ O termo Poder Público é usado sem considerá-lo monolítico ou duradouro. Isto é, entendo que suas distintas instâncias têm estratégias diferentes. Que mesmo uma instância possui clivagens a partir de seus setores. E que todos eles variam de acordo com a gestão. É uma prosopopéia que não afeta na constituição do raciocínio, e auxilia em sua clareza.

De toda sorte, Salvador adotou uma tipologia única de comércio e serviço de praia dentre as grandes cidades praianas do Brasil: construções na areia, exclusivamente voltadas para os banhistas. E que transcendeu o papel de apoio a práticas existentes, e instaurou uma nova prática, com novo afluxo de público, e consolidando uma outra população na praia, os próprios comerciantes, que ali vão em função do lazer alheio. Atualmente o comércio de praia completou uma volta sobre si mesmo. Os vendedores ambulantes se estabeleceram, ganharam barracas, a maioria vendeu seus pontos, os pontos tornaram-se estruturas tradicionais, e hoje lutam por graus crescentes de estruturação. Então surgiram novos vendedores ambulantes, entre as barracas e defronte delas, vendendo artigos similares, com tecnologia que lhes dá mais eficiência e leveza que seus predecessores. O direito que o ambulante da praia tem, hoje, é em essência o mesmo que o de 1970 tinha.

Uma nova prática acontece nos últimos anos, sem definição de sua força. O recurso ao alimento trazido de casa era próprio das “invasões de intrusos”, que vinham de longe e passavam muito tempo na areia. Com a escalada de preços dos serviços e comércio praianos (e talvez com a pauperização da classe média), os “farofeiros” cresceram de número: passam o dia inteiro, e locam mesas e cadeiras na barraca, sem consumir, para ter conforto e comodidade, e acesso à infra-estrutura da barraca (chuveiro e sanitário)¹¹⁴.

antropização e a visão equipamentosa da praia

O primeiro passo para a ocupação do litoral foi dado pela Prefeitura de Salvador, em 1922, quando o então prefeito J. J. Seabra abriu a atual Av. Barra/ Rio Vermelho, atual Oceânica, planejou uma avenida do Rio Vermelho a Itapuã, ambição sustada pela suspensão do crédito internacional por ocasião da Primeira Guerra Mundial (ALMEIDA, 1997). Até que se inaugura, em 1942, a primeira parte da Estrada Amaralina – Santo Amaro de Ipitanga, atual Av. Otávio Mangabeira. Suas conseqüências podem ser observadas em três escalas distintas: da acessibilidade à praia; da implantação da via, e da mudança da composição do solo.

Quanto ao acesso, ele realiza-se por via longitudinal ao sentido da costa, em vez de por via mais distante com acessos perpendiculares, capilares, como acontece hoje em dia em Lauro de Freitas. A via beira-mar tornou-se, ao mesmo tempo, via cênica – aproximando a praia da realidade cotidiana daqueles que circulam na estrada –, de acesso ao cordão de praias e de passagem rumo ao então longínquo Aeroporto.

A implantação da estrada se fez na primeira linha de cordão litorâneo, seccionando a praia, estrangulando sua faixa de areia, e gradativamente deformando seu talude natural em sucessivas ampliações, resultando em muros de arrimo como transição da praia para terra, como acontece nas praias do Porto e do Farol da Barra, no Rio Vermelho, em Amaralina e Itapuã. O fim progressivo dos taludes pode ser observado nas fotos antigas do Porto da Barra, Farol da Barra, Rio Vermelho e Itapuã.

Por fim, como toda obra de engenharia na areia, iniciou a lenta mutação das areias brancas tão elogiadas, uma vez que levou outros materiais constituintes, para sua consolidação, e deixou suas marcas do canteiro de obras. De obra similar, diz-se:

A estrada, construída para dar-lhe acesso fácil [à Lagoa do Abaeté], manchou suas areias brancas, e que são, hoje, em certas partes, de um marrom escuro. (BAHIA, 1973: s/p)

¹¹⁴ FAROFEIRO DE LUXO CHEGA ÀS PRAIAS, A Tribuna da Bahia, 26 jan. 2005, p.12.

Difícil reconhecer, passados 30 anos, o que tanto se descrevia, desde reportagens até planos governamentais, das praias e coqueirais do litoral atlântico municipal. É consenso que a implantação da atual Av. Otávio Mangabeira precipitou a ocupação do litoral. A maneira como as ditas belezas naturais iam se perdendo foi atribuída continuamente à iniciativa de particulares:

Hoje povoado grande e densamente habitado, há uns vintes anos [Itapuã] era apenas morada de pescadores e possuía um lirismo próprio. A improvisação urbanística, a corrida dos veranistas, a especulação imobiliária de preços, têm transformado Itapoã num amontoado de casas, confusas estreitas, onde o calor é considerável no verão. A falta de previsão, na época em que foi construída a estrada Aeroporto-Salvador, desperdiçou o grande potencial de belezas naturais de Itapoã, com praias alvas, enseadas puras e coqueiral viçoso. (BAHIA, 1971 – s/p).

Ou ainda:

Constatou-se que as áreas já consolidadas, sobretudo por ocupações irregulares ou por ocupações formais anteriores a 1976, ocasionaram a descaracterização de alguns aspectos naturais da área da Orla Marítima, a exemplo das dunas da Boca do Rio e parte do seu coqueiral.

As ocupações posteriores à legislação de 1976, quando localizadas em áreas integrantes do Sistema de Áreas Verdes ficaram obrigadas a preservar 80% da sua vegetação de porte. Este fato contribuiu para minimizar a erradicação da vegetação na área, se bem que nem sempre o Poder Público dispõe de meios para uma efetiva fiscalização e controle. (SEPLAM, 1984: 104)

Nem toda ocupação foi irregular. A Pituba ocupou-se por meio de loteamentos legais, fartamente historiografados. Porém:

No bairro da Pituba, o sítio caracteriza-se por planície costeira arenosa, com leve declive em direção ao mar, destacando-se as dunas em sua parte interior.

A ocupação inicial da Pituba fez-se com residências unidomiliares de veraneio, situadas à beira-mar, em detrimento do coqueiral ali existente. (BAHIA, 1973: s/p).

Também os clubes sociais, na Bahia, estão relacionados com a antropização da praia, com a anuência do Poder Público. Muitos clubes, sedes de praia e equipamentos para sindicatos situam-se ao longo do bordo marítimo. Em especial, três estabelecimentos avançam sobre terrenos remanescentes da construção da via beira-mar: Clube Espanhol, Clube Português e Sede de Praia do Esporte Clube Bahia¹¹⁵. Um lamento pela perda gradual dos coqueirais se vê em vários lugares:

Depois de Piatã, a caminho de Salvador, apenas dois outros pontos da orla marítima, entre Itapoã e Pituba, escaparam dos efeitos da estrada implantada e construída em cima da praia. Êstes pontos são Bôca do Rio e Jardim de Allah. Parte da Bôca do Rio foi prejudicada, como área de preservação, em benefícios de um clube social. A outra parte, do lado esquerdo do estuário, a mais bonita, pode ser preservada, em que pese a diminuição progressiva do seu coqueiral. (BAHIA, 1971: s/p).

O mesmo acontecia com o coqueiral da Ponta de São Tomé:

¹¹⁵ O Clube Espanhol é de 1973. Nessa época os outros dois já existiam. Como não foi esse o enfoque da pesquisa, não encontrei a data de construção nem deste, nem da Sede de Praia do Esporte Clube Bahia.

A parte do coqueiral que não está cercada, vai sendo devastada. A área deve ser desapropriada pelo Poder Público, restaurada, replantada e severamente protegida. (BAHIA, 1971: s/p).

Os hotéis em Ondina também tiveram anuência do Poder Público, inclusive em fase mais recente, nos anos 1980, quando da construção do Ondina Apart Hotel.

Porém, mais grave, é que as obras públicas rodoviárias e de equipamentos de lazer foram repetidamente feitas em detrimento da área de praia.

Teve sua área recentemente reduzida [a praia da Pituba] com obras de alargamento da Otávio Mangabeira de 34.000m² para 25.000m². O passeio que a separa do leito desta Avenida é pouco utilizado, por ser estreito e muito próximo à praia por onde trafegam veículos a grande velocidade. (OCEPLAN, 1975: s/p),

Com isso, dunas, praias e coqueirais, cantados em prosa e verso, e até vislumbrados como fonte de renda via turismo, desapareceram.

Apesar da inexistência de infra-estrutura adequada na região da lagoa do Abaeté, as belíssimas praias, extensas e de areias brancas, além do denso coqueiral, são elementos marcantes da paisagem local, oferecendo grandes possibilidades para que se desenvolva um turismo de férias. (BAHIA, 1973: s/p).

No que tange à maneira de abordar os parques litorâneos, cabe a idéia de *visão equipamentosa*, exposta a seguir:

O urbanismo ambiental baiano tem-se caracterizado, salvo algumas exceções, pelo que meu caro amigo Paulo Pi muito acertadamente denomina *visão equipamentosa*, ou seja, há sempre a intervenção sistemática da dita humanização dos espaços, normalmente com a implantação de estruturas alegóricas de lazer ou serviços, que irão em última análise ser deterioradas pela falta de manutenção do poder público ou, o que é pior, favorecer a um pequeno grupo de empresários escolhidos 'a dedo', que sob a proteção do tão em moda desenvolvimento sustentado, irão explorar os equipamentos, via de regra sem retornos nem benefícios para o empreendimento global. (CAIRES DE BRITO, 1999: 2)

Estou de acordo com o parecer de Caires de Brito, principalmente após o estudo sobre as sucessivas ações na praia soteropolitana.

A primeira manifestação disso se dá nos anos 1960, com o Jardim dos Namorados: o contraste do equipamento, instalado em vasto afloramento rochoso na praia, em um entorno praticamente desocupado à época, de dunas brancas, ilustra claramente essa visão. Houve iniciativas contrárias, nos anos 1970, como mostrarei mais adiante, que não foram levadas a cabo. Sempre foi mais fácil ocupar e construir do que desocupar.

Um golpe duro se deu com o Projeto Orla e seus parques. Talvez o chamado Parque dos Coqueiros, na Ponta de São Tomé, seja prova mais explícita: de coqueiral similar ao atual Jardim de Allah, foi ocupado por um restaurante em seu centro, quiosques, caminhos e plataforma de concreto, mais aparelhagem de ginástica, mais as barracas na transição com a areia da praia. De área vegetada singular, apenas seu trecho norte.

Isso contrasta com o elogio constante às mesmas coisas destruídas, em marcha calamitosa. As dunas brancas eram belas, mas as que havia no atual Parque Aeroclubes foram destruídas, pelo Poder Público, para empreendimento duvidoso (MONTE, 2003). Resta somente um trecho, em Armação, assediado por invasões

populares e esgotamento de motéis. O último grande terreno remanescente do Projeto Orla, na área estudada, foi por fim brutalmente ocupado pelo processo que culminou com a implantação do Aeroclube Plaza Show e de sua fantasmagórica contrapartida, o Parque Atlântico.

Elogiava-se também os lagos, resultantes do afloramento do lençol freático, que se perderam nas sucessivas urbanizações. Desse perfil, cantado em verso e prosa, destoando das ações concretas, resta somente o Jardim de Allah: de volumetria rica, espaço de lazer múltiplo, sem custos de manutenção, de agradável presença. O último dos afamados coqueirais – o do Parque dos Coqueiros foi mutilado, com parques remanescentes -, tão apazíveis à vista dos viandantes, de toda a área-estudo. Pelo estudo dos trechos da área-estudo, se depreende que a variedade topográfica tem um vínculo estreito com uma tessitura mais rica de ações, como no Jardim de Allah e Aratubaia. Onde o novelo se desenrola em uma longa faixa, a tendência é ganhar homogeneidade.

Quase toda ação estatal tem sido no sentido de antropizar mais e mais a praia. Antropização na qual os barraqueiros têm sua parcela de responsabilidade, como visto antes.

A visão equipamentosa, e em uma escala maior a antropização da costa no processo de litoralização, tem seus riscos. A Espanha, maior destino turístico mundial centrado em sol e praia (MVRD, 2000)¹¹⁶, tem 34% do primeiro quilômetro do litoral mediterrâneo urbanizado (GREENPEACE, 2005), concentrado na vilegiatura marítima¹¹⁷, somada às especificidades dos portos de recreio e campos de golfe. As alterações costeiras desequilibram os processos erosivo-sedimentares das praias, as “corroendo”. Por isso o governo banca a *reposição artificial das praias*, reiteradamente – mais de 60 regenerações artificiais ao todo (GREENPEACE, 2005). Santa María del Mar, em Cádiz, recebeu 50.000m³ de areia em agosto de 2004, já erodidos em julho de 2005 (GREENPEACE: 25). No Brasil, anuncia-se algo similar. No litoral de São Paulo, 18 praias sofrem com erosão, e segundo Dieter Muehe, professor da UFRJ, a erosão atinge cerca de 40% dos 8.500km da costa do país. As causas vão da ocupação desordenada da praia, no seu pós-praia, até as recentes alterações climáticas, com ressacas e ciclones extratropicais, no que diz respeito ao sul e sudeste do país¹¹⁸. Na Espanha, para a reposição artificial, a areia é retirada do fundo do mar, de áreas férteis em pescado, abalando seriamente a indústria pesqueira – como no Cabo Vidío, em Astúrias. A própria *existência da praia* se vê ameaçada por processos desenfreados de litoralização.

os rejeitos

A crença em miasmas marinhos e suas exalações pútridas, na praia como local infeccioso, não é disparatada se pensarmos nela como um monturo efetivo de resíduos, como era até pouco tempo. A “ressaca” traz à praia não somente o sargaço e as carcaças dos seres mortos, do mar ou que caíram nele, como todo resíduo sólido nele jogado.

¹¹⁶ Fruto de um planejamento turístico no pós-guerra (BOYER, 2003), centrado no sol e mar (praia) e o pitoresco da cultura local (incluindo ruínas fenícias, romanas, medievais). Esse país tem servido como exemplo e *expertise* para as iniciativas baianas (desde 1960 são especialistas espanhóis que prestam consultoria ao governo).

¹¹⁷ Entre 1990 e 2000, o aumento da população espanhola foi de 5%, enquanto a urbanização aumentou em 25,4% (GREENPEACE, 2005).

¹¹⁸ 18 PRAIAS DE SP CORREM O RISCO DE DESAPARECER, A Folha de São Paulo, 4 fev. 2007, Cad. Cotidiano, p.1

A presença dos garis, retirando o lixo (é incrível) colocado nas praias, lixo que se constitui desde galinhas mortas, peças íntimas, sapatos, velhos chapéus de palha, pneumáticos inutilizados, restos de comida, defecções, é freqüente, mas se constitui numa meia ajuda, pois ainda são as nossas praias, na opinião de muitos, locais que servem para jogar detritos, quando não utilizados, como sanitários públicos na falta destes¹¹⁹.

Isso advém de práticas domésticas e locais¹²⁰, de estabelecimentos comerciais¹²¹, navios que usavam o porto de Salvador¹²², e mesmo o Contrato em Itapuã que jogava nas águas do mar as ossadas de baleia, antes visíveis à maré baixa. No mesmo bairro, até algumas décadas atrás, os restos do mercado lindeiro eram jogados à praia: restos de mariscos, moluscos, peixes, etc. (LACERDA, s/d). Em alguns casos, com efeitos nocivos visíveis. Segundo Ubirajara Macedo, da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura (ANDRADE, 1990: 32), os restos jogados pelo então restaurante Roda Viva (onde hoje é o estacionamento do Jardim dos Namorados, ao lado da Bacia das Moças), eram responsáveis pelo foco de hepatite B da área.

Segundo o CEPED (1979), os grandes poluidores das praias são: os esgotos sanitários, por conexão direta e pelos rios urbanos; as águas pluviais, por ligações clandestinas em sua drenagem e pelo simples carreamento de sedimentos; os despejos industriais líquidos, raros, mas altamente poluidores na orla; e óleo, da lavagem de tanques de navios, maior na orla atlântica que na Baía de Todos os Santos. Isto é, a lógica do mar como receptor universal dos efluentes líquidos *in natura* – pois o tratamento é a parte mais dispendiosa de um sistema de saneamento urbano.

No geral, são duas escalas de contaminação do mar costeiro: uma local, a partir de terminais de despejo pluvial e saídas de esgoto pontuais; e outra de escala urbana, através da desembocadura dos grandes rios urbanos – Lucaia, Camurujipe, Rio das Pedras (ou Saboeiro) e Jaguaribe – que antes coletavam efluentes de suas bacias hidrográficas para despejar no mar.

Houve uma versão artificial de lógica similar: o *emissário submarino*. A área maior (a cidade), concentra seu despejo por um duto, em um ponto do mar onde não há retorno para a costa imediata. Construído em 1972, foi o segundo da América do Sul (o primeiro realizado na Baía de Guanabara), no Rio Vermelho. Ali, na Barra, Ondina e Pituba situam-se as torres que guardam os detritos antes de lançar pelo emissário, que avança a 2km da costa, onde as correntezas levam os efluentes¹²³. A construção do emissário aterrou a enseada da Mariquita, destruiu seu porto e foi golpe severo para sua colônia de pescadores (PORTO FILHO, s/d). A mudança da conformação costeira alterou o regime de ondas, que erodiram a Praia do Forte¹²⁴. O

¹¹⁹ EXAMES REVELAM UMA ALTA CONTAMINAÇÃO NAS PRAIAS, A Tarde, 17 jan 1970, Cad.1, p.2.

¹²⁰ No Porto da Barra, pescadores e vendedores deixavam vísceras de peixe e outros detritos, e moradores do entorno descartavam na praia seus objetos sem uso. PESQUISAS ESCONDEM ALTO ÍNDICE DE POLUIÇÃO, A Tarde, 3 fev. 1973, p.1.

¹²¹ O restaurante Barravento (que não é exatamente uma “espelunca”), na Barra, jogava seus restos de comida e descartáveis encosta abaixo, que paravam na praia. BARRAVENTO TRAZ POLUIÇÃO PARA PRAIA DO CRISTO, A Tribuna da Bahia, 10 abr. 1987, Cad.1, p.46.

¹²² Salvador recebia entre 170 e 180 navios em média, e era comum embarcações jogarem óleo no mar e virem dar à praia. Manchar-se de óleo na praia, até mesmo na Pituba, era comum até os anos 1980. PESQUISAS ESCONDEM ALTO ÍNDICE DE POLUIÇÃO, A Tarde, 3 fev. 1973, p.1.

¹²³ AS NOSSAS PRAIAS, FINALMENTE, FICARÃO LIVRES DOS ESGOTOS, A Tarde, 8 nov. 1971, p.2.

¹²⁴ Segundo José Augusto Berbert, a praia de Santana passou a apresentar mais sargaço.

emissário não resolveu o problema do esgotamento, já que era preciso fazer as conexões de cada bairro com a estrutura de despejo, o que se fez somente com as obras do Programa Bahia Azul.

O saneamento realizado em Salvador diminuiu a carga de poluentes lançadas à praia. O Programa Bahia Azul passou a atender aproximadamente 80%, dos anteriores 26%, com 20 bacias de esgotamento em vez de 4. Todo o sistema se apóia no emissário submarino existente, passando antes pela Estação de Tratamento do Lucaia. Em verdade esta não realiza tratamento das águas servidas, apenas a decantação dos grânulos da água, e o gradeamento, para retirar os objetos maiores: as duas medidas são tomadas somente para evitar danos nas bombas. De resto, o esgoto é lançado *in natura* no oceano.

Os terminais de esgoto na praia foram eliminados, dos 300 pontos em toda a orla¹²⁵. Gradativamente, as praias voltaram a ser próprias para banho em condições normais¹²⁶. Pelas características do sistema, tanto o rio Lucaia extravaza quanto o rio Camurugipe volta a receber a carga cloacal em época de chuvas, o que torna as águas das redondezas novamente impróprias¹²⁷.

Como o sistema ainda não foi concluído, resta ainda o Rio das Pedras e o rio Jaguaribe. Este tem como afluentes os rios Trobogy, Mocambo, Passa-Vaca e Riacho Mangabeira. Os dois primeiros rios recolhem o chorume do Lixão de Canabrava. A bacia abriga os bairros de 7 de Abril, Castelo Branco, Águas Claras e Nova Brasília. Daí sua carga de contaminação. Há projeto para um novo emissário submarino, complementar ao original, saindo pela praia do Corsário¹²⁸, com suas polêmicas.

E a relação dos soteropolitanos com os animais e destes com a praia não deve ser negligenciada: cavalos, cachorros e jumentos levados à praia¹²⁹, vetores de zoonoses, banhando-se junto às pessoas¹³⁰. Hoje em dia, os animais de pequeno porte ainda são levados à praia pelos seus orgulhosos donos¹³¹. Em pesquisa do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências da Saúde da UFBA, em 2005 foram encontradas amostras positivas de zoonose em todas as praias. Como os parasitos não sobrevivem à água salgada, não vêm de outra fonte que não os animais vadios e os levados pelos freqüentadores¹³².

¹²⁵ SUBÚRBIO AINDA TEM PRAIA SUJA, A Tarde, 25 jan. 2005, Cad. Especial, p.8.

¹²⁶ Porto da Barra, Farol da Barra, Ondina, Amaralina (desde 1999), Pituba (desde 1998), Armação (desde 2000), Corsário (desde 1994), Patamares (desde 2002), Piatã, Itapuã (desde 2001). SUBÚRBIO AINDA TEM PRAIA SUJA, A Tarde, 25 jan. 2005, Cad. Especial, p.8.

¹²⁷ RISCO DE CONTAMINAÇÃO NÃO AFASTA BANHISTAS DA PRAIA, A Tarde, 2 abr. 2006, p.6.

¹²⁸ AMBIENTALISTAS PROTESTAM NA ORLA, A Tarde, 5 jun. 2006, p.6.

¹²⁹ EXAMES REVELAM UMA ALTA CONTAMINAÇÃO NAS PRAIAS, A Tarde, 17 jan 1970, Cad.1, p.2.

¹³⁰ PESQUISAS ESCONDEM ALTO ÍNDICE DE POLUIÇÃO, A Tarde, 3 fev. 1973, p.1.

¹³¹ Mais as fezes de alguns destes animais. VELHOS PROBLEMAS NA PRAIA, A Tribuna da Bahia, 18 out. 2004, p.12.

¹³² A pesquisa *Contaminação das Praias por Parasitos Caninos de Importância Zoonótica na Orla da Parte Alta da Cidade de Salvador* aponta presença de fezes em maior intensidade nas praias de Itapuã (37%), Boca do Rio (36%), Rio Vermelho (32,4%), Piatã (30%), e índices elevados destas contaminadas (Patamares (80%), Rio Vermelho (68%), Ondina (69%) e Corsário (67%). CÃES CONTAMINAM PRAIAS DA ORLA DE SALVADOR, A Tarde, 22 dez. 2005, p.20.

Um aspecto importante é que o controle sistemático da segurança sanitária, feito hoje em dia pelo CRA (Centro de Recursos Ambientais) é feito na água e não na areia. Por um lado, a salinidade da água elimina parte significativa dos agentes patogênicos biológicos. Por outro, é na areia onde o usuário passa a maior parte do tempo. Lançamentos pluviais, além dos descartes domésticos e industriais, levam o material patogênico do continente. Enquanto a presença de material cortante na areia facilita a infecção (MAGNEVITA, SOUZA & KHOURY, 1988-89)¹³³.

uma interpretação

O uso das praias, como vimos, não é estático. A dificuldade está em compreender sua dinâmica ao longo do séc. XX, a partir das transformações da cidade e das migrações dos papéis assignados a cada trecho.

Podemos entender quatro papéis distintos para as praias: como praias de uso local, de veraneio ou segunda residência, de voga e populares. As praias de uso local são aquelas demandadas somente pelos moradores do entorno, incluindo nos finais de semana e verão. As de veraneio ou segunda residência – a diferença se alberga somente no caráter de posse ou aluguel da moradia – são aquelas que em finais de semana, mas principalmente no verão, são usadas por visitantes que se hospedam ali. As praias de voga são aquelas onde circula uma certa elite da cidade, e onde se instalam os hábitos ditos de vanguarda – entendendo que, a partir de certo momento do século XX, existem vanguardas diferentes, com perfis diferentes. E as praias populares são aquelas que configuram destino de massa, principalmente de classes de renda menor.

O veraneio e a vilegiatura requerem alguma distância da urbe. A orla atlântica serviu como veraneio, nos bairros da Barra, Rio Vermelho e Itapuã, quando a área ocupada da cidade, a “cidade” de fato, era menor. Essa função agora cabe a bairros litorâneos fora dos limites do município, a distâncias crescentes, como Villas do Atlântico em um primeiro momento, depois Guarajuba, Interlagos e similares.

A primeira grande praia de moda foi a do Porto da Barra. E a única permanência nesse sentido, singular em suas características. Foram praias da moda, ao longo das décadas, as praias dos Artistas, Corsário, Piatã, Placaford e imediações da Rua K, em Itapuã, progressivamente afastando-se. Hoje em dia estão fora da área-estudo, no sentido do litoral norte, como Praia do Flamengo e Stella Maris, onde acontecem os campeonatos nacionais e internacionais de surfe. O crescimento do número e porte das barracas de praia em tais praias atestam o vigor de seu público. Segundo o barraqueiro Oscar Teixeira, apesar da suspensão das novas permissões desde 9 de julho de 1991, o número de barracas aumentou na Praia do Flamengo¹³⁴.

Por que elas se afastam? Deixaremos por enquanto a pergunta em aberto, e vermos antes as praias de massa.

¹³³ Nas areias contaminadas encontram-se o *Ancylostoma brasiliense* ou bicho-geográfico, oriunda de fezes caninas, o *Tunga penetrans*, ou bicho-de-pé, e ainda o *Clostridium tetani*, ou tétano, de fezes de eqüinos. Entre a Sereia e o Farol, constatou-se a presença de *Escherichia coli* (MAGNEVITA, SOUZA & KHOURY, 1988-89).

¹³⁴ COSTA JÚNIOR, Jairo & RODRIGUES, Alan. Sesp se nega a fornecer lista dos donos das barracas. *Correio da Bahia*. Salvador, 11 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=131934>>. Acesso em: 27 jan. 2008.

As praias populares são estreitamente vinculadas ao transporte de massa, que só ocorre no século XX. Antecede-lhe, evidentemente, a difusão da prática do banho de mar e banho de sol como um direito e um valor. A marca dessas praias é que seus banhistas são de fora do entorno imediato, deixando de ser lazer local. Sua principal característica é a mudança na composição do público final de semana, o que os moradores locais interpretam como invasão. Como acontecia nos anos 1970 nas praias do Porto da Barra, Farol da Barra, Ondina, Rio Vermelho e Pituba¹³⁵. E praias às quais só se tinha acesso por automóvel, com os ônibus, tornaram-se destino massivo, como Piatã e Placaford.

Assim como há um serviço melhor de ônibus, também se expande o uso do automóvel individual. As classes abastadas deslocam-se para além do Farol de Itapuã, e é significativo que sua incidência se inicia em Stella Maris, onde o acesso por ônibus é mais difícil e oneroso. Há presença de gente com renda em alguns pontos da área-estudo, como Patamares e Jaguaribe. O que não se nega é a popularização do banho, de sol e de mar. A praia como opção de lazer se institucionalizou para todas as camadas da sociedade.

Dois fenômenos aparentemente distintos podem ter uma conexão. De um lado, a sensação de invasão sentida por moradores vizinhos a praias populares aos finais de semana, e de outro a migração das classes mais ricas para o litoral norte. A pista nos é dada quando Thales de Azevedo fala dessa “invasão” das praias:

(...) o fenômeno acontece no Brasil com os pretos, os pobres, os moradores de favelas e invasões da proximidade de determinadas praias e com os *farofeiros*, os banhistas que chegam em grupos, quase sempre de ônibus, levando farnéis ou merendas – supostamente com bastante farinha de mandioca – com que poluem os trechos ocupados e incomodam os freqüentadores com seus estilos de brincadeiras. (AZEVEDO, 1988; 29).

Entrevê-se um conflito de territorialidades, porque uma hipótese sem negação empírica é a de que as classes médias e alta são intolerantes à diferença e suportam um grau de densidade menor¹³⁶. Azevedo alerta para a possibilidade que talvez se trate de grupos com padrões ambientais simplesmente diferentes: densidade de pessoas, altura de som (fala e som mecânico), hábitos. Todos os elementos que dizem respeito àquela constituição do *espaço pessoal* de que fala Hall (2005), e do que cada segmento da sociedade interpreta como *crowding*.

Há uma hipótese interessante:

Com o grande fluxo de pessoas na praia, modifica-se o sentido desse tipo de lazer para determinados grupos de pessoas, principalmente das classes mais abastadas da cidade, diminuindo sua freqüência aos banhos de mar, em virtude do confronto direto, num mesmo espaço, com inúmeros populares que também procuram a área da Praia do Futuro como opção de lazer. (SILVA; COSTA; DANTAS, 2005: 10).

¹³⁵ A uniformidade de data pode não ser um fenômeno restrito a essa década, que unifica todas essas praias, mas ser resultado evidente da limitação de fontes. O único estudo que chegava à minúcia de número de usuários e sua distribuição no tempo é dessa época.

¹³⁶ Segundo Hall (2005), essa densidade não se caracteriza pela distância física. A constituição do espaço pelos indivíduos se dá pelos receptores, imediatos e remotos. A depender da cultura do agrupamento humano, o som e o contato humano têm papel determinante. Podemos estipular que se soma à densidade física a invasão do som (burburinho, som mecânico, etc.) e a abordagem corpo a corpo (vendedores, pedintes, etc.), com invasão do espaço pessoal.

Os autores argumentam que a tentativa de manter a frequência do público mais abastado induz os barraqueiros a “inovar e/ou substituir o aparentemente desgastado banho de mar” (SILVA; COSTA; DANTAS, 2005: 10), oferecendo serviços dos mais diversos tipos, como música ao vivo, brinquedos para crianças, piscinas, etc.. Que esses serviços são claramente orientados para um público capaz de pagar os preços de uma barraca de praia, confirmou-se na pesquisa. Que tal se dá como uma tentativa de reter tal público frente a um confronto de públicos, é hipótese que não posso confirmar nem negar.

Porém, deve-se observar que algumas das praias populares se esvaziaram. Os exemplos mais evidentes são Amaralina e Pituba. A primeira hoje em dia é uma praia de uso local. A segunda, nem mesmo isso. O que nos leva a considerar os efeitos da lógica do mar como destino final dos efluentes urbanos.

Uma hipótese para a fuga para nordeste é a marcha da poluição. O acesso viário à praia é porta aberta para a urbanização, enquanto a vilegiatura é a urbanização propriamente dita. Em uma cidade até então sem saneamento, urbanizar era sinônimo de criar um ponto de contaminação. A poluição gradativa das praias segue a marcha da ocupação da orla, ao passo em que há uma mudança dos contingentes de usuários, sem poder precisar o que é causa o que é efeito.

As praias em voga sempre se afastam do centro da cidade. A marcha das praias contaminadas é similar, a partir do esgotamento local, e concentrada na foz dos rios urbanos. Ela fica explícita no caso da praia da Pedra do Boi, no Rio Vermelho, em 1972 uma das poucas não poluídas da região, que por isso tinha seu público. O então prefeito Clériston Andrade resolveu a drenagem da Rua Brigadeiro Faria Rocha, para evitar alagamentos, com um terminal de esgoto¹³⁷. As praias mais usadas pelo público estavam de fato contaminadas¹³⁸.

A contaminação de esgoto da Barra é anunciada já em 1969¹³⁹. Em 1970, era o caso das praias do Porto da Barra, Farol da Barra, Ondina, Paciência, Santana, do Forte (no Rio Vermelho), Pituba (Salva-Vidas e Fim de Linha)¹⁴⁰, todas com esgotos pluviais – a Barra afetada pelo Riacho dos Seixos na Barra, cuja bacia incluía a poluição do Hospital Português, e o Rio Vermelho pelo rio Lucaia (CEPED, 1979). O mesmo estudo dá conta de praias frequentadas: Amaralina, Pituba (uma das mais concorridas), Boca do Rio (frequentada mesmo durante a semana), Corsário (onde acontecia banho de mar, baba e surfe), Piatã e Placaford. Então havia decréscimo dos esgotos, até pela baixa densidade demográfica. Há de se assinalar a Boca do Rio, trecho hoje em dia praticamente deserto de banhistas.

A marcha continuava. Até então escapavam dos efeitos da contaminação as praias de Armação, Chega-Nego, Jardim de Alá e Itapuã¹⁴¹. Que, em 1987, estava contaminada, com terminais nas proximidades da estátua da sereia e nas ruas M e N – seus banhistas, segundo os barraqueiros, queixavam-se de micoses e irritação na

¹³⁷ O título da reportagem é forte. UMA PRAIA A MENOS. POLUIÇÃO VENCE DE NOVO, A Tribuna da Bahia, 4 jan. 1972, p.2. Na cidade, à época, a questão sanitária era séria: o então Secretário da Saúde, Dr. Ênio Rozendo, confirmara mais 128 casos de tifo, com 3 mortes.

¹³⁸ O fator agravante era que a municipalidade não divulgava os índices de poluição, ao contrário do CRA atualmente. PESQUISAS ESCONDEM ALTO ÍNDICE DE POLUIÇÃO, A Tarde, 3 fev. 1973, p.1.

¹³⁹ NOSSAS PRAIAS PARA AS ALTEROSAS A Tarde, 12 jun. 1969.

¹⁴⁰ EXAMES REVELAM UMA ALTA CONTAMINAÇÃO NAS PRAIAS, A Tarde, 17 jan 1970, Cad.1, p.2. As duas praias da Pituba não logramos localizar com precisão.

¹⁴¹ Idem.

pele¹⁴². O CRA anunciava que a contaminação dos rios¹⁴³ era pior que os esgotos locais, afinal se tratava de uma carga muito mais intensa. Especialmente dramáticos eram os casos do rio Camurugipe e Rio das Pedras. Não se deve descartar ainda a poluição industrial no Litoral Norte, a partir de exemplo isolado mas impactante¹⁴⁴.

O uso da praia tem correspondência, mas não uma relação precisa, com o grau de poluição das praias. Por um lado, persiste a imagem de que todas as praias até o Farol de Itapuã permanecem poluídas para certa parcela do público – aquela que migrou para as praias além-Farol. Por outro, para as classes mais baixas, que acediam em massa à praia antes do Bahia Azul, continuam a fazê-lo mesmo quando o CRA recomenda o contrário, logo depois de chuvas intensas. Enquanto praias hoje despoluídas continuam vazias, como as da Pituba – talvez pela associação com a poluição hoje inexistente, o que nos leva à idéia do aprendizado e da memória social.

Junto com a diminuição significativa dos efluentes urbanos na praia, vem a sujeira das novas atividades que acontecem ali. Das atividades alimentares temos coisas como palitos de picolé e espetinhos, garrafas de água mineral, copos e pratos descartáveis e principalmente restos de alimentos, como antes mencionado. Depois outros decorrentes da própria presença na areia para tomar sol, como fraldas descartáveis, saquinhos de bronzeador, etc¹⁴⁵. E o reforço da demanda por sanitários; normal onde há gente, com maior intensidade onde há consumo de alimentos e principalmente de cerveja. O que leva ao grande dilema relacionado com o comércio de praia, que é o destino dos dejetos humanos que ele incentiva e acolhe para si, como serviço oferecido.

Vimos a expansão das barracas de praia nos anos 1980, quando se firmaram fisicamente na cidade, a partir do Projeto Orla. Os estudos municipais citados mostram que a concentração de capital, a mudança de proprietários e os anexos ilegítimos, aconteceram nessa época. No entanto, o quadro mudou. De lá para cá houve a pauperização de muitas das barracas, que coincide com a popularização das praias, do final dos anos 1980 e início dos 1990, e a saída de parte das classes médias e altas que antes freqüentavam a área-estudo. Em 2001 a maioria dos barraqueiros estava inadimplente com a Prefeitura e em 2005, segundo a Associação de Comerciantes de Praia da Orla de Salvador, 85% das barracas permaneceriam assim¹⁴⁶. O próprio fato de se tratar seguidamente de reformas do comércio de praia, sem que seja no intuito de coibir abusos como foi a intervenção de 1991, é sinal de que não uma atividade por si só próspera. Sem identificar o motivo original, por certo há um círculo vicioso - a demanda caindo fragiliza o rendimento do negócio, o mau estado da construção e o mau serviço afugentam o cliente.

Enquanto a velocidade de escape pelo vetor nordeste da cidade cresce. A incipiente Av. Luís Vianna Filho é hoje eixo de crescimento, valorizado, e receptora de grandes empreendimentos. A ela se emenda a Estrada do Coco e depois, a Linha Verde.

¹⁴² ESGOTOS ESPALHADOS EM PRATICAMENTE TODA A ORLA MARÍTIMA, A Tribuna da Bahia, 27 mar. 1987, Cad. Cidades, p.38.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Esforços vêm sendo realizados para a superação dos problemas de poluição gerados por uma indústria química situada em Arembepe, distrito de Camaçari, prevendo-se, para dentro em breve, a implantação de solução satisfatória para lançamento dos detritos ao mar. (BAHIA, 1973).

¹⁴⁵ SUJEIRA AUMENTA NAS PRAIAS COM A PROXIMIDADE DO VERÃO, Correio da Bahia, 16 nov. 2004, p.2. LIXO POLUI PRAIAS DE SALVADOR, A Tarde, 21 nov. 2005, p.5.

¹⁴⁶ PROJETO AI RECUPERAR 74 BARRACAS ATÉ DEZEMBRO *Correio da Bahia*. Salvador, 7 out. 2005. Caderno Aqui Salvador, p.5.

Salvador e outras cidades como Fortaleza e São Luís repetem nos moldes gerais essa trajetória centrífuga, em velocidade de escape crescente. Em questão de décadas, distantes praias de veraneio se estruturaram e se popularizaram, para outras se alçarem à mesma condição inicial. Como os automóveis não ganharam tanto em velocidade, são as distâncias mentais que encurtaram¹⁴⁷. A outrora distante Itapuã hoje é plena cidade. Abrantes, Arembepe, Praia do Forte, eram “fim de mundo” até os anos 80. Cogita-se a ir a Porto Sauípe com desenvoltura impensável. A cidade, muito maior que o município, se alastra ao longo da borda atlântica.

A pesquisa foi muito conturbada porque os ritmos ciclóticos da política da praia se manifestaram justamente no período das jornadas a campo. O que seriam comentários importantes, mas não urgentes, ganharam premência. É o que se verá no capítulo seguinte.

¹⁴⁷ Percursos mais fáceis, com estradas em bom estado contam. A urbanização do entorno ajuda nessa impressão. Até os anos 1980 a Av. Luís Viana Filho era essencialmente mata. Os veículos hoje são mais confortáveis e permitem a distração do motorista.



dinâmica urbana anos 10/ 20

veraneio - prática da segunda residência em bairro litorâneo, com uso das praias como parte das atividades recreativas

voga/ vanguarda - praias que são *point* da juventude abastada, com a instauração de novas práticas mundanas

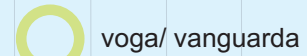
popular - quando pessoas de fora chegam à praia, com picos aos finais de semana, para além dos moradores do entorno

de massa - é aquela que sobrepuja esta situação.

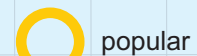
legenda



veraneio



voga/ vanguarda



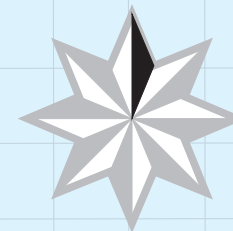
popular



de massa



surfe



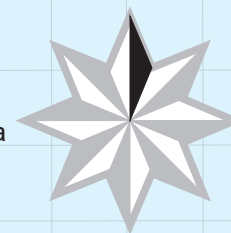
escala gráfica





legenda

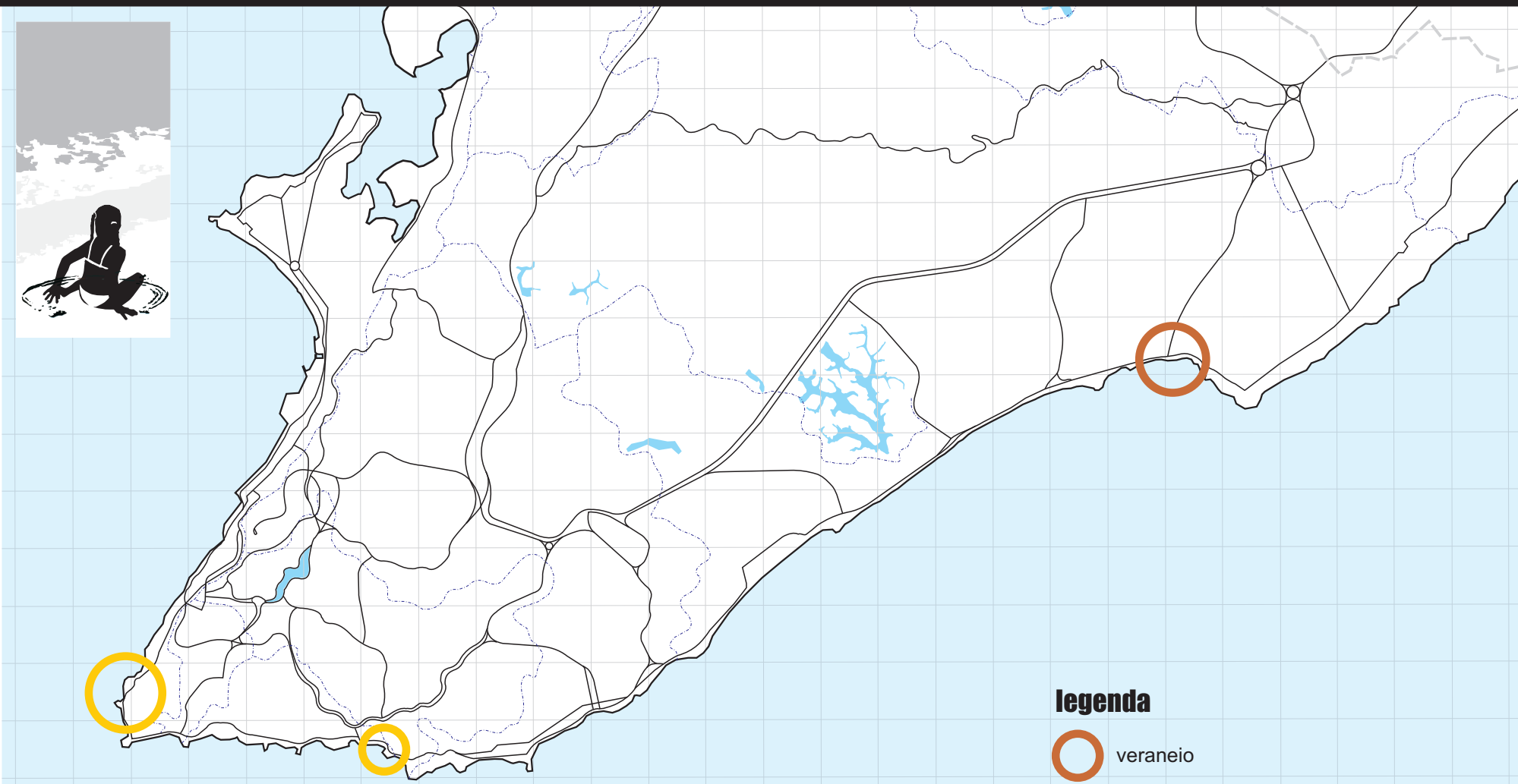
-  veraneio
-  voga/ vanguarda
-  popular/ freqüentada
-  de massa
-  surfe



escala gráfica

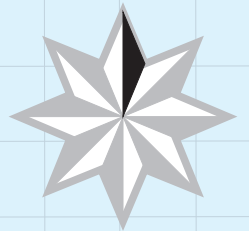


dinâmica urbana anos 30/ 40

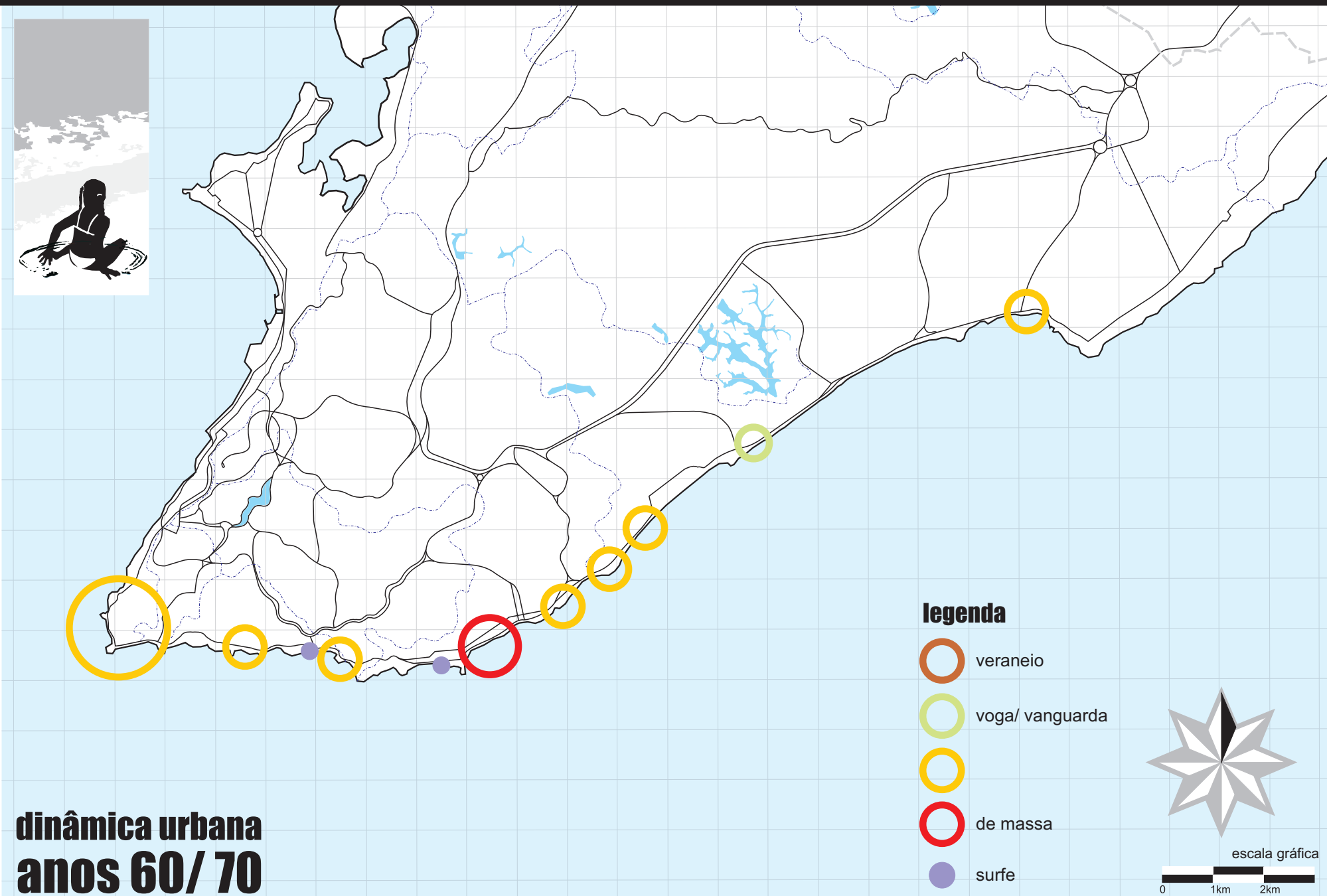


legenda


-  veraneio
-  voga/ vanguarda
-  popular/ freqüentada
-  de massa
-  surfe




**dinâmica urbana
anos 1950**



legenda

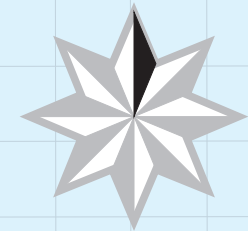
 veraneio

 voga/ vanguarda



 de massa

 surfe



escala gráfica



**dinâmica urbana
anos 60/70**



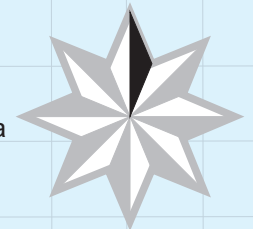
dinâmica urbana anos 1990

A trajetória exibida aqui se ressent de incompleta. O ideal seria acompanhar com a marcha de estradas e urbanização, da vilegiatura à primeira residência.

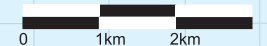
Também não logra distinguir a frequência de uma classe média com autonomia veicular da de classes mais pobres, por meio de transporte de massa.

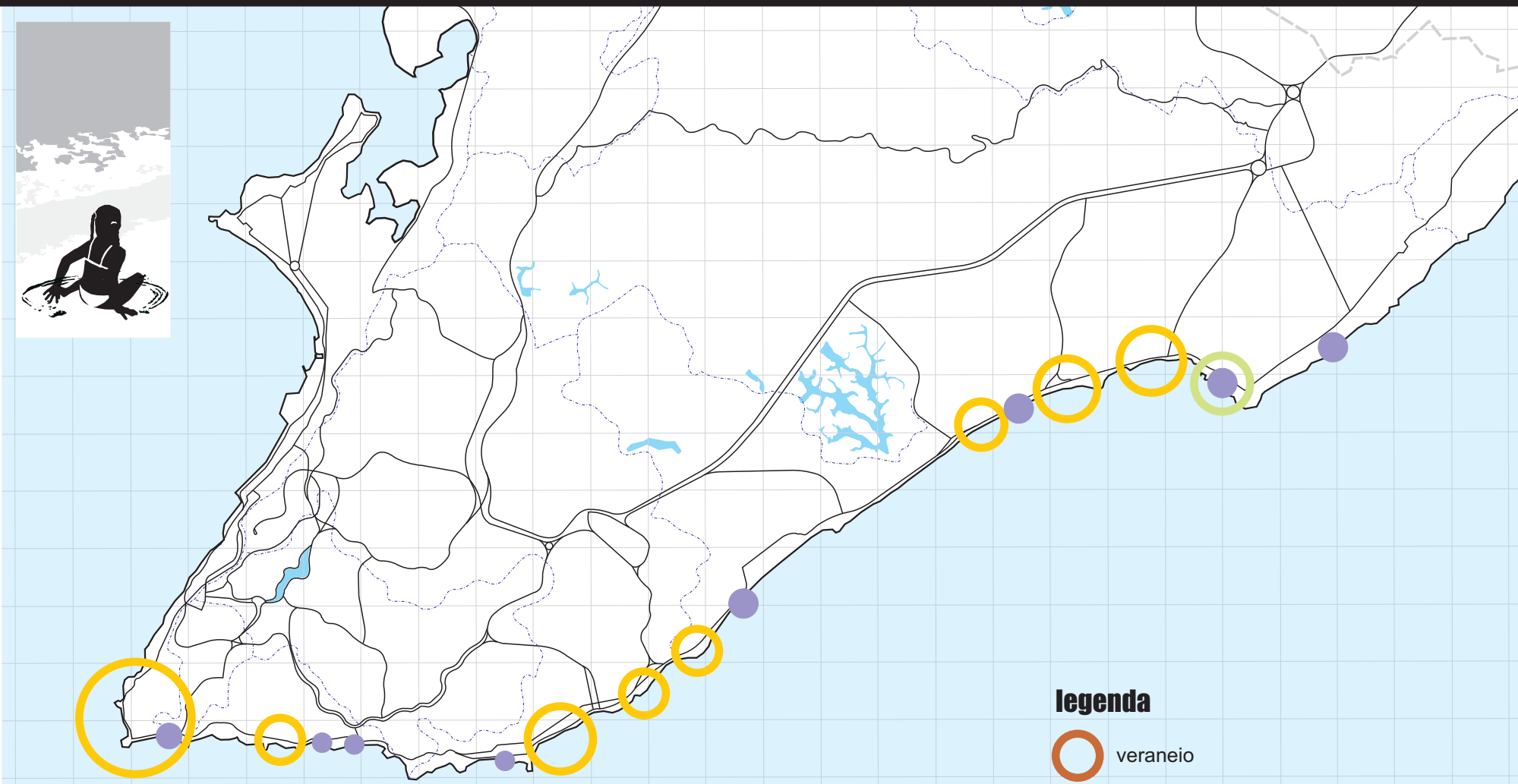
legenda

-  veraneio
-  voga/ vanguarda
-  popular/ freqüentada
-  de massa
-  surfe



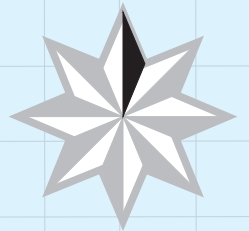
escala gráfica





legenda

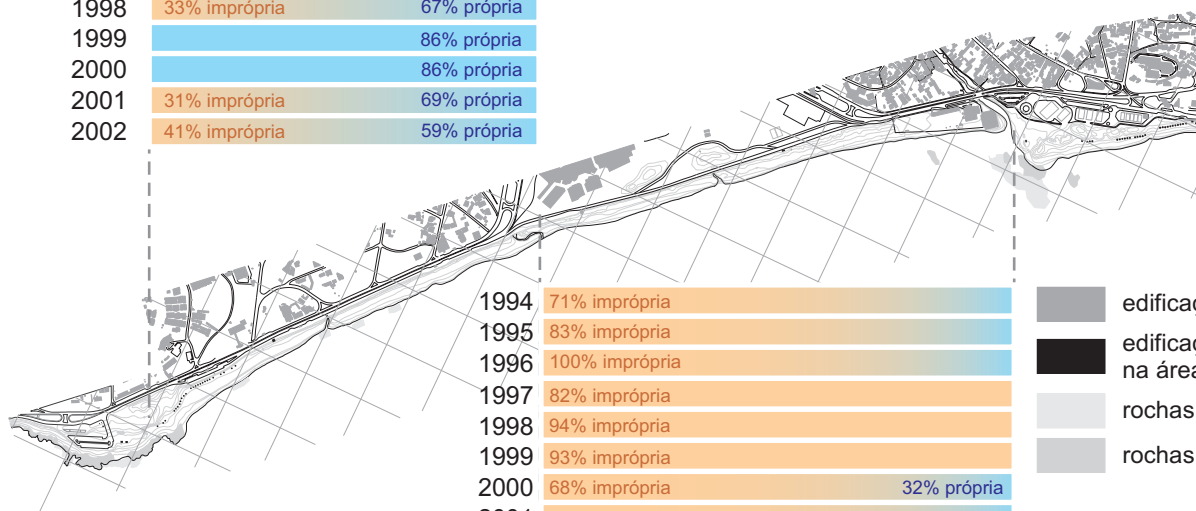
-  veraneio
-  voga/ vanguarda
-  popular/ freqüentada
-  de massa
-  surfe/ windsurf



**dinâmica urbana
anos 1980**

balneabilidade - histórico recente

1994	61% imprópria	39% própria
1995	64% imprópria	36% própria
1996	100% imprópria	
1997	41% imprópria	59% própria
1998	33% imprópria	67% própria
1999		86% própria
2000		86% própria
2001	31% imprópria	69% própria
2002	41% imprópria	59% própria



1994	71% imprópria	
1995	83% imprópria	
1996	100% imprópria	
1997	82% imprópria	
1998	94% imprópria	
1999	93% imprópria	
2000	68% imprópria	32% própria
2001	67% imprópria	33% própria
2002	100% imprópria	

legenda

- águas impróprias
- águas próprias para banho

1994			42% imprópria	58% própria	93% própria
1995			53% imprópria	47% própria	92% própria
1996			89% imprópria		100% própria
1997	85% própria		72% imprópria	28% própria	23% imprópria 77% própria
1998	94% imprópria		89% imprópria		86% própria
1999	31% imprópria	69% própria	90% imprópria		100% própria
1998	44% imprópria	56% própria	89% imprópria		97% própria
1999	59% imprópria	41% própria	64% imprópria		100% própria
2000		92% própria	76% imprópria		100% própria
2001		82% própria			
2002		97% própria			

Fonte: CRA, 2000 (apud CARVALHO, 2003)

Obs.: a divisão das praias em linhas pontilhadas obedece à divisão do CRA, apenas para estes itens.

			76% imprópria		1994
			81% imprópria		1995
			100% imprópria		1996
			95% imprópria		1997
			100% imprópria		1998
			96% imprópria		1999
			92% imprópria		2000
			87% imprópria		2001
			41% imprópria	59% própria	2002

1994	93% própria	35%	65%
1995	92% própria	31%	69%
1996	100% própria	36%	64%
1997	23% imprópria	77% própria	36% 64%
1998	86% própria	25%	75%
1999	100% própria		83%
2000	97% própria		89%
2001	100% própria		92%
2002	100% própria		100%



escala gráfica
0 100m 200m 400m 600m



CAPÍTULO 6

REFLEXÕES FINAIS

6.1. O CASO DAS BARRACAS DE PRAIA

A principal arquitetura praiana em Salvador são as barracas, que correspondem ao principal serviço, privado, prestado nesse lugar: a venda de bebidas, alcoólicas e refrigerantes, e comidas, especialmente frutos-do-mar. E são parte fundamental da principal dinâmica praiana, que é a do banhista.

Comparações auxiliam na compreensão da singularidade do caso baiano. No Rio de Janeiro e Santos, o comércio, em postos fixos e construídos, atende ao espaço da calçada e não da praia. Apesar da praia urbana ser vasta, plana, de areia compacta e sem grandes perdas devido à maré. O espaço da calçada também é amplo, e extremamente qualificado, especialmente em Santos. Em Maceió e São Luís, as barracas se constroem na areia. Na primeira cidade, atendem exclusivamente a calçada, com rejeitos na areia. Na segunda, são voltadas à calçada; atendem pela manhã a areia, porém são bastante espaçadas, com área de atendimento lateral, rente à calçada, sem avançar a faixa de areia, que é imensa. Salvador é a única capital litorânea com barracas na areia, especialmente devotadas à praia, ainda mais significativas pela estreiteza da faixa de areia, chegando a água a ombrear as barracas na preamar em alguns trechos.

O tema da frente marítima, e da orla oceânica propriamente dita, tem como principal aspecto abordado o uso lindeiro, especialmente no tocante à verticalização. O uso da praia, que quase sempre vêm na forma da questão das barracas na areia, é assunto complementar, e abordado a intervalos maiores. Porém, coincidiu do assunto voltar à baila, durante a fase de pesquisa. A partir desse caso, de grande repercussão na imprensa no correr da pesquisa, desdobraremos as conclusões finais do trabalho.

Primeiro, uma rápida exposição da situação atual. A seguir, tentaremos entender os usuários em foco – os barraqueiros – e a dinâmica que representam, e como esta se relaciona com as posturas comuns sobre sua permanência na faixa de areia e mesmo com o destino da praia.

situação atual

A questão chave para a implantação de modelos físicos padronizados ao comércio de praia sempre foi quem arcava com seus custos. O modelo extremamente simples de 1985 foi pago pelos barraqueiros, em 24 parcelas mensais sem juros, com linha de financiamento do Desenhahia. Duas tentativas mais de padronizar as barracas, entre 1997 e 2004, esbarraram nesse quesito, já que os modelos propostos eram mais sofisticados e também mais dispendiosos¹. Agravado pela decadência física e financeira de muitos dos barraqueiros, como apontado antes. A saída encontrada pelo prefeito João Henrique (2005 -) foi uma parceria – termo corrente nos

¹ Segundo a Secretaria de Planejamento Kátia Carmelo, em depoimento na II Semana Soteropolitana de Arquitetura, 16 a 19 de outubro de 2007, realizada na Faculdade de Arquitetura da UFBA, a tentativa de 2004 não seguiu por problemas jurídicos na licitação. Informação que não é confirmada por nenhum outro depoimento e reportagem à época.

dias de hoje – entre Prefeitura e barraqueiros, que permitiu a mudança das barracas há muito tempo tencionada².

O Poder Público entregou-lhes o projeto arquitetônico, ao passo que os barraqueiros buscaram quem bancasse as reformas. E acharam, na figura de grandes empresas de cerveja e telefonia, que financiaram 70% do custo da construção e equipamentos, com a contrapartida do patrocínio e, no caso das fabricantes de cerveja, com venda exclusiva.

Em abril de 2005 a Prefeitura Municipal concluiu o projeto arquitetônico de novas barracas de praia³. Pela mecânica de financiamento, as obras tardaram em iniciar-se, começando na Praia do Flamengo e Patamares. O patrocínio vinculou-se obrigatoriamente à questão de imagem e vendas. Aos seus promotores interessa as barracas com público de classe média alta, como as de Patamares e Stella Maris, as primeiras a fechar os contratos e iniciar as reformas. Por outro lado, muitos barraqueiros estão irregulares com as taxas municipais. E a busca de patrocínio requer capacidade de organização por parte dos barraqueiros. Assim sendo, a modalidade de reforma das barracas reforça desigualdades existentes. A dificuldade central é uma consequência da barraca ser um ponto comercial, como veremos.

Há uma outra acusação. Que as primeiras barracas reformadas foram escolhidas por efeito de *lobby* de seus proprietários, e que as demais, incompletas pelo embargo, perderam a clientela, reforçando o lucro das primeiras, e o poder econômico que lhes favoreceu no começo⁴.

A Prefeitura tentou corrigir a assimetria em uma escala maior: dentro dos locais de fase-piloto (Flamengo, Patamares, Pituvaçu), indicou a Ribeira, na orla da Baía de Todos os Santos. Para evitar uma sobre-qualificação da orla atlântica em detrimento da orla interior.

Na demora das obras, os barraqueiros solicitaram a retirada da piaçava da cobertura, por ser inflamável. E dispuseram de toldos provisoriamente. Incêndios provocaram a substituição por placas de OSB em modelos similares aos anteriores, de 1991, em Armação.

Após a entrega das unidades da Praia do Flamengo e Patamares, as demais em obra foram embargadas, em 4 de setembro de 2006⁵, por dois processos distintos. Um deles é por falta de estudos de impacto ambiental e consequente licenciamento do Ibama. Para o órgão, o problema reside na limitação da vista do mar, na proibição de fossas sépticas sob risco de poluição e a subsequente necessidade de conexão com a rede sanitária urbana, e na proibição de construções definitivas. Entende-se que madeira e piaçava são estruturas transitórias, enquanto alvenaria configura a permanência.

² Apesar dessa mecânica, acusações de corrupção no direcionamento a empreiteiras (RIBEIRO, Perla. Areia movediça. *Correio da Bahia*. Salvador, 27 jul. 2006. Disponível em: <http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_impresao.asp?codigo=43471>. Acesso em: 27 jan. 2008.

³ COMERCIAANTES TÊM DIFICULDADES PARA REFORMAR BARRACAS DE PRAIA, *Correio da Bahia*, Cad. Aqui Salvador, pág.10, 17 jul, 2005.

⁴ ARAÚJO, Ana Carolina. Grandes empresários dominam o comércio nas praias. *Correio da Bahia*. Salvador, 21 out. 2006. Disponível em: <http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_impresao.asp?codigo=114871>. Acesso em: 27 jan. 2008.

⁵ DONOS DA ORLA, *Correio da Bahia*, 10 jul. 2007.

O outro processo se relaciona com a regulamentação em 2004 da Lei Federal 7.661, de 1988, que instituiu o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro. O decreto 5.300/04 define as regras de uso e ocupação da zona costeira, estabeleceu os critérios de gestão da orla marítima e atribuiu à SPU (Secretaria do Patrimônio da União), órgão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, a autorização de equipamentos na praia. A Prefeitura de Salvador, então, não se dirigiu ao órgão competente para notificar e solicitar autorização das mudanças do perfil da ocupação anterior – razão do segundo processo, em nome da SPU.

Haver se submetido à reforma é indício, mas não sinônimo, de solvência. Nem todo barraqueiro próspero engajou-se na reforma de sua barraca, por desconfiança ou por não tê-la como problema. Há barracas de tradicionais, tanto decrépitas como em ótimo estado. E, embora recentes, o mesmo ocorre com os novos modelos. Os estabelecimentos em obras sustadas pelo embargo, no desespero para entrar em operação, improvisaram de maneira rudimentar as instalações, conforme apontado antes. O aspecto e as condições de higiene são ainda mais precárias do que o quadro que se pretendia melhorar.

Importante ressaltar que a pesquisa se refere somente ao trecho da praia que vai do Jardim de Allah até o Farol de Itapuã, nos últimos anos. As barracas de maior porte situam-se fora da área-estudo. Os dados coletados e interpretações, portanto, restringem-se ao trecho citado.

os barraqueiros e seus interesses

Deve-se evitar a visão voluntarista de que preços elevados são reflexo somente da ambição de um indivíduo ou uma categoria. No geral, o risco envolvido no negócio é grande, daí o prêmio, que é o preço, ser alto para compensar o risco. Como empreendimento, a atividade da barraca de praia opera em condições extremamente desfavoráveis, marcada por sazonalidade extrema.

Ainda que algumas barracas sejam autônomas da praia especificamente, não o são ao sol, com o qual tem forte associação, como visto antes. Os barraqueiros protegem seus clientes do excesso de insolação por meio de sombreros. Ainda assim, dependem do tempo aberto, porque não têm como abrigar os clientes da chuva. Mesmo com abrigo, o clima chuvoso, que não se restringe a uma época do ano - vide as chuvas intensas que em 2006 aconteceram tanto em janeiro quanto em novembro -, é motivo para fraco movimento. As barracas não podem operar à noite, com poucas exceções. Nem tem a praia iluminação para isso – só recentemente instalaram em parte da área-estudo. A maioria de seus clientes está sujeita aos ciclos do trabalho, então somente aos finais de semana têm público. Enquanto muitos dos produtos tradicionais de praia são trazidos de longe (os caranguejos, por exemplo, ora vêm do Pará, ora do Maranhão), e/ou são perecíveis, como o coco e a lambreta.

Com a reforma de 2005-06, a situação agravou-se. Ela implicou em um custo (30% do total) para as barracas, agravado pelo longo tempo em obras, somado ao embargo que algumas sofreram ao longo de 2006.

Daí ser comum que barracas de piaçava, algumas com conservação e higiene duvidosas, cobrem preços superiores a restaurantes de qualidade média para seus produtos. Os barraqueiros usam táticas diversas para recuperar o investimento.

A cobrança por estrutura física aberta a não-clientes, tais como sanitários e chuveiros, aluguel de mesas, cadeiras, sombreiros e mesmo toalhas na areia⁶. Apesar de ilícita, tal cobrança tanto é a exploração sobre um cliente abonado e ignorante das regras formais e informais, como uma alternativa para um fenômeno recente. Em quantidade crescentes, famílias vêm à praia e trazem de casa comida e bebida. Para ficar cômodos, alugam mesas e cadeiras nas barracas, com direito a usar banheiro e chuveiro⁷. Pelos preços cobrados e consumo que teriam, elas economizam. E o barraqueiro garante um retorno pela estrutura ociosa que teria no caso de aceitar usuários que não consomem.

A abordagem ofensiva, com funcionários volantes na calçada e areia, abordando fregueses em potencial.

A especialização nos serviços ligados ao tema “praia”: aluguel de caiaques e pranchas, piscinas rígidas para crianças, modelos mais eficientes de espreguiçadeiras, som mecânico.

A diversificação de produtos e serviços para além do tema “praia”: a exemplo de cardápio mais variado (até pela perecibilidade de muitos produtos “praianos”) - as barracas próximas ao Farol de Itapuã oferecem massas italianas -, e serviços como campeonatos de dominó e baralho à maneira de clube social⁸.

A maior flexibilidade no pagamento e preços, com cartão e cheques, descontos generosos em baixa estação.

Deve-se incluir também a exploração do turista, com preços majorados ou adulterados, e o agenciamento de prostitutas para o mesmo.

A luta para ampliar os horizontes de trabalho, através de iluminação noturna e permissão para funcionarem à noite⁹, permissão para maiores áreas cobertas de mesas e cadeiras. Busca-se autonomia espacial (das condições de banho da praia) e temporal (dos ciclos de horário e atmosféricos). Procuram ser um restaurante na praia, já que precisam de uma clientela mais ampla que o banhista, e aproveitar a vantagem competitiva da brisa e paisagem marinha.

Cada medida dessa não é generalizada, mas perfaz um quadro mais amplo.

A tentativa de escapar aos limites da manhã ensolarada de verão, e sua resposta por parte dos clientes, sagra a lógica da barraca de praia como um restaurante na praia. Voltado para um cliente próprio que pode ou não ser usuário da praia, a fim de um serviço específico, com a vantagem de ter a brisa e a vista marinha.

a constituição das faixas de barracas

Seu modelo físico é indissociável dos produtos e serviços oferecidos, e das demandas que têm para tanto. Vimos no item anterior que há um quadro para incremento do perfil da atividade. É o desdobramento de uma mudança maior, ao

⁶ VILAS BÔAS, Rodrigo. Cerveja custa até R\$ 7,20 na praia. *A Tarde*. Salvador, 29 jan. 2006. Caderno 1, p.7.

⁷ FAROFEIRO DE LUXO CHEGA ÀS PRAIAS – mesa alugada de R\$25 a R\$50. *Tribuna da Bahia*. Salvador, 26 jan. 2005. Caderno 1, p.12.

⁸ VIEIRA, Camila. Águas de Outono, *Correio da Bahia*. Salvador, 17 abr. 2006, p.8,

⁹ Os barraqueiros da praia do Flamengo esperam liberação para operarem à noite, antes sujeito a autorização especial

longo das últimas décadas, de um comércio tipicamente ambulante para pontos fixos, conforme verificamos no histórico das praias de Salvador. A trajetória é de aumento no leque de produtos, incremento tecnológico, expansão da área ocupada e sua fixação na areia. De tenda a quiosque, de quiosque a bar e, mais recentemente, de bar a restaurante, com a diferença de não ter abrigo para sua área de mesas. O termo “barraca” aplicado a estes é um atavismo sem justificativa – em nada podem ser interpretados como tal. As barracas tornaram-se, ainda, ponta de lança para fabricantes de cerveja que instrumentalizam seus pontos de venda e financiam suas reformas. Isso no tocante à arquitetura das unidades. Contudo, a franja de barracas não seguiu ao mesmo princípio, operando sob outra lógica.

Quanto aos banhistas, vimos que onde há águas seguras, aparecem banhistas e, a reboque, o comércio em suas modalidades, incluindo as barracas de praia, e que o entorno, influenciando a composição dos usuários da praia, pode reforçar tal comércio. Porém, das seis faixas de barracas na área-estudo, em dois – Armação e Corsário - não há águas balneáveis nem entorno que justifiquem a *constituição* de área extensa de barracas, hoje consolidadas, nem fator evidente que explique sua pauperização. Pauperização que também vale para outras unidades, especialmente em alguns subtrechos em Piatã.

Um fenômeno histórico, com duas manifestações, pode dar a solução. Uma de suas faces é a mudança do perfil dos usuários das praias. A formação de trechos de barracas poderia relacionar-se com um público solvente que, migrando, foi substituído por um outro que consome em menor proporção. Isso aconteceu em Ondina, e poderia explicar o caso de Armação.

A outra face é a alternância das praias tidas como populares. As praias de voga, ao longo da década de 1960 a 80, de um público seletivo tornaram-se movimentos de massa. O trecho de Amaralina a Pituba foi praia frequentadíssima (BAHIA, 1973) nos anos 1970, hoje praticamente à míngua. Hoje em dia subsistem um punhado precário de barracas em duas pequenas enseadas protegidas, e praticamente nenhum banhista no restante.

A constituição da distribuição atual das barracas está relacionada com a afluência dos banhistas com um descompasso. Esta variou com o tempo, enquanto as pontos comerciais se comportaram com inércia ao acompanhá-la. Há barracas onde não existe público que as sustente, daí diminuírem em número em certos pontos (como a praia do Corsário), ou decaírem à indigência (como no Jardim de Allah), mantidas por uma demanda incipiente.

As forças que formaram as barracas se ausentaram, sem correspondência com características ambientais mais constantes, provavelmente extrínsecas à faixa de areia – a hipótese da poluição por si só não justifica todos os casos. Talvez ligado ao entorno, à situação da praia na cidade no momento, ao transporte, ao valor positivo conferido àquele destino. Na sua crítica ao “funcionalismo ingênuo”, Rossi (1971) mostra que os papéis desempenhados por certas estruturas urbanas modificam-se com os anos, restando-lhe a forma exterior – é o caso que acredito ser das barracas.

a privatização do espaço da areia

Das críticas usuais, a mais contundente é o da privatização do espaço da praia, a partir das barracas e da extensa área tomada pelas cadeiras e sombreiros. Embora levantado geralmente por pessoas mais ciosas com o espaço público.

O termo “privatização” suscita reações apaixonadas. O sentido mais comum é o da passagem institucional para posse de indivíduos ou empresas particulares de uma propriedade estatal, por extensão pública de acordo com a noção do Estado como emanção do povo de um país. Disso para o espaço público de uso público, há gradientes diversos. A crítica seria ao uso inapropriado, legalizado em certo grau (não se descarta que haja infrações), de um espaço onde o termo “público” refere-se ao usufruto potencialmente aberto a todos. Distinto, então, da acepção comum do termo “privatização”.

A rigor, as atividades humanas na praia se dão no espaço. Algumas são vorazes em termo de área, como veremos. Assim sendo, a crítica só pode dirigir-se à sua permanência (impedindo a alternância de atividades), à sua pertinência (isto é, não haver motivo em especial para acontecer na praia, obliterando outras atividades mais pertinentes) ou à sua extensão (ocupando área em excesso em detrimento de outras).

A sua pertinência se verá num tópico à parte, especialmente a relação com o consumo na praia. Pode-se objetar à procedência de um comércio que bloqueia a vista do mar aos passantes, pedestres ou motorizados. Essa afirmação não se sustenta: do longo trecho de barracas, apenas bloqueiam efetivamente a paisagem os estabelecimentos em Patamares e o trecho de Piatã que vai de seu mirante até o início do Parque dos Coqueiros. Nos restantes, há desnível entre pista e praia ou as barracas estão atrás de barreiras naturais ou construções humanas. Em Patamares, ainda, o bloqueio das barracas se limita ao pedestre que segue a faixa de calçada que as beira; a outra faixa e os usuários da via são bloqueados por duas edificações, de maior porte horizontal e vertical. A dona de um deles, o Tempero da Dadá, a Dadá em pessoa, diz que seus clientes reclamam da perda da visão do mar¹⁰; direito que ela adquiriu retirando da faixa de terra imediatamente anterior.

Os ataques à permanência e extensão se relacionam. Dividamos o assunto em três aspectos diferentes: a extensão da praia ocupada linearmente pela franja de barracas; a área ocupada pelas barracas, mesas e cadeiras e seu grau de ocupação.

Extensão de praia não significa potencial de uso da praia. Ao todo são cerca de 4.670 metros lineares ocupados por barracas, de quase 12 km da extensão da área-estudo, menos de 40%, com afastamento irregular de unidade a unidade. Como visto antes, efetivamente, há mais barracas que áreas usadas para banho, de onde se percebe a envergadura dos vazios – trechos desertos ou com pessoas esparsas para fins de banho de mar e banho de sol.

Quanto à extensão da área construída das barracas, até 2005 a área individual era pequena. Os novos modelos são maiores em ambas as direções. Construídos em áreas densas – Patamares e Jaguaribe – em fiadas contínuas, não só representam área considerável como aumentam a impressão de área ocupada.

Já a área ocupada pelas cadeiras, trata-se de uma ocupação flexível. Nada as impede de serem removidas com facilidade. Como de fato são, pela noite, com exceção de Armação, único lugar onde pernoitam.

Toda ação na praia dispõe de um pedaço de areia e o indispõe para outras coisas. Nesse sentido, os usos mais intransigentes de área praiana são os esportivos. Porque a cancha não é porosa, não permite sua travessia, como acontece com as mesas e cadeiras, permeadas de passantes e ambulantes. O baba incide em maior número de praias, nas desertas e nas demandadas, por meninos, jovens e adultos, de

¹⁰BARRACAS REFORMADAS SEM SEGURANÇA. A Tarde, Salvador, p.6, 13 mar.2006.

maneira esporádica ou organizada, embora não com constância. E proporcionalmente, por indivíduo, ocupa muito espaço.

A comparação não visa validar uma ou condenar outra atividade. No paralelo, certas características se destacam. Uma é a posição. Enquanto no geral as cadeiras das barracas ocupam a faixa de areia mais fofa e quente, próxima ao talude onde estão as barracas, o baba ocupa a faixa de areia mais compacta, que é o estirâncio e adjacência, parte da área demandada principalmente por crianças. A situação das barracas torna-se crítica quando não há área livre entre cadeiras e a linha d'água, na maré alta, por estreiteza da praia ou amplidão da área de concessão das barracas. Desta última situação, o exemplo mais flagrante é Armação. Da primeira, na praia do Corsário, Jaguaribe, Placaforde e certos trechos de Piatã. Lembrando que a estreiteza da praia na área-estudo não é imposição da natureza, mas resultado da implantação da via beira-mar e dos lotes no imediato pós-praia.

Sensível é uma variação do terceiro ponto, o grau de ocupação, na forma da irreversibilidade prática da ocupação de uma área pública. De fato, vigora a mentalidade, inclusive entre os vendedores da praia, do usucapião¹¹. De que o tempo de permissionário, ou pior, que o tempo de existência do estabelecimento, ainda que de proprietário recente, seja um direito adquirido, predando o patrimônio público.

Pelo observado na área-estudo, o desrespeito à coisa pública é crônico e disseminado, dos banhistas que sujam as praias aos empresários, independente da escala, do ambulante ao incorporador. Esse desrespeito pode não ser uma característica local. Ferreira (2002) estuda o caso de Uberlândia, e aponta situação similar em outras cidades brasileiras. E mostra que mesmo na Europa medieval era situação corriqueira¹². De todos os modos, a praia é um mostruário – do processo e conseqüências - do Parque Aero clube, às ações de posse dos vendedores ambulantes.

Enquanto falta, por parte do Poder Público, prática de fiscalização. Não raro concessões de áreas públicas perdem seus propósitos originais e se estabelecem dessa maneira. A história da praia atlântica é similar à de outros espaços públicos. Originalmente, por obra do governo João Durval, procurou-se organizar uma prática consolidada, para atendimento do banhista. Poucos anos depois, severas distorções, inclusive moradias na areia. Houve remoção e re-projeto das barracas, cedendo às exigências, com aumento das áreas, e novas alterações nos anos subseqüentes. Nesse sentido, as marés atmosféricas foram mais eficientes na remoção das barracas do que o Poder Público.

a tipologia das barracas e a deterioração da orla

No processo da reforma recente, entre 2006 e 2007, houve ataques gerais à tipologia arquitetônica e tecnologia construtiva das barracas de praia, que seria uma das responsáveis pela orla lamentável que Salvador teria, já que, passados os anos, muitas se apresentavam em mau estado.

¹¹ Ainda que na área não se aplique legalmente. Esta mentalidade se depreendeu de reportagens de periódicos e depoimentos de comerciantes da área-estudo.

¹² Hernando de Soto (2001) expõe ainda tese ousada: de que tais processos foram não só comuns mas imprescindíveis na formação européia e norte-americana, e que o Terceiro Mundo os vive porque apresenta, de forma comprimida, várias etapas da modernização simultaneamente em um curto período de tempo.

A associação da precariedade física atual de algumas barracas com a tecnologia construtiva é preconceituosa. Não há nada em si na barraca de piaçava que a caracterize como decadente. É modalidade construtiva usada em várias praias do Brasil e do mundo, como Fortaleza, Maceió e Acapulco no México. Madeira e piaçava não foram, e não são, incompatíveis com a higiene e com a manutenção, e nada em sua construção condiciona o estado posterior em que se encontravam, e se encontram, algumas barracas. Barracas em bom estado, não só da construção mas de seu entorno imediato, se avizinham a ruínas literais. Por outro lado, há destino similar ou pior de abandono e deterioro em obras litorâneas, pela ação corrosiva do sol e do salitre, em tecnologias diversas: os pré-fabricados da demolida Escola Imaja, as tensoestruturas do Tempero da Dadá, a alvenaria de edifícios vizinhos e mesmo o Aeroclube Plaza Show.

Os barraqueiros reclamam da vulnerabilidade a incêndios, que é real: a pesquisa registrou incêndio de uma barraca em Placaford, pulverizada antes da chegada do corpo de bombeiros. Os motivos de incêndio variam de instalações elétricas irregulares a suspeitas de queima criminosa.

Malgrado inflamáveis, não foi essa qualidade que levou à pecha de degradadas. O mau estado de muitas barracas é decorrência do êxito do empreendimento do que da edificação, e de como ele reinveste no lugar. Seu deterioro relaciona-se com a indigência do estabelecimento, seja em dificuldades de comércio dependente de tempo bom, ou mesmo as inerentes a um negócio, como má gestão administrativa. E mesmo da vulnerabilidade à ação das ondas do mar, sendo então impróprio para construções. As marés e as ondas são regulares e previsíveis – nada mais periódico do que o ciclo das marés e chuvas.

Esse é o problema visível, que suscita indignações ciclótímicas quanto ao destino da Orla, agravado com a situação do uso limdeiro à praia. O mau estado das barracas é associado a situações de uso e ocupação do solo urbano, e a polêmicas e interesses outros, como nas discussões sobre verticalização da orla atlântica.

A deterioração física das barracas se dá com independência relativa do entorno e da qualidade da praia para banho: barracas prósperas em Pituaçu, praia deserta, ou estabelecimentos decadentes em Piatã, a praia mais procurada. No entanto, para faixas de barracas há um padrão de estado, principalmente quanto à pauperização destas, em praias como Armação e Corsário.

Duas relações indiscutíveis das barracas de praia na degradação ambiental da praia estão ausentes nas críticas gerais: os cortes irregulares dos taludes e subsequente erosão, o destino dos efluentes dos barraqueiros e banhistas. Pode-se somar ainda a sujeira da atividade alimentar e os animais vetores de doença decorrentes.

Uma última palavra quanto ao tema. O valor dado à praia se manifesta de duas maneiras imediatas no mercado. Uma é o turismo propriamente dito, dentro do que Iribas (MVRDV, 2000) chama de *gestão territorial*, onde o lucro está na locação do espaço e serviços - a exemplo do conjunto de hotéis entre Ondina e Rio Vermelho. A outra forma é o valor de troca do solo, que é incorporado e vendido pura e simplesmente. A ocupação através da vilegiatura se deu ao longo do litoral atlântico de Salvador, como antes em Itaparica, e hoje no Litoral Norte da região metropolitana e a pressão para liberação do gabarito da orla atlântica. O primeiro é relativamente estável, assiste a poucos empreendimentos por vez – na medida em que surgem oportunidades de bons sítios à venda, como a da Mansão Fonte do Boi. Variação dessa modalidade são os *resorts*, como os de Porto Sauípe, grandes estruturas

autônomas do contexto construído local e da própria praia, que usam somente a imagem litorânea¹³. O segundo existe na transformação constante do território, esgotando-se os melhores terrenos disponíveis em primeiro instante¹⁴, e com tendência a impactar infra-estrutura urbana e meio-ambiente. Supõe uma forma de turismo ligada a veraneio em segundas residências. Quando se fala em turismo e praia, é preciso discernir qual dos dois movimentos ocorre, e porque a pressão para liberar quilômetros de franja costeira urbana que, na prática, não serão ocupadas por hotelaria.

o mito da padronização

A crítica à tecnologia construtiva das barracas nos conduz a outro ponto: a idéia de ordenamento das praias por meio da padronização física das barracas.

A padronização poderia passar pela questão delicada de garantir a isonomia de direitos a gente que é concessionária de área de bem de uso comum, que não é o foco nas iniciativas passadas, nem o é neste caso. A abordagem é mais estética do que funcional, descuidando da lógica do bar e restaurante, com duas limitações: uma de ordem operacional, e outra de ordem de valor.

A limitação operacional é que a uniformidade física das barracas não se mantém ao longo de 10 anos. Os empreendimentos bem-sucedidos tendem a qualificar seu espaço, se não houver fiscalização. Nos elementos que perfazem a totalidade das barracas, saltam iniciativas pontuais que procuram uma unidade interna. Isso é mais comum nas barracas de Itapuã, próximas ao Farol, que investem na rusticidade: bancos de madeira, cercado, canoas como jardineiras, portadas, etc. A Barraca do Aluizio é a que mais longe vai nessa busca, levando ao extremo a lógica “regional”, com efeitos criativos a custo muito baixo. Nem todas optam por isso, como a do Luciano e da Paty, que apresentam unidade visual e cuidados específico – banhas da cor-tema para os sombreiros, esperas para os sombreiros, tabuletas padronizadas, etc. – sem a busca dessa associação do praiano com o rústico/ regional.

A praia é um ambiente agressivo – sol, maresia, marés altas - para qualquer edificação, em qualquer material. A falência ou indigência administrativa se reflete em degradação física. Há diferença significativa entre as contenções dos patamares de areia das barracas, de sacas com areia, pranchas de madeira, alvenaria, etc. A fiscalização pode coibir acréscimos, porém não determinar reparos. Muitas das barracas degradadas não possuem anexos irregulares – é apenas senilidade.

A limitação de valor é que o usuário não se atém somente à questão estética. Sérgio Foguel, presidente do Instituto de Hospitalidade, atenta que o mais importante são itens como limpeza, higiene, iluminação e atendimento¹⁵. Nivaldo Lariú, engenheiro e escritor, fala de aspectos vivenciais: música tranqüila, gente interessante, ser um ponto de encontro de amigos¹⁶. É consenso entre Domício de Brito, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagem (Abav)¹⁷ e Oscar Teixeira Barbosa, coordenador do Sindpraia, que o atendimento não é bom, e falta aos

¹³ O primeiro exemplo próximo foi o Clube Mediterranée, sempre um corpo estranho em Itaparica.

¹⁴ É o caso dos empreendimentos do Alphaville. O primeiro tem lotes estreitos e com alta declividade. O terceiro lançamento, na mesma avenida, tem lotes ainda piores.

¹⁵ PROJETOS DE BARRACAS MORRE NA PRAIA. A Tarde, 12 dez. 2004., Caderno 1, p.3.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

barraqueiros capacitação¹⁸. Em consonância com o aumento do leque de serviços oferecidos pelos barraqueiros, conforme observado antes, segundo depoimento do barraqueiro Edson Vianna, é cada vez menos comum o cliente que exige somente boa localização e cerveja gelada¹⁹. Como se vê, a *affordance* procurada pelo cliente não se limita à aparência do estabelecimento.

A situação a médio e longo prazo pode depender mais de como cumprir esses itens, do que propriamente de uma boa locação para banho de mar. Ao contrário, em Piatã, o número extremo de barracas fraciona o que seria um público cativo. Então a qualidade de gestão e serviço são determinantes no estado do espaço construído. A abordagem visual incide sempre sobre o resultado, e não sobre as causas.

a lógica do ponto comercial

O que nos leva a ponderar que os dois lados trabalham sob regimes diferentes, sem discutir seus méritos.

A praia é legalmente um *bem de uso comum do povo*, em que o bem é disposto a todos os membros da coletividade e seus usuários são anônimos e indeterminados. Porém, na praia surge uma outra figura, em trecho específico: o *bem de uso especial*, atribuído à determinada pessoa que frui do bem com exclusividade. A *permissão de uso*, aplicada nas barracas de praia, é uma das formas administrativas para uso especial de bem público. A permissão de uso é ato negocial, unilateral, discricionário e precário. Por negocial, entende-se um acordo entre as partes. Por unilateral, entende-se que as condições são estabelecidas e fiscalizadas pelo Poder Público. Por discricionário, entende-se que pode ser alterado ou revogado a qualquer momento pelo Poder Público. Por precário, entende-se que não possui prazo definido. Outra característica dessa modalidade é que depende de licitação, coisa que nunca aconteceu no histórico das barracas de praia de Salvador. A permissão das barracas de praia é individual e intransferível, destinado à pessoa física, vedada a permissão para mais de um estabelecimento. Segundo Cíntia Conceição Santos da SESP, o permissionário que decide abdicar do ponto, tem de devolvê-lo à Prefeitura, para que esta abra licitação²⁰, o que não acontece.

Porém as barracas são oferecidas à venda, como no Jardim de Allah hoje em dia. Os meses que antecedem o verão, as barracas são vendidas, com anúncios em jornais ou *banners* nas barracas²¹. A efetivação acontece na forma de redação de contrato de compra e venda, com cadeia sucessória dos permissionários, com data retroativa, datando de antes da portaria que revogou as concessões, de 2003²². Ainda na prática, os compradores assumem as dívidas como parte da compra. Paulo Leite, barraqueiro, argumenta que esse processo de substituição dos proprietários age como uma seleção dos mais qualificados, resultando em melhor serviço para o freguês²³.

¹⁸ REPRESENTANTE DE ITAPUÃ LUTARÁ POR MELHORIAS. *Tribuna da Bahia*. Salvador, 11 jul. 1987

¹⁹ BARRACA DE PRAIA MUDA CARDÁPIO E FAZ PROMOÇÃO PARA A FREGUESIA. *Tribuna da Bahia*. Salvador, 28 fev. 2005.

²⁰ ARAÚJO, Ana Carolina. Grandes empresários dominam o comércio nas praias. *Correio da Bahia*. Salvador, 21 out. 2006. Disponível em: <http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_impresao.asp?codigo=114871>. Acesso em: 27 jan. 2008.

²¹ Idem.

²² Ibidem.

²³ COSTA JÚNIOR, Jairo. Nada a Declarar. *Correio da Bahia*. Salvador, 9 nov. 2007. Disponível em: <http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_impresao.asp?codigo=116212>.

A partir daqui precisamos desfazer uma trama densa.

Em vários momentos o Poder Público entendeu a barraca como arraigada na cultura soteropolitana. O Programa de Equipamentos da Orla Marítima de 1975, elaborado pela Prefeitura e não realizado; o Projeto Orla de 1985, de autoria do Governo do Estado, e o Plano de Ação de 1991, iniciativa da Prefeitura, tratavam de aceitar o que seria uma peculiaridade local, de comum acordo com os barraqueiros (oferta) e banhistas (procura). Afirmamos aqui que o consumo na praia é prática estabelecida na praia em geral, e no trecho estudado. Porém, com os anos há variação na procura por esta ou aquela praia específica.

Em seus reclames os barraqueiros tratam de assegurar a rentabilidade do segmento da economia ao qual pertencem²⁴. O argumento irreprochável e onipresente do emprego-e-renda é invocado. Além de incoerente com a lógica do ponto comercial, neste caso não parece considerar os usuários da praia, o motivo original da aceitação dessa forma singular de comércio. Por um lado, se a barraca de praia específica (e não a sua presença generalizada na Orla) fosse algo arraigado, atendendo a um anseio espontâneo, não necessitaria ser sustentada por intermédio do Estado. Trata-se, no fundo, do Poder Público dar condições que induzam uma nova demanda, como uma profecia que se auto-cumpra. Por outro, o argumento em prol de uma determinada atividade comercial a partir do benefício aos seus praticantes não se sustenta, como se pode demonstrar por um simples *reductio ad absurdum*: o fato de movimentar capital e empregar gente não tornam a indústria bélica ou a produção e distribuição de entorpecentes socialmente aceitáveis.

Para desmistificar ainda mais o tema, a Prefeitura revelou em 1991 e 2007 a composição dos proprietários, muito distante do quadro original. E muito distante dos argumentos antigos e presentes de auxílio ao primitivo morador e, hoje, ao micro-empresário. A concepção de ponto comercial como ajuda aos desvalidos acaba resvalando sempre nas leis do mercado. Uma atividade lucrativa invariavelmente resulta em concentração de capital, e o micro-empresário se torna um empresário de porte, aglutinando os antigos companheiros; ou sai do ramo e do lugar; ou se torna empregado.

Um exemplo do êxito individual e aglutinação é o caso de Joseli Ferreira. Começando há 3 décadas com quiosque de lona, hoje é dona das Cabanas do João e da Cely, com restaurante defronte do mesmo nome, em Patamares. Um de seus pontos comprou de um italiano um dos pontos, e passou para o cunhado²⁵.

A concentração de capital tem se dado por empresários do ramo dos restaurantes e por estrangeiros. São duas as técnicas empregadas, segundo depoimentos. O primeiro, com mais denunciante, por meio da terceirização por meio de “testas de ferro”²⁶. O segundo, segundo Oscar Teixeira, seria o aliciamento de

Acesso em 27 jan. 2008.

²⁴ Trata-se de reivindicações gerais da categoria, sabendo que dois sindicatos representando-os: o Sindicato dos Barraqueiros da Orla Marítima do Estado da Bahia (Sindipraia) e a Associação dos Comerciantes de Barraca de Praia da Orla Marítima de Salvador (Acbpomes), com freqüentes brigas entre si e acusações mútuas.

²⁵ COSTA JÚNIOR, Jairo. Nada a Declarar. *Correio da Bahia*. Salvador, 9 nov. 2007. Disponível em: <http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_impresao.asp?codigo=116212>.

Acesso em 27 jan. 2008.

²⁶ COSTA JÚNIOR, Jairo & RODRIGUES, Alan. Sesp se nega a fornecer lista dos donos das barracas. *Correio da Bahia*. Salvador, 11 jul. 2007. Disponível em: <

mulheres pobres, de baixa escolaridade, em Itapuã, para casar-se com estrangeiros e assim regularizá-los²⁷.

O reverso do êxito é um comércio com baixo retorno, indigente, ou mesmo deficitário, que cessaria em pouco tempo, como se observam na praia do Corsário e Jardim de Allah.

Talvez a questão resida em um foco equivocado na ação do Poder Público. Quando as ações se dirigem a comerciantes pobres – como em um passado recente – se justifica por sua pobreza, e não porque são comerciantes, e portanto deveria dirigir-se a esse foco. A interferência na atividade comercial depende da perenidade de seu *status quo*: não próspera para mudar o quadro de proprietários e perfil da atividade, não decadente para falir os comerciantes. Porém, atividade comercial estável no mundo moderno é irreal.

sobre a pertinência das barracas de praia

Em item anterior, foi dito, sobre a crítica à pertinência das barracas que, em primeiro momento, havia a relação entre praia e consumo. Vejamos este item com mais atenção.

Observamos a presença do consumo etílico na praia, ao longo da área-estudo, firmada há mais de quatro décadas, amparada atualmente por um comércio de praia heterogêneo em porte e estado.

Existe uma apropriação da praia pelo mercado, no sentido mais lato, fincando o pé de maneira irreversível no território da areia, ou existe uma demanda soteropolitana pelo consumo etílico? No caso desta opção ser verdadeira, será que o soteropolitano induz nos seus espaços públicos de lazer um perfil determinado? Não se descarta um ciclo, vicioso ou virtuoso para quem o olhe, onde ambos se fortaleçam mutuamente. No caso da segunda hipótese ser verdadeira, enquanto não mudar o perfil do lazer do soteropolitano, o quadro da praia permanecerá.

Não se deve depreender que o destino da praia atlântica seja o consumo, principalmente de bebida alcoólica, mas apenas que é parte dos hábitos de seus usuários atuais. Como a pesquisa não pode dar voz aos ausentes, não se descartam usuários em potencial que reneguem essa modalidade e procurem, portanto, outras praias, retornando com uma mudança do perfil da praia. Nem tampouco são os hábitos imutáveis. Apenas vale atentar que retirar o vendedor fixo da praia não elimina automaticamente o comércio de artigos similares por vendedores móveis.

Como observado em praias sem barraca na área-estudo e fora dela – como nas praias do Farol e do Porto da Barra –, tudo indica que a remoção de barracas não modifica de modo sensível a prática do banhista. Pode mudar o indivíduo que atende, e mesmo minimizar o consumo na praia, uma vez que seu suporte diminui em eficiência. Dificilmente, contudo, o consumo desaparecerá. Sem as estruturas físicas na areia, desaparece o risco de contaminação da areia via instalações sanitárias precárias, que retorna na forma da questão que deu origem aos sanitários das

<http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=131934>>. Acesso em: 27 jan. 2008. Também se encontra a mesma denúncia em ARAÚJO, Ana Carolina. Grandes empresários dominam o comércio nas praias. *Correio da Bahia*. Salvador, 21 out. 2006. Disponível em:

<http://www.clubecorreio.com.br/aquisalvador/noticia_impresao.asp?codigo=114871>

²⁷ Idem.

barracas: como lidar com a necessidade dos banhistas, ainda mais se consumidores de cerveja.

Um efeito lateral da presença dos barraqueiros sobre os usuários visitantes da praia, e não somente o banhista, é a segurança, conforme dito antes.

É legítimo os barraqueiros advogarem em causa própria, como fazem outros setores – o que é equivocado é reduzir-se a discussão sobre o destino da praia apenas aos usuários naturalmente mobilizados, e somente aos seus termos. O que se defende aqui é que a praia seja entendida não como espaço abstrato, mas espaço vivido. Portanto, como parque público, a partir pelo menos dos interesses concretos de seus usuários reais e potenciais. A validade da atividade – a venda e produção de comidas e bebidas, incluindo as alcoólicas para os banhistas e na areia –, como ad e outros usos e ocupações da faixa de areia, deve ser vista sob a ótica dos efeitos laterais que trazem aos demais usuários da praia, ao entorno e à sociedade soteropolitana, como um todo. A lógica do efeito lateral empregada aqui vai aos banhistas por serem o grande público usuário da praia. Pode e deve ser empregada aos demais usuários legítimos da praia, como aos pescadores e surfistas.

Uma ressalva a ser feita é que toda esta análise pauta-se no *status quo* sendo, por excelência, reativa. O raciocínio sobre o efeito lateral parte dos usuários que já existem na praia, considerando à sua maioria como legítima – o que é um juízo de valor.

6.2. OS DESTINOS DA PRAIA

a praia como espaço público

Uma das dificuldades maiores na abordagem espaço público reside, como aponta Serpa (2004), na relação entre a esfera pública urbana e os espaços concretos, ainda mais por sua circularidade. Em compreender de forma unitária continente e conteúdo.

Vamos explorar aqui três acepções para o termo *espaço público*.

A primeira é a de um bem coletivo – em nossa sociedade, gerida pelo Estado – de franco acesso a todos. Esse é o conceito legal vigente no Brasil para o bem de uso comum do povo, conforme visto, e, como indica, levanta por vez a sua *acessibilidade* como condição *sine qua*. Entre a letra da lei e as possibilidades concretas de uso, e destas ao uso efetivo, há hiatos consideráveis. Esse conceito, embora de manejo mais fácil, e mais próximo do sentido leigo corrente, refere-se à concepção legal e uma coleção abrangente de espaços, sem servir-nos para esclarecer a situação da praia como espaço urbano.

Na área-estudo, o acesso físico se dá com facilidade do Jardim de Allah até o Parque da Sereia, com via beira-mar e abastecido por sistema de transporte coletivo. As praias do Parque da Sereia ao Farol são mais resguardadas pelo acesso viário e escassez de transporte. Tal efeito se intensifica além-Farol. Quanto ao nível simbólico, não se detectou nenhuma barreira ao afluxo de pessoas.

Hannah Arendt abre-nos ainda duas acepções para *público*, que merecem uma investigação mais cuidadosa, e podem nos auxiliar na compreensão do espaço público como espaço físico real.

Por *público*, pode-se entender tudo que vem a público, que pode ser visto e ouvido por todos, divulgado. O reverso da existência incerta e obscura que se resguarda na privacidade, já que, aos seres humanos, a aparência constitui a realidade (ARENDR, 2000). A noção de *publicidade* é um caminho para relacionar o espaço físico com seus conteúdos sociais.

Para os gregos, era parte fundamental da esfera pública, então esfera política, a exposição do homem livre. Para Arendt, os gregos tinham por certo que a vida privada era o lugar da necessidade, reservado aos fatos da vida biológica indistinta dos demais seres vivos, como o nascimento, a morte e o consumo. Era na vida pública que o homem livre se realizava como ser humano, e podia inclusive tangenciar a imortalidade, por meio de grandes feitos (*praxis*) e grandes discursos (*lexis*), este último ganhando autonomia e importância crescente na *polis*. A exposição pública junto aos semelhantes é parte crucial da concepção de cidade e de vida gregas. Mais do que isso: o homem livre buscava a *arete*, a excelência em si, marcar-se como melhor, nos feitos e nas palavras, e isso devia ser pela exposição pública e pelo reconhecimento dos pares. A vida pública tinha lugar em um espaço formal claramente constituído e, por conta disso, que a *polis* grega e sua *ágora* tornaram-se ponto de referência para sem número de reflexões sobre a cidade contemporânea, a democracia e o papel dos espaços urbanos. No entanto, tal entrelaçamento entre o espaço urbano aberto e a esfera pública não voltou a repetir-se.

A importância de tornar pública a opinião reaparece na Europa setecentista. No esteio das posições sobre o conceito de *opinião pública*, Habermas (1984) aponta que Jeremy Bentham como o primeiro a arrolar o que chama de *princípio da publicidade* nas ciências políticas. Bentham, então, via a opinião pública como controle das tentações dos legisladores. Embora conflitante, a opinião pública seria incorruptível, e guiada pelo espírito da justiça. Então, os parlamentares deveriam sempre publicizar as tratativas políticas, para informar a opinião pública, e ainda colher dela sugestões bem-vindas. Seria o modo de tornar a condução política uma questão da razão, e não da simples vontade. Isto é: a exposição geral ao público, e sua correção, seria maneira de garantir racionalidade e justiça na política nacional. O princípio da publicidade ganha outro viés com Immanuel Kant, também disposto a racionalizar a política (HABERMAS, 1984). A idéia de um público debatendo racionalmente um assunto é extrapolada a partir da idéia iluminista da *maioridade* do homem, interpretando o processo como um auto-esclarecimento. O pressuposto para isso é que a verdade, orientada pela razão, tenderia a aparecer, já que a amplitude da validade do argumento, isto é, sua capacidade de convencer mais pessoas, é o que distingue a persuasão da veracidade lógica. Sendo preciso a exposição dos argumentos à luz do dia, da qual a verdade emergiria. A tese kantiana tem sua fragilidade assentada desde a Grécia Antiga, onde já se marcava a diferença entre a *lógica*, a exposição encadeada dos argumentos, com a *retórica*, que é a arte de persuadir os ouvintes, e o emprego usual da *erística*, que é a arte de vencer discussões, através de falácias e recursos similares, aplicada tanto a indivíduos quanto a grandes platéias.

As teorias e propostas de Bentham e Kant fazem parte de um quadro maior, de ensaios do que deveria ser a condução do Estado, em uma Europa configurando o Estado-Nação após o feudalismo, conformando a era moderna. Daí o peso dado aos conceitos de opinião pública, soberania e legislação. Faz parte da gênese da sociedade de massas a imprensa, imbricada na concepção da esfera pública da época. Bollingbroke (HABERMAS, 1984) considerava a imprensa como a própria opinião pública, impensável hoje em dia. As concepções, tanto de Kant quanto de Bentham, estão distantes do espaço público aberto, como a *ágora* grega. Bentham refere-se ao parlamento e mesmo à publicidade fora dele, por meio de outros

instrumentos.

Retornemos à idéia mais ampla de público como algo exposto ao olhar dos outros. Sob essa rubrica entenderemos um fenômeno crucial para os espaços urbanos europeus.

De um modo geral, é parte inseparável da existência social a sua identificação como distinto (SERPA, 2004). Canter e Kenny (1978), nos estudos de comportamento ambiental, observam que o aspecto comunicacional é fundamental, já que a idéia de intimidade, válida em todas as situações, é a decisão individual e constante de que informação sobre si mesmo comunica aos demais. Essa natureza do existir em sociedade ganha importância e se estrutura em uma cultura calcada nos jogos de prestígio e *status*, como era o da aristocracia européia e seus sucedâneos burgueses a partir do fim da Idade Média. Tal mecânica, fartamente estudada, estava presente em práticas tão distintas como a etiqueta à mesa e as boas maneiras, como o vestuário e os lazeres mundanos. Insufinou de sentido espaços os mais diversos, acompanhados de uma estrutura física que lhe correspondesse. Fazem parte dessa lógica as estâncias de terapia termal, alpina, talássica e de inverno (CORBIN, 1989). E espaços públicos, como os belvederes por onde desfilava o corso e os parques públicos oitocentistas (SEGAWA, 1996), e as praias no Brasil até no séc. XX (AZEVEDO, 1988)²⁸.

Tem sido, porém, usual tentar interpretar ainda o espaço público, e por extensão a praia, como lugar para ver e ser visto, subentendendo, por conseguinte, a preeminência dos processos calcados no *status*. Azevedo (1988) repete a avaliação da praia como local onde se consolida a lógica da distinção. A literatura dá inúmeros exemplos de práticas elitizadas que se massificaram ao longo do século, como o banho de sol e o banho de mar. A lógica do *status* talvez fosse uma realidade da praia antes de sua massificação, e talvez ainda o seja naqueles trechos de litoral onde seus usuários ainda se manejam através de tais jogos²⁹. Porém, na área-estudo, compartilho da visão de Giles Lipovetsky (1989), de centrar mais no fenômeno do *hedonismo*, do que no de *status*³⁰. A exemplo do futebol, que em seu nascedouro era esporte inglês que decantou com as décadas às classes mais pobres, surgindo em áreas de veraneio das classes alta e média, sem que nada indique hoje em dia corresponder à busca de algum tipo de *status*.

A praia foi reinterpretada por uma sociedade que valoriza a saúde e a *imagem de saúde*, em determinados aspectos do corpo³¹, em vários estratos sociais, deixando de ser um estilo de vida exclusivo e se apresentando como novos hábitos, para todas as classes sociais, cada qual com sua particularidade. A praia é uma opção variada de lazer, onde todos os usos visam o corpo: o baba, com certeza, não. Na área-estudo o uso da praia se massifica, não uma prática específica dela, dotada de maior prestígio.

²⁸ A expressão *traje de passeio* é sintomática dessa cultura. Nada mais inadequado para o informal passeio contemporâneo que o chamado traje de passeio

²⁹ Como se atribui a algumas praias do litoral norte de Salvador e da Região Metropolitana de serem "lugar de gente bonita".

³⁰ Empiricamente, não vejo o afluxo popular às praias com o intuito de "ver e ser visto". Nem a compra voraz de bugigangas (*gadgets*) fundamentada na noção de distinção – embora o mesmo se encontre em certos segmentos da sociedade, e seja válido para práticas pontuais.

³¹ Algo curioso é que ao longo das décadas o culto ao corpo se mantém. Modificam-se os parâmetros tais como medidas de busto, quadril e cintura, tipo e corte de cabelo, altura, etc. Mas o foco é sempre o corpo. A questão da saúde e de sua imagem, do real e do virtual, é curioso. Porém, não se pode negar que há usos com fins de saúde, tais como a prática da caminhada, do ciclismo e do *cooper*.

A praia, em Salvador, tem pouca ou nenhuma relação com *status*. A *vista pro mar*, sim, e a proximidade de praias *seletivas*. Sua atratividade reside nisso, e não em sua beleza ou balneabilidade concreta, haja em vista que os preços dos lotes não se relacionam com isso.

A dimensão do espaço público como local de comunicação é retomada por Paulo César da Costa Gomes (2002), porém com diferenças em todos os aspectos. Não é nem o local da exposição e matéria-prima do debate racional sobre temas de governo idealizado por Bentham, nem os jogos de mobilidade social restrito ao interior de um mesmo estamento.

A dinâmica da cidade é também a operacionalidade de seus espaços de comunicação e mistura. Espaços públicos são, por excelência, aqueles que se configuram como esses espaços de comunicação entre diferentes. Lugar de confronto e negociação, esses espaços são cotidianamente atravessados por estratégias de ocupação entre os diferentes grupos (GOMES, 2002: 229).

O espaço público é, por um lado, lugar onde esses grupos, de uma maneira ou de outra, buscam publicizar sua existência, comunicar-se frente aos demais. E lugar onde aconteceria a negociação entre interesses diversos. Infelizmente, ele cita o caso do *arrastão*, onde grupos da periferia transportam seus litígios territoriais para a praia, perturbando o frágil equilíbrio dinâmico entre os grupos já estabelecidos. Onde, porém, *o âmbito da negociação não aconteceu*. Gomes desenvolve um conceito que, embora coerente, simplesmente não se aplica ao caso que estudou, de onde em tese deveria derivar sua conclusão.

Não obstante, não se deve perder de vista que o conceito de publicidade que Gomes levanta tem aspectos ausentes nos conceitos anteriores. Primeiro, assume que a diferença é o princípio da relação urbana, e a comunicação, em um nível elementar, é o da própria existência do outro. Em um nível posterior, seus interesses. Não se restringe à idéia da condução dos temas políticos comuns – a agenda exposta está em aberto, assim como o estilo do discurso – e nem necessariamente conduz ao hipotético debate racional da tradição liberal representativa (ROSAS, 2006)

Da origem das discussões sobre a opinião pública, precisamos resgatar o vínculo, à época indissociável, entre a esfera pública e a imprensa. O poema concreto *Tvgrama 1* de Augusto de Campos põe uma nota perturbadora:

*ah mallarmé
a carne é triste
e ninguém te lê
tudo existe
pra acabar em tv*

Levanta a questão da validade da abordagem fenomenológica de Arendt quando associa, para termos de sua reflexão, a existência do mundo à sua aparência. Hoje em dia tornou-se imprescindível para o fato *público*, exposto à luz do dia no espaço urbano, poder ser *notícia*, e assim transcender a esfera local e alcançar outras pessoas. Mais: seu êxito, como comunicação e matéria-prima para a reflexão individual e debate público, ainda que reservado em foros pequenos, independe do próprio público local, atrelado à sua difusão nos meios de comunicação.

Dentro dessa acepção, o que confere o sentido público ao espaço é o fato dele ser lugar da publicização de distintos setores da sociedade. Como a praia reage a essa interpretação?

O falecido prof. Manoel José Ferreira de Carvalho apresentava aos alunos uma hipótese seminal: um deslocamento dos espaços cívicos, dos lugares que abrigavam festejos e atividades típicas de centro urbano, a partir da Praça Municipal e Castro Alves, passando pelo Campo Grande, rumo ao gramado do Farol da Barra. Relacionava tal análise a partir do estudo do Carnaval que, de todos os modos, avançou sobre o espaço litorâneo. O percurso do circuito Barra-Ondina, é beira-mar. As letras de músicas carnavalescas diversas falam do Farol e da praia no verão. Em Porto Seguro há a Trivela do Asa de Águia, um trio elétrico “de praia”.

A praia ganhou lugar no imaginário dos festejos cívicos da cidade, e mesmo lugar de sua realização. Primeiro pela festa de Yemanjá do Rio Vermelho, sem o caráter de religiosidade popular de seu início, ao mesmo tempo com a presença de ialorixás e povo-de-santo, e com festas profanas, atualmente acompanhada por decoração urbana temática e estruturas temporárias de evento. Embora a festa aconteça majoritariamente na rua, a praia e mesmo os recifes são ocupados com elementos importantes do evento, incluindo com decoração recente nos últimos. Lugar importante em Salvador é o gramado do Farol da Barra, que abriga festejos de 1º de maio e Reveillons patrocinados pela Prefeitura. Outras comemorações à mesma época se distribuem ao longo da orla oceânica, com fogos de artifício visíveis de toda a área de borda, e uso intenso da areia propriamente dita.

Em 1999 deu-se o aniversário dos 450 anos da cidade do Salvador³², com festejos promovidos pela Prefeitura. Há algo de sintomático que o aniversário de fundação da cidade não se dê na sua praça de origem, mas em reconstituição da chegada dos colonizadores à terra, em plena praia. Em vez da sagração de um espaço urbano como tal, epítome do ente cidade, emularam o mito das raças em uma abstração de naturalidade, a praia do Porto da Barra³³. Não se pode negar que há algo acontecendo aí.

Vimos os eventos em áreas verdes à beira-mar e mesmo na praia da área-estudo. A praia como local de comemorações e manifestações, característica típica de espaços públicos tais como praças e ruas, é fenômeno recente. Em Salvador, somente comemorações. Não obstante, no Rio de Janeiro, Copacabana, a mesma praia que recebeu o *mega-show* dos *Rolling Stones* e Fat Boy Slim, recentemente foi palco de atos contra a violência no Rio de Janeiro³⁴, uma possibilidade ainda não realizada em Salvador. Deve-se lembrar, porém, que o Rio de Janeiro é cidade que e amalgamou ao espaço e ambiente da praia como nunca aconteceu com Salvador. E ainda que Copacabana é um bairro com certa homogeneidade social, de estrato social com renda, e grande visibilidade nos meios de comunicação. No entanto, Rio de Janeiro, e as praias da zona sul carioca, ao longo do século XX foram pioneiras em práticas praianas depois seguida por outras cidades litorâneas.

No caso da área-estudo, não se percebeu grande predisposição da imprensa para noticiar algum trecho em específico. Porém, em todos os eventos, estavam as estruturas de transmissão telemática. As gravações televisivas em Jaguaribe, ainda

³² Como instituição e não como assentamento, ao contrário de outras metrópoles.

³³ Praia absolutamente urbana, cuja graça reside na ação da mão humana em enseada natural, na baliza dos fortes de antanho e da balastrada. De todas as formas, a data da fundação da cidade serviu como mimese do mito do nascimento do país.

³⁴ Um cemitério de 3.000 sacos plásticos pretos (04.08.2007), 2.300 pessoas deitadas na areia de camisa vermelha (30.06.2007), rosas na areia (19.04.2007), 1.000 pessoas deitadas no calçadão (07.04.2007) e 700 cruzeiros fincadas na areia (17.03.2007). Promovidas pela ONG Rio de Paz, teve versões em outras cidades, uma das quais na praia de Boa Viagem, em Recife (PE), em 06.06.2007. Disponível em: < <http://www.riodepaz.org.br/>> Acesso em: 23 set. 2007.

que gratuitas, não se sustentavam pelo número médio de espectadores no local, e sim pelos seus telespectadores.

Uma curiosidade é que, pelo desenho de Salvador, certos tipos de ação têm grande visibilidade, dada pela própria estreiteza da praia e diferença de nível entre rua e areia, que torna a calçada e suas eventuais balaustrada em platéia potencial. Como nos tempos do veraneio no Rio Vermelho a cena do retorno dos pescadores e, na mesma praia, assiste-se a ritos religiosos nos festejos de Yemanjá. Ou os transeuntes que se detêm, já na área-estudo, para assistir a um espetáculo eventual ou um baba.

Há concepção do espaço público como lugar da surpresa, da apropriação lúdica, tributária dos trabalhos de Henri Lefebvre. Que, por conseguinte, critica as pesquisas que ignorem essa dimensão desse mesmo espaço. Ora, o espaço público é lugar da *abertura para o inesperado*: ele tem esse estatuto jurídico e essa permissividade social, principalmente em sociedades democráticas. Mas nada nele, em si, em sua conformação, diz ou estimula o inaudito. Tanto vale para a praia como para a praça. Se no medievo o largo era lugar dos truões e das folias momescas, era não pelo seu desenho físico, mas pela sociedade da época. Nem é o imprevisto o usual, até por uma contradição em termos. Ao contrário, as ações transcorrendo sob padrões é o mais comum³⁵. Esta pesquisa busca os padrões imponderáveis por trás da dança dos seres e dos elementos, com especial ênfase para o binômio espaço físico, em suas diversas escalas, e pessoas, alinhadas sob grupos de usuários. Porém não descarta o inaudito nem o desvaloriza como transfigurante, no momento e dos hábitos seguintes. Apenas entende que eles são tanto minoritários como não definidores conceituais do lugar em questão, e o que urge nesse momento é a compreensão do quadro maior³⁶.

A terceira aceção possível para o espaço público, a partir de Arendt (2000), é inusual. Ela diz que o próprio mundo é público – ou seja, aquilo que é comum a todos, que preexiste ao indivíduo e que perdura à sua morte, sendo comum até a gerações permanentes. Conviver é ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam, que é ao mesmo tempo um vínculo que os une. Contudo, essa concepção depende da permanência do mundo. Da pressuposição de sua permanência – o que não acontecia no medievo, onde se entendia o mundo como algo transitório – e da vontade de sua permanência, de transcender a duração do indivíduo e permanecer aos demais.

A partir disso, Arendt ainda desenvolve outra abordagem para o debate público. Ainda sob o viés fenomenológico, diz que a apreensão individual dos fatos não assegura sua realidade, já que é experiência subjetiva. Somente a intersubjetividade afiança que aquilo que um vê é o mesmo que outro vê. A multiplicidade de pontos de vista sobre aquilo que é comum é o que lhe garante ser real.

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que

³⁵ Um alerta fundamental. Embora monismo elementar, é comum confundir-se os padrões encontrados nos fenômenos sociais com leis imutáveis, à maneira dos fenômenos naturais. E, por conseguinte, às pesquisas que procuram justamente tais padrões. E, menos freqüente atualmente, mas ainda presente, a confusão das leis imutáveis da natureza com as leis normativas dos homens, prescrevendo-se como deve acontecer.

³⁶ E, conforme apontava já Benoit Mandelbrot, o acontecimento esporádico e eventual pode ser o mais importante de todos. Mas isso pertence a uma ciência que estude os *acidentes*, em sua concepção aristotélica, que não é o caso.

vêm o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna. (ARENDDT, 2000: 67).

O mundo, isto é, a realidade comum, recebida e legada, desaparece quando visto sob apenas um aspecto e uma perspectiva.

Antes de elaborar as conexões entre tais conceitos e a área-estudo, cabe uma observação. A ágora e a *polis* grega acabaram por se tornar uma versão urbana do Paraíso Perdido bíblico. As razões da Queda, o pecado original que nos legaram o mundo modernos, variam de acordo com essa interpretação: a vulgaridade romana, o foco extra-terreno do cristianismo, o poder corruptor do mercado.

É verdade que esta igualdade na esfera pública política muito pouco tem em comum com o nosso conceito de igualdade; significava viver entre pares e lidar somente com eles, e pressupunha a existência de 'desiguais'; e estes, de fato, eram sempre a maioria da população na cidade-estado. (ARENDDT, 2000: 42).

Tanto o espaço público urbano grego como o oitocentista eram locais de encontro entre iguais. Entre os gregos, do exercício do talento em prol da excepcionalidade. Entre os aristocratas, o cultivo da distinção e do prestígio. Porém sempre entre iguais. A transição de uma cultura burguesa que acontecia nos "salões, clubes e associações de leitura" (HABERMAS, 1984), da *sociedade* propriamente dita, como chama Arendt, para uma sociedade de massa, traz os direitos dos grupos sociais ao acesso franco, ou pelo menos legalmente franco, ao espaço público urbano.

Entender o espaço público urbano como local de convívio voluntário entre grupos sociais diferentes é comparar o existente com o inexistente, hoje e ontem. Comparar a realidade com uma situação anterior melhor, traz o espectro da perda, mas também a sua factibilidade. Por sua vez, a comparação da realidade com o não-realizado, escamoteando-se esta condição, inclusive com tintas utópicas, é sempre desabonador para o real.

Arendt aponta que um dos sintomas do esgarçamento do mundo é a falta de preocupação dos homens atuais com a eternidade, e apela para a necessidade do mundo como uma "comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece uma relação entre eles" (ARENDDT, 2000: 64), e que deve ser pensado para permanecer. De maneira inesperada, o final do século XX viu um tópico entrar em sua agenda, trazendo de volta o caráter comum do mundo e pondo em cheque sua permanência: o meio ambiente. Essa discussão pauta-se na percepção da transitoriedade do homem no planeta como espécie, na possibilidade e no desejo de perdurar.

Todos os tópicos de debate sobre a praia soteropolitana, inclusive a polêmica recente das barracas de praia, quando versam sobre os impactos ambientais, lidam, no fundo, com a permanência desse espaço como um bem para a posteridade, com o menor grau possível de alteração. Quando a Prefeitura Municipal promete recompor os taludes erodidos ao longo dos anos, busca sustar processo de deterioração física e recuperar algo para não ser mais corrompido.

A situação do uso da praia atual não se distingue em pelo menos um aspecto observado antes por Azevedo (1988): que os banhistas situavam-se, apesar de próximos, solitários (*alone together*), observação partilhada pelos artistas de Amereida. Segundo Serpa:

Em verdade, os usuários privatizam o espaço público através da ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma

justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. (SERPA, 2004: 32).

Não se pode deixar de apontar uma das facetas da busca hedonística pelo espaço de uso público, especialmente para o consumo pago e para o espetáculo, dominando ou participando com força de outras atividades em espaço público: nas folias momescas, nos festejos cívicos e mesmo naquilo que era originalmente militância política, como comícios (hoje *showmícios*) e a celebração do dia 1º de maio, temperada com *shows* e sorteios de brindes como automóveis. O mesmo processo acontece na praia. Segundo Hannah Arendt, o consumo das coisas do mundo por si não garante que se constitua um mundo de coisas comuns.

O que talvez torne a praia um espaço comum, a ser partilhado, é ao mesmo tempo sua procura e sua limitação. Não se viu na área-estudo, nem creio ser algo comum, a convivência espontânea entre partes distintas. A praia, porém, na exclusividade do que oferece, é um espaço de convergência e convivência entre alguns usuários, em alguns casos de maneira simbiótica, embora cada qual guiado por seus próprios interesses.

Ao longo deste trabalho, apontamos conflitos e entrecosques de grupos de usuários, pessoas com interesses distintos incidindo sobre sítios coincidentes ou vizinhos. A curto prazo, tal se vê como um problema. Em outra escala, podem sinalizar uma situação potencialmente rica. Pois há a sobreposição de interesses, e um estatuto, legal e compreendido assim por todos, de ser a praia um espaço público. Há a oportunidade para, literalmente, acordos de convivência. Como acontece em muitos equipamentos públicos, com acordos tácitos de uso, sincrônico e alternado.

Então, o atrito que conduz a uma negociação local é algo bem-vindo. A limitação de espaço da praia pode ser o estopim para essa situação, como se depreende da praia do Porto da Barra. O mesmo com os parques equipamentos esportivos da cidade, também alvos de negociações, sempre com suas dificuldades, barganhas, assimetrias. A negociação é o reconhecimento de uma limitação e do direito do outro³⁷ a coexistir. A socialização em uma escala mínima e tais arranjos de convivência nasceriam não da vontade fortuita, mas da necessidade de lidar com a alteridade, da *constricção*. E de uma isonomia mínima entre os agentes – do contrário, vemos arbítrios, como acontece em praias do litoral norte soteropolitano, recaindo no terreno pré-político da violência, na concepção grega (ARENDR, 2000). Isonomia esta que deve ser afiançada pelo estado de direito, que afiança a igualdade entre os membros da sociedade desta vez dentro do marco iluminista.

O que nos leva a um dilema de outra esfera: se o espaço da praia ou um outro qualquer não servir como palco para resolução de litígios localizados entre grupos, por eventuais assimetrias de poder, ele deixa de ser um espaço público, nessa concepção? Ou é espaço público em potencial, ainda não concluso? O que nos levaria à idéia de que o espaço público é algo a ser construído, como situação, constantemente, e mantido como tal.

Vimos que, nos anos 1970, havia a partilha das praias específicas, ainda que a contragosto para um dos setoes, separadas em subespaços (Ondina) ou ao longo dos dias (Barra, Ondina, Rio Vermelho, Pituba). Hoje em dia essa divisão acontece na escala urbana, a partir da facilidade de acesso às praias, desvinculada da proximidade imediata. Ainda assim a praia permanece, como local franco e público, como espaço

³⁷ Sintetizada na frase de John Rawls, em seu *Political Liberalism*, que se tornou adágio popular, de que a liberdade de um termina onde começa a liberdade do outro.

potencial de socialização.

adaptação e mediação

Algumas das transformações do espaço praiano, temporárias e permanentes, se dão porque indivíduos singulares ou grupos de usuários procuram melhorar sua sinomorfia com o lugar.

Em vez da *affordance*, da simples oferta que o meio “faz” de aspectos seus, temos *adaptações*, maneiras de estabelecer a sinomorfia desejada entre meio e ações.

O meio, nos estudos de comportamento, é constituído de elementos de natureza fixa e semifixa³⁸. A sinomorfia, porém, entre usuário e meio vai além destes elementos, e pode assumir diferentes arranjos.

Distinguimos na praia três situações, que não são mutuamente excludentes.

A adaptação do próprio usuário, do manejo de seu corpo, de suas práticas, ao ambiente onde precisa ou deseja estar: tempo de exposição ao sol, onde e como caminhar, etc. O que é o nado, senão um adestramento do corpo, reflexos e musculatura, para ter segurança e mesmo deleite na água? A divisão do surfe nas praias se dá, essencialmente, pela habilidade: as praias mais procuradas, e portanto com *crowding*, são as mais fáceis. As mais difíceis são procuradas somente por veteranos. E algumas, somente por gente com habilidade ainda maior – como a praia imediatamente além-Farol.

A adaptação ao meio por meio de recursos exteriores ao corpo em si. Porém portáteis. Ao mesmo banhista que sabe nadar, óculos de mergulho ou *snorkel*, por exemplo. Os banhistas em Salvador recorrem a comidas com um preparo típico de um restaurante, com a cocção na própria areia – vide o caso dos acarajés, tipo de produto mais usual na praia -, através de outros usuários, com instalações provisórias e mesmo permanentes.

O terceiro caso é a própria adaptação do meio às ações e intenções humanas: portos, barracas de praia, ajardinamento. Para o mesmo interesse do banho, dos exemplos anteriores, um trampolim seria construções suporte.

Nos dois primeiros casos, por motivos vários – a força do ambiente, o valor que possui, a busca por sensações que o espaço urbano comum não lhe dá – ao ser humano coube se amoldar ao local. Como dito, o ambiente da praia não existe estritamente em função das atividades.

Nos estudos de comportamento, entende-se como *riqueza* a variedade de comportamentos no *behavior setting*. Um ambiente rico não implica em maior procura: vide salas de cinema, ambiente restrito em termos de padrão de ações, e ainda assim

³⁸ Semelhante aos espaços de *característica fixa* e *semi-fixa*, de Hall (2005). Porém, enquanto no comportamento ambiental essa é uma maneira de estudar o *milieu*, com Hall é um conceito ativo, parte de três camadas espaciais pela qual o indivíduo se situa, a partir do sentido que ele confere às coisas – ao seu ver, um alemão considera os móveis como “fixos”, enquanto os norte-americanos chegam a considerar as paredes como “móveis”.

muito desejado. Porém, como vimos principalmente nas sinestesias dos banhistas, a praia é um espaço em aberto, com grande riqueza.

Simondon (apud SANTOS, 1999) chamou de *hipertelia* ao grau de afinidade que um dado objeto tem com uma função, em sua dedicação que é fortemente exclusiva. A hipertelia é uma dedicação exclusiva do objeto, enquanto a sinomorfia, aplicada mais a um ambiente, não implica na eliminação de outras sinomorfias. O conceito de Simondon veio por conta do seu reverso, daquilo que possibilita uma multiplicidade de ações, que não se justificam por sua eficiência, mas por sua singularidade³⁹. À essa possibilidade de desempenhos diversos Hertzberger (1999) chama de *performance*. Esse conceito é bem-vindo, a partir do momento em que um mesmo elemento é re-significado a partir das ações que o sujeito empenha – desde uma cadeira plástica a uma pedra – usada como *elemento-suporte* para o objetivo a que pretende⁴⁰.

O que ponho em questão é essa multiplicidade, em vários de seus aspectos. O ato de sentar-se na praia, pode se dar tanto com um mobiliário fixo como com cadeiras trazidas de casa: a correspondência entre meio e ações não conduz necessariamente à eliminação da possibilidade de outras sinomorfias. As adaptações, via objeto e via adestramento do corpo, garantem assim a *reversibilidade* do espaço da praia para outros usuários.

Já que as ações distinguem-se das outras em parte porque tem *affordances* distintas no mesmo meio, ou em meios vizinhos, a capacidade de re-escrita da praia, e do homem não escrevê-la de modo permanente, é a que funda tal circunstância.

Essa reversibilidade inclui ainda as externalidades das atividades. Os banhistas são os responsáveis por boa parte do trabalho de coleta de lixo na areia que é preciso ser realizado diariamente pelas manhãs. O subproduto de sua atividade precisa ser retirado por outra classe de pessoas, que estão ali especialmente para isso, para reverter a praia a uma condição similar à encontrada antes de sua chegada, a fim de recomeçar o ciclo. As marcas da circulação de pedestres, no sentido perpendicular à orla, e de veículos na vegetação, não se revertem.

É preciso observar que nem todo aparato afunila possibilidades.

Hall (2005) critica as cidades modernas e sua necessidade do automóvel por reduzir o leque sinestésico do homem⁴¹. O automóvel isolaria o indivíduo do espaço, ao eliminar a sensação de movimento e distância: como a relação com o lugar é constituída do conjunto de sensações, inter-relacionadas em vez de compartimentadas, o automóvel as reduz ao âmbito da visão, e desta em velocidade. Tuan (1983) aborda dentro de outro ponto de vista:

³⁹ A areia é dos piores pisos para práticas desportivas, na relação custo-benefício de aproveitamento energético. Porém é procurada *justamente* porque ela exige da musculatura.

⁴⁰ Objetos não agem, mas, sobretudo no período histórico atual, podem nascer predestinados a um certo tipo de ações, a cuja plena eficácia se tornam indispensáveis. São as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhe um sentido. (SANTOS, 1999: 70).

⁴¹ Por um lado, o alerta sobre o primado do automóvel na apreciação dos lugares afeta a praia. Sua concepção e imagem, e a presença repetida nos discursos da abertura de visuais para a amplidão do mar são mais calcadas em uma apropriação da orla como paisagem, e desta feita ao longo de veículos. Na qual se acaba por defender, implicitamente, uma via litorânea. Infelizmente, esse tema não será desenvolvido na pesquisa.

Instrumentos e máquinas ampliaram a sensação de espaço e espaciosidade do homem. O espaço que é mensurável pelo alcance dos braços estendidos torna-se um mundo pequeno quando comparado com aquele que é medido pela distância do arremesso de lança ou o tiro de uma flecha. O corpo pode sentir ambas as medidas. (...). Um instrumento ou máquina aumenta o mundo da pessoa quando ela sente que é uma extensão direta de seus poderes corporais. Uma bicicleta amplia a sensação de espaço do homem, assim como um carro esporte. (...) Pequenos aeroplanos do tipo usado na década dos vinte são capazes de aumentar a liberdade do homem, seu espaço, como também de colocá-lo em uma relação mais íntima com a vastidão da natureza. (TUAN, 1983: 60).

O caso da praia é fértil em exemplos de aparatos que permitem ao homem explorar sensações que antes lhe eram vedadas. Isso deve extrapolar-se para a escala da arquitetura, como no caso de piers.

Ainda que a construção limite usos, nem sempre deve ser malvista. A piscina salgada de Ondina é das poucas obras de uma verdadeira *arquitetura de praia*, construída com ousadia, e que potencializava suas características, em benefício público. Tal piscina oferecia a possibilidade para crianças banharem-se sem que os pais precisassem preocupar-se com sua segurança. Em troca da exclusividade sobre um dentre muitos recifes de Salvador, adicionava um tipo de instrumento, um perfil de lazer para um público-alvo cujo benefício ninguém contesta (as crianças), que nenhum outro lugar igualava. Ao meu ver, era troca que valia a pena. É, sobretudo, uma questão política se o meio é para ser modificado ou não, e qual o grau de permanência de tal mudança.

De todo modo, vale a pena questionar-se qual a exclusividade que a praia tem sobre os demais espaços públicos.

Não se pode negar que suas *affordances* são do que se convencionou chamar de *natureza* em um sentido mais geral. Essa concepção difundida na sociedade abrange tanto o sentido laico - oriundo de Francis Bacon, em seu *Novum Organum*, onde a natureza é algo a ser domado pelo homem, em dessacralização trilhada posteriormente pelo racionalismo cartesiano e positivismo comtiano – como vertentes panteístas, a partir de concepções religiosas não católicas, e teístas como o conceito agostiniano de *natura naturata*. Em comum, a idéia do natural como o não processado, situação estática ou dinâmica que têm nenhuma ou pouca intervenção do homem. Isto é, em oposição ao conceito usual de artificial (CAMPONOGARA, SOUZA RAMOS..., 2007). Materializada de forma mais clara, em tal concepção leiga, na vegetação, mas também encontrada nas ditas paisagens naturais, e mesmo em elementos mais diáfanos, como a própria abóbada celeste e a luz solar.

A procura da praia se dá para o contato com algo que ela pode propiciar com exclusividade ou desenvoltura, estruturada em torno de alguns de seus elementos constituintes, em separado ou em partes: exposição ao clima (sol e vento), à areia e ao mar. Afinando a relação com dado aspecto, atenuando com outros indesejados.

Para a luz, e o alubrimento na areia da praia, o recurso básico são os chamados “óculos de sol” e os chapéus ou sucedâneos, e anteparos de alguns modelos de leitos. Para o calor, desde os beirais dos quiosques e árvores plantadas, sombreiros de variados tamanhos, alguns usados também enganosamente para proteção dos raios UV. Para os raios UV, protetor solar e bronzeadores. E roupas. Da população da praia, aqueles que trabalham se distinguem porque usam roupas, ainda que leves, por todo o corpo, para minimizar o efeito da radiação – daí a imagem típica

do pescador com chapéu de abas largas. Algo desta demanda é oportunidade aproveitada pelos vendedores ambulantes.

O contato com a areia tem a mediação da canga ou toalha e mobiliário (de fato móvel ou fixo) como cadeiras e leitos. Para caminhadas recorrentes ou abastecimento de produtos, pavimentos ou *decks*. Para performances, palcos. Há usos que, ao contrário, procuram a areia, úmida ou seca, porque é nela que reside seu encanto. O contato com a água não busca ser eliminado, mas sintonizado no propósito do usuários, mais visível nos esportes marítimos (surfe, *longboard*, *bodyboard*, *kitesurf*); os banhistas vão de caiaques e pranchões, pranchas de isopor, bóias de tamanhos variados, visores para mergulho; os pescadores submarinas com roupa de borracha, pés de pato e *snorkels*. O contato com o vento é algo menor, praticamente não procurado na praia: exceto as pipas e cataventos das crianças, e os esportes que dependem de sua força, como o *kitesurf* e o *windsurf*.

Na área-estudo, flora e fauna têm peso reduzido. Os vastos coqueirais foram durante décadas parte da paisagem e do atrativos das então alterosas praias soteropolitanas. Hoje mais não: os coqueiros da orla são idosos e rarefeitos⁴², e a vegetação de restinga, mata resistente e adequada ao meio, com substrato alimentar para pássaros e insetos, não é levada em consideração. A flora marinha, o conhecido “sargaço”, é evitado na água, ainda que inofensivo. E, na areia, quando resultado de temporada de chuvas, ainda que sem detritos humanos, é impeditivo para o uso mesmo do banho de sol, e tratado como lixo a ser coletado pela municipalidade.

No tocante à fauna, o fundamental é a pesca, na forma dos pesqueiros. Para os banhistas, nenhuma relação - enquanto na Praia do Forte e em Morro de São Paulo, os peixes em águas límpidas são atrativos, e merecem serviços específicos de aluguel de visores⁴³, menos por uma qualidade excepcional das águas, e mais pela presença de empreendedores diversificando desesperadamente a programação ao turista. No inverno, caravelas e águas vivas aparecem na praia, ferindo os raros banhistas – um caso de contato totalmente indesejado⁴⁴.

Como visto, as mediações podem ir desde aparatos pequenos até a vegetação incidental ou uma arquitetura especialmente construída para tanto. A *mediação* ou seu caráter protético são uma qualidade dos objetos, válida para todos eles. A praia urbana é um instrumento de contato potencialmente versátil com tais *affordances*, raras no meio urbano.

De todo modo, a marcha da antropização da orla atlântica se deu de forma mal-sucedida no que diz respeito a esse contato. A maioria das ações estatais tem sido no sentido de reforçar a ocupação construída, não reversível, do parque da praia, sem grande brilho em suas propostas e realizações.

As barracas de praia, exaustivamente abordadas, seguiram a mesma lógica. Pior, sem relação com o ambiente praiano propriamente dito. Nada na barraca em si afiança algum tipo de singularidade locacional, apenas o sítio onde pousa. Nenhuma se propõe a explorar e aprofundar as sinestésias do lugar – com exceção talvez daquelas barracas que investem em uma ambiência rústica. Pelo descrito, as barracas

⁴² O processo de plantio foi o transplante de coqueiros adultos, que corta as raízes e altera seu metabolismo, fazendo-o crescer estrangulado (CAIRES DE BRITO, 1999).

⁴³ Os corais de Morro de São Paulo, motivo daquilo ser um berçário de peixes, estão morrendo. Provavelmente pela crescente turbidez da água.

⁴⁴ RISCO DE CONTAMINAÇÃO NÃO AFASTA BANHISTAS DA PRAIA, A Tarde, 2 abr. 2006. p.6.

da área-estudo são uma franja do terciário litorâneo, com a diferença que está sobre a areia, com contradições com o grau de naturalidade que se procura na praia. Já que seu interesse é o de ocupar com mais intensidade a praia, pois sua receita não vem mais da condição natural da praia, e sim do quanto pode oferecer de comodidade ao cliente. Nem toda construção é um empobrecimento do leque sinestésico da orla, mas as barracas de praia são.

Houve iniciativas estatais que buscaram aumentar o espaço de praia. A de efeito mais duradouro foi a desapropriação pela Prefeitura do coqueiral que resultou no atual Jardim de Allah, em 1973. O projeto para Remanejamento de Amaralina do Programa de Equipamentos da Orla Marítima de 1975, entre outras coisas, tratava de diminuir a faixa de rolamento da via beira-mar, com conseqüente calçadão na praia; fechamento de transversais para estacionamento, evitando este na linha do mar; e, principalmente, transição do Largo das Baianas para o mar em declive ajardinado, como era originalmente, até para aumentar o acesso franco do banhista à praia. Os quiosques da calçada estariam integrados à praia sem ocupar a areia, e venderiam acarajé e água de coco. Não foi executado. Mais ambicioso era o Plano Paisagístico da Orla que, caso executado, traria feição inteiramente distinta à cidade. Consistia na relocação do eixo da via marginal à orla, definição das áreas de parques e delimitação e definição do uso do solo lindeiro. Ambicioso no que tange aos parques, sua principal virtude estava na relocação do eixo. Porém foram projetos, que devem ser creditados às equipes, já que não realizados pelos gestores de momento.

Salvador não apresenta uma arquitetura de praia que, com ousadia, atenda ou a demandas virtuais ou abra outras frentes de uso das praias. Podemos citar o trampolim feito por iniciativa dos veranistas na Praia de Santana, nos anos 1940, e a piscina de água salgada em Ondina, destruída. Tampouco se considerou a vegetação do pós-praia, restinga e vegetação de porte, como algo complementar à praia. Curiosamente, tal se dá de modo acidental em Itapuã, pelo arvoredado que protege as barracas, justamente onde o espaço é mais estreito.

a re-escrita da areia

Após o embargo de 2006, já em abril de 2007, determinou-se a demolição das barracas⁴⁵. Em maio, a Procuradoria Geral do Município teve recurso seu acatado, suspendendo a demolição. No entanto, as partes envolvidas – Ibama, Prefeitura de Salvador, Ministério Público Federal, Gerência Regional do Patrimônio da União e os barraqueiros – deveriam chegar a um acordo. No esteio de tal situação, a Prefeitura de Salvador desenvolveu novo projeto. No dia 6 de novembro o juiz Carlos d'Ávila determinou que a Prefeitura tinha um mês para retirar as construções da areia. E a demolição das barracas incompletas em Jaguaribe e Piatã iniciou-se dois dias depois⁴⁶.

De todos os modos, o *imbroglio* judicial dificultou a pesquisa de campo, a partir do momento em que atiçou os ânimos e pôs sob suspeita todo pesquisador em ação na praia. Por outro, tornou o perfil da pesquisa relevante, já que, como de costume, abordou-se novamente a praia, nas discussões públicas, como algo homogêneo e sem a profundidade merecida. Imagina-se que a praia, mais suas barracas e demais construções, seja similar em todos os trechos. A base é um banho idealizado, sem respaldo nas práticas atuais, desvinculado de atividades complementares ou

⁴⁵ JUIZ FEDERAL DECIDE PELA DEMOLIÇÃO DAS BARRACAS, A Tarde, Cad.1, p.8, 17 abr, 2007.

⁴⁶ COMEÇA A RETIRADA DAS 45 BARRACAS INACABADAS, A Tarde, pag. 4, 8 nov. 2005.

independentes porém minoritárias, que pode prescindir do consumo (e deste nas barracas).

Apesar de dever ainda algo à complexidade da realidade, ao menos a pesquisa a faz emergir, mostrando a infinidade de usuários na praia, suas relações sutis, como interação com o ambiente sensorial, e indicando motivações e interesses dos mais distintos.

O destino das construções na praia está fora da meta desta pesquisa. Vimos que as ondas as varrem, em suas sobrelevações, mantendo a origem e destino manifesto da praia de ser área fustigada pelas intempéries. A recente demolição mostra que, além das forças da natureza, decisões humanas também podem colaborar com a constante re-escrita da areia.

O que nos levará a um encerramento para este trabalho.

UM ENCERRAMENTO

dois atos poéticos e um final em aberto

Um grupo de artistas – poetas, escultores, arquitetos – de várias nacionalidades escreveram um poema épico, *Amereida* (fusão de América com a *Eneida*), e dedicaram-se a construir um lugar que chamaram de Cidade Aberta de Ritoque, nas dunas de Reñaca, no Chile. Sua construção se deu antes por quatro atos poéticos específicos, jogos que lhes deram percepções do lugar e lhes auxiliaram na fundação poética que antecede a edificação.

No primeiro ato, concluíram que estar próximos não significava estarem juntos, que mesmo na proximidade podia estar a dispersão. No quarto, fundaram sua ágora, a partir do caráter a-histórico da areia.

Sencillamente, a la luz del acto poético, las arenas nos dicen este incesante volver a no saber. Así se abre el terreno en lo que es de más propio y concreto. Se abre en forma y acontecer, lugar y palabra, real transparencia o límite: en ágora. El ágora es, pues, el lugar de este continuo volver a no saber. Por esto, tal vez, el ágora de la ciudad abierta no sea precisamente el ágora de la antigua ciudad griega. Este estado de continuo volver a no saber nada tiene de íntimo, privado, individual, es el estado o estatuto mismo de los terrenos que se vuelven propiamente terrenos en cuanto son abiertos. Estado revelado, aquí concretamente, por las arenas y fundamento mismo de la ciudad de hoy si es posible que hoy hayan ciudades. Como estado, aún en el estricto sentido político se nos muestra el incesante volver a no saber de las arenas. Y por ello, es esencialmente – por estado – público. Pues, lo público, sabemos hoy, no es lo cerca. No es un estadio donde se está cerca en función de una referencia que es el match, no es un partido donde se está cerca en función de una referencia que es el futuro, no es la asamblea donde se está cerca en función del propósito – referencia – general que la convoca. Lo público no estar solamente cerca, requiere lo junto. Para poder estar no sólo cerca, sino, además, junto – pues los términos no son excluyentes – se da un estado, en toda la honda latitud de esa palabra. Y este estado, de continuo volver a no saber, se nos abre como suelo – forma y acontecer, lugar y palabra, transparencia del límite – abismo de nuestro consentimiento. Sólo tal estado nos tiene junto. Por eso es esencialmente público, propiamente AGORA. (CORPORACIÓN..., 2006).

Para os moradores da Cidade Aberta, não bastava uma aglomeração de construções e funções. O próximo não é sinônimo do *junto*, “es decir, el estado consentido que las hace realmente públicas”. Construir a cidade sem antes construir a ágora é não construir a cidade.

A amnésia da areia é ainda explorada de outra maneira.

En los planes urbanísticos intercomunales u otros, las arenas son generalmente concebidas como playas y se las asigna a recreación. La recreación es generalmente entendida como distensión, distracción respecto del trabajo. Mucho se ha escrito, y sobre todo en los últimos decenios, sobre el problema del “ocio” cuando las máquinas absorban la mayor parte del trabajo “intelectual” del hombre. En esas concepciones, la recreación y el ocio suelen ser términos casi opuestos o complementarios del trabajo porque implican una comprensión sectorizada de la existencia.

Las arenas vistas en el acto poético de apertura de los terrenos recogen la recreación pero en un sentido más cabal.

Las arenas, allí, nos dicen que la re-creación es este incesante volver a no saber.

Es decir, el fundamento o estado o estatuto mismo del terreno y de la ciudad abierta. En tal estado el trabajo no es complemento ni opuesto del ocio, como no lo es del estudio, de las edades, de la existencia misma, porque en tal estado la vida se juega en su multiplicidad genuina y se juega – precisamente – porque ella es nada más que juego. (CORPORACIÓN..., 2006).

Para além da recreação, a praia comparte com a areia o caráter de re-criação, que lhe permite aceitar várias possibilidades e, após vento e marés, voltar ao estado virginal que lhe precedia.

Para os moradores da Cidade Aberta, na praia também se desenrola o incessante retorno ao não-saber, e nela a vida se joga, porque a vida é genuinamente jogo e não mais do que isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

bibliografia

AGUIAR GOMES, Edvânia Torres. Natureza e Cultura – Representações na Paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. 227p.

ALMEIDA, Maria do Carmo Baltar Esnaty. *A Victória na Renascença Bahiana – a ocupação do distrito e sua arquitetura na Primeira República (1890-1930)*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 1997.

ANDRADE, Lêda Cristina Santana de. *Considerações sobre a lei de contrapartida e seus efeitos na balneabilidade compreendidas entre o trecho do Porto da Barra ao Farol de Itapuã*. Monografia. Salvador, 1990.

ÂNGULO, Rodolfo José. As Praias do Paraná - problemas decorrentes de uma ocupação inadequada. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, v. 99, p. 97-103, jul/ dez 2000. Disponível em: < www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 19 mar. 2008.

ARAÚJO, Maria Christina B. de & COSTA, Monica Ferreira da. Análise Quali-Quantitativa do Lixo Deixado na Baía de Tamandaré - PE - Brasil por Excursionistas. *Gestão Costeira Integrada*, v. 3, p. 58-61, 2003. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/basedados_indart.html>. Acesso em: 7 mar. 2008.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001, 5 ed.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 10.ed.

ARGEMIRO, Pedro e LOPES, Webber. *Baía de Guanabara: Água Escondida entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico*. Entrevista com Luís Antônio Pimentel. S/d. Disponível em: <<http://www.baiadeguanabara.com.br/entrevista.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2007.

ARON, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987, 2ed.

AZEVEDO, Thales. *A Praia – espaço de socialidade*. Salvador: Universidade Federal da Bahia – Centro de Estudos Baianos, 1988.

BAHIA AZUL – Programas de Saneamento Ambiental da Bahia. Material Promocional, s/ dados. Governo do Estado da Bahia.

BAHIA. CONDER. *Plano Diretor do Parque Metropolitano de Pituvaçu*. Salvador, 1978. 74p.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. *Plano de Turismo do Recôncavo*. Salvador, 1971. Não paginado.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. *Plano Diretor da Orla Marítima – Porto da Barra – Açú da Torre*. Salvador, 1973.

BERBERT DE CASTRO, José Augusto. A orla marítima de Salvador está degradada. *A Tarde*, Salvador, Cad.2, p.1, 24 out. 1982.

BESSA JR. Oduvaldo. Interferência entre a Ocupação Urbana e a Dinâmica Natural no Litoral Sul do Paraná. *Análise Conjuntural*; Curitiba: IPARDES; v.25, n. 11-12, p.13-17 - dez. 2004. Disponível em: < www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

BOYER, Marc. *História do Turismo de Massa*. Bauru: EDUSC/ EDUFBA, 2003.

BECKER, Bertha. Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil. Transcrição de conferência feita por Ana Elisa Rodrigues Pereira, copidescagem de Eduardo Yázigi. In: YAZIGI E.; ALESSANDRI CARLOS, A.F.; ARIZA DA CRUZ, R. de C. (org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p

CAIRES DE BRITO, Ronan. Algumas Considerações Sobre os Aspectos Ambientais do Espaço Reservado para a Criação do Parque Aeroclub. Anexo 9, 8 folhas datilografadas. In: COLINA, Daniel. *Parque Atlântico, considerações sobre o processo de implementação, Salvador*, IAB-BA, 1999

CAMPONOGARA, Silviomar, SOUZA RAMOS, Flávia Regina & KIRCHOFF, Ana Lúcia Cardoso. Reflexões sobre o conceito de natureza: aportes teórico-filosóficos. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, vol. 18, jan a jun 2007.

CANTER, David & KENNY, Cheryl. *El Medio Ambiente Espacial*. In CANTER, David & STRINGER, Peter. *Interacción Ambiental – aproximaciones psicologicas a nuestros entornos fisicos*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1978. 524p.

CANTER, David. *Utilización de Edificios*. In CANTER, David & STRINGER, Peter. *Interacción Ambiental – aproximaciones psicologicas a nuestros entornos fisicos*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1978. 524p.

CARNEIRO, Clarisse; BINDE, Pitágoras José. Ecological Psychology and the study of daily life events. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 jan. 2008

CARVALHO, Mário Pereira. *Fatores Meteorológicos, Oceanográficos, Morfodinâmicos, Geológicos e Urbanos Relacionados à Incidência nas Praias da Costa Atlântica de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Geologia – Instituto de Geociências da UFBA, Salvador, 2003.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Jangadas – uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: Ed. Letras e Artes, 1964

CEPED – Centro de Pesquisas e Desenvolvimento. *Classificação Dinâmica das Praias de Salvador – relatório final*. Salvador: dez. 1979.

CORBIN, Alain, *O Território do Vazio – a praia e o imaginário ocidental*. 1989, ed. Schwarcz Ltda, São Paulo. 1989, 385p.

CORPORACIÓN CULTURAL AMEREIDA. *Ciudad Abierta*. Disponível em: <<http://www.corporacionamereida.cl/pags/amereida.html#>>. Acesso em: 24 set. 2007.

CRA- NEAMA - Campanha Praia Limpa Todo Dia – Voluntários do Meio Ambiente. Salvador. S/dados.

CROFT, John. *Vida Marinha*. 2.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1969 (data do original). Série PRISMA – O Conhecimento em Cores. 158p.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983. 202p.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Construção da Imagem Turística de Fortaleza – Ceará. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, ano 1, n.1, 2002, Fortaleza. Disponível em: <www.mercator.ufc.br>. Acesso em: 25 fev. 2007.

DEL RIO, Vicente. *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento*. São Paulo: Ed. Pini, 1990. 198p.

DEPARTAMENTO DE ECOLOGÍA. Instituto de Biología, Universidad de la República, Uruguay. *Playas de Arena*. Disponível em: <www.undecimar.fcien.edu.uy>. Acesso em: 24 set. 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos (org). *Povos e Águas*, 2ed. São Paulo: NUPAUB-USP, 2002, 597p.

FERREIRA E SILVA, Mário Gil, *A Praia e o Imaginário Social – discurso médico e mudança de significados na cidade do Rio de Janeiro*. Pag. 183-206. In: Paisagem, Imaginário e Espaço. Org. Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. 227p.

FERREIRA, William Rodrigues. *O Espaço Público nas Áreas Centrais: A Rua como Referência – um estudo de caso em Uberlândia – MG*. Tese de doutorado em Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2002.

FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRANCO, Tasso. *Passar uma tarde em Itapua com Vinicius de Moraes*. Texto extraído do livro *O trancelim da baiana*, Editora Relume Dumará - Rio de Janeiro, 2002, pág. 75. Disponível em: <http://www.releituras.com/tfranco_itapua.asp>. Acesso em: 5 nov. 2007.

GIFFORD, Robert. The role of environmental psychology in environmental policy formation and in the construction of the future. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jan 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. *Rio-Paris-Rio: Ida e Volta com Escalas*. In: A CONDIÇÃO URBANA – Ensaios de Geopolítica da Cidade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

GRANDO, Raquel. O Conhecimento Etnoecológico de Pescadores da Praia do Forte, Litoral Norte – BA: um saber ameaçado. *Enciclopédia Biosfera*, Goiânia: Instituto

Biosfera; n.02, 2006. Disponível em: < <http://www.conhecer.org.br/> >. Acesso em: 7 mar. 2008.

GREENPEACE. *Destruição a Toda Costa – informe sobre la situación del litoral español*. Jul 2005. Disponível em: <www.greenpeace.es>. Acesso em: 25 fev. 2007.

GUNTHER, Hartmut. Mobilidade e *affordance* como cerne dos Estudos Pessoa-Ambiente. *Estudos de Psicologia*, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 8, n. 2, p. 273-280, maio-ago 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 26 jan 2008.

GUTIERREZ, Ramón, *ARQUITETURA LATINO-AMERICANA – textos para reflexão e polêmica*, tradução Isa Mara Lando, São Paulo: Nobel, 1989 (coleção cidade aberta), cópia xerográfica

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Edward T., *A Dimensão Oculta*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2005, 1ª Edição, 258p. Original: 1966, Doubleday, New York.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999, 2ed.

IVO, Anete Brito Leal. *Pesca: Tradição e Dependência - um estudo dos mecanismos de sobrevivência de uma atividade "tradicional" na área urbano-industrial de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 1975.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

JERÓNIMO, Rita. Banhistas e Banheiros – reconfiguração identitária na praia da Ericeira. *Etnográfica*, v. VIII, 2003, p.159-169. Lisboa: CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social, 2003. Disponível em: <www.ceas.iscte.pt>. Acesso em: 25 fev. 2007.

KLEIN, Antônio H.F., DIEHL, Fernando Luiz, RIBEIRO JR., Oswaldo & BENEDET FILHO, Lindino. O litoral de Santa Catarina e a ocupação desordenada de suas praias. *Gestão Costeira Integrada*, v.2, ano 1, 2002. Disponível em: < <http://www.gci.inf.br> >. Acesso em: 7 mar. 2008.

LACERDA, José Antônio Almeida de (org). *Evolução das Condições de Balneabilidade – praias de Salvador 1994 a 2002*. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2002. 48p.

LACERDA, José Antônio Almeida de (org). *Relatório de Avaliação das Condições de Balneabilidade das Praias do Município de Salvador*. Salvador: CRA, s/d.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero – a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Licídio. *O Rio Vermelho e Suas Tradições – memórias de Licídio Lopes*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, 112p.

MACEDO, Sílvio Soares e PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. Do Éden à Cidade – transformação da paisagem litorânea brasileira. In: YAZIGI E.; ALESSANDRI CARLOS, A.F.; ARIZA DA CRUZ, R. de C. (org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p.

MAGNEVITA, Alex Marco Gama; SOUZA, Ilza Alves de e KHOURY, Shefic Karaoglan *Considerações ambientais sobre a praia de Itapuã – poluição de água e areia do trecho compreendido entre a Sereia e o Farol de Itapuã*. Monografia submetida ao colegiado do Curplan em planejamento e administração de recursos ambientais. 1988-1989: Salvador, UCSAL-CRA.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1969. 407 p.

MEDEIROS, Karla O. P. de Medeiros. Relação entre Episódios de Erosão Severa na Costa Atlântica de Salvador com Fenômenos Meteorológicos, Marés e Zonas de Convergência de Ondas: Subsídios para o Gerenciamento Costeiro. Salvador: Instituto de Geociências, Curso de Graduação em Geologia, Trabalho Final de Graduação, Janeiro 2005

MONTE, Luana Silva. *Parque Aeoclube – participação da sociedade na implantação de um espaço público em Salvador*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 2003.

MOORE, Gary T. *Estudos de Comportamento Ambiental*. In SNYDER, James C. e CATANESE Anthony. Introdução à Arquitetura, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1984. 422p.

MUEHE, Dieter. Aspectos gerais da erosão costeira no Brasil. *Mercator*, v. 4, n. 7, p. 97-110, 2005. Disponível em: <www.mercator.ufc.br>. Acesso em: 19 mar. 2008

MVRDV, *Costa Ibérica – hacia la ciudad del ocio*. Barcelona: ACTAR, 2000.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Dez Freguesias da Cidade do Salvador – aspectos sociais e urbanos do séc. XIX*. Salvador: FCEBa/ EGBa, 1986. 202p.

NOLASCO, Marjorie C. Construções carbonáticas da costa norte do Estado da Bahia (Salvador a Subaúma). Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-Graduação em Geologia, Instituto de Geociências, UFBA, Salvador, 1987. 143 p.

NUNES, Francisco Oneto. O Trabalho Faz-se Espectáculo: a pesca, os banhos e as modalidades do olhar. *Etnográfica*. v. VII, 2003, p.171-186. Lisboa: CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social, 2003. Disponível em: <www.ceas.iscte.pt>. Acesso em: 25 fev. 2007.

OLIVEIRA, Cíntia Raquel P. de Oliveira. Impactos Causados pela Ocupação Desordenada na Zona Costeira de Maria Farinha – PE. In: SAPIs – SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE ÁREAS PROTEGIDAS E INCLUSÃO SOCIAL, 2., dez. 2006, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.ivt-rj.net/sapis/2006>. Acesso em: 19 mar. 2008.

OLIVEIRA, Maria Helena Freire. *Itapuã: uma identidade cultural perdida*. Monografia submetida ao colegiado do Curplan em planejamento e administração de recursos ambientais. 1991: Salvador, UCSAL-CRA-IBAMA.

ORNSTEIN, Sheila e ROMÉRO, Marcelo. *Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído*. São Paulo: Livros Studio Novel Ltda, 1992. 223p.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. Architecture, urbanism and environmental psychology: a reflection on dilemmas and possibilities of integrated action. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan 2008.

OSÓRIO, Ubaldo, *A Ilha de Itaparica – história e tradição*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979, 4ed.

PIQUERAS, Victor Yepes. Las Playas en la Gestión Sostenibles del Litoral. *Cuadernos de Turismo*, Valencia: Universidad de Murcia, n.4, p.89-110, 1999. Disponível em: <www.um.es/dp-geografia>. Acesso em: 25 fev.2007

PORTO FILHO, Ubaldo Marques Porto Filho. *Rio Vermelho*. S/ data; s/ impressão.

POUCHULU, Patrício. Peter Cook: Viaje al Centro de la Creatividad. *Summa + 54*. Disponível em: <<http://www.summamas.com/54a.htm>>. Acesso em: 19 set. 2007

PROST, Antoine. A Família e o Indivíduo. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org). *A História da Vida Privada v.5 – da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1993, 633p. 13-154p.

QUERINO, Manuel. *Costumes Africanos no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1988

QUINTELA, Maria Manuel Quintela. Banhos que curam: práticas termais em Portugal e no Brasil. *Etnográfica*. vl. VII, 2003, p.171-186. Lisboa: CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social, 2003. Disponível em: <www.ceas.iscte.pt>. Acesso em: 25 fev. 2007.

RIO VERMELHO – Projeto História dos Bairros de Salvador. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

ROSAS, António. Democracia como Não Dominação e Espaço Público. *Prisma. Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC*, n2. jul. 2006. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n2_julho_de_2006>. Acesso em: 4 fev. 2008

ROSSI, Aldo. *La Arquitectura de la Ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1971. 239p.

SALVADOR. OCEPLAN. *Programa de Equipamentos da Orla Marítima - Síntese dos Trabalhos Referentes à Orla Marítima Realizados a partir de Abril de 1975*. Salvador, 1975.

SALVADOR. OCEPLAN. *PLANDURB – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – Projeto de Lei*. Salvador, 1978.

SALVADOR. OCEPLAN. *Orla da Barra a Amaralina – proposta de diretrizes urbanísticas da ocupação*. Salvador, 1981.

SALVADOR. SEPLAM. *Plano de Estruturação da Orla Marítima e sua Área de Influência*. Salvador, 1984.

SALVADOR. SEPLAM-RENURB. *Plano de Estruturação da Orla Marítima de Salvador - Trecho Amaralina-Itapuã Vol.1 Tomo1*. Salvador, 1988.

SANTOS, Milton, *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Ed. Hucitec, 3.ed., 1999. 307p.

SANTOS, Maria Elizabeth e GARRIDO, Jamile Menezes. Orla Marítima – é doce viver domar. *Veracidade*, ano 1, n.1, jul/set 1991, 48p. Salvador: CPM – Centro Municipal de Planejamento, PMS, 1991.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, albuns de família e ícones da intimidade*. Pag. 427- 512. In: *História da Vida Privada Brasileira Vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Org. Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEGAWA, Hugo, *Ao Amor do Público – jardins no Brasil*. São Paulo, Studio Nobel, 1996, 255p.

SERPA, Ângelo. Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma Abordagem Geográfica. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, n.15, pp.21-37, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. Pag.513-619. In: *História da Vida Privada Brasileira Vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Org. Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ângela Maria Falcão da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa, *Banhos de Mar na Praia do Futuro (Fortaleza/ CE)*. In: ANAIS DO IX SIMPURB, Manaus: IX SIMPURB, Outubro 2005. 11p. Impressão de texto em meio digital.

SILVA, Jacqueline S. da, BARBOSA, Scheyla Cristina Tinoco, LEAL, Mônica M.V., LINS, Ana R. & COSTA, Monica F. da. Ocupação da Praia de Boa Viagem (Recife/ PE) ao Longo de Dois Dias de Verão: um estudo preliminar. *PANAMJAS – Pan-American Journal of Aquatic Sciences*, v.1, n.2, p. 91-98, dez 2006. Disponível em: < www.panamjas.org >. Acesso em: 7 mar. 2008.

SILVA, Liliane de Araújo, *De Paisagem a Cenário – a construção da atual Orla Marítima de Salvador*. 2002. 122f. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 2002.

SOMMER, Robert. *Espaço Pessoal*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

SOTO, Hernando de. *The Mystery of Capital*. London: Black Swan, 2001.

SOUTHWEST WASHINGTON COASTAL EROSION STUDY. *Glossary of Coastal Terminology*. Disponível em: <<http://www.ecy.wa.gov/programs/sea/swces/index.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

TAVARES, Odorico. *Bahia – imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d

THEMOTHEO, Maria Socorro Daniel Xavier. *O Direito ao Sol - um análise do sombreamento de faixas de praia através do uso de simulação por computador*.

Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 2002.

THIBAUD, Jean-Paul. Environmental psychology and environmental policy: strategies of construction of the future. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jan 2008.

TSCHUMI, Bernard. Arquitetura e Limites II. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura – Antologia Teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosacnaify, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Ed. DIFEL, 1980.

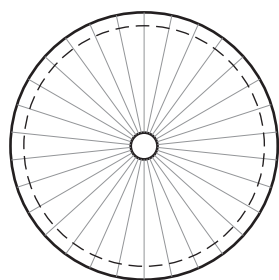
TUAN, Yi-Fu, *Espaço & Lugar – a perspectiva da experiência*. 1983, DIFEL – Difusão Editorial AS, São Paulo, SP, 259p.

VERGER, Pierre. *Retratos da Bahia: 1946 a 1952*. Salvador: Corrupio, 1990, 2ed. 249p.

filmografia

BAHIA. TVE BAHIA. *SALVADOR EM PELÍCULA – um século de memória*. Salvador, maio 1998. 1 DVD (1:27min), son., color.

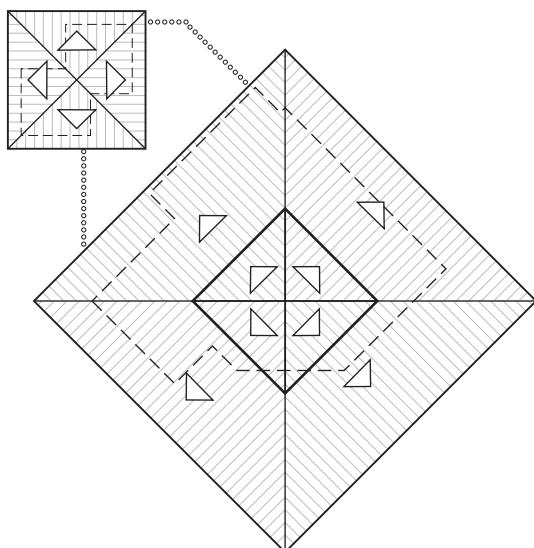
pranchas - comparação entre modelos



QUIOSQUE (1991)

área interna - 22,89 m²
área externa coberta - 5,38 m²

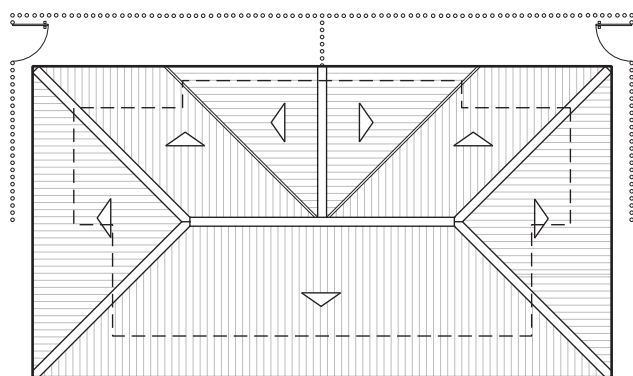
área permitida total - 28,27m²



TIPO 1 (2005)

área interna - 29,77 m²
área de anexo - 4,37 m²
área externa coberta - 39,47 m²
área externa descoberta - 7,40 m²

área permitida total - 81 m²



GEMINADA PIATÃ 2 (2005) (dois pontos comerciais)

área interna - 28,30 m²
área externa coberta - 17,07 m²
área externa descoberta - 9,96 m²

área permitida total - 55,33m²

escala gráfica



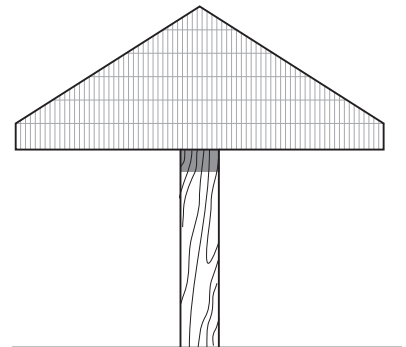
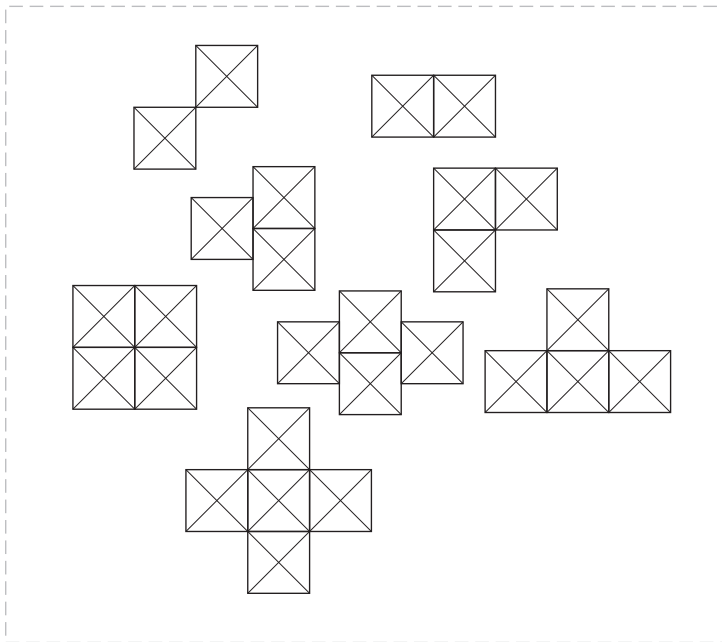
FONTE: Secretaria Municipal de Serviços Públicos - SESP

Prancha 01 - comparação entre modelos em termo de área

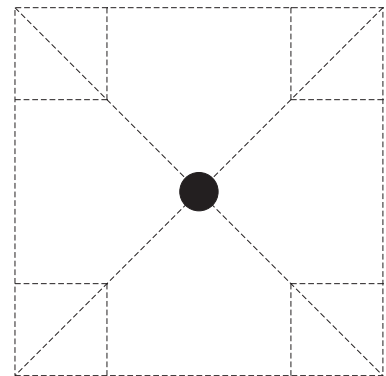
pranchas - projeto de 1975



arranjos combinatórios



fachada



planta baixa

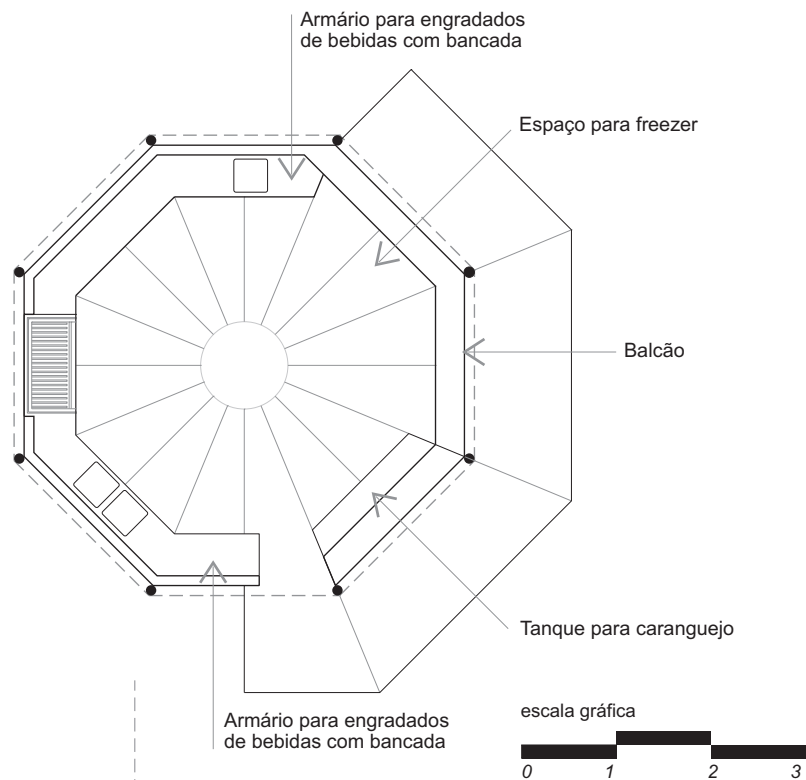
escala gráfica



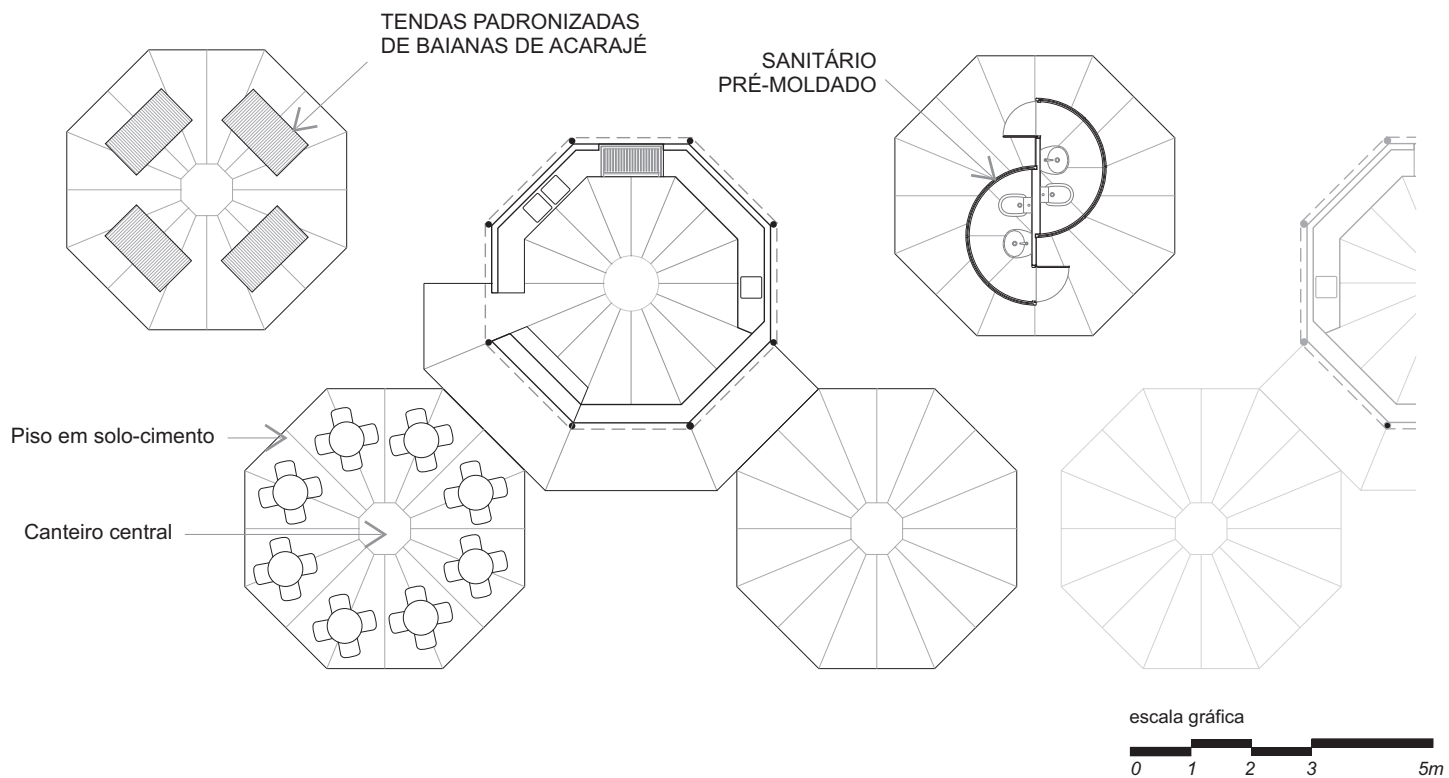
Prancha 02 - projeto de 1975 e arranjos combinatórios

Não temos planta fidedigna do quiosque de 1985, concebido pelo Governo do Estado, apenas sua descrição. Por isso, apresenta-se o projeto de 1975, elaborado desta feita pela Prefeitura, que possui raciocínio similar, como forma de ter um comparativo mínimo.

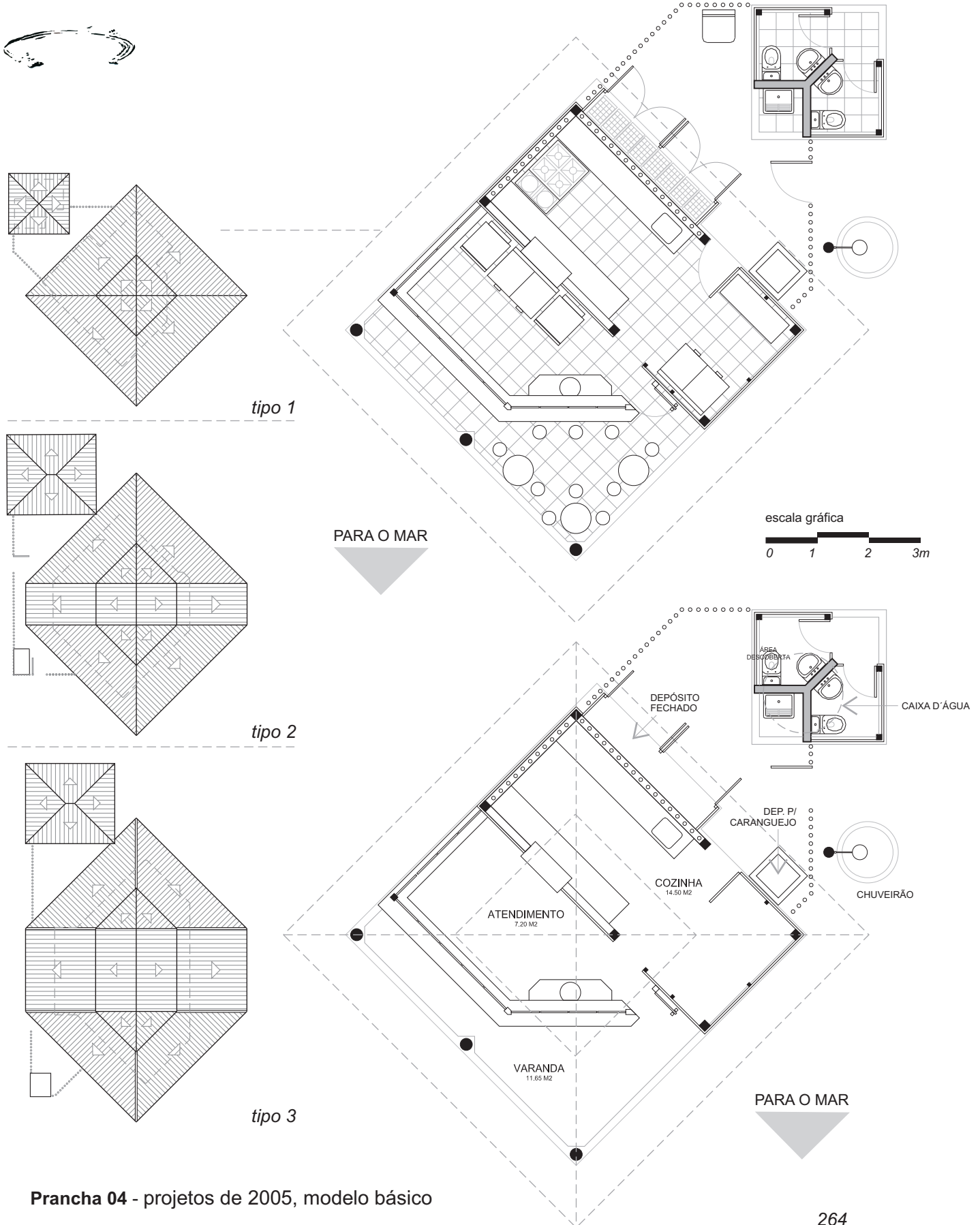
pranchas - modelo de 1991



arranjo combinatório (não-realizado)

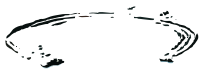


pranchas - modelo de 2005

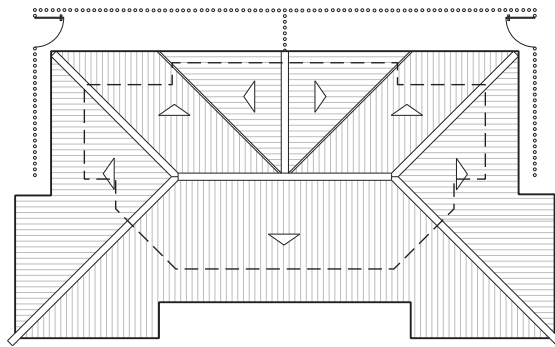


Prancha 04 - projetos de 2005, modelo básico

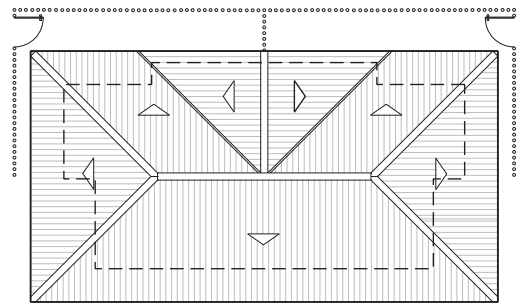
pranchas - modelo geminado de 2005



escala gráfica

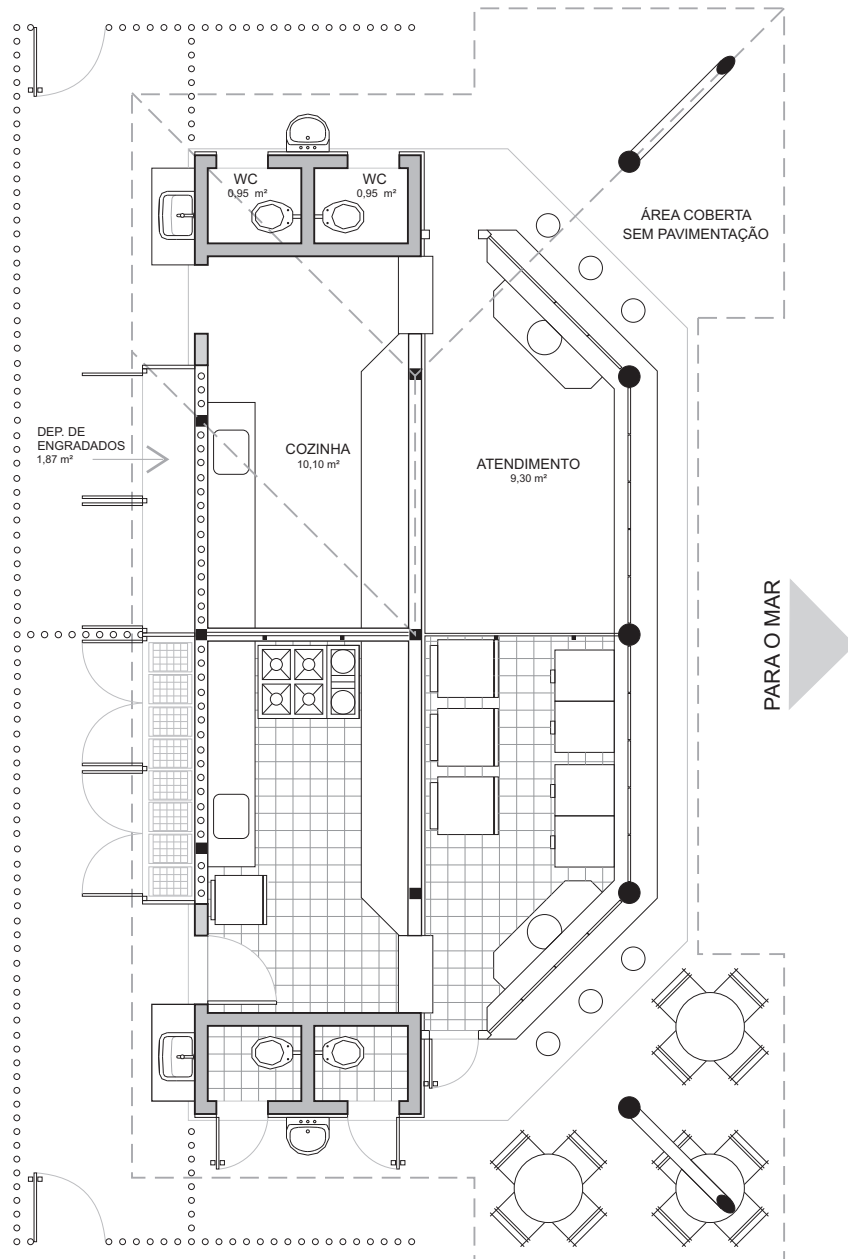


tipo 1

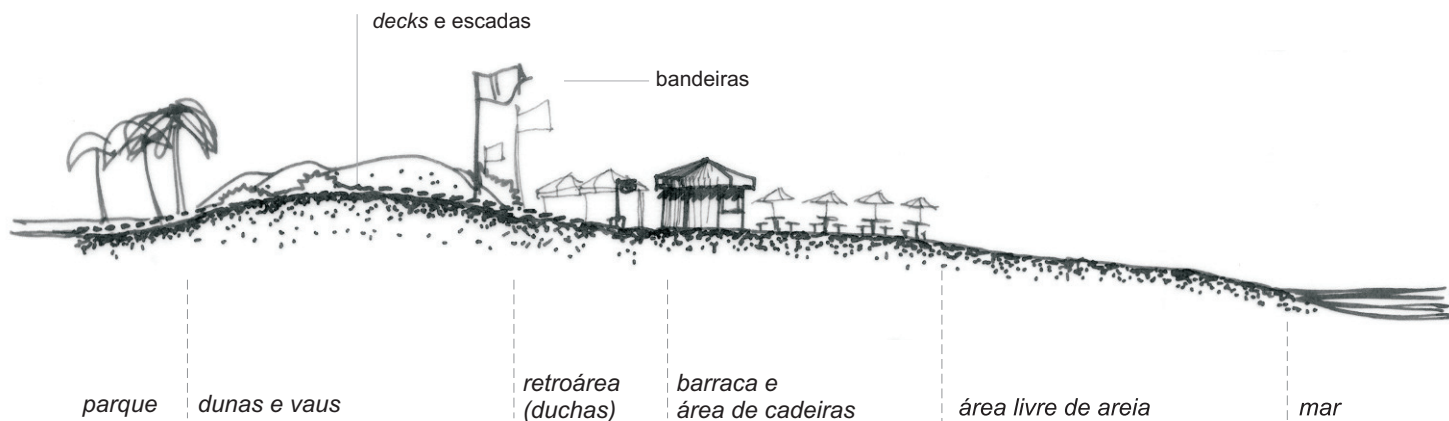
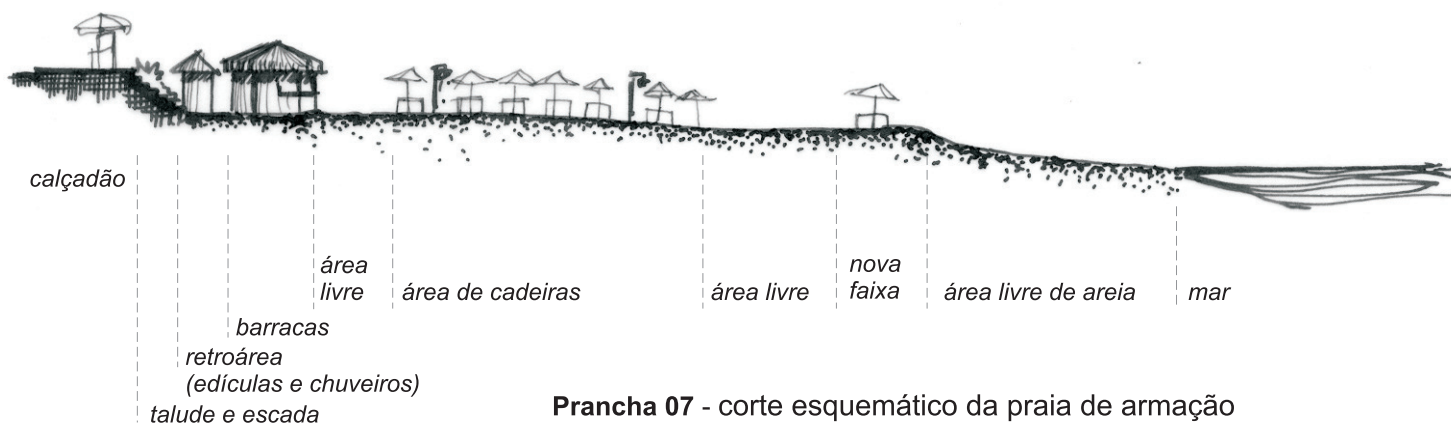
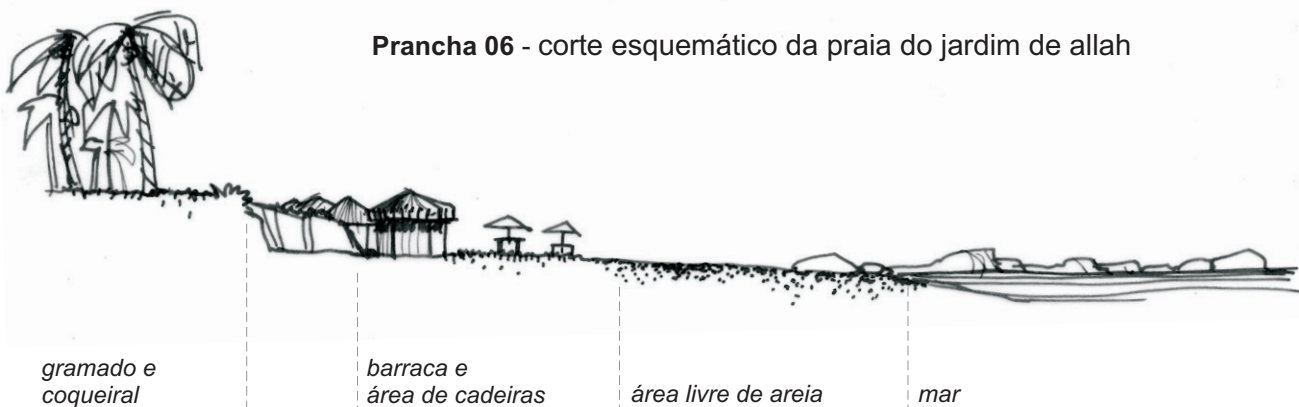


tipo 2

escala gráfica



pranchas - cortes esquemáticos

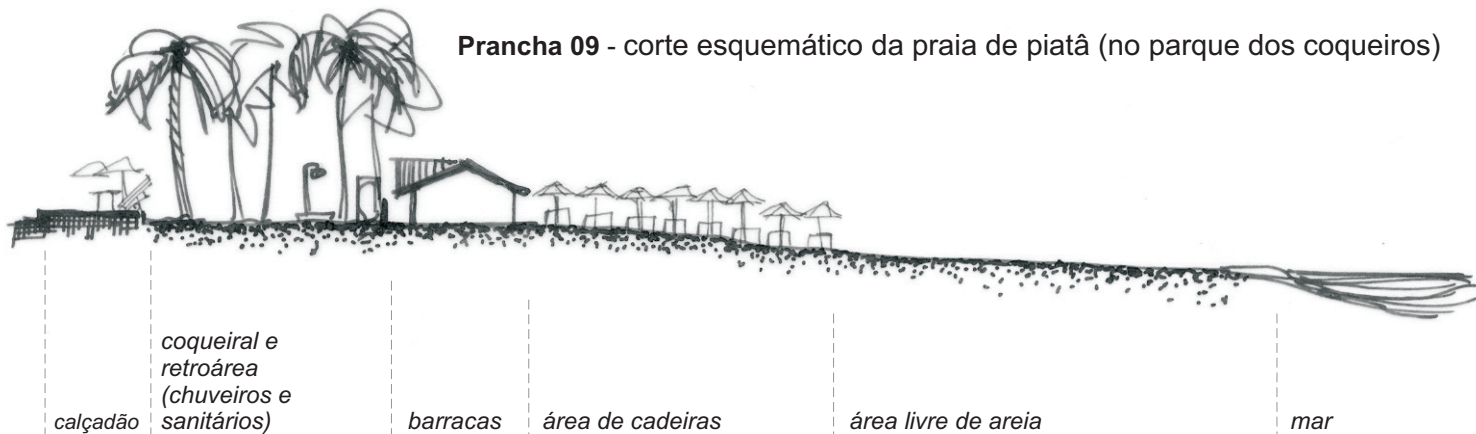


Prancha 08 - corte esquemático da praia de aratibaia

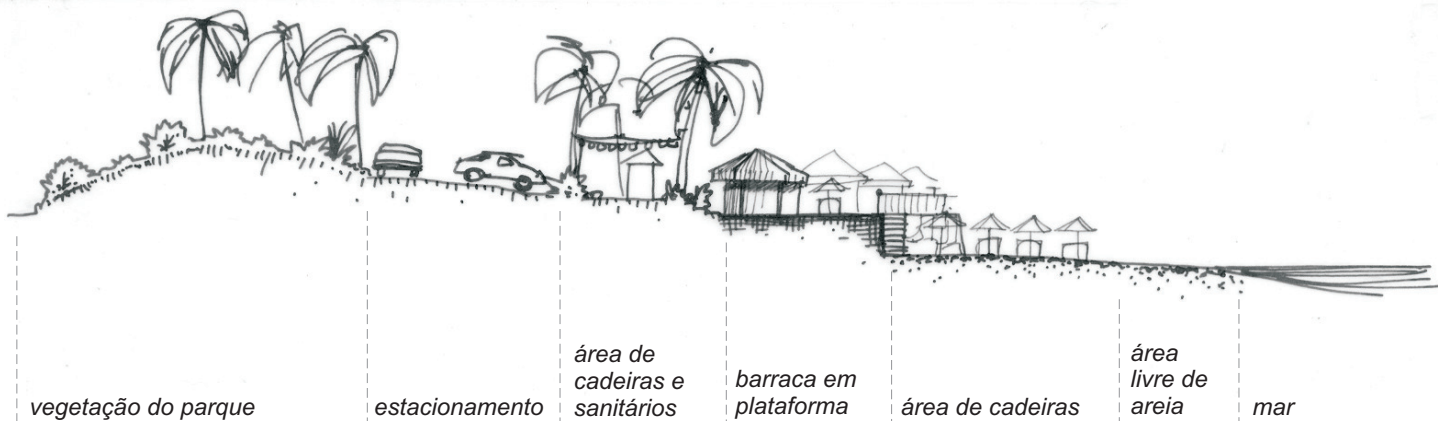
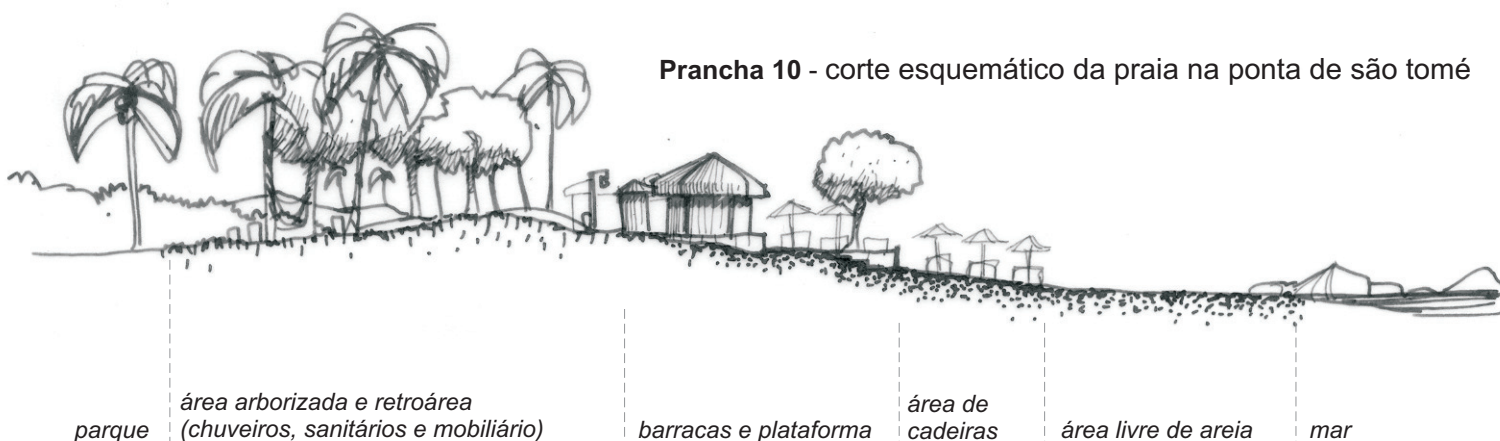
pranchas - cortes esquemáticos



Prancha 09 - corte esquemático da praia de piatã (no parque dos coqueiros)



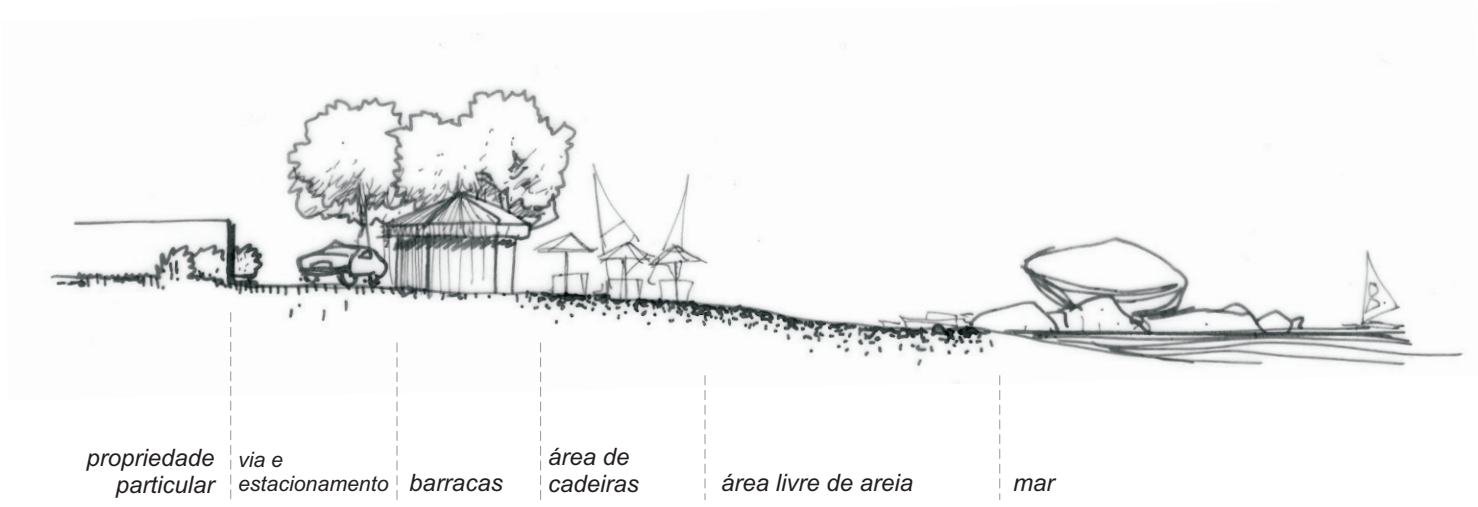
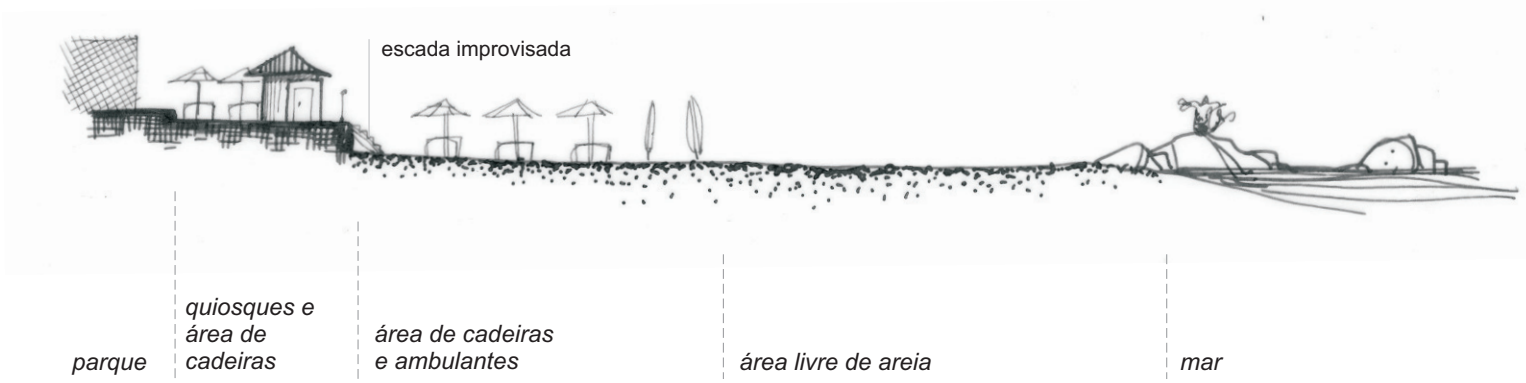
Prancha 10 - corte esquemático da praia na ponta de são tomé



Prancha 11 - corte esquemático da praia de placaford (no parque dos coqueiros)

pranchas - cortes esquemáticos

Prancha 12 - corte esquemático da praia de itapuã (no parque da sereia)



Prancha 13 - corte esquemático da praia de itapuã (perto do farol)

jardim de allah a boca do rio (aeroclube)



Foto 01 - gramado do jardim de Allah



Foto 02 - afloramento rochoso defronte ao jardim de Allah na maré baixa



Foto 03 - vista da praia de Armação, a partir do sul



Foto 04 - vista da praia de Armação, a partir do norte



Foto 05 - vista da praia da boca do rio, a partir do sul



Foto 06 - vista da praia da boca do rio, a partir do norte



Foto 07 - vista da praia de aratibaia



Foto 08 - vista da praia do corsário, a partir do sul



Foto 09 - vista da praia de pituaçu, a partir do sul



Foto 10 - vista da praia de pituaçu

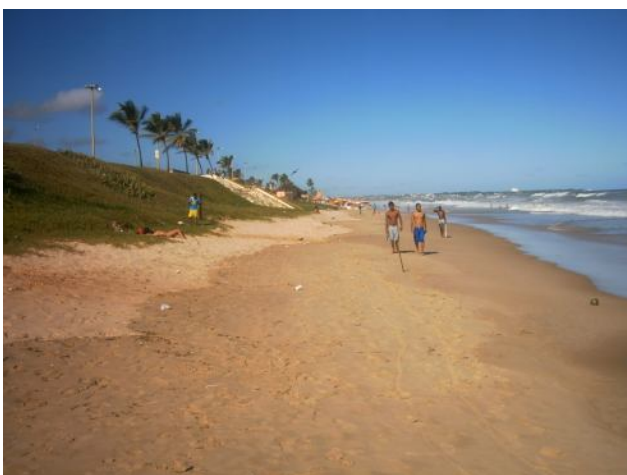


Foto 11 - vista da praia de pituaçu



Foto 12 - vista da praia de patamares, a partir do sul

patamares a ponta de são tomé



13 - vista da praia de patamares, a partir do norte



14 - tensoestruturas e barracas de patamares



15 - foz do rio jaguaribe



16 - vista da praia de jaguaribe, a partir do sul



17 - vista da praia de jaguaribe



18 - canteiro de obras no parque dos coqueiros

placaford e itapuã (sereia)



Foto 19 - vista da praia de placaford, a partir do norte



Foto 20 - praia de placaford e sereia, a partir do sul



Foto 21 - enseadas de itapuã (sereia)



Foto 22 - vista da praia de itapuã (sereia)



Foto 23 - enseada em itapuã (farol)



Foto 24 - algas amontoadas na areia e na água



Foto 25 - barcos fundeados no porto natural



Foto 26 - plataforma algal na maré baixa



Foto 27 - pousada à beira da praia



Foto 28 - farol de itapuã

banhista - sinestesias



**TOMAR SOL
(com mediação)**



armação

em leito de plástico



armação

em cadeira dobrável

em cadeira plástica empilhável



jardim de aliah



armação



farol

Foto 29 - esquema do “banho de sol” com intermédio de objetos

banhista - sinestesias



pituauçu



encostado no talude

pituauçu



no meio do estirâncio

em pedras



em terra

jardim de allah

na areia



próximo às mesas

placatford

**TOMAR SOL
(sem móveis)**



na água

sereia



à sombra

piatã

itapuã (farol)



em bolsão d'água

jardim de allah



na grama

banhista - sinestesias



RISCAR/ ESCREVER



piatã



aratibaia



aratibaia

modelar

cavar



farol

moldar



corsário

construir



placaiford

esculpir



corsário

proteger

AREIA

ENTERRAR



jardim de allah

CATAR



piatã



armação

banhista - sinestésias



Foto 32 - criança em bolsão d'água nas pedras



Foto 33 - pessoa deitada em bolsão d'água



Foto 34 - pais e filhos em laguna entre as pedras



Foto 35 - flutuando em piscina natural



Foto 36 - pulos em falha protegida da pedra



Foto 37 - banhistas em enseada protegida

banhista - sinestésias



abordagem



piatã

piatã



piatã



filme d'água

**ÁGUA
(mar aberto)**

piatã



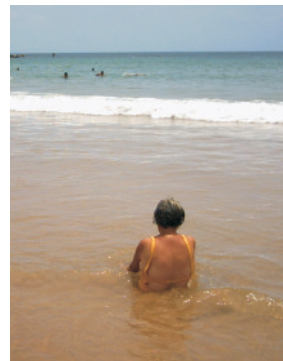
bolsão d'água

patamares



remanso

piatã



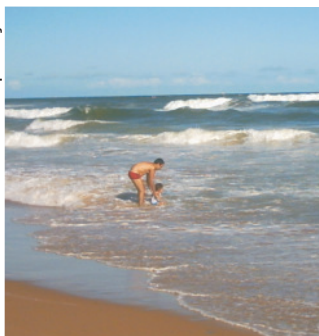
ondulações

boca do rio



raso com ondas

pituacu



jardim de allah



jaguaribe



além da rebentação

banhista - sinestesias



placafor



jogos



itapuã (farol)



itapuã (farol)



placafor

com aparatos para boiar

ÁGUA

aratibaia



com flora

com fauna

jardim de allah



jardim de allah





banhista - formação das praias



Foto 40 - vista panorâmica da praia de pituaçu, em dia de maré baixa equinocial



Foto 41 - vista aérea da praia de pituaçu

banhista - chegada à praia



parque dos coqueiros



a pé

piatã



de ônibus

chegando

armação



marca da descida de banhistas

piatã



de carro

placaiford



percurso no estirâncio até praia desejada

aratibaia



chegando à praia



Foto 43 - banhistas caminham até ponta do recife



Foto 44 - crianças brincam entre pedra e água



Foto 45 - banhistas se aglutinam em recifes



Foto 46 - banhistas buscam privacidade entre as pedras



Foto 47 - pai vigia filho na água

banhista - ações



Foto 48 - banhistas passando-se protetor solar



Foto 49 - criança dormindo sob sombrero



Foto 50 - banhistas sentados próximos a recife



Foto 51 - menino brincando com pipa



Foto 52 - pai brincando com o filho



Foto 53 - banhistas lavando-se em ducha de barraca

banhista - ações



pontinho



piatã

golzinho



aratibaia

“futebol americano”



armação



piatã



placaforô

fut-tênis

frescobol

Foto 54 - atividades de banhistas com bola

farol



jardim de allah



patamares



Foto 55 - usuários e seus animais de estimação

banhista - objetos



Foto 56 - esquema dos veículos e pertences dos banhistas

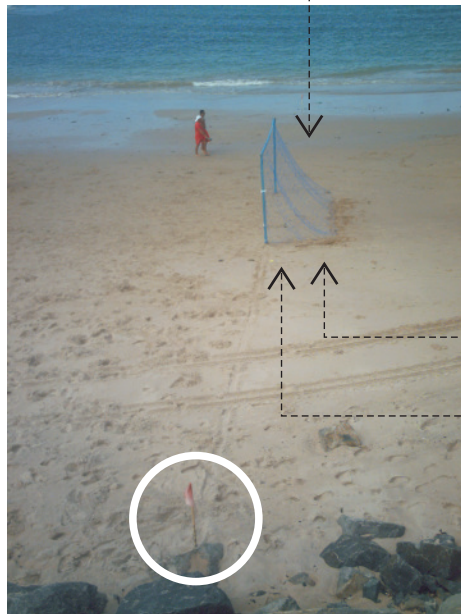
babeiros - ações



Foto 57 - esquema das ações dos babeiros



babeiros - objetos



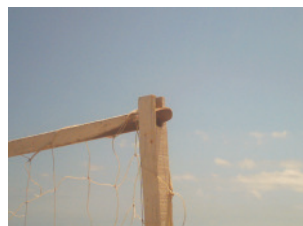
bandeirola de quina

placafor

traves de madeira e seus encaixes



pituauçu



pituauçu



placafor



golzinho

sereia



traves guardadas

placafor



rede e arranjos

patamares



placafor



jaguaribe

traves metálicas



vôlei de praia e beach soccer



armação

conjunto de suportes



armação

treino de beach soccer



armação

treino de beach soccer

objetos



armação

colocação da rede



armação

colocação dos limites

montagem



armação

linha e bola



armação

mobiliário

surfistas



chegada



jaguaribe

a pé



jaguaribe

de carro



jaguaribe

desencapando a prancha



corsário

espera

arattibaia



prática

jaguaribe



saída

no chuveiro limpam-se e à prancha

outros esportes de prancha



Foto 61 - meninos com prancha de isopor em praia



Foto 62 - praticante de *bodyboarding* no jardim de Allah



Foto 63 - praticante de *windsurf* na pedra-que-ronca



Foto 64 - praticante de *kitesurf* em Jaguaribe



Foto 65 - praticante de *windsurf* no mar aberto do farol

caminhada e corrida



armação



areia fofa

pituacu



armação



estirâncio

pituacu



armação



calçada

armação



caminhada

corrida

PRÁTICA

DESCANSO

armação



armação



armação



boca do rio



exercícios

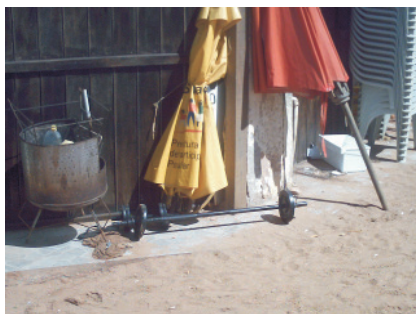
educação física de estudantes



mobiliário



bandeiras na areia



halteres em barraca

jardim de allah



armazém



jaguaribe



balizas para corrida

formas de exercício

equipamentos de ivan barata

Foto 67 - esquema do exercício

locais de exercício



sobre banco



em aparelho



na areia da praia

meditação e contemplação



Foto 68 - esquema dos lugares de contemplação



armação

na areia



pituacu

no meio-fio



boca do rio

na calçada



boca do rio



Foto 69 - casal nas pedras do jardim de allah



Foto 70 - jovens fumam maconha nas pedras do jardim de allah



Foto 71 - casal no gramado do jardim de allah



Foto 72 - piquenique no jardim de allah

pescador de nau - ações



limpeza do peixe



itapuíã (sereia)



venda do peixe

itapuíã (sereia)

descanso em telheiro



itapuíã (sereia)



itapuíã (sereia)

chegada de barco

entretenimento (baralho e dominó)



itapuíã (sereia)

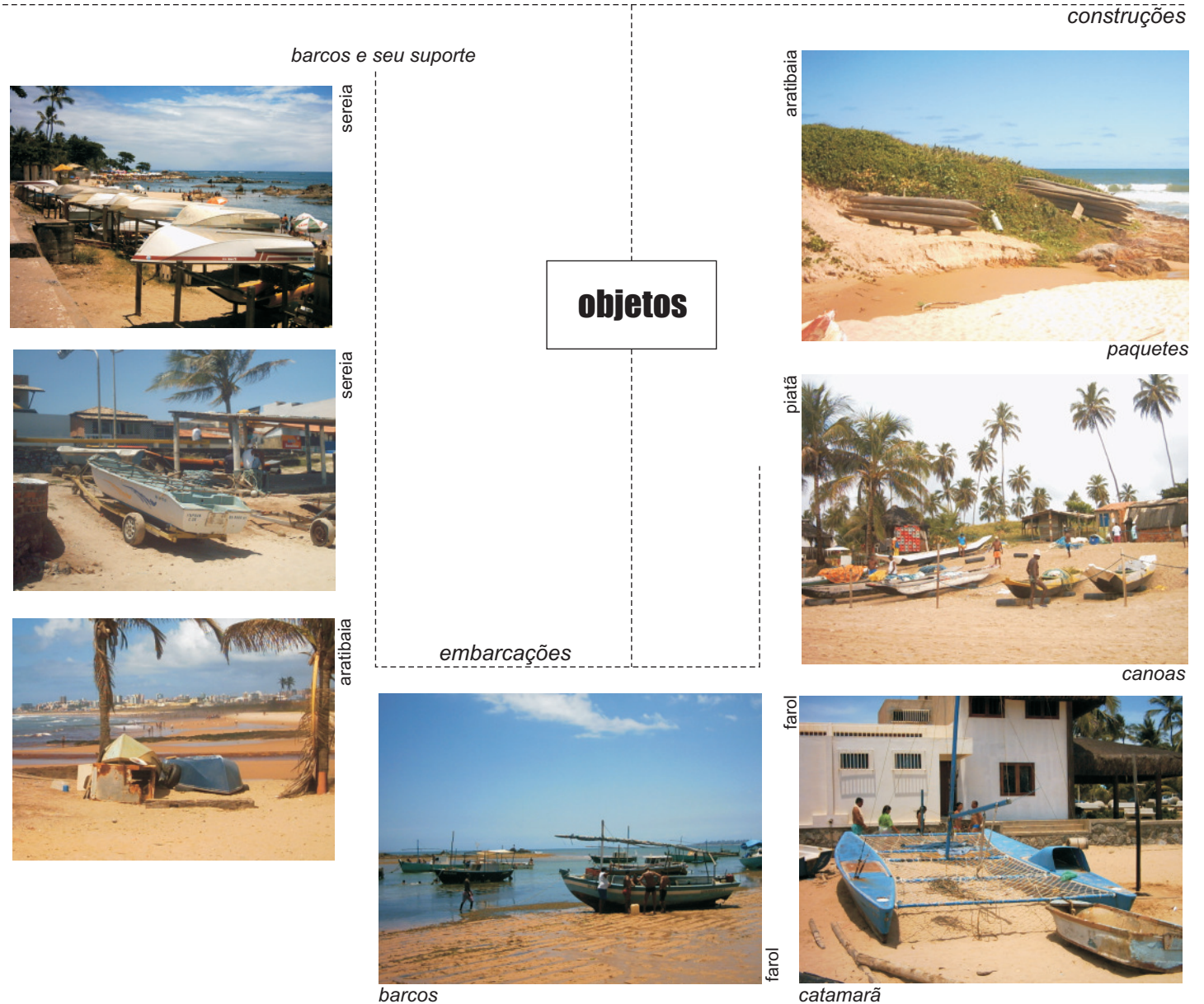


itapuíã (sereia)

pescador de nau - ações



Foto 74 - esquema dos objetos dos pescadores de colônia





pescador de beira de praia

Foto 75 - esquema da pesca de beira de praia



na areia

patamares



sobre recifes

jardim de allah



sobre pedras emersas

farol

lugares da pesca

menino pescando com carretel



armação



finca na areia

pituacu



vara fincada

armação



pesca na areia

vara e recipiente

armação



à espera, abrigado

armação



outros tipos de pesca

modalidades de pesca

apetrechos de pesca sobre as pedras



jardim de allah

antes da pescaria



armação

pesca submarina



sereia

pesca de arrasto



aratibata

pesca de tarrafa



jardim de allah

coleta de pinaúna



placaford

"mariscagem"

barracas de praia - ações

Foto 77 - esquema de ações dos barraqueiros



barracas de praia - ações



Foto 78 - funcionário cortando coco, jardim de allah



Foto 79 - funcionário fixando mesa na areia, sereia



Foto 80 - teste da aparelhagem de som, jardim de allah



Foto 81 - refeição do funcionário da barraca, armação



Foto 82 - reparo da cobertura, corsário

barracas de praia - modelos

Foto 83 - esquema dos modelos tradicionais de barracas



versão quadrangular



versão "meia lua"



versão octogonal completa

situações

modelo de madeira e piaçava (85/ 91)



arranjo improvisado de balcão



modelo maior



modelo ampliado (atrás, modelo com grade)



barraca destruída

barraca incendiada



modelo com toldo



modelo de placa OSB e toldo



barracas de praia - acessos



rampa de alvenaria

faro



deck nas dunas

aratiabaia



escada de troncos

faro



escada de troncos roliços nas dunas

aratiabaia

acessos



tabiques de madeira



escada de madeira

placafor



escadas

alvenaria sobre talude



fileiras de escadas

pituau



escada simples

armação



com corrimão

armação



escada escultórica

armação



escada abandonada

armação

Foto 84 - esquema dos acessos das barracas

barracas de praia - edículas

Foto 85 - esquema das edículas das barracas

edículas

outros

sanitários



de folhas de compensado



de folhas de OSB



de telhas corrugadas



farol



farol



revestimento de troncos de madeira

farol



de ripas de madeira

jardim de allah

farol

piatã

piatã

barracas de praia - novos modelos

Foto 86 - esquema dos modelos novos de barracas



jaguaribe

edícula de sanitários do modelo individual



anexo de compensado e lona



sucedâneo - lona e toldos



sucedâneo - compensado e toldo

piatã



jaguaribe



anexos de compensado



pituauçu

modelo individual



pituauçu

modelo geminado



patamares

modelo geminado de patamares

barracas de praia - instalações



reservatório de água

jardim de alliah



poço

jardim de alliah



torneira

armação



fossa

armação

Foto 87 - esquema de abastecimento alternativo de água das barracas

Foto 88 - esquema de fornecimento de energia elétrica

medidores



em poste



em alvenaria

plata

farol

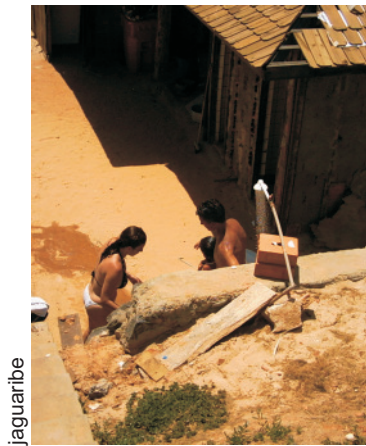
posteamto



armação

barracas de praia - duchas

Foto 89 - esquema dos modelos de chuveiros das barracas



duchas

suporte por cima

suporte

baías

jaguaribe

jardim de allah

armação

armação

armação

armação



escultóricos



farol



farol



farol



farol



barracas de praia - duchas

Foto 90 - esquema dos pisos dos chuveiros das barracas



piatã



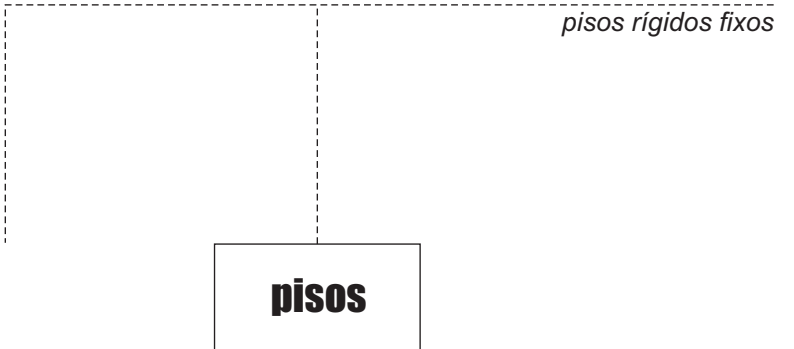
jardim de allah



armação



piatã



piatã

*lajotas soltas
(pedra ou concreto)*

peças de madeira

outros



jardim de allah



jaguambe



armação

grade de refrigerante



piatã



armação



armação

contato direto



patamares

barracas de praia - paisagismo



pitauçu



jaguaribe



jardim de allah

desgaste das cadeias e uso de gravilhão



jardim de allah



jardim de allah

jardins

vegetação



placaforó



farol



farol

gramado

Foto 91 - esquema da vegetação nas barracas

canteiros

plântio de árvores



parque dos coqueiros



placaforó



jardim de allah

barracas de praia - plataformas

Foto 92 - esquema das plataformas das barracas



de alvenaria

farol



farol



araribaita



araribaita

com revestimento de madeira

de pranchas de madeira



placafor



corsário

placafor



barracos sobre arrimo

plataformas

placafor



jaguaribe



contenção improvisada

contenção destruída



com corpo de prova

barracas de praia - plataformas



plata



troncos horizontais

plata



troncos verticais

contenções de troncos
outras contenções



base de alvenaria

plata



troncos horizontais

arabitabaia

plataformas

tipos de piso



cadeiras plásticas velhas

jardim de aliah



areia

placaford



placas de pedra

jardim de aliah



gramado

pituauçu



sacos de estopa

plata

Foto 93 - esquema das plataformas das barracas



barracas de praia - mobiliário



grades de refrigerante

armazém



grades de cerveja

jaguaripe



mesas e cadeiras - em área externa

patamares



mesas e cadeiras - dentro do cercado

pituacu

volume ocupado por contenedores

Foto 94 - esquema do volume ocupado pelos contenedores

modelos

sombrieros empilhados na retroárea



armazém



aratibaia



armazém

sombrieros sob tempo de chuva



armazém



placafor

Foto 95 - esquema dos sombrieros

barracas de praia - mobiliário

Foto 96 - esquema das mesas e cadeiras



modelo rígido de fibra de vidro



de alumínio com anteparo móvel



cadeira dobrável de madeira



patamares



piatã

armação

patamares

farol

mobiliário fixo



modelo empilhável



modelo dobrável

armação

armação

armação

armação

**leitos,
cadeiras
e mesas**

outros leitos

cadeiras plásticas

cadeiras e bancos de madeira



patamares



mesas e bancos de madeira

farol



armação

bancos circulares de madeira

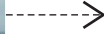


patamares

barracas de praia - mobiliário



fileiras de mesas na areia



cadeiras à margem do estriâncio

pituauçu

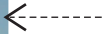


próximas às pedras

sereia



sobre plataforma de pedra



patamares



sobre espelho d'água

faro

Foto 97 - progressão das cadeiras na praia

Foto 98 - outros arranjos de cadeiras



placaford



faro



armação

barracas de praia - padrão visual



esculturas



mesas e cadeiras



textura do sombrero na areia



tamboretetes de troncos



limites com cordas e mesas de altura variada

barraca do aluízio (aratibaia)

padrão visual

Foto 96 - esquema de padrão visual das barracas

escultura e outros arranjos

barraca da paty (pituauçu)



jaguaribe



farol



farol



farol



barracas de praia - outros serviços



folhas de coqueiro da decoração

jardim de allah



área reservada com decoração

pituvaçu

jardim de allah



tapumes

evento



sanitário químico

jardim de allah



bilheteria

jardim de allah

atração musical
música ambiente

jaguaribe



palco

serviços



locação de pranchas e caiaques

sereia

armazão



caixas de som

promoções e serviços



patamares

lista de serviços



piscinas plásticas

patamares

Foto 100 - esquema dos serviços das barracas

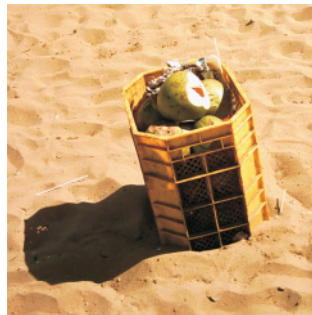
barracas de praia - resíduos e erosão



jardim de allah



armação



jardim de allah



jardim de allah

recipientes de lixo

Foto 101 - esquema dos resíduos das barracas

resíduos



armação

vazamento de esgoto

lixo e animais



aratiabaia



armação



serieia

102 - esquema das transformações causadas pelas barracas

transformação do terreno



jaguaribe

corte e erosão na parte superior do talude



armação

corte e erosão na parte inferior do talude



jaguaribe

mudança da composição do solo

quiosqueiros



painéis de proteção



sombrieiros e mesas na calçada



caixa de som



escadas de acesso



fundo do quiosque



sombrieiros fincados na areia

objetos

quiosqueiros

Foto 103 - esquema dos quiosqueiros



varrição da areia



coleta de água para limpeza



colocação das mesas e cadeiras



consumo dos clientes



ambulantes - baianas de acarajé

Foto 104 - esquema das baianas de acarajé

jardim de allah



toldo



toldo desmontável

sereia

armação



sombreiro



sombreiros menores

armação

jardim de allah



anteparo de alumínio

abrigos

baiana de acarajé

mesas

jardim de allah



atendente volante

jardim de allah



mesa plástica com toalha

parque dos coqueiros



fim de expediente

jardim de allah



tabuleiro de alumínio

ações

ambulantes - vendedores de coco



Foto 105 - material do vendedor, jardim de allah



Foto 106 - corte do coco, jardim de allah



Foto 107 - ponto de venda na calçada, armação



Foto 108 - ponto de venda na areia, piatã



Foto 109 - acúmulo de rejeito, armação

ambulantes - vendedores de caldo de cana



Foto 110 - esquema do vendedor de caldo de cana

armação



montagem do sombreiro

armação



armação



tirante preso no talude

desbaste do talo

armação



ações



máquina nova e contenedor



lixeria e depósito dos talos nus



feixes acumulados ao pé do talude



feixes acumulados ao pé do talude



proteção a chuva

caldo de cana

objetos

armação

armação

plata

armação

armação

ambulantes - bebidas e alimentos



111 - esquema dos ambulantes de alimento



sombrieros trazidos em carreta



colocação das mesas e cadeiras

modelos plásticos

mesas e cadeiras



mesas e cadeiras metálicas



mesas e cadeiras de madeira

ambulantes

abrigos

outros elementos



suporte para cerveja



quadro-negro



churrasqueira

sereia



folhas de coqueiro

sereia



sombreiro

sereia



toldo desmontável

farol



tenda

ambulantes - bebidas e alimentos



farol



sobre pedras

sereia



sobre pilha de terra

jaguaribe



sobre grade de madeira

armação



sobre baldes

sereia



sobre grade de cerveja

armação



sobre banco de plástico

piatã



sobre mesa de plástico

Foto 112 – esquema do suporte dos ambulantes de alimento

suporte

jardim de allah



automóvel como apoio

armação



carro de mão

sereia



carro integrado - recipiente e abrigo



carro adaptado

ambulantes - outros



piatã



piatã

óleos e cremes



farol



farol



arimação



farol



farol

locação de barcos e pranchas



farol



farol

bóias



jardim de allah

DVDs pirateados



patamares

balas e cigarros



perambulantes - alimentos



sereia

salgados e refrigerio:

caixa de picolé com adaptações



jardim de allah



aratibaia

picolé em isopor



placaford

picolé e sorvete em carro



pituaçu



armação

picolé em bicicleta



patamares

picolé em carrinho



jaguaribe



patamares

picolé e sorvete

preparo do material

circulação



jardim de allah



aratibaia

queijo coalho

perambulantes



jardim de allah



patamares

preparo do produto para consumo



jardim de allah



perambulantes - alimentos



preparo do material



cuidados pessoais



circulação pelos banhistas e abordagem



circulação pela praia

Foto 115 - esquema da dinâmica geral



balas e cigarros



castanha de caju



salgados industrializados



coco



ostras



ovos de codorna



algodão-doce



camarões na porção

Foto 116 - outros perambulantes

perambulantes - produtos



Foto 117 - perambulantes mais comuns



limpa o produto antes de circular

sereia



enche as bolas

sereia



camping dos vendedores

parque dos coqueiros



circula com as bóias em mastro

piatã



circula com as bolas em rede

placafor

brinquedos infláveis



em chapa de isopor

farol

perambulantes



em quadro aramado

farol

óleos e cremes



na mão

piatã



em quadro de plástico

pituauçu



haste e produtos

parque dos coqueiros



em haste no ombro

sereia

óculos de sol



perambulantes - produtos

Foto 118 - outros vendedores perambulantes

produtos
praianos



estante

piatã



redes

armação

vestuário

patamares



roupas



bolsas

pituvaçu



chapéus

patamares



bonés

patamares

artesanato

brinquedos



peças menores

sereia



estilo hippie

armação



brincos

placaiford



catavento



pipas

pituvaçu

pituvaçu



tatuagem

pituvaçu

massoterapeutas



Foto 119 - esquema dos massoterapeutas



espera



atuando em paciente

ações

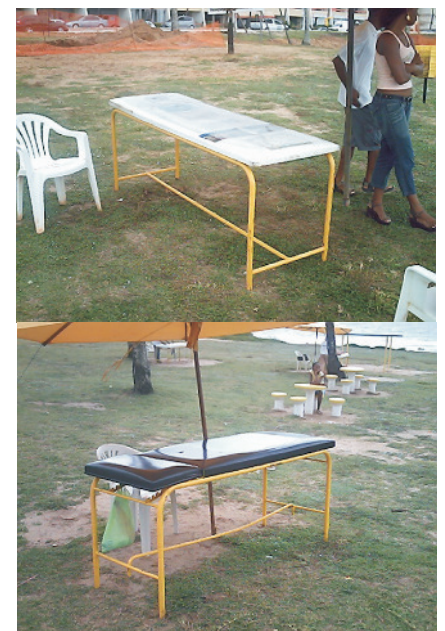
pertences



maca



modelo de madeira dobrável e desmontável



modelo rígido de metal - variações

outros objetos

salva-vidas



postos

no mirante



jaguaribe

ações



armação

montagem da tenda



piatã



armação

vigilância

em tenda própria



armação

partida



pituaçu

bandeira

Foto 120 - esquema dos salva-vidas



coleta de lixo e outros

farol



coleta dos sargaços

jaguaribe



catação na vegetação

jardim de allah



varrição

jaguaribe



assistindo a um baba

aplainamento

coleta de lixo



trator

**serviços
públicos**

piatã



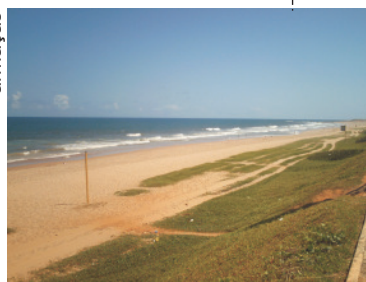
carreta da coleta



rastro do trator

armação

armação



rastros na vegetação da praia

jardim de allah



rastros em gramado

serviços públicos, mendicância e ladrões



Foto 122 - canalizando vazamento ao mar, sereia



Foto 124 - ciganas sob a sombra, farol



Foto 126 - indigente dormindo sob beiral, sereia



Foto 123 - zeladores do mirante, pituaçu



Foto 125 - indigente dormindo sob pedra, farol



Foto 127 - salteadores em vigilância

eventos e espetáculos



diversos, jardim de allah



feira de adoção de cães e gatos



atividade escolar



ajuntamento evangélico



ambulantes na calçada



canchas e arquibancada externas

espectadores na calçada



ambulantes na calçada

estrutura na praia



cantor em gravação

gravação de show, jaguaribe

eventos

Foto 127 - esquema dos eventos

campeonato de vôlei de praia, armação



peças da estrutura na calçada



reforma da calçada



espectadores na platéia



espectadores na calçada

celebração e sagração



Foto 128 - restos dos festejos de ano-novo, armação



Foto 129 - pondo oferenda de flores na água, sereia



Foto 130 - estátua da sereia na calçada, sereia



Foto 131 - estátua da sereia na pedra, sereia



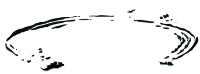
Foto 132 - ebó deixado em recifes, sereia



Foto 133 - ebó deixado sob coqueiro, sereia

outras construções

Foto 134 - esquema de outras construções



novo mirante (2005)



boca do rio

mirante de 1985 recuperado



patamares

mirantes

outras construções

sinalização



armação

outras intervenções

recomposição da calçada



jardim de allah

obras



armação

escadarias



pituacu

iluminação pública

influência do entorno

Foto 135 - influência do esgotamento do entorno



placafor

ligação clandestina em saída pluvial



sereia

percolação de águas negras na areia



lona tensionada suja



estrutura oxidada

patamares



sanitário auto-limpante da JCDecaux



estrutura oxidada

patamares



boca do rio

Foto 136 - ação do aerosol salino nas edificações

Aeroclub Plaza Show



dinâmica histórica - porto da barra



Foto 137 - enseada do porto da barra, aprox. 1870



Foto 138 - saveiros e barcos no porto da barra



Foto 139 - porto da barra em 1977: banhistas e vendedores ambulantes

dinâmica histórica - farol da barra



Foto 140 - surfista no farol da barra, aprox. 1940



Foto 141 - praia do farol, ainda co talude vegetado, aprox. 1940



Foto 142 - uso popular da praia do farol da barra em 1971



Foto 143 - barraca com mesas e cadeiras de madeira, anos 1980

dinâmica histórica - rio vermelho (santana)

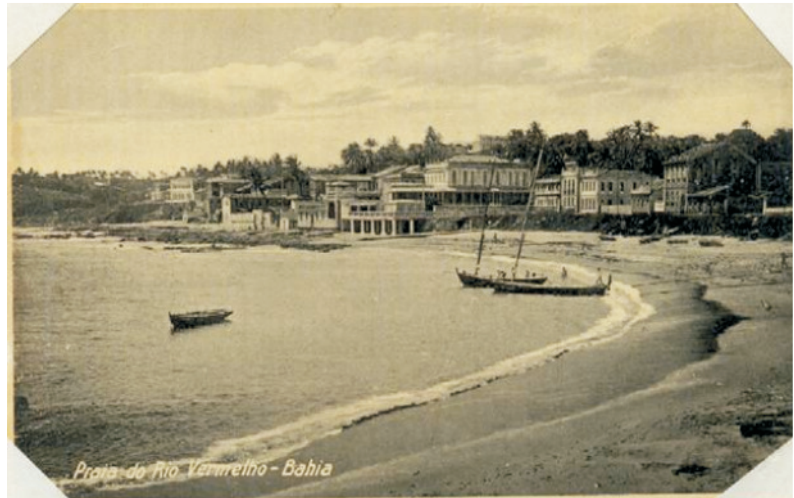


Foto 144 - praia de santana na década de 1910



Foto 145 - uso popular da praia de santana, em 1930



Foto 146 - praia de santana na década de 1940



dinâmica histórica - rio vermelho (mariquita)



Foto 147 - praia da mariquita em 1860



Foto 148 - praia da mariquita em 1940



Foto 149 - praia da mariquita em 1972



dinâmica histórica - itapuã



Foto 150 - vila dos funcionários da base aérea de salvador



Foto 151 - uso popular da praia de itapuã, aprox. 1950



Foto 152 - praia da sereia em 1973



Foto 153 - praia e parque da sereia em 1985



dinâmica histórica - pituba

Foto 154 - coqueiral na pituba nos anos 1920



Foto 155 - recém-inaugurado jardim dos namorados



Foto 156 - recém-inaugurado jardim dos namorados





Foto 157 - fogos de artifício no forte de santa maria



Foto 158 - encenação de aniversário dos 450 anos de salvador



Foto 159 - platéia na areia